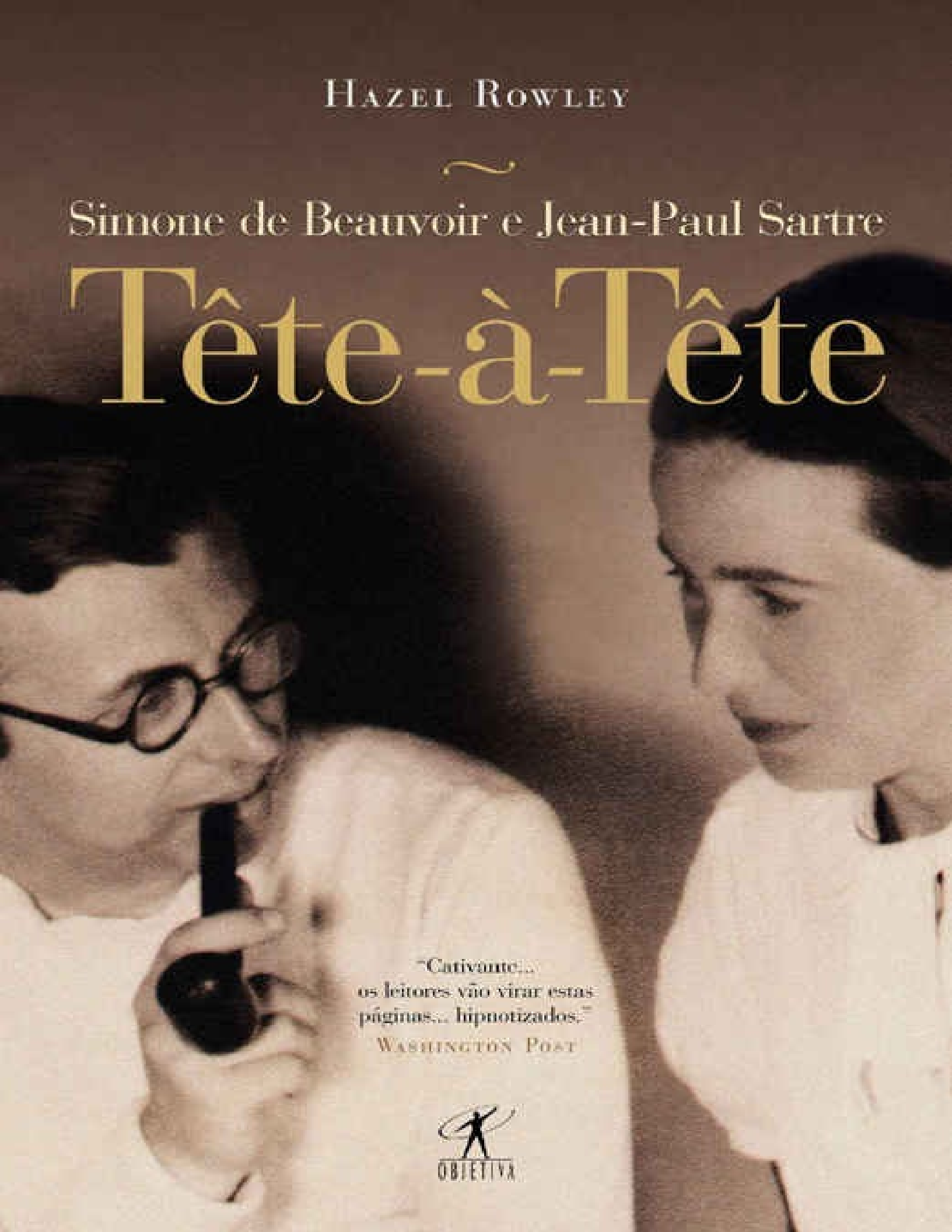
HAZEL ROWLEY

Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre

Tête-à-Tête



"Cativante... os leitores vão virar estas páginas... hipnotizados."
WASHINGTON POST

OBJETIVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Hazel Rowley

Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre

Tête-à-Tête

Tradução
Adalgisa Campos da Silva



Copyright © 2005 by Hazel Rowley

Título original
Tête-à-tête: Simone de Beauvoir and Jean-Paul Sartre

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Silvana Mattievich sobre foto tirada por Sylvie Le Bon de Beauvoir

Revisão
Ana Kronemberger
Rodrigo Rosa de Azevedo
Umberto Figueiredo Pinto

Conversão para E-book
Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R788t

Rowley, Hazel
Tête-à-Tête [recurso eletrônico] : Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre / Hazel Rowley ; tradução Adalgisa Campos da Silva. — Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
recurso digital

Tradução de: Tête-à-tête : Simone de Beauvoir and Jean-Paul Sartre
Formato: ePub
Requisitos do sistema:
Modo de acesso:
412 p. ISBN 978-85-390-0194-1 (recurso eletrônico)

1. Beauvoir, Simone de, 1908-1986. 2. Sartre, Jean-Paul, 1905-1980. 3. Escritores franceses — Biografia. 4. Filosofos — França — Biografia. I. Título.

10-5727. CDD: 928.4
CDU: 929:821.133.1

A meu pai, Derrick Rowley
(1922-2004)

PREFÁCIO



Como Abelardo e Heloísa, os dois estão sepultados no mesmo jazigo, seus nomes ligados para sempre. São um dos casais lendários do mundo. Não podemos pensar em um sem pensar no outro: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre.

No fim da Segunda Guerra Mundial, Sartre e Beauvoir rapidamente tornaram-se ícones como livre-pensadores e intelectuais engajados. Sua produção abrange um extraordinário leque de gêneros: peças, romances, ensaios filosóficos, narrativas de viagens, autobiografia, memórias, biografia, jornalismo. O primeiro romance de Sartre, *A Náusea*, foi um marco na ficção francesa contemporânea; suas dez peças eram o assunto da temporada teatral parisiense; seus ensaios filosóficos, *O Ser e o Nada* e *A Crítica da Razão Dialética*, causaram enorme impacto, e seus ensaios biográficos *Saint Genet* e *O Idiota da Família: Gustave Flaubert* foram considerados obras importantes. Mas a obra que mais o consagrou talvez tenha sido sua narrativa autobiográfica, *As Palavras*, que lhe valeu o Prêmio Nobel. Beauvoir sempre estará associada a seu revolucionário ensaio feminista, *O Segundo Sexo*; a seu romance *Os Mandarins*, que evoca de forma tão brilhante a atmosfera do pós-guerra na Europa; e a seus livros de memórias.

Ela se tornaria uma das memorialistas mais famosas de todos os tempos. A maioria dos escritos de Beauvoir reflete de alguma forma sua própria vida. Além dos quatro volumes de memórias, escreveu um livro sobre suas viagens aos Estados Unidos (*L'Amérique au Jour le Jour*), um livro sobre sua viagem à China (*La Longue Marche, Essai sur la Chine*), uma narrativa sobre o processo de morte de sua mãe (*Uma Morte Muito Suave),* outra sobre os últimos anos de Sartre

(*A Cerimônia do Adeus*), bem como dois romances autobiográficos, *A Convidada* e *Os Mandarins.* Num sentido, Beauvoir não foi apenas a companheira de Sartre; foi também sua biógrafa, sua Boswell. Ao escrever sobre sua vida, escreveu também sobre a dele. Sartre encorajava-a. Como existencialistas, os dois acreditavam que os indivíduos não são mais nem menos que a soma de suas ações, e se ofereceram de boa vontade ao julgamento da posteridade.

O casal compartilhava a sede de absoluto. “Naturalmente, não se tem sucesso em tudo”, dizia Sartre, “mas é preciso querer tudo”. O slogan estudantil de 1968 preferido de Beauvoir era “Viver sem interrupção”. Ambos eram rebeldes de longa data. Como estudantes, não podiam ter tido uma atuação mais brilhante no sistema educacional francês, e no entanto deram as costas para a rigidez acadêmica e as sutilezas burguesas, e desdenharam de tudo que tivesse o mais leve cheiro de convencionalismo comportado.

Associamos Sartre e Beauvoir com liberdade. “O homem é condenado a ser livre”, dizia Sartre. Sua filosofia de liberdade não era uma teorização de torre de marfim. Era feita para ser aplicada à vida. Como existencialistas, ele e Beauvoir recusavam qualquer noção de “natureza humana”. Como filósofos, os dois desafiaram todas as convenções sociais. Ninguém iria lhes dizer como viver sua vida, nem mesmo a amorosa. Eles tinham consciência de que inventavam sua relação enquanto conviviam.

Rejeitaram o casamento. Nunca viveram juntos. Tinham abertamente outros amantes, davam-se com os amantes um do outro; às vezes, dividiam-nos. Seu acordo original (não transmitido a terceiros envolvidos) era que enquanto os outros amores eram “contingentes”, o deles era “absoluto”.

Sartre e Beauvoir passaram a vida às voltas com questões de ética e moralidade. Como usar sua liberdade da melhor forma possível? A princípio estavam preocupados com sua liberdade individual. Mais tarde, assumiram uma posição altamente crítica desse período bastante prolongado que consideravam como sendo sua juventude irresponsável. A Segunda Guerra Mundial conscientizou-os da história. Em 1945, o casal fundou a *Les Temps Modernes,* uma revista que causaria um impacto enorme na vida intelectual na França, na Europa e até mesmo no Terceiro Mundo. A partir daí, os

dois tornaram-se intelectuais públicos, que produziam uma “literatura engajada” e aderiam ao *engagement* político.

Nunca se esqueceram de que tinham escolhas a fazer, e que liberdade acarreta responsabilidade. Discutiam constantemente essas questões. Quais das possíveis ações diante deles seriam as mais responsáveis? Quais seriam as conseqüências de agir de uma forma e não de outra? Sartre, em particular, um defensor apaixonado da paz mundial e do socialismo, andava às voltas com a grande questão do momento, o comunismo. Nos anos 1950 e 1960, ambos assumiram posições corajosas contra as guerras da Argélia e do Vietnã. Os escritos de Sartre sobre colonialismo e racismo fizeram dele um porta-voz da luta anticolonial. Com *O Segundo Sexo*, Beauvoir produziu o que é considerado o texto fundador do movimento moderno das mulheres.

Na relação que tiveram, Sartre e Beauvoir nunca deixaram de viver como escritores. Era um engajamento total, todas as horas do dia. Prometeram contar “tudo” um ao outro, nos mínimos detalhes. Transformar a vida em narrativa era talvez seu prazer mais voluptuoso. Como reflete Roquentin no romance de Sartre *A Náusea*: “Para o acontecimento mais banal virar uma aventura, é preciso (...) começar a contá-lo.” Era impossível dizer o que era mais satisfatório: a sensação voyeurística de ouvir sobre a vida um do outro ou o conforto gostoso de narrar a própria.

Ambos estavam profundamente imbuídos do que Sartre chamava de “ilusão biográfica” — a idéia de que “uma vida vivida pode parecer uma vida contada”. Já na adolescência, eles sonhavam com a vida futura como se através dos olhos da posteridade. “Eu (...) era extremamente consciente de ser o jovem Sartre, assim como as pessoas falam do jovem Berlioz ou do jovem Goethe”, escreve Sartre. Beauvoir imaginava as pessoas mergulhando na narrativa de sua vida, como ela mergulhou nas de Emily Brontë, George Eliot e Katherine Mansfield. “Eu queria que as pessoas lessem minha biografia e a achassem comovente e estranha.”

Ao lado do ímpeto de criar mitos, ambos acreditavam cegamente na exposição da verdade. Para eles, a noção de privacidade era uma relíquia da hipocrisia burguesa. Por que ter segredos? Segundo seu ponto de vista, sua tarefa como intelectuais era sondar sob as

superfícies, examinar a experiência de uma forma crítica, desbancar mitos e transmitir verdades sem floreios a seus leitores.

Diziam com freqüência que queriam que o público soubesse a verdade sobre suas vidas pessoais. “Não me passaria pela cabeça livrar-me de cartas e documentos relacionados com minha vida particular”, dizia Sartre. “Tanto melhor se isso significar que serei (...) transparente para a posteridade (...) Acho que transparência deveria sempre substituir o mistério.” Ambos comentaram em entrevistas que gostariam de ter falado mais abertamente da respectiva sexualidade, e a única coisa que os refreou foi o fato de haver outras pessoas envolvidas.

Quando Beauvoir tinha 70 anos, uma feminista alemã, Alice Schwarzer, perguntou se ela havia deixado de dizer em suas memórias algo que gostaria de contar se fosse escrevê-las de novo. “Sim”, respondeu Beauvoir, “eu gostaria de ter feito um relato franco e equilibrado de minha própria sexualidade. Um relato verdadeiramente sincero, de um ponto de vista feminista. Gostaria de contar às mulheres sobre minha vida em termos de minha sexualidade porque isso não é apenas um assunto pessoal — mas é também político. Não escrevi sobre ela na época porque não compreendia a importância da questão, nem a necessidade de honestidade pessoal. E é muito improvável que eu escreva sobre ela agora porque esse tipo de confissão afetaria não só a mim como também a certas pessoas que me são muito próximas.”

Beauvoir omitiu alguma coisa em suas memórias, mas também contou muita coisa. O suficiente para empolgar gerações de leitores. Desde que começaram a lecionar, no início dos anos 1930, Sartre e Beauvoir eram extremamente conscientes de que eram um modelo para os jovens. Gostavam de lecionar e influenciar a mentalidade deles. Suas amizades duradouras sempre foram com gente muito mais nova. Ambos inspiravam prontamente “acólitos”, como Sartre os chamava. Este fenômeno ganhou um impulso enorme quando as memórias de Beauvoir começaram a ser publicadas em 1958. Nos anos 1960 e 70, aqueles anos de experimentação social inebriante, inúmeros jovens tomaram como modelo a relação aberta de Sartre e Beauvoir.

Eu também. Quando li as memórias de Beauvoir no final dos anos 1960, fiquei vibrando — embriagada, poder-se-ia dizer. Ela fazia o impossível parecer possível. Não queríamos todos um parceiro intelectual com quem dividir nosso trabalho, nossas idéias e tudo que nos passasse pela cabeça? Todo mundo não queria escrever nos cafés de Paris em meio ao barulho da louça e o burburinho das vozes, e passar os verões em Roma em quartetos complicados mas aparentemente harmoniosos? Quem queria monogamia quando poderia ter liberdade *e* estabilidade, casos amorosos *e* compromisso?

Todo mundo sabia — Sartre disse isso em entrevistas, e Beauvoir, em suas memórias — que o relacionamento um com o outro era mais importante que todos os outros em suas vidas. As jovens sonhavam em ter a ousadia, a coragem e a liberdade de Beauvoir. Quando entrevistou Sartre em 1974, Geneviève Idt lhe perguntou se ele tinha consciência de ser machista em seus relacionamentos com as mulheres. Houve uma longa pausa, e sua resposta foi refletida: “Acho que com o Castor eu não era.” (Para Sartre, Beauvoir foi sempre “o Castor”.)

Em novembro de 1976, entrevistei Simone de Beauvoir em seu apartamento na rue Schoelcher, em frente ao cemitério de Montparnasse. Eu fazia doutorado, e estava escrevendo uma tese sobre “Simone de Beauvoir e a autobiografia existencialista”, e profundamente envolvida com o movimento das mulheres. Beauvoir mudara minha vida, e eu a reverenciava. Fiz perguntas candentes sobre seu relacionamento com Sartre — sobre exposição da verdade, ciúmes, terceiros na relação e dois pesos e duas medidas para homens e mulheres. Beauvoir insistia em dizer que não havia ciúmes entre eles, e, quanto aos dois pesos e duas medidas, achava as relações entre os sexos mais fáceis para as mulheres do que para os homens porque, dada a posição secundária das mulheres, os homens tendiam a se sentir culpados quando as deixavam. Ela respondeu às minhas perguntas como se tivesse as respostas na ponta da língua, sem a menor reflexão ou hesitação. Na saída, entristeceu-me perceber que ela não conseguia separar a realidade de sua vida do mito.

Nessa época, o existencialismo já estava meio ultrapassado. Já havíamos entrado na era pós-moderna. Estava na moda desdenhar da noção de responsabilidade individual. Agora que toda a verdade

sórdida a respeito dos crimes de Stalin viera à tona, os “Novos Filósofos” franceses, como eram chamados, viam a simpatia de Sartre pelo comunismo durante a Guerra Fria como tolice de um stalinista iludido. E as chamadas “feministas radicais” não tinham paciência com o que viam como valores “masculinos” de Beauvoir, e, em particular, com sua indulgência com aquele execrável chauvinista Jean-Paul Sartre.

Sartre faleceu em 1980; Beauvoir em 1986. Nenhum dos dois destruiu suas cartas nem seus diários e ambos deixaram claro o propósito de tê-los publicados postumamente. O grosso da correspondência que mantiveram um com o outro foi publicado alguns anos depois que morreram. Os leitores levaram um choque. Esses dois defensores da sinceridade mentiam a três por dois para um grupo de moças emocionalmente instáveis. (Sartre chamava essas mentiras de “lorotinhas”, “meias-verdades” e “mentiras completas”.) E lá estava Beauvoir, que a vida inteira sempre negou ter tido algum caso com uma mulher, contando a Sartre sobre suas prazerosas noites de amor com jovens mulheres! Perguntávamo-nos como Sartre podia escrever de modo tão frio e clínico sobre como deflorou a última namorada. E por que ambos depreciavam tanto as moças com quem iam para a cama. Ao mesmo tempo, eram mais vulneráveis do que tínhamos imaginado. E sua paixão por compartilhar os mínimos detalhes de seu dia-a-dia — o cheiro da chuva, a cor dos faróis no escuro, uma conversa divertida que entreouviram num trem — era francamente cativante.

Sartre e Simone de Beauvoir continuam divulgando seus segredos complicados de além-túmulo. As cartas de amor de Beauvoir a Nelson Algren, publicadas em 1997, estarreceram os leitores. Sua correspondência com Jacques-Laurent Bost, publicada em 2004, tornou a surpreender a todos. Seria essa mulher apaixonada, ardente e sensual a Simone de Beauvoir que julgavam conhecer? Se era, por que se manteve fiel a Sartre? “Como ela pôde viver com aquele sujeito de óculos, com aquela voz metálica de proxeneta, aquele terno azul amassado, aquela obsessão com chatos, homossexuais, raízes de árvores, o visgo do ser e toda a marmelada heideggeriana”, intrigava-se um crítico, “quando possuía uma vitalidade, um fogo e um frescor tão grandes? Que mistério.”[1]

Hoje, o círculo se fecha. Após várias décadas em que Sartre e Beauvoir quase não despertaram interesse, particularmente na França, agora se reconhece que tiveram a coragem e a ousadia de zombar das convenções, que tentaram viver segundo uma ética de liberdade e responsabilidade, e que abriram muitas portas. Talvez às vezes tenham forçado sua própria filosofia mas, sejam quais forem seus insucessos, pouca gente viveu a vida mais intensamente. Quem iria imaginar que Bernard-Henri Lévy, o mais famoso "Novo Filósofo" da França, escreveria um livro, equivalente a uma carta de amor, chamado *Sartre: The Philosopher of the Twentieth Century,* e que nele defenderia o relacionamento de Sartre com Beauvoir como uma das grandes histórias de amor de todos os tempos?

Também senti uma necessidade de voltar ao passado. Como muitos outros, já estive pessoalmente envolvida no sucesso ou no fracasso do relacionamento Sartre-Beauvoir. Michel Contat, o conhecido especialista em Sartre, que diz que sua vida pessoal foi muito influenciada por seus mentores existencialistas, descreve as paradas que os fãs de Sartre-Beauvoir já enfrentaram. "Se Beauvoir e Sartre tiveram êxito, não estávamos errados, e se fracassamos, só podíamos culpar nossas próprias deficiências. Mas se eles fracassaram e ocultaram seu fracasso, eram fingidos e impostores."[2]

Passado o tempo, já não me preocupo com o sucesso ou o fracasso de Sartre e de Beauvoir. Estou interessada na verdade, e a verdade não cabe em categorias. O que sabemos sobre essa relação vem principalmente de Beauvoir. Sempre me perguntei: O que Sartre achava disso? E os amantes e amigos de ambos?

Esta não é uma biografia de Sartre e de Beauvoir. Que outros façam justiça à sua escrita, sua política e aos detalhes intrincados de suas vidas riquíssimas. Esta é a história de uma relação. Quis retratar essas duas pessoas de perto, em seus momentos mais íntimos. Podemos ou não considerar esta uma das grandes histórias de amor de todos os tempos, mas certamente é uma grande história. Exatamente o que Sartre e Beauvoir sempre quiseram que suas vidas fossem.

NOTAS

1 Jacques-Pierre Amette. Simone de Beauvoir: Ces lettres qui ébranlent un mythe. *Le Point*, 15 de abril de 2004.
2 Michel Contat. Sartre/Beauvoir: légende et réalité d'un couple, em *Litérature and its Cults.* Ed. Péter Dávidházi e Judit Karafiáth. Budapeste, Argumentum: 1994, p. 1.542-43.

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Prefácio
Um – Mil novecentos e vinte e nove
Dois – O pacto
Três – Olga Kosakiewicz
Quatro – A perspectiva da guerra
Cinco – Guerra
Seis – Paris ocupada
Sete – Fama
Oito – Wabansia Avenue, jazz e o Golden Zazou
Nove – Olhos azuis cristalinos
Dez – Exilados na Própria Terra
Onze – Noites brancas, vodca e lágrimas
Doze – Finais trágicos, recomeços
Treze – A cerimônia do adeus
Fotos
Uma nota sobre as fontes
Agradecimentos
Bibliografia selecionada
Permissões

UM

MIL NOVECENTOS E VINTE E NOVE



Jean-Paul Sartre já se interessava por ela havia meses. Aos 21 anos, Simone era a mais jovem dentre os alunos da Sorbonne preparando-se naquele ano para a *agrégation* em filosofia, o competitivo exame nacional para a licenciatura. Dera uma palestra em sala de aula sobre Leibniz, e Sartre se impressionou com sua beleza e sua inteligência, sua voz rouca e a velocidade com que falava.

Seu amigo René Maheu a cortejava desde a primavera. Maheu era casado, mas ele e Simone de Beauvoir pareciam simpatizar muito um com o outro. Iam à Bibliothèque Nationale — a Biblioteca Nacional — estudar para os exames, sentavam-se juntos para trabalhar e almoçavam juntos com freqüência. Sartre andara esperando uma apresentação, mas Maheu guardava a colega com unhas e dentes. Uma tarde, os dois amigos passeavam juntos nos Jardins do Luxemburgo, quando viram *Mademoiselle* de Beauvoir do outro lado do lago. Estava sozinha, e era evidente que os vira, mas Maheu preferiu fingir que não a vira a apresentá-la a Sartre.

No início de maio, ela sumiu. Uma semana depois, Sartre e Maheu estavam sentados na janela do auditório num dos compridos corredores labirínticos da Sorbonne, quando ela apareceu, vestida de preto, com um chapeuzinho preto envolto em crepe. Maheu foi ao seu encontro, deu-lhe a mão calorosamente e perguntou por que ela estava de luto, mas não a apresentou ao amigo.

Então Sartre tomou a iniciativa. Durante palestras entediantes, ele e os amigos se entretinham fazendo caricaturas em que manifestavam, sem a menor sutileza, o que pensavam de certos filósofos e suas filosofias. Escolheu uma particularmente irreverente e escreveu em cima: “A *Mademoiselle* Simone de Beauvoir, como lembrança de uma explanação sobre Leibniz”, pedindo a Maheu que a entregasse a ela, no que foi atendido.

Sartre então fez uma sugestão a seus amigos René Maheu e Paul Nizan. Planejavam estudar juntos para os exames orais. Simone de Beauvoir sabia bem Leibniz e era muito inteligente; e se a convidassem para estudar com eles?

Em meados de junho, os exames escritos haviam terminado e só faltava um mês para os orais. Maheu iria ao encontro da mulher na Normandia para passar dez dias. Sartre lhe disse que gostaria de conhecer *Mademoiselle* de Beauvoir antes de começarem a trabalhar em grupo. Sugeriu uma casa de chá na rue de Médicis, em frente aos Jardins do Luxemburgo, a cinco minutos da Sorbonne. Maheu transmitiu o recado, mas disse a Beauvoir recear que Sartre se aproveitasse de sua ausência para apoderar-se dela. “Não quero que ninguém atrapalhe meus sentimentos mais preciosos”, disse Maheu. Sempre falava sobre Sartre com palavras elogiosas, mas quando o assunto era mulher, não confiava nem um pouquinho nele.

Na tarde marcada, Sartre esperou na casa de chá, lendo e fumando seu cachimbo. Levou um susto quando uma jovem loura foi até sua mesa, apresentou-se como Hélène de Beauvoir e explicou que a irmã não pudera vir.

— Como sabia que eu era Sartre? — perguntou ele.

Poupette, como todos a chamavam, ficou sem jeito.

— Porque… você estava de óculos.

Sartre ressaltou que o homem sentado no outro canto também usava óculos.

Ele achou que sabia por que Simone de Beauvoir não aparecera, e já imaginava como ela o descrevera para a irmã mais moça. Tinha razão. Beauvoir dissera a Poupette que ela não teria dificuldade de reconhecer Sartre. Ele era baixíssimo, usava óculos e era “muito feio.”[1]

Sartre era galante e levou Poupette para assistir ao novo filme americano *Lulu*. A conversa não engrenou. Quando chegou em casa, Poupette disse à irmã que Jean-Paul Sartre não tinha nada do homem animado e cheio de energia que Maheu pintava.

A coisa não começava bem. Sartre não tolerava ser rejeitado por uma mulher. Nunca perdoara a mãe por ter tornado a se casar quando ele tinha 11 anos, o que considerou uma traição. Depois, houve aquele episódio traumático em La Rochelle, quando tinha 12 anos.

Seu pai, Jean-Baptiste Sartre, morrera quando Jean-Paul tinha 15 meses. Aos 24 anos, Anne-Marie pegou seu pequeno "Poulou"[2] e foi morar com os pais em Paris. Ela pertencia à dinastia dos Schweitzers, uma família protestante da Alsácia (o famoso Albert Schweitzer era seu primo), e, como todos os Schweitzers, Anne-Marie era alta e magra. Fisicamente, Poulou puxaria ao pai muito baixo. E, aos dois anos, quase perdeu a vista direita.

Poulou era o pequeno príncipe na casa dos avós, paparicado e idolatrado por eles e pela mãe. Naquela casa patriarcal — dominada pelo autoritário Charles Schweitzer, um homem magro e de barba —, Anne-Marie era como uma irmã mais velha para Poulou. Dependia financeiramente dos pais, que eram condescendentes com ela. Havia três quartos na casa: o do avô, o da avó e o chamado "quarto das crianças", que Anne-Marie dividia com o filho.

Anne-Marie dava atenção exclusiva a Poulou. Cada um contava seus problemas para o outro. A mãe lia e tocava piano para o filho. Nos domingos chuvosos, os dois discutiam seriamente se iriam ao circo, a um museu ou ao cinema. Charles Schweitzer aparecia à porta de seu escritório revestido de livros.

— Aonde vão, crianças? — perguntava.

Em geral era ao cinema.

"Tudo que eu queria ver era Anne-Marie, a jovem das minhas manhãs", diria Sartre em sua autobiografia, *As Palavras.* "Tudo que eu queria ouvir era a voz dela."

> Ela me chamava de seu *chevalier servant* e seu homenzinho; eu contava tudo a ela. Mais que tudo (…) descrevia o que via (…)

> concedia-me sentimentos pelo prazer de dividi-los com ela (...) Tínhamos nossos mitos, nossa maneira de falar e nossas brincadeiras rituais (...) Eu andava com cara de durão, de mão dada com minha mãe, certo de que poderia protegê-la.

Já grande, Sartre pretendia casar-se com Anne-Marie. Então, em 1916, estava com 11 anos, quando ela se casou de novo. Para Sartre, isso foi uma catástrofe. Deixou-o desolado. O estranho que roubou sua mãe era Joseph Mancy, um engenheiro naval. Até morrer, Sartre sempre odiaria seu "Tio Jo".

No ano seguinte, o trio complicado mudou-se para La Rochelle, uma pequena cidade portuária na costa Atlântica. Sartre detestou La Rochelle. Seus novos colegas de classe eram os filhos dos pescadores e criadores de ostra locais. Não gostaram dele, um parisiense afetado e zarolho que tinha um jeito de falar engraçado — e não hesitaram em lhe dar uma surra. Sartre não demorou muito a virar também um desordeiro.

Na ânsia de ser popular, roubou dinheiro da bolsa da mãe para pagar doces para os outros meninos na confeitaria local. Todos os meninos da província aparentemente tinham namorada, e Sartre contava histórias inverossímeis sobre a sua, em Paris, que ele levara para um hotel e com quem transara. Os meninos não acreditaram. Na escola em La Rochelle, escolheu uma loura bonitinha, filha de um fornecedor de bordo, e gabava-se dela para os colegas de classe, que alertaram a menina do interesse do colega.

Sartre jamais esqueceu aquela tarde. Encontrou a menina, Lisette, parada com um grupo de amigas. Ele estava de bicicleta. Sem saber o que dizer, ficou rondando o grupo. Finalmente ela disse: "Já terminou, seu zarolho bobão, com esses óculos e esse chapelão?"[3] As amigas caçoaram.

A conscientização de sua feiúra atingiu Sartre como uma pedrada. Sua adolescência foi atormentada por isso. Antes dos 20 anos, tomou uma decisão. Contou a uma amiga, Simone Jollivet: "Até o ano passado, eu era muito triste porque sofria por ser feio. Livrei-me completamente dessa tristeza, porque é uma fraqueza. Quem conhece a força que tem deve ser alegre." Acrescentou: "Chamo esse estado de saúde moral, porque é exatamente o mesmo

da pessoa quando tem uma saúde física excelente e se sente com força para dobrar um poste só com uma das mãos.”[4]

Sartre, o futuro existencialista, fizera uma opção existencial fundamental. Se não conseguia seduzir as mulheres com seus dotes físicos, iria seduzi-las com palavras — *les mots.*

Aos 16 anos, Sartre foi mandado de volta a Paris para a antiga escola, o prestigioso Lycée Henri IV, desta vez, interno. Entre seus colegas, estava Paul Nizan, igualmente talentoso e ambicioso, e decidido a ser escritor. Nos anos seguintes, Sartre e Nizan tornaram-se amigos inseparáveis.

Na época de colégio, os jovens Sartre e Nizan julgavam-se super-homens. Convencidos de serem muito melhores que as outras pessoas, passeavam por Paris horas a fio, imitando seus heróis literários, encenando papéis, inventando uma língua particular. Sartre fartava-se de histórias de aventura; Nizan iniciou-o na literatura contemporânea. Liam os escritos um do outro e discutiam técnica narrativa.

Do Henri IV, Sartre e Nizan foram para o igualmente prestigioso Lycée Louis-le-Grand, para dois anos duríssimos de preparação para o competitivo exame de admissão à mais elitista de todas as instituições para rapazes do país. Dois anos depois, passaram juntos para a Ecole Normale Supérieure na rue d’Ulm, perto do Panthéon, onde dividiam um estúdio.

Andavam tanto juntos que as pessoas os confundiam, embora seu único atributo físico em comum fosse o estrabismo. Nizan tinha um estrabismo convergente; Sartre, divergente. Enquanto os olhos erradios de Sartre eram profundamente desconcertantes, o olhar estrábico de Nizan era bastante atraente. Sartre era troncudo, e, com 1,58m, era cruelmente baixo. Tinha a pele pálida e apagada, com marcas de acne e cravos, e aparentava precisar de um banho e umas boas horas de sono. Nizan, moreno e bem-apessoado, vestia-se com a elegância de um janota e às vezes aparecia nas palestras de calções abaixo dos joelhos, balançando um monóculo ou girando uma bengala de cálamo. Sartre admirava muito os trajes do amigo, mas não tentava competir.

Aos vinte e poucos anos, começaram a se afastar por causa do temperamento. Sartre esteve no seu elemento durante os quatro anos que passou na Ecole Normale. Sentia prazer com a independência recém-descoberta e gostava da segurança de uma comunidade masculina descontraída e elitista, em que brilhava. Jogava bombas de água em amigos em trajes de noite; escreveu um esquete profundamente obsceno para a retrospectiva anual da escola, em que fez o papel de diretor da escola. Os outros normalistas ouviam-no cantar com sua boa voz de tenor enquanto corria entre uma palestra e outra; à noite, tocava piano no salão da escola. Uma vez, meteu-se numa briga porque viu um conhecido, Maurice Merleau-Ponty, sendo hostilizado. No entanto, era um dos líderes na hora do calote, o rito iniciático meio sádico a que eram submetidos os calouros.[5]

Nizan, por outro lado, era infelicíssimo nesse ambiente. Em seu romance autobiográfico *Aden Arabie* (publicado em 1931, quando ele tinha 26 anos), Nizan, marxista na época, era cáustico em relação à Ecole Normale, aquela instituição "ridícula e odiosa" com o *esprit de corps* de seminários e regimentos, onde adolescentes, cansados após anos de estudo intenso para concursos, dedicavam-se a aprender sofismas insípidos com professores que moravam nos bairros ricos da Rive Gauche em Paris.[6]

Nizan sempre teve propensão à melancolia, e na Ecole Normale seu estado de espírito ficou mais sombrio. Num dos retratos mais ternos e penetrantes que já fez, o prefácio à edição de *Aden Arabie* de 1960 (Nizan morreu na guerra em 1940), Sartre fez uma autocrítica dura à sua incapacidade de compreender as profundezas da angústia de Nizan. Quando era estudante, preferia ver a raiva e o desespero de Nizan como extravagância emocional — uma afetação, tal como seu hábito de usar monóculo:

> Minha raiva era apenas um sabonete, a dele era real (…) Suas palavras de ódio eram ouro puro, as minhas eram falsas (…) Tínhamos melancolias superficiais em comum (…) Quanto ao resto, eu tentava lhe impor meu otimismo. Ficava lhe dizendo que éramos livres. Ele não respondia, mas seu sorrisinho de lado dizia muito a respeito dessa idéia.

No estúdio que dividiam, Nizan passava dias sem falar com o companheiro. Sartre ficava magoado. E quando Nizan tirou um ano de férias do clima superaquecido da Normale e pegou um navio para Aden, no Iêmen, Sartre sentiu-se abandonado.

Quase um ano depois, Sartre estava uma noite sozinho em seu apartamento, pensando numa namorada, quando Nizan entrou sem bater. Sartre exultou. Os dois saíram para beber. Foi como nos velhos tempos. Tomando cerveja, tornaram a pôr o mundo à prova. Sartre achava que haviam retomado a amizade no ponto em que haviam se separado. Mas Nizan não voltou a morar na Ecole Normale. Em vez disso, mudou-se para a casa da família da noiva em Montparnasse. Alguns meses depois, casou-se. Sartre ficou apavorado. “Eu havia feito do celibato um preceito moral, uma regra de vida — assim, não poderia ser de outra maneira para Nizan.”[7]

Sartre era conhecido pela inteligência e esperava-se que fosse o primeiro colocado na *agrégation*. Em junho de 1928, para espanto geral, Sartre não passou na prova escrita. Por isso as estava fazendo de novo um ano depois, no verão de 1929, na mesma época que Paul Nizan, que perdera um ano indo para Aden, e Simone de Beauvoir, que ganhara um ano fazendo concomitantemente a prova de mestrado, tendo uma carga dupla de estudos.

Beauvoir já ouvira muitas intrigas sobre Sartre e Nizan, aqueles jovens sem religião que zombavam das hipocrisias burguesas e das sacralidades católicas e só se davam ao trabalho de aparecer em certas palestras. Em torno de Sartre, particularmente, havia rumores de bebedeiras e visitas a bordéis. O terceiro membro do trio, René Maheu, não compartilhava da reputação lendária de ambos. Embora também não se misturasse com a maioria dos colegas, Maheu era um pouquinho menos intimidante.

Em janeiro de 1929, Maheu dera uma palestra em sala de aula que provocara uma discussão animada. Beauvoir ficou encantada com a voz ligeiramente debochada de Maheu, seu “sorriso largo e líquido” e “o ricto irônico que ele dava à boca”.[8] Apesar de seus ternos bem-cortados, sua tez rosada e seu cabelo louro, ele tinha um ar provinciano. Ela desejava conhecê-lo.

Certa manhã de primavera, Beauvoir ergueu os olhos de seus livros na Bibliothèque Nationale e viu Maheu entrar. Observou enquanto ele tirava o casacão e o cachecol azuis e sentava para trabalhar. Na hora do almoço, viu-o levantar-se e deixar os livros na mesa. Normalmente, ela comia um sanduíche nos jardins do Palais Royal. Naquele dia, foi para o café da biblioteca. Maheu sorriu para ela e lhe deu um lugar em sua mesa como se tivessem marcado um encontro. Conversaram sobre Hume e Kant.

Depois disso, sempre que vinha à biblioteca, Maheu cumprimentava-a calorosamente. Antes das férias de Páscoa, ele foi sentar ao lado dela numa das palestras de Leon Brunschvicg. (Sartre e Nizan boicotavam-nas.) Depois da Páscoa, quando as palestras recomeçaram, ele tornou a sentar ao lado dela. Disse-lhe que era "um individualista". Da mesma forma ela, disse a jovem. Ele ficou olhando para ela.

— O quê? Você!

Estava convencido de que ela era uma boa católica, dedicada a boas obras. Absolutamente não, garantiu-lhe ela.[9]

"Encontro com René Maheu, ou comigo mesma?", escreveu Beauvoir em seu diário naquela noite. "Quem mais já me impressionou tanto? Por que esse encontro me deixou subjugada, como se realmente alguma coisa finalmente me tivesse acontecido?"[10]

Começou a guardar um lugar para ele ao seu lado na biblioteca. Ele passou semanas tratando-a por "*Mademoiselle*", com aquela sua voz ligeiramente irônica. Um dia, pegou o caderno dela e escreveu bem grande na capa em letra de fôrma: "Beauvoir = Castor." O nome dela parecia a palavra inglesa [*Beaver*], e ela também trabalhava como um castor. Desse dia em diante, ele a chamava de Beaver, *le Castor*.

Contou-lhe sobre seus "coleguinhas", como se chamavam. Conhecera-os no Louis-le-Grand, quando chegou da província, aos 18 anos. Estavam agora com 24. Maheu era "o Lama", Nizan "o Grão-duque", Sartre, "o Pequeno Homem."[11] Maheu admirava os dois amigos com paixão, especialmente Sartre, que considerava um gênio. Mas eles eram diferentes dele, explicou. Sartre pertencia à burguesia parisiense; Maheu sentia-se um *parvenu* naquele meio.

Gostava de gozar a vida; Sartre e Nizan não paravam um segundo de analisar. Maheu gostava de campo e ar puro. Eles não davam a menor bola para essas coisas.

Maheu tinha um ar nobre. Lembrava a Beauvoir Jacques, o primo que fora sua paixão na adolescência. Os dois eram personagens graciosos e infantis, que muitas vezes sorriam em vez de falar. Ambos davam valor à beleza — na arte, na natureza e nas pessoas. Para ela, eles eram artistas, poetas.

As amizades de Beauvoir sempre foram excepcionalmente formais. Mesmo com sua melhor amiga, Zaza, que conhecia desde os 10 anos, usava o formal *vous* em vez do informal *tu*. (Zaza usava o *tu* com todos os outros amigos.) E quando se encontravam ou se despediam, cumprimentavam-se com um aperto de mão. Só havia uma pessoa que abraçava ou beijava Simone, e era sua exuberante amiga polonesa Stépha, que era extrovertida e incontida a ponto de deixar Simone meio tonta.

Graças a Maheu, Beauvoir passou a ter uma consciência de seu corpo que nunca tivera antes. Ele punha a mão em seu braço e balançava o dedo na cara dela de forma debochada. Comentava sobre sua aparência, suas roupas, sua voz rouca. Achava sua rouquidão muito atraente, assegurava-lhe. Beauvoir nunca havia pensado em sua voz antes.

Ela também tinha consciência de Maheu como uma presença física. “Eu o observava vir atravessando os jardins com sua graça bastante sem jeito; olhava suas orelhas, transparentes ao sol como açúcar-cande cor-de-rosa, e sabia que tinha ao meu lado não um anjo, mas sim um homem de verdade”, diria ela em suas memórias. O riso dele era irresistível. “Quando dava vazão à sua alegria, era como se tivesse passado inesperadamente por um planeta estranho e estivesse extasiado, descobrindo sua extraordinária comicidade.”[12]

Nas três semanas até os exames escritos, os dois se viram quase diariamente. Nas raras ocasiões em que não estudava na biblioteca, Maheu aparecia no fim da tarde para convidá-la para tomar um café ou um chá.

Beauvoir estava encantada com suas conversas. Maheu possuía um grande conhecimento de história e mitologia — mais, pensava ela em particular, do que de filosofia — e tinha um jeito divertidíssimo

de dar vida ao passado. “Minha maior felicidade é Maheu”, diz ela no diário.[13]

Era também sua maior fonte de angústia. Quando se despediam no fim do dia, ela ficava triste. Ele ia para casa encontrar a esposa. Raramente falavam da vida pessoal dele, mas ele lhe contara que Inès era cinco anos mais velha e representava todos os mistérios e paradoxos da feminilidade. Ele a amava. Ela era bonita. Pertencia a uma família da nobreza católica.

Às vezes, Beauvoir achava Maheu desapontadoramente convencional, particularmente quando se tratava de mulheres. Ele admitia ter uma certa resistência a mulheres inteligentes. Quando Beauvoir lhe contou sobre seu relacionamento atormentado com o primo Jacques, Maheu disse achar que ela deveria se casar com ele. A sociedade não respeitava as mulheres solteiras. Beauvoir emprestou-lhe um romance inglês recente que apreciara — *The Green Hat,* de Michael Arlen. Admirava a heroína independente, Iris Storm. Maheu não.

— Não gosto de mulheres fáceis — disse-lhe. — Por mais que eu goste que uma mulher me agrade, acho impossível respeitar qualquer mulher que eu já tenha tido.

Beauvoir ficou indignada.

— Ninguém *tem* uma Iris Storm![14]

Os exames escritos eram em meados de junho. Beauvoir e Maheu entraram na biblioteca da Sorbonne juntos.

— Boa sorte, Castor — disse-lhe ele gentilmente.

Tomaram seus lugares. Beauvoir colocou uma garrafa térmica com café e uma caixa de biscoitos ao seu lado na mesa. O tópico foi anunciado: “Liberdade e Contingência”. Ela ficou olhando um instante para o teto, e logo sua caneta começou a deslizar na página. Depois disso, quando procurou Maheu, ele havia desaparecido.

Os exames prosseguiram por vários dias. Depois do último, Maheu passou no apartamento da família de Beauvoir, na rue de Rennes, e convidou-a para almoçar. Ia encontrar a mulher na Normandia, contou-lhe, mas, quando voltasse, os coleguinhas iriam estudar juntos para os exames orais. Queriam saber se ela gostaria de juntar-se a eles.

Quando não passou na *agrégation* no ano anterior, Sartre foi obrigado a deixar seu quarto na Ecole Normale. Estava morando agora numa das casas para estudantes na Cité Universitaire, na periferia sul da cidade. Segunda-feira, 8 de julho de 1929, Maheu apareceu de manhã, como combinado, com *Mademoiselle* de Beauvoir. Sartre abriu a porta e cumprimentou-a educadamente, de cachimbo na boca. Paul Nizan lançou-lhe um olhar dúbio através dos óculos de aro de tartaruga.

Beauvoir ficou chocada com a sujeira do minúsculo quarto de estudante de Sartre. Havia guimbas de cigarro no chão e o ambiente cheirava a azedo e fumaça de tabaco. Havia livros e papéis amontoados por todo lado e caricaturas pregadas na parede. Uma segunda cadeira fora trazida para Beauvoir. Os outros se revezavam entre a cadeira, a mesa e a cama de Sartre. Beauvoir, que passara o fim de semana todo se preparando para aquilo, fez uma leitura minuciosa do *Discurso sobre a Metafísica*, de Leibniz, sentindo-se nervosa como se estivesse prestando o exame oral de verdade.

No fim do dia, Sartre decidiu que ela precisava de um apelido. Brincaram com ela, sugerindo várias possibilidades. Sartre queria chamá-la de "Valkyrie". Para ele, ela era como uma deusa guerreira virgem *viking*. Não, disse Maheu. Ela era "*le Castor*". Cerraram os punhos em volta da cabeça dela. Era oficial.

Dedicaram dois dias a Leibniz, e decidiram que bastava; então Sartre pôs-se a explicar o *Contrato Social*, de Rousseau. Beauvoir mostrou ser de longe a melhor em encontrar falhas nos argumentos de Sartre. Nizan franzia o cenho e roía as unhas. Maheu olhava para Beauvoir com franca admiração. Sartre acusou-a de fazê-lo dizer correndo tudo o que sabia. Mas via-se que Sartre adorava transmitir seu conhecimento, e o fazia com paixão. Sabia como deslindar idéias complicadas e torná-las compreensíveis e empolgantes. E enquanto fazia isso, tinha os três dando gargalhadas de alegria. "Cada vez mais, sua mente me parece ter uma força extraordinária", escreveu Beauvoir em seu diário. "Admiro-o e também me sinto gratíssima pela maneira generosa com que ele se dá."

Os homens não se continham em sua presença, e Beauvoir muitas vezes se chocava com as coisas que diziam. Mas, havia anos,

se rebelava contra o mundo sufocantemente convencional em que fora criada. Seu desafio era um tônico.

> Tinham uma linguagem agressiva, um pensamento categórico e eram implacáveis nos julgamentos. Ridicularizavam a lei e a ordem burguesa; haviam se negado a prestar o exame de conhecimento religioso (...) Em todas as ocasiões possíveis — em seu discurso, suas atitudes, seus gestos, suas piadas — punham-se a provar que os homens não eram espíritos rarefeitos, mas sim corpos de carne e osso, atormentados por necessidades físicas e cruelmente engajados numa aventura que era a vida (...) Logo entendi que, se o mundo que esses novos amigos abriram para mim parecia cru, era porque eles não tentavam disfarçar suas realidades; no fim, tudo o que me pediam era que eu ousasse fazer o que sempre desejei fazer: olhar a realidade de frente.[15]

Beauvoir nunca imaginara que uma inteligência feroz pudesse acompanhar tamanho senso de humor. Quando pararam de estudar, os homens começaram a cantar, brincar e imitar diferentes personagens. Sartre pôs um disco de jazz no gramofone, depois foram até o parque de diversões na Porte d'Orleans e experimentaram a barraca de tiro ao alvo. Sempre que ganhava um prêmio — uma feia peça de louça ou um romance de dez centavos — Sartre galantemente o entregava a Simone.

Quarta-feira à tarde, o grupo se concedeu o que chamaram de "um enorme recreio" no Café Dupont, no mal afamado bairro de Pigalle em Montmartre. Os homens bebiam cerveja, Beauvoir bebia limonada. Ela entrou numa discussão acirrada com Sartre, e viu que estava debatendo com ele só pelo prazer da discussão.

Sartre e Nizan começaram a planejar a noite do grupo. Maheu interrompeu os dois. Ia levar o Castor ao cinema, disse.

— Está bem, está bem — disse Nizan.

— Pode levar — disse Sartre.

Voltando de ônibus para o Centro naquela noite, Maheu disse a Beauvoir:

— Estou contente que você se dê bem com os coleguinhas, mas...

— Mas você é o Lama, eu sei.

— Você nunca será um dos coleguinhas.

— Claro. Sou o seu Castor.[16]

Quinta-feira de manhã, Nizan apareceu com a mulher, Henriette. Para tristeza de Beauvoir, isso significava não estudar. Em vez disso, espremeram-se no carro de Nizan e foram dar uma volta por Paris, parando num bar para tomar café e jogar uma partida de bilhar japonês. As mulheres não simpatizaram uma com a outra. Henriette Nizan achou que Beauvoir vestia-se pessimamente, e parecia pateticamente ansiosa para imitar os homens — fumando, bebendo e até adotando seu idioleto.[17] De sua parte, Beauvoir não tinha muito interesse nas preocupações de Henriette com o novo bebê. Diz no diário: “Falei com ela sobre a filha com um ar simpático, o que aparentemente fez com que ela gostasse de mim e divertiu Sartre e Maheu, que viram nisso uma prova de que sou feminina afinal de contas.”

No almoço, Beauvoir acompanhou os homens tomando um copo de cerveja. Os Nizans deixaram-nos de volta no alojamento estudantil e foram para Montparnasse. Beauvoir, Sartre e Maheu prepararam-se para estudar. Estava quente. Sartre fechou as cortinas para não deixar o sol entrar. Maheu estirou-se na cama, bonito em manga de camisa. Sartre tirava baforadas do cachimbo. Para Beauvoir, naquele retiro penumbroso do mundo, o tempo parecia se dissolver. Estava mais brilhante que nunca naquela tarde, e sabia disso. “Eu me sentia solta”, registrou no diário.

Às oito da noite, correu para o Bois de Boulogne, onde ia encontrar outros amigos — um grupo mais conservador de filósofos ainda católicos praticantes. Entre os que remavam no lago naquela noite, estava Merleau-Ponty. Ela é que apresentara Maurice a Zaza, e, naquele verão mágico, enquanto tanta coisa estava acontecendo na vida de Beauvoir, Maurice e Zaza estavam se apaixonando. Mas Zaza fora proibida de juntar-se a eles naquela noite. Sua família não aprovava.

Zaza Lacoin, a terceira de dez filhos, pertencia a uma abastada família muito católica. Ela e Simone eram amigas desde os 10 anos, quando competiam como alunas-estrela do Cours Adeline Désir, uma escola particular de meninas católicas em Saint-Germain-des-Prés, que dava menos ênfase à educação do que à oração, ao catecismo, à devoção e ao comportamento. As meninas aprendiam piano, tricô e crochê, pintura em pastel e etiqueta em chás da tarde.

Monsieur de Beauvoir, que era ateu, quisera mudar as filhas para uma escola leiga, o que lhes teria dado uma educação melhor sem que ele tivesse que pagar nada, mas Simone não admitia a hipótese de deixar a amiga para trás. Idolatrava Zaza. Enquanto ela era tímida, infantil e em tudo a aluna obediente e exemplar, a morena Zaza era precoce e rebelde. Simone jamais esqueceria o recital da escola em que Zaza, uma talentosa pianista, tocou uma peça que a mãe insistira ser demasiado difícil para ela. Quando terminou uma apresentação perfeita, a triunfante Zaza, na frente de todos os pais e professores, deu língua para a mãe. Madame Lacoin apenas sorrira.

Mas quando suas filhas chegaram à idade de casar, Madame Lacoin virou uma tirana. Tinha grandes aspirações sociais para as filhas; nada era mais importante que um bom casamento. Antes que Zaza fosse autorizada até para jogar tênis com um grupo de jovens, sua mãe precisava saber que eles eram de boas famílias católicas.

As meninas Beauvoir não podiam aspirar a um casamento burguês, porque não possuíam dote. Suas perspectivas de casamento caíram muito em 1918, quando os bolcheviques derrubaram o czar numa revolução dramática que fez as ações de ferrovia e mineração russas de Georges de Beauvoir virarem pó. Ele investira quase toda a herança nessas ações e, depois da guerra, já não possuía capital para reabrir seu escritório de advocacia. Passou a trabalhar como vendedor numa firma e noutra até o fim da vida. A família se esforçava para manter as aparências, mas Georges dizia às filhas com amargura: “Vocês nunca se casarão. Terão que trabalhar para viver.”

Mais tarde, olhando para trás, Beauvoir achou isso a melhor coisa que poderia ter lhe acontecido. Quando saiu da escola, decidiu obter a *agrégation*, o que significaria um trabalho seguro como professora do segundo grau numa escola pública. Desejava estudar filosofia. As religiosas do Cours Désir estavam apavoradas. “Para

elas, uma escola pública era a mesma coisa que um bordel com alvará", conta Beauvoir. "Elas disseram à minha mãe que o estudo da filosofia corrompe mortalmente a alma."[18] Ela concordou em estudar, em vez disso, os clássicos e matemática, numa instituição exclusivamente para moças na periferia de Paris. Por mais um ano, seus pais não lhe permitiram estudar filosofia na Sorbonne.

Os pais de Zaza não deixavam a filha chegar perto da Sorbonne. Pertenciam à burguesia católica francesa tradicional que desconfiava dos intelectuais, especialmente dos filósofos. Consideravam os clássicos, gregos e latinos, cheios de atrocidades. Quanto à literatura moderna, tinham pavor de pensar no efeito que poderia produzir na imaginação de uma jovem. Enquanto Beauvoir estudava grego, latim, filosofia e pedagogia, a vida de Zaza virava uma roda viva de idas à igreja, chás, jogos de bridge, piqueniques e visitas sociais. Ela não se iludia sobre o vazio de sua existência. Queixava-se a Beauvoir que não conseguia dormir e tinha dores de cabeça freqüentes.

Apesar das diferenças entre suas famílias, a amizade das garotas durou. Um momento decisivo aconteceu quando Simone, aos 19 anos, finalmente admitiu a Zaza que não acreditava mais em Deus. Zaza rezou pela alma dela, mas permaneceu fiel à amiga enfrentando uma intensa oposição da mãe. No verão de 1929 — Zaza e Simone tinham 21 anos — a situação chegara a um ponto crítico. Madame Lacoin não recebia mais a ímpia Simone em casa. Nem deixava Zaza ir passear de barco no Bois de Boulogne com Simone e seus amigos filósofos livres-pensadores da Sorbonne.

Sartre e Beauvoir estavam entre os 76 alunos de todo o país que prestaram a prova escrita de filosofia para obter a *agrégation* em 1929. O concurso garantia um cargo vitalício de professor secundário no sistema francês de ensino público, e o número de candidatos aprovados estava sujeito aos postos disponíveis nas escolas secundárias do país. A filosofia tinha uma longa e venerável tradição na França, e atraía os melhores e os mais inteligentes.

Os resultados foram afixados na tarde de 17 de julho, um dia de calor opressivo em Paris. Vinte e seis candidatos haviam passado, seis deles mulheres. Esse grupo agora estava classificado para

prosseguir com os exames orais. Sartre, Beauvoir e Nizan estavam entre eles. Maheu, não.

Maheu deixou Paris naquela mesma tarde, pedindo a Sartre que transmitisse a Beauvoir seus melhores votos de felicidade. Naquela noite, Jean-Paul Sartre levou Beauvoir para celebrar seu sucesso. “De agora em diante, vou ter você sob controle”, disse.

Não era uma atmosfera romântica. Os exames orais tinham a fama de ser desgastantes ao extremo. Envolviam quatro testes distintos diante de uma banca composta por seis homens. O mais difícil era *la grande leçon*, em que os candidatos sorteavam um ponto de dentro de um chapéu e tinham cinco horas na biblioteca da Sorbonne para preparar uma aula para o terceiro grau. Além disso, havia três análises de textos em grego e latim que os alunos tinham uma hora para preparar. Os exames orais eram acontecimentos públicos. Os melhores alunos, como Sartre e Beauvoir, tinham uma grande platéia.

Durante aquelas duas semanas, enquanto se preparavam para os exames orais, Sartre e Beauvoir praticamente só se separavam para dormir. Iam juntos assistir aos exames dos amigos. Entre uma sessão e outra, continuavam se preparando — às vezes com Nizan, em seu estúdio na rue Vavin, sob seu grande cartaz de Lenin. Mas, em geral, preferiam ficar juntos a sós.

Conversavam em bares e cafés cujo acesso sempre fora proibido para Beauvoir. Ela até então só fora ao cinema para assistir a filmes de arte sérios. Sartre agora a levava a filmes de caubói. Passeavam nos Jardins do Luxemburgo e passavam pelas bancas de livros usados às margens do Sena, onde Sartre comprou-lhe alguns dos romances históricos de capa-espada que adorara na adolescência. “Ele se interessava por tudo e nunca tomava nada como certo.” Beauvoir mais tarde escreveu: “Quão acanhado parecia meu mundo ao lado desse universo de uma abundância exuberante!”[19]

Em geral, presume-se que foi Jean-Paul Sartre quem transformou Simone de Beauvoir de uma filha obediente da burguesia francesa na livre-pensadora independente que fez mais do que qualquer mulher

na França do século XX para sacudir aquela burguesia. Não foi assim. Sartre meramente estimulou Beauvoir a seguir o rumo que ela já tomara. Até Zaza, que não gostava nem um pouco do “Sartre assustador e erudito”, tinha que admitir que Simone escolhera esse rumo por livre e espontânea vontade. “A influência de Sartre pode ter acelerado um pouco as coisas, só isso”, refletia ela em seu diário em julho de 1929.[20]

Beauvoir também mantinha um diário, e aqueles cadernos quadriculados preenchidos com sua letra quase ilegível revelam uma jovem que já estava disposta a se expor bastante muito antes de conhecer Sartre. Aos 15 anos — a mesma idade em que tomou a decisão de tornar-se escritora — já se dera conta de que não acreditava mais em Deus. Durante muito tempo, não contou a ninguém. Quando confessou seu segredo tenebroso, aos 19 anos, houve um grande rompimento entre ela e a mãe.

Nessa idade, inspirada pelos escritores franceses André Gide, Maurice Barrès, Paul Valéry e Paul Claudel — homens que agora estavam na meia-idade, mas que, como ela, vinham da burguesia e também se revoltavam com sua hipocrisia —, Simone de Beauvoir era adepta da “sinceridade consigo mesmo” e do compromisso de “chamar uma pá de pá.”[21] Já questionava a base ética do casamento. “Para mim, uma escolha nunca é final: está sempre sendo feita (...) O horror da escolha definitiva é que envolve não só o eu de hoje, mas também o de amanhã, razão pela qual fundamentalmente o casamento é imoral.”[22]

Aos 20 anos, Simone de Beauvoir escolhera um caminho que, percebia cada vez mais, a conduziria à solidão. “Não consigo me livrar dessa idéia de que sou sozinha, estou num mundo à parte, assistindo ao outro como a um espetáculo”, escreveu no diário. “Hoje cedo (...) desejei ardentemente ser a garota que comunga na missa da manhã e tem uma certeza serena (...) O catolicismo de Mauriac e Claudel (...) como está marcado em mim e que lugar há em mim para ele! No entanto (...) não quero acreditar: um ato de fé é o ato mais desesperado que existe e quero que meu desespero pelo menos conserve sua lucidez. Não quero mentir para mim mesma.”

Beauvoir vinha de um mundo em que as mulheres eram excessivamente protegidas e reprimidas. Como mostraria em

Memórias de uma Moça Bem-comportada, homens e mulheres habitavam mundos nitidamente distintos. As mulheres não votavam. As melhores instituições educacionais da França eram exclusivamente para homens.[23] As mulheres deviam ir à igreja; os homens podiam ser ateus. As mulheres nunca entravam em bares, sequer em cafés. (Quando Beauvoir pôs os pés num café pela primeira vez na vida, aos vinte anos, considerou-se de uma rebeldia selvagem.) Os homens bebiam e fumavam em público; as mulheres, não. As mulheres permaneciam virgens até o casamento; os homens, não. As mulheres que não casavam inspiravam pena. E mesmo sendo bonita e culta, só com um dote substancial podia aspirar a um casamento desejável.

Às vezes, Beauvoir chamava sua rebeldia solitária de "uma embriaguez". Mas tinha consciência de que precisaria de uma força extraordinária. "Eu gostaria muito de ter o direito, eu também, de ser simples e muito fraca, de ser mulher", confessou no diário. "Em que 'mundo deserto' eu caminho, tão árido, só tendo o oásis de minha auto-estima intermitente."

Sentia que, para as mulheres, o amor tinha um custo, e que havia uma parte dela que provavelmente nenhum homem jamais aceitaria. "Falo do amor de forma mística, sei o preço", diz ela. "Sou muito inteligente, muito exigente e muito engenhosa para alguém ser capaz de se encarregar completamente de mim. Ninguém me conhece nem me ama completamente. Só tenho a mim."

Para Sartre, como homem, o que estava em jogo era diferente. Ele podia satisfazer seu conceito romântico de amor sem colocar em risco sua qualidade de sujeito. Sonhava com passeios ao luar e conversas ternas num banco de parque à beira-mar. Fantasiava tomar conta de uma bela jovem, protegê-la, salvá-la. Gostava de sentimentalismo, adoração, bobagens ternas sussurradas. Isso lhe lembrava a relação amorosa que tinha com a mãe na infância. Anne-Marie ainda o chamava de Poulou.

Como homem, sua vida sexual podia ser separada de seus sonhos de amor. Sartre perdeu a virgindade aos 18 anos, com uma mulher casada de trinta, que tomou a iniciativa. ("Fiz isso sem muito

entusiasmo", disse Sartre mais tarde, "porque ela não era muito bonita".) Depois disso, foi a vez das prostitutas dos Jardins do Luxemburgo. Nos anos de Ecole Normale, Sartre e seus amigos eram assíduos freqüentadores de bordéis. Sentiam desprezo por essas mulheres. "Achávamos que uma moça não devia se dar assim."[24]

Aos 21 anos, Sartre cortejou uma jovem que morava em Lyon. O romance dos dois era alimentado por longas cartas narcisistas. "Amo você loucamente", dizia-lhe Germaine Marron. "Você me acha simples, sem afetações, o que é verdade, mas, na fina sociedade lionesa, pareço um animal selvagem."[25] Ficaram noivos. Aos 23 anos, Sartre, como um bom filho de burguês, pediu à mãe e ao padrasto para pedir formalmente a mão da moça em casamento.

Quando Sartre foi reprovado na *agrégation* no verão de 1928, a família Marron terminou o noivado. "Em vez de juntar-me aos meus amigos para jogar tênis, fui sozinho para um campo com uma garrafa, e bebi", lembra Sartre. "Até chorei. Chorei porque tinha bebido, mas foi bom (...) fiquei aliviado. Não sei se agi muito bem nesse caso todo."[26]

Escondido da noiva, Sartre tivera uma ligação tempestuosa com Simone Jollivet, uma loura dramática que desde os 18 anos trabalhava como cortesã num bordel elegante em Toulouse. Seus clientes a encontravam parada na frente de uma lareira lendo — nua em pêlo a não ser por seus cabelos de Rapunzel. "Sua cultura, seu porte altivo e a técnica sutil que ela trazia para o trabalho derrubavam funcionários públicos e advogados", conta Beauvoir com ironia em suas memórias.[27]

Jollivet era três anos mais velha que Sartre e ambicionava muito tornar-se escritora. Sartre fez-lhe uma lista de leitura, encorajou-a, deu-lhe aulas. Para ele, sua orientação impediria que ela sabotasse a própria vida. Ela corria o risco de não passar de uma Madame Bovary sonhadora; ele a transformaria numa artista. Ela reclamava que as cartas dele eram "pequenas aulas".[28] Ele respondia: "Quem a fez ser quem é? Quem está tentando evitar que vire uma burguesa, uma esteta e uma puta? Quem toma conta de sua inteligência? Só eu."[29]

Sartre levou-a uma vez a um baile da Ecole Normale. Apareceu de polainas, de braço dado com Simone Jollivet vestida com um de seus sensacionais trajes. Ela causou um grande rebuliço. Como prova

de amizade, deu a Sartre e a Nizan um abajur de seu estúdio, feito com uma calcinha cavada de renda púrpura — sua.

Os resultados da *agrégation* saíram no dia 30 de julho de 1929. Vinte e um alunos haviam prestado o exame oral (vários dos alunos classificados não compareceram), e 13 passaram. Jean-Paul Sartre ficou em primeiro lugar. O segundo colocado, com apenas dois pontos de diferença, foi Simone de Beauvoir. Havia uma distância considerável entre ela e o terceiro colocado. Paul Nizan ficou em quinto lugar.

Quatro dos 13 candidatos que passaram eram mulheres. Foi um recorde. Só havia oito mulheres na França com *agrégation* em filosofia. O presidente da banca de examinadores, professor André Lalande, sentiu-se na obrigação de comentar o fenômeno. As mulheres não foram tratadas com nenhuma indulgência especial, assegurou. Os exames escritos eram anônimos e era impossível, disse, determinar o sexo de pessoas letradas pela caligrafia.[30]

O triunfo intelectual mais estarrecedor naquele ano foi sem dúvida o de Simone de Beauvoir. Tendo assumido uma intimidante carga dupla de trabalho, ela era, aos 21 anos, a pessoa mais jovem a conseguir a *agrégation*. Só tinha três anos de estudo de filosofia em nível de terceiro grau. Sartre tinha sete. [31] Ao contrário dele, não tivera o treinamento intelectual rigoroso de dois anos de aulas preparatórias (*hypokhâgne* e *khâgne*) para o exame de admissão à Ecole Normale Supérieure, seguido da própria ENS. Era apenas uma simples aluna da Sorbonne. E não tinha experiência nenhuma nos exames.

Mais tarde viria à tona que a banca de 1929 discutira muito se dava o prêmio a Sartre ou a Beauvoir. Os membros haviam ficado impressionadíssimos com a argumentação rigorosa da jovem. Finalmente, decidiram por Sartre. Ele era, afinal de contas, o *Normalien*, e prestava o exame pela segunda vez.

Em agosto de 1929, Simone de Beauvoir partiu com a família para as férias anuais no Limousin. Ela adorava aquela região da França. Os

verões de sua infância passados com a família do pai na vasta propriedade chamada Meyrignac, na região colinosa perto de Uzerche, foram idílicos. Aquele verão, seu avô já não estava mais ali — fora pela morte dele que ela andara de luto aquela primavera — e eles ficaram com sua tia e seus primos na segunda casa da família, La Grillière, a 4 quilômetros do vilarejo de Saint-Germain-les-Belles. Beauvoir sabia que provavelmente aquelas seriam suas últimas férias de verão com a família. A idéia já a havia angustiado. Mas, naquele ano, seu futuro parecia completamente empolgante.

Ela passeava por campos e castanhais, sorvendo a fragrância do feno recém-ceifado e da madressilva, sentindo-se apaixonadamente feliz. No segundo dia, chegou uma carta de Sartre. Beauvoir registrou no diário que sentia falta da presença dele. Tinha muitas coisas que gostaria de lhe contar. Mas não estava apaixonada. “Eu preciso de Sartre e amo Maheu. Amo Sartre pelo que ele me traz e Maheu pelo que ele é.”

Depois de vários dias sem notícias de Sartre, ficou angustiada. “Por que esse silêncio, logo depois de uma carta onde me soltei?” Finalmente, chegou um envelope grosso, que dava detalhes de sua visita iminente.

Ela foi recebê-lo na estação em 20 de agosto. “Uma felicidade imensa”, diz ela, “e alguma timidez que me deixaram artificial.” A perspectiva de entretê-lo no Limousin intimidava. Será que ele se aborreceria longe de Paris? No primeiro dia, ela sugeriu um passeio a pé. Sartre riu. Era alérgico a clorofila, disse, e a única maneira pela qual conseguia lidar com isso era esquecer o assunto. Encontrariam um belo campo, sentariam e conversariam. No fim daquele dia, Beauvoir pôde ver que aborrecimento nunca seria problema deles. “Percebi que mesmo se continuássemos falando até o dia do Juízo Final, eu ainda acharia que o tempo era curtíssimo.”[32]

Sartre ficou no Hôtel de la Boule d’Or em Saint-Germain-les-Belles, a cidade em que os primos de Beauvoir iam à missa aos domingos. Beauvoir acordava às sete horas, ficava um pouco na cama, feliz com a idéia de vê-lo, depois atravessava os campos correndo para encontrá-lo, pensando em todas as coisas que queria lhe contar naquele dia. Se a esperassem em casa para o almoço, levava cidra, queijo e pão de gengibre para ele comer enquanto

esperava por ela no campo. Às vezes, Poupette e sua prima Madeleine deixavam para ele um piquenique num pombal abandonado na estrada da casa.

Sartre era um ouvinte atento, e Beauvoir viu que as histórias fluíam de dentro dela. Eles deitavam juntos na relva, e enquanto as sombras os envolviam, ela falava de sua vida — de seus pais, de Poupette, do Cours Désir, de Zaza, Jacques. Sartre tinha um talento para ver as coisas do ponto de vista dela. Quando ela lhe contou sobre seu primo Jacques e as esperanças que ela já tivera de se casar com ele, Sartre comentou que devia ser difícil para uma mulher da origem dela não se casar, mas, pessoalmente, ele achava aquilo uma armadilha. Admirava seu "espírito de Valquíria", e esperava que ela nunca o perdesse.

Sartre era encorajador; também estava cheio de projetos e planos para o futuro deles juntos. Teriam aventuras e viagens, disse-lhe, trabalhariam muito, e ao mesmo tempo levariam vidas fascinantes de liberdade e paixão. Ele lhe daria tudo que pudesse. A única coisa que não podia lhe dar era sua individualidade. Precisava ser livre.

Era óbvio que a ajuda de Sartre não seria do tipo convencional. Ele desdenhava qualquer coisa que soubesse a conformismo ou convencionalismo. A idéia de um emprego regular, com colegas e um chefe, era anátema para ele. Tampouco queria ser um literato profissional, escrevendo num escritório cheirando a mofo e revestido de livros. A idéia de se estabelecer num lugar não tinha graça. E embora já tivesse sido noivo, atualmente, a perspectiva de se casar, ter filhos e adquirir bens o horrorizava. Ele tinha uma missão: ser um grande escritor. Nada mais importava. Para escrever, tinha que experimentar o mundo.

Sartre explicou a Beauvoir sua teoria da liberdade e da contingência. Era o tema sobre o qual haviam feito o exame escrito. Para ele, os indivíduos viviam num estado de absurdo fundamental, ou "contingência". Deus não existia; a vida não tinha um significado preexistente. Cada indivíduo tinha que assumir sua liberdade, criar sua própria vida. Não existia ordem natural; as pessoas seguravam o destino com as próprias mãos. Cabia a elas determinar a substância de suas vidas, até a maneira que escolhiam para amar. Ser livre era assustador. A maioria das pessoas fugia de sua liberdade. Mas Sartre

abraçava a dele. Não permitiria que nenhum código preestabelecido determinasse a *sua* vida. Sua vida seria sua própria construção. Beauvoir achou isso uma bela filosofia.

Nos primeiros dias, os dois se encontravam de manhã na praça da cidade. Caras curiosas observavam-nos de trás de cortinas. Mais tarde, escolheram um lugar mais discreto, um castanhal entre La Grillière e a cidade. Em Paris, Beauvoir sentira-se constrangida quando Sartre a beijara. Mas naqueles campos do Limousin, cercados pelo canto dos pássaros, gostou de seus beijos e carícias delicados. "Agora, aceito sem embaraço a sensação ligeiramente perturbadora de estar em seus braços e sentir sua força", escreveu no diário. "Minha admiração e minha fé em Jean-Paul são absolutas, e minha ternura por meu querido Leprechaun não tem reservas."

No quinto dia da estada de Sartre, os dois estavam deitados juntos num campo quando viram os pais de Simone vindo na direção deles. Levantaram-se de um pulo. O pai de Simone parecia constrangido. Disse a Sartre que as pessoas estavam falando deles, e receava ter que lhe pedir que deixasse a região. Simone ficou rubra de raiva e disse ao pai que aquilo não era jeito de falar com o amigo dela. A mãe começou a gritar com ela. Sartre disse calmamente mas com firmeza que iria embora assim que pudesse, mas que ele e a encantadora filha deles estavam trabalhando numa investigação filosófica, e primeiro tinham que terminá-la. Os pais foram para casa.

Sartre normalmente jantava no hotel, e Simone ia para casa. Depois do jantar, ela voltava com Poupette e a prima Madeleine. Sartre organizava intermináveis jogos animados. Fazia-as improvisar peças e representar papéis. Dando o tom com sua bela voz de tenor, punha-as para cantar. "Ríamos sem parar", lembrava Poupette, "e o verão passou suavemente".[33]

Sartre foi embora em 1º de setembro, e Beauvoir registrou suas idéias e suas memórias desses "dias perfeitos". Ele a chamara de "meu doce amor". Dissera-lhe que a amava, e garantiu-lhe que sempre a amaria. Disse que tinha medo de magoá-la. "Você não sabe quão terna sua expressão pode ser, menininha querida."

"Esta era a 'vida' que eu estava esperando", diz. Pela primeira vez, conhecera um homem que considerava superior a ela. Sentia-se compreendida por ele, amada e apoiada. Sartre ajudá-la-ia a ser uma

valquíria forte e alegre. Seu amor era cheio de promessas, cheio de certeza. Com ele, ela sentia uma harmonia bem extraordinária (“Ah! Muito mais do que com o Lama ou com Jacques”). Havia algo incrivelmente vital naquele homem. Ele fazia com que ela quisesse se descobrir: fazia com que quisesse descobrir o mundo. Com ele, ela sabia que nunca estagnaria.

Não era “uma paixão avassaladora”, diz no diário. Ainda não. Não era comparável à “loucura” e “obsessão” que já sentira por Jacques. “Mas é felicidade.” O mais empolgante era o sentimento de que através de Sartre ela se descobrira. “Jamais gostei tanto de ler e pensar. Jamais estive tão viva e feliz, ou previ um futuro tão rico. Ah, Jean-Paul, querido Jean-Paul, obrigada.”[34]

Uma semana depois da partida de Sartre, tarde da noite de uma sexta-feira, Beauvoir estava esperando Maheu na plataforma da estação de Uzerche. Essa atitude marcava sua nova independência dos pais. Maheu vinha passar o fim de semana, e convidara-a para ficar com ele — em quartos separados — num hotel.

Ele saltou de um vagão de segunda classe cansado, barbado, o casaco pendurado no ombro e o chapéu amassado. Tomaram um ônibus para um hotelzinho à beira do Vézère. Beauvoir ouviu-o cantando no quarto ao lado enquanto tomava banho e se barbeava, e pensou consigo mesma quão feliz estava. Depois do jantar — ele não estava com fome, e ela comeu quase toda a comida dele assim como a dela — foram até a igreja no alto da colina e contemplaram as estrelas. Conversaram durante uma hora no quarto dela, depois ele lhe beijou a mão com ternura, desejou-lhe boa-noite e foi para o quarto.

No dia seguinte, caminharam à beira do rio. Ele cantou “So Blue” e lhe contou histórias dos romanos e dos gauleses naquela região. Almoçaram numa pousada. Ele trepou numa árvore. “Nunca esquecerei o erudito René Maheu trepado num galho, as calças de flanela cinza arregaçadas, o cabelo na cara, os pés da cor do crepúsculo”, diz Beauvoir no diário. Tinha os sapatos encharcados, então andou descalça. Maheu atirou seixos na água.

Naquela noite, no jantar, ele pediu uma garrafa de Chablis Villages, 1923. Quando ela levantou da mesa, tinha a cabeça rodando. Maheu espreguiçou-se ao seu lado em sua cama. Os dois estavam deitados juntos, mas Maheu não fez nenhum movimento. Parecia não querer ir embora, e ela não queria mandá-lo fazer isso. Ele falava, e ela olhava para ele, através de uma bruma. Depois que ele saiu, ela passou mal. “Noite atroz.”

A manhã seguinte foi doce. Ela adorou o “Bom-dia, Castor” dele, seus pijamas azuis, sua água-de-colônia e o sabão que ele lhe emprestou. Ainda não se sentia bem, e ele estava todo carinhoso e solícito. Pegou o braço dela. Beijou-lhe os cabelos. Estava, como sempre, alegre e vivo, distante e próximo, irônico e terno, seu “príncipe dos lamas”.

Depois que ele partiu no trem, Beauvoir registrou no diário: “Foi como um sonho que durou dois dias.” Concluiu: “Sei exatamente o que ele é. O que Sartre é. Mas falarei disso depois.”

Quando regressou a Paris em meados de setembro, Simone de Beauvoir mudou-se da casa dos pais para um quarto alugado da avó, no quinto andar da avenue Denfert-Rocherau 91, em Montparnasse. Sua avó tratava-a exatamente igual aos outros inquilinos; a neta podia entrar e sair à vontade. Beauvoir comprou uma mobília barata: uma mesa, duas cadeiras, estantes, um divã laranja. Sua irmã, Poupette, ajudou-a a colocar um papel de parede laranja vivo. Beauvoir pendurou um desenho de Michelangelo que Maheu lhe dera, e algumas caricaturas feitas por Sartre e Nizan. Stépha, sua amiga polonesa, trouxe flores, que Beauvoir colocou na mesa, ao lado de alguns livros, da caneta-tinteiro e dos cigarros ingleses. Olhou em volta embevecida. Afinal começava sua nova vida.

Notas

1 Hélène de Beauvoir, Souvenirs (Paris: Librairie Séguier, 1987) p. 90.

2 “Mon petit poulet”, “mon poulot”, “ma poulotte” ou “ma poulette” são termos carinhosos em francês, e significam “meu franguinho”. “Poulou” é uma variante engraçada.

3 Entrevista de Sartre a John Gerassi [doravante, entrevista de Gerassi com Sartre], 18 de dezembro de 1970, Beinecke Library, Yale; e com Catherine Chaîne, *Le Nouvel Observateur,*

jan-fev de 1977. 31 de jan, p. 74-87 e 7 de fev. p. 64-82.
4 Sartre [doravante S] a Simone Jollivet, carta não datada, 1926, em *Witness to My Life* [*The Letters of Jean-Paul Sartre to Simone de Beauvoir, 1926-1939*], [doravante *Witness*], trad. Lee Fahnestock e Norman MacAfee (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1992), p. 21.
5 Raymond Aron. *Mémoires,* (Paris: Julliard, 1983) p. 32. Aron às vezes ficava chocado com a brutalidade das peças que Sartre concebia.
6 Paul Nizan, *Aden Arabie* (Paris, Rieder, 1931).
7 Prefácio de Sartre à edição de 1960 de *Aden Arabie.*
8 Simone de B, doravante S de B, *Memoirs of a Dutiful Daughter* [doravante *MDD*] [Memórias de uma moça bem-comportada], trad. James Kirkup (Cleveland: World Publishing Co., 1959), p. 310-13.
9 *MDD,* p. 311.
10 Beauvoir cita essa passagem de seu diário em *MDD,* p. 311.
11 O "Pequeno homem" é o herói de *O Livro da Jângal* de Kipling, o menino criado na selva que acaba sendo trazido de volta à civilização pela visão de uma bela jovem.
12 *MDD,* p. 312-13.
13 Diário de Beauvoir (inédito). 3 de maio de 1929. Documentos de Beauvoir, Biblioteca Nacional, sala de manuscritos, microfilme 6.538-6.539.
14 MDD, p. 325 (trad. modificada).
15 *MDD,* p. 336-37.
16 Diário de Beauvoir.
17 Henriette Nizan e Marie-José Jaubert. *Libres Mémoires.* (Paris: Robert Laffont, 1989).
18 *MDD,* p. 160.
19 *MDD,* p. 339-40.
20 Diário de Zaza, 14 de julho de 1929. *Zaza: Correspondance et Carnets d´Elizabeth Lacoin* (1914-1929) [doravante, Zaza] (Paris: Seuil, 1991), p. 304 e 367.
21 *MDD,* p. 194.
22 Diário inédito, 6 de maio de 1927, citado em Margaret A. Simons, *Beauvoir and the Second Sex: Feminism, Race, and the Origin of Existencialism* (Lanham. Md: Rowman and Littlefield, 1999) p. 195.
23 Uma Ecole Normale Supérieure para mulheres fora fundada em Sèvres, nos arredores de Paris, em 1881, mas nem de longe tinha o prestígio das instituições masculinas no coração do Quartier Latin, e não incluía filosofia no currículo.
24 S de B, *Adieux: A Farewell to Sartre* [doravante *Adieux*] (*A Cerimônia do Adeus*), trad. Patrick O'Brian (Nova York: Pantheon, 1984) p. 294-95.
25 Marron a S, 4 de novembro de 1927, catálogo da Sotheby's, *Collection Littéraire,* Paris, 26 de junho de 2002.
26 "Sartre et les femmes", entrevista com Catherine Chaîne, *Le Nouvel Observateur,* 31 de janeiro de 1977, p. 74-87.
27 S de B, *The Prime of Life* (*A Força da Idade*) [doravante *PL*], trad. Peter Green (Nova York: World Publishing, 1962), p. 77.
28 S a Jollivet, abril de 1926, em *Witness,* p. 19.
29 S a Jollivet, abril de 1926, em *Witness,* p. 9.
30 Ingrid Galster, "Cinquante ans après *Le Deuxième Sèxe.* Beauvoir en débats", *Lendemains* 94 (1999).
31 Toril Moi mostra isso em *Simone de Beauvoir: The Making of an Intellectual Woman* (Londres e Cambridge, Mass.: Blackwell, 1994).
32 *PL,* p.12 (trad. modificada).
33 Hélène de Beauvoir, *Souvenirs,* recueillis par Marcelle Routier (Paris: Séguier, 1987), p. 94.

34 Diário de Beauvoir, 2-4 de setembro de 1929.

DOIS

O PACTO

Outubro de 1929–Setembro de 1932



Em 14 de outubro de 1929, naquele quarto revestido de papel laranja de um quinto andar dando para os plátanos da avenue Denfert-Rochereau, Beauvoir perdeu a virgindade.

A visita de Maheu ao Limousin deixara as coisas claras. Ela estava apaixonada por ele há meses. Ele era um belo homem, e ela o desejava sinceramente. Ele era bom e afetuoso. Mas era casado, e, de qualquer maneira, desapontou-a vagamente. Mais de uma vez, lhe dissera: "Você não deve me julgar." Ela nunca poderia decidir muito bem se ele lhe pedia um favor ou lhe dava uma ordem. Mas, agora, ela conhecera um homem que não temia julgamento, um homem que achava que seu caráter era a soma de suas ações, um homem que *pedia* para ser julgado.

Quando Maheu partiu do Limousin, Beauvoir já havia entendido. Precisava de "Sartre e de mais ninguém". Ele podia ser o Pequeno Homem, mas vivia a vida de forma tão intensa que parecia maior do que qualquer homem que ela conhecia. Tinha uma ambição ardente. Mas não no sentido mundano. Não tinha interesse nas coisas materiais, nem em freqüentar pessoas famosas. Muito simplesmente, estava convencido de que seria um grande homem e que sua tarefa era conseguir isso. Sartre precisava de sua liberdade, mas também queria que Beauvoir abraçasse a dela. Ele não era um homem que iria pressioná-la a obedecer a convenções sociais.

Ela ainda amava seu Príncipe dos Lamas. A deles era “a mais terna das amizades”. Mas ele se limitava pela opinião alheia, e se mostrava muito ansioso para aparecer na sociedade. Intelectualmente, não a satisfazia. “No dia-a-dia, ele pode cansar (...) A gente não pode se expandir com esse homem.”[1]

Depois que Maheu deixou o Limousin, ela racionalizou: “O bom é que, precisamente com esse homem sensual, não existe nada físico entre nós (...) enquanto com Sartre, que não é sensual, a harmonia de nossos corpos tem um significado que torna nosso amor mais belo.”

Houve duas semanas de “carícias e relações sexuais ardentes”[2] antes de Sartre partir para Saint-Cyr, no início de novembro, para começar o serviço militar. Tarde da noite, Sartre deixava o apartamento de Beauvoir e voltava para a casa dos avós, os Schweitzers, que tinham um grande apartamento no Quartier Latin.

Os jovens amantes falavam muito sobre o futuro. Sartre não sugeria casamento. Em vez disso, o que propunha era um “contrato de dois anos”. Enquanto ele servia o exército, os dois se viam na medida do possível. Beauvoir, em vez de ingressar logo na profissão do magistério, o que significaria ser enviada para a província, permaneceria em Paris, começaria a escrever um romance e daria aulas particulares. Sartre recebera uma pequena herança da avó paterna, e ajudaria Beauvoir o quanto pudesse.

No fim desses dois anos, quando terminou o serviço militar, Sartre considerou um período de separação. Inscrevera-se para um cargo de professor de francês numa escola japonesa em Kioto, um trabalho que começaria em outubro de 1931. Isso significaria uma separação por um par de anos. Depois se encontrariam num lugar novo, Atenas ou Istambul, talvez — e tornariam a morar alguns anos perto um do outro antes de começarem novamente uma atividade cada um por si. Assim, a relação deles nunca cairia na rotina.

Beauvoir não compartilhava dos sonhos de cavaleiro solitário de Sartre. Preferiria lançar-se em aventuras exóticas com ele ao lado. Seu sonho era o “Grand Amour”, e ela temia a idéia de separações longas. Mas, por ora, dois anos pareciam muito tempo, e ela fez o

melhor que pôde para eliminar seus temores. Sabia que Sartre os consideraria uma fraqueza.

Sartre deixara claro desde o início que a monogamia não lhe interessava. Gostava de mulheres (muito mais que de homens, sempre dizia), e não pretendia parar de ter casos aos 23 anos. Nem Beauvoir deveria fazê-lo, disse. O amor que tinham um pelo outro era "essencial" e fundamental. Eles eram "dois da mesma espécie", um o duplo do outro, e seu relacionamento seguramente duraria a vida inteira. Mas não deveriam privar-se do que chamavam "casos contingentes", ou seja, secundários e mais arbitrários.

Sartre estava convencido de que o amor não era possessão. Para ele, um tipo mais generoso de amor significava amar a outra pessoa como um ser livre. Quando Beauvoir levantou a espinhosa questão do ciúme, Sartre disse que, se contassem tudo um ao outro, um nunca se sentiria excluído da vida do outro. Não deveriam ter segredos. Em casos amorosos, dúvidas, inseguranças e obsessões, deveriam ter como objetivo a abertura total. Ele chamava isso de "transparência".

Beauvoir achou a idéia tão assustadora quanto estimulante. Valorizava a verdade e a sinceridade, mas também dava muito valor à sua vida interior. Na adolescência, aprendera a guardar os pensamentos para si mesma. Há muito tempo deixara de contar seus pecados ao padre confessor. Contudo, lá estava Sartre querendo que ela compartilhasse seus pensamentos — *todos* eles — com ele.

Será que Beauvoir procurou mostrar que eles não eram bem "duas pessoas do mesmo tipo", que as coisas não eram parelhas, que a sociedade via a mulher sob um prisma completamente diferente do homem? Provavelmente não na época, embora ambos soubessem. Vinte anos depois, em *O Segundo Sexo*, ela afirmaria que as mulheres não eram o "outro sexo", mas sim o "segundo sexo". Não eram vistas como iguais; eram vistas como inferiores.

Enquanto Sartre não queria perder uma liberdade de que já gozava há vários anos, Beauvoir nem podia imaginar como seria sua liberdade. Suas amigas todas aspiravam ao casamento, e Beauvoir tinha tanto desprezo por solteironas — *vieilles filles* — quanto qualquer um. Sabia que seus pais ficariam envergonhados se ela não se casasse. Muita gente teria pena dela. Até os amigos íntimos, como Zaza e Maheu, ficariam chocados com a idéia de uma relação aberta

dela com Sartre. E ela mesma tinha que aceitar a idéia. “Eu ainda não me emancipara de todos os tabus sexuais”, admite. “A promiscuidade na mulher me chocava.”[3]

Apesar de seu declarado desdém pelo casamento em seu diário de 1927, Beauvoir passara os anos da adolescência esperando casar-se com o primo Jacques. Até encontrar Sartre, ela se via como mãe e mulher, e como escritora. E nunca aspirara à libertinagem sexual. Ao contrário. Na adolescência, ela e a irmã, Poupette, ficavam mortificadas nas noites em que o pai não ia para casa. Sabiam que, enquanto a mãe se irritava e chorava, ele estaria acompanhando uma amante ou outra ao teatro. Aos 20 anos, Simone ficou irritada quando descobriu que o primo estava tendo um caso com uma daquelas jovens excessivamente maquiadas que andavam pelos bares. Ficou horrorizada de pensar que sua amiga polonesa, Stépha, podia realmente estar dormindo com o namorado pintor espanhol, Fernando. Quando Stépha gentilmente tentou esclarecê-la, Simone fechou os olhos e tapou os ouvidos. Mesmo aos 21 anos, quando conheceu Sartre, ficou chocada ao saber que os Nizans tinham um “casamento aberto”. Essas pessoas todas mantinham uma fachada pública de respeitabilidade conjugal; Sartre propunha acabar com a fachada.

Sartre, ao que parece, admirou-se de Simone de Beauvoir ter aceitado seus termos. Dez anos mais tarde, analisou sua necessidade de liberdade com uma autozombaria vagamente desconcertante. Desde sua juventude de rato de biblioteca, tomara como certo que um dia seria um grande escritor. Desde cedo, compreendera que um aventureiro precisava preservar sua liberdade. Em tudo o que lia — de mitos gregos, tragédias clássicas, romances do século XIX, às novelas policiais cheias de fanfarronadas que ele devorava uma atrás da outra — o herói solitário ia se conduzindo em meio a obstáculos traiçoeiros, dos quais os mais sinistros eram as mulheres. Sartre estava determinado, diz, a evitar esta armadilha.

> Isso era mais cômico ainda posto que as mulheres certamente não corriam atrás de mim, na verdade era eu quem corria atrás delas. Assim, nas poucas aventuras que tive nessa época, depois de ter me desgastado muito para conseguir uma jovem, eu

> costumava me sentir na obrigação de lhe explicar, como um dragão de virtude, que ela devia tomar cuidado para não infringir minha liberdade. Mas num curto espaço de tempo, como eu era bom, dava-lhe de presente essa preciosa liberdade. Eu dizia: “É o melhor presente que posso lhe dar (...) Felizmente para mim (...) circunstâncias que escapam à minha vontade interviriam a tempo para me devolver (depois de ter apanhado um pouco) a essa cara liberdade, que imediatamente me apresso a conceder a outra jovem.
>
> Numa ocasião, o tiro saiu pela culatra. O Castor aceitou essa liberdade e guardou-a. Foi em 1929. Fui suficientemente tolo para me perturbar com isso: em vez de entender a sorte extraordinária que tivera, fiquei um pouco deprimido.[4]

Parece que Beauvoir não teve dificuldade de aceitar a idéia de que não teriam filhos. A relação deles possuía uma base inteiramente diferente. Eram escritores. Precisavam de sua liberdade, e precisavam de muito tempo, sem distrações. Além do mais, ela via que Sartre sentia repugnância por barriga de grávida e por bebês, que dizia cheirarem a mijo. Se ele a influenciou nesse aspecto é discutível, mas muitos dos amigos do casal sempre comentavam que as mulheres grávidas visivelmente lhes provocavam repulsa. Isso é visível em seus escritos.

Beauvoir ficou desolada no início de novembro, quando levou Sartre para tomar o trem para Saint-Cyr. Durante as primeiras duas semanas, os recrutas não podiam receber visitas. Quando Beauvoir recebeu autorização de visitá-lo, Sartre se transformara num soldado, de perneiras azul-escuras e boina. Foram obrigados a se encontrar numa sala apinhada de outros soldados e suas famílias. Sartre estava furioso com a perda de sua liberdade e com o desperdício de 18 meses. Beauvoir teve a sensação de estar visitando um homem atrás das grades.

Em meados de novembro, Zaza Lacoin estava gravemente doente, com febre alta e delirando, internada num pequeno hospital em Saint-Cloud, a sudoeste de Paris. Os médicos diziam que era meningite ou

encefalite, não tinham certeza. Beauvoir estava convencida de que Zaza sofria por amor.

Durante os últimos cinco meses, Madame Lacoin mantivera Zaza sob uma tensão intolerável. Zaza e Merleau-Ponty estavam profundamente apaixonados. Haviam decidido se casar em dois anos, depois que ele terminasse a *agrégation* e o serviço militar. Mas Madame Lacoin não estava contente. Merleau-Ponty era um aluno extraordinário e católico praticante, mas não era rico, e embora aspirasse a uma posição na universidade, suas perspectivas financeiras eram modestas comparadas com as de *Monsieur* Lacoin, um empresário.

Madame Lacoin também se preocupava com a posição social da família de Merleau-Ponty. Zaza admitia não saber muita coisa a respeito deles, a não ser que a mãe de Maurice era viúva e que seu pai fora oficial de marinha, e Maurice tinha mais dois irmãos. Assegurou aos pais que não havia motivo de preocupação. "Conhecendo como ele conhece a nossa família, nunca teria falado de seus sentimentos se, por alguma razão, não fosse possível entrar nela."[5]

A mãe não estava satisfeita. Mandou Zaza passar um ano em Berlim, na esperança de que esquecesse aquele homem. "É muito difícil, Simone", disse Zaza numa carta à amiga no fim do verão de 1929. "Tem-se realmente que acreditar na virtude do sofrimento e querer carregar a cruz com Cristo para aceitar isso sem dar um pio."[6]

Zaza estava dividida entre a mãe e o homem que amava. Sua extrema devoção lhe ensinava obediência. Em face das dificuldades, Merleau-Ponty, em vez de enfrentar a mãe de Zaza, retirou-se um pouco. Justo quando a jovem atormentada mais precisava do apoio dele, esse apoio não vinha.

Em outubro, Simone recebeu uma misteriosa carta de Zaza: "Mamãe me contou uma coisa espantosa que não posso lhe explicar agora." Na carta seguinte, Zaza perguntou: "Os filhos podem carregar os pecados dos pais?"[7]

No início de novembro, Zaza adoeceu. No hospital, foram proibidas visitas além dos familiares. Quando Beauvoir tornou a vê-la, no fim daquele mês terrível, Zaza jazia num ataúde no necrotério do hospital, as mãos cruzadas sobre um crucifixo no peito.

Beauvoir ficou com raiva de Merleau-Ponty por não ter tido a coragem moral de dar apoio a Zaza contra a mãe, e deixou isso bem claro em suas memórias. Em 1958, quando saiu o *Memórias de uma Moça Bem-comportada*, Maurice Merleau-Ponty era um conhecido filósofo de esquerda (já não acreditava em Deus), com um cargo docente no prestigioso Collège de France. Em suas memórias, Beauvoir o chama de "Jean Pradelle". Mais adiante, numa tentativa de despistar os leitores, refere-se a ele uma vez pelo nome verdadeiro: "Meus alunos eram Merleau-Ponty e Lévi-Strauss; eu conhecia ambos um pouco. O primeiro, sempre admirei de longe."[8] Mas ela não deixa dúvidas no leitor de que não admirava o homem que chama de "Jean Pradelle".

Maurice Merleau-Ponty continuara muito amigo de Beauvoir ao longo dos anos. Quando leu *Memórias de uma Moça Bem-comportada*, em 1958, escreveu a ela. Relera a correspondência mantida entre ele e Zaza naqueles meses penosos em 1929. (Tratava-a pelo nome verdadeiro, Elisabeth.) "Ler essas cartas, bem como seu livro, fez com que eu me desse conta, intensamente, desesperadoramente, de quão passivo, inconsciente e inexistente eu era naqueles anos. Tudo o que diz de mim é verdade." Aos 21 anos, ele era muito imaturo, afirmou, para lidar com a pressão que "Elisabeth" e a família faziam sobre ele:

> Nunca duvidei que ela era a mulher que eu poderia ter amado (...) mas eu não estava pronto para amar ninguém, nem mesmo ela (...) Levaria meses para esse sentimento virar amor, para que eu fosse transformado por ela e por sua presença. A atitude de sua família, suas próprias ansiedades (que ela escondia de mim mais do que de você), em vez de me comover, me arrepiavam. (...) Mas há uma coisa que você não sabe, que eu mesmo não sabia na época em que Elisabeth ficou doente, e que ela teve que agüentar sozinha, sem que eu tivesse culpa nenhuma.[9]

Logo depois, ele e Beauvoir combinaram encontrar-se para tomar um drinque e — trinta anos depois daqueles trágicos acontecimentos —, Merleau-Ponty contou em detalhes a história toda. No outono de 1929, os pais Lacoin fizeram o que muitas

famílias burguesas faziam antes de um casamento: contrataram um detetive particular para investigar a família Merleau-Ponty.[10] O esqueleto que saiu do armário era profundamente chocante para católicos devotos, que consideravam o adultério um pecado mortal. Madame Lacoin contou a Zaza, e logo Zaza escreveu a Beauvoir aquelas cartas misteriosas. Não contaram nada a Merleau-Ponty até já ser tarde demais e Zaza estar morta.

Monsieur Merleau-Ponty era de fato um oficial de marinha, e morava com a mulher em La Rochelle. Tiveram um filho. Durante as longas ausências do marido, Madame Merleau-Ponty apaixonou-se por um professor universitário. Ele também era casado, mas foi uma ligação séria, e conduzida de modo bastante aberto. Madame Merleau-Ponty teve dois filhos com ele — primeiro Maurice, depois sua irmã Monique. O professor responsabilizou-se financeiramente pelos filhos, mas não pôde lhes dar seu nome.[11]

Em novembro de 1929, Beauvoir e Merleau-Ponty estavam arrasados com a morte de Zaza. Na época, ele não sabia que Beauvoir culpava-o em parte pela perda. E Beauvoir não sabia o que Merleau-Ponty estava passando.

Beauvoir sempre achou que o destino de Zaza poderia facilmente ter sido o seu. Zaza era seu eu-fantasma, o eu que ela poderia ter sido se Georges de Beauvoir não tivesse perdido a fortuna. *Memórias de uma Moça Bem-comportada* termina com as palavras torturantes: “Durante mito tempo achei que tinha pago pela minha liberdade com a morte dela.”

Foi Raymond Aron que sugeriu que Sartre e um amigo dele, Pierre Guille, se inscrevessem para fazer o serviço militar na divisão meteorológica. Aron completara um ano de serviço militar como meteorologista. Não era muito ruim, contou-lhes.

Pelos primeiros três meses, Sartre e Guille foram mandados de trem para a estação meteorológica em Fort Saint-Cyr. Aron era um dos instrutores, e os dois implicavam com ele atirando-lhe dardos durante as palestras. Sartre estava irritado por estar seqüestrado no quartel, mas tinha que admitir que ler a velocidade do vento era fácil, apesar de tedioso, e tinha muito mais tempo do que previra.

Saint-Cyr era tão perto de Paris que Sartre e Beauvoir conseguiam se ver quase diariamente. Três ou quatro noites por semana, Beauvoir pegava um trem para Versalhes, depois, um ônibus para Saint-Cyr, e ela e Sartre jantavam juntos, às vezes com Guille e Aron, quase sempre no Soleil d'Or, a grande cervejaria ao lado do terminal de ônibus. Aos domingos, Sartre ia a Paris.

Após o período de treinamento, Guille foi enviado para Paris e Sartre para uma estação meteorológica em Sain-Symphorien, perto de Tours. Ele dividia uma casinha com outros dois recrutas, de quem não gostava. Mas seu supervisor, um civil, lhes dava uma semana inteira de folga por mês, além dos domingos. Sartre passava todo o tempo livre em Paris. E uma vez por semana, pegava o trem para Tours.

Quando estavam separados, escreviam-se quase todos os dias. Sartre chamava-a de "minha mulherzinha" e "querido Castorzinho". Ela o chamava de "meu doce maridinho" e "pessoinha mais querida".

"Minha adorada, está trovejando e olho o tempo todo para o passado, para aqueles belos dias com você", disse-lhe Sartre numa carta depois de uma de suas semanas em Paris. Sentia-se entediado e indócil, contou-lhe, "como um nadador que se vê preso nas algas".

"Se é preciso ficar doente, é bom fazer isso logo depois de você ter ido embora, meu amor querido", escreveu-lhe Beauvoir da cama na rue Denfert-Rochereau, onde convalescia de uma laringite com febre. Ela estava pensando na "semana milagrosa" que haviam acabado de passar juntos. "Vamos nos ver em breve, não, meu amor? Você prometeu, então estou me cuidando bem. Amo você. Amo você."[12]

Eles se escreviam como se estivessem conversando, e brincavam e faziam cabriolas com a prosa. Sartre, prestes a aparecer em Paris, enviou um bilhete frívolo.

> *Minha mulherzinha morganática,*
>
> *Chego às 12h15, na Gare d'Austerlitz (cabe a você conferir a hora (...) Não, retiro o que disse. O horário está aqui na gaveta da mesa onde escrevo; posso verificar eu mesmo: é 12h13). Eu adoraria se você pudesse arranjar tempo para ir me encontrar*

na estação. Por falar nisso, espero passar seis dias em Paris. Se tiver uma folga, podíamos sair juntos de vez em quando.

Com carinho,

P.S. Minha adorada, li a descrição do seu 1º capítulo. Se seu estilo for tão simples quanto o de sua carta — nem mais nem menos —, será excelente. [13]

No verão de 1930, Beauvoir fazia comentários perturbados no diário. “Não posso me resignar a viver se minha vida não tem objetivo (...) Sartre fala comigo como se eu fosse uma garotinha (...) Perdi o orgulho — e isso significa que perdi tudo.”[14]

A princípio, exultara por ter se apaixonado por um homem que considerava superior a ela. Agora, começava a perceber os perigos. O homem que era considerado o mais inteligente da safra de jovens inteligentes de seu ano na Ecole Normale tinha uma firme noção de seu gênio. Essa era uma palavra que ele usava sem constrangimento. “Eu me via — com a maior modéstia, se posso dizer isso — como um gênio”, disse mais tarde. “Falava com meus amigos como um gênio fala com seus amigos.”[15] Sartre tinha uma personalidade forte e seus amigos se tornavam o que ele chamava de seus “acólitos” com a maior facilidade.

A sociabilidade e a generosidade de Sartre eram lendárias. Engraçado, brincalhão, criativo e brilhante imitador, fazia as pessoas chorarem de rir. Adorava ajudar e encorajar os outros, e gostava de dar presentes. Mas, apesar de seu calor humano e de seu espírito gregário, possuía uma auto-suficiência desconcertante. Gostava de gente em volta, do burburinho de vozes ao fundo. Precisava ter uma mulher apaixonada por ele, e também gostava de sentir-se indispensável a essa mulher, embora pudesse reclamar disso. Mas, contanto que fosse capaz de se sentir amado, era mais feliz quando estava sozinho com sua caneta, seus papéis e seus livros.

Os amigos regularmente o acusavam de indiferença. Suas namoradas, a princípio, se deleitavam com suas atenções, depois reclamavam que não lhes dava o suficiente de seu precioso tempo. Ficavam possessivas e ciumentas, e Sartre resmungava que elas eram exigentes demais. Era o padrão da vida dele.

Beauvoir não gostava de reclamar. Desde o início do relacionamento, fazia um esforço imenso para ver as coisas pela ótica de Sartre, em parte, porque achava que lhe devia tudo, e também porque estava convencida de que o amava mais do que ele a amava. Racionalizava que não arranjaria motivo de reclamação por causa de um fato objetivo. Afinal de contas, se amava Sartre, era em parte porque ele lhe ensinara a olhar as coisas de frente.

O fato de os primeiros meses do relacionamento deles terem sido uma confusão de chegadas e despedidas em plataformas de estação não ajudava. Tinham pouco tempo para aproveitar a companhia um do outro, pois Sartre teria que voltar para o quartel. Para Beauvoir, os únicos momentos que contavam eram aqueles que passava com ele. Nos outros, ela se sentia como se estivesse matando tempo.

Havia também um problema físico, que deixou Beauvoir envergonhada na época, mas que ela discutiria com uma abertura espantosa trinta anos depois, em suas memórias. Sartre despertara seus desejos carnais, e, a não ser que estivessem em Paris, os dois não tinham oportunidade de fazer amor. No tempo em que ela o visitava em Tours, eram muito tímidos para ir a um hotel em plena luz do dia. Ela sofria de “desejos tirânicos” e “obsessões ardentes”, e ficava consternada por não sentir que controlava seu corpo. O fato de Sartre não parecer sofrer do mesmo problema deixava-a mais envergonhada. “Eu era obrigada a admitir uma verdade que fiz tudo para esconder desde a adolescência: meus desejos carnais eram maiores do que eu desejava que fossem.”[16] Beauvoir, apesar do pacto, não tocava neste assunto com Sartre.

Tudo conspirava para fazê-la cair numa armadilha que ela descreveria vinte anos mais tarde em *O Segundo Sexo.* Havia um capítulo sobre “a mulher apaixonada”, uma mulher para quem o amor é uma fé, que passa a vida esperando, que abandona sua vida, até seu *juízo,* por seu homem.

> A mulher apaixonada tenta ver com os olhos dele; lê os livros que ele lê, dá preferência à música que ele prefere; só se interessa pelas paisagens que vê com ele, nas idéias que vêm dele; adota as amizades, as inimizades, as opiniões dele; quando

> se questiona, é a resposta dele que tenta ouvir (...) A suprema felicidade da mulher apaixonada é ser reconhecida pelo homem amado como parte dele; quando ele diz “nós”, ela está associada e identificada com ele, compartilha do seu prestígio e reina com ele sobre o resto do mundo: nunca se cansa de repetir — até ao exagero — esse deleitável “nós”.[17]

Em suas memórias — escritas na época em que era vista pelo mundo inteiro como uma mulher intelectual com fama de independente —, ela descreve seu eu anterior, em termos cáusticos, como um “ser ancilar”, e um “parasita intelectual”.[18]

A filosofia existencialista subjacente nas memórias de Beauvoir — era também a filosofia subjacente em sua relação com Sartre — é que constitui “má-fé” olhar para o outro, seja ser humano ou deus, para ter uma noção de salvação. Como indivíduos, somos livres, e agimos de “má-fé” quando tentamos evitar nossa liberdade. Não é fácil, a liberdade. Traz consigo a angústia da escolha. Vem com o fardo da responsabilidade.

Relembrando os primeiros 18 meses da relação, Beauvoir diz que Sartre tornara-se seu mundo. Tão fascinada estava por ele que se esqueceu de si mesma. Deixara de existir de forma autônoma.

No momento em que se encontravam na plataforma da estação, em Tours ou Paris, Sartre agarrava a mão de Beauvoir e dizia: “Tenho uma teoria nova.” Beauvoir ouvia cuidadosamente, depois apontava as falhas que via no argumento dele. A vida inteira, seu papel seria este, e Sartre acabaria dependendo muito de sua opinião. Naquela época, ele mostrava a falta de originalidade dela. “Quando pensa em termos de *problemas*, você absolutamente não pensa”, dizia-lhe.[19]

Ele se oferecera para “controlá-la”, mas agora sua dependência o alarmava. “Você costumava ser cheia de idéias, Castor”, dizia. Comparava-a com as heroínas dos romances de George Meredith, que, em vez de lutar com unhas e dentes para se tornarem independentes, terminavam rendendo-se ao amor. Beauvoir ficava mortificada.

No aniversário de morte de Zaza, o diário de Beauvoir estava manchado de lágrimas. “Se ao menos você estivesse aqui, Zaza. Não consigo tolerar que tenha morrido.” Os pais de Simone não gostavam de Sartre, e esperavam ardentemente que ela se desligasse do sujeito de aspecto estranho e sua má influência. Seus amigos haviam se dispersado. René Maheu era professor em Coutances, Normandia. Stépha casara-se com o namorado espanhol, Fernando Gerassi, e fora morar em Madri. O primo Jacques casara-se. Poupette era um certo consolo. Estudava pintura, e estava se dedicando de verdade. Ao mesmo tempo, ela e a amiga, Gégé, outra artista, transavam com todo mundo, tentando se descobrir.

O padrasto de Sartre, Joseph Mancy, recusava-se a ter Simone de Beauvoir em casa. Seu enteado não a pedira em casamento; portanto ela era simplesmente uma vagabunda. Sartre não tomou uma posição, e continuou a fazer visitas semanais aos pais. Sua mãe se encontrava com ele e Beauvoir de vez em quando, em geral na cafeteria de uma loja de departamentos de Paris, mas tinha pavor que o marido descobrisse. Depois de meia hora com eles, ia logo embora.

O pior era que Beauvoir não se sentia muito aceita pelos amigos de Sartre. Não tinha bem certeza, mas sempre teve a impressão de que Paul Nizan parecia caçoar um pouco dela. E ela não tinha nada em comum com a mulher de Nizan, Henriette. O melhor amigo de Sartre na época era Pierre Guille, um colega *normalien*, com uma *agrégation* em literatura francesa. Era bonito, como todos os amigos ou amigas de Sartre. (Sartre considerava isso uma condição necessária à amizade.) Guille desconfiava das teorias filosóficas de Sartre, e ria muito de algumas das passagens forçadas no romance que Sartre estava escrevendo. Sartre não levava a mal. Os dois tinham um afeto profundo um pelo outro.

Guille tinha 24 anos, a mesma idade que Sartre, e estava apaixonado por uma mulher casada de quarenta anos, Madame Morel. Sartre também tinha atração por ela. Baixa e cheinha, de grossos cabelos negros e faiscantes olhos castanhos, Madame Morel fora criada na Argentina — uma moça solitária que montava a cavalo nos pampas. Era rica, hospitaleira e cheia de vida.

Em seu apartamento no Boulevard Raspail, tinha sempre um quarto reservado para Guille. Sartre e Beauvoir muitas vezes

especulavam se ela e Guille eram de fato amantes. Jamais souberam. Ninguém, nem mesmo o marido inválido de Madame Morel e seus dois filhos, parecia se incomodar com sua intimidade com Guille. Beauvoir e Sartre estavam francamente fascinados. O que magoava Beauvoir foi sentir que Guille e Madame Morel tinham reservas em relação a ela:

> Madame Morel não concedia levianamente sua amizade, e caí mais rápido nas boas graças de Guille. Mesmo assim, havia uma certa ironia em seu olhar que muitas vezes me desconcertava. Ambos me intimidavam (...) Eu não tinha nenhuma prova positiva disso, mas, muitas vezes, na presença de Madame Morel, sentia-me desajeitada e adolescente, e tinha certeza de que ela e Guille estavam me julgando.[20]

Se os amigos de Sartre faziam Beauvoir sentir-se ingênua e sem jeito, foi a amante anterior de Sartre, Simone Jollivet, a antiga cortesã, que abalou sua autoconfiança de modo mais doloroso. Jollivet parecia capaz de tudo. Após ver Charles Dullin ter uma das melhores atuações da década no cinema como Luís XI em *Le Miracle des Loups*, Jollivet alimentou a fantasia louca de seduzi-lo. Sartre achou isso um absurdo, e não levou a sério. Dullin, um homem casado e muito mais velho, era ator e diretor de cinema famoso. Mesmo assim, um ano depois, no final de 1928, Jollivet tornara-se sua amante. Dullin adorava-a. Comprou-lhe um apartamento. Ela mudou-se para Paris. Agora tinha aulas de arte dramática na famosa escola de Dullin, L'Atelier, em Montmartre, e escrevia uma peça.

A forma como Sartre falava de Jollivet deixava Beauvoir se roendo de ciúmes. "Ele freqüentemente a citava como um exemplo para mim quando tentava me forçar a sair da inatividade."[21]

Sartre não gostava de ciúme. Achava importante que as pessoas controlassem suas paixões, sem se deixar dominar por elas. Do contrário, estavam negando sua liberdade, dizia a Beauvoir, sendo reativas e não ativas.

Anos mais tarde, Sartre disse numa entrevista que Simone Jollivet foi “seu primeiro caso sério”, e que, com ela, experimentara a emoção “mais desagradável que jamais me dominara e que, acredito, quase sempre é descrita como ciúme”.

Pedira-lhe que parasse de dormir com outros homens. “Você é meu dono?”, retrucara Jollivet. “Devo ficar aqui sentada esperando você aparecer? Está preparado para abandonar L’Ecole Normale?”

“Fiquei andando de um lado para outro em seu quarto luxuoso e perfumadíssimo”, recordou Sartre. “Ela estava certa, claro, e eu sabia. Cheguei à conclusão que ciúme é possessividade. Portanto, decidi nunca mais ser ciumento.[22]

Sartre tendia a ver qualquer emoção violenta como afetação. E não tinha tempo para autopiedade. Simone Jollivet uma vez cometeu o erro de lhe dizer que se sentia triste. O Sartre de 21 anos escrevera respondendo:

> Espera que eu amoleça diante dessa postura interessante que decidiu adotar, primeiro para o seu bem, depois para o meu? Houve um tempo em que eu tinha um pendor para esse tipo de jogo (...) Atualmente odeio e desdenho quem, como você, se compraz com suas breves horas de tristeza. O que me desgosta nisso é a comediazinha vergonhosa enraizada num estado físico de torpor que representamos para nós (...) A tristeza anda de mãos dadas com a preguiça (...) Você tem tanto prazer nisso que me escreve quando estou a 500 quilômetros de distância, muito provavelmente não no mesmo estado de espírito: “Estou triste.” Seria bom contar isso também à Liga das Nações (...) Se, em sua noite melancólica, você fosse serrar lenha, sua tristeza desapareceria em cinco minutos. Vá serrar, mentalmente, claro. Empertigue-se, pare de representar, ocupe-se, *escreva*.[23]

Sartre afirmava categoricamente que as pessoas não deviam usar suas emoções como desculpa. Beauvoir lutaria a vida inteira com o ciúme, mas dava duro para se corrigir. Isso a deixava mais impaciente ainda com o ciúme dos outros.

Após a visita de René Maheu ao Limousin naquele verão, seu romance platônico com Beauvoir continuou. Em outubro de 1929,

Maheu conseguiu uma colocação como professor na Normandia. Esteve com Beauvoir quando foi a Paris algumas semanas depois, mas ela não lhe revelou que se tornara amante de Sartre. Em dezembro, Maheu leu uma carta de Sartre que estava sobre a escrivaninha dela que não deixava dúvidas quanto à natureza das relações deles. Maheu disse que nunca mais confiaria nela. Beauvoir chorou. No ano-novo, quando soube que Sartre acabara de passar uma semana em Paris, Maheu mandou um bilhete a Beauvoir:

> Perdoe-me por lhe perturbar em meio a todas as lembranças ternas e coloridas que, sem dúvida, estão prolongando para você sua cara passagem de amor. Todavia, pode estar em casa *quarta-feira à tarde*? (...) Tenho algumas coisas bastante importantes para lhe contar, já que é possível que eu nunca mais torne a vê-la. Pois você deve entender que estou farto da bela situação atual, decorrente daquele seu setembro e dos dois meses de mentira que se seguiram.[24]

Beauvoir copiou o bilhete para Sartre ver. Não simpatizava muito com Maheu, contou a Sartre. Aquilo era “mero ciúme de um tipo desagradável”.

Sartre acreditava firmemente que, com força de vontade, podia-se superar todas os desconfortos, emoções e obstáculos. Segundo ele, lágrimas e nervoso eram fraquezas. O enjôo marítimo era uma fraqueza. Somos seres livres, dizia Sartre, e podemos escolher. Ele quase não dava importância a funções fisiológicas, e não dava nenhuma ao condicionamento psicológico.

Com algumas reservas — ela tinha propensão a enjôo marítimo e lágrimas —, Beauvoir aceitava o extremo voluntarismo de Sartre. Como diz em suas memórias, nada os obrigava a ver as coisas de outra maneira. Eram jovens, saudáveis, com muito tempo livre e dinheiro suficiente para fazer o que quisessem. Como filósofos, estavam convencidos de que avaliavam o mundo com um olhar isento, objetivo.

Beauvoir recorda uma discussão acirrada no Café Balzar entre Sartre e seu amigo filósofo Georges Politzer. Judeu húngaro que emigrara para a França aos 18 anos, Politzer era muito mais consciente politicamente que Sartre. Mostrava que Sartre era em tudo um produto da burguesia francesa. Sartre dizia que aquilo era um absurdo. Desprezava a burguesia. Um intelectual podia transcender ideologias de classe e ele mesmo fizera isso. Sua simpatia ia para a classe trabalhadora. Sentia-se mais confortável no meio do povo. Politzer discordava. “A cabeleira ruiva de Politzer brilhava como fogo, e dele saía uma torrente de palavras”, diz Beauvoir, “mas ele não convenceu Sartre.”[25]

Nos dez anos seguintes, Sartre e Beauvoir continuaram acreditando numa liberdade individual quase absoluta. Foi preciso a catástrofe da Segunda Guerra Mundial (em que Politzer, um corajoso lutador da Resistência, foi torturado e morto pela Gestapo) para fazê-los descobrir a história. Finalmente entenderam que era precisamente por pertencerem à burguesia privilegiada que conseguiram alimentar durante tanto tempo aquela grande ilusão.

Sempre que Sartre estava em Paris, ele e Beauvoir saíam com Madame Morel e Pierre Guille. Madame Morel tinha carro, e, de vez em quando, ela, Guille e Beauvoir iam a Tours visitar Sartre. Beauvoir gostava muito do belo Guille, sobretudo por Sartre gostar tanto dele.

Guille teve baixa do serviço militar algumas semanas antes de Sartre. Decidiu comemorar fazendo uma viagem de dez dias pela França, visitando parentes e amigos no caminho. Madame Morel ficou feliz de lhe emprestar seu carro, mas ficou em Paris para tomar conta do marido inválido. Guille perguntou a Beauvoir se ela gostaria de ir com ele.

“Uma viagem de carro *de verdade*, a primeira viagem desse tipo que fiz!”[26] Beauvoir também estava empolgadíssima com a idéia de dez dias sozinha com Guille. Então surgiu uma complicação. Dois dias antes do dia marcado para a partida, René Maheu apareceu. Ia ficar 15 dias em Paris, sem a mulher, e planejava passar algum tempo com Beauvoir. Haviam feito as pazes havia meses. Mas agora ela

precisava lhe dar a notícia de que estava prestes a ir viajar com outro homem. Maheu deu um *ultimatum*. Se ela fosse, ele nunca mais tornaria a vê-la. Ela protestou que não poderia desapontar Guille. A escolha era dela, disse Maheu. Os dois foram ao cinema e ela chorou o filme inteiro.

Quando partiu com Guille, ficou animada. Atravessaram as colinas de Morvan, parando para ver algumas paisagens. Em Lyon, Guille passou a noite com amigos, e Beauvoir ficou em casa de primos, que implicaram com ela sem piedade. "Porque eu estava viajando com um homem, eles presumiram que eu deveria conhecer todo tipo de vício, e a grosseria das piadas deles me deixou chocada. Na sobremesa, ofereceram-me o que chamaram de 'noz de Grenoble': era uma noz vazia com uma camisinha dentro."[27]

Era sua primeira vez no sul da França. Adorou a aridez da Provence, as cores, as paisagens de ciprestes vergados por aquele vento violento, o mistral. Em suas memórias, descreve uma noite particularmente aconchegante em Les Baux. Era noite quando ela e Guille chegaram. Ventava muito. Luzes cintilavam no vale.

> Um fogo crepitava na lareira na Reine Jeanne, onde éramos os únicos hóspedes. Jantamos numa mesinha perto da lareira, e bebemos um vinho cujo nome, Le Mas de la Dame, nunca me esqueci.

No fim da vida, Beauvoir admitiu à sua biógrafa ter transado com Guille nessa viagem. Contou a Sartre? "Não precisei. Ele sabia."[28]

O regresso a Paris foi um choque. Após "dez dias da maior intimidade", ela e Guille estavam novamente com Madame Morel e Sartre, e abriu-se um abismo entre eles. Sartre acabara de saber que não conseguira o emprego de professor em Kioto, e estava desapontadíssimo. E houve um desagradável bilhetinho de despedida de René Maheu.

Agora que a aventura japonesa de Sartre gorara, seu futuro imediato estava nas mãos do Ministério da Educação Francês. Em março de

1931, abriu uma vaga para o magistério no Havre. Sartre decidiu aceitar. O Havre pelo menos não era longe de Paris. Então Beauvoir soube que fora designada para uma escola em Marselha. Ficou em pânico. Marselha ficava a 800 quilômetros. Era o exílio.

Ficou tão nervosa que Sartre finalmente sugeriu que se casassem. Assim, seriam designados para a mesma cidade. Era inútil martirizarem-se por um princípio, disse ele. O casamento era mera formalidade legal. A longo prazo, não afetaria seriamente a relação deles.

Beauvoir sabia o que o casamento representava para Sartre. Não desejava tornar-se a esposinha com que ele implicava. Também via que ele estava passando por uma crise. Seu sonho de um posto num lugar exótico fora por água abaixo, deixando-o com a perspectiva de anos pela frente como professor de província. “Entrar para as fileiras dos homens casados significaria uma renúncia ainda maior”, diz Beauvoir. “A mera cautela elementar me impedia escolher um futuro que poderia ser envenenado pelo remorso.”[29] Escolheu um futuro menos convencional. Eles reviram o pacto de dois anos. Desta vez era vitalício.

Naquele verão — Sartre tinha 26 anos, e Beauvoir, 23 — cruzaram a fronteira francesa pela primeira vez na vida.[30] Fernando Gerassi os convidara para hospedar-se com ele em Madri. (Stépha passava uma temporada em Paris com o filhinho.) Sartre pagou as passagens com a herança da avó.

— Estamos na Espanha! — diziam, sem acreditar, passeando pela cidade de Figueres na primeira noite. Perambularam pelas zonas mais pobres de Barcelona, convencidos de que as favelas guardavam a chave da alma da Espanha. Beauvoir consultava o guia com uma minúcia obsessiva; queria ver *tudo*. Sartre, depois de uma manhã de turismo, preferiu ficar sentado num café fumando seu cachimbo, “absorvendo a atmosfera”, como disse.

Beauvoir deu muito valor aos preciosos dias a sós com Sartre. Quando chegaram a Madri, Fernando esperava por eles na estação, e, depois que deixaram as malas no apartamento, levou-os para dar uma volta na cidade. No fim da tarde, Beauvoir estava aos prantos.

“Estava com saudades”, admite, “não tanto de Barcelona quanto por meu *tête-à-tête* particular com Sartre.”[31]

Foram a restaurantes baratos e provaram camarões grelhados, azeitonas pretas e sorvete de pêssego. Iam a cafés onde trabalhadores conversavam animadamente sobre uma revolução iminente, e bebericavam Manzanilla, um xerez seco e claro. No Prado, admiraram os El Greco, discutiram sobre os Goya e não gostaram dos Ticiano. Aos domingos, iam às touradas.

No fim de setembro, foram juntos de trem até Baiona, do outro lado da fronteira francesa. Depois Sartre rumou para o Havre e Beauvoir pegou o expresso de Bordeaux para Marselha.

Parou no alto da escadaria da estação St. Charles e olhou para o panorama abaixo. “Eu estava em Marselha — sozinha, de mãos abanando, isolada do meu passado e de tudo que eu amava. Fiquei olhando para aquela vasta cidade desconhecida onde eu agora tinha que fazer meu próprio caminho, sem ajuda, de um dia para o outro.”[32]

Beauvoir aderiu à sua solidão com o fervor de um jovem monge. Arranjou um quarto razoavelmente perto da escola, o Lycée Montgrand, próximo ao Porto Velho. De manhã, atravessava os portões ornamentados, entrava marchando na sala dos professores sem cumprimentar ninguém e sentava-se num canto com um livro.

Nas horas vagas, dava grandes caminhadas. Em suas memórias, descreve isso como comportamento obsessivo. “Se eu tivesse desistido de uma caminhada sequer, por indiferença ou para satisfazer um mero capricho, se eu tivesse alguma vez me perguntado o porquê daquilo tudo, eu teria destruído todo o edifício cuidadosamente elaborado.”[33] Os passeios exaustivos protegiam-na do “tédio, do arrependimento e de vários tipos de depressão”.

Às quintas-feiras e aos domingos, sempre que não precisava dar aula, saía de casa de madrugada com um vestido velho e alpargatas de lona, com um *Guide Bleu* e um mapa Michelin na mochila, e caminhava até 40 quilômetros por dia. Não considerava aderir a um dos grupos de caminhada da cidade. Nunca comprou sapatos de caminhar decentes. Sozinha, subia colinas íngremes, passeava ao longo de penhascos cor de cobre e descia vales. Colegas mais velhas

alertavam-na de que poderia ser estuprada. Ela não fazia caso dessa "obsessão de solteironas", e continuava a pegar carona em carros que passavam.

Uma tarde quente, vinha por uma estrada de terra, e dois rapazes pararam o carro. Disseram que lhe dariam uma carona até a cidade mais próxima. Andaram um pouco, depois saíram da estrada principal, resmungando algo a respeito de um atalho. Ela percebeu que eles rumavam para o único lugar deserto da área. Quando diminuíram a marcha num cruzamento, ela abriu a porta e ameaçou jogar-se do carro. Eles pararam e deixaram-na ir. Não foi a única ocasião em que conseguiu sair de uma situação difícil na hora H.

Quando sua irmã foi visitá-la em novembro (Sartre pagou-lhe a passagem), Beauvoir levou-a para caminhar pelas montanhas. Poupette ficou cheia de bolhas, mas não ousou reclamar. Numa caminhada famosa, ficou febril. Beauvoir terminou a trilha sozinha, deixando a irmã tiritando horas a fio numa sala de espera lúgubre até um ônibus levá-la de volta para Marselha. Era um princípio de gripe.

Uma colega corajosa tentou furar a carapaça solitária de Beauvoir. Em *Na Força da Idade*, publicado em 1960, Beauvoir a chama de "Madame Tourmelin", mas, fora isso, não tentou disfarçar sua identidade. O nome verdadeiro da mulher era Suzanne Tuffreau.[34] Era uma das professoras de inglês da escola, e com os cabelos castanhos, a tez rosada, os lábios finos e os óculos de aro de tartaruga, para Beauvoir, tinha cara de inglesa. Tinha 35 anos, 12 a mais que Beauvoir, e era louca por Katherine Mansfield — pela obra e pela vida. Beauvoir reparou que Tuffreau não parecia nem de longe tão apaixonada pelo marido, que convalescia de tuberculose numa clínica distante.

Suzanne Tuffreau apresentou Beauvoir aos amigos. Com freqüência faziam refeições juntas, iam a concertos e ao cinema, e, um fim de semana, fizeram uma excursão a Arles. Graças à nova amiga, Beauvoir mudou-se para o quarto em cima do apartamento de Tuffreau — uma acomodação charmosa na elegante avenue du Prado, com um balcão dando para os telhados e os plátanos. Tuffreau ficava insistindo com Beauvoir para deixá-la ir caminhar com ela. Finalmente, Beauvoir consentiu.

> Ela estava toda equipada, com mochila, sapato de pregos e tudo o que devia usar, e tentou me fazer manter o passo de alpinista, que é muito lento e regular. Mas não estávamos nos Alpes, e eu preferia ir no meu ritmo. Ela vinha arfando atrás de mim, e senti certa satisfação maldosa com seu sofrimento (...) Incitada pelo ódio, caminhei cada vez mais depressa, parando de vez em quando para tomar ar à sombra, mas ela se punha a caminho tão logo me alcançava.[35]

A colega corajosa de Beauvoir não se detinha. Uma noite, convidou Beauvoir para jantar num restaurante de peixes famoso. Comeram perca grelhada, beberam grandes quantidades do vinho local, conversaram em inglês: Tuffreau zombou afetuosamente da má pronúncia de Beauvoir. Depois, foram em ziguezague para o Prado. Nem bem puseram os pés no apartamento da mais velha, esta agarrou Beauvoir.

— Vamos, vamos parar com esse fingimento — ofegou, e me beijou com paixão. Depois pôs-se a contar como se apaixonara por mim à primeira vista, e já era tempo de acabar com aquela hipocrisia toda, e será que eu passaria a noite com ela — implorou-me. Fascinada com essa confissão espontânea, só consegui resmungar: — Pense em amanhã de manhã — o que sentiremos então? — Será preciso eu me ajoelhar a seus pés — exclamou com a voz embargada. — Não, não, não! — gritei, e fugi.[36]

Beauvoir partilhava *mesmo* da paixão de Tuffreau por Katherine Mansfield. Naquele ano, leu e releu os diários, a correspondência e os contos, e encontrou uma grande atração romântica no culto de Mansfield da “mulher solitária”.

> Quando almoçávamos no Canebière, no primeiro andar da Brasserie O’Central, ou jantávamos nos fundos da Charley’s Tavern — um lugar tranqüilo e escuro, as paredes revestidas de fotografias de boxeadores —, eu disse a mim mesma que também encarnava essa “mulher solitária”. Senti a mesma coisa quando tomava café debaixo dos plátanos da place de la

> Préfecture, ou me sentava na janela do Café Cintra no Porto Velho.[37]

Pouco antes de morrer, Beauvoir, conversando com sua biógrafa Deirdre Bair, descreveu aquela temporada em Marselha como “o ano mais infeliz de minha vida”. Admitiu sentir-se muito insegura em relação a Sartre:

> Eu não queria deixar Sartre, porque o amava então apaixonada, e intelectualmente, e queria estar com ele. Ela era muito doce e muito inocente, e muitas vezes morria de pena das moças com quem tinha outros relacionamentos. Acho que eu temia que, com seu sentimentalismo natural, ele ficasse bobo por causa do choro de alguma garota idiota.[38]

Ao que parece, enquanto Simone de Beauvoir caminhava por trilhas de montanha, Sartre praticava a arte da sedução. Beauvoir não leu muito naquele ano em Marselha, e, no fim, jogou fora o romance que estava escrevendo, mas quando partiu, sentia-se melhor em relação a si mesma. “A separação e a solidão não destruíram minha paz de espírito”, diz ela em suas memórias. “Eu sabia que agora poderia confiar em mim.”[39]

Notas

1 Diário de Beauvoir, 10 de setembro de 1929.
2 *PL*, p. 73.
3 *PL*, p. 39.
4 Sartre. *The War Diaries, November 1939-Março 1940* [Diário de uma Guerra Estranha], trad. Quintin Hoare (Nova York: Pantheon, 1984), p. 75.
5 Zaza ao pai, 27 de agosto de 1929, em *Zaza*, p. 355.
6 Zaza a S. de B. 28 de agosto de 1929, em *Zaza*, p. 359.
7 Deirdre Bair, *Simone de Beauvoir: A Biography* (Nova York: Simon and Schuster, 1990), p. 147.
8 *MDD*, p. 294.
9 Merleau-Ponty a S. de B., sem data (provavelmente início de 1959), arquivo particular de Sylvie Le Bon de Beauvoir.
10 Em 1928, os pais de Germaine Marron contrataram um detetive para investigar Sartre. Rondavam a Ecole Normale para xeretar. Fosse o que fosse, aparentemente eles não consideraram a descoberta encorajadora.

11 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 152. Em 1958, quando Beauvoir perguntou à mãe de Sartre que também morava em La Rochelle na época, se ela sabia do caso, Mme. Mancy disse que todo mundo na cidade sabia.
12 S de B a S, 6 de janeiro de 1930.
13 S a S de B. sem data, em *Witness,* p. 32.
14 Diário de Beauvoir, 1929-31. Trechos desse diário estão citados no artigo de Margaret A. Simon, "Lesbian Connections: Simone de Beauvoir and Feminism", *Signs* 18 nº 1 (outono de 1992): 148.
15 S de B, Conversas com Jean-Paul Sartre (1974 em *Adieux,* p. 159).
16 *PL.* p. 72-73 (trad. modificada).
17 S de B, *The Second Sex* [*O Segundo Sexo*], trad. H. M. Parshley (Nova York: Knopf, 1953), p. 653.
18 *PL,* p. 70-74.
19 Ibid., p. 47.
20 Ibid., p. 40. Substituí os pseudônimos ficcionais. Mme. Lemaire e Pagniez, pelos nomes verdadeiros, e modifiquei ligeiramente a tradução publicada.
21 *PL,* p. 82.
22 Entrevista de Gerassi com Sartre, 26 de fevereiro de 1971.
23 S a Simone Jollivet, sem data, 1926 em *Witness,* p. 16-17.
24 Beauvoir copiou a carta de Maheu a Sartre, 6 de janeiro de 1930, *Letters to Sartre, 1940-1963* [doravante *Letters to Sartre*], trad. Quintin Hoare (Nova York: Arcade Publishing, 1991), p. 4.
25 *PL,* p. 20
26 Ibid., p. 63.
27 Ibid., p. 65.
28 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 172.
29 *PL,* p. 89.
30 Quando criança, Sartre fora à Suíça com os avós.
31 *PL,* p. 99.
32 Ibid., p. 104.
33 Ibid., p. 109.
34 Arquivos do Lycée Montgrand no Arquivo de Marselha. Suzanne Tuffreau nasceu em 1895, e, portanto, tinha 35 anos quando Beauvoir a conheceu. Casada, lecionava inglês no Lycée Montgrand desde julho de 1927.
35 *PL,* p. 114.
36 Ibid., p. 115.
37 Ibid., p. 119.
38 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 176.
39 *PL,* p. 133. Como a correspondência entre Sartre e Beauvoir durante o período de Marselha se perdeu ou foi destruída (exceto a carta publicada de Sartre, datada de 9 de outubro de 1931), não há provas documentais para sustentar as memórias de Beauvoir.

TRÊS

OLGA KOSAKIEWICZ

Outubro de 1932–Abril de 1937



Sartre já morava no Havre havia 18 meses, e deixava bem claro estar ali de passagem, não em definitivo. Não desgostava do lugar. Era uma bela cidade antiga naquela época (antes que grandes áreas fossem destruídas na guerra), e gostava de sair para dar longas caminhadas nas docas, observando os cafés, bares e bordéis dos marinheiros. Mas se escolheu viver no decadente Hotel Printania foi por que era perto da estação ferroviária. E quando Simone de Beauvoir foi lecionar em Rouen, em outubro de 1932, também arranjou um hotel (igualmente pobre) de onde se ouvia o "tranqüilizador apito dos trens".[1]

A estação era mais uma vez o ponto focal da vida deles. As quintas-feiras eram dias de folga, e tão logo terminavam as aulas ao meio-dia de quarta, um deles faria a viagem de uma hora de trem ou para Rouen ou para o Havre. Aos sábados, ao meio-dia, quando a escola fechava, iam para Paris (hospedando-se ou em casa de Madame Morel ou dividindo um quarto de hotel para passar a noite). Aos domingos à noite, voltavam à Gare Saint-Lazare. Sentindo-se ligeiramente desanimados, cada qual se instalava na cabine de seu trem e metia a cara em seu romance policial. Quando enfiavam a chave na porta dos respectivos quartos de hotel, suas cidades provincianas dormiam.

Os alunos de Sartre no Lycée François I no Havre nunca haviam conhecido alguém como Sartre. Estavam fascinados por aquele homem miúdo e redondo que aparecia na escola vestido com um paletó velho de *tweed* — sem gravata —, sentava-se na mesa, as pernas balançando no ar, e lançava idéias, sem jamais olhar para qualquer nota, como se estivesse conversando com amigos. Não era como os outros adultos. Levava idéias muito a sério, mas não levava nem um pouco a sério sua posição de autoridade. Nunca falhava com os alunos e quase nunca lhes dava notas abaixo da média. Até deixava que fumassem em sala de aula.

Não tinha esnobismo nenhum, e parecia não haver assunto que não lhe interessasse. Era da opinião de que tudo dizia alguma coisa sobre a civilização contemporânea. “Vão bastante ao cinema”, dizia-lhes.[2] Sua voz era metálica mas clara, com uma projeção maravilhosa, e, de certa forma, bastante mesmerizante. Era um imitador brilhante, e tão engraçado e criativo que conseguia fazer rir até nas aulas de filosofia.

Sartre parecia não ligar muito para as coisas que os outros adultos ligavam. Aqueles alunos que chegaram a ver seu quarto de hotel ficaram chocados com sua austeridade espartana. Ele lhes contava que não possuía muita coisa e não se interessava por aquisições materiais. Tinha hábitos de trabalho muito regulares, mas orgulhava-se de conseguir trabalhar em qualquer lugar — num trem, embaixo de uma árvore, em cafés barulhentos.

Parecia não gostar de trabalhar em seu quarto. Na hora do almoço, quase sempre podia ser encontrado no famoso antigo café do Havre, o Guillaume Tell, com suas banquetas de veludo vermelho e suas janelas de vitral. À noite, normalmente estava no Café de la Grande Poste. Jantava uma comida simples — em geral salsichão, *sauerkraut* e um ovo estrelado com uma cerveja —, depois sacava o cachimbo e começava a escrever. Seus alunos sabiam que ele estava trabalhando num romance que continha suas idéias sobre contingência e liberdade. Algumas noites, ele se encontrava com dois ou três deles no café. Fazia perguntas, e eles se viam conversando sobre todo tipo de coisas. Era encorajador, e fazia-os se dar conta de que tinham opções. Às vezes, jogavam pôquer, ou Sartre lhes ensinava músicas obscenas.

Um de seus colegas professores fizera Sartre gostar de boxe, e Sartre encorajava seus alunos a serem seus parceiros de treino. Como gostava de dizer às pessoas: “O fato de que eu era professor deles não os impedia de me dar socos na cara com toda força.”[3]

Colette Audry era colega de Beauvoir no Lycée Jeanne d’Arc em Rouen. Nizan a conhecia de rodas comunistas, e falara carinhosamente dela com Beauvoir. A princípio, Audry não simpatizou com a parisiense animada que foi a ela na sala dos professores e se apresentou. Achou Beauvoir muito burguesa a não ser pela fala acelerada, que não era nada burguesa.[4] Beauvoir passou semanas intimidada com aquela jovem segura que circulava de chapéu de feltro, calças sob medida e casaco de couro, e parecia sempre estar a caminho de uma reunião política. Audry era uma trotskista engajada: Beauvoir não sabia nada de política. Audry decorara seu apartamento com carinho. Beauvoir basicamente acampava em seu quarto do Hotel La Rochefoucauld. Mas em pouco tempo, as duas já estavam almoçando regularmente na Brasserie Paul, e arrematando com uma partida de bilhar russo nos fundos, entre os homens, antes de saírem para preparar as aulas do dia seguinte.

Como mais tarde disse Audry, ela gostava da companhia de Beauvoir, de sua alegria e da ferocidade com que amava ou desprezava as pessoas. Parecia a Audry que a coragem e a determinação de Beauvoir não tinham limites. Beauvoir jogara fora um romance e embarcara bravamente em outro. Audry não tinha dúvidas de que sua amiga um dia seria uma autora publicada.

Quando Sartre ia a Rouen, às vezes saíam os três. “Logo nós três estávamos trocando idéias tão depressa que às vezes eu ficava com a cabeça rodando”, lembra Audry. Beauvoir explicara que ela e Sartre tinham um contrato baseado “na verdade, não na paixão”, mas Audry via a ternura entre eles, bem como as centelhas intelectuais. “A relação deles era de um tipo novo, e eu nunca vira nada parecido. Não posso descrever o que era estar presente quando aqueles dois estavam juntos. Era tão intenso que às vezes deixava quem via triste por não ter aquilo.”[5]

Em suas memórias, Beauvoir diz que Sartre tinha fascinação por Audry, e muitas vezes comentava. Não diz que Sartre e Audry tiveram um caso rápido, e que, durante algum tempo, ela e Audry sentiam muito ciúme uma da outra.[6]

O amigo filósofo de Sartre, Raymond Aron (que o encorajara a entrar na meteorologia), estava passando uma breve temporada em Paris quando apontou para o coquetel de damasco de Sartre e disse: “Vê, meu caro amigo, você é um fenomenologista, é capaz de falar sobre esse coquetel e fazer filosofia com ele!” Aron tinha uma bolsa no Instituto Francês em Berlim, onde estudava “fenomenologia”. Esta escola de pensamento, associada com os filósofos alemães Husserl e Heidegger, sustentava que se podia falar de uma forma concreta sobre qualquer assunto. Sartre, que não queria nada mais do que aplicar a filosofia ao dia-a-dia, ficou empolgadíssimo.

Sartre imediatamente se inscreveu para uma bolsa do Instituto Francês, e a obteve. Quando chegou em Berlim, em setembro de 1933, Hitler era chanceler, suásticas tremulavam nos prédios do governo e os nazistas marchavam pelas ruas. Em maio, fora feita uma enorme fogueira com livros judaicos e comunistas em frente à ópera. Sartre estava apavorado com o nazismo, mas convencido de que não deveria durar muito. Não se interessava muito por política.

Naquele ano, mais uma vez viveu a vida coletiva de que tanto gostara na Ecole Normale. “Tornei a encontrar a irresponsabilidade de minha juventude”, disse mais tarde sobre sua estada em Berlim.[7] Mas também trabalhava muito. Seu horário raramente variava, sete dias por semana. De manhã, de 9 às 13h30, estudava fenomenologia. No meio do dia, tirava algumas horas de folga, caminhava à beira do rio Spree ou explorava a cidade, e escrevia cartas. Das 17h às 21h, trabalhava em seu romance. Estava escrevendo um segundo rascunho.

Os estudiosos franceses estavam alojados numa casa encantadora. À noite, Sartre e os amigos se lançavam na vida noturna de Berlim. Criado por avós alsacianos, Sartre sempre gostara de comida alemã pesada — carne de porco, lingüiças, *sauerkraut* e saborosos bolos de chocolate. E adorava a cerveja alemã.

Quisera arranjar uma namorada alemã, mas viu que não tinha as habilidades lingüísticas. Aprendera alemão na escola e conseguia ler, mas falava mal a língua. “Despojado de minha arma, eu me sentia um idiota e não me atrevia a tentar nada. Tive que recorrer a uma francesa”, escreveu mais tarde. “Que simpatia eu sentia pelo ingênuo comentário que uma vez um húngaro frustrado fez para o Castor: “Se você soubesse como sou espirituoso em húngaro!”[8]

A francesa, Marie Ville, era mulher de um de seus colegas no instituto. Era uma criatura sonhadora com cara de abandonada, tão desligada do mundo real que Sartre a chamava de “mulher da lua”. Gostava de seu amorfismo. Para ele, “as mulheres afogadas”, como as chamava, tinham uma “atração quase mágica”.[9]

O que quer que Jean-André Ville, um matemático, tenha achado do caso da mulher com Sartre, não foi fácil para Beauvoir.[10] “Em fevereiro de 1934, ela conseguiu um atestado médico e passou duas semanas numa Berlim gelada. Só havia passado alguns dias ali quando Colette Audry mandou dizer que a direção da escola estava perguntando por ela. Se descobrissem que, afinal de contas, não estava de cama em casa, corria o risco de ser demitida. Audry insistia para que Beauvoir voltasse. Sartre também. Beauvoir se recusou. “Fiquei trêmula de raiva com a idéia de ser obrigada a fazer quaisquer concessões à prudência, e fiquei onde estava.”[11]

Sartre apresentou suas duas amigas uma à outra. Assegurou a Beauvoir que, embora Marie Ville se sentisse muito íntima, os dois sabiam que a relação deles não tinha futuro. Beauvoir regressou a Paris, e não houve repercussão em sua escola.

Rouen é a cidade onde Flaubert faz Madame Bovary quase enlouquecer de tédio. Simone de Beauvoir também se aborrecia na província. Como diz em suas memórias, tinha 26 anos e nada para distraí-la — “nem marido, nem filhos, nem casa, nenhum refinamento social”.[12] Enquanto isso, Sartre estava todo feliz instalado em Berlim, envolvido com outra mulher.

Nos dias de folga, Beauvoir às vezes passava oito horas trancada no quarto, lendo e escrevendo envolta em fumaça. Com a orientação de Sartre, estava lendo Husserl e fenomenologia. Estudava alemão

com um refugiado alemão que conheceu através de Colette Audry. E escrevia um romance (mais uma vez, parecia que não estava dando certo) que explorava o conflito entre amor e independência.

Nos fins de semana, às vezes ia a Paris ver Pierre Guille, de quem estava de novo íntima. “Eu lhe contava tudo que me acontecia”, diz Beauvoir em suas memórias, “e se precisava de conselho, era a ele que recorria. Confiava muito em seu julgamento, e ele ocupava um lugar importantíssimo em minha vida”. Ele ia esperá-la na Gare Saint-Lazare. Beauvoir presume que, se surgiram rumores em Rouen de que ela era amante de um rico senador, foi por ter sido vista muitas vezes com Guille, que tinha um “porte muito refinado”.[13]

Naquele ano, Beauvoir ficou amiga de uma de suas alunas, uma interna. “A pequena russa”, como a chamavam os outros professores, sentava-se no fundo da classe nas aulas de filosofia de Beauvoir para a turma de bacharelado — pálida, etérea e tristonha, o cabelo louro caído na cara. A princípio, Beauvoir achou-a apática e sem interesse. A garota raramente abria a boca em classe, e os trabalhos que entregava eram tão limitados que Beauvoir tinha problemas para avaliá-los. Ninguém ficou mais surpreso que Beauvoir quando Olga Kosakiewicz entregou um ensaio sobre Kant que foi o melhor da turma.

Olga estava encantada com a nova professora de filosofia que era jovem e bonita, e chegava em sala de aula — diferentemente das outras professoras — maquiada e usando costumes elegantes. Com uma vitalidade fervilhante, *Mademoiselle* de Beauvoir parecia saber tudo, ter lido tudo. E fazia alusões intrigantes sobre sua vida — seu ano em Marselha, suas longas caminhadas solitárias à beira-mar, seu hábito de escrever em cafés. Para a garota de 17 anos, que se sentia horrivelmente presa no internato de Rouen, Beauvoir representava um mundo além daqueles horizontes sufocantes. Parecia exuberantemente livre.

Um dia, após um teste em sala de aula, Olga caiu em prantos. Estava ficando óbvio que a moça era muito tímida, sem confiança nas próprias habilidades. Beauvoir sugeriu que se encontrassem na Brasserie Victor no domingo seguinte. Conversaram muito. Olga era

inteligente e articulada, mas parecia bastante perplexa e perdida na vida. Beauvoir teve certeza de que poderia ajudá-la.

Ajudou, e Olga acabou saindo-se bem no bacharelado, particularmente em filosofia. Antes que se separassem nas férias de verão, as duas passaram muitas noites juntas, jogando xadrez e tênis de mesa, fazendo caminhadas, freqüentando cafés e ouvindo música. Olga não sabia o que queria fazer da vida. Adorava ler, e manejava a língua com facilidade. Beauvoir lhe emprestava livros (Stendhal, Proust e Baudelaire) e encorajava-a a escrever. Olga começou alguns poemas em prosa.

No verão de 1934, Olga voltou para a casa da família em Laigle, uma pequena cidade na Normandia, enquanto Beauvoir passou as férias na Alemanha, depois em Creta, com Sartre.[14] Em sua primeira carta para ela, Beauvoir pedia a Olga que não mais a chamasse de "*Mademoiselle*". "Você já tem muita intimidade comigo para esta palavra continuar sendo adequada." Acrescentou: "Estou profundamente ligada a você, mas não sabia até que ponto até você partir. Sinto sua falta, quase dolorosamente. Não só você é uma das pessoas mais admiráveis que conheço, mas também é uma dessas pessoas que enriquecem a existência de quem a cerca, e que deixam um grande vazio atrás delas."[15] Beauvoir escreveu várias vezes a Olga naquele verão, encorajando-a a aproveitar sua nova independência. ("Pode ser maravilhoso, algumas noites, estar num café de província, uma mulher sozinha, comendo ovos estrelados e ouvindo música ruim. Um dia, você conhecerá esses prazeres. Estou impaciente para que os experimente."[16]) Olga começava a escrever a Beauvoir, depois rasgava as cartas.

"Por que rasgar cartas?", perguntou Beauvoir em agosto. "Quero que saiba que não há uma de suas expressões faciais, um de seus sentimentos e um incidente de sua vida com que eu não me importe. Pode estar certa de que, quando você se senta para comer, há alguém que estaria interessadíssimo em saber que tipo de sopa está comendo. Naturalmente, esse alguém adoraria receber cartas longas e detalhadas."

Já falara sobre ela com Sartre, contou-lhe: "Fiz planos para o novo ano letivo. Vamos ao Havre juntas. Vamos fazer longas caminhadas e vamos nos ver muito."

Em outubro de 1934, Olga alugou um quarto em Rouen e começou sua nova vida. Seus pais convenceram-na a estudar medicina, e, embora ela não tivesse o menor interesse no assunto, ia preparar-se para as provas de admissão. Era imatura em muitos aspectos, mas tinha uma capacidade incomum de ouvir e compreender. Com ela "veio uma nova percepção do mundo", Beauvoir contou a Sartre, "um mundo repensado de uma maneira absolutamente inesperada por uma conscienciazinha original".[17]

Após um ano no estrangeiro — ele chamou este ano de "férias em Berlim" —, Sartre voltava ao Havre, consideravelmente mais gordo. ("Eu estava um verdadeiro pequeno Buda."[18]) Beauvoir há muito tempo não se sentia tão feliz. Sartre, não.

Mais tarde, ele se referiria a esse período de sua vida como "os anos tristes".[19] A excitação de Berlim terminara, e ele voltava à sua velha escola. (Raymond Aron o substituíra enquanto ele estava em Berlim.) Sartre estava dolorosamente consciente da passagem do tempo. Em sua juventude arrogante, registrara no diário: "Quem não for famoso aos 28 anos deve renunciar definitivamente à glória."[20] Agora ele estava com 29 anos, quase 30, e ninguém ouvira falar nele. Paul Nizan publicara um segundo livro, *Antoine Bloyé*, que estava sendo mais elogiado que o primeiro. Sartre escrevia diligentemente havia anos, e tudo o que tinha para mostrar era um romance que circulara em vão pelas editoras, e dois rascunhos de um segundo romance que Beauvoir, Guille e Madame Morel concordavam que ainda não estava direito.

Beauvoir achou uma boa idéia Sartre escrever um romance filosófico, mas, até aquele momento, a escrita de Sartre era muito simbólica, seca e tediosa. Será que ele não podia transmitir suas idéias escrevendo uma história como as histórias policiais de que tanto gostava e retratavam a vida real? Sartre finalmente entendeu o que estava fazendo de errado. No terceiro rascunho, colocaria o romance no Havre, e basearia o personagem principal, Antoine Roquentin, nele mesmo.

Tentou reacender o romance com Marie Ville, que estava de volta a Paris com o marido, mas ela não queria mais saber dele.

Agora achava que Sartre tornara sua vida desnecessariamente difícil em Berlim.[21] Sartre sentia-se frustrado com sua escrita e frustrado com sua vida, incluindo sua relação com Beauvoir. Gostava de pensar que ela sentia a mesma coisa:

> Estávamos cansados daquela vida virtuosa e conscienciosa que estávamos levando, cansados do que então chamávamos de o "construído". Pois havíamos "construído" nossas relações com base na sinceridade total e na completa dedicação mútua; e sacrificaríamos nossos impulsos, e qualquer confusão que pudéssemos ter, àquele amor *dirigido* permanente que havíamos construído. No fundo, a nossa nostalgia era por uma vida desregrada.[22]

Uma tarde de novembro de 1934, estavam sentados na varanda do Les Mouettes, seu café predileto da orla no Havre. O mar estava verde-escuro e batido. Gaivotas rondavam e guinchavam. Sartre começou a se queixar da monotonia de sua vida. O que acontecera com a irresponsabilidade alegre de seu tempo de estudante? Para onde haviam ido seus sonhos? Esta não era a vida do grande homem que ele previra. Ainda não escrevera nada de bom. O que era ele? Um professor secundário de província! Gostava de lecionar e gostava de seus alunos, mas desprezava instituições, diretores de escola, mestres, colegas e pais. Gostassem ou não, disse a Beauvoir, eles eram prisioneiros do mundo burguês. Lecionavam 14 horas por semana, viajavam para fora todos os verões e suas pensões eram garantidas pelo Estado. Tinham quase trinta anos, e seus caminhos estavam preordenados. Seria melhor estarem casados. Que aventuras poderiam estar por vir? Beauvoir logo estava aos prantos.[23]

Sartre deixara o romance de lado para terminar um ensaio filosófico sobre "A Imaginação", encomendado por uma editora acadêmica. O tema fez Sartre se perguntar sobre o papel da alucinação e dos sonhos. Conversou com Daniel Lagache, um amigo da Ecole Normale que se especializara em psiquiatria. Lagache sugeriu que Sartre tomasse mescalina, uma droga alucinógena, para ver por si mesmo como era uma alucinação. Talvez fosse

ligeiramente desagradável, alertou Lagache, mas o efeito passaria em poucas horas.

Em fevereiro de 1935, Sartre foi para o Hospital Sainte-Anne em Paris para tomar uma injeção de mescalina. Passou várias horas em observação num quarto na penumbra. Não alucinou da forma tranqüila que teria apreciado; em vez disso, os objetos corriqueiros assumiam formas grotescas para ele. O relógio virou uma coruja, seu guarda-chuva virou um abutre, e, no canto de seu olho, fervilhavam siris e pólipos. Beauvoir esperou por ele no apartamento de Madame Morel no Boulevard Raspail. Quando Sartre apareceu naquela tarde, seus amigos ficaram chocados de ver que ele estava diferente. Falava com uma voz monocórdia e monótona e olhava fixamente ou para o fio do telefone ou para os sapatos de crocodilo de Beauvoir.

Durante semanas, Sartre não parecia interessado em nada. Um fim de semana, Colette Audry acompanhou Beauvoir ao Havre. “Conversamos na beira da praia, coletando estrelas-do-mar”, lembra Beauvoir. “Sartre parecia não ter idéia do que Colette e eu — ou de fato ele mesmo — estávamos fazendo ali.”[24] Em Paris, foram a uma exposição das pinturas de Fernando Gerassi, e Sartre passou o dia inteiro atirado num canto, a cara inexpressiva. Finalmente, admitiu estar combatendo uma séria depressão. Ainda tinha visões aberrantes. Casas tinham caras lúbricas. Lagostas corriam atrás dele. Beauvoir, acostumada com a insistência de Sartre de que a mente controlava o corpo, estava impaciente. “Sua única loucura é acreditar que está louco”, disse-lhe.[25]

Um médico aconselhou Sartre a evitar ficar sozinho. Ele parecia muito melhor acompanhado. Conhecia Beauvoir muito bem para se incomodar, mas com os amigos, particularmente com gente mais jovem, esforçava-se realmente para ser divertido, e esquecia-se temporariamente de suas neuroses.

No Havre, os amigos de Sartre eram um punhado de alunos do bacharelado. Um de seus preferidos era Jacques-Laurent Bost, um rapaz encantador que era o caçula de dez filhos de uma conhecida família protestante. Seu pai era o capelão da escola. Seu irmão mais velho, Pierre, romancista e dramaturgo, trabalhava como leitor para a Gallimard. O belo Jacques-Laurent, o predileto da mãe, era conhecido por todos como “Pequeno Bost”.

Em Rouen, Sartre começou a sair com Olga Kosakiewicz. Gostavam de estar juntos, e isso era bom para todos. Sartre sentia-se revigorado na presença de Olga, Beauvoir ficava aliviada de ver Sartre mais alegre e Olga gostava de sentir que precisavam dela.

Antes de conhecer Sartre pessoalmente, Olga ouvira falar da lenda. Beauvoir falara sobre ele e o casal que eles formavam. Sartre sabia disso. Como disse mais tarde, sua relação com Beauvoir parecia "fascinante" e "esmagadoramente poderosa" para quem os cercava. "Ninguém podia amar um de nós sem ser presa de um ciúme violento — que poderia terminar virando uma atração irresistível — do outro, antes mesmo de conhecer o outro, com base em meros relatos."[26]

O homem que Olga conheceu estava no auge da sedução. Suas alucinações com lagostas lhe davam uma aura poética. Olga gostava da idéia de artistas excêntricos e loucura boêmia. Isso vinha com a tristeza da alma russa a que ela dava tanta importância. Sartre era também engraçadíssimo. Às vezes, eles representavam pequenas cenas juntos: uma inglesa solitária encontrando um famoso aventureiro no meio do deserto e assim por diante. Ele passava horas escutando-a, encorajando-a e oferecendo-se para ajudá-la. "Sartre tinha algo de cavaleiro medieval", disse Olga mais tarde. "Era muito romântico."[27]

Naquele verão, Sartre e Beauvoir foram caminhar na região do Tarn, ao norte de Montpelier. Lagostas acompanhavam Sartre pelas trilhas das montanhas. Pior, ele descobriu que estava perdendo cabelo. "Quando vi isso — ou antes, quando o Castor viu e deu um grito no Trou des Bozouls — foi um desastre simbólico para mim (...) Passei séculos massageando a cabeça na frente de espelhos: ficar calvo tornou-se o sinal tangível de meu envelhecimento."[28]

As lagostas abriram caminho para a Pequena Russa. Durante dois anos, da primavera de 1935 à primavera de 1937, Sartre esteve completamente obcecado. Como disse, "sua melancolia estranha (...) virou loucura".[29]

Quem era essa jovem, Olga Kosakiewicz, que conseguiu fascinar primeiro Beauvoir e depois Sartre? Seu pai era um aristocrata russo, um oficial do tsar. Sua mãe, que era francesa, fora

para Kiev ser governanta de uma família de aristocratas, e acabou casando-se com um dos filhos. Olga nasceu em Kiev em 6 de novembro de 1915.[30] Sua irmã, Wanda, nasceu em 1917, ano da Revolução Russa. Logo depois, a família Kosakiewicz aderiu ao êxodo dos nobres e dissidentes russos para a França.

Victor Kosakiewicz comprou uma serraria em Laigle. O negócio não andou bem. As meninas cresceram ouvindo histórias românticas sobre o país mágico onde ainda estariam morando, não fora pelos comunistas malvados. Sentiam-se exóticas na França, e superiores.

Desde setembro de 1934, quando alugou um quarto na cidade, Olga e Beauvoir passavam o tempo livre juntas. Em suas memórias, Beauvoir atribui a intensidade do relacionamento ao ambiente provinciano em que se atrapalhavam. “Seus sentimentos em relação a mim logo chegaram a uma intensidade ardente”, diz ela de Olga.[31] O fato é que os dela também eram fortes. “Atualmente, só há duas pessoas no mundo que contam em minha vida”, disse a Olga, “e você é uma delas.”[32]

Levava a garota ao teatro e ao cinema. Compartilhavam grandes quantidades de aguardente de cereja no quarto uma da outra. “Uma noite, bebemos tanto daquilo que Olga, depois de me deixar, rolou a escada e dormiu ali embaixo até um dos outros inquilinos acordá-la com um chute”, conta Beauvoir em suas memórias.[33] Elas às vezes iam dançar em bares e Olga, uma excelente dançarina, tentava ensinar a Beauvoir.

Beauvoir descreveria essas noites de forma ficcional em seu primeiro romance publicado, *A Convidada*; não há nada que Xavière, a garota exibicionista, goste mais do que de dançar. “Ela não desgostava que as tomassem por lésbicas quando entravam num lugar público: era o tipo de comportamento chocante que a divertia.” Françoise, a personagem de Beauvoir, medita. Xavière logo a leva para a pista de dança.

> Ela sem dúvida gostava de chamar a atenção e estava abraçando Françoise com mais força do que o normal, sorrindo para ela com uma faceirice flagrante. Françoise retribuiu seu sorriso. Dançar deixava-a meio tonta. Sentia os belos seios quentes de Xavière colados nela, inspirava seu hálito doce. Seria isso

desejo? Mas o que desejava? Colar seus lábios nos dela? Deixar-se estar em seus braços?

Em julho de 1935, Olga não passou nos exames preliminares para medicina, e seus pais decidiram que ela teria que voltar para casa. Foi então que Sartre fez uma sugestão a Beauvoir. Por que não assumiam Olga? Ela não estava interessada em medicina, mas parecia ter talento para filosofia. Com seus dois salários, eles podiam sustentá-la. Sendo a moça menor, só precisavam do consentimento de seus pais. Beauvoir, ao que parece, não sentiu o perigo à frente. “Eu lhe ajudaria a estudar bem”, prometeu a Olga. “Que ano interessante você poderia ter.”

Beauvoir foi a Laigle falar com os pais de Olga. Disse-lhes que Olga era inteligente, e que pensava poder ajudá-la. Olga não se dava o devido valor, disse Beauvoir, e não tinha motivação.[34] Mas se fizesse algo que gostasse, seguramente se daria bem.

Marthe e Victor Kosakiewicz foram sinceros a respeito de suas preocupações. Não sabiam o que fazer com Olga. Ela nunca trabalhava. Nada a interessava. Quando tentavam conversar com ela sobre o futuro, encontravam total indiferença. Olga passara o verão sonhando, disseram. Ficava cantarolando sozinha, depois passava uns minutos dançando. Lia um pouco, mas só por breves arrancadas. Jogava tênis e dava longas caminhadas. Pelo menos — e estavam agradecidos por isso — suas explosões violentas eram menos freqüentes que no ano anterior. Acharam que talvez *Mademoiselle* de Beauvoir estivesse certa: ela era a única pessoa que poderia dar a Olga uma noção de objetivo. Se Beauvoir tinha meios de sustentar Olga, eles estavam profundamente gratos. “Não entendo como, aos vinte anos, ela pode aceitar o belo presente que deseja lhe oferecer”, disse Marthe Kosakiewicz em carta a Beauvoir. “Eu gostaria que ela mostrasse mais independência.”[35]

Beauvoir mudara-se para o Hôtel du Petit Mouton, um hotel encantador com vigas de madeira aparentes, janelas de vidro plúmbeo e mobília desconjuntada mas alegre. Em outubro de 1935, alugou um quarto ali para Olga. Ela e Sartre compraram uma estante de livros de filosofia para ela. Juntos, programaram seu dia.

Era o começo do “triângulo amoroso”. As relações deles de repente estavam colocadas num pé completamente diferente. Beauvoir originalmente havia sido professora de Olga, depois ficaram amigas, e, por volta dessa época, tornaram-se amantes ocasionais. Sartre também andara cortejando Olga, e agora também passara a ser seu professor. Olga dependia financeiramente dos dois. Seu sentimento por eles era um misto de gratidão, reverência, desafio e ressentimento. Figuras representando autoridade sempre fizeram aflorar a rebelde que havia nela.

A princípio, diz Beauvoir, o triângulo tinha um brilho mágico:

> Os entusiasmos de Olga varriam nossa poeira provinciana com uma vingança: Rouen começava a ter um aspecto cintilante, iridescente. Ela nos abria a porta com muita cerimônia, nos oferecia chá de jasmim e sanduíches feitos segundo uma receita sua, e nos contava histórias sobre sua infância e o interior da Grécia no verão. Nós, por nossa vez, contávamos-lhe nossas viagens, e Sartre esgotava todo seu repertório de canções. Fazíamos peças e, em geral, nos comportávamos como se tivéssemos de novo vinte anos.[36]

Em termos dos estudos de Olga, Sartre e Beauvoir foram bastante irrealistas. Esperavam que ela estudasse isolada, sem colegas nem a estrutura de apoio da vida universitária. Mas Olga não tinha motivação na melhor época. Beauvoir conhecia os limites de Olga, e interrompia suas aulas após uma hora e meia. As palestras de Sartre, porém, estendiam-se, e, depois de três horas, Olga começava a cochilar. Sartre a repreendia. O único resultado das repreensões era paralisar Olga. Ela estudava cada vez menos. Depois de alguns meses, Sartre e Beauvoir foram forçados a abandonar seu plano.

Continuavam a sustentá-la financeiramente. Daí em diante, Olga passava o tempo dormindo, ouvindo música, dançando, preocupando-se com o futuro e tentando se conduzir através dos papéis incrivelmente contraditórios — amiga, amante, musa e protegida — a ela impostos por duas pessoas mais velhas e de personalidade muito mais forte.

Anos depois, em uma das raras ocasiões em que aceitou conceder uma entrevista, Olga Kosakiewicz comentou que ela, sua irmã Wanda e Jacques-Laurent Bost estavam dominados por seus dois mentores extraordinários. “Estávamos todos como serpentes, mesmerizados”, disse. “Fazíamos o que eles queriam porque, acontecesse o que acontecesse, estávamos muito empolgados com a atenção deles, éramos muito privilegiados por tê-la.”[37]

Colette Audry acompanhava de longe. “Eu via o suficiente para saber que aquilo foi uma experiência terrível para Olga”, recorda. “A pobre moça era muito jovem para saber se defender verdadeiramente.”[38]

Nessa época, Sartre entendia “autenticidade” como espontaneidade pura e irrefletida — a capacidade de ser apanhado inteiramente num sentimento imediato. Com base nisso, chegou à conclusão de que não era autêntico. “Com tudo o que sinto, antes de sentir verdadeiramente, sei que estou sentindo”, registrou em seu caderno. “Então, envolvido como estou em definir quem sou, já não faço mais que sentir pela metade (...) Eu engano: pareço uma pessoa sensível, mas sou árido (...) Eu sei — e muitas vezes isso me cansa.”[39] Ele achava que essa era a fonte de sua atração por “mulheres afogadas” — mulheres hesitantes e trêmulas que sentiam intensamente e não conseguiam articular seus sentimentos.

Para Sartre, Olga representava a autenticidade radical. Ele filosofava sobre a liberdade; Olga *era* a liberdade. Ele vivia analisando seu comportamento; ela era varrida por pensamentos puros e violentos. Enquanto ele se projetava para o futuro, ela vivia no presente. Ela se recusava a fazer planos e desprezava rotinas, responsabilidades e obrigações sociais. Os hábitos de trabalho metódicos de Sartre e Beauvoir horrorizavam-na. Olga passava três horas feliz da vida lavando o cabelo com gemas de ovo. Sua força de vontade, tal como era, quase sempre assumia a forma de recusas. Ela se recusava a dormir, e passava a noite tomando chá para se manter acordada, ou se recusava a comer, dizendo que não queria engordar. Sua saúde, sua dieta e seu corpo eram preocupações maiores.

O narcisismo de Olga fascinava Sartre. Às vezes, ele sentia um violento desejo de *ser* ela, de "sentir de dentro aqueles longos braços esguios."[40] Via o próprio corpo através dos olhos dela. A primeira vez que voltou de Berlim, Guille brincara com ele por causa da barriga. Na época, Sartre achara graça nisso. Já não achava mais. Olga tinha horror a gente gorda. Sartre estava dolorosamente cônscio de sua calvície incipiente.

"Eu a coloquei num pedestal tão alto (...) que, pela primeira vez na vida, senti-me humilde e desarmado diante de alguém", disse Sartre mais tarde. Abandonou o nacionalismo extremo e encaminhou-se avidamente para a paixão. "Entrei num mundo mais negro porém menos insípido."[41]

Com o passar do tempo, Beauvoir foi se sentindo cada vez mais sufocada pelo triângulo. A paixão de Berlim de Sartre, pelo menos, fora longe de seus olhos. Com Olga, Sartre "experimentava sentimentos de alarme, frenesi e êxtase", e confiava todos os seus altos e baixos a Beauvoir. Ela diz: "A agonia que isso provocava em mim ia muito além do mero ciúme."[42]

Sartre estava decidido a suplantá-la na vida de Olga, e Beauvoir convenceu-se de que seria melhor deixar. Não podia suportar nenhuma desavença entre ela e Sartre. Tentava ver as coisas pelos olhos dele, mas logo percebeu que ela e Sartre simplesmente não viam as coisas do mesmo modo. Enquanto ela não se enganava com o comportamento infantil de Olga, Sartre levava a sério todos os caprichos da garota. Durante dois anos, houve brigas e reconciliações, com Beauvoir na inevitável posição de evitar tomar partido. Se ficasse do lado de Olga, Sartre se enfurecia. Se ficasse do lado de Sartre, Olga passava dias de cara amarrada.

Havia momentos em que Sartre parecia um completo estranho para ela. Beauvoir tentava se consolar com a idéia de que a relação dele com Olga era uma miragem, como as lagostas. Mas, se assim fosse, o que isso dizia sobre sua própria relação com ele? "Às vezes, eu me perguntava se minha felicidade toda não se baseava numa mentira gigantesca."[43]

Nos anos seguintes, Sartre e Beauvoir fariam retratos ficcionais da garota. No romance de Sartre *A Idade da Razão*, Mathieu Delarue é um professor de filosofia de 34 anos em Paris. Está ficando calvo, tem barriga e vive dizendo a si mesmo desgostoso: “Estou ficando velho.” Já namora Marcelle há sete anos. Ela é “sua camarada, sua testemunha, sua conselheira e sua crítica”, e eles têm um pacto de contar tudo um para o outro. Mas Mathieu está apaixonado por Ivich, uma jovem frágil e loura, filha de um aristocrata russo. E o cabelo dela recende a gema de ovo.

Mathieu vive analisando os outros. Nunca pode perder o autocontrole. Já faz muito tempo que se descontrolou enquanto fazia amor com Marcelle. Ela lhe diz que sua maneira de pensar tem algo de ligeiramente estéril. “Tudo é tão arrumado em sua cabeça. Recende a roupa limpa: é como se você tivesse acabado de sair de uma lavanderia.”

Ivich é emotiva e imprevisível. Mathieu deseja saber como é o mundo na cabeça dela. “Se eu pudesse ter um desejo satisfeito”, diz-lhe, “seria que você seria compelida a pensar alto”.

Ele está apavorado com o julgamento dela. “Você me olhava acima da testa, bem na linha do cabelo”, diz-lhe. “Sempre me afligi por estar ficando careca (...) Eu achava que você notaria uma área mais rala e não conseguiria parar de olhar para ali.” Quando ela olha para outro homem, ele se rói de ciúmes. Diz a si mesmo que não conseguiria suportar a vida sem ela.

Beauvoir admite livremente que seu romance *A Convidada* está muito próximo da realidade. Apesar das elaborações ficcionais menores, o romance, com seu rico uso de diálogos, faz um retrato bem mais eloqüente da experiência vivida pelo triângulo do que se pode ver nas memórias de Beauvoir.

Pierre e Françoise, intelectuais mergulhados no mundo teatral de Paris, têm relações abertas, e contam tudo um ao outro. No início do romance, Pierre se diz cansado de todos os seus casos que não dão em nada. “Com exceção da minha relação com você, tudo em mim é frívolo e um desperdício”, diz a Françoise.

> — Já não gosto desses casos — disse Pierre. — Não é como se eu fosse um grande sensualista. Eu nem tenho essa desculpa! — Olhou para Françoise meio sem jeito. — A verdade é que me excito com os estágios iniciais.

A jovem amiga de Françoise, Xavière, está prestes a voltar, a contragosto, para sua família em Rouen. Pierre sugere a Françoise que eles "a tenham sob controle". Eles formam um triângulo. Logo as neuroses de Pierre se manifestam.

> — É ridículo demais — disse ele. — Realmente aquela diabinha me deixa constrangido, com aquela filosofia que não nos dá a menor importância. Me parece que se conseguisse fazê-la me amar, eu ficaria seguro de mim como eu era antes (...) Fazê-la me amar seria dominá-la, entrar no mundo dela e conquistar de acordo com seus próprios valores. — Sorriu. — Sabe que a necessidade desse tipo de vitória é uma loucura que eu tenho! — Eu sei — disse Françoise.

O único desvio radical da realidade no romance é o final. Françoise vai até o fogareiro a gás no quarto de Xavière — Xavière está indo dormir — e liga o gás de mansinho. É tão psicologicamente inconvincente esse assassinato que estraga completamente o romance. Mas mostra a necessidade de Beauvoir de se livrar da rival. Por incrível que pareça, dedicou o livro a Olga Kosakiewicz.

Entre seus vários jogos criativos, Sartre e Beauvoir costumavam invocar um personagem que chamavam de Petit Crâne — Cabecinha —, um homem bonito e direito, mais de ação que de palavras, que pensava pouco e falava pouco, e, em vez de ambição, tinha pequenas obsessões. Quando o Pequeno Bost entrou para a roda deles, eles brincaram que Cabecinha havia se materializado na vida real. "Leve como é a presença daquele rapaz, sente-se algo como um vazio quando ele sai", observou Sartre a Beauvoir.[44]

O Pequeno Bost era alto, com um cabelo preto retinto que lhe caía no rosto, olhos verdes emoldurados por longas pestanas e um

sorriso fascinante. Nunca tentava aparecer e não gostava de falar de si. Sartre e Beauvoir atribuíam sua reticência e sua integridade à sua criação huguenote protestante. Ele não tinha uma mente original, e vivia receando dizer asneiras. Mas achava que gostaria de ser escritor, como Sartre, a quem idolatrava.

Em outubro de 1935, Marc Zuorro conseguiu um cargo de professor em Rouen e entrou para a roda deles. Era amigo de Pierre Guille e Madame Morel, e já havia muitos anos Sartre e Beauvoir o encontravam em Paris. Zuorro também era um belo homem. Tinha uma bela voz e a firme convicção de que um dia seria um cantor de ópera famoso. De sua posição superior futura, ele desprezava o mundo, zombando de todos, inclusive de Sartre e de Beauvoir, que pareciam tolerar a mediocridade reinante. “Apesar disso, ele fingia tratar os amigos com a maior consideração”, diz Beauvoir. “Nos divertíamos com seu gosto pela intriga, suas indiscrições e sua paixão pelo escândalo.”[45]

Alertou Olga: “O belo Zuorro (...) seguramente tentará prendê-la nas redes de suas intriguinhas sujas.”[46] De fato, Zuorro logo aumentou o clima de tensão e ciúme que crescia, como uma moita de silva, em volta do triângulo. Mudou-se para o Hôtel du Petit Mouton e ficou amigo de Olga. Zuorro podia ver que Sartre estava interessado nela, muito mais do que dizia em público. A rivalidade atiçou Zuorro. Ele punha seus discos clássicos para Olga ouvir. Na rua, cantava árias de óperas. As histórias que contava a ela eram ainda mais extravagantes que as de Sartre.

Sartre observava os dois saindo para algum lugar de braço dado e ficava enciumadíssimo. Beauvoir fazia de tudo para acalmá-lo.

Sartre e Beauvoir insistiam, todos os anos, em pleitear um cargo docente em Paris. Beauvoir, sabendo que o fato de viver em hotéis e freqüentar os bares decadentes de Rouen com uma ex-aluna não aumentava suas chances, ficou espantada quando, no início do verão de 1936, ofereceram-lhe uma colocação no Lycée Molière, uma escola de meninas no elegante décimo sexto *arrondissement* de Paris. Sartre também foi promovido, mas para uma escola em Lyon. Decidiu recusar o posto por um menos prestigioso em Laon, a uma

hora de Paris por trem rápido. Calculava que aceitar o emprego mais modesto lhe daria mais chance de ser considerado para um cargo em Paris no ano seguinte.

Beauvoir mudou-se para o Hotel Royal Bretagne na rue de la Gaîté, perto da estação de Montparnasse. Zuorro, que também conseguira um emprego em Paris, instalou-se num hotel mais caro na rue Delambre, ali perto. O Pequeno Bost ia estudar filosofia na Sorbonne, e morava a dez minutos dali, no apartamento do irmão Pierre, na place Saint-Germain-des-Prés.

Sartre insistiu para que Beauvoir levasse "a filha dos cossacos" para Paris.[47] Beauvoir tinha esperança de que os pais de Olga a fizessem voltar para Laigle. Mas Olga tinha quase 21 anos e estava ansiosa para mudar-se para a cidade grande. Beauvoir alugou um quartinho para ela no Royal Bretagne, e Olga arranjou um emprego de meio expediente como garçonete. Sartre passava todas as suas folgas em Paris. Ele e Olga muitas vezes passavam a noite inteira juntos, passeando pelas ruas de Paris até o dia raiar.

Chamavam-se de "a Família". Como na maioria das famílias, na deles, as tensões e as rivalidades eram comuns.

A obsessão de Sartre com Olga era devastadora para seu ego. Ela lhe dizia repetidamente que não estava apaixonada por ele. Raramente deixava que ele a tocasse. Durante mais de dois anos, ele esperara pacientemente, fazendo tentativas hesitantes para seduzi-la. Às vezes, quando ela estava com as defesas baixas, conseguia beijá-la. Mas Olga nunca dormiu com ele.

Em Rouen, Zuorro exibira para todo mundo a corte que fazia a Olga. Em Paris, finalmente percebeu que era homossexual. Sempre gostara de Bost. Agora declarava que Bost era sua paixão eterna.

Bost ficou constrangido — esta não era uma paixão a que ele correspondesse — e começou a se esconder de Zuorro. Olga naquela época se escondia de Sartre. Bost e Olga sempre desconfiaram um pouco um do outro. Uma das coisas que os distanciava era a admiração indiscriminada de Bost por Sartre. Mas agora as coisas tomavam um rumo diferente.

Uma noite, Zuorro olhou pelo buraco da fechadura do quarto de Olga no Royal Bretagne e viu exatamente o que temia. Olga e Bost abraçados. No Natal, Zuorro acompanhou Sartre e Beauvoir à estação de esqui de Chamonix. Os três dividiram um quarto de hotel ("um lugar lúgubre e despido com três camas"), e Zuorro chorava alto até adormecer.[48] Naquelas férias, Sartre até derramou algumas lágrimas.[49]

Nos meses seguintes, Zuorro circulava esbravejando e soluçando, depois habituou-se a rondar por Montparnasse com um revólver no bolso.[50] Sartre nunca sentiu um ciúme tão feroz. Nunca divulgara seus reais sentimentos por Olga. Agora, agia como se não ligasse. Até encorajava Bost. Com Beauvoir, esbravejava e se desesperava.

O que piorou as coisas, e muito, foi que a Gallimard rejeitou o romance de Sartre *Melancholia* (o futuro *A Náusea*). Já trabalhava nesse livro havia quatro anos, e apostara tudo nele. Com o estímulo e os conselhos de Beauvoir, refizera-o de fio a pavio três vezes. Ela estava convencida de que agora era um romance de primeira. Sartre ficou desolado.

Em fevereiro de 1937, Beauvoir não sabia mais o que fazer. Estava trabalhando muito — na escola quase todos os dias às oito e meia da manhã, e, nas folgas, tentando terminar uma coleção de novelas — e sentia um cansaço estranho. Uma noite, estava tomando uma bebida com Bost no café Sélect, em Montparnasse, quando sentiu um calafrio. Passou os dias seguintes de cama, transpirando e com fortes dores. Sentia-se dia a dia mais fraca. Seu médico finalmente se assustou. Ela foi levada de ambulância para um hospital em Saint-Cloud, na periferia de Paris.

Era uma pneumonia gravíssima. Um de seus pulmões estava destruído e o outro, comprometido. Se o pulmão bom falhasse, ela morreria. Durante semanas, Beauvoir flutuava entre a consciência e a inconsciência, aliviada de estar deitada em lençóis limpos, com enfermeiras para tomar conta dela, longe das crises diárias do triângulo.

Sua mãe a visitava todas as manhãs. Olga e Madame Morel iam à tarde. Quando Sartre estava em Paris, ia vê-la diariamente. Sua

ternura e sua solicitude tranqüilizavam-na. Mas ele continuava preocupado. “Era o último estágio de minha paixão por O”, disse depois. “Eu estava nervoso e indócil, todos os dias esperava a hora de vê-la de novo — e para além daquela hora, por uma reconciliação impossível. O futuro de todos aqueles momentos passados à espera do trem na estação em St. Cloud era aquele amor impossível.”[51]

Seu médico queria mandá-la para um sanatório. Ela queria convalescer em Paris. O médico concordou com relutância. Sartre mudou-a para um hotel mais confortável, onde Zuorro morava, na rue Delambre. Durante as férias de Páscoa, quando Sartre estava em Paris, levava todos os dias almoço da Coupole para Beauvoir, tomando muito cuidado para não derrubá-lo no caminho.[52]

Naquela Páscoa, em 1937, a irmã de Olga, Wanda, foi passar uns dias em Paris. Embelezara desde que Sartre a conhecera num cabaré em Rouen. Enquanto Olga era delicada e graciosa, Wanda era rechonchuda e atraente. Mas tinha um rosto perfeito. Diferentemente da irmã, Wanda mal conseguia se expressar. “Era patológico”, disse numa entrevista anos mais tarde. “Eu não conseguia falar, e, com Sartre, não conseguia de jeito nenhum.”[53] Ela era uma adolescente da província, explicou na entrevista, e aquela era Paris, a capital intimidante, e lá estava Sartre, igualmente intimidante, falando sem parar. Ela se sentia completamente sem pé.

Um dia, Olga estava cuidando de Beauvoir, e Sartre sugeriu a Wanda levá-la para conhecer Montmartre. Ela era uma andarilha, capaz de caminhar quilômetros feliz da vida, mas, naquele dia, Sartre esgotou-a.[54] Levou-a a seu lugar preferido, Le Café Rouge. A certa altura, sugeriu que representassem papéis. Ela seria a mãe dele, ele seria sua filha. “Fiquei chocadíssima”, recorda Wanda.

A lembrança daquela tarde ainda fazia Wanda estremecer aos 56 anos. Voltando para casa, no banco traseiro de um táxi, Sartre passou o braço em volta de seus ombros, puxou-a e deu-lhe um beijo na boca. Wanda, uma virgem de 21 anos, ficou apavorada.[55]

Wanda passou o resto das férias apavorada de topar com Sartre na rua. Escondeu-se no quarto de hotel da irmã, recusando-se a sair. Olga, que naquela época estava amargurada por causa do

comportamento manipulador de Sartre, ficou furiosa pela irmã. Depois que Wanda regressou a Laigle, Olga interpelou-o sobre isso.

Ele escreveu-lhe dizendo que nunca teve intenção de seduzi-la e que nunca imaginou que ela o amasse. Quanto ao futuro dela, ele não pretendia mais vê-la, nem à irmã.

Com seu pulmão destruído, Beauvoir ficou um semestre inteiro sem lecionar. Passou semanas de cama. Sartre escrevia-lhe cartas ternas. “Está se sentindo bem, há rosas em suas bochechas?”, perguntava. “Não esqueça de caminhar um pouquinho em volta da poltrona. E depois de ter feito uma boa viagem ao redor, sente-se nela.”

Foram Zuorro e Bost que a levaram para sair pela primeira vez. “Eles me levaram para caminhar até os Jardins do Luxemburgo, me amparando cada um de um lado”, conta Beauvoir. “O ar puro e o sol eram quase esmagadores, e eu mal conseguia manter o equilíbrio.”[56]

Ela ainda estava fraca e magra em meados de abril, quando pegou o trem para ir para o sul por ordens médicas, para convalescer num clima mais quente. Na pequena cidade provençal de Bornes-les-Mimosas, ela comia muito e ficava deitada ao sol lendo contos de Faulkner. Alguns dias depois, desafiando as ordens estritas do médico, pôs a mochila nas costas e saiu para caminhar. Sartre insistiu para que ela não se cansasse. “Coma bem, meu Castor, dê as costas para o mar, caminhe 3 quilometrozinhos, depois sente-se.”

De Laon, Sartre estava cortejando Wanda com determinação, apesar de seus protestos em contrário. Todos os dias, trabalhava em seus contos, depois passava de uma a três horas escrevendo para a “Kosakiewicz menor”. Quase no fim de abril, contou a Beauvoir que recebera duas cartas em sua caixa de correio naquela tarde.

> A sua era muito curta, meu querido Castor, mas tão cheia de alegria que foi um prazer ler. A de Wanda era longa (mais ou menos como a anterior) e muito interessante. Aquela moça parece ter uma inteligência preguiçosa porém considerável, porque cada uma de suas cartas revela um progresso em relação às anteriores. Vou mandá-la para você assim que a tiver respondido.

Anos depois, Sartre contou ao biógrafo John Gerassi (filho de Fernando e Stépha) que quando Olga foi embora com Bost ele passou seis meses morto de ciúmes. Para não entrar em desespero, sentiu-se obrigado a iniciar uma relação romântica com a irmã de Olga, Wanda.

— Por que se sentiu obrigado? — perguntou Gerassi.

— Por que a mulher que eu amava me rejeitara — disse Sartre. — Elas eram muito parecidas, sabe, então tinha que ser ela. Não podia ser ninguém mais a não ser essa irmã.[57]

NOTAS

1 *PL*, p. 143.
2 Annie Cohen-Solal, *Sartre: A Life* (1985) (Nova York: Random House, 1987), p. 79.
3 Entrevista de Gerassi com Sartre, 26 de março de 1971.
4 Colette Audry, "Portrait de l'ecrivain jeune femme", *Biblio* (novembro de 1962).
5 Entrevista de Colette Audry a Deirdre Bair. 5 de março de 1986, Bair, *Simone de Beauvoir*, p. 183.
6 O caso é conhecido no meio de Sartre. Raymond Queneau menciona-o em seus *Journeaux 1914-1965* (Paris: Gallimard, 1996), 24 de julho de 1951, p. 767.
7 Entrevista de Gerassi com Sartre, 26 de março de 1971.
8 Sartre, *War Diaries*, p. 285 (trad. modificada).
9 Ibid., p. 62
10 Em *PL*, Beauvoir escreve ambiguamente: "Não havia sentimento de ciúmes de minha parte. Mas aquela era a primeira vez desde que nos conhecíamos que Sartre se interessara a sério por outra mulher; e o ciúme está longe de ser uma emoção de que sou incapaz" (p. 220).
11 *PL*, p. 220.
12 Ibid., p. 188.
13 Ibid., p. 189-90; p. 94.
14 Em 1944, depois da Libertação, a cidade de Laigle mudou de nome para L'Aigle.
15 S de B a Olga Kosakiewicz, julho de 1934 (sem data), arquivo Sylvie Le Bon de Beauvoir.
16 Ibid., julho de 1934.
17 Beauvoir disse isso a Sartre mais tarde (24 de janeiro de 1940; *Cartas*, p. 269).
18 Sartre, *War Diaries*, p. 123.
19 Ibid., p. 87.
20 Sartre, *War Diaries* p. 76. Era uma citação do escritor Suíço Rodolphe Töpffer.
21 Marie Ville contou isso a Beauvoir. Simone de Beauvoir, *Journal de guerre: Septembre 1939-janvier1941* (Paris: Gallimard, 1990), p. 91.
22 Sartre, *War Diaries*, p. 77.
23 Ambos escreveram sobre isso naquela tarde: S de B, *PL*, p. 249; e Sartre, *War Diaries*, p. 77.
24 *PL*, p. 52.
25 Ibid., p. 253.
26 Sartre, *War Diaries*, p. 274.

27 Entrevista de John Gerassi com Olga Kosakiewicz, 9 de maio de 1973. Coleção Gerassi, Biblioteca Beinecke, Universidade de Yale.
28 Sartre, *War Diaries*, p. 76.
29 Ibid., p. 77.
30 Em sua certidão de casamento (na *mairie* do sexto *arrondissement*, a data de nascimento de Olga consta como 6 de novembro de 1917. Sylvie Le Bon de Beauvoir confirma que está errada. Sem certidão de nascimento (o documento estava na URSS), era fácil para Olga falsificar a verdade. Ela queria se fazer passar por mais jovem que Bost, nascido em 6 de maio de 1916.
31 *PL*, p. 273.
32 S de B a Olga, 6 de setembro de 1935. Arquivo Sylvie le Bon de Beauvoir.
33 *PL*, p. 281.
34 Beauvoir escreveu a Olga: "Sei que muitas vezes você não se dá conta do seu valor", 6 de setembro de 1935.
35 Madame Kosakiewicz a S de B, 11 de agosto de 1935. Arquivo Sylvie Le Bon de Beauvoir.
36 *PL*, p. 292.
37 Olga Kosakiewicz Bost, entrevista telefônica a Deirdre Bair, 1982, Bair, *Simone de Beauvoir*, p. 200.
38 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 194.
39 Sartre, *War Diaries*, p. 61-62. A ironia é que Sartre passara anos trabalhando em seu próprio personagem, tentando controlar emoções que considerava fracas. Aos 21 anos, contou a Simone Jollivet: "Nasci com uma personalidade combinando com minha cara: boba e emotiva, covarde e auto-indulgente. Meu sentimentalismo pode me deixar com lágrimas nos olhos por causa da coisa mais insignificante" (carta não datada, 1926, *Witness*, p. 4).
40 Sartre dá esse desejo a Mathieu, em *The Age of Reason* [*A Idade da Razão*], trad. Eric Sutton (Nova York: Knopf, 1947), p. 73, mas muitas vezes expressou-o pessoalmente.
41 Sartre, *War Diaries*, p. 78.
42 *PL*, p. 313.
43 Ibid.
44 Sartre a S de B, abril de 1937, em *Witness*, p. 79.
45 *PL*, p. 141.
46 S de B a Olga, 1º de outubro de 1935.
47 Sartre a S de B, 3 de maio de 1937, em *Witness*, p. 79.
48 *PL*, p. 343.
49 *Adieux* [*A Cerimônia do Adeus*], p. 159.
50 O protagonista louco de Sartre em seu conto "Erostratus" foi inspirado em Zuorro.
51 Sartre, *War Diaries*, p. 4.
52 *PL*, p. 353.
53 Entrevista de John Gerassi com Wanda Kosakiewicz, 23 de março de 1973. Coleção Gerassi, Livraria Beinecke, Universidade de Yale.
54 Moloudji comenta que Wanda era uma andarilha incrível e passava horas caminhando, com seu ritmo regular de caçadora alpina. Marcel Mouloudji, *La Fleur de l´Âge* (Paris: Grasset, 1991).
55 Sartre retrata essa cena do táxi em *A Idade da Razão.* É uma das circunstâncias em que "Ivich" se baseia em Wanda tanto quanto em Olga. "Ele inclinou-se para ela; (...) pousou os lábios numa boca fria, fechada; sentia-se provocador; Ivich estava calada. Levantando a cabeça, viu seus olhos, e sua alegria apaixonada desapareceu. Pensou: 'Um homem casado dando em cima de uma jovem num táxi', e seu braço caiu, morto e flácido; o corpo de Ivich se retesou com um movimento mecânico, como um pêndulo voltando ao equilíbrio. 'Agora, já fiz

isso’, pensou Mathieu consigo mesmo, ‘ela nunca vai me perdoar’. Encolheu-se no banco, desejando sumir.”

56 *PL*, p. 353.

57 Entrevista de Gerassi com Sartre, 27 de outubro de 1972.

QUATRO

A PERSPECTIVA DA GUERRA

Maio de 1937 – Setembro de 1939

Em maio de 1937, os anos tristes de Sartre terminaram bruscamente. “Tudo começou a sorrir para mim.”[1] Ele anunciou a Beauvoir, ainda convalescendo no sul, que a Gallimard afinal decidira publicar seu romance *A Náusea*.[2] “Hoje, ando na rua como um autor.” Um de seus contos ia ser publicado no número de verão da prestigiosa revista da Gallimard, a *Nouvelle Revue Française*. E ele conseguira um novo emprego de professor. Depois de oito anos de exílio em diferentes cidades — oito anos zanzando em plataformas de estação —, ele e Beauvoir finalmente estariam em Paris.

No verão, passaram seis semanas na Grécia, três delas com Bost. Dormiam ao relento. Sartre e Bost apostaram corrida na escadaria de mármore da Acrópole. Foram às ilhas Cíclades em navios velhíssimos. (No mar batido, Beauvoir invariavelmente punha os bofes pela boca, e Sartre acusava-a de auto-indulgência.) Beauvoir planejava excursões exaustivas, com as quais Sartre em geral concordava de bom humor. (Quando não concordava, ela admite que era capaz de “chorar de raiva”.[3]) Na ilha de Santorini, deram sua caminhada mais longa, uma que seria inesquecível. O sol estava implacável, e eles chegaram às antigas ruínas de Thera ardidos e exaustos. Tiveram então que atravessar metade da ilha para pegar o ônibus de volta. A última gota foi quando saíram da trilha e se perderam, o que provocou em Sartre um de seus ataques violentos.

“Que brincadeira boa”, disse. “Vim aqui fazer o Grand Tour, e agora você me faz bancar o escoteiro.”[4] No vilarejo de Emborio, quando circulavam pelas ruas escaldantes e desertas à procura de um lugar para comer, estavam quase mortos.

Às vezes, Bost e Beauvoir saíam sozinhos para explorar o local ou nadar, enquanto Sartre ficava num café e trabalhava. Naquele verão, escreveu diariamente a Wanda — centenas de páginas ao todo — cartas coloridas e divertidas, cheias de ternura.[5]

Enquanto Beauvoir passou dez dias viajando pela Alsácia com Olga, Sartre voltou a Paris para procurar um quarto. O hotel de Beauvoir, o Royal Bretagne, estava lotado, como estava a maioria dos hotéis de aluguel a longo prazo em Montpartasse, e Sartre ficou satisfeito de descobrir o Mistral, na rue Cels, uma ruazinha entre a avenue du Maine e o cemitério de Montparnasse. “Não tem uma cara muito promissora, tem uma escada feiosa e salões decadentes”, contou a Beauvoir, “mas os quartos são grandes, limpos, e muito mais bem mobiliados que os do Royal Bretagne, com um sofá, tapete, estantes nas paredes.”

Quando Beauvoir voltou a Paris, mudaram-se para lá, tomando quartos em andares diferentes. “Assim, tínhamos todas as vantagens de uma vida a dois”, diz Beauvoir em suas memórias, “sem nenhum dos inconvenientes.”[6]

Seus cafés prediletos — o Dôme, a Coupole e o Sélect — ficavam perto, no Boulevard du Montparnasse. Bem na esquina do Mistral, na avenue du Maine, ficava uma *brasserie* grande e barulhenta, o Café des Trois Mousquetaires. Durante os anos seguintes, eles sentiam-se tão em casa nesses cafés como em seus quartos de hotel. “O que nunca me cansa”, diria Sartre, “é sentar em cadeiras que não são de ninguém (ou, se você quiser, que são de todo mundo), diante de mesas que não são de ninguém: por isso vou aos cafés e trabalho neles — consigo uma espécie de solidão e abstração.”[7]

Agora que moravam na mesma cidade, precisavam tomar cuidado para não invadir o espaço um do outro. Tinham uma agenda diária com uma programação estrita. De modo geral, não se viam antes de sair para dar aula. Sartre costumava ser irascível ao acordar, e preferia tomar café sozinho. “Não consigo agüentar nem o Castor”,

confessou no diário. “Sou conhecido, quando ela está me esperando no Rallye, por aparecer no Café des Trois Mousquetaires e engolir depressa um café com *croissants*, para continuar mais um pouco envolvido comigo mesmo e com os sonhos da noite anterior.”[8] As horas que dedicavam à escrita à tarde eram igualmente sagradas. As horas de almoço e as noites, depois das oito, eram suas horas sociáveis.

Já haviam decidido há muito que a forma mais satisfatória de comunicação era o tête-à-tête. Se Sartre estava almoçando com Wanda na Coupole, ou se Beauvoir estava conversando com Olga no Dôme, em hipótese nenhuma um iria espontaneamente ao encontro do outro. E os limites de tempo eram sacrossantos. Seus amigos viviam reclamando de que, esgotado o tempo deles, esperava-se que sumissem, dando lugar ao próximo.

Sartre lecionava no Lycée Pasteur em Neuilly, um subúrbio rico a oeste de Paris, perto de onde moravam seus pais, em Passy. Sua mãe, Anne-Marie, queria que ele fosse almoçar em sua casa todos os dias, quando acabasse de dar aula, mas ele não conseguia tolerar o padrasto implicante. “Convenci minha mãe que seria suficiente se eu fosse almoçar às terças-feiras e jantar aos domingos”, contou a Beauvoir. “Ela só pede um pedacinho da tarde para ela, o que é razoável, porque atualmente anda um amor.”[9]

Beauvoir via os pais com menos freqüência, e não gostava de suas visitas. Georges de Beauvoir ficara amargo e desiludido com a vida, e muitas vezes depreciava os escritos de Simone, que nunca encontravam um editor, e sua ignominiosa união livre com Sartre. “Você nunca será mais que a prostituta de um verme”, jogava-lhe na cara.[10]

A Náusea foi publicado em abril de 1938. A dedicatória dizia: “Ao Castor.” *Les Nouvelles Littéraires* chamaram o romance de “uma das obras relevantes de nossa época”. Paul Nizan (cujo terceiro romance, *La Conspiration,* também estava no páreo para os prêmios) saudou Sartre como um “Kafka francês”. Considerava-se que Sartre e Nizan tinham boas chances de ganhar o prestigioso Prix Goncourt. Nenhum dos dois ganhou.

Quando o conto de Sartre “O Muro” foi publicado na *Nouvelle Revue Française,* André Gide disse aos editores que o considerava uma obra-prima. “Quem é esse Jean-Paul novo?”, perguntou. “Me parece que se pode esperar muito dele.”[11]

Simone de Beauvoir fascinava seus alunos no Lycée Molière. Ia dar aula vestida com *tailleurs* justos e elegantes e transmitia uma “inteligência penetrante e ousada”. Nunca olhava para suas notas e falava tão depressa que os alunos às vezes imploravam para ir mais devagar. Bianca Bienenfeld, a melhor aluna de Beauvoir da turma de filosofia para o bacharelado* de 1938, comparava-a “à proa de um navio cortando as ondas”.[12]

Naquela primavera, Bienenfeld escreveu uma carta a *Mademoiselle* de Beauvoir. As aulas de filosofia a deixaram profundamente inspirada, disse, e ela gostaria de continuar seus estudos na universidade. Seria possível se encontrarem e conversarem depois das aulas? A resposta veio por correio expresso. Beauvoir sugeriu uma *brasserie* em Montparnasse.

Bienenfeld tinha 16 anos, era miúda e bonita, com uma cabeleira cacheada castanho-avermelhada. Seus pais, esperando fugir do anti-semitismo que experimentaram na Polônia, foram para a França quando Bianca era bebê, e seu pai, que era médico, se dera bem no ramo das pérolas. Eram uma família culta e lida. Bienenfeld também era um pianista talentoso. Beauvoir reagiu à paixão e à inteligência da menina. “Respeito-a de todo coração”, disse Beauvoir a Bost, “e há muitas ocasiões em que não tenho a impressão de estar falando com uma garota.”[13]

As duas logo já passavam todos os domingos juntas. “Acordar aos domingos era uma alegria para mim”, diria Bienenfeld em suas memórias. “Eu corria para pegar o metrô na estação de Passy, perto da casa da minha família (...) ficava na maior impaciência para a viagem terminar logo; acho que nunca na vida fiquei tão impaciente com nenhuma outra viagem.”[14] Saltava na Edgard-Quinet e ia correndo até o “Mistral caindo aos pedaços”.

Beauvoir contou-lhe sobre Sartre, explicando que se amavam mas não desejavam morar juntos, não acreditavam em casamento e

não queriam filhos, tinham casos com outras pessoas e nunca tinham ciúmes. Bienenfeld ficou fascinada com as histórias do antigo triângulo com Olga, e espantada quando soube que Sartre agora cortejava a irmã mais moça da estudante. Pelo que ouvia, achava as irmãs Kosakiewicz preguiçosas e caprichosas, e não conseguia entender a generosidade de Sartre e de Beauvoir para com elas. Em todos os aspectos, achava Beauvoir corajosa e admirável.

> Desde os primeiros meses, identifiquei-me ardentemente com Simone de Beauvoir. Fiz tudo para aproximar-me mais dela, de tal maneira que meus colegas zombavam da maneira de falar que eu pegara dela (...) Em junho, antes mesmo de me formar no segundo grau, eu sabia que queria fazer filosofia e lecionar, como ela.[15]

No final de junho, depois da formatura de Bienenfeld, as duas fizeram uma viagem, caminhando de mochila nas costas, à região de Morvan, na Borgonha. Caminhavam 20 quilômetros por dia, em terreno montanhoso. Bienenfeld achava a viagem difícil. Beauvoir insistia com certa impaciência para que ela continuasse. Choveu durante cinco dias. Elas pernoitavam em pequenas pensões e dormiam na mesma cama. “Foi durante essa viagem que começamos, a princípio timidamente, nosso envolvimento físico”, escreve Bienenfeld. Logo ela estava dizendo a Beauvoir que nunca amaria ninguém tanto quanto a amava.

Em julho de 1938, Sartre ficou em Paris para terminar um volume de contos e ver Wanda Kosakiewicz, que vinha passar uma semana no Mistral. Beauvoir ia caminhar nas montanhas da Haute-Savoie com Bost, que se mostrara um dos poucos amigos do casal a conseguir acompanhá-la. Sartre acompanhou-a à estação naquela noite.

Na noite seguinte, Sartre jantou na Coupole enquanto lia um romance policial. Depois do jantar, pegou o cachimbo e escreveu a Beauvoir:

> Não gostei muito de me despedir de você ontem, sua pequena *globe-trotter* desatinada; você ainda estaria comigo agora, toda sorrisinhos simpáticos, se não tivesse essa estranha mania de engolir quilômetros. Onde diabos está você, afinal? Hoje de manhã, fiquei de luto por você porque o dia estava nublado e eu a imaginava no topo de sua montanhazinha olhando para cima, com uma expressão teimosa, num mar de nuvens cinzentas, feito um pescador olhando para sua rolha boiando na água (...) Amo muito você, sua coisinha louca.

Depois, Sartre saiu para dar uma longa caminhada, aí pegou o metrô de volta para o hotel. Não havia nenhum recado de Wanda, contou ele a Beauvoir no dia seguinte ("fiquei meio irritado"), e o quarto de Olga estava escuro. Ele se perguntou se Wanda mudara de idéia quanto à vinda.

> Comecei a me convencer que não me divertiria tanto com Wanda no dia seguinte, através de um fenômeno compensatório que já conheço bem: desde o caso com Olga, logo apago tudo que se pareça ainda que minimamente com paixão, mesmo que não passe de nervoso, numa espécie de medo permanente. Não é só com Olga, mas com todo mundo que me "des-cristalizei". Então fui me deitar lamentando, como parte do jogo, não ser capaz de trabalhar nos próximos dias se Wanda viesse.

Transpirou que Olga fora encontrar Wanda, que aparecera no trem noturno. Sartre acordou e encontrou um bilhete de Wanda sugerindo se encontrarem no Dôme às duas da tarde, e um de Olga pedindo dinheiro. Encontrou as duas irmãs sentadas na varanda do Dôme. Ele e Wanda caminharam até a rue Mouffetard "afetuosamente abraçados".

As cartas seguintes de Sartre, endereçadas a Beauvoir *e* Bost, anunciavam uma surpreendente reviravolta. Ele se deixara distrair por uma jovem atriz, Colette Gilbert (seu interesse foi aguçado pelo fato de que Maurice Merleau-Ponty também estava atrás dela), e Wanda fora para Laigle cedo, zangada.

Enquanto isso, Sartre disse a Gilbert que a amava, mas não havia lugar para ela em sua vida com Beauvoir e Wanda. Como Sartre contou a seus dois leitores, Gilbert assim mesmo passou três noites com ele, em seu quarto no Mistral;

> É a primeira vez que durmo com uma morena, na verdade, uma mulher *de cabelo preto.* Provençal como o diabo, cheia de cheiros e curiosamente peluda, com uma penugem preta na altura dos rins e um corpo muito branco, muito mais branco que o meu (...) Pernas encantadoras, uma barriga musculosa e absolutamente chata, sem sombra de busto, e, no todo, um corpo ágil e encantador. Uma língua igual a uma língua-de-sogra, desenrolando-se a mais não poder e entrando para lhe afagar as amígdalas.[16]

Sartre tinha quase certeza de que, na última noite que passaram juntos, antes que Gilbert partisse de férias, tirara-lhe a virgindade.

> Por volta de meia-noite, ela de repente ficou muito nervosa, empurrou-me, depois puxou-me de volta e finalmente disse: “Me incomoda eu não ser sua. Gostaria que você me penetrasse.” “Quer que eu tente?” “Você vai me machucar, não, não!” Mas tentei devagarinho. Ela gemeu (...) Pouco depois, disse mais alto: “Chega, chega, me largue, por favor.” Parei e lhe disse: “Mas você não é mais virgem.”[17]

Às sete horas da manhã seguinte, ele acompanhou Gilbert à estação. Quando se despediram, os olhos dela se encheram de lágrimas. No hotel, ele viu sangue nos lençóis.

Sartre era apaixonado pelo teatro da sedução, e sabia disso. Descrevia esse teatro como “um trabalho literário”, que, como a escrita, envolvia belas palavras, silêncios inteligentes e habilidade no uso da opinião. A diferença, refletiu ele em seu diário, era que seduzir as mulheres não o fazia sentir-se nobre. “Eu voltava de um encontro, a boca seca, os músculos faciais duros de tanto sorrir, a voz ainda

pingando mel e o coração cheio de (...) nojo."[18] Escrever, por outro lado, fazia-o sentir-se útil. Quando soube que *A Náusea* seria publicado, disse a Beauvoir: "Sinto-me mais amado com isso do que com o tipo de felicidade que me vem através da generosidade de uma boa mulher. Posso pensar em mim com prazer."[19]

Seu desejo de seduzir devia-se só em parte à noção de sua feiúra. Em criança, ele aprendera a agradar os adultos à sua volta com pequenas palhaçadas. Em *As Palavras*, diz que cedo tornou-se "um bufão, um palhaço, um impostor". Mesmo antes que seu estrabismo fosse notado, fazia um esforço considerável para conquistar o coração das meninas com seus talentos de ator e contador de histórias. Na adolescência, seu padrasto odiado uma vez comentou distraidamente que Sartre era igual a ele: "Nunca conseguirá falar com as mulheres."

> Na vida de uma criança, há sempre palavras desse tipo, ditas sem pensar, que são como o fósforo do fumante distraído em alguma floresta (...) e que incendeia tudo. Não sei muito bem se essa declaração não foi uma das principais causas de, mais tarde na vida, eu ter idiotamente desperdiçado o meu latim dizendo bobagens doces — só para provar a mim mesmo que sabia falar com as mulheres.[20]

O sonho de Sartre era ser "um Don Juan culto, impressionando as mulheres com o poder de sua língua de ouro". Como ele mesmo se sentia tão medonho, era essencial que as mulheres fossem bonitas. ("Um homem feio e uma mulher feia — o resultado é mesmo (...) conspícuo demais."[21]) O único problema, admitia, era que, uma vez que conquistava uma mulher, não sabia bem o que fazer com ela. "Para ser honesto, durante muito tempo — e talvez até hoje — nada me emociona mais do que o momento em que finalmente se arranca a confissão do amor."[22]

O hábito que Sartre sempre teve de fazer uma auto-análise dura era desconcertante, quase inconfiável. Seus amigos acabaram admirando, se não seu comportamento, pelo menos a lucidez implacável com que ele se examinava. Mas o que isso acrescentava? Os críticos discutem regularmente a autocondenação de Sartre. Seria

exibicionismo? Estaria ele assumindo a responsabilidade por seus atos? Ou seria uma forma de exoneração?

Sartre já cortejava Wanda havia mais de um ano, e seu relacionamento ainda não se consumara. Como a irmã, horrorizava-se com sua dieta pouco saudável, a que atribuía sua pele ruim. Deixava claro que, fisicamente, ele a repugnava. Isso deixou Sartre ainda mais determinado em sua conquista.

Arrependido de lhe ter causado ciúmes por causa de Gilbert, tomou o trem para Rouen. Wanda consentiu em encontrar-se com ele ali para o fim de semana. Dividiram um quarto no Le Petit Mouton (onde Beauvoir e Olga já haviam morado). Dividiram até a cama. Wanda deixou-o contemplar seu corpo nu, mas não cedeu a nenhuma incursão. “Para dizer a verdade, ganho território todas as vezes”, relatou Sartre a Beauvoir.[23]

Depois que Wanda pegou o trem de volta para Laigle, Sartre teve poucas horas livres antes de regressar a Paris. Era um domingo triste e cinzento. Sentou-se na Brasserie de L’Opéra e escreveu a Wanda uma carta carinhosa. Amava-a, e acreditava, ou *queria* acreditar, que ela gostava pelo menos um pouquinho dele. *Gostava?*

Wanda foi persuadida a voltar para passar mais uns dias em Paris. No entanto, Sartre escreveu a Beauvoir (ainda nas montanhas com Bost), o progresso diminuíra.

> A pequena Kosakiewicz exibe as faculdades mentais de uma libélula, e estou achando pesado ir em frente. Eu gostaria tanto que você estivesse aqui. Quero sentir seu braço no meu e lhe contar pequenos casos e ouvir seus comentários. Ontem à noite foi doloroso (...) Fui de propósito muito carinhoso com ela, primeiro no La Butte, depois no College Inn, mas tudo em vão. Ali, no fim, minha ternura a fez estremecer de desprazer.

Eles haviam passado a noite bebendo, Wanda estava muito bonita, “com uma jaquetinha angelical”. Depois, em seu quarto no Mistral, Sartre derrubou-a na cama e a beijou. Ela correu para o banheiro, e Sartre ouviu-a vomitar. Supôs que o rum e o xerez

haviam lhe embrulhado o estômago. Na tarde seguinte, encontrou-a no Dôme. “Passei o dia lhe dando gelo, bruscamente abandonando meu jogo e declarando que tínhamos acabado a não ser que ela ficasse mais carinhosa comigo. Ela prometeu tudo o que eu quisesse.”

Sartre e Beauvoir haviam combinado se encontrar na estação em Marselha na manhã de 30 de julho. Iam tomar um navio para atravessar o Mediterrâneo com destino a Marrocos. “Estou sentindo uma espécie de angústia da partida agora, o ano inteiro ficou para trás”, disse-lhe Sartre numa carta. “Ó encanto do meu coração e dos meus olhos, apoio de minha vida, minha consciência e minha razão. Tenho paixão por você e preciso de você.”

Beauvoir andara se divertindo na Sabóia com Bost. Ele estava esperando por ela na estação de Annecy, “bronzeado e muito bonito com aquele suéter amarelo”.[24] Nos primeiros dias, eles haviam se levantado às seis da manhã e caminhado distâncias estafantes. Passavam por gargantas, subiam estreitas trilhas de montanha, atravessavam faixas de rocha e cruzavam trechos de neve. Numa tempestade de granizo, desceram correndo uma montanha íngreme, derrapando nas samambaias escorregadias, e Beauvoir cortou a mão direita numa pedra. Bost lavou a ferida com aguardente, enfaixou-lhe a mão com um lenço e insistiu para que fossem procurar um médico num povoado próximo. Uma tarde, Bost vomitou de puro cansaço, e Beauvoir teve uma violenta hemorragia nasal. À noite, após um farto jantar regado a vinho local, Bost fumava seu cachimbo e preenchia seu diário de viagem, enquanto Beauvoir escrevia cartas. Com tempo bom, dormiam numa pequena barraca. Quando chovia, tomavam um quarto numa pousada. Na quinta noite, chovia torrencialmente, e dormiram num celeiro. Beauvoir escreveria a Sartre de Albertville:

> Aconteceu comigo uma coisa ótima, que eu não esperava quando parti: três dias atrás, transei com o pequeno Bost. Fui eu que sugeri, claro. Nós dois andávamos querendo: conversávamos seriamente de dia, e as noites eram intoleravelmente opressivas. Uma noite chuvosa, em Tignes,

> num celeiro, deitados de bruços a 10 centímetros um do outro, ficamos nos olhando durante uma hora, adiando a hora de dormir com vários pretextos; ele falava como louco e eu procurava em vão aquela frase propícia natural que eu não conseguia me fazer articular — vou-lhe contar isso melhor pessoalmente. Afinal, olhei para ele e ri como uma idiota. E ele disse: "Por que está rindo?", e eu disse: "Estava tentando imaginar sua cara se eu lhe sugerisse que transasse comigo", e ele disse: "Achei que estivesse pensando que eu queria beijá-la e não me atrevia." Depois disso, passamos mais 15 minutos chapinhando antes que ele decidisse me beijar. Ele ficou simplesmente espantado quando eu lhe disse que sempre senti uma ternura incrível por ele, e terminou me contando ontem à noite que já me amava há muito tempo. Gosto muito dele. Passamos dias idílicos e noites de paixão. Mas não tenha medo de me achar mal-humorada, desorientada ou pouco à vontade no sábado; isso é algo precioso para mim, algo intenso, mas também leve e fácil e colocado no devido lugar em minha vida, simplesmente um desabrochar feliz de relações que sempre achei muito agradáveis.[25]

No fim de semana seguinte, Beauvoir e Sartre, a caminho de Tânger, ficaram parados na proa do navio, embaixo das estrelas cadentes, olhando a lua desaparecer no mar. Sartre não mostrava sinais de ciúme, mas disse a Beauvoir, sem nenhum tom de repreensão na voz, que, ao transar com Bost, ela estava sendo ignóbil com Olga. Será que pensara em quão complicada seria sua vida no ano que entrava?

Era verdade o que Sartre dizia. Beauvoir e Olga continuaram boas amigas apesar dos altos e baixos pela vida afora. (Já não eram mais amantes há muito tempo.) E era muito importante para Olga que Bost lhe fosse fiel. Mas Beauvoir continuava pensando no verão anterior, quando Bost estivera com eles na Grécia. Haviam ido de Marselha ao Pireu num navio desconjuntado chamado *Cairo City*, e ela olhava para o Bost adormecido com desejo. Naquelas três semanas com Bost, ela estivera dolorosamente consciente de que ele

era um rapaz delicioso de 21 anos, e ela estava prestes a entrar na velhice madura da casa dos trinta.

Nesse verão, ela já *tinha* trinta, e nunca esqueceria a forma como Bost murmurara “amo você” na estação de Chambéry. Sentiu como se sua juventude lhe tivesse sido devolvida. Não iria estragá-la com remorso.

Tânger, Casablanca, Marrakesh, Fez, Ksar el Suk, Meknes: eles se maravilharam com os palácios de persianas cerradas, as mesquitas, as ruas labirínticas e os ruidosos mercados, as mulheres veladas, os burros caminhando com dificuldade sob seus fardos. No calor sufocante de agosto, havia poucos turistas europeus no Marrocos. Sartre e Beauvoir tentavam passar a parte mais quente do dia em cafés, lendo, escrevendo e tomando chá de hortelã. Em Meknes, Sartre permanecia e trabalhava no hotel enquanto Beauvoir saía sozinha para passar o dia, preparando-se contra o inevitável assédio dos árabes. Ela terminara o livro de novelas naquele ano, enquanto lecionava, e resolvera ficar uns tempos sem escrever. Sartre terminara seu volume de contos, e estava escrevendo um artigo ousado para a *Nouvelle Revue Française* em que atacava o escritor católico do sistema François Mauriac. Durante muitos anos, o artigo seria considerado entre os seus escritos mais brilhantes de crítica literária.

Eles transitavam entre dois mundos, o europeu e o árabe. Nas favelas nativas, encontraram a maior miséria que já haviam visto. Disseram a si mesmos que os franceses eram responsáveis. Fizeram uma viagem de 12 horas para o sul, atravessando o deserto escaldante num ônibus que era um forno, e o motorista, o único outro europeu a bordo, insistiu para que se sentassem ao lado dele. Ficaram horrorizados com a forma como ele tratava os árabes a quem entregava mercadorias ao longo da estrada.

Quando Beauvoir ouviu uma canção de amor num radiozinho cheio de chiados num bar árabe, quase chorou. Pensava constantemente em Bost. “Em três semanas, eu não me esquecera de nenhum dos seus sorrisos, seus beijos”, contou-lhe numa carta. “Já vou para a cama, estou com um desejo louco de vê-lo. Lembra-se de Emborio, do calor e da sede que sentíamos, de como era torturante

nossa necessidade de sombra e água. Bem! Isso não é nada ao lado do tipo de angústia que estou sentindo essa noite. Meu amor, meu amor, como eu gostaria que você estivesse aqui, seu corpo colado ao meu."[26]

Bost escreveu que estava lendo e relendo as cartas dela com a maior alegria. Estava "arrancando os cabelos" para decifrar sua letra. Sentia-se como um mau helenista, que precisava de dicionário para ler os textos gregos.

> Mas não estou muito irritado (...) De modo geral, quando leio suas cartas, fico num estado de alegria louca, de uma forma que jamais achei que fosse sentir por ninguém. Amo você *tremendamente*, quero que saiba disso, e sinta profundamente esse amor e tenha prazer com ele. Gosto muito de lhe escrever. Quando escrevo, posso visualizar seu rosto. Desconfio que há um sorriso idiota no meu. Não me importo. Me escreva sempre. Também vou lhe escrever (...) Não tento imaginar os lugares sobre os quais me escreve, nem a imagino em Casablanca e Marrakesh, mas posso ouvir você falando comigo. Não perdi a realidade de sua voz, nem de seu rosto, e facilmente a vejo na estrada descendo de Tignes a Bourg St-Maurice, quando você me falava de você. Eu gostaria de abraçá-la e beijá-la até doer (...) Amo você e a beijo.[27]

Ele não conseguiu dormir direito na noite anterior, disse: "Fiquei me revirando na cama até três da manhã na barraca e me levantei a certa altura para beber água. Tinha um desejo incrível de ter você ao meu lado, e dois meses parecem intermináveis."[28]

Em Fez, Beauvoir soube que a mãe de Bianca Bienenfeld encontrara uma carta que ela escrevera à menina, e ficara furiosa com aquela "solteirona com hábitos estranhos."[29] A editora Grasset recusara suas novelas (já recusadas pela Gallimard), dizendo que careciam de originalidade.[30] Uma carta carinhosa de Bost ajudou-a a enfrentar estoicamente essa má notícia.

Mas uma carta extraordinariamente carinhosa de Olga deixou-a aflita. Bost estava agora com ela em Marselha, num hotel decadente dando para o Porto Velho. Beauvoir estava nervosa. Como ele se

sentia, perguntou a Bost, pendurado entre duas mulheres? Às vezes, respondeu Bost, ele se sentia muito mal com isso.

Em outubro de 1938, já em Paris, Beauvoir e Bost ficavam juntos o máximo de tempo que podiam. Passavam muitas noites no Hôtel du Poirier, numa agradável praça em Montmartre, bem longe da área onde Olga andava diariamente. Passeavam pelos canais e à beira do Sena. Beauvoir às vezes sentia-se insegura, percebendo que complicara a vida de Bost, e convencida de que o amava mais desesperadamente do que ele a amava. Bost tentava tranqüilizá-la. Quisera essa relação tanto quanto ela. “Estou feliz com minha vida agora.”[31]

No início de novembro, Bost teve que ir para Amiens prestar o serviço militar. E dessa vez — diferentemente de quando Sartre prestou o dele — a perspectiva da guerra pairava sobre eles. Bost era um soldado raso. Normalmente, para um homem com sua educação, seria natural subir de patente e chegar a oficial. Mas Bost, de espírito ferozmente democrático e teimoso como uma mula quando se tratava de fazer o que considerava “concessões”, recusou-se terminantemente a isso. Não queria dar ordens, disse. Queria pertencer ao rebanho comum. Ele e Beauvoir sabiam o que sua decisão queria dizer. Em tempo de guerra, ele estaria entre os primeiros a serem oferecidos como bucha de canhão.

Bost ia a Paris quase todos os domingos. Em alguns fins de semana, Beauvoir ia visitá-lo em Amiens. Olga estava sempre economizando dinheiro para visitar Bost, e freqüentemente era Sartre, ou Beauvoir, que pagava sua passagem. De agora em diante, Bost tinha que dividir o tempo livre entre Olga, Beauvoir e seus pais. (“O pastor” e “a pastora”, como ele os chamava, moravam em Taverny, 20 quilômetros a nordeste de Paris.) Isso significava mentir a Olga habitualmente.

Sartre e Beauvoir discutiam regularmente a situação dela. Qual era a natureza exata de uma falsa felicidade como a de Olga? Que liberdade tinha ela nessa felicidade? Será que Beauvoir devia sentir remorso por causa de seu caso com Bost? Sartre, em geral, sugeria racionalizações que tranqüilizavam a consciência de Beauvoir. Olga

ficara furiosa quando Sartre começara a cortejar Wanda, e continuava zangada com ele. Sartre era da opinião de que havia gente para quem simplesmente se tinha que mentir.

Sartre estava insistindo para que Beauvoir escrevesse sobre sua vida. Um dia naquele verão, os dois estavam sentados no Dôme conversando sobre seus escritos. Sartre inclinou-se à frente. Beauvoir recorda.

> — Olha — disse ele, com uma veemência repentina —, por que não *se* coloca na escrita? Você é mais interessante que essas Renées e essas Lisas. — Fiquei vermelha; era um dia quente, e, como sempre, o lugar estava enfumaçado e barulhento. Senti-me como se alguém tivesse me batido com força na cabeça. — Nunca me atreveria a fazer isso — eu disse. Colocar num livro meu eu cru sem ser digerido, não ter distanciamento, me comprometer — não. Eu não poderia fazer isso, achei a idéia toda terrível. — Tome coragem — disse-me Sartre, e continuou insistindo nesse assunto.[32]

Era uma idéia corajosa, trinta anos antes que as auto-revelações íntimas tivessem se tornado lugar-comum. A princípio, Beauvoir ficou preocupada que essa fosse uma atitude auto-indulgente. E havia os sentimentos alheios a levar em conta. Mas no outono de 1938, de repente desejou muito escrever sobre as complicadas relações entre as quatro pessoas que melhor conhecia no mundo — Sartre, ela, Bost e Olga. Queria escrever um romance sobre liberdade, amor, amizade e ciúme. Queria explorar a questão do “Outro” que estava sempre discutindo com Sartre. Este achou ótima idéia.

As pessoas pensam em *A Convidada* como um romance sobre o triângulo que Françoise e Pierre formam com a caprichosa Xavière. Mas há um quarto personagem igualmente importante que é, de longe, o retratado com mais ternura. Gerbert, com seus olhos verdes e seu cabelo preto caindo nos olhos, é igualzinho a Jacques-Laurent Bost.

No romance, Xavière põe um fim às torturas do triângulo apaixonando-se por Gerbert.

— Sempre gosto do que é meu — diz ela ostensivamente a Françoise. — É um descanso ter alguém que nos pertence por inteiro.[33]

Olga dissera a mesma coisa a Beauvoir.

Logo depois disso, Françoise vai fazer uma excursão com Gerbert. Numa noite chuvosa, os dois estendem os sacos de dormir juntinhos em cima do feno num celeiro. Gerbert pergunta a Françoise por que ela está sorrindo. Ela toma coragem:

> — Eu estava sorrindo — me perguntando como seria a sua cara, você que detesta complicações — se eu sugerisse que você dormisse comigo. — Pensei que você estivesse achando que eu quisesse beijá-la e não tinha coragem — disse Gerbert.[34]

De volta a Paris, Gerbert diz a Françoise: “Nunca amei nenhuma mulher como amo você, nem de longe.” Esta foi realmente a vingança do romancista.

Uma tarde ensolarada, Françoise está lendo na varanda do Dôme. Quando abre a bolsa para pagar, dá por falta da chave de sua escrivaninha. Sente uma vertigem. Volta correndo para o hotel, sobe a escada, abre a porta do quarto e encontra a escrivaninha revirada. Há cartas de Gerbert espalhadas pelo chão todo.

> — Xavière sabe. — As paredes do quarto começaram a rodar. Uma escuridão terrível tomou conta do mundo. Françoise deixou-se cair numa cadeira, esmagada por um peso mortal. Seu amor por Gerbert estava ali diante dela, negro como a traição.

No romance, Françoise fica tão perturbada com o fato de Xavière saber a verdade que a mata para não ter que enfrentar seu olhar acusador. Mas ali estava Beauvoir, a escritora, efetivamente *contando* a Olga que tinha um caso com Bost.

Ninguém melhor do que Olga sabia o quanto o romance era fiel à realidade, com alguns diálogos extraídos diretamente da vida real. No entanto, para Olga, Beauvoir e Bost sempre reiterariam que o

romance entre Françoise e Gerbert era pura invenção. Olga deve ter se perguntado muitas vezes: onde está a verdade nesta desconcertante galeria de espelhos? Primeiro, vinha a dedicatória lisonjeira: “A Olga Kosakiewicz.” Depois a epígrafe de Hegel: “Cada consciência busca a morte da outra.”

Enquanto estava apaixonada por Bost, Beauvoir também tinha um caso com Bianca Bienenfeld. (Bost sabia sobre ela, mas ela não sabia sobre ele.) Bienenfeld já tinha 18 anos e fazia filosofia na Sorbonne. Saía com Beauvoir três vezes por semana, e suas relações amorosas eram ardentes.

Nas férias de Natal de 1938, Sartre e Beauvoir foram para Mégève. (Beauvoir pediu a Bost que lhe escrevesse endereçando as cartas a “*Mme.* Sartre” para o hotel Les Primevères.) Bienenfeld estava hospedada num albergue para jovens em Mont d’Arbois, do outro lado da montanha. Algumas manhãs, os três tomavam aulas de esqui juntos. Bienenfeld era charmosa nas pistas, com o cabelo ruivo cacheado amarrado com um lenço de cabeça. Uma tarde, foi até o hotel deles, e Sartre lhe deu uma aula de fenomenologia enquanto Beauvoir folheava revistas. Depois do jantar, Bienenfeld ficou deitada na cama deles fazendo associações livres, e Beauvoir e Sartre a psicanalisavam. Na véspera de ano-novo, convidaram Bienenfeld para um jantar de *réveillon* no hotel deles. Era tarde demais para subir a montanha, então Bienenfeld enrolou-se num edredom e dormiu no chão.

Quando regressaram a Paris, em janeiro de 1939, Sartre começou a cortejar Bienenfeld a sério. Ela ficou lisonjeada. Este era Jean-Paul Sartre, o ídolo de Simone de Beauvoir. Na Sorbonne, os três maiores amigos de Bienenfeld eram ex-alunos de Sartre, e todos eles o achavam o máximo. Em janeiro, saiu seu livro de contos, *O Muro* (dedicado a Olga Kosakiewicz). Seu nome estava nos jornais. As resenhas falavam de sua escrita brilhante e inovadora.[35]

Sartre era “um mestre da linguagem do amor”, diria Bienenfeld anos mais tarde em suas memórias. “Assim como um garçom faz na perfeição o papel de garçom, Sartre fazia na perfeição o papel de homem apaixonado.”[36] Ela já não reparava em seu estrabismo nem

nos cravos em seu rosto e em seu pescoço. Ele lhe dizia que ela tinha lindos olhos, que achava sua postura ligeiramente curva comovente. Chamava-a de todo tipo de apelidos engraçados.

Atravessavam as ruas de paralelepípedos de Montmartre para ir ao Café Rouge, e naquele interior aconchegante, ao lado do grande fogão, ele lhe declarava seu amor. Perguntava-lhe se ela achava que podia se apaixonar por ele. Bienenfeld disse que talvez conseguisse, mas não queria magoar Beauvoir — jamais. Sartre garantiu-lhe que o Castor não se importaria a mínima.

Falava de consumar o relacionamento deles. Bienenfeld, que ainda era virgem no que dizia respeito a homens, diz em suas memórias que sentiu uma excitação prenunciadora. Escolheram o dia. Quando desciam a rue Cels em direção ao Hôtel Mistral, Sartre observou que a camareira do hotel ficaria surpresa, pois ele deflorara outra moça na véspera. “Tremi por dentro”, diz Bienenfeld, “mas não disse nem fiz nada”.

Bianca Bienenfeld Lamblin escreveu suas memórias, *Mémoires d´une Jeune Fille Dérangée,* no início de 1990, após ter lido a correspondência recém-publicada entre Sartre e Beauvoir. Ficara horrorizada de saber o que falavam dela pelas costas, ao mesmo tempo em que declaravam seu carinho por ela. Seu relato daquela tarde sem dúvida foi colorido por esses idéias:

> Quando chegamos ao seu quarto, ele tirou a roupa quase toda e postou-se ao lado da pia para lavar os pés, levantando uma perna, depois a outra. Fiquei intimidada. Quando lhe pedi para fechar um pouquinho a cortina para o quarto ficar mais escuro, ele se recusou terminantemente, dizendo que o que íamos fazer devia ser feito em plena luz do dia. Escondi-me atrás da cortina de um armário para me despir (...) Não tirei o colar de pérolas, o que, infelizmente, desagradou meu parceiro — ele zombou de mim porque este último adorno lhe parecia ridiculamente infantil, ou talvez estivesse irritado porque eram pérolas naturais, e ele desprezava o trabalho de meu pai. Não sei. Eu estava angustiada e não entendi por que ele não estava gentil como de hábito; era como se ele quisesse violentar algo em mim

(mas também nele mesmo) e estivesse movido por um impulso destrutivo.[37]

Sartre não chegou a lugar nenhum com ela naquele dia. Explicou seriamente a diferença entre uma vagina e um clitóris. Bienenfeld achou-o igual a um professor, ou "um médico preparando-se para uma operação". Alguns dias depois, ele chegou aonde queria. Bianca Lamblin diz que nunca conseguiu gostar do sexo com Sartre. Quando recordou esse período de sua vida, após experiências sexuais muito mais felizes com seu marido, pareceu-lhe que a prática do *coitus interruptus* de Sartre fazia parte de sua inabilidade para se soltar, e até um aspecto do que ela acabou considerando sadismo. Ressalta que ele poderia simplesmente ter usado um preservativo.[38]

Sem o conhecimento de Wanda, Sartre criou um novo triângulo. "Meu amor", escreveu a Bienenfeld. "*Nosso* futuro é o *seu* futuro."[39] Recomeçavam os velhos padrões. Sartre batia na porta de Beauvoir às nove da manhã para lhe contar sua noite com Bienenfeld. A menina confessava a Beauvoir que amava Sartre mas não estava apaixonada por ele, e temia que ele não conseguisse aceitar isso, e tinha medo de perdê-lo, e será que Beauvoir poderia fazer o favor de lhe explicar umas coisas para ele entender?

Até Sartre se meter entre elas, Beauvoir nada tinha a dizer de negativo sobre Bienenfeld. Agora vivia se queixando dela para Bost. Os três haviam enfrentado uma noite tensa no Café Rouge, contou-lhe numa carta enviada ao quartel em Amiens. A conversa estava forçada e Bienenfeld estava irritante. "Ela não percebe que efusões de ternura funcionam com dois mas não com três (...) Pegava nossas mãos, apertava-as, soltava-as, tornava a pegá-las, tendo o cuidado de se dividir igualmente entre eles.[40]

Beauvoir já começava a achar que as irmãs Kosakiewicz seriam sua eterna *bête noire.* Em suas cartas a Bost, o fator "Kos" era um refrão angustiado. Todas as vezes que Bost tinha uns dias de licença, era uma agonia para Beauvoir. "Meu amor (...) tente passar o máximo de tempo possível comigo; não pode dizer a K que vai chegar depois do

que vai chegar mesmo? (...) Eu adoraria esperá-lo na estação e passar os primeiros momentos com você.”[41]

Bost nem sempre lhe contava seus planos. Em sua primeira licença, esteve primeiro com Olga. Não se atreveu a contar a Beauvoir até o último minuto. Ela ficou irritada, e lhe disse que se sentia como mãe dele, “a pastora”, alguém a quem ele só contava as coisas depois, quando eram *faits accomplis.*[42]

E depois havia a “Kosakiewicz menor”, como Sartre a chamava. Ela se tornara sua nova obsessão. Se Wanda ainda não sabia ao certo o que sentia por Sartre, tinha certeza do que sentia por Beauvoir. Não gostava dela. De fato, abominava-a, disse a Sartre, que não hesitou em passar a informação adiante.

Na primavera de 1939, Wanda foi morar em Paris. Sartre sustentou-a financeiramente. “Você daria uma ótima pintorazinha”, disse-lhe. Providenciou para que ela tivesse aulas e para que Poupette, a irmã de Beauvoir, dividisse seu ateliê com ela. Quando Wanda lhe perguntou qual era exatamente a natureza de sua relação com Beauvoir, ele lhe assegurou que eram apenas amigos. Então contou a Beauvoir o que dissera.

A situação toda era “suja”, dizia Beauvoir a Bost furiosa. Sentia-se traída. Culpava as mulheres de Sartre, que, a seu ver, obrigavam-no a mentir. E não gostava da forma como as irmãs Kosakiewicz falavam dela. “É muito desagradável para mim sentir-me esquartejada por essas duas consciências.” Bost, pela primeira vez, não foi solidário.

> Fiquei bastante indignado com o fato de você protestar por causa dos julgamentos e das conversas que Wanda e Kos possam ter sobre você e Sartre, e também sobre mim. Acho que você deve lhes dar a impressão de ser fingida e dúbia ao extremo, o que se justifica, uma vez que elas foram muito enganadas em todos os sentidos.[43]

Beauvoir ficou mortificada. Uma semana depois, ela e Bost tiveram uma discussão mais perturbadora ainda. Ela lhe escrevera contando o agradável domingo que passara com Bianca Bienenfeld. A jovem chegara ao Mistral, como sempre, ao meio-dia, muito

bonita, dissera Beauvoir, com um vestido azul e um casaco malva. Elas foram à Coupole e almoçaram suntuosamente, com uma garrafa de champanhe. Depois foram tomar um café no Flore. Deviam estar flertando uma com a outra de maneira bastante flagrante, porque um grupo de homens começou a zombar delas, com gestos grosseiros. De volta ao Mistral, passaram para cumprimentar Sartre, que trabalhava no quarto, ainda de roupa de dormir.

> Então descemos para o meu quarto, onde ficamos num agarramento ilícito. Acho que, em última instância, não sou homossexual, já que sensualmente não sinto quase nada, mas foi agradável e gosto de estar na cama à tarde num dia bem ensolarado.[44]

Bost disse que a palavra *agradável* deixara-o perplexo. Parecia-lhe "terrivelmente obsceno" Beauvoir falar de Bienenfeld daquela maneira. Até disse estar feliz pelo fato de o Castor ter mencionado sentir algum remorso em relação a Olga. Ele andara brigando com a culpa a ponto de sentir-se doente por causa disso. A última vez que viu Olga, ela fora extraordinariamente direta e sincera com ele. Ele ficara envergonhado.

Sua carta provocou um ataque de ansiedade que Beauvoir descreveu como "patológico". Ela a leu à noite, justo antes de sair com Olga. Passou horas sentindo-se anestesiada. Quando entrou num táxi no fim da noite, esforçou-se para conter as lágrimas até chegar no quarto, então teve um acesso de choro. Acordou "num desespero que era absolutamente mórbido". Almoçou com a mãe e conseguiu se controlar até ela partir. Quando desceu as escadas, sentiu as lágrimas chegando como uma onda de náusea. A única coisa que conseguiu fazer, disse a Bost, foi ir para casa chorar.

> A razão pela qual comentei minha relação física com Bianca (...) foi precisamente porque não queria que você me entendesse mal. Só tenho *uma* vida sensual, e é com você, e, para mim, isso é algo infinitamente precioso, e sério, e importante, e apaixonante. Eu não seria capaz de lhe ser infiel, porque isso o transformaria num episódio dessa vida, ao passo que você *é* essa vida. Não

> quero outra. Estou totalmente engajada nela, profundamente, e com muita alegria.
>
> (...)
>
> E antes de terminar com esse assunto, embora isso me deixe um pouco embaraçada, preciso deixar uma coisa clara. Com Sartre, também tenho uma relação física, mas muito pequena, e é mais ternura, e — não sei bem como dizer isso — não me sinto envolvida nela porque não há envolvimento da parte dele. Isso é algo que já expliquei a ele bastante. Por isso posso dizer que a única vida sensual que tenho, e já tive, é com você, e preciso que a leve a sério e saiba que eu a levo, com toda a alma.[45]

Ela admitia estar assustada com o remorso que Bost sentia por causa de Olga. Temia que isso acompanhasse uma vaga hostilidade em relação a ela. Preferia não vê-lo a sentir que merecia suas recriminações, mas a idéia de não vê-lo lhe era absolutamente odiosa. “Não é uma situação agradável.”

“Hoje de manhã, pela primeira vez, transei com ela”, anunciou Sartre. Era final de julho de 1939, ele estava com Wanda no sul da França. “O resultado foi que a deixei na cama, toda pura e trágica, declarando-se cansada e tendo me odiado por uns bons 45 minutos.” Ele fora de fininho a um café escrever a Beauvoir.

Marselha estava impregnada do Castor, disse-lhe, e ele ficava muito emotivo quando ia a restaurantes onde eles haviam jantado juntos. Com Wanda, era “amor perfeito, olhando nos olhos um do outro, de mãos dadas”.

> De agora em diante, estou me dedicando com persistência à minha vida pessoal (...) Wanda é quase sempre agradável e carinhosa, e é muito bom transar com ela, o que no momento me acontece de manhã e à noite. Ela parece ter prazer com isso, mas fica exausta, passa mais de 15 minutos morta para o mundo depois de ter prazer. O negócio é que preciso da violência de

> discussões ou da emoção das reconciliações para me sentir vivo. Ontem à noite, tivemos uma discussão terrível, mas valeu o esforço.[46]

Ele e Wanda geralmente não dormiam antes de três da manhã. Acordavam às sete e faziam amor, ele se vestia por volta das dez e ia ao correio, depois a um café para escrever. Wanda aparecia ao meio-dia, e eles passavam a tarde lendo e passeando. Ela descansava uma hora antes do jantar, enquanto Sartre escrevia cartas clandestinas. Saíam para jantar, em geral na Charley's Tavern, depois ficavam bebendo no Porto Velho, vendo as luzes. Sartre lamentava ter que rasgar todas as cartas que recebia, mesmo as que Beauvoir lhe pedia para guardar. "É impossível guardá-las: dividimos o mesmo quarto e Wanda passa a manhã zanzando por ali enquanto ainda estou dormindo."

Sartre passara dois anos cortejando Wanda. Foi seu mais longo processo de sedução. Agora, diferentemente do que fora com Olga, ele alcançara o objetivo.

No início de agosto de 1939, Wanda voltou a Paris, e Beauvoir foi ao encontro de Sartre em Marselha. Bost veio de licença por alguns dias. Considerava a guerra inevitável, brincava com Sartre sobre se seria pior voltar da guerra sem as pernas, os braços ou desfigurado. Beauvoir ficava horrorizada.

Bost disse que as coisas iam andando extraordinariamente bem entre ele e Olga. Achava que Olga estava ficando mais confiante como atriz. Por sugestão de Beauvoir, ela estava fazendo oficinas dramáticas na escola de Dullin, conhecida como L'Atelier, e Charles Dullin considerava-a promissora. Parecia afinal estar comprometida com Bost, e isso significava que ele se sentia mais comprometido com ela. Pediu a Beauvoir para queimar todas as cartas que lhe escrevera, e disse que queimaria as dela. "Seria muito ignóbil se algum dia alguma coisa fosse revelada; seria abjeto (...) Não lamento nada, mas me sentiria profundamente culpado se Kos algum dia sofresse por minha causa. É constrangedor para mim lhe dizer isso, mas posso lhe contar tudo. Sei como você é."[47]

Depois que Bost foi embora, Sartre e Beauvoir estavam uma noite no Porto Velho quando passa ninguém menos que Paul Nizan, com um enorme cisne de borracha debaixo do braço! Estava com a mulher e os dois filhinhos, a caminho da Córsega. Tomaram uma bebida juntos. Nizan, normalmente muito melancólico, estava convencido de que, não demoraria nada, a Alemanha estaria de joelhos. Sartre e Beauvoir ficaram espantados, e animados com o otimismo dele. Ficaram olhando enquanto ele se afastava, o cisne debaixo do braço. Seria a última vez que o veriam.

Foram hospedar-se na casa de Madame Morel em Juan-les-Pins, perto de Antibes. O grande jardim descia até o Mediterrâneo. Sartre tentou ensinar Beauvoir a nadar. Conseguia nadar uma boa distância, mas de repente ficava apavorado com as criaturas viscosas que imaginava à espreita nas profundezas, e voltava em pânico.

Em Juan-les-Pins, Beauvoir continuava tendo acessos de choro. A perspectiva da guerra era aterrorizante. Parecia-lhe que estava perdendo seus homens, se não para as irmãs Kosakiewicz, então para os alemães. Sartre estava tão obcecado com Wanda que Beauvoir se perguntava exatamente o que ela significava para ele agora. E Bost parecia estar dando a entender que seu relacionamento com Beauvoir fora apenas um caso, e que só seu relacionamento com Olga era sério. Para Beauvoir, aquele verão foi horrível.

A guerra já andava no horizonte havia anos. Todo mundo sabia que estava chegando — isto é, todo mundo menos Sartre, que continuava assegurando aos amigos que ela não viria. “É impossível que Hitler esteja pensando em começar uma guerra, dado o estado mental da população alemã. É um blefe”, assegurou a Bienenfeld em 31 de agosto de 1939. Ele e Beauvoir já estavam de novo em Paris. Bienenfeld, angustiada de preocupação, estava com os parentes em Annecy.

Naquele mesmo dia, Bost foi convocado. No dia seguinte, sexta-feira, 1º de setembro, as tropas alemãs invadiram a Polônia. Foram espalhados cartazes por Paris ordenando a mobilização geral de todos os homens capazes entre 18 e 40 anos. À tarde, Sartre voltou ao Mistral para fazer as malas. Ele e Beauvoir desceram ao porão e

pegaram duas mochilas e as botas de esqui de Sartre. Logo havia roupas, latas de comida, bolsas de fumo, cadernos e livros espalhados pelo chão.

Depois de fazer as malas, Sartre foi a um café e escreveu a Bienenfeld. “Voltarei para você. Sou do tipo fiel, e você vai me encontrar de novo quando chegar a hora, exatamente igual à pessoa que deixou na praça da estação em Annecy. Nada pode nos mudar, meu amor, nem você, nem o Castor, nem eu (...) Eu gostaria que soubesse que amo você apaixonadamente, *para sempre*.”

Sua despedida de Wanda foi emotiva. Prometeu lhe escrever diariamente, e lhe pediu para tentar fazer o mesmo. Em particular, preocupava-se com a possibilidade de ela voltar para a família em Laigle. Prometera-lhe sustentá-la no ano que entrava, para que pudesse continuar pintando em Paris, mas temia não ter recursos para fazê-lo se passasse muito tempo sem lecionar.

Sartre passou suas preciosas últimas horas com Beauvoir. Jantaram juntos, depois foram se deitar às dez horas no quarto de Beauvoir, programaram o despertador e tentaram dormir. Às três da manhã, vestiram-se rapidamente. Sartre continuava roendo as unhas. Jogaram as mochilas nos ombros e foram tomar um café no Dôme. Foi o relance final da Paris de antes da guerra. Dali em diante, os cafés deveriam fechar às onze da noite.

Paris estava escura e silenciosa. A lua desaparecera entre as nuvens e as luzes dos postes haviam sido diminuídas. As janelas dos cafés estavam cobertas com pesadas cortinas azuis. Numa Montparnasse silenciosa, o Dôme era uma ilha de barulho e fumaça. Homens de uniforme haviam brotado do nada, e estavam sentados às mesas conversando. Algumas prostitutas exerciam sua profissão. Sartre e Beauvoir sentaram-se na varanda e pediram cafés. Beauvoir teve a sensação de que estavam num romance de Dos Passos, disse.

Às 4h30, tomaram um táxi para a estação de mobilização na Place Hébert. Um policial lhes disse que fossem à Gare de l’Est. Foram a pé. O dia raiava. O céu estava cor-de-rosa. Eles esperaram encontrar uma multidão na estação, mas o salão estava quase vazio. Não havia um só homem de uniforme. Sartre explicou que três quartos dos homens já haviam sido convocados. A coisa toda parecia

kafkiana, disse. Ninguém viera buscá-lo. Era quase como se ele estivesse partindo por livre e espontânea vontade.

Havia um trem às 6h24, mas como aparentemente mais ninguém ia embarcar nele, Sartre decidiu tomar o das 7h50. Foram tomar mais um café. Sartre assegurou a Beauvoir mais uma vez que não estaria em perigo em Nancy. Aquela era simplesmente mais uma de suas separações. Eles se escreveriam regularmente. Ela lhe mandaria pacotes de livros.

Quando voltaram à plataforma, havia mais gente em volta, incluindo homens com mochilas. Perto do portão de entrada, alguns casais se abraçavam. Beauvoir sentiu as lágrimas lhe pinicando os olhos. Sartre abraçou-a, depois ela ficou olhando enquanto ele descia a plataforma com um passo rápido e decidido. Parecia pequeno e vulnerável, e ela via por suas costas que estava tenso.

Deu meia-volta e dirigiu-se à saída. Pensou consigo mesma que poderia passar horas chorando que não acabaria de chorar. Caminharia sem parar, do contrário seu coração explodiria.

Notas

1 Sartre, *War Diaries*, p. 78.
2 Amigos influentes de Sartre, Charles Dullin e Pierre Bost (o irmão mais velho de Jacques-Laurent Bost, e um leitor da Gallimard) haviam pedido ao próprio Gaston Gallimard para olhar o manuscrito rejeitado de Sartre. Gallimard declarou-o “esplêndido” e “inspirado”.
3 *PL*, 377.
4 *PL*, p. 372.
5 Uma seleção de cartas a Wanda da Grécia foi publicada na *Les Temps Modernes*, out.-dez. 1990, números 531-33, p. 1.292-1.429.
6 *PL*, p. 380.
7 Sartre, *War Diaries*, p. 248-49.
8 Ibid., p. 122.
9 S a S de B, setembro de 1937, em *Witness.*
10 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 197.
11 Citado em *Nouvelle Revue Française,* janeiro de 1970, p. 78.
12 Bianca Lamblin, *A Disgraceful Affair,* trad. Julie Plovnick (Boston: Northeastern University Press, 1996), p. 19.
13 S de B a Bost, 28 de novembro de 1938, *Correspondance Croisée, 1937-1940* (Paris: Gallimard, 2004), p. 136.
14 Lamblin, *A Disgraceful Affair*, p. 20.
15 Ibid., p. 25.
16 S a S de B, 14 de julho de 1938, em *Witness*, p. 155 (trad. modificada).

17 S a S de B, quarta-feira, [20] de julho de 1938, em *Witness*, p. 164. Beauvoir cortou várias passagens gráficas da versão publicada.
18 Sartre, *Diários de uma Guerra*, p. 285. O personagem no conto de Sartre "A Infância de um Líder", um jovem obcecado com a sedução, tem o mesmo problema com os músculos faciais quando quer conquistar. "As comissuras de sua boca doíam porque ele sorrira muito."
19 S a S de B, maio de 1937, *Witness*, p. 110 (trad. modificada).
20 Sartre, *War Diaries*, p. 269.
21 Sartre, *War Diaries*, p. 269, e *Adieux*, p. 311. Numa entrevista à *Playboy*, em maio de 1965, Sartre contou a Madeline Gobeil: "A feiúra feminina me ofende. Admito isso e me envergonho." (*The Writings of Jean-Paul Sartre*, vol. I, *A Biographical Life*, comp. Michel Contat e Michel Rybalka [Evanston Ill.: Northwestern University Press, 1974], p. 466.)
22 Sartre, *War Diaries*, p. 267.
23 S a S de B, domingo, julho de 1938, em *Witness*, p. 166.
24 S a S de B, 15 de julho de 1938, em *Letters*, p. 16
25 S a S de B, 27 de julho de 1938, em *Letters*, p. 21 (trad. modificada).
26 S de B a Bost, 22 de agosto de 1938, em *Correspondance*, p. 57.
27 Bost a S de B, 3 de agosto de 1938, em *Correspondance*, p. 47.
28 Bost a S de B, 6 de agosto de 1938, em *Correspondance*, p. 50.
29 S de B a Bost, 2 de setembro de 1938, em *Correspondance*, p. 69.
30 As novelas *Quand Prime l´Esprit* acabariam sendo publicadas em 1979. Apesar da imaturidade, são vivas e interessantes, com observações irônicas e pungentes. Sartre gostou de muitas passagens.
31 S de B cita este comentário numa carta a Bost, 22 de dezembro de 1938, *Correspondence*, p. 162.
32 *PL*, p. 380.
33 *She Came to Stay* [*A Convidada*], trad. Yvonne Moyse e Roger Senhouse (Nova York e Cleveland: World Publishing, 1954), p. 341.
34 Ibid., p. 368.
35 As resenhas também falavam do aspecto semipornográfico do livro. Sua publicação foi outra ocasião em que os pais de Beauvoir a fizeram passar um mau bocado. "Meu pai já leu seu livro", disse ela a Sartre. "Está chocado com as obscenidades, e com o fato de você ter dedicado o livro a Kos, que ele desconfia seja sua amante." S de B a S, 3 de janeiro de 1940, *Letters*, p. 240.
36 Lamblin, *A Disgraceful Affair*, p. 39.
37 Ibid., p. 42-43.
38 Minha entrevista com Bianca Bienenfeld Lamblin, 29 de junho de 2002, Paris.
39 S a Bienenfeld, julho de 1939 (sem data), em *Witness*, p. 190.
40 S de B a Bost, 5 de fevereiro de 1939, em *Correspondance*, p. 233.
41 S de B a Bost, 11 de novembro de 1938, em *Correspondance*, p. 106.
42 S de B a Bost, 27 de novembro de 1938, em *Correspondance*, p. 133.
43 Bost a S de B, 25 de maio de 1939, em *Correspondance*, p. 375-76.
44 S de B a Bost, 4 de junho de 1939, em *Correspondance*, p. 386.
45 S de B a Bost, 8 de junho de 1939, em *Correspondance*, p. 396-97.
46 S a S de B, fim de julho de 1939, em *Witness*, p. 200.
47 Bost a S de B, 19 agosto de 1939, em *Correspondance*, p. 414.

CINCO

GUERRA

Setembro de 1939–Março de 1941



"*La Guerre!*" Era tarde de domingo, 3 de setembro de 1939. Naquela manhã, a Grã-Bretanha declarara guerra à Alemanha. Agora, a França também tinha que declarar. Beauvoir viu as manchetes e começou a chorar. A primeira coisa que lhe ocorreu foi que Bost seria morto. "Meu amor, se alguma coisa ruim lhe acontecer", escreveu-lhe do Flore, "não haverá mais felicidade para mim nessa vida". Como reservista, Sartre corria menos perigo, mas por quanto tempo? Se *ele* fosse morto, Beauvoir disse a si mesma que se suicidaria. O estranho é que a idéia foi um consolo.

Os jovens haviam partido e, nos dias seguintes, milhares de civis fugiram da cidade, em carros com malas empilhadas em cima. Paris virara uma cidade de mulheres, velhos e doentes. Máscaras de gás foram distribuídas. Nos cafés, os clientes tinham que pagar tão logo eram servidos, pois as sirenes de ataque aéreo poderiam soar a qualquer momento. A luz dos postes agora era amarelada e fraca, como o brilho de uma vela. Instituiu-se um toque de recolher à meia-noite.

Beauvoir nunca imaginara a guerra com mais de alguns meses de duração, e as pessoas já falavam em vários anos. Ouviu algumas mulheres discutindo o telegrama que receberiam se seus maridos fossem mortos no campo de batalha. Passou semanas apavorada, sem conseguir se concentrar no trabalho. Vivia para receber cartas de

Sartre e Bost. “A história explodiu em cima de mim”, conta, “e fiquei toda estilhaçada.”[1]

Durante oito meses, foi a “Guerra de brincadeira” — nem guerra nem paz. Havia um cheiro constante de pesadelo, mas o inimigo continuava invisível. Sartre propôs a teoria de que, assim como a música moderna não tinha harmonia, a guerra moderna não tinha mortes.

“A guerra me *interessa*”, escreveu da Alsácia. “Sinto que estou num país estrangeiro, que vou explorar minuciosamente.”[2] Como sempre, ele se adaptara bem à vida comunitária. Havia mais quatro em sua unidade meteorológica, e eles foram alojados com um padre velho. “Um grupo estranho. Quem sabe quantos anos vou morar com eles? Eles não são antipáticos.”[3] Ele os chamava de seus “acólitos”. Tirante uma leitura meteorológica a cada três horas — soltar um balão vermelho, observá-lo de binóculo e telefonar para a unidade de artilharia informando a direção do vento —, eles pouco tinham a fazer. No primeiro domingo, caminharam pelo campo, e os acólitos cataram ameixas enquanto Sartre fumava um charuto. “Minha única preocupação é que vou engordar.”[4]

Ele entrou numa rotina de dez a 11 horas por dia, e avançou bem em seu romance *A Idade da Razão.* Contou a Beauvoir que lhe mandaria capítulos tão logo o serviço postal ficasse mais seguro. A guerra lhe deu uma perspectiva nova, e, pela primeira vez, mantinha um diário. Gozava a liberdade de escrever espontaneamente, deixando-se levar pelos pensamentos. Além do mais, escrevia pelo menos três cartas por semana.

Terminara os livros de Kafka que levara consigo, e estava gostando do diário de André Gide que Beauvoir lhe mandara. Sim, encaminhá-lo-ia a Bost quando o terminasse, como fora instruído. (Todos os três estavam mantendo diários, e queriam ler outros, para terem um modelo.) Ele escreveu uma lista de outros títulos que gostaria de ler. Não havia pressa; o Castor não devia mandá-los todos de uma vez. Havia algum romance policial novo? E será que ela lhe mandaria pelo correio a última *Nouvelle Revue Française*, quatro blocos de notas e cinqüenta envelopes?

“Acredite ou não, quando você disse na carta que não sobreviveria a mim se houvesse algum desastre, senti uma profunda paz”, confessou Sartre a Beauvoir. “Eu não gostaria de deixar você para trás, não porque você seria uma pequena consciência livre passeando pelo mundo e eu ficaria com ciúmes, mas porque você me persuadiu de que estaria num mundo absurdo (...) Mas não se preocupe, eu estava pensando nisso tudo de modo abstrato, já que estou numa encantadora aldeia da Alsácia, muito segura e confortável. Além do mais, acho também que, a longo prazo, eu definitivamente haveria de querer que você continuasse com sua vidinha sem mim: uma vida ceifada parece, afinal de contas, a perda de uma coisa boa. O fato é que, de qualquer maneira, nunca senti de modo tão intenso que você sou eu.”[5]

Havia anos, ele usava a noção de unidade para acalmar as dúvidas ocasionais de Beauvoir sobre a relação deles. “Se houvera uma necessidade de sentir o quanto nós dois somos um, essa guerra fantasma pelo menos teria a virtude de nos deixar ver isso”, disse ele em outra carta. “Isso responde à pergunta que a atormentava: meu amor, você não é ‘uma coisa em minha vida’ — nem mesmo a mais importante —, porque minha vida já não me pertence, porque (...) você é sempre *eu*.”[6]

Suas bodas de estanho (contadas a partir da primeira vez em que fizeram amor) foi no dia 14 de outubro de 1939. Olhando para trás, Sartre deu-se conta mais do que nunca de que estava em dívida para com Beauvoir. Passou três dias sem notícias dela, e depois registrou no diário: “Minha irritação com o atraso de Wanda é imaginado. Isso, sim, é sério. Senti o mundo sem o Castor (não que tenha achado que estivesse morta, mas simplesmente não havia carta e vivo no mundo dela e no meu através de suas cartas): era um deserto.”

Dois dias depois, escreveu: “Senti hoje que toda minha coragem e até meu apetite de experimentar a guerra vêm de uma certeza de ser compreendido, apoiado e aprovado pelo Castor. Se não fosse essa aprovação, tudo desmoronaria e eu ficaria à deriva.”[7]

Sartre ficou profundamente aliviado de saber que, como funcionário público, continuaria recebendo o salário integral de professor

enquanto estava no exército. “Saberei que toda minha pequena família tem dinheiro e segurança suficientes e não terei a sensação — que realmente começava a me roer — de que é você que está carregando o fardo de toda a comunidade”, disse a Beauvoir.[8] As irmãs Kosakiewicz conseguiriam ficar em Paris. Olga poderia retomar as aulas no Atelier e tentar se estabelecer como atriz. Wanda poderia continuar com as aulas de pintura. Nenhuma delas teria que procurar emprego.

Em novembro, Sartre atravessou uma fase negra. Seus olhos lhe doíam. Já não enxergava quase nada da vista direita, e temia vir a ficar completamente cego. Mas não lhe ocorreu parar de trabalhar por alguns dias, descansar a vista. Em vez disso, habituou-se a escrever de olhos fechados.

Sua maior fonte de tormento, porém, não era a vista, mas Wanda. Dependia de suas cartas, com aquela letra grande e infantil. Quando lia “Amo você de paixão” ou “Você precisa me tratar como adulta”, sentia-se aquecido por dentro. Não ligava para a ortografia e a gramática[9] terrível da moça. Não se incomodava que ela se envaidecesse de sua “alma russa”. Precisava que ela lhe dissesse que o amava. No início de novembro, ela já não escrevia todos os dias. Ele estava muito longe, disse ela numa carta. Poderia estar em outro planeta. Ela também deixou claro que Roger Blin, um dos atores mais talentosos no Atelier de sua irmã, a estava cortejando. Sartre confidenciou ao diário:

> Ontem (...), por volta de duas horas, recebi uma carta dela que termina assim: “Preciso parar porque vejo o topo da cabeça de B[lin] aparecendo: as pessoas se agarram a ele quando ele passa, mas seu olhar está grudado em mim e ele vem andando de mansinho em minha direção com uma determinação de caranguejo. Até amanhã.” Aquele fim de seriado — “continua amanhã” — me provocou uma profecia ciumenta. Eu estava certo de que iria acontecer algo entre eles. Imediatamente, escrevi uma carta irreparável, que acabei rasgando. Hoje, voltei a ter uma visão mais equilibrada.[10]

Sartre se perguntaria, depois, sobre o “paroxismo de paixão” que sofreu naquele novembro.[11] Sua reação ao próprio ciúme era um padrão que conhecia bem. Disse a si mesmo que não ligava e não perderia Wanda, e lançou-a no vazio. Como sempre, não conseguia se enganar. A confiança alegre de que precisava para escrever o abandonara. Perdera todo o desejo de começar um novo capítulo do romance. Quando tentava imaginar sua vida do pós-guerra sem Wanda, tinha a sensação de que seu mundo encolhera. Faltava uma dimensão vital.

Fez o possível para racionalizar. Um caso com Blin provavelmente não significaria tanto para Wanda. “É óbvio (...) que a vida dela sou eu — menos talvez pela ternura que lhe inspiro do que pela necessidade intelectual e material que ela tem de mim”, disse a Beauvoir.[12] “Ela pode me decepcionar, mas, por ora, sou uma lenda para ela, ela se ‘curva’ diante de mim, como sabe, e isso lhe fornece seu pequeno mito solene e romântico. Não destrua isso para mim, por favor.”[13]

Em seu diário — ele o chamava de seus “cadernos de guerra” —, Sartre fazia anotações para o tratado filosófico que viria a ser *O Ser e o Nada.* Um argumento central era que as relações com o outro sempre envolvem conflito. O amor entre duas pessoas é necessariamente um conflito.

> Cada um quer que o outro o ame mas não leva em conta o fato de que amar é querer ser amado e que assim, querendo que o outro o ame, a pessoa só quer que o outro queira ser amado por sua vez (...) Daí a perpétua insatisfação do amante.[14]

Sartre via o amor como uma batalha em que dois sujeitos livres tentam se apoderar cada um da liberdade do outro, tentando ao mesmo tempo se libertar do outro. O cenário é recorrente em sua obra, assim como seria recorrente em sua vida.

Quando Sartre deixou Paris, Beauvoir, sentindo-se terrivelmente só, escrevera a Olga em Laigle, enviando-lhe dinheiro para a passagem para Paris. Dois dias depois, Beauvoir voltou ao Mistral à meia-noite

e encontrou um bilhete de Olga embaixo da porta. “Estou aqui, no quarto 20, no fim do corredor.” As duas caíram nos braços uma da outra e ficaram conversando até três da manhã.

Olga sempre antipatizara com o Mistral, então Beauvoir mudou-se com as irmãs Kosakiewicz para o Hôtel du Danemark, na rue Vavin. Os quartos eram maiores e mais confortáveis, e o hotel era mais perto de seu café preferido, o Dôme, mas Beauvoir ficou triste de deixar o lar que dividira com Sartre. “Senti-me como se estivesse me separando de você”, disse-lhe numa carta. “Vamos voltar os dois para o Hôtel Mistral, meu amor, não? Vamos voltar a viver juntos? Promiscuamente? Pequeno ser, querida criaturinha, amo tanto você — hoje não consigo parar de chorar.”[15]

Com os homens fora, as mulheres se viam mais. Certo dia, Beauvoir tomava café-da-manhã no quarto de Olga quando Wanda entrou. As três passaram juntas uma hora agradável. Uma noite, Wanda acompanhou-as ao Jockey, um cabaré em Montparnasse. Beauvoir achou-a estranhamente atraente com aquele suéter preto justo, aquela pele fresca, aquele cabelo louro curto e aquelas expressões infantis. A noite inteira, Beauvoir não conseguiu parar de olhar para ela. Achou que conseguia entender a atração que Sartre sentia.

Mas lutava com o ressentimento. Ganhava o próprio dinheiro e dava duro. As irmãs Kosakiewicz, porém, sustentadas por ela e por Sartre, pareciam não ter a menor energia. Wanda dividia o ateliê caindo aos pedaços de Poupette perto do Jardin des Plantes. (Beauvoir pagava o aluguel.) Poupette fizera um retrato esplêndido de Wanda trabalhando no cavalete, mas isso era uma cena rara. “Ela trabalha apenas uma hora a cada três dias”, relatou Beauvoir a Sartre.[16] Olga retomara as aulas no Atelier; Dullin era encorajador, mas ela tinha uma ansiedade terrível. Vivia contando a Beauvoir a última tragédia de um ensaio. Ou perdera a voz ou ficara tonta ou esquecera as falas. Precisava ter a confiança renovada constantemente.[17]

Beauvoir sentia grande prazer em escrever a Sartre e Bost, e em embalar encomendas para eles — livros, cadernos, cigarros e qualquer outra coisa que eles pudessem pedir. Às vezes, essas cartas ou essas encomendas podiam ser “oficiais”, mas em geral eram

clandestinas. As “Kosaks” (como Sartre e Beauvoir chamavam as irmãs) não sabiam que Beauvoir se correspondia quase diariamente com Sartre e Bost. Enquanto isso, Olga declarava com desenvoltura que as relações a distância eram abstratas e irreais, e só escreveria a Bost quando estivesse disposta.

Depois de passar a manhã dando aulas, Beauvoir pegava sua correspondência clandestina na posta-restante local. Sempre que podia, ia direto a um café responder. Uma tarde, postou suas cartas para Sartre e Bost, depois foi encontrar-se com Olga, que também recebera uma carta de Bost, e a dela era mais longa. Quando Olga desdobrou a carta, Beauvoir viu de relance as palavras “Meu amor querido”. Sentiu como se tivesse levado um soco. Para ela, Bost escrevia “Querido Castor”. Tentou argumentar consigo mesma que Bost a amava tanto quanto amava Olga, e que ela deveria se contentar com isso. Afinal de contas, ela também não lhe dava todo o seu amor. Mas, por mais que tentasse ser razoável, achava que o amor de Bost por Olga ainda era uma ferida aberta.

As mulheres não tinham autorização para visitar os maridos no *front*. Precisavam de salvo-conduto para entrar na área de guerra, ou corriam o risco de ser presas, e os soldados eram punidos se suas mulheres tentassem vê-los. As mulheres também não deviam saber onde os maridos se encontravam: os censores de guerra abriam aleatoriamente as cartas para garantir isso. Todavia, em resposta a suas súplicas insistentes, Sartre enviou a Beauvoir instruções em código. “Emma” gostaria de vê-la em novembro, dizia. Esperava que ela tivesse mais sorte que os amigos de Emma, Bernard e René Ulmann, e Maurice, Adrien e Thérèse Héricourt. As iniciais formavam o nome da cidade de Brumath.

Em 31 de outubro, Beauvoir levantou-se às 6h30 e vestiu-se depressa. Ainda estava escuro no Boulevard du Montparnasse quando se encaminhou para um ponto de táxi: o Dôme e o Rotondo acabavam de abrir. Partiu da Gare de l’Est no mesmo trem que Sartre tomara dois meses antes. Simulara uma doença para obter uma licença médica da escola, e conseguira um atestado de residência falso para obter um salvo-conduto. Não fora fácil.

O trem estava cheio de militares. Beauvoir leu *Barnaby Rudge* de Dickens, erguendo os olhos periodicamente para admirar as cores de outono do campo. A certa altura, se deu conta de que ia ver Sartre e ficou toda feliz.

Era quase meia-noite quando saltou numa plataforma deserta em Brumath, exótica com seus saltos altos, seu turbante azul e brincos pingentes. Só então lembrou-se de que os soldados tinham toque de recolher após as 21h. Passou pelo hotel Lion d'Or — Sartre o mencionara em cartas — e bateu na porta. Ninguém respondeu. Dois soldados que passavam fazendo a patrulha iluminaram-na com uma lanterna e pediram para ver seus documentos.

Ela lhes disse que era de Paris. Eles também, disseram. Acompanharam-na a vários hotéis até ela encontrar um quarto. Nervosa e exausta, meteu-se na cama gelada.

Sartre lhe contara que tomava o café-da-manhã às sete na Taverne du Cerf. Beauvoir pôs o despertador para tocar e lá chegou ao romper da aurora. Seu coração palpitou furiosamente quando ela viu o pequeno vulto conhecido subir a rua, andando depressa, como sempre, com um cachimbo na boca. Ele deixara crescer uma barba rala, que tinha um aspecto terrível. Não a esperava tão cedo. Seu telegrama não chegara.

Sartre estava de uniforme, o que significava que não podiam entrar num café juntos. Foram ao quarto gelado de Beauvoir. Ela estava muito ansiosa. Será que conseguiria estender seu passe de 24 horas? Sartre disse que a polícia na região era rígida. Depois de uma hora, teve que voltar ao quartel. Quando voltou ao hotel de Beauvoir às 11h, havia raspado a barba.

No final, Beauvoir conseguiu ficar quatro dias. Falaram que se acabaram. Sartre explicou suas últimas idéias filosóficas. Quando precisava voltar ao quartel, Beauvoir lia o romance dele, fazendo anotações com críticas e sugestões. Leram os diários um do outro. O de Beauvoir era mais sobre o dia-a-dia; o de Sartre era mais reflexivo. Ele a encorajou a sondar mais fundo. Aquela era uma boa ocasião para eles olharem suas vidas em retrospecto, disse. Por exemplo, como ela achava que a dela era moldada pelo fato de ser mulher?

Discutiram sua complicada vida amorosa. Beauvoir confessou a angústia que sentia por causa do amor de Bost por Olga. Já receava não ver Bost quando ele estivesse de licença, por causa de Olga, e temia a perturbação emocional que sabia que sentiria. Sartre não achava que ela precisava se envergonhar de seus sentimentos, mas ela não devia esquecer que *escolhera* seu relacionamento com Bost. Na verdade, Olga era necessária para o equilíbrio da relação. Bost não podia se dar totalmente a Beauvoir porque ela não se dera totalmente a Bost. Tinha a ele, Sartre.

Beauvoir também admitiu estar muito perturbada com a licença de Sartre que viria a seguir. “E você”, perguntou a Sartre, “como será possível vê-lo quase o tempo todo, apenas com umas horas para Wanda, como você disse?”[18] Ficou triste porque precisariam se esconder de Wanda em Paris. Ela achava um insulto as irmãs Kosakiewicz precisarem saber que Sartre passava quase toda sua licença com ela. Às vezes, sentia um desejo enorme de estar sozinha no mundo com ele, só os dois.

Sartre lhe entregou uma pilha de cartas para ler, de Wanda e de Bienenfeld. Tinha carinho por Wanda, disse, mas a moça tinha 22 anos, era imatura e instável. No fim da guerra, provavelmente estaria “morta, louca ou teria partido com algum outro cara”.[19] Quanto a Bienenfeld, ele lhe escrevia regularmente — às vezes copiando trechos inteiros de suas cartas a Wanda —, mas ela lhe deixava frio naquele tempo.

Sartre conseguiu arranjar um quarto de casal para eles só por duas das quatro noites. Aquelas duas noites no Boeuf Noir, naquela atmosfera carregada de guerra, foram extraordinariamente apaixonadas. Fizeram amor. “Estou feliz, meu amor”, disse Beauvoir numa carta, tão logo voltou. “Jamais gostei tanto de você nem com tanta alegria (...) Nunca me senti tão plenamente fundida com você.”[20]

Sartre gostava de pensar nela no quarto deles — “sozinha e nua em pêlo, as pequenas expressões que lhe atravessam o rosto, os sorrisos ternos, seus bracinhos em volta do meu pescoço”. Suas cartas seguintes foram igualmente carinhosas. “Minha florzinha, nunca a amei tanto quanto nos últimos dias (...) Seu maridinho a ama.”[21]

“A verdade é que”, admitiu Beauvoir a Sartre, “desenvolvi um certo gosto por tais relações”.[22] Ela não falava da deles: sabia que Sartre odiava que ela fosse dependente. Referia-se ao que Sartre chamava de seu (dela) “harém de mulheres”.[23]

Beauvoir não tinha dúvidas sobre sua heterossexualidade, mas muitas vezes se perguntava se também era uma “armadilha de lobo” — o termo de Madame Morel para homossexuais, que Beauvoir e Sartre haviam adotado. Como professora, Beauvoir despertava uma quantidade extraordinária de paixonites de meninas. As mulheres lhe diziam que ela era linda. Os homens raramente o faziam — a ponto de ela estar naquela época fazendo uma pesquisa, mandando as amigas perguntarem aos homens como reagiam fisicamente a ela. Sartre nunca a fizera sentir-se particularmente desejável. Até mesmo Bost era capaz de fazer comentários desconcertantes às vezes. Ela começara recentemente a usar turbante (tinha forma de turbante, mas, na verdade, era uma fita de cabeça), e enviara uma foto para mostrar a Bost. Ele respondeu que dera uma olhada na foto e chorara de rir. “Você parece uma lésbica, uma cocainômana e um faquir, também.”[24]

Beauvoir gostava de sexo com moças bonitas — não havia dúvida a respeito disso, mas sempre disse a si mesma que as mulheres eram um sucedâneo limitado para a relação autêntica. Quando escreveu a Sartre sobre seus casos amorosos com mulheres, seu tom — ambivalente e condescendente — era igual ao dele. Parte de seu prazer era que se sentia quase como se *fosse* Sartre. Pouco antes do Natal de 1939, ela lhe relatou na noite que acabara de passar com Bienenfeld:

> Fomos jantar no Knam, conversamos e me esforcei de verdade. Além do mais, estava de bom humor e ao mesmo tempo cansada, de modo que estava como de fato sou, sem adornos. Ela sempre acha graça em mim nessas horas — e está bastante encantada. Voltamos para a casa dela, fomos para a cama e conversamos um pouco, depois passamos aos abraços. Achei muito gostoso dormir no quarto dela assim, embora não tenha dormido muito bem pois ela se mexe e ronca (...) Acordamos às 8h30, e, como um homem saciado, discretamente evitei seus

> carinhos. Eu queria tomar café e trabalhar (sinto que posso entrar na sua pele nessas horas).[25]

Naquela época, Beauvoir estava mais entusiasmada com Nathalie Sorokine, mais uma jovem em sua turma de bacharelado que se encantara com ela. Sorokine tinha pais russos e uma beleza eslava. Era alta, loura, com um corpo forte e musculoso, gestos desajeitados e uma atitude de garoto briguento. Sua franja loura escondia uma cicatriz. Possuía um gênio que fazia Olga parecer meiga.

Sorokine saíra-se bem no bacharelado, e estava ansiosa para continuar os estudos. Sua mãe, que era divorciada e lutava para ganhar a vida, queria que ela arranjasse um emprego. Beauvoir disse que pagaria os estudos da menina. Logo depois que estourou a guerra, Sorokine se matriculou na Sorbonne.

Beauvoir logo já relatava que Sorokine queria mais do que ficar de mãos dadas e beijar na boca. “Não há nada a fazer”, disse ela a Sartre. “Ela quer transar comigo.”[26]

> Estou sinceramente custando a ceder — não estou me deixando levar vaidosamente —, mas não encontro nenhum defeito nela, só limites. Se eu fosse livre, iria render-me com entusiasmo a esse caso. Ontem, eu estava cativada, e deu para ela sentir — o que a deixou muito feliz (...) Contei-lhe um monte de coisas sobre o que são prostitutas e bordéis — e ela ouviu tudo fascinada. Está relendo *Intimité* (...) É sensível ao estilo e estava me citando com alegria expressões suas que acha encantadoras. Pede que eu explique as obscenidades — mas só em meu quarto, com a cara virada para a parede. Chamo-a de corça assustada, o que a deixa uma fera.[27]

Em janeiro de 1940, as duas estavam tendo um caso para valer. “Sou apaixonada pelo corpo dela”, admitiu Beauvoir.[28] Com Sartre, ela exagerava o aspecto sexual de seus casos lésbicos. Com Bost, minimizava. Contou a Bost que era estranho ser amada e admirada por todas essas jovens, mas que, no fundo, sabia que não era a ela que elas amavam. O que desejavam era o reflexo que viam nela do próprio futuro. Estavam apaixonadas por sua liberdade.

Em fevereiro de 1940, os soldados franceses já estavam havia cinco ou seis meses longe de suas famílias, e começavam a ficar entediados e irritados. Os alemães ainda não haviam feito nada. O que esperavam? Havia rumores de uma ofensiva de primavera.

Até o último minuto, os homens não sabiam se teriam uma licença para ir para casa, e, se tivessem, de quanto tempo seria. Os casados tinham prioridade. A princípio, parecia que Sartre e Bost poderiam estar em Paris na mesma época. Depois, parecia que poderiam não ir. Finalmente, Sartre pôde dizer a Beauvoir que chegaria em Paris no domingo, 4 de fevereiro, para passar dez dias.

Beauvoir estava tensa. “Tenho a sensação de que ele só existe em sonho”, registrou no diário, “ou, pelo menos, que esse negócio de licença só existe em sonho”.[29] Ela e Sartre haviam combinado ficar no Mistral, seu velho refúgio. As irmãs Kosakiewicz nunca iam para aqueles lados. Beauvoir diria a Olga que estava indo para o Limousin. Sartre escreveu várias cartas a Wanda antes de partir, e pediu a seus acólitos que a postassem, uma por dia, da zona de guerra.

No domingo de manhã, Beauvoir pegou com a mãe de Sartre uma mala com as roupas dele e levou-a ao Mistral. Às cinco da tarde, estava na Gare de l’Est esperando no tosco café do subsolo, muito nervosa para escrever em seu caderno. Finalmente, lá estava Sartre, no alto das escadas, vestido com um casacão militar imundo e calçando sapatos vários números acima do seu.

Passaram os quatro dias seguintes sem se desgrudar, a não ser quando Beauvoir estava dando aula, tempo que Sartre aproveitava para visitar a mãe. Todas as manhãs, eles iam ao Café des Trois Mousquetaires, na avenue du Maine, e liam os romances um do outro, lápis em punho. No romance de Beauvoir, *A Convidada*, Pierre Labrousse, a contrapartida apenas ficcionalizada de Sartre, não era um retrato idealizado. Muito pelo contrário. Beauvoir mostrava de perto as inseguranças e o comportamento manipulador de Sartre. Ele pareceu não se importar. Achou que ela precisava reescrever o capítulo de abertura, mas, no todo, considerou o romance muito bom.

Uma sexta-feira à noite, Sartre partiu para passar três dias com Wanda. Dissera-lhe que só tinha seis dias de licença, e passaria os três primeiros com ela e os três últimos com Beauvoir.

“Isso não me perturba”, registrou Beauvoir no diário. “Não tenho a sensação de que esses dias foram tirados de mim.” Todavia, no dia seguinte, quando ela e Sartre se encontraram rapidamente no Dôme (oficialmente, Sartre estava visitando a mãe), sua tranqüilidade foi embora. Sartre não escondeu seus profundos sentimentos por Wanda, e Beauvoir deixou o café sentindo-se extremamente abatida. Será que o cenário do trio que ela retratara em *A Convidada* não acabaria nunca? Os dois dias seguintes se arrastaram. Ela dormiu pessimamente e teve uma dor de cabeça que não passava. No diário, falou da “angústia nua causada pela ausência”.

Terça-feira de manhã, acordou “com um cansaço e uma angústia terríveis”. Passou a manhã dando aula, tomou um táxi e foi para o Dôme encontrar Sartre. O estado de espírito dele era o mesmo. Sentia-se mal pelas mentiras todas que contara a Wanda, especialmente posto que ela parecia amá-lo sinceramente. Ele começava a se perguntar se não seria melhor passar a vida sendo fiel a uma pessoa.

Ele e Beauvoir passaram a última noite juntos conversando num café. Expulsos pouco antes de meia-noite, hora do toque de recolher, voltaram ao Mistral. Passaram muito tempo sentados conversando. Sartre não queria ir para a cama para não correr o risco de serem vencidos pelo sono. Queria que guardassem preciosamente cada minuto que passavam juntos. Finalmente, foram para a cama e dormiram.

Quinta-feira, após tomar café bem cedo no Café des Trois Mousquetaires, Sartre vestiu o uniforme que a mãe lavara para ele e foi com Beauvoir para a Gare de l’Est. A estação estava cheia de casais se despedindo. “É emocionante e primitivo, essa separação elemental dos sexos, com os homens sendo levados embora e as mulheres voltando à cidade”, registrou Beauvoir no diário. “Sente-se a noite ardente por trás deles, e a falta de sono, e o cansaço nervoso da manhã.”

Ela e Sartre não tiveram noites ardentes. “Você foi capaz de ver que eu havia mudado”, disse-lhe ele numa carta uma semana depois. “Talvez a força de nossa relação física esteja diminuindo ligeiramente, mas acho que está ficando mais substancial.”[30]

Estava ansioso para mostrar que isso não afetava seu amor por ela. “Sua carinha, os olhos marejados, que eu via na frente dos ombros dos soldados em meu compartimento, me inundava completamente de amor”, disse-lhe. “Que linda era, meu querido Castor, não conheço nada mais lindo no mundo que essa cara, e pensar que era *para* mim que ela era tão linda fazia com que eu me sentisse muito forte e tivesse uma grande humildade.”[31]

No dia seguinte à partida de Sartre, houve uma violenta tempestade de neve. Beauvoir não ouvira falar de Bost. Passara semanas antevendo sua visita com um misto de angústia, ansiedade e desejo ardente. Eles não se viam havia seis meses. Depois que ela visitara Sartre em Brumath, insistira com Bost para que a deixasse ir vê-lo. Ele negara. Ela insistiu mais. Ele ainda negou. Desde então, ele passara os últimos dois meses no *front*. Ele e seus camaradas tinham os pés permanentemente gelados, seus nervos estavam em frangalhos e, naquele tédio, estavam bebendo demais. Ela lhe escrevera diariamente, e ele também lhe escrevera quase com a mesma freqüência, às vezes em condições desesperadoras. “Amo você e você não pode saber como estou feliz por você me amar e o quanto isso muda minha vida”, assegurava-lhe ele.[32] Beauvoir se perguntou, como seria para eles o encontro?

Sexta-feira à tarde, ela ia dar a última aula do dia quando uma das faxineiras bateu à porta e entrou. Foi até a mesa da professora e sussurrou que “*Monsieur* Bost” esperava no salão de visitas. “Minhas mãos começaram a tremer e meu coração, a pular, e tive a maior dificuldade em continuar no tema de sociologia — aquele último quarto de hora passando na mais estranha agonia de impaciência.” Beauvoir escreveu a Sartre depois. “Desci correndo, e lá, sozinho em meio aos sofás verdes e espelhos de um grande salão de visitas, encontrei o pequeno Bost à minha espera.”

Os dois deram um grande passeio na neve — à beira do Sena, ao longo do canal St. Martin, até a Gare de l’Est, onde tomaram um café no triste café do subsolo que passara a significar tanto para Beauvoir. Bost parecia não notar o ambiente. Falava loucamente — sobre a

vida no *front*, seus camaradas, os oficiais, tudo, menos sobre sua pessoa.

No jantar, estava ligeiramente mais calmo. Queria saber tudo sobre Sartre, as irmãs Kosakiewicz e todo mundo. Ele e Beauvoir passaram uma noite "terna e apaixonada" no Hotel Oriental na place Denfert-Rochereau. "É bem suntuoso — elevador e quartos bons e aconchegantes com cortinas de veludo e uma colcha cor-de-rosa", relatou Beauvoir a Sartre, "mas dormi muito mal por causa do calor sufocante — e também, acho eu, porque estava com os nervos à flor da pele".[33]

No dia seguinte, ela mostrou ao companheiro os cadernos de Sartre, e Bost leu passagens com uma "exaltação selvagem". Ela contou-lhe as últimas histórias sobre Bienenfeld e Wanda. "Por princípio, ele nos acha infames", disse ela numa carta a Sartre, "mas seu coração está conosco".

> Fomos ao Nox, sentamos numa mesa e conversamos — com delicadeza, muita delicadeza. Ele estava realmente emocionante, procurando em você, e em mim, esperanças para depois; conversando sobre seus camaradas — e sobre ele mesmo e seus estados de espírito lá no *front*, suas tristezas e suas alegrias — aos arrancos, sem a desenvoltura do dia anterior, mas tirando coisas do fundo da alma. Eu estava emocionada até as lágrimas (na verdade derramando algumas) e febril — havia bebido muitos grogues e outras bebidas alcoólicas —, mas não caí no patético.

Ela e Bost passaram três dias e três noites juntos, ficando cada noite num hotel diferente. Bost deixou-a segunda-feira à noite, em frente ao apartamento do irmão Pierre na place Saint-Germain. Ia passar os seis dias seguintes com Olga, que estava com a impressão de que ele acabara de chegar em Paris.

Durante alguns dias, Beauvoir sonhou com Bost. Sentia falta de seus beijos, desejava seu corpo e tinha inveja de Olga. Mas sabia que era justo assim, e a ternura de Bost deixara-a sentindo-se forte. "De uma coisa agora tenho certeza", disse a Sartre. "Bost faz parte do meu futuro de uma forma absolutamente certa — quase essencial."[34]

Ela estava esquecendo as regras. Os seus casos “contingentes” não deviam se tornar “essenciais”.

Justo quando Beauvoir afinal já estava mais calma, Sartre teve outra crise. Deixara Paris encantado com Wanda. Nem bem estava de volta à zona de guerra e seu pesadelo se realizou. Confrontou-se com dias a fio de silêncio dela. Nenhuma carta. Então chegou uma bomba — uma carta de quatro páginas espumando de raiva.

Parecia que o passado de Sartre o alcançara. Colette Gilbert, a atriz com quem tivera um caso no verão anterior, contara a história toda a Marcel Mouloudji, que estudava arte dramática no L’Atelier, tinha 18 anos e era amigo íntimo de Wanda. Gilbert afirmava que Sartre praticamente a violentara. Até mostrou a Mouloudji as cartas de amor que ele lhe escrevera.

Mouloudji sentia mais que amizade por Wanda Kosakiewicz. Em suas memórias, *Le Petit Invité,* diz que era louco por ela. [35] Adorava seu jeito de boneca russa, seu riso e o cabelo louro curto que lhe lembrava um telhado de palha. Estava intimidado com sua linguagem intelectual; parecia que ela era capaz de falar analiticamente sobre a coisa mais insignificante. Nas noites de sexta-feira, eles às vezes iam ao famoso Bal Nègre, na rue Blomet, e ele a observava se sacudindo na pista de dança com seus pares africanos e indianos ocidentais. Para ele, ela era inacessível, uma espécie de deusa. Ela o apresentara à rodinha de Sartre, aquele grupo intimidante que circulava tratando-se por “*vous*”. Wanda falava de Sartre maravilhada. Mas Mouloudji não tinha idéia de que ela e Sartre eram amantes.

Mouloudji passou adiante a história de Gilbert, e Wanda pareceu reagir com bastante calma na hora. Só décadas depois, quando as cartas de Sartre a Beauvoir foram publicadas, em 1983, Moloudji descobriu que Wanda não era tão indiferente como ela fazia crer, e por quê.

“Estou fazendo o que posso para não deixar essa obscenidade me encher de uma infantilidade detestável”, disse Wanda na carta a Sartre, “mas não consigo deixar de sentir uma angústia física terrível”.[36]

Alarmado e envergonhado, Sartre tentou preservar alguma dignidade com uma demonstração de raiva. Disse a Wanda que também tinha o direito de ficar irritado. Por que ela ouvira antes a versão de Mouloudji do que a dele? Wanda deveria reler suas cartas. Como poderia duvidar de seu amor?

Escreveu a Colette Gilbert uma carta desagradabilíssima: "Nunca a amei", dizia furioso. "Acho-a fisicamente agradável embora vulgar, todavia tenho um certo sadismo que foi atraído por sua vulgaridade. Jamais — desde o primeiro dia — pretendi ter alguma coisa senão um breve caso com você (...) Minhas cartas, que eram exercícios de literatura apaixonada e renderam ao Castor e a mim muitas boas gargalhadas, não a enganaram inteiramente."[37] Enviou a carta a Wanda, pedindo-lhe que descobrisse o endereço de Gilbert e a mandasse para ela. E enviou uma cópia a Beauvoir.

Fora um "filho-da-mãe desprezível" com Wanda, lamentou para Beauvoir. Estava envergonhadíssimo de seu comportamento com Gilbert e com as mulheres em geral.

> Que necessidade tinha eu daquela moça? Não seria simplesmente para bancar o Don Juan do bairro? E se você me desculpar por sensualidade, digamos apenas, antes de tudo, que não tenho nenhuma, e que um desejozinho à flor da pele não é desculpa aceitável (...) Parece-me que, até agora, comportei-me como um garoto mimado em minhas relações físicas com as pessoas. Há poucas mulheres que eu não tenha perturbado neste tópico (...) Quanto a você, meu Castorzinho, por quem eu só tive respeito, já a embaracei muitas vezes, sobretudo no início, quando você me achava bastante obsceno. Não um sátiro, com certeza. Isso, garanto que não sou. Mas simplesmente obsceno.

Numa enxurrada de cartas, Sartre implorava a Wanda que entendesse o quanto ela o fragilizara. Ele a amava. Não suportava pensar que a desgostara. "Você bem sabe que eu passaria por cima de todo mundo (até do Castor) (...) para me dar bem com você."

Citou este comentário na carta seguinte a Beauvoir. "O fim justifica os meios, mas não me orgulho de ter escrito isso",

confessou.[38] Depois de passar cinco dias sem notícias de Beauvoir, começou a se preocupar com *ela*.

> Estou num estado estranho. Jamais estive tão aflito comigo desde que fiquei maluco (...) Meu doce, como preciso de você (...) Amo você. Acho que devo lhe parecer meio dissimulado com todas essas mentiras em que estou enredado (...) Receio que você de repente possa se perguntar (...) será que talvez ele não está mentindo para mim, me contando meias-verdades? Meu amorzinho, meu querido Castor, juro-lhe que, com você, sou totalmente puro. Se não fosse, não haveria nada no mundo perante o que eu não seria um mentiroso. Eu perderia o meu eu. Meu amor, você é não só a minha vida, mas também a única honestidade da minha vida.[39]

Sentiu um grande alívio ao receber uma carta de perdão de Beauvoir no dia seguinte. “Você não deve ter muito medo de me repreender em suas cartas”, respondeu ele, “precisa esfregar o meu nariz no que eu fiz. Senão, você não é mais a minha conscienciazinha moral? (...) Acho que esse período todo só será consertado, carimbado e enterrado quando nós dois conseguirmos conversar sobre ele. É como se você tivesse um pequeno carimbo e eu tivesse que carimbar tudo que vejo.”

Ele lhe assegurou que não teria nenhum caso novo por um bom tempo. Todo o episódio o fez se dar conta mais uma vez do quanto a relação *deles* significava para ele. Quanto a relações “conjugais”, a de Wanda era mais que suficiente.[40]

Pretendendo arrumar sua vida emocional, Sartre escreveu a Bianca Bienenfeld, anunciando que haviam terminado.

Beauvoir esteve com Bienenfeld logo depois. “Ela se controlava com uma coragem espantosa — mas a raiva a transfigurava. E, honestamente, não sei o que lhe deu na cabeça”, Beauvoir repreendeu Sartre. “Aquela carta, com suas exortações morais e declarações de estima, era bem inaceitável (...) Ela estava humilhada por você nem ter se dado ao trabalho de lhe explicar direito as coisas. Humilhada e

desgostosa com as cartas apaixonadas que você lhe mandava só 15 dias antes. Achei isso desagradabilíssimo (...) Ela sabe que há uma mentira em algum lugar e está se perguntando qual é a verdade — não deixa de ter lá suas desconfianças, até de mim."[41]

Alguns dias depois, Beauvoir confessou que também não era inocente. "Nunca o culpei pelo rompimento, uma vez que, afinal de contas, foi o que lhe aconselhei a fazer. Mas culpei a nós dois — a mim tanto quanto a você, na verdade —, no passado, no futuro, em termos absolutos: a forma como tratamos as pessoas. Achei que era inaceitável termos conseguido fazê-la sofrer tanto."[42] Beauvoir se convenceria disso mais ainda no futuro, quando Bienenfeld teve um grande colapso nervoso.

No fim de março de 1940, seis semanas após sua primeira licença, Sartre voltava a Paris novamente. Em 9 de abril, no trem de volta para a Alsácia, ele e os camaradas ouviram que os alemães haviam invadido a Dinamarca e a Noruega. A "Falsa Guerra" terminara. Bost nunca teve outra licença para ir para casa.[43]

Durante mais um mês, suas vidas continuaram mais ou menos na mesma, a não ser por um drama no *front* doméstico. Olga estava tendo um caso. Ela e Wanda tentaram escondê-lo de Sartre e de Beauvoir, mas Beauvoir acabou descobrindo. O homem era Niko Papatakis, um sujeito lindo de morrer, de sangue grego e etíope, que andava com o pessoal de teatro e cinema no Flore e dançava no Bal Nègre com tamanha graça e naturalidade que deixava todos os outros homens na sombra.[44]

O que Sartre achava? Beauvoir queria saber. Deveria ela contar a Bost? Ela e Bost haviam jurado ser francos um com o outro, e ela achava muito desagradável saber de algo que ele não sabia. Não queria ser cúmplice da culpa de Olga. E se Bost descobrisse, ficaria zangado por Beauvoir não lhe ter contado.

Sartre ficou chocado. Será que Olga não estava meio desgostosa com ela mesma para trair Bost exatamente na hora em que este corria um grande perigo de ser morto? Sartre também ficou zangado por Wanda não lhe ter contado o caso.[45] Mas aconselhou-a a não contar a Bost. Não achava que Beauvoir tivesse o direito de dizer alguma

coisa a menos que estivesse preparada para substituir Olga na vida de Bost, se Bost decidisse deixá-la. Mas Beauvoir não podia fazer isso, porque tinha a ele, Sartre, e não era possível alguém ter duas relações "absolutas" ao mesmo tempo. Ele achava melhor que a própria Olga contasse a Bost, na próxima licença. Assim Bost teria pelo menos a oportunidade de discutir o assunto com ela. Um homem no *front* não precisava ser emocionalmente enfraquecido.[46]

Alguns dias depois, ainda remoendo a questão, Sartre, sem mais nem menos, apontou para dois outros culpados da história toda. No que dizia respeito a Olga, disse ele a Beauvoir, a culpa deles era absoluta. Por mais que Olga às vezes pudesse irritá-los, em parte, eles a haviam transformado no que ela era. Criaram a situação em que ela vivia, e mantinham-na numa bolha de mentiras. Na opinião dele, todo o remorso que sentissem em relação à pequena megera era pouco.[47]

Em suas memórias, *Tous les Désespoirs Sont Permis,* Niko Papatakis conta ter tido um caso durante a "Falsa Guerra" "com uma jovem atriz, de origem russa (...) um membro do clã de Sartre". Por não ser francês, ele não fora convocado, e era um dos poucos homens que havia em Paris. As mulheres se atiravam em cima dele.[48]

Aos 80 anos, Papatakis ainda é um belo homem, que pode ser visto de vez em quando no Café de Flore. "Olga era sexy", recorda. "Não bonita, mas sexy, com um charme eslavo, misterioso sem o ser realmente. Tinha um corpo andrógino, quase de menino, sem busto nenhum. Sua voz era profunda, muito atraente. Acho que gostava de seduzir."

Papatakis acha que o caso deles durou alguns meses. Como Olga tentou escondê-lo de Beauvoir, eles quase não saíam juntos, especialmente em Montparnasse. Mas Papatakis lembra-se de ir com Wanda e Mouloudji ao Bal Nègre, onde era improvável se depararem com Beauvoir.

Ele achava Wanda muito menos atraente que a irmã. "Olga parecia perdida na vida, e Wanda mais ainda. Gesticulava muito, eu me lembro, e tentava manter contato com a irmã."[49]

“Meu amorzinho, fiquei completamente esgotado ontem”, escreveu Sartre a Beauvoir. Os aviões alemães haviam jogado uma bomba numa cidade a 15 quilômetros de distância, mas não era isso que o estava preocupando. Era Wanda. Ela tinha uma lesão. Não se podia saber quão séria era até ela ser radiografada. Ela lhe escrevera. “Querido Deus, como desejo que venha, venha a qualquer preço.”

> É estranho, ela está virando cada vez mais “minha filha”, como O. foi uma época para você. Dessa vez, estou farto de repeli-la com jeitinho cada vez que ela precisa de mim. Acabei de lhe escrever dizendo que se ela quisesse, e se o tempo de espera não fosse muito grande, eu me prontificava a casar com ela para conseguir três dias de licença. Não acho que você vá gostar muito disso; apesar de ser puramente simbólico, me faz parecer comprometido até a raiz dos cabelos. Eu sou o primeiro a não gostar nada da idéia (...) Mas já lhe disse e estou decidido. Quero fazer tudo que puder para W. de agora em diante.[50]

Sartre foi informado de que não se dariam licenças para casamento durante a guerra. Suplicou a Wanda que não se sentisse abandonada, nem material nem psicologicamente. “Você é toda minha vida, meu amor”, disse-lhe numa carta. Pediu a Beauvoir que lhe desse dinheiro.

Em 10 de maio de 1940, os alemães invadiram a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo. Nesse mesmo dia, Bost e seus amigos foram transportados em comboio para a floresta perto de Sedan, próximo à fronteira belga. Nervosamente, asseguravam uns aos outros que a Linha Maginot era a linha de defesa mais impenetrável da história.

Mas a Linha Maginot tinha uma falha. Não cobria a fronteira da Bélgica. Em 22 de maio, os alemães a contornaram através da floresta das Ardenas na Bélgica e entraram na França. As divisões francesas se acharam cercadas e isoladas. Eram bombardeadas em terra e pelo ar.

Sartre escreveu uma segunda carta a Beauvoir na noite de 12 de maio. “Meu querido Castor, você me mandou uma cartinha muito

patética, tão angustiada, minha adorada (...) Onde exatamente está Bost agora?”

Em 21 de maio de 1940, Bost foi ferido, atingido no abdome por estilhaços de granada. Foi puxado da linha de frente, perdendo muito sangue, e carregado por maqueiros que se revezavam até um posto da Cruz Vermelha. Dali, foi levado de ambulância para um hospital militar, onde foi operado. O cirurgião lhe disse que fora sorte dele ter sobrevivido.

“Levei um choque danado com sua carta”, disse Sartre a Beauvoir alguns dias depois.[51] Como ela, ele se perguntava se Bost estava entendendo a gravidade de seus ferimentos, mas achava bom sinal que tivesse conseguido escrever um bilhete curto para a amiga. Contanto que ele sobrevivesse, esta era a melhor coisa que poderia lhe ter acontecido. Pelo menos, estaria longe das linhas inimigas pelas próximas semanas.

Durante os dias seguintes, o regimento de Bost foi quase todo dizimado. Dois dias depois de Bost ter sido ferido, Paul Nizan, também no *front* belga, foi morto por uma bala alemã.

Tarde da noite de 9 de junho de 1940, Beauvoir encontrou um bilhete em sua caixa de correio ao voltar ao Hôtel du Danemark. Bianca Bienenfeld andara o dia inteiro à sua procura. Será que Beauvoir queria ir imediatamente, à hora que fosse, ao Flore?

Não havia táxis nas ruas desertas, e Beauvoir tomou o metrô para Saint-Germain-des-Prés. Entrou no Flore e encontrou Bienenfeld com amigos, com uma cara muito aflita. Seu pai tinha informações privilegiadas de que os alemães estavam prestes a entrar em Paris. As escolas em Paris iriam fechar. Bienenfeld e o pai deixariam a cidade no dia seguinte no carro dele. Era menos urgente para Beauvoir — ela não era judia —, mas eles esperavam que ela fizesse as malas e fosse com eles.

Este foi o momento em que Simone percebeu a verdade amarga. A França estava derrotada, humilhada, de joelhos, prestes a se render aos alemães. E Sartre inevitavelmente se tornaria um prisioneiro de guerra. Ela teve um acesso de choro. Durante algum tempo, ficou totalmente descontrolada.

No dia seguinte, embarcou com os Bienenfelds no carro deles. Foi o famoso êxodo. Quase 3 milhões de pessoas pegaram as estradas, indo para sul ou oeste. Os Bienenfelds foram para oeste. Dirigiam-se para Quimper, na Bretanha. Beauvoir pediu-lhes que a deixassem em Laval, o ponto mais próximo da casa de campo de sua amiga Madame Morel, La Pouèze, a 22 quilômetros de Angers.

Em 14 de junho, Paris foi tomada pelos nazistas. Em poucos dias, a França se rendia. Em 22 de junho, o marechal francês de 84 anos Henri-Philippe Pétain assinou um armistício com os alemães. Os nazistas deveriam controlar a parte norte da França, incluindo Paris, e uma grande parte do sul seria governada pelos franceses, com Pétain à testa. A capital da chamada "Zona Livre" era Vichy. Quer ou não tenha percebido isso na hora, Pétain assinara um tratado de colaboração quase completa com os nazistas. Beauvoir ficava sentada em La Pouèze ouvindo os boletins de notícias, lendo romances policiais e chorando.

No fim do mês, estava impaciente para voltar a Paris. Tinha certeza de que haveria recados de Sartre e Bost à sua espera no hotel. Até imaginava que um deles ou ambos poderiam estar de volta em Paris.

Aceitou uma carona para uma parte da viagem de um caminhão militar alemão. A carroceria, debaixo da lona, estava apinhada de refugiados franceses. Eles não conseguiam se mexer, o ar era abafado e o cheiro de gasolina lhe revirou o estômago. Beauvoir vomitou.[52]

Tudo o que lhe esperava no Hôtel du Danemark era uma carta alegre de Sartre datada de 9 de junho. Ela correu para o quarto e chorou até não poder mais. A bandeira nazista, com sua enorme suástica, tremulava sobre o senado e os Jardins do Luxemburgo. As ruas estavam desertas. Paris nunca parecera tão triste. Beauvoir nunca se sentira tão só.

Naqueles primeiros dias difíceis, Beauvoir sentava-se no terraço do Dôme, olhando para a estátua de Balzac feita por Rodin do outro lado da rua, e fantasiava que Sartre surgiria de trás da estátua, de uniforme azul, boina, mochila a tiracolo, e se dirigiria a ela sorrindo.

Deram-lhe outro emprego de professora, e ela ficou aliviada de passar as manhãs no Lycée Duruy. Telefonou para a casa de Bost, em Taverny. Uma das irmãs de Bost disse que ele havia sido removido para um hospital militar em Carpentras, perto de Avignon. Beauvoir ligou para Olga em Laigle. A cidade fora bombardeada e suas janelas se estilhaçaram, mas a família Kosakiewicz estava a salvo.

Nathalie Sorokine regressou a Paris, e Beauvoir ficou mais feliz do que nunca ao vê-la. Sorokine era uma ladra inveterada e pôs mãos à obra para roubar duas bicicletas, uma das quais deu a Beauvoir. Ela aprendeu a andar de bicicleta e logo as duas circulavam pelas ruas desertas de Paris em suas próprias rodas novas.

Em 11 de julho, Beauvoir recebeu um bilhete de Sartre escrito a lápis. O envelope fora aberto, e, a princípio, ela não reconheceu a letra. Ele fora feito prisioneiro em 21 de junho, dia em que fazia 35 anos, na véspera do Armistício. Parecia animado. “Se estou escrevendo a lápis, não é porque uma bala estraçalhou minha caneta, mas porque a perdi ontem (...) Tenho grandes esperanças de tornar a vê-la em breve, e está tudo bem comigo (...) Amo você com todas as minhas forças.”[53] Só mais tarde lhe contou que os prisioneiros dormiam no chão, sem ter quase nada para comer, e que estavam num “estado emocional estranho”.[54]

As pessoas começavam a voltar para a cidade. Em 18 de julho, Olga chegou de Laigle. Só havia lugares em pé no trem. Beauvoir registrou no diário:

> Vou para a escola de bicicleta e volto debaixo de uma chuva torrencial. No hotel, há um bilhete de Kos, contando que está aqui. Ela logo vem de seu quarto, vamos ao Dôme, ela veste uma linda capa de chuva nova, um lenço vermelho na cabeça, tem ótimo aspecto e estou feliz em vê-la.

Elas passaram o resto do dia em cafés, conversando ansiosamente. À noite, voltaram ao quarto de Beauvoir. Olga preparou um chá. As duas dividiram a cama, e dormiram mal. O diário de Beauvoir terminava aí.

Nas semanas seguintes, Beauvoir e Olga envolveram-se em algo que a França de Vichy considerava um crime dos mais graves. Olga estava grávida. O homem em questão era Niko Papatakis. O caso terminara.[55] Mesmo se o pai tivesse sido Bost, Olga não queria um filho. Iria fazer um daqueles abortos clandestinos que toda mulher na França temia. Sob o governo de Vichy, era mais difícil ainda encontrar quem se dispusesse a fazê-lo.

Beauvoir conseguiu um endereço. A aborteira era uma mulher magra, e Beauvoir e Olga estavam apavoradas que ela pudesse não ter muita consciência de higiene. Mudaram-se temporariamente para o apartamento vago da avó de Beauvoir na Denfert Rochereau, onde passaram "duas semanas sinistras".[56] Em seu romance, *Le Sang des Autres*, Beauvoir incluiria uma cena de aborto, e Sartre introduziria uma velha aborteira ranzinza no romance que estava escrevendo, *A Idade da Razão.*

"Receber suas cartas me devolveu a alegria", escreveu Sartre a Simone de Beauvoir. "Você é minha vida, minha doçura, toda a minha vida."[57] A comunicação era esporádica. Os prisioneiros eram autorizados a escrever apenas dois cartões-postais por semana. Sartre enviava longas cartas do correio civil local, mas isso exigia "esperteza e a oportunidade certa".[58]

Em meados de agosto, ele foi transferido para Stalag XIID, um campo de prisioneiros de guerra perto de Trier, Alemanha. O estado dos prisioneiros havia melhorado muito. Sartre estava alegre, garantiu a Beauvoir, nem entediado nem faminto. Na verdade, nunca se sentira tão livre. Gostava de seus companheiros prisioneiros, encontrara um bom parceiro de xadrez, e tornara-se um bom jogador de *bridge*. Lutava boxe ou luta livre 45 minutos por dia. Lia Heidegger (os oficiais nazistas ficaram muito felizes de lhe dar uma boa edição de capa dura de *Ser e Tempo*) e escrevia seu próprio tratado filosófico, *O Ser e o Nada.* Divertia-se montando uma peça de mistério de Natal. Seus melhores amigos eram dois padres — um jesuíta e um dominicano. Nas noites de terça-feira, dava palestras de filosofia para uma platéia composta quase exclusivamente de padres.

“Não estou nada infeliz. Tenho até montes de momentos agradáveis, mas sou duro como um seixo. Para derreter, é você, Castorzinho meigo, só você que preciso tornar a encontrar. Se tornar a encontrá-la, torno a encontrar minha felicidade e a *mim mesmo*.”[59]

Em Paris, Beauvoir ia levando a vida como era possível. A maioria de seus amigos havia partido, René Maheu lecionava filosofia num colégio em Fez, Marrocos. Stépha e Fernando, conhecidos como comunistas, haviam fugido para Nova York. Colette Audry estava em Grenoble com o marido. Poupette estava encurralada em Portugal. (Fora visitar o namorado, Lionel de Roulet, e as fronteiras haviam fechado uma semana depois.)

Beauvoir lecionava de manhã. Algumas tardes, ia à Biblioteca Nacional e se atracava com Hegel, para poder acompanhar as últimas idéias de Sartre. Do contrário, ficava sentada num dos reservados nos fundos do Dôme, revisando *A Convidada*.

Passava duas noites por semana com Olga, que tinha um pequeno papel na produção de Charles Dullin de *Plutus*, no Atelier. Wanda estava pintando o retrato de Beauvoir. “Temos relações muito educadas atualmente”, disse Beauvoir a Sartre, “embora ela tenha me dado uma cara com forma de cabaça.”[60]

Duas outras noites foram passadas com Nathalie Sorokine. A menina era ciumentíssima. Não conseguia suportar ser apenas mais uma pessoa encaixada no horário inflexível de Beauvoir. “Você me dá menos que uma centésima quadragésima parte de sua vida!”[61] Beauvoir explicava em vão que estava escrevendo um romance e tinha aulas para preparar. Sorokine respondeu:

— Você não passa de um relógio dentro de uma geladeira.[62]

Muitas vezes estava esperando do lado de fora do quarto de Beauvoir quando esta saía às oito da manhã, e ficava rondando na frente da escola quando Beauvoir saía. Havia discussões freqüentes, e os moradores do Hôtel du Danemark ouviam barulhos de tumultos e brigas no quarto de Beauvoir. Ninguém tinha alguma dúvida quanto à natureza de sua relação com Sorokine. As mulheres estavam causando um certo escândalo no hotel.[63]

Bost regressou a Paris em setembro de 1940. “Após tantos meses exclusivamente em companhia feminina, foi maravilhoso recomeçar uma amizade com um homem”, diz Beauvoir. Bost e Olga tomaram um quarto juntos no Hôtel Chaplain, na rue Jules-Chaplain. Wanda mudou-se para lá também. Estavam a cinco minutos de Beauvoir no Hôtel du Danemark.

Bost ganhou um emprego temporário no magistério. Ele e Beauvoir almoçavam juntos todos os dias, exceto às quintas-feiras, quando ela ia à casa dos pais. Nas noites de sábado, tinham um encontro secreto no Poirier, um velho hotel na praça Emile Goudeau, em Montmartre. Eles adoravam essa praça, com seus castanheiros, sua fonte de ferro fundido e seus ateliês de arte caindo aos pedaços onde Picasso, Braque e Modigliani haviam pintado no início do século.[64] Para Beauvoir, este era o ponto alto de sua semana.

Soldados de uniforme cinza-esverdeado circulavam pela cidade. Havia placas de rua em alemão, grandes e verdes. Comprar comida envolvia cartões de racionamento e longas filas. Os hotéis eram gelados, e Beauvoir dormia de calças de esqui de lã. Quase não havia gasolina, e os únicos carros na rua eram táxis e veículos de emergência. Nos cafés, só se falava sobre os prisioneiros as condições dos campos de prisioneiros e da probabilidade de algum deles ser solto antes do fim da guerra. Havia rumores de que morriam de fome.

Cartazes eram colocados nas vitrinas das lojas: PROIBIDA A ENTRADA DE JUDEUS. Trabalhadores judeus eram demitidos das fábricas e judeus eram barrados em cargos públicos e profissões liberais. Os funcionários públicos, que incluíam professores, eram solicitados a assinar uma declaração juramentada garantindo não serem judeus nem maçons.

Beauvoir terminara outro esboço de seu romance *A Convidada* e burilava os detalhes mais refinados. “Mas como preciso de sua avaliação!”, dizia a Sartre. “Sozinha na frente do meu texto, acabo ficando bem enjoada dele a longo prazo.”[65] Estava ajudando Bost a escrever roteiros para cinema. Ele tinha esperanças de se estabelecer como jornalista e roteirista.

Simone não estava infeliz, disse numa carta, mas não estava vivendo sua verdadeira vida, que era tão plena, rica e alegre. Sua verdadeira vida era Sartre. Ela vivia esperando por ele. “Tenho pesadelos constantes com você. Você volta (...) mas já não me ama mais, e fico desesperada. Às vezes, não saber se vou tornar a vê-lo me deixa literalmente sem ar (...) Perscruto cada esquina à sua procura. Só vivo para a hora em que torne a pôr os olhos em você.”[66]

Beauvoir não via Sartre havia 11 meses. Uma noite, no fim de março de 1941, voltou ao Hôtel du Danemark e encontrou um bilhete em sua caixa de correio com a letra dele. “Estou no Café des Trois Mousquetaires.” Seu coração parou. Ela foi correndo até o café (“um brilho avermelhado atrás das grossas cortinas azuis”) e quase caiu ao entrar.[67] Sartre não estava lá. Um garçom entregou-lhe um bilhete. Sartre esperara duas horas, depois fora embora. Voltaria logo.

Havia civis e militares nos campos de prisioneiros nazistas, e estes estavam libertando os civis que não se mostravam adequados para a ação militar. Sartre e um padre seu amigo forjaram documentos e passaram-se por civis. No exame médico, Sartre tirou o máximo de partido de sua vista direita quase cega, puxando a pálpebra, expondo a extensão branca e queixando-se de ataques de tonteira. O médico assinara seus documentos de baixa.

Sartre voltara a Paris modificado. Isso assustou Beauvoir. Jamais os dois pareceram tão distantes. Ele estava impaciente, intransigente, cheio de restrições morais. Achou chocante ela ter assinado uma declaração juramentada garantindo não ser judia, e não gostou de saber que ela às vezes comprava comida no mercado negro. Ele não voltara a Paris para gozar de sua liberdade, contara-lhe, mas sim para *agir*. Queria organizar um grupo de resistência. Tinham que expulsar os alemães da França. Beauvoir achou-o iludido. Será que ainda não tinha idéia de quão impotentes eles eram como indivíduos?

“Naquela noite, e no dia seguinte, e durante muitos dias depois disso, Sartre me desconcertou totalmente”, diria ela em suas memórias. “Ambos sentíamos que falávamos línguas completamente diferentes.”[68]

NOTAS

1 *PL*, p. 446.
2 S a S de B, 9 de setembro de 1939, em *Witness*, p. 240.
3 S a S de B, 4 de setembro de 1939, em *Witness*, p. 232.
4 S a S de B, 7 de setembro de 1939, em *Witness*, p. 236.
5 S a S de B, 12 de setembro de 1939, em *Witness*, p. 241-42.
6 S a S de B, 2 de outubro de 1939, em *Witness*, p. 275.
7 10 e 11 de outubro de 1939, *Carnets de la Drôle de Guerre, set. de 1939-março 1940* (Paris: Gallimard, 1995), p. 116-21. (Essa nova edição francesa inclui o primeiro caderno, Set.-out. 1939, que saiu em junho de 1991 e não está incluído na edição anterior em inglês.)
8 S a S de B, 26 de setembro de 1939, em *Witness*, p. 377.
9 O comentário é meu, não dele. Wanda não terminara o segundo grau, e suas cartas eram cheias de erros.
10 26 de novembro de 1939, Sartre, *War Diaries*, p. 47.
11 Sartre, *War Diaries*, p. 63.
12 S a S de B, 1º de dezembro de 1939, em *Witness*, p. 377.
13 S a S de B, 24 de novembro de 1939, em *Witness*, p. 361 (trad. modificada).
14 Sartre. *Being and Nothingness* [*O Ser e o Nada*], trad. Hazel Barnes (Nova York: Philosophical Library, 1956), p. 489-91.
15 S de B a S, 7 de outubro de 1939, em *Letters*, p. 102.
16 S de B a S, 18 de novembro de 1939, em *Letters*, p. 173.
17 O arquivo Sylvie Le Bon de Beauvoir contém várias cartas de Olga a Simone de Beauvoir, cheias de ansiedade.
18 S de B a S, 25 de outubro de 1939, em *Letters*, p. 140 (trad. modificada).
19 S a S de B, 13 de setembro de 1939, em *Witness*, p. 247.
20 S de B a S, 6 e 10 de novembro de 1939, em *Letters*, p.148-54.
21 S a S de B, 6, 7, 8 de novembro de 1939, em *Witness*, p. 326-31.
22 S de B a S, 11 de dezembro de 1939, em *Letters*, p. 206.
23 S a S de B, 23 de dezembro de 1939, em *Witness*, p. 424.
24 Bost a S de B, 25 de outubro de 1939, em *Correspondance*, p. 608. Por causa dos freqüentes cortes de energia, os cabeleireiros tinham dificuldade de fazer permanente nos cabelos das mulheres, e os “turbantes” entraram na moda como uma forma de tirar o cabelo da cara. Disseram a Beauvoir que o estilo lhe ficava bem. Ela continuaria a usar turbantes a vida toda, até muito depois de terem saído de moda.
25 S de B a S, 17 de dezembro de 1939, em *Letters*, p. 218. (Trad. modificada).
26 S de B a S, 14 de dezembro de 1939, em *Letters*, p. 211.
27 S de B a S, 21 de dezembro de 1939, em *Letters*, p. 223. (Trad. modificada).
28 S de B a S, 14 de janeiro de 1940, em *Letters*, p. 255.
29 S de B, *Journal de Guerre*, 2 de fevereiro de 1940, p. 266-67.
30 S a S de B, 24 de fevereiro de 1940, em *Quiet Moments in a War: The Letters of Jean-Paul Sartre to Simone de Beauvoir, 1926-1939*, trad. Lee Fahnestock e Norman MacAfee (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1992), p. 75.
31 S a S de B, 15 de fevereiro de 1940, em *Quiet Moments*, p. 54-55.
32 Bost a S de B, 6 de janeiro de 1940, em *Correspondance*, p. 884.
33 S de B a S, 18 de fevereiro de 1940, em *Letters*, p. 276 (Trad. modificada).
34 Ibid.
35 Marcel Mouloudji, *Le Petit Invité* (Paris: Balland, 1989).
36 S cita a carta de Wanda a S de B, 23 de fevereiro de 1940, em *Quiet Moments*, p. 71.

37 S. anexou uma cópia de sua carta a Colette à carta a S de B, 23 de fevereiro de 1940, em *Quiet Moments*, p. 73.
38 S a S de B, 24 de fevereiro de 1940, em *Quiet Moments*, p. 75.
39 S a S de B, 29 de fevereiro de 1940, em *Quiet Moments*, p. 87-89.
40 S a S de B, 1º de março de 1940, em *Quiet Moments*, p. 89-90.
41 S a S de B, 27 de fevereiro de 1940, em *Letters*, p. 279.
42 S a S de B, 4 de março de 1940, em *Letters*, p. 285.
43 No fim de março de 1940, enquanto Sartre estava com Wanda, Beauvoir visitou Bost no *front*, na região da Mosela, colocando ambos em dificuldade junto às autoridades.
44 Beauvoir afirma isso em *PL*, p. 508.
45 Sartre repreendeu Wanda por não lhe contar o caso de Olga. Perguntou-lhe se Olga havia contado a Bost. Wanda respondeu que obviamente não. Será que Sartre realmente esperava que Olga contasse a Bost, que estava longe e dissera à amiga que a única coisa que tinha para se segurar era sua relação com Olga? Aquele envolvimento casual não valia tamanho banho de sangue. Sartre respondeu que a atitude dela era "encantadora". Perguntava-se se Wanda também teria um envolvimento enquanto ele estivesse no *front*, e não lhe contaria (Sartre a Wanda, 26 de maio de 1940, arquivo Sylvie Le Bon de Beauvoir).
46 S a S de B, 3 de maio de 1940, carta original na Bibliothèque Nationale, Paris. Beauvoir apagou toda essa discussão da versão publicada.
47 S a S de B, 8 de maio de 1940, carta original na Bibliothèque Nationale, Paris. Beauvoir apagou essa passagem da correspondência publicada. Michel Contat resume essas duas cartas em *Litterature and its Cults*, p. 153-4.
48 Niko Papatakis, o cineasta, nascido em 1918, é mais conhecido por seu filme de 1963 *Les Abysses*, que fazia uma referência alegórica à guerra da Argélia. Sartre escreveu uma nota de apoio à guerra, que Papatakis usou em seu material de divulgação. As memórias de Papatakis, *Tous les Désespoirs Sont Permis*, foram publicadas por Fayard em 2003.
49 Minha entrevista com Niko Papatakis, Café de Flore, 30 de outubro de 2003.
50 S a S de B, 12 de maio de 1940, em *Quiet Moments*, p. 180.
51 S a S de B, 29 de maio de 1940, Bibliothèque Nationale, Paris.
52 Beauvoir descreve esta viagem, dando sua própria experiência a Hélène, em seu romance *Le Sang des Autres*.
53 S a S de B, 8 de julho de 1940, em *Quiet Moments*, p. 233.
54 *Adieux*, p. 389.
55 Papatakis nada soube sobre a gravidez de Olga até depois do acontecido. Foi muito desagradável, diz ele, ser alvo de falatório no Flore, difamado por ter falhado em suas responsabilidades. Niko Papatakis, *Tous les Désespoirs Sont Permis*, p. 260-61.
56 Beauvoir escreveu a Sartre sobre "duas semanas sinistras devido a uma doença de Olga, com quem eu estava sozinha em Paris". Ela não podia se permitir ser mais explícita. S de B a S, 17 de outubro de 1940, *Letters to Sartre*, p. 342 (trad. modificada).
57 S a S de B, 23 de julho de 1940, em *Quiet Moments*, p. 236.
58 S a S de B, 28 de julho de 1940, em *Quiet Moments*, p. 237.
59 S a S de B, 29 de julho de 1940, em *Quiet Moments*, p. 239.
60 S de B a S, 14 de março de 1941, em *Letters*, p. 372.
61 *PL*, p. 521.
62 Ibid., p. 574.
63 Nathalie, a mãe de Sorokine, descreveria a situação, e o temperamento difícil da filha, na queixa oficial que fez à Secretaria de Educação em março de 1942. Ingrid Galster, "Juin 43. Beauvoir est exclue de l'université. Retour sur une affaire classé", *Contemporary French Civilization* (inverno/primavera 2001).
64 O hotel, que ficava na esquina da rue Berthe, foi substituído por um prédio de

apartamentos. O ateliê dos artistas era chamado de Bâteau Lavoir.
65 S de B a S, 14 de março de 1941, *Letters*, p. 372.
66 S de B a S, 20 de janeiro e 21 de fevereiro de 1941, em *Lettres*, p. 367 e p. 371-72.
67 *PL*, p. 576.
68 Ibid.

SEIS

PARIS OCUPADA

Março de 1941–Setembro de 1944



Sartre não demorou a entrar em contato com outros intelectuais e formar um grupo de resistência. Maurice Merleau-Ponty estava em Paris — libertado do campo de prisioneiros ao contrair pneumonia — e conhecia alguns jovens filósofos que já integravam um grupo chamado Embaixo da Bota. Bost também tinha amigos ansiosos para agir contra os alemães. No fim, umas 12 pessoas participaram da primeira reunião no quarto de Beauvoir no Hôtel Mistral, onde ela e Sartre haviam voltado a residir. Quase todas, como Bost, tinham 25 anos, dez a menos que Sartre e Beauvoir.

Alguns dos membros, inclusive o estourado filósofo corso Jean-Toussaint Desanti, queriam fabricar bombas e atirar granadas, mas o grupo logo decidiu que isso estava além de sua capacidade. Suas armas seriam palavras. Eles colheriam informações e distribuiriam boletins de notícias, incitando os parisienses a resistir ao poderio alemão.

Batizaram o grupo de Socialismo e Liberdade. Sartre ficara profundamente marcado pela vida coletiva no campo de prisioneiros, que considerou uma espécie de socialismo, e, pela primeira vez, viu-se como um socialista. Não se importava com o fato de alguns membros do grupo serem marxistas. Seu objetivo não era formar um partido político, ressaltava, mas sim expulsar os alemães da França.

As discussões nas reuniões semanais às vezes eram ferozes, mas Sartre nunca tentava impor seus pontos de vista.

Em geral era Dominique Desanti, mulher de Jean-Toussaint, quem datilografava os folhetos. Bost e seu amigo Jean Pouillon mimeografavam-nos, e os membros do grupo os distribuíam por Paris, de preferência nas portas das fábricas, de madrugada. Logo já eram cinqüenta membros. Para aumentar o sigilo, tinham como modelo a rede comunista, dividindo-se em grupelhos de cinco.

Tentaram se aproximar do movimento comunista de resistência, mas tiveram notícia de que os comunistas não confiavam em Sartre, que, segundo ele próprio confessava, ficava lendo Heidegger (simpatizante do nazismo) no campo de prisioneiros, e que provavelmente comprara sua liberdade concordando em espionar a resistência francesa. Sartre ficou horrorizado com esse rumor.

Combinava reuniões com outros líderes da resistência, e Beauvoir às vezes ia com ele. “Todos esses grupos tinham duas coisas em comum”, conta ela, “uma eficácia muito limitada e uma extraordinária negligência tática. Realizávamos nossas reuniões em quartos de hotel ou no estúdio de alguém na Ecole Normale, onde as paredes podiam ter ouvidos. Bost andava na rua carregando um mimeógrafo e Pouillon ia para todo lado com a pasta abarrotada de panfletos.”[1]

Naquele verão, Sartre e Beauvoir entraram na chamada Zona Livre, chefiada pelo governo colaboracionista do marechal Pétain. Sartre esperava fazer contato com alguns membros da resistência no sul, para tornar o Socialismo e Liberdade parte de uma organização maior. A fronteira era formalmente fechada, mas eles enviaram bicicletas na frente (fornecidas clandestinamente por Sorokine) e material de *camping* (emprestado por Bost) e atravessaram a fronteira à noite conduzidos por um guia a quem pagaram uma pequena taxa. Nas semanas seguintes, percorreram grandes distâncias de bicicleta, pedalando morro acima e em estradas esburacadas, comendo pior ainda que em Paris. Entre as pessoas que figuravam na lista de contatos de Sartre, estavam os célebres escritores de esquerda André Gide e André Malraux. Nenhum deles mostrou-se muito interessado nos planos de Sartre. Malraux (que ainda não era membro da Resistência) disse a Sartre que o que se precisava para combater

Hitler eram tanques russos e aviões americanos, não um grupo de intelectuais bem-intencionados.

A Resistência era um trabalho perigoso, e ficou evidente que os riscos que eles assumiam eram muito maiores que qualquer influência que pudessem ter. “Tínhamos a sensação de estar pregando no deserto”, recorda Dominique Desanti.[2] Como grupo, eles sentiam-se isolados. Em maio de 1942, uma ex-aluna de Beauvoir de 19 anos, Yvonne Picard, saiu do grupo para ingressar numa resistência comunista maior e muito mais eficiente. Uma semana depois, foi presa pelos alemães. Seus amigos nunca mais a viram.

Logo após esse episódio, com relutância, o grupo decidiu se dispersar.[3] Os membros marxistas, inclusive os Desantis e o amigo François Cuzin, foram trabalhar para a resistência comunista. Cuzin, um jovem filósofo brilhante, entrou para um grupo de resistência importante no sul. Em julho de 1944, os alemães fizeram uma emboscada. Cuzin e seus camaradas foram torturados e depois executados.

Mesmo negando-se a assinar a declaração de que não era judeu nem maçom, Sartre não perdeu o emprego, e foi mandado de volta ao Lycée Pasteur. Acontece que o inspetor-geral da educação era da Resistência. Em outubro, transferiu-o para o mais prestigioso Lycée Condorcet, onde Sartre preparava os alunos para a Ecole Normale.

Após passarem a manhã dando aula, Sartre e Beauvoir instalavam-se num café para escrever. O preferido era o Flore, no Boulevard Saint-Germain, com suas cadeiras vermelhas e seus espelhos. O café não era muito conhecido na época, e os soldados alemães quase nunca lá punham os pés. Mas o melhor era o aquecimento da casa. Os quatro invernos da Ocupação seriam mais severos que o normal, com neve e gelo nas ruas de Paris. O carvão era racionado e os cortes de energia elétrica eram comuns. No meio do Flore, havia um enorme fogão de sala, que o proprietário mantinha bem abastecido com seu estoque de carvão comprado no mercado negro.

Sartre e Beauvoir trabalhavam em geral no segundo andar, onde era mais silencioso. Sentavam-se em extremidades opostas da sala

para não caírem na tentação de conversar e — envoltos em fumaça de tabaco, em meio ao tilintar das xícaras de café, ao burburinho das conversas e à distração do movimento das pessoas que iam ao banheiro ou falar ao telefone — escreviam. Ambos usavam canetas-tinteiro. A letra de Sartre era pequena, regular e profissional. A de Simone, irregular, era quase impossível de decifrar. Até mesmo Sartre se queixava.

Na mesa ao lado da pilha de papéis do casal havia um pequeno bule de chá, uma xícara, um pires e um cinzeiro. Como todo mundo, eles fumavam. O tabaco era escasso durante a guerra, e Sartre vasculhava o chão do café à cata de guimbas de cigarro para abastecer seu cachimbo. Beauvoir gostava da sensação de um cigarro na mão, mas não tragava, nem se importava de ficar sem cigarros.

Dominique Desanti, ex-membro do Socialismo e Liberdade, inspirava-se totalmente em Sartre e Beauvoir. Um dia, arranjou coragem para perguntar a Sartre se ele leria as primeiras cinqüenta páginas de um romance que ela estava escrevendo. Sartre pegou o manuscrito e marcou uma hora para encontrar-se com ela na semana seguinte.

> A mesa em que ele costumava sentar-se — era praticamente cativa — ficava em frente ao relógio (...) Ele já se encontrava ali há algum tempo, mergulhado em seus escritos, e eu estava sentada mais longe. Em outra mesa, Simone de Beauvoir também escrevia; ela me fez um sinalzinho. Ele não erguera a cabeça (...) Às 11h30 em ponto, exatamente na hora que marcara para me encontrar, tampou a caneta-tinteiro e me deu um sorriso simpático, mostrando que registrara minha presença. Fui até sua mesa, ele pediu um chá para mim e tirou o manuscrito da pasta.

Sartre disse coisas encorajadoras, depois perguntou a Desanti se ela planejava tornar a escrita sua vocação. Sim? Nesse caso, ele faria algumas críticas mais substanciais. Foi delicado e encorajador, recorda ela, e logo a fez rir de alguns dos trechos fracos do texto. Sua crítica era simpática, e absolutamente objetiva. Ele batia o cachimbo na mesa, enchia-o (suas unhas eram imundas, ela notou), e fazia várias tentativas de acendê-lo. “Escrever é uma ocupação sem

trégua", disse-lhe ao lhe devolver o manuscrito. "Gosto de lecionar. Mas em algum nível estou sempre pensando no que estou escrevendo (...) É preciso estar sempre pronto para tornar a mergulhar na escrita (...) Veja só o Castor."[4]

Era uma brincadeira afetuosa no círculo deles, conta Desanti, dizer que o Castor vivia trabalhando como uma formiga. Era claro que Sartre a admirava por isso.

"Minha relação com Wanda é perfeita", declarava Sartre. Embora tivesse se mudado com Beauvoir de volta para o Mistral, passava quase todas as noites no quarto de Wanda no Hôtel Chaplain. "Ela é absolutamente encantadora comigo, de uma maneira possessiva; sinto-me como um gato ou um pequinês amado", contou ele a Beauvoir. "Decidi fazê-la desistir da pintura, que ela odeia, e passar a fazer teatro."[5] A coletânea de contos de Sartre, *O Muro* (1939), fora dedicada a Olga: a trilogia que ele estava escrevendo, *Os Caminhos da Liberdade,* era dedicada a Wanda.

Beauvoir quase não fala de Wanda. Mal menciona em suas memórias a jovem que teve um papel tão importante na vida de Sartre durante a guerra. Mas deixou escapar seu mau humor no romance que estava escrevendo. O próprio título, *A Convidada*, dá a entender que essa "convidada", em particular, ficou mais tempo do que os anfitriões desejavam. Quando Beauvoir começou a escrever o romance, em 1938, Xavière foi totalmente inspirada em Olga. Com o tempo, adquiriu alguns dos traços de Wanda. Mais tarde, Beauvoir contaria à sua biógrafa, Deirdre Bair: "Muita gente (...) não se dava conta de que os aspectos mais desagradáveis de Xavière vinham de minha relação espinhosa com Wanda."[6]

A relação sexual de Sartre e Beauvoir terminara. Beauvoir tentava racionalizar: "Existe o consenso de que, no homem, o hábito mata o desejo."[7] Seu pai afastara-se de sua mãe da mesma forma. Ela se lembrava da jovem mãe esfuziante de felicidade — uma felicidade que, com seus cinco anos de idade, Simone associava vagamente ao quarto de onde a mãe acabara de sair. Quando Beauvoir era adolescente, o idílio terminara. Georges de Beauvoir perdera o interesse pela mulher e começara a freqüentar prostitutas. "Seus

sentidos haviam ficado exigentes", diria Beauvoir da mãe com simpatia. "Aos 35 anos, na flor da idade, ela já não tinha permissão para satisfazê-los."[8]

Quando Sartre voltou da guerra, Simone de Beauvoir tinha 33 anos, e teve que aceitar de uma vez por todas que o homem que ela mais amava já não a desejava.[9] Havia anos, a vida sexual dos dois, tal como estava, era uma coisa morna. Nenhum dos dois tinha qualquer dúvida de que o culpado disso era Sartre, não Beauvoir. Eles discutiam o que chamavam de "indiferença sexual" ou "frieza sexual" dele, e atribuíam essa característica à incapacidade total de Sartre de perder o constrangimento em relação ao próprio corpo. Ele era incapaz de "se soltar". Em férias, nunca se deitava relaxado na grama ou na areia e quase nunca sentava-se numa poltrona para ler. Para ele, confessava, o sexo envolvia "um leve toque de sadismo", uma vez que sua parceira lhe cedia o corpo e ele jamais cedia o dele.[10]

"Era mais uma amizade profunda que amor", explicaria Beauvoir a Nelson Algren, um amante mais apaixonado, alguns anos depois. "O amor não dava muito certo. Principalmente porque [Sartre] não dá muita importância à vida sexual. Ele é um homem carinhoso e vivo em todos os lugares, mas não na cama. Eu logo senti isso, embora não tivesse experiência. E, pouco a pouco, parecia inútil, e quase indecente, continuar sendo amantes."[11]

Ao 69 anos, numa conversa com Beauvoir gravada para ser publicada, Sartre foi bem sincero a respeito de sua falta de impulso priápico:

> Eu era mais um masturbador de mulheres que um copulador (...) Para mim, a relação essencial e afetiva era eu abraçar, acariciar e beijar um corpo em todas as partes (...) Como eu era razoavelmente bem-dotado sexualmente, minha ereção era rápida e fácil, e eu fazia amor com freqüência, mas sem grande prazer. Só um pouco de prazer no fim, mas muito fraco (...) Eu devia ter me sentido bem feliz despido numa cama com uma mulher despida, acariciando-a e beijando-a, mas sem chegar até o ato sexual.[12]

Sem dúvida, a vida de Beauvoir não podia ter sido mais diferente da de sua mãe. Ela não era uma mulher dependente do marido, definhando em casa. Se Sartre tinha sua Wanda de 24 anos, Beauvoir tinha seu Bost, de 25. No entanto, por mais que tentasse comparar, a situação dos dois nada tinha a ver uma com a outra. Sartre passava quase todas as noites com Wanda; Beauvoir só passava uma noite por semana com Bost. A relação de Sartre com Wanda era pública. A de Beauvoir com Bost era clandestina. Até mesmo sua relação com Sartre era bastante secreta. Sartre não queria que Wanda conhecesse a extensão de sua intimidade.

Naquela época, a mulher de Sartre era Wanda. A mulher de Bost sempre fora Olga. Beauvoir estava nos bastidores, não declarada. Quase como uma amante. Mas, paradoxalmente, Olga e Wanda é que eram as mulheres sustentadas. Beauvoir, além de ser financeiramente independente, também vivia soltando dinheiro para elas.

Com seus salários de funcionários públicos reunidos em fundo comum, Beauvoir e Sartre estavam sustentando Olga e Wanda totalmente e também ajudando Bost e Nathalie Sorokine. Em julho de 1941, o pai de Beauvoir morreu, sem deixar nada. Françoise de Beauvoir, aos 54 anos, ficou totalmente dependente da filha mais velha.

Beauvoir decidiu que ela e Sartre não podiam se dar ao luxo de comer fora. Para viver com os recursos de que dispunham, mudou-se para um quarto com uma pequena cozinha no Mistral. Pegou emprestado panelas, louça e utensílios do estúdio de Poupette (Poupette ainda estava em Portugal), e, pela primeira e única vez na vida, encarregou-se de fazer compras e cozinhar. Gostou do desafio de sair à cata de comida, fazer compras com cartões de racionamento e preparar refeições comíveis com suas minguadas provisões. “Que sorte era eu topar com uma beterraba ou um repolho!”, conta.[13] Bost e Sorokine muitas vezes ajudavam.

Beauvoir diz que vivia com fome durante a guerra. Sartre parecia ter mais capacidade de passar sem comida. Madame Morel enviava regularmente pacotes de comida de La Pouèze. Às vezes, o pacote, retido no correio, chegava cheirando mal, contendo um

coelho podre ou salsichas estragadas. Demasiado famintos para ser soberbos, Bost e Beauvoir lavavam a carne com vinagre e tentavam disfarçar o sabor com um guisado condimentado. Sartre uma vez chegou e viu essa operação. “É uma carcaça podre!”, exclamou, e insistiu para que a jogassem fora.

Após o jantar, o clã inteiro podia ser encontrado quase sempre no Flore. Eles nunca se sentavam em grupo. Faziam-no em duplas, a uma distância suficiente para que um par não ouvisse o outro. Sartre podia estar numa mesa com Wanda; Beauvoir, em outra com Sorokine; Olga, em outra com Bost. Cumprimentavam-se quando entravam e saíam, mas, do contrário, não atrapalhavam a conversa privada do outro. “Sempre tivemos — e sempre conservaríamos — o gosto pela conversa *à deux”*, diz Beauvoir. “Divertíamo-nos com os tópicos mais idiotas — sempre contanto que ninguém viesse interromper nosso diálogo (...) Quando se tem que discutir coisas com várias pessoas ao mesmo tempo, a conversa, salvo em circunstâncias muito especiais, tende a ficar terra-a-terra.”[14]

Havia mais uma razão para conversar em duplas: o grupo era perturbado por tensões e ciúmes. As irmãs Kosakiewicz não se davam tão bem desde que Wanda se tornara namorada de Sartre. “Wanda sempre sofreu por ser a irmã mais moça”, contou Olga a um amigo.[15] Como disse a própria Wanda, sua posição no círculo de Sartre era, na melhor das hipóteses, fraca. “Cheguei num mundo onde já estava tudo estabelecido, onde todo mundo tinha a sua relação com todo mundo. Eu era apenas a ‘Kosakiewicz mais moça’. Sentia-me muito constrangida e muito isolada. Meu único vínculo com todas essas pessoas era através de Sartre.”[16]

Nathalie Sorokine era uma figura que provocava discórdia. Não ficara satisfeita quando Sartre voltara da guerra. Antes de conhecê-lo, tendo ouvido da família tantas histórias sobre ele, ficou cheia de desdém. “Se acha gênio”, disse com desprezo.[17] Quando finalmente o conheceu, em 1941, usou de todas as táticas para seduzi-lo. Não demorou muito. Já tinha seduzido Bost.[18]

Além de seu relacionamento com Beauvoir, Sorokine tinha um namorado naquela época, um jovem rico com quem sua mãe esperava que ela se casasse. Mas já estavam brigando. Sorokine continuava a seduzir quem estivesse à vista (incluindo o admirador de Wanda, o

jovem Mouloudji).[19] Ao mesmo tempo, continuou tendo um ciúme doentio de Beauvoir.

Beauvoir dedicar-lhe-ia seu segundo romance, *Le Sang des Autres*. Hélène, a jovem protagonista, é cheia de vontades, egocêntrica e uma incurável ladra de bicicletas. Vê pela primeira vez Jean Blomart (que se parece com Sartre) sentado num café diante de um livro. Ela lhe pergunta se ele se importaria de ir buscar sua bicicleta azul-clara num pátio próximo. Está atrasada para jantar com os pais, diz. Ele acredita nela. Logo, logo o leva para a cama.

Só depois que Beauvoir entra no reino da invenção é que Hélène se torna uma personagem positiva — até mesmo heróica. Blomart é ativo na Resistência. A princípio é para impressioná-lo que Hélène se torna politicamente ativa. Durante a luta, aprende o significado de solidariedade e fraternidade. Uma noite, insiste em sair numa missão, apesar do risco fora do comum, e é mortalmente ferida pelos alemães. Sentado à sua cabeceira enquanto ela está morrendo, Blomart se atormenta com o papel que teve nessa tragédia. “Foi minha culpa”, diz a ela. “Eu poderia tê-la impedido de ir.” Mas Hélène é uma outra mulher. “Você não tem o direito de decidir por mim”, diz, sorrindo. “Eu tornaria a fazer a mesma escolha.”

Em março de 1942, a mãe de Nathalie Sorokine deu queixa no Ministério da Educação de Vichy, acusando Beauvoir de corromper sua filha, uma menor. Afirmou que Beauvoir seduzira sua filha, depois agira como proxeneta, passando Sorokine a seus amigos — Sartre e Bost. Ademais, afirmava, sua filha não era a primeira jovem a ser submetida a esse tratamento.[20]

Madame Sorokine levara dois anos para descobrir a natureza exata do que acontecia no círculo de Sartre-Beauvoir, mas, de uma coisa, sempre soube: “Desde o dia em que pôs os olhos em *Mlle*. de Beauvoir, minha filha tornou-se uma estranha para sua família.”[21]

Aconteceu que o namorado de Sorokine, que acabara de ser abandonado pela moça, passara os detalhes para a mãe dela. Durante o tempo em que estiveram juntos, Nathalie lhe contara muitas histórias escabrosas. Sim, ele garantiu a Madame Sorokine, Beauvoir e Nathalie haviam sido amantes. Antes de Nathalie, houvera Olga

Kosakiewicz e Bianca Bienenfeld.[22] Em todos os casos, Beauvoir seduzira a moça, depois apresentara-a a Sartre, que também dormira com ela — ou tentara fazê-lo. Sorokine fora para a cama com Sartre e Bost. Agora Sartre transava com a irmã mais moça de Olga, Wanda.

A queixa de Madame Sorokine virou um relatório longo e detalhado. O Ministério da Educação levou-o a sério, e chamou a polícia, que interrogou todos os membros da "família" — Beauvoir, Sartre, Sorokine, Bost, Olga e Wanda — bem como os pais das Kosakiewicz e os diretores das escolas de Beauvoir. Chegaram até a correr os vários hotéis onde Beauvoir morara ao longo dos anos e interrogar alguns moradores.

Sartre e Beauvoir discutiram sua melhor estratégia. Os membros de seu círculo foram cuidadosamente instruídos. Cada um, por sua vez, como convinha, negou tudo, contando à polícia mentiras bem ensaiadas.

Beauvoir disse que Sorokine era uma aluna excelente, e elas haviam se tornado amigas. Como algumas outras de suas alunas, Nathalie desenvolvera por ela uma "admiração exaltada", mas Beauvoir jamais respondera aos apelos da menina. Ao contrário, orientara-a para "relações sexuais normais". Sim, Beauvoir conhecia Sartre e Bost. Sartre fora seu amante durante seis anos, e agora era um grande amigo. Bost nunca fora seu amante. Sim, Nathalie também conhecia esses homens, mas eles eram apenas amigos.

Nathalie Sorokine endossou essa história. Era profundamente grata à ex-professora, disse. Se *Mademoiselle* de Beauvoir freqüentava seu quarto de hotel no inverno de 1940, era porque o quarto dela era gelado. Sorokine disse que contara, sim, ao ex-namorado que ela e Beauvoir haviam sido amantes, porque ele queria casar-se com ela e ela queria livrar-se dele. *Mademoiselle* de Beauvoir aconselhara-a a inventar essa história para que ele se desgostasse e a deixasse em paz.

Sartre disse que podia declarar que *Mademoiselle* de Beauvoir jamais tivera tendências estranhas em relação a mulheres. Bost disse que conhecia Beauvoir desde 1935, e ambos eram muito amigos. Ele era um antigo aluno de Sartre e via-o muito. Não, nunca recebera dinheiro de *Mademoiselle* de Beauvoir. Nunca fora seu amante. E não

podia imaginar que Beauvoir e Sorokine algum dia tivessem tido relações sexuais.

Olga assegurou à polícia que Beauvoir nunca tentara aproximar-se dela de modo estranho e nunca a apresentara a nenhum homem no intuito de prostituí-la. Wanda disse que namorava Sartre há três anos, e não podia acreditar que Simone de Beauvoir tivesse "hábitos peculiares". Parecia-lhe que *Mademoiselle* de Beauvoir estava sendo vítima de uma calúnia.

Monsieur Kosakiewicz ficou chocado com o fato de Madame Sorokine ter implicado suas filhas nessa questão. Ele e sua mulher só eram profundamente gratos a *Mademoiselle* de Beauvoir, por quem tinham imenso respeito.

Nada podia ser provado, e o caso foi encerrado. Ademais, as credenciais de professora de Beauvoir eram impecáveis. Todavia, o reitor da Universidade de Paris, um partidário do marechal Pétain, decretou ser inadmissível manter Beauvoir no corpo docente. Ela não era casada e passara anos numa relação de concubinato com Sartre. Não possuía domicílio fixo, morava em hotéis, corrigia os trabalhos dos alunos em cafés, e, numa época em que a França tentava urgentemente restaurar os valores morais, dava aulas sobre os escritores homossexuais Proust e Gide.

Em junho de 1943, após 12 anos de serviço, Simone de Beauvoir foi despedida do corpo docente do governo de Vichy.[23] Em círculos progressistas, isso lhe dava certo prestígio. Sua posição seria restaurada em 1945, após a guerra, mas Beauvoir nunca voltou a lecionar.

Nathalie Sorokine logo arranjou um namorado novo. Foi Sartre quem apresentou-a a Jean-Pierre Bourla, um judeu espanhol que fora seu aluno no Lycée Pasteur. Os dois formavam um par incrível. Sorokine era alta, loura e eslava; Bourla era baixo, moreno e latino. Os "garotos", como Sartre e Beauvoir os chamavam, brigavam com freqüência — era impossível não brigar com Sorokine —, mas a gentileza e a generosidade de Bourla visivelmente a tornavam mais doce. A família nunca a vira tão feliz.

Bourla tinha uma energia quase louca. Queria estudar filosofia. Para diversão de Sartre e Beauvoir, ele devorava Hegel e Kant como se fossem romances policiais, e ainda conseguia entendê-los. Escrevia poesia, encorajado por seu amigo, o poeta judeu Max Jacob. Bourla era “confuso, irritante, apaixonado, infantil, desajeitado, agitadíssimo”, diz Beauvoir. “Gostava de estar vivo.”[24]

Em junho de 1942, um novo decreto de Vichy obrigou todos os judeus na França ocupada a usar a estrela-de-davi. Já não tinham o direito de possuir uma residência ou manter uma conta bancária, e estavam proibidos de entrar em lugares públicos — incluindo restaurantes e cafés. Para os judeus, havia um toque de recolher às oito da noite. No mês seguinte, na pior incursão noturna da Ocupação, a Gestapo e a polícia francesa recolheram cerca de 20 mil judeus e transportaram-nos para campos de extermínio nazistas.

Bourla parecia mais espanhol que judeu, e continuou mais ou menos como antes. Não usava a estrela amarela, não fazia caso do toque de recolher para os judeus e passava horas por dia no Flore. Seu pai, um rico empresário, estava convencido de que eram protegidos por amigos influentes na Embaixada espanhola. Um dia, Jean-Pierre Bourla esboçava seus planos para o futuro. “E se os nazistas vencerem a guerra?”, perguntou-lhe Sartre. Bourla respondeu: “Uma vitória nazista não entra nos meus planos.”

Era ilegal passar da Zona Ocupada para a Zona Livre sem um passe especial, mas no verão de 1942 Beauvoir e Sartre conseguiram novamente atravessar a fronteira, desta vez com Bost. Pedalaram nos Pireneus, dormindo em celeiros. Como da outra vez, a comida era escassa, e eles tinham dificuldade de arranjar o suficiente para se alimentar. Sartre estava mergulhado em *O Ser e o Nada*, e freqüentemente ficava para trás a fim de trabalhar num café enquanto Beauvoir e Bost saíam sozinhos.

Um dia, Sartre ficou escrevendo num prado enquanto os outros dois, lutando contra um vento forte, subiram ao topo do Midi de Bigorre. Quando voltaram, ele continuava escrevendo. “Tinha feito sabe Deus quantas páginas, com vento ou sem vento”, conta Beauvoir, “e sentia-se muito satisfeito consigo mesmo.”[25]

Ela e Sartre regressaram a Paris, enquanto Bost iria visitar amigos em Lyon. Alguns dias depois, Bost foi apanhado ao tentar atravessar a fronteira e passou duas semanas aflito, quase morrendo de fome encarcerado numa prisão local.

Ao voltar a Paris, Beauvoir ficou consternada ao saber que o gerente do Hôtel Mistral alugara seu quarto a outra pessoa. Passou dias procurando por todo Montparnasse um arranjo semelhante. Não havia nada. Acabou encontrando um quarto com uma cozinha minúscula que era também banheiro num hotel sórdido, o Aubusson, na Rue Dauphine. As paredes descascavam, havia uma lâmpada amarela fraca pendurada no teto, e, à noite, ela ouvia a correria dos camundongos.[26]

Os "garotos" — Sorokine e Bourla — mudaram-se fielmente para o mesmo hotel, tomando um quarto no andar de baixo. Sorokine insistia para que Beauvoir descesse, pusesse-a na cama e lhe desse um beijo de boa noite. Bourla dizia: "E eu? Não ganho um beijo?" E Beauvoir também o beijava.

Num ensaio chamado "Paris sob a Ocupação", que escreveria no fim da guerra para leitores britânicos, Sartre tentou descrever como era morar numa cidade ocupada pelos nazistas. Sabia que muitos ingleses, que afinal de contas sofreram bombardeios atrozes, achavam que os franceses não haviam sofrido muito com aquela situação. "Eu gostaria de explicar que eles estão errados, que a ocupação foi um calvário terrível, que não é certo que a França possa superar esse sofrimento e que não há um francês que muitas vezes não tenha invejado o destino dos aliados ingleses."[27]

Ele não pedia que os ingleses tivessem pena dos franceses. Claro, que não. Mas queria explicar o que significava viver humilhado, ter que acompanhar passivamente enquanto o destino do seu país estava nas mãos de outros. No campo de prisioneiros, ele vira a vergonha em primeira mão. Os prisioneiros militares franceses achavam que haviam decepcionado a França. Os prisioneiros tchecos e poloneses chamavam-nos abertamente de covardes. No entanto, Sartre ressaltava: "As três maiores potências do mundo levaram

quatro anos para derrotar os alemães; não era natural que cedêssemos no primeiro ataque, nós que o enfrentamos sozinhos?”

Os colaboracionistas de Vichy tentavam esfregar o nariz dos franceses em sua inferioridade, diz ele. Pior, sob a ocupação, era quase impossível para os franceses evitar algum grau de cumplicidade com seus ocupantes. Até os camponeses, que trabalhavam nos campos para alimentar os franceses, estavam inevitavelmente fornecendo ao mesmo tempo comida para o inimigo. Isso significava que os franceses perderam o orgulho. “Aqueles que nos felicitam ironicamente por ter escapado da guerra não podem imaginar com que ardor os franceses teriam gostado de combater de novo.”

Sartre gostara de escrever e produzir uma peça quando esteve no seu campo de prisioneiros. Os prisioneiros franceses entenderam e apreciaram sua mensagem velada de resistência. Agora ele estava decidido a fazer uma mensagem semelhante passar pelos censores alemães e chegar aos palcos de Paris. Queria que as pessoas se livrassem de sua culpa paralisante. Elas deveriam parar de se ver com os olhos dos ocupantes e se dar conta de que eram livres para libertar-se de seus grilhões.

Na primavera de 1942, Olga Kosakiewicz fez um pequeno papel numa peça dirigida pelo talentoso jovem diretor Jean-Louis Barrault. Barrault era encorajador, e, um dia, ela lhe perguntou como podia tratar de conseguir papéis mais importantes. “A melhor maneira”, disse Barrault, “seria mandar alguém escrever uma peça para você”. Quando Olga contou isso a Sartre, ele imediatamente disse: “Por que não eu?” Ele e Olga já não viviam juntos, mas ela fazia parte da família; e ele gostava da idéia de lhe dar uma boa chance.

Sartre sabia que os censores alemães nunca autorizariam uma peça sobre a Ocupação, então decidiu usar a mitologia grega para dar o seu recado. Escreveria sobre o retorno de Orestes do exílio a sua Argos natal, uma cidade assolada pela peste, governada pelo tirânico Egisto e sua consorte, Clitemnestra. Orestes, em diálogo com Júpiter, chega a se dar conta de que os deuses não são justos. Libertando-se dos deuses e assumindo sua liberdade, ele mata Egisto e Clitemnestra, sua própria mãe. Seu ato de violência liberta os cidadãos de Argos e os livra da peste.

Barrault concordou em dirigir *As Moscas*, mas disse não achar que Olga, de 27 anos, estava a altura do papel de irmã de Orestes, Electra. Era um papel difícil, e Barrault só trabalhava com atores profissionais. Sartre não cedeu: Olga vinha com a peça.

Começaram os ensaios. Barrault vivia perdendo a cabeça com Olga. Pelas costas de Sartre, resmungava que este promovia a amante. Barrault logo estava colocando sua energia numa produção que tinha muito mais chance de ser aceita pelo governo de Vichy. *Le Soulier de Satin*, um drama épico do dramaturgo católico reacionário Paul Claudel.

Finalmente, Sartre decidiu romper o contrato. “Isso tudo é minha culpa”, escreveu a Barrault. “Em geral não gosto de falar de minha vida particular e meu silêncio reforçou esse equívoco. Quero lhe dizer... que Olga nunca foi nem nunca será minha amante: era só ao talento dela que eu queria servir.”[28]

Charles Dullin concordou em encenar a peça. Ele próprio fez o papel de Júpiter. Dullin trabalhou pacientemente com Olga, e ela mergulhou no papel. No entanto, o gênio de Dullin era famoso, e às vezes ele estourava. Olga caía em prantos e ameaçava desistir. Suas explosões, diz Beauvoir, estavam “entre uma briga de família e arrufos de namorados”.[29] Os outros alunos do Atelier olhavam enciumados, esperando que Olga se mostrasse inadequada para a tarefa.

Dullin estava assumindo um grande risco, Sartre era um autor desconhecido, e Olga, uma atriz desconhecida. A produção era cara (envolvendo uma grande quantidade de extras), e a peça era decididamente polêmica. A estréia foi na noite de 3 de junho de 1943, no Théâtre de la Cité. (Os administradores de Vichy haviam insistido para que o teatro mudasse o nome de Théâtre Sarah Bernhardt, por causa da atriz judia.) “Como eu estava tensa quando a cortina subiu!”, lembra Beauvoir. Olga, com o pseudônimo de Olga Dominique, trabalhou muito bem. Foi uma estréia triunfante para sua carreira.

Para a platéia naquela noite, parecia que uma brisa fresca soprava no palco. “Era impossível não entender as implicações da peça”, diz Beauvoir. “A palavra Liberdade, saída da boca de Orestes, explode em nós como uma bomba.”[30]

Dominique Desanti concorda. “Sim, Sartre tinha que fazer concessões por causa dos censores alemães. Mas o que podia fazer? Alguns escritores optaram por manter silêncio durante a Ocupação, a fim de não fazer nenhuma concessão. Era uma atitude nobre. Mas nós, jovens, estávamos muito empolgados com o fato de Sartre estar falando. E, para nós, a mensagem dele era clara.”[31]

Se Beauvoir não se abalou muito por ter perdido o emprego no magistério no verão de 1943, foi porque ela e Sartre haviam ingressado numa esfera muito mais empolgante do que o mundo de salas de aula, quadros-negros e giz. Em junho, algumas semanas após a estréia de *As Moscas* no Théâtre de la Cité, foi publicado o pesado tomo filosófico de Sartre, *O Ser e o Nada*, dedicado “Ao Castor”.

O livro só causaria um verdadeiro impacto depois da guerra, mas alguns leitores já o reconheciam como um marco. Sartre aplicara a filosofia à vida cotidiana, tirando exemplos do mundo à sua volta. Seu retrato de um garçom num café ficaria famoso. Ligeiramente afetado, carregando a bandeja no alto, curvando-se animado e solícito para tomar um pedido novo, seria ele livre? Estaria meramente representando um papel?

Em agosto de 1943, *A Convidada* apareceu nas vitrines das livrarias. Depois de 13 anos escrevendo e reescrevendo, com dezenas de rascunhos relegados ao fundo de suas estantes, Beauvoir finalmente era uma autora publicada. Pela primeira vez, confessa, fundia-se com entusiasmo com sua imagem pública:

> Um colunista literário, discutindo livros novos da Gallimard, referiu-se a mim como “a nova romancista da firma”. As palavras tilintaram alegremente em minha cabeça. Como eu teria invejado essa jovem de cara séria, que agora embarcava em sua carreira literária, se ela tivesse qualquer outro nome que não o meu — mas ela *era* eu![32]

A Convidada estimulou o crescimento da lenda Sartre-Beauvoir. As resenhas não foram muitas — a imprensa censurada da época da guerra não aderiu exatamente a este romance decadente — mas

correu a notícia de que era um *roman à clef*, extraído da relação aberta de Beauvoir com Sartre e o triângulo que antes formavam com Olga Kosakiewicz, a quem o livro era dedicado, a mesma mulher, diziam, que fazia o papel de Electra na peça de Sartre *As Moscas* no Théâtre de la Cité. Corria o boato de que Sartre, cuja peça sugeria uma vibração incestuosa entre Electra e seu irmão, Orestes, agora transava com a irmã mais moça de Olga, Wanda. As pessoas no Flore "me olhavam de esguelha", conta Beauvoir.[33]

As reações ao romance foram polarizadas. Alguns acharam-no imoral e exibicionista; outros, um corajoso ato de resistência à ideologia de Vichy, de "trabalho, família, pátria". Uma coisa era certa: Beauvoir, com seu romance de estréia, renunciara aos últimos resquícios de respeitabilidade burguesa.

O livro causou grande alvoroço. "É Sartre retratado em sua inteireza", disse a um amigo o antropólogo Claude Lévi-Strauss, "e ele aparece como um filho-da-mãe torpe."[34] Raymond Queneau observou em sua revista: "Extraordinária veracidade da descrição, total falta de imaginação. Até quando S de B atribui uma infância diferente a um de seus personagens, é a de outra pessoa — por exemplo, a infância de Gerbert (J-L Bost) é a de Mouloudji."[35] Como retrato de um grupo iconoclasta de pessoas, o romance foi considerado por Michel Leiris como o equivalente francês de *O Sol Também se Levanta.* Mas observou que lhe faltava clareza numa questão fundamental: "Pierre e Françoise estavam juntos havia dez anos. Será que são pessoas que ainda têm uma relação sexual, ou já deixaram de ter?... Sem essa informação básica, é difícil entender como funciona o equilíbrio do triângulo."[36]

Françoise de Beauvoir já tivera que enfrentar a ignomínia de ter a filha expulsa da profissão do magistério. Agora tinha que suportar mais uma rodada de comentários da família e dos amigos. "Até a publicação de *A Convidada,* ela não sabia quase nada de minha vida", conta Simone. "Ela tentava se convencer de que, no que dizia respeito à moral, eu era uma 'boa moça'. Os boatos públicos acabaram com as ilusões dela."[37]

Beauvoir soube que *A Convidada* era um sério concorrente ao Prix Goncourt. Isso era na época de Vichy. Os escritores judeus não podiam ser publicados, seus nomes nem sequer podiam ser

mencionados em nenhum artigo escrito sob o regime de Vichy. Embora Beauvoir tivesse ficado desgostosa com isso, conta ela, “Se tivesse ganho o Prix Goncourt naquele ano, eu o teria aceito com uma alegria sincera.”[38]

No outono de 1943, Sartre pôs rapidamente de lado sua trilogia e, exatamente em duas semanas, escreveu *Entre Quatro Paredes,* uma fascinante peça de um ato. Sucesso instantâneo, tornar-se-ia um clássico francês, encenada repetidamente nos palcos de Paris.[39]

Os três personagens — um homem e duas mulheres — estão no Inferno. Eles chegam um após o outro e se vêem trancados num quarto mobiliado com antiguidades feias. A princípio, ficam aliviados. Esperavam instrumentos de tortura e carvões em brasa. Depois, compreendem. Não há espelhos, livros, escovas de dentes, distrações. Tudo o que têm — pelo resto da eternidade — é uns aos outros.

Garcin é um covarde que deseja desesperadamente ser visto como herói. Estelle é uma narcisista que vive para o desejo dos homens. Inès, uma lésbica, gosta de ver os outros sofrerem. É a primeira a entender a situação desesperadora em que se encontram. “Cada um de nós é um carrasco para os outros”, diz. Quase no fim da peça, Garcin pronuncia a famosa máxima de Sartre: “O inferno são os outros.”

Sartre escreveu o papel de Estelle para Wanda. Havia um ano, ela freqüentava as aulas de Dullin no Atelier, fazendo papéis menores. Não demonstrava ter o talento da irmã, mas Sartre achava que era só uma questão de tempo. Ele queria lhe dar um impulso para começar.

Uma jovem atriz amiga, Olga Barbezat, fez Inès. Sartre pediu a Albert Camus para fazer Garcin e dirigir a peça. Os primeiros ensaios se realizaram em dezembro de 1943, no quarto de Wanda no Hôtel Chaplain.

“Ninguém ousaria inventar num drama duas figuras tão diferentes fisicamente quanto Sartre e Camus”, escreveu Arthur Koestler.

“Sartre parecia um duende mau ou uma gárgula, Camus, um jovem Apolo.”[40]

Camus fora se apresentar a Sartre no ensaio geral de *As Moscas.* Tinha trinta anos e acabara de chegar da Argélia. Seu último romance, *O Estrangeiro,* estava causando sensação. Sartre fizera uma resenha elogiosa da obra. Camus também tivera um papel corajoso na Resistência, editando o jornal clandestino *Combat.*

Sartre imediatamente gostou de Camus, como gostaram todos os de seu clã. Camus era um homem mediterrâneo caloroso e apaixonado. Tinha raízes espanholas, francesas e argelinas, e falava o francês com o sotaque do sul. Era sensível, engraçado, trágico, e cheio de histórias, que contava em linguagem picante. Tinha um charme extraordinário. “Você estava numa festa, e olhava em volta”, lembra seu editor Robert Gallimard, “e, de repente, via que quase todas as mulheres da sala estavam aglomeradas em volta de Camus.”[41]

Wanda não tinha ouvido falar em Camus antes de começarem os ensaios. No Natal, leu *O Estrangeiro* e adorou. Ficou fascinada com ele — suas exóticas origens norte-africanas, sua longa luta contra a tuberculose, a vulnerabilidade por baixo de sua aparência altiva.

Camus não sabia que Wanda e Sartre eram amantes. Uma noite, no Flore, confidenciou a Sartre que estava cativado pela “alma russa” de Wanda. Até usou a palavra *gênio* para descrevê-la.[42]

Os horizontes sociais de Sartre e Beauvoir começaram a se abrir. Através de Camus, Sartre entrou para o grupo de resistência dos escritores, o CNE — o Comitê Nacional dos Escritores. Ficou amigo dos antigos escritores surrealistas Michel Leiris e Raymond Queneau, que eram cinco ou seis anos mais velhos que ele.

Sartre e Beauvoir foram convidados para jantar no apartamento de Michel e Zette Leiris, no Quai des Grands-Augustins, dando para o Sena. Leiris apresentou-os a Picasso, cujo estúdio ficava na esquina. Em várias ocasiões, almoçaram com Picasso e sua amante, Dora Maar, num restaurante catalão na mesma rua. “Picasso sempre nos recebia com uma vivacidade esfuziante”, conta Beauvoir, “mas

embora tivesse uma conversa alegre e brilhante, não se conversava exatamente *com* ele. Antes, podia-se vê-lo monologando".[43]

Pela primeira vez na vida, Beauvoir recebia em sua própria casa. Ela e os "garotos" haviam se mudado para um hotel muito mais simpático. La Louisiane, na Rue de Seine, no coração de Saint-Germain-des-Prés. Vários dos *habitués* de Sartre moravam ali, incluindo Mouloudji e sua nova namorada. Beauvoir tinha um grande quarto de esquina no terceiro andar, com uma cozinha e uma vista dos telhados. No dia em que ela se mudou, Sartre derramou um tinteiro e o gerente mandou retirar o tapete, deixando o parquete nu. Beauvoir não se importou. "Nenhum de meus retiros anteriores chegou tão perto de ser o apartamento de meus sonhos", conta ela, "e eu tinha vontade de ficar lá pelo resto da vida".[44]

Na sala, havia um divã, estantes e uma mesa enorme, coberta de livros e papéis, e, nessa mesa, ficava encostada a bicicleta de Beauvoir. Uma noite, ela limpou a mesa, levou a bicicleta para o quarto de Sorokine, e convidou os novos amigos para comer ali. Leiris e Queneau vieram com as mulheres; Albert Camus estava presente, assim como Sorokine e Bourla, Bost, Olga e Wanda. Bost postou-se diante de uma enorme tigela de feijão, servindo-se com uma concha. Camus caiu na gargalhada. "Parece o quartel do exército", disse.[45]

Naquela primavera, tiveram uma série de festas orgiásticas que duravam a noite inteira a que davam o nome de "*fiestas*". Todos poupavam seus cupons, para conseguir juntar o que aparentemente eram quantidades incríveis de comida e bebida. O escritor surrealista Georges Bataille deu a primeira festa. Olga, Wanda e Camus foram os dançarinos fantásticos do grupo. Sartre cantou canções obscenas e dançou uma paródia de tango: Dora Maar fez a pantomima de uma tourada; Queneau e Georges Bataille fizeram um duelo de garrafas. Leiris ficou tão bêbado que caiu na escada. Quando deu meia-noite, os festeiros ficaram presos até de madrugada pelo toque de recolher. De manhãzinha, alguns subiram se arrastando para dormir.

Duas semanas depois da festa de Bataille, a mãe de Bost emprestou-lhes a casa da família em Taverny. "Para uma septuagenária viúva de clérigo, ela possuía uma cabeça extraordinariamente aberta. Trancou a mobília antiga e seus preciosos

bibelôs, e guardou algumas peças de xadrez que costumavam ficar em cima de uma mesa, e foi passar a noite em outro lugar."[46] Em junho, Simone Jollivet e Charles Dullin deram uma festa em seu suntuoso apartamento. Jollivet, que já mostrava sinais do alcoolismo que a destruiria, estava bêbada antes da chegada dos convidados.

Na primeira *fiesta*, Camus sumiu com Wanda. Na segunda, pouco antes de o dia raiar, Olga foi procurar Bost e encontrou-o num sofá num canto escuro bolinando uma jovem atriz argelina. Olga botou a boca no mundo, recorda Mouloudji, e as pessoas saíram correndo dos quartos, esfregando os olhos estremunhadas e espantadas.[47]

"Que agitação. O grupinho de Sartre está alvoroçado", relatou Raymond Queneau em seu diário no dia seguinte. "Bost rompeu com Olga K. etc. Discussões. Atmosfera trágica no Flore esta noite."[48]

Nas *fiestas*, os participantes tentavam com afinco esquecer que, naquelas horas sinistras do toque de recolher, Paris pertencia aos homens de cinza. Como Sartre ressaltou em "Paris sob a Ocupação", a Gestapo conduzia seus ataques com uma polidez quase infalível:

> Perto de meia-noite, ouviam-se os retardatários correndo na rua para chegar em casa antes do toque de recolher, e depois reinava o silêncio. E sabíamos que os únicos passos ouvidos lá fora eram os *deles.* É difícil transmitir a impressão que essa cidade deserta podia dar, essa *terra de ninguém* colada em nossas janelas e que só eles habitavam. As casas nunca eram exatamente uma proteção. A Gestapo fazia com freqüência suas prisões entre meia-noite e cinco da manhã. A cada momento, parecia que a porta podia ser aberta, deixando entrar uma rajada de ar frio, um pedaço de noite e três alemães afáveis com revólveres. Mesmo quando não falávamos sobre eles, mesmo quando não pensávamos neles, sua presença estava entre nós.

Em fevereiro de 1944, os ensaios de *Entre Quatro Paredes* foram interrompidos. Olga Barbezat, a atriz que ia fazer Inès, foi a uma festa uma noite na casa de um colega ator. Ela não sabia que ele tinha um papel ativo na Resistência até a Gestapo entrar e prender todos os presentes. O anfitrião nunca mais foi visto. Olga Barbezat

foi levada para Fresnes, a prisão na periferia de Paris conhecida pelos casos de tortura e executação de membros da Resistência. Passou três meses lá antes de ser solta. Por solidariedade, Camus recusou-se a prosseguir com a peça. Sartre entregou-a a profissionais do Théâtre du Vieux Colombier.

Uma noite medonha no fim de março, Bourla foi detido. Fora visitar o pai em Neuilly, elegante subúrbio de Paris, e, por causa do toque de recolher, passou a noite lá. Pouco antes do amanhecer, os alemães entraram na casa com estardalhaço. Bourla, o pai e a irmã foram presos e levados para Drancy, o campo de internamento na periferia norte de Paris onde, apenas dez dias antes, o amigo poeta de Bourla, Max Jacob, morrera de pneumonia.

Beauvoir e Sartre estavam em La Pouèze passando a Páscoa com Madame Morel quando souberam da prisão de Bourla. Beauvoir conta de sua "agonia e desespero". Sartre tentou persuadi-la de que, fundamentalmente, a morte aos 19 anos não era mais absurda que aos oitenta. Beauvoir não se convenceu. Torturava-se com perguntas sobre Bourla e seu destino. "Por que ele se hospedou na casa do pai exatamente naquela noite? Por que seu pai estava convencido de que não corria perigo? Por que acreditamos nele?"[49]

Sartre e Beauvoir estavam em La Pouèze. Nas noites de 20 e 21 de abril, os subúrbios ao norte de Paris foram bombardeados pelos aliados. O barulho foi ensurdecedor. Bost escreveu a Beauvoir. Estava apavorado. Não podia imaginar nada pior que ser sepultado sob um monte de escombros. As irmãs Kosakiewicz foram implacáveis. Bost as admirava. Vira Nathalie Sorokine no Flore, esgazeada. Alguém lhe contara que Bourla fora transferido de Drancy para uma prisão em Villeneuve-Saint-Georges. Estava esperando contra todas as expectativas que fosse verdade. (De fato, os Bourlas já haviam sido transportados para Auschwitz.)[50]

Olga continuava azucrinando Bost por causa da atriz argelina, conta ele. Era cansativo. Quanto a Wanda, quase houvera um escândalo naquela manhã no Hôtel Chaplain:

> Conte a Sartre que naquela manhã Camus estava na cama com Wanda que lhe dizia meio dormindo: “Dormimos como dois anjinhos”, quando foram acordados pelo gerente batendo na porta e dizendo: “*Monsieur* Sartre, já o estou chamando há uma hora! Telefone para o senhor!” Parece que Camus pulou da cama e levou pelo menos uma hora para se recuperar.[51]

Por dinheiro, Bost estava produzindo uma quantidade de histórias de amor sob pseudônimo. O trabalho em seu romance de guerra avançava lentamente. Ele estava ansioso para mostrar a Beauvoir o que escrevera.

O caso de Wanda com Camus não durou muito. (Camus apaixonou-se pela bela atriz franco-espanhola de 21 anos Maria Casarès, que levou à festa seguinte.) Mas Sartre estava magoado. Aquilo foi uma virada em seu relacionamento com Wanda. Ele também estava cansado de seus ataques escandalosos, mesmo se às vezes ele os provocava.

Sartre e Wanda logo se separaram, mas Sartre sustentaria Wanda até ela morrer, passava algum tempo a sós com ela duas vezes por semana e tirava duas ou três semanas de férias com ela todos os anos. Ao todo, escreveria seis peças para ela, dando-lhe os únicos papéis que ela teve. Em 1965, compraria um apartamento para ela.

Wanda teve muitos outros amantes, mas nunca deixou de sentir ciúmes das outras mulheres de Sartre. A que ela mais odiava, com paixão, era Simone de Beauvoir.

Comida, carvão e gás haviam se tornado mais escassos ainda. Os restaurantes e os cafés eram obrigados a fechar três vezes por semana devido à falta de energia. As forças aéreas aliadas estavam bombardeando fábricas francesas, alvos industriais, portos e estações ferroviárias — qualquer coisa útil para os alemães. A bandeira nazista continuava tremulando no Senado. Os alemães ainda não haviam se retirado. Mas a libertação estava no ar. As forças anglo-americanas avançavam sobre Paris.

Na noite de sexta-feira 25 de agosto de 1944, Sartre, como membro do grupo de escritores resistentes, o Comitê Nacional de Teatro, estava na Comédie Française. Ele e outros haviam feito uma barricada para proteger o teatro da sabotagem alemã. Bost e as mulheres — Olga, Wanda, Beauvoir e Sorokine — estavam no quarto que Bost dividia com Olga no Hôtel Chaplain. Ele montara uma espécie de fogão. Como combustível, usavam jornais velhos. Era um desafio cozinhar na engenhoca. O jantar consistia em batatas. Enquanto jantavam, o rádio anunciou que o general de Gaulle chegara a Paris naquela tarde e fizera um discurso na prefeitura.

O grupo ouviu os gritos de viva na rua, e desceu. Uma multidão se formara na esquina da Vavin, em frente ao Dôme. Os sinos das igrejas repicavam. Algumas pessoas acenderam uma fogueira no meio da rua e dançavam em volta, cantando e rindo. Depois alguém gritou: “Os tanques estão chegando!” As pessoas apagaram a fogueira com os pés e fugiram correndo. As luzes nas casas vizinhas foram apagadas. Carros blindados cheios de homens da SS vinham chacoalhando. Atiradores abriam fogo. Ambulâncias da Cruz Vermelha passavam, sirenes ligadas, zoando carregadas de feridos.

No dia seguinte, a bandeira francesa tremulava no alto da Torre Eiffel. De Gaulle desceu os Champs-Élysées acompanhado de soldados franceses e americanos. Sartre assistia do balcão do Hôtel du Louvre. Beauvoir foi com Olga para o Arco do Triunfo, onde, de braços dados, uniram-se à multidão exultante. Tiros ecoaram. Beauvoir e Olga correram. As pessoas se abaixaram na rua. Sartre e seus colegas entraram no prédio e se deitaram de bruços.

Eram dias de euforia, mas assustadores. Antes da retirada dos alemães, houve violentos confrontos nas ruas. Sartre e Beauvoir tomaram notas e combinaram suas impressões para uma série de artigos que escreveram para *Combat*, assinados por Sartre.[52] No Boulevard Saint-Germain, um velho que não conseguiu correr depressa o bastante foi abatido pelos soldados alemães. Enquanto isso, os franceses se vingavam daqueles que eram considerados colaboracionistas. No fim do Boulevard Saint-Michel, uma mulher de meia-idade cujo cabelo fora raspado sacudia a cabeça dizendo “Não, não, não!” Sartre ficou repugnado com aquele “sadismo medieval”. Será que as pessoas achavam patriotismo aqueles atos baixos de

vingança contra mulheres que supostamente teriam dormido com um alemão?

Paris foi libertada, mas a guerra continuava. Em setembro, as forças aéreas aliadas destruíram grandes áreas do Havre, matando milhares de pessoas. Os alemães dispararam os primeiros mísseis balísticos de longo alcance sobre Londres. Era "um mundo devastado", diz Beauvoir.[53] "Nenhuma folha de grama em nenhum prado, por mais que eu olhasse, jamais voltaria a ser o que era."[54]

NOTAS

1 *PL*, p. 581.
2 Minha entrevista com Dominique Desanti, Paris, 27 de agosto de 2003.
3 Beauvoir diz que o Socialismo e Liberdade se dissolveu em outubro de 1941. Dominique Desanti e Simone Debout Devouassoux, ambas membros do grupo, afirmaram-me que o grupo continuou até maio ou junho de 1942.
4 Dominique Desanti, "Sartre, Une leçon à une débutante en 1942", em Ingrid Galster, *La Naissance du "Phénomène Sartre", Raisons d´un succès (1938-1945)* (Paris: Seuil, 2001).
5 S a S de B, não datado, 1941, *Quiet Moments*, p. 251. Beauvoir mudou o nome "Wanda" para "Tania" nas cartas publicadas.
6 Bair, *Simone de Beauvoir*, p. 231.
7 S de B, *A Very Easy Death* [*Uma Morte Muito Suave*] (Nova York: Random House, 1965), p. 36 (trad. modificada).
8 Ibid., p. 36
9 No romance de Beauvoir *Le Sang des Autres* (1945), Blomart, o personagem de Sartre, diz à ciumenta jovem Helena: "Olhe, você sabe que não estou nada apaixonado por Madeleine. Pessoalmente, eu terminaria nossas relações físicas sem a menor tristeza."
10 *Adieux*, p. 312.
11 S de B a Nelson Algren, 8 de agosto de 1948, *A Transatlantic Love Affair* (Nova York, New Press, 1998), p. 208.
12 Sartre entrevistado por Beauvoir, verão de 1974, em *Adieux*, p. 302 e 314.
13 *PL*, p. 606.
14 Ibid. p. 609.
15 Entrevista de Gerassi com Olga Kosakiewicz. 9 de maio de 1973. Beinecke Library, Universidade de Yale.
16 Entrevista de Gerassi com Wanda Kosakiewicz, 23 de março de 1973. Beinecke Library, Universidade de Yale.
17 *PL*, p. 574.
18 A mãe de Sorokine disse isso em seu relatório ao Ministério da Educação. Sylvie Le Bon de Beauvoir confirma que Sorokine dormia com Sartre e Bost. Beauvoir e Bost contaram-lhe isso independentemente.
19 Mouloudji pinta um retrato divertido de Sorokine no segundo volume de suas memórias, *La Fleur de l'Âge*, p. 26ss. Diz que Sorokine era uma sedutora agressiva e uma ladra inveterada. Deu em cima dele energicamente, e passaram a noite num hotel, que ele pagou. Na manhã seguinte, foi embora com os lençóis, o cobertor e os travesseiros. Ele ficou constrangido.

20 Galster, “Junho de 43”, p. 139-41; e Gibert Joseph, *Une Si Douce Occupation, Simone de Beauvoir et Jean-Paul Sartre 1940-1944*, Paris: Albin Michel, 1991.
21 Galster, “Juin 43”, p. 147.
22 O que Madame Sorokine não sabia era que, em 1939, a mãe de Bianca Bienenfeld também ameaçara denunciar Beauvoir ao Ministério da Educação.
23 Em abril de 1942, o mesmo reitor tentara suspender Sartre, mas não conseguira. Gibert Joseph, *Une Si Douce Occupation*, p. 218-21.
24 Beauvoir escreveu isso em 25 de junho de 1944, após a morte de Bourla, em notas inéditas. Arquivos Sylvie Le Bon.
25 *PL*, p. 626.
26 Hoje, é um hotel muito chique, no coração da zona turística.
27 Sartre “Paris sous l´Occupation”, *La France Libre* Londres), nº 49, 15 de novembro de 1944, p. 9-18, reimpressão. *Situations III* (Paris: Gallimard, 1949).
28 S a Barrault, 9 de julho de 1942, em Ingrid Galster, *Sartre, Vichy et les intellectuels* (Paris: Harmattan, 2001) p. 41-44
29 *PL*, p. 649.
30 Ibid. Uma campanha hostil na imprensa fez com que a peça fosse retirada do teatro. Tanto quanto para Sartre e Olga, foi um golpe para Charles Dullin, a quem Sartre dedicava a peça.
31 Minha entrevista com Dominique Desanti, Paris, 27 de agosto de 2003. Sartre pediu permissão ao grupo de escritores resistentes, o CNE (Comitê Nacional de Escritores), para encenar *As Moscas*. Eles deram de bom grado, e elogiaram a mensagem da peça em seu jornal, *Les Lettres Françaises.*
32 *PL*, p. 674.
33 Ibid. p. 673.
34 S a S de B, segunda-feira, fevereiro de 1946, em *Quiet Moments*, p. 275 (trad. modificada).
35 Raymond Queneau, *Journaux, 1914-1965* (Paris: Gallimard, 1996), p. 769.
36 Leiris, 28 de agosto de 1943, *Journal de Michel Leiris, 1922-1989* (Paris: Gallimard, 1992), p. 384.
37 *A Very Easy Death*, p. 68.
38 *PL*, p. 674.
39 Sartre dedicou a peça “To That Lady”, o termo que ele e Guille usavam para Madame Morel.
40 Arthur e Cynthia Koestler, *Stranger on the Square*, (Londres: Hutchinson, 1984), p. 67.
41 Minha entrevista com Robert Gallimard, Lourmarin, 15 de outubro de 2003.
42 S a S de B, início de 1944, *Quiet Moments*, p. 264.
43 *PL*, p. 689.
44 Ibid., p. 670, S de B morava no quarto 36, na esquina da Rue de Seine com a Rue de Buci.
45 Bost lembra o incidente no filme *Simone de Beauvoir*, de Josée Dayan e Malka Ribowska (Paris: Gallimard, 1979).
46 *PL*, p. 691.
47 Mouloudji, *La Fleur de l´Âge.*
48 Raymond Queneau, segunda-feira, 17 de abril de 1944, *Journaux 1914-1965*, p. 569. (A passagem está colocada equivocadamente em 1945 no diário publicado. Queneau escreveu 17 de abril, mas não o ano. De fato, 17 de abril caiu numa segunda-feira em 1944. E todos os outros relatos apontam para este acontecimento que se deu em 1944.)
49 *PL*, p. 698.
50 Gibert Joseph, *Une Si Douce Occupation*, cap. 13.
51 Bost a Beauvoir, abril de 1944, carta inédita. Arquivos Sylvie Le Bon de Beauvoir.
52 “Un promeneur dans Paris insurgé” consistia em sete artigos, publicados entre 27 de agosto e 2 de setembro de 1944, escritos através dos olhos de Sartre, em primeira pessoa.

53 S de B, *Force of Circumstance* [*La Force des Choses*] (doravante *FC*), trad. Richard Howard (Nova York: Viking, 1968), p. 18.
54 *PL*, p. 723.

SETE

FAMA

Novembro de 1944–Janeiro de 1947



"Vá falar com Camus. Ele quer mandá-lo para a América pela *Combat!"* Mal conseguindo conter a empolgação, Bost gritava de seu quarto do primeiro andar para Sartre, que acabara de entrar no pátio do Hôtel Chaplain.[1] O Departamento de Estado dos Estados Unidos convidava oito jornalistas da Resistência francesa a passar dois meses nos Estados Unidos com tudo pago, para fazer uma reportagem sobre o esforço de guerra americano. "Merda! Vou correndo!", disse Sartre. Beauvoir nunca o vira tão eufórico.

Sartre cultivava fantasias sobre a América desde menino. Nessa época, a voracidade com que lia histórias de aventuras o fez perceber que, se quisesse ser um autêntico herói, precisava ir àquele continente. "Em Paris, não se vê muitas vezes um pele-vermelha surgir com penas na cabeça e um arco na mão", disse ele a Beauvoir quando já era velho. "Então comecei a sonhar que iria para a América, onde lutaria com bandidos e sairia ileso, tendo abatido uma boa quantidade deles. Muitas vezes sonhei com isso."[2]

Como jovens escritores, ele e Beauvoir foram muito influenciados pela literatura americana — particularmente por Hemingway, Dos Passos, Steinbeck e Faulkner. A leitura desses autores os deixava fascinados com o país em si. "A América... era o futuro em marcha", diz Beauvoir. "Era fartura e horizontes infinitos; era uma lanterna mágica louca de imagens lendárias."[3] A América era

jazz, blues, arranha-céus, cinema e nomes mágicos como Mênfis, Nova Orleans e Chicago. Eles mal podiam esperar para chegar lá.

O DC-8 militar pousou no aeroporto de La Guardia no fim da noite de sábado, 13 de janeiro de 1945. Era o primeiro vôo de Sartre. A viagem levara dois dias e tivera três escalas. O avião não era pressurizado e os vácuos haviam sido assustadores.

Os oito jornalistas franceses — seis homens e duas mulheres — desembarcaram trôpegos, cansados, mal-ajambrados e descabelados. Seus anfitriões do Office of War Information (OWI) fizeram-nos embarcar depressa em limusines envolvidos na claridade cintilante do néon. Sartre, nariz colado à janela, espantou-se ao ver barbearias abertas àquela hora. “Dava para cortar ou lavar o cabelo ou ser barbeado às onze da noite”, contou a Beauvoir.[4] Saltaram no Hotel Plaza, na Quinta Avenida, em frente ao Central Park. Porteiros fizeram-nos entrar pela porta giratória. Circulando pelo saguão, havia mulheres de vestidos de noite decotados e homens de *smoking*. Os europeus maltrapilhos haviam entrado em outro universo.

No dia seguinte, após um lauto café-da-manhã americano, Sartre se aventurou a sair com alguns colegas. Era um domingo gelado e havia pouca gente na rua. “Eu procurava Nova York”, contou, “e não conseguia encontrar”. As longas ruas retas pareciam todas iguais. “Nova York é para quem enxerga longe”, decidiu Sartre, “quem pode focar no infinito”.[5] A neve em que pisavam era de um cinzento sujo. O lixo voava com o vento.

Na segunda-feira, seus anfitriões americanos foram logo levando o grupo de franceses malvestidos para fazer compras na Quinta Avenida. Sartre chegara com um paletó pobre de couro de ovelha. De agora em diante, circulava por Nova York vestido com um elegante terno risca de giz.

Os franceses agora percebiam a extensão total da austeridade que estavam sofrendo em seu país. “Com grandes copos de uísque, pareciam pretender apagar quatro anos de privações”, recordava Henriette Nizan. “Para eles, a América era como uma feira de interior. Boates, garotas bonitas.”[6] Henriette fugira para os Estados Unidos com os dois filhos em 1940, depois que Paul Nizan foi morto.

Saiu muito com os jornalistas franceses, que acompanharam Sartre, e logo teve um caso com um deles.

Sartre representava o jornal direitista *Le Figaro,* bem como o esquerdista *Combat.* Estava grato aos americanos por terem financiado sua viagem, mas determinado a não deixar isso interferir em sua objetividade. E tinha medo de generalizações ingênuas. “Como se pode falar sobre 135 milhões de americanos? É preciso passar dez anos aqui e só vamos passar seis semanas.”[7] Ao todo, ele escreveria 32 artigos enquanto esteve nos Estados Unidos.[8]

A princípio, ateve-se a observações simples sobre o país. Havia racionamento de cigarros e um aparente desabastecimento de gasolina, relatou, mas sobrava comida. Havia fartura de frutas e vegetais, e os novaiorquinos comiam carne em quantidade. A iluminação das ruas era feérica. Os prédios eram superaquecidos. À noite, ele morria de calor embaixo dos cobertores finos. Será que os americanos não conheciam edredons e ar fresco?

Sartre sabia qual era a melhor maneira de conhecer a América. Mas não falava inglês. Como podia arranjar uma namorada americana? Ele e os colegas estavam há apenas alguns dias em Nova York quando foram convidados a ir à sede da OWI para uma entrevista radiofônica em francês. Uma jovem animada, Dolores Vanetti, recebeu-os na seção de radiodifusão francesa. Tinha trinta anos e era ainda mais baixa que Sartre, com uma tez dourada e um sorriso radiante. Os oito jornalistas franceses entraram em fila no estúdio de gravação, lembra ela, e o último da fila era um homem baixinho, de longe o menor do grupo. “A certa altura, ele esbarrou em alguma coisa e deixou cair o cachimbo, depois apanhou-o e foi aí que começou a falar. Não me lembro o que dissemos um ao outro, mas logo depois ele me perguntou se poderíamos tornar a nos ver.”[9]

Sartre se deu bem. Vanetti fora criada na França e trabalhara antes da guerra como atriz num teatro em Montparnasse. Sartre considerava-a uma “mulata”. Seus pais eram italianos e etíopes, mas Vanetti já aprendera a não mencionar o lado etíope na América, onde a noção de raça era muito forte. Era casada com um médico americano rico, Edward Ehrenreich, mas o casamento estava no fim. Ela passara os anos da guerra em Nova York, e tinha montes de amigos entre a comunidade de exilados franceses, incluindo Claude

Lévi-Strauss, Fernand Léger, Marcel Duchamp, André Breton e sua mulher, Jaqueline Lamba. Breton publicara alguns dos poemas de Vanetti em sua revista surrealista *VVV.* Eles gostavam de explorar juntos os antiquários de Manhattan.

Sartre partiu para conquistá-la. “Ele estava sempre fervilhando”, contou Vanetti à biógrafa de Sartre, Annie Cohen-Solal, anos depois. “Vivia contando todo tipo de histórias para nos divertir e nos atrair para a vida dele. Sempre procurava coisas que podiam nos agradar, nos pondo em primeiro lugar e sempre dando o melhor de si.”[10]

Depois de uma semana em Nova York, os jornalistas franceses foram levados para uma viagem de seis semanas pelo país num avião militar fretado. Viajaram de norte a sul, de leste a oeste, olhando pontes e barragens; inspecionando campos de treinamento do exército, fábricas de armamentos e escolas maternais; indo a concertos, debates em universidades, um encontro com fazendeiros do Meio-oeste e a vários coquetéis. Um ponto alto para eles foi visitar estúdios cinematográficos em Hollywood; outro foi a arrepiante descida no Grand-Canyon de teco-teco no meio de uma tempestade, com o piloto perguntando aos passageiros: “Estamos encostando à esquerda? Estamos encostando à direita?[11] Foram até convidados para uma noite na Casa Branca com o presidente Roosevelt. “O que impressiona antes de tudo é o encanto profundamente humano daquela cara comprida, dura e ao mesmo tempo delicada, os olhos brilhando de inteligência”, diz Sartre. “Ele adora a França: na juventude, andou de bicicleta por aquelas estradas todas.”[12] Menos de um mês depois, Roosevelt estaria morto.

Sartre espantou-se com a imensidão do país, os extremos de riqueza e pobreza, o conformismo social e o nível de discriminação contra os negros. “Nesta terra de liberdade e igualdade, vivem 13 milhões de intocáveis”, diz. “Eles lhe servem à mesa, lhe engraxam os sapatos, operam seu elevador, carregam suas malas até sua cabine, mas não têm nada a ver com você, nem você com eles.”[13]

No início de março, quando os outros jornalistas regressaram à França, Sartre voltou a Nova York para ver Vanetti. Estava apaixonado, e com ela como guia, logo apaixonou-se também por Nova York. Vanetti serviu de intérprete, ajudou-o a ler os jornais e levou-o aos seus lugares preferidos. Beberam vodca no Russian Tea

Room, ouviram jazz no Jimmy Ryan's and Nick's Bar enquanto bebiam uísque, olharam as pessoas dançando *jitterbug* em Times Square e visitaram o Harlem. Sartre sempre dizia: "Dolores me deu a América."[14]

A guerra ainda não acabara, e a correspondência, tendo que atravessar o Atlântico de navio, era lentíssima. Beauvoir quase não teve notícias de Sartre enquanto ele esteve fora. Para descobrir o que ele estava fazendo, lia reportagens que ele telegrafava para a *Combat* e o *Figaro*. Também tinha notícias por Camus, com quem Sartre conversava rapidamente quando enviava suas reportagens por telefone.

No fim de fevereiro, Beauvoir foi passar cinco semanas em Portugal. Sua irmã, Poupette, casara-se com o namorado, Lionel de Roulet. Roulet trabalhava no Instituto Francês em Lisboa e convidara Beauvoir para dar algumas palestras ali. Ela escreveu vários artigos sobre a Espanha e Portugal que foram publicados na *Combat.*

As irmãs não se viam havia quase cinco anos. Poupette ficou chocada com as roupas puídas e os tamancos de madeira de Simone e levou-a para comprar roupas novas. Portugal era rico comparado com a França, com fartura de comida, couro, sedas e outros artigos de qualidade. "Nunca na vida eu havia cedido a tal indecência", contaria Beauvoir em suas memórias. "Minha turnê de palestras foi muito bem paga, e, numa tarde, fiz um guarda-roupa completo."[15] Voltou a Paris com xales e suéteres feitos a mão para as amigas, e camisas para os homens. Era início de abril, e, para sua consternação, Sartre ainda não chegara.

Sartre escreveu dizendo que ficaria mais dois meses, até o fim de maio. Bost estava fora, congelando no *front* com o exército americano, cobrindo a guerra para a *Combat.* Beauvoir buscou consolo nos braços de Michel Vitold, um ator nascido na Rússia da mesma idade de Bost, que fazia o papel de Garcin em *Entre Quatro Paredes.* Vitold também tinha problemas amorosos. Eles embarcaram as bicicletas no trem e foram passear na Auvergne. Entre outras

coisas, conversavam sobre a peça que Beauvoir escrevera, *Les Bouches Inutiles.*[16] Vitold iria dirigi-la ainda naquele ano.

Naquela primavera, Réné Maheu voltou a Paris. Ele havia passado quase toda a guerra no Marrocos, lecionando filosofia numa escola média em Fez. Apaixonara-se por uma de suas alunas, e, embora não pretendesse divorciar-se da mulher, a moça estava para ir encontrá-lo em Paris.[17] Maheu e Beauvoir ficaram exultantes de se reencontrar. Passeavam pelos bosques nos arredores de Paris, e, pela primeira vez, foram para a cama juntos. Alguns meses depois, quando o romance *Le Sang des Autres* foi publicado, Beauvoir escreveria no exemplar de Maheu: "A meu muito querido Lama, como lembrança da primavera de 1945, muito confidencialmente. S de Beauvoir."[18]

Em 7 de maio, a Alemanha capitulou. Bost chegou em Dachau algumas horas depois dos americanos, e enviou reportagens horrorizadas para a *Combat.* Nenhum de seus amigos deportados estava entre os sobreviventes esquálidos transportados dos campos ao centro de recepção em Paris no Hôtel Lutétia. "Fiquei com vergonha de estar viva", conta Simone, e "com o mesmo medo de sempre da morte."[19]

Ela começara um terceiro romance, *Todos os Homens São Mortais,* sobre um homem que toma o elixir da imortalidade. A princípio, ele fica exultante, depois, não conseguindo morrer, sente-se cada vez mais desligado de todos os que o cercam. Já não compartilha de suas esperanças e ilusões, e fica com inveja dos homens *de verdade*, que têm o peso da mortalidade pairando sobre suas vidas. Como filósofa, Beauvoir sabia que a morte dava sentido à vida. Precisava convencer-se disso no nível emocional.

No fim de maio de 1945, Sartre regressou a Paris cheio de histórias sobre a América, e com uma segunda mala abarrotada de comida e roupas, incluindo um *tailleur* feito sob medida para Beauvoir. Tivera notícias da mãe enquanto esteve fora, mas só agora ela lhe contou que seu padrasto, Joseph Mancy, havia morrido em meados de janeiro, logo depois de sua partida. Anne-Marie sabia o que a viagem à América significava para o filho, e não quisera que ele se sentisse

obrigado a voltar mais cedo. Ele ficou comovido com a consideração dela.

Sartre odiou fazer quarenta anos, em junho daquele ano. Pediu demissão do emprego no magistério, doravante determinado a ganhar a vida escrevendo. Mas estava numa época de marasmo. Seu caso com Vanetti acabara por causa de Beauvoir. Vanetti dissera que não podia aceitar outra mulher na vida de Sartre. Antes de se separarem, ela lhe pedira para não lhe escrever.

Anos depois, Vanetti observou que Sartre regressou à França "perturbado, instável e indeciso", e que os três, ela, Sartre e Beauvoir, estavam "assim mesmo e muito pior ainda".[20] Como se a posição de Beauvoir já não estivesse suficientemente insegura, Bost foi a Nova York em junho, enviado pela *Combat,* e teve também um breve envolvimento com Vanetti. Começou a contar a Beauvoir que ele também se apaixonara um pouquinho por ela, depois percebeu o erro que cometeu. Beauvoir pareceu arrasada.[21]

Em julho, Sartre não se conteve e escreveu a Vanetti. Ela respondeu com uma carta amorosa. No início de agosto, os americanos lançaram bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki. O Japão se rendeu. A guerra terminou afinal, e, para Beauvoir, o mundo nunca parecera tão apavorante.

"A guerra realmente dividiu minha vida em dois", contou Sartre já velho. "Começou quando eu tinha 34 anos e terminou quando eu tinha quarenta, e essa época foi realmente a transição da juventude para a maturidade."[22] Antes da guerra, Sartre era desconhecido. Depois da guerra, era famoso. Aconteceu quase que da noite para o dia. "Ficávamos espantados com o furor que causávamos", conta Beauvoir. "Minha bagagem pesava muito pouco, mas Sartre agora era atirado brutalmente na arena da celebridade, e meu nome estava associado ao dele."[23]

Seus nomes estavam em toda parte. *Existencialismo* tornara-se uma palavra da moda. A peça de Sartre *Entre Quatro Paredes* fora o assunto da temporada teatral. Em setembro e outubro de 1945, o romance de Beauvoir *Le Sang des Autres,* e os dois primeiros da trilogia de Sartre, *A Idade da Razão* e *Sursis,* apareceram ao mesmo

tempo nas vitrines das livrarias. No fim de outubro, a peça de Beauvoir *Les Bouches Inutiles* estreou no Théâtre du Vieux Colombier, com Olga no papel feminino principal.[24] E as bancas de jornal ostentavam uma nova revista, *Les Temps Modernes* (batizada por causa do filme de Charlie Chaplin *Tempos Modernos*), com Jean-Paul Sartre como editor chefe, e Simone de Beauvoir no comitê editorial.[25] Sartre sempre sustentara que tudo, por mais banal que fosse, iluminava a sociedade. O objetivo da revista era comentar os "tempos modernos" e posicionar-se em relação a eles.

Em 29 de outubro, anunciou-se que Sartre iria falar no Club Maintenant. O título de sua palestra, "O existencialismo é um humanismo?", era sério, e Sartre esperava ter uma platéia reduzida. Era uma noite quente de outono. Sartre foi de metrô. Quando dobrou a esquina, ficou abismado com a multidão que encontrou na rua. Levou 15 minutos, abrindo caminho entre o povo, para chegar ao pódio.

Sartre falou animadamente e sem pretensão, como se estivesse diante de seus alunos. Ressaltou que, embora a palavra *existencialismo* estivesse muito na moda, quase ninguém sabia o que significava. Surpreendentemente, costumava ter uma conotação de decadência. Ele soubera de uma senhora, que soltara um palavrão para desabafar, e, à guisa de desculpas, dissera: "devo estar virando uma existencialista".[26]

Na verdade, o existencialismo não era uma filosofia pessimista nem negativa, disse Sartre à platéia. Sua doutrina afirmava que Deus não existe, o homem se cria. Não existe uma natureza humana ou uma essência *a priori*. Não nascemos covardes ou preguiçosos: escolhemos ser essas coisas. "O homem é responsável pelo que é... Somos sozinhos, sem desculpas. É isso o que quero dizer quando digo que o homem está condenado à liberdade."

Se muitos não gostavam dessa filosofia, prosseguia Sartre, era porque preferiam arranjar desculpas para si mesmos, dizer que as circunstâncias estavam contra eles. "Não tive um grande amor, nem uma grande amizade, mas é porque não conheci o homem ou a mulher certos", diziam. "Se não escrevi livros muito bons, foi porque não tive tempo livre para isso." Segundo Sartre, essas pessoas estavam se enganando a respeito de sua liberdade. Isso era "má-fé".

O existencialismo não tratava de possibilidades ou intenções, disse Sartre, mas de projetos concretos. Ninguém era um gênio a não ser que expressasse a genialidade em suas obras. O mesmo se aplicava ao amor. “Não existe amor a não ser o que se constrói, o amor só é possível se se manifesta numa relação amorosa.” Daí o lema do existencialismo: “A existência precede a essência.”

A sala estava apinhada de gente e quente. No empurra-empurra, cadeiras foram quebradas e pessoas desmaiaram. Era, brincou um jornalista, “uma situação *Entre Quatro Paredes*”. Um jovem trompetista de jazz, Boris Vian, imortalizaria aquela noite em seu primeiro romance, *L’Écume des Jours.* No romance, Paris está na maior empolgação: seu novo astro intelectual, Jean-Sol Partre, vai dar uma palestra. Acabou de escrever um livro intitulado *Vômito.* O evento está com lotação esgotada, e há um câmbio negro enorme de convites falsos. As pessoas chegam pelos esgotos; alguns jogam-se de pára-quedas de um avião especial. A duquesa de Bovouard e seu círculo, sentados na galeria, atraem olhares excitados da platéia. Jatos de ar lançados de uma tromba de elefante anunciam a chegada de Partre. Ele se dirige ao palco.[27]

Após aquela noite memorável, não se passava uma semana sem alguma fofoca sobre o casal existencialista nos tablóides. Sartre e Beauvoir já não podiam andar na rua sem ter fotógrafos voando na frente deles para fazer uma foto ou gente pedindo autógrafo. Quando entravam num café ou restaurante, as pessoas olhavam, se cutucavam e sussurravam. Os jornais diziam que os dois escritores agora freqüentavam o Pont-Royal em vez do Flore.

Nem bem foi levantado o toque de recolher, começaram a pipocar novos porões de jazz e discotecas em Saint-Germain. Segundo os tablóides, estes estavam cheios de jovens sem rumo chamados “existencialistas”, que passavam os dias em cafés existencialistas e as noites ouvindo jazz existencialista. Gente indisciplinada e triste, muitas vezes recorriam a suicídios existenciais.

Não foi uma coincidência o existencialismo ter calado fundo no mundo do pós-guerra. Os leitores de Sartre haviam tido a experiência do Holocausto e da bomba atômica. Tendo descoberto a história, com sua cara mais selvagem, haviam perdido a fé no progresso eterno. O

que era muito estimulante era o fato de o existencialismo reconhecer o horror e o absurdo da condição humana, ao mesmo tempo em que insistia na liberdade individual de escolha.

Ignorado em 1943, *O Ser e o Nada* agora virara um livro da moda, especialmente entre os jovens, por quem Sartre era cultuado. Os comunistas diziam que Sartre era um niilista, que "se espojava no nada". Os conservadores o viam como ímpio e depravado.

Beauvoir era conhecida sobretudo por causa de Sartre, mas também realçava muito o interesse do público por ele. Essa mulher belíssima — que fora a segunda colocada na *agrégation* no ano em que Sartre fora o primeiro, que escrevia livros em cafés ao lado de Sartre, que compartilhava suas idéias sobre liberdade e contingência, essa mulher cujo primeiro romance retratara seu relacionamento escandaloso — era um ingrediente essencial da estatura icônica de Sartre. *Samedi Soir,* o novo tablóide sensacionalista do pós-guerra, chamava-a depreciativamente de "la grande Sartreuse" ou "Notre-Dame de Sartre".

Sartre e Beauvoir haviam se tornado um casal famoso, mas seu relacionamento nunca fora tão precário. Três décadas depois, analisando as muitas mulheres na vida de Sartre, Beauvoir lhe disse que Dolores Vanetti foi a que mais lhe custou aceitar: "Você era ligadíssimo a ela. Além do mais, ela foi a única mulher que me assustou. Assustou-me porque era hostil."[28]

A introdução de Sartre no primeiro número da *Les Temps Modernes*, um manifesto de "literatura engajada", foi dedicado a Vanetti. Os leitores se perguntavam quem era aquela Dolores, cujo nome estava celebrado no alto da primeira página da nova revista. Beauvoir esperara que Sartre fosse esquiar com ela no Natal, em Mégève. Em vez disso, em 12 de dezembro, ele pegou o trem para Marselha, e embarcou num cargueiro para Nova York. Ia passar dois meses com Vanetti.

Em suas cartas a Sartre, Beauvoir confessava que para ela era difícil contemplar a idéia de mais tempo separados: "É sobretudo de manhã quando acordo que me dá um pouco de angústia." Mas tentou ao máximo parecer calma e descontraída. Estava ocupada com a *Les*

Temps Modernes, terminando seu romance *Todos os Homens São Mortais*, e editando a palestra de Sartre — "O existencialismo é um humanismo?" — para publicação. "Estou muito feliz com nossa vida e com você", declarou corajosamente. "Desejo-lhe uma boa estada aí."

Saía com amigos, disse-lhe, e passara uma "noite maravilhosa" com Camus.

> Fiquei abismada que ele fosse tão afetuoso e que ficássemos tão íntimos e conversássemos com tanta facilidade. Jantamos na Lipp, bebemos no Pont-Royal, depois levamos uma garrafa de champanhe para o Louisiane e ficamos bebendo até três da manhã. Ele falou muito dele mesmo, da vida particular e da literária — de uma forma que me comoveu. E me deu vontade de escrever coisas boas — me deu uma grande vontade de viver — o fato de a gente poder ser tão amiga de alguém que dá importância às mesmas coisas que a gente. Se tudo der certo, vamos passar 15 dias fazendo esporte de inverno em fevereiro — ele pareceu gostar muito da idéia também.[29]

Por trás das bravatas animadas, as cartas de Beauvoir transpiram solidão. Seu quarto no Louisiane era gelado, o hotel não era aquecido. Ela se sentira muito mal após uma noite com Bianca Bienenfeld, que voltara a Paris com o marido, depois de ter passado a guerra escondida. Bienenfeld era outra mulher, Beauvoir contou a Sartre. Logo depois que o triângulo se desfez, Bienenfeld tivera um colapso nervoso. Cinco anos depois, ainda não melhorara:

> Ela está sofrendo de um ataque intenso e terrível de neurastenia, e a culpa é nossa, acho eu. É a seqüela muito indireta, mas profunda do caso entre ela e nós. Ela é a única pessoa que realmente prejudicamos, mas nós a prejudicamos... Ela vive chorando — chorou três vezes durante o jantar, e chora em casa quando tem que ler um livro ou ir à cozinha comer... Às vezes, parecia mesmo bem doida — recalcando coisas, ansiosa, mas com momentos de ternura reprimida e apelos mudos que me cortaram o coração. É importante estar muito com ela, e vou

tentar fazer isso, porque estou cheia de remorsos. Estou lhe descrevendo isso muito mal, mas sei que você ficaria muito perturbado e cheio de compaixão por ela.

No fim dos anos 1940, o psicanalista de Bienenfeld, Jacques Lacan, chegaria à mesma conclusão. Achava que Sartre e Beauvoir tiveram uma relação quase parental com Bienenfeld, e a reação traumatizada dela era em parte causada pelo fato de eles terem quebrado o tabu do incesto transando com ela.

Nathalie Sorokine, que também tinha um quarto no Louisiane, estava grávida e prestes a ir para a Califórnia, ao encontro do namorado, um belo soldado americano que esperava tornar-se roteirista. No último ano, seduzir soldados fora o esporte de Sorokine. Ela não via a hora de ir para a terra da abundância.

Beauvoir e Bost ainda eram amantes ocasionais, mas ele passava muito tempo fora, e os dois já não eram tão íntimos. Uma noite, durante o jantar, ele confessou que, se parecia um tanto indiferente ultimamente, era porque achava que não havia lugar para ele numa vida em que a presença de Sartre era tão importante.[30]

No Natal, Beauvoir foi para Mégève com Bost, Olga e Wanda. As irmãs Kosakiewicz quase não calçaram os esquis. Passavam a maior parte do tempo deitadas no terraço, tomando banho de sol. Beauvoir e Bost saíam juntos, pegando trens locais e teleféricos, atravessando campos de neve virgem para almoçar em pequenos chalés, e voltando ao hotel quando escurecia.

Beauvoir contou a Sartre que estava “explodindo de ternura” por ele. Pensava sempre nele esquiando ao lado dela naquelas mesmas pistas antigamente, usando um traje de esqui azul que ela podia ver como se fosse ontem. Essas lembranças a deixavam “muito angustiada”. “Eu gostaria de pensar que voltaríamos aqui juntos um dia, só nós dois, e na maior felicidade.” Desejava que pudessem passar vários meses fora, em algum lugar onde pudessem escrever. Há muito tempo sonhava viajar com ele, e agora quase sempre viajavam separados. Ela sentia falta de trabalhar ao lado dele no Flore.

“Como você, sinto que precisamos fazer mudanças em nossas vidas”, respondeu Sartre. “Só minha mãe e Wanda me impedem de

partir com você para algum lugar para passar seis meses por ano trabalhando. Mas entre isso e o Café de Flore todos os dias, há posições intermediárias.”

Após três semanas em Mégève, Beauvoir regressou a Paris. Estava bronzeada e saudável, disse em carta a Sartre, e “espantosamente bonita”. Cuidava de questões do *show business*, sobretudo dele, e então, no fim de janeiro, tomou o trem para Marselha, de onde voou — *seu* primeiro vôo — para a Tunísia. Fora convidada pela Aliança Francesa para dar palestras em Túnis e Argel. Mas estava preocupada. Não tivera notícia nenhuma de Sartre, e contava com uma carta dele para ela em Túnis.

> Tente reservar bastante tempo *para mim* no início de março — eu gostaria tanto de estar a sós com você, em La Pouèze ou seja lá onde for. Fico sempre nervosa, mesmo antes de viagens de que gosto — não gostaria que a vida nos separasse. Meu amor querido, minha doçura, faça o que achar melhor — tendo em mente o quanto amo você. Um beijo muito apaixonado — escreverei de Túnis.

Duas semanas depois, ela estava à beira do deserto do Saara e prestes a contornar o sul da Argélia, Vira muitas coisas interessantes, e a freqüência às suas palestras havia sido assombrosa “o sucesso violento do existencialismo — as pessoas disputavam a tapa um lugar para assistir às minhas palestras!”, contou a Sartre. Mas *ainda* não tivera notícias dele. Nada durante dois meses, nenhuma carta desde que ele pusera os pés na América. Quinze anos de experiência ensinaram-lhe que ele era uma “maravilha sem defeito”, e ela sabia que devia ter havido algum problema. “Só que fico meio angustiada todas as noites sentindo que estou isolada de você. Uma palavra rápida, meu queridinho, meu amor. Não se esqueça de mim. Não se esqueça de quão apaixonada sou por você. Um beijo bem grande — e bem demorado.”[31]

Quando Beauvoir regressou a Paris, Sartre ainda não havia voltado. Bost estava viajando com um grupo de jornalistas na Itália. Olga

estava com os pais em Laigle, sentindo-se febril e cansada. Sorokine fora para a América. Camus estava prestes a ir para Nova York. Beauvoir trabalhava e "andava meio desanimada."[32] Tentava escrever no Pont-Royal, mas os barris que serviam de mesa não permitiam um trabalho sério. Foi ali, no bar, que Raymond Queneau apresentou-a a Boris Vian, cujo romance *L'Écume des Jours* (com Jean-Sol Partre e a duquesa de Bovouard) Queneau considerava bastante inteligente. Beauvoir disse a Vian que gostariam de publicar um trecho dele na *Les Temps Modernes.* Logo depois, ela foi convidada para uma festa em casa dos Vians:

> Quando cheguei, todo mundo já tinha bebido bastante; a mulher dele, Michelle, o cabelo comprido sedoso caído nos ombros, sorria beatificamente... Eu também bebi corajosamente e ouvi discos americanos.[33]

Amanhecia quando Beauvoir saiu da festa. Ela e Jean-Bertrand Pontalis (um ex-aluno de Sartre e futuro psicanalista) foram curar a bebedeira num café em Saint-Germain. Beauvoir lhe contou sobre Vanetti e se desmanchou em lágrimas.[34]

Todo mundo à sua volta sabia quão apaixonado Sartre estava desta vez. Henriette Nizan, que deixara Nova York e estava de volta a Paris com os dois filhos, encontrou a mãe de Sartre, Madame Mancy, em Saint-Germain-des-Prés. Madame Mancy perguntou-lhe diretamente: Rirette, quero lhe fazer uma pergunta: Dolores Vanetti seria uma boa mulher para Poulou?[35]

A viagem de Sartre a Nova York no *Liberty* levara 18 dias. O tempo estava tempestuoso e o mar, violento. Ele não enjoou. "Certamente é uma questão de vontade", brincou com Beauvoir. Mas não conseguiu escrever. "Dá a impressão que o vento e o balanço esvaziam nossa cabeça." Nem sequer conseguiu ler. "Não me refiro só a Malraux, mas nem os romances policiais que trouxe." Ficava rondando no passadiço, olhando o mar, conversando com os outros passageiros e tentando manter o equilíbrio. Uma noite, deu uma palestra sobre o existencialismo. "Devo ser *realmente* famoso, pobre Castorzinho,

porque embora só seja identificado pelas muitas etiquetas das malas, o navio inteiro sabia quem eu era.”

À noite, embriagava-se com os companheiros de viagem e tentava seduzir a mulher do cônsul brasileiro (“Ela tem 35 anos, é bonita, com o ar mimado de uma dançarina egípcia. Burra, na verdade, e muito namoradeira.”) Ela acabou preferindo seu rival mais bem-apessoado, o capitão do navio. Sartre ficou mortificado. “Eu não conseguia parar de me ver, horrorizado, como um inseto. O ar do mar realmente deve deixar a pessoa meio esquisita.”[36]

Para pagar a viagem, Sartre combinara com as Relações Culturais Francesas em Nova York de dar algumas palestras sobre literatura francesa. Ficara famoso desde a última estada nos Estados Unidos, e os americanos estavam ansiosos para ouvir sobre essa nova moda intelectual européia, o existencialismo. Os livros de Sartre ainda não haviam sido publicados em inglês, mas alguns de seus escritos haviam saído em revistas americanas, e *Entre Quatro Paredes* estava para ser encenada em Nova York. Onde quer que ele fosse, Harvard, Princeton, Yale e a vários locais em Nova York — os auditórios das palestras ficavam apinhados.

A imprensa fez um retrato de uma personalidade intrigante. Uma foto lisonjeira na *Time* — a foto de Sartre preferida de Vanetti — trazia a legenda: “Filósofo Sartre. Mulheres desmaiadas”. Se a “Bíblia” do existencialismo era o tratado de 724 páginas de Sartre, *O Ser e o Nada*, declarava o artigo, seu “principal discípulo” era a “autora Simone de Beauvoir, que mora no mesmo hotel e no mesmo andar que o mestre”.[37]

Depois da palestra de Sartre no Carnegie Hall, o colunista da “Talk of the Town” da *New Yorker* relatou:

> O Sr. Sarte, um homenzinho amarfanhado que usa óculos de aro de tartaruga de lentes grossíssimas, enrolou uma echarpe xadrez no pescoço assim que desceu do tablado onde proferiu a palestra. Contou-nos que aprova Nova York sem reservas. “Aqui não há restaurantes de uma clientela exclusivamente intelectual”, disse, “então é fácil não entrar em brigas. E os hotéis têm o ótimo hábito de pôr na rua os hóspedes após uma estada de três ou cinco dias. Prefiro três. Se você toma a

> precaução de partir sem deixar o próximo endereço, é impossível qualquer pessoa interessada em literatura achá-lo. Então, você nunca corre o risco de se aborrecer. Tem liberdade para passear nas ruas, mas não é obrigado a conversar. Isto é, se você tomou a precaução de não aprender o inglês falado. Eu me esquivei de fazê-lo, embora leia. Apenas duas frases são necessárias para uma noite inteira de conversa em inglês. Descobri: 'Scotch-and-soda?' e 'Why not?' Alternando-as, é impossível errar."[38]

A *Harper's Bazaar* pagou regiamente a Beauvoir para fazer um perfil de Sartre. Seu ensaio curto, traduzido por Malcolm Cowley, recebeu o título sedutor de "Jean-Paul Sartre: Estritamente Confidencial". Tivesse Beauvoir se proposto a criar uma lenda, não poderia ter feito coisa melhor. Sartre, declarava, era "uma figura nova na vida e nas letras".

> Ele odeia o campo. Abomina — a palavra não é muito forte — a vida fervilhante dos insetos e a proliferação de plantas. No máximo, tolera o nível do mar, o deserto ininterrupto de areia, ou o frio mineral dos picos alpinos; mas só se sente em casa nas cidades.

Sartre, prosseguia, afirmava-se como "consciência e liberdade pura":

> Desde o início, Sartre estava ferozmente determinado a ser um homem livre; mantinha-se afastado de tudo que pudesse sobrecarregá-lo ou acorrentá-lo a um lugar. Nunca se casou; nunca adquiriu nenhum bem; não possui sequer uma cama, um quadro, um suvenir, um livro. No entanto, o dinheiro dele sempre sai tão depressa quanto entra, e, às vezes, um pouco mais depressa (...) Uma característica que impressiona todos os seus amigos é sua imensa generosidade. Ele dá sem fazer conta, dá seu dinheiro, seu tempo e a si mesmo; está sempre pronto para se interessar pelos outros, mas não deseja nada em troca; não precisa de ninguém.

Vanetti tinha ciúmes de Beauvoir, e Sartre raramente a mencionava. Foi naquela viagem, a segunda dele, diz Vanetti, que ela se apaixonou. Pedira o divórcio, e esperava casar-se com Sartre. Enquanto isso, tinha pavor dos fotógrafos contratados para fornecer provas de adultério.

Sartre estava hospedado num hotel em *midtown*. Nos fins de semana, os dois ou ficavam entocados no apartamento de Vanetti em *uptown*, longe das vistas dos porteiros ("ela me chama de o prisioneiro", contou Sartre a Beauvoir), ou iam para Connecticut, para a casa de sua amiga Jacqueline Lamba, uma pintora talentosa, que se separara de André Breton e agora vivia com o escultor americano David Hare.

> Levanto-me por volta de nove horas e nunca consigo, por mais que me esforce, estar pronto antes das 11 (banho, barba, desjejum). Saio para algum compromisso, e almoço com Dolores ou com as pessoas interessadas em me ver. Depois do almoço, passeio sozinho até as seis da tarde por Nova York, que agora conheço tão bem quanto Paris. Torno a encontrar Dolores num lugar ou noutro e ficamos juntos na casa dela ou em algum bar sossegado até duas da manhã. Estou bebendo muito, mas até agora sem problemas.

Suas cartas eram cheias de mensagens contraditórias. "O amor de Dolores por mim me assusta. Em outros aspectos ela é absolutamente encantadora e nunca nos zangamos um com o outro. Mas o futuro disso tudo é muito triste (...) Até logo, minha querida, meu Castorzinho querido, até logo. Com você me sinto em forma, e a amo muito. Até logo, amorzinho, será uma grande alegria para mim voltar a estar com você."

No fim de fevereiro, Sartre mandou uma carta dizendo que estava ocupado dando palestras e escrevendo artigos. Contaria mais novidades na volta.

> Também lhe contarei sobre Dolores, que é uma pessoa despretensiosa e encantadora, realmente a melhor que conheço depois de você. Atualmente, estamos vivendo a angústia da

> partida, e não estou me divertindo todos os dias (...) A paixão dela literalmente me assusta, particularmente posto que este não é o meu forte, e ela só usa a paixão em detrimento próprio, mas é capaz de demonstrar a candura e a inocência de uma criança quando está feliz (...) Estou morrendo de vontade de voltar, estou quase morto de paixão e de tanto dar palestras.

Sartre adiou sua volta por duas semanas — ostensivamente para dar palestras lucrativas em Toronto, Ottawa e Montreal. Não contou a Beauvoir que a Universidade de Colúmbia lhe oferecera um emprego por dois anos, e que ele considerara seriamente a proposta. Nem lhe contou que pedira Vanetti em casamento.

Como Vanetti ainda não estava divorciada, ficou combinado que Sartre voltaria a Paris e eles passariam três ou quatro meses juntos ainda naquele ano. Depois disso, veriam. Em 15 de março de 1946, Sartre voltou para a França, desta vez de avião.

"Parece que estou trabalhando a meia velocidade", registra Beauvoir em seu diário. "É tão irritante ter obstáculos na cabeça."[39] Ela vivia com dores de cabeça e era atormentada por pesadelos. Sartre só falava em Vanetti. A harmonia entre eles era tão grande, contou ele a Beauvoir, que quando passeavam por Nova York sempre queriam parar e recomeçar a andar exatamente na mesma hora. Beauvoir estava assustada. Nas festas, se bebesse um pouquinho, começava a chorar.

Um dia — ela e Sartre iam sair para almoçar com amigos — deixou escapar: "Sinceramente, quem é mais importante para você, Dolores ou eu?" Sartre lhe disse: "Dolores é importantíssima para mim, mas é com você que estou." Beauvoir achou que ele estava respeitando o pacto que tinham, e ela não poderia pedir mais que isso. Quase não conseguiu se controlar durante o almoço, e disse que não conseguia engolir por causa das espinhas do peixe. Viu Sartre observando-a constrangido. Naquela tarde, quando voltaram a ficar sozinhos, ele lhe disse que, para ele, era evidente que estavam juntos, aquilo não precisava de explicação.[40]

Muitos aspectos de seu passado pareciam a Beauvoir estar se esclarecendo. Ambos eram muito famosos para conseguir trabalhar calmamente nos cafés. Quando Sartre voltou da América, foi em meio ao burburinho e à fumaça do Méphisto, um novo porão de jazz no Boulevard Saint-Germain, que ele leu os últimos capítulos do romance de Simone *Todos os Homens São Mortais.* Mas isso estava prestes a mudar. Alguns meses antes, Sartre concordara em dividir um apartamento com a mãe. Anne-Marie Mancy havia achado um apartamento no quarto andar da rue Bonaparte, 42, na esquina da place Saint-Germain-des-Prés. Em maio de 1946, mudaram-se.

Após 15 anos vivendo em condições espartanas em hotéis, Sartre de repente estava vivendo uma vida burguesa. De seu grande estúdio nos fundos do apartamento, via a igreja antiga do outro lado da praça, o terraço do Deux Magots e a rue de Rennes em frente. A sala era mobiliada com os móveis Luís XVI falsos da mãe, os quais ele odiava. A grande escrivaninha de carvalho e a poltrona de couro preta do estúdio haviam pertencido a seu padrasto, que ele odiava. Mas o apartamento era muito confortável. Ele gostou de ter novamente acesso ao piano. Pela primeira vez na vida, começou a reunir uma biblioteca. Até então, sempre dera seus livros.

Anne-Marie Mancy estava em êxtase. “Esse é meu terceiro casamento”, disse orgulhosamente a amigos.[41] De agora em diante, era ela quem comprava as gravatas e as camisas de Sartre. Sua velha empregada alsaciana, Eugénie, que tinha um quartinho no outro extremo do apartamento, lavava e passava as roupas de Sartre. A mãe ficava radiante quando Sartre de vez em quando almoçava ou jantava com ela. “Ela era completamente dedicada ao filho”, diz Beauvoir, “como fora ao marido, e gostava de achar que ele precisava dela.”[42] Beauvoir e Madame Mancy nunca simpatizaram uma com a outra.

Sartre acabara de se mudar para a nova residência quando recebeu uma notícia arrasadora. Olga estava para começar os ensaios de uma nova produção de *As Moscas*, mas andava se sentindo fraca havia algum tempo. Agora, as radiografias revelavam uma tuberculose. Os dois pulmões estavam infectados. Olga só tinha 29 anos, e estava diante da possibilidade de morrer.

Foi mandada para o hospital Beaujon em Clichy, na periferia norte de Paris, onde lhe fizeram um pneumotórax, um procedimento

que consiste em abrir um orifício na parede do tórax e instalar um tubo por onde o ar é bombeado para a cavidade torácica a fim de se provocar o colapso do pulmão afetado. Bost não teve tempo de gozar o sucesso de seu romance, *Le Dernier des Métiers*, amplamente baseado nas cartas que escrevera a Beauvoir durante a guerra. Ia visitar Olga diariamente e Beauvoir o acompanhava com freqüência. Naqueles dias tristes, os dois eram um grande consolo um para o outro.

Depois que voltou da América, Sartre recebeu uma carta de Jean Cau, um aluno de 21 anos, que se preparava para fazer o concorrido exame de admissão à Ecole Normale. Desejava saber se Sartre precisava de um secretário. Os dois se encontraram. Sartre gostou do rapaz entusiasmado com aquele sorriso irônico, aquele senso de humor, um bom senso de camponês e um sotaque sulista de classe operária. Concordou em contratá-lo para três horas de trabalho na parte da manhã.

"Secretário de Sartre! Jamais um título foi usado de forma tão cômica. Jamais tornará a aparecer um 'patrão' igual àquele." Após a morte de Sartre, Jean Cau faria um retrato afetuoso de seu patrão generoso e confiante.[43]

O acerto duraria 11 anos, Cau chegava na rue Bonaparte 42 pontualmente às dez, subia os quatro lances de escada e tocava a campainha. Madame Mancy, "a 'mãezinha' elegante, linda, alta e adorável, com aquele porte soberbo, aqueles tornozelos finos, aqueles olhos azuis e aquela voz cristalina e musical", vinha à porta. De vez em quando, era Eugénie quem o fazia entrar, e aí Cau invariavelmente encontrava Sartre e a mãe tocando um dueto — em geral Schubert ou Chopin — no piano de parede na sala. A chegada de Cau interrompia a cena idílica. Sartre fechava o piano e anunciava: "Ao trabalho!"

Quase sempre, Cau ia direto à mesa dobrável no salão, que era separado do estúdio de Sartre por uma porta de vidro opaca, e já estava abrindo a correspondência quando Sartre saía do quarto, descabelado, de pijama e com um roupão mal-amarrado. Andara trabalhando, e agora se dirigia ao banheiro para as abluções matinais.

Seu andar rápido, a cabeça inclinada à frente, sempre fazia Cau se lembrar de um lutador de boxe. “Ele não anda, investe.”

Quando Sartre dormia em casa, Cau abria a porta do estúdio e titubeava, ligeiramente nauseado, com o ranço de sono e de fumo. Se tivesse dormido na casa de uma namorada, Sartre chegava à mesma hora que Cau. Nessas manhãs, diz Cau, Sartre tinha tanta pressa de começar a trabalhar que muitas vezes ia direto à mesa sem sequer se dar ao trabalho de tirar o paletó e a gravata.

Cau ficava perplexo com a capacidade de trabalho de Sartre, que, segundo ele, trabalhava “como uma mula”. Fumava como uma chaminé a manhã inteira cachimbo ou cigarros, e tomava chá de uma garrafa térmica que ficava em sua mesa. Escrevia a mão, raramente rasurando o texto. Se não gostava do que escrevia, preferia recomeçar, numa página em branco. Não gostava de rascunhos sujos.

Jean Cau tinha a incumbência de isolar o mundo externo. Sartre lhe dizia: “Eu simplesmente não tenho tempo, Cau, para escrever aquela carta” ou “para falar com aquele idiota” ou “para discutir com aquele imbecil” ou “para me chatear com aqueles panacas”. Cau tinha que transmitir a mensagem com mais delicadeza.

A outra tarefa de Cau era administrar as finanças de Sartre. Se Sartre era cuidadoso com seu tempo, era pródigo com seu dinheiro. Cau nunca vira nada igual. “Generosidade? Não sei. Sartre não *dava* dinheiro, espalhava.” Como todos os amigos de Sartre, Cau ficava espantado de ver que Sartre andava com bolos de dinheiro no bolso — até 2 mil dólares. Nunca permitia que alguém pagasse a conta dos restaurantes, e deixava gorjetas enormes para os garçons.

Em vez de um adiantamento para cada livro, a Gallimard dava a Sartre uma mesada. No início do mês, ele assinava um cheque atrás do outro. Desde que Beauvoir parara de lecionar, passara a depender financeiramente dele. Depois, havia o salário de Cau a pagar, e uma mesada para Wanda. Bost e Olga às vezes pediam um “empréstimo”, que raramente pagavam. Outros amigos viviam pedindo ajuda para uma coisa e outra — contas médicas, viagens ou alguma emergência. Sartre nunca hesitava. Assinava um cheque ou dava dinheiro vivo. No fim do mês, estava sempre sem dinheiro. Cau conta que Sartre saía de supetão do estúdio:

— Cau, não tenho um tostão. Tem algum dinheiro por aí, por acaso?
— Zero.
— Merda! Tem certeza? Já procurou por tudo?
— Já. Não tem nada para raspar de lugar nenhum.
— Ah, bom, que pena. Vou pedir emprestado a Eugénie.
E se despencava pelo corredor que levava ao outro extremo do apartamentinho da rue Bonaparte.

Às 13h00, Sartre saía para almoçar, ou com Beauvoir ou com outra amiga, e Cau encerrava o expediente. Sartre estava de volta às quatro e meia da tarde, quando Beauvoir aparecia e trabalhava na pequena mesa de jogo, transportada para o estúdio de Sartre. Beauvoir começava a trabalhar imediatamente. Sartre às vezes sentava-se ao piano durante uma hora e se exercitava num prelúdio de Bach ou numa sonata de Beethoven, depois punha-se a trabalhar. Trabalhavam até as 20h00. Estando bem em frente ao Flore e ao Deux Magots, os dois recriavam o ambiente de café em casa.

No verão de 1946, Sartre e Beauvoir foram à Suíça e à Itália. Beauvoir estava terminando seu romance histórico, *Todos os Homens São Mortais.* Sartre estava escrevendo duas peças: *Os Vencedores* — dedicada a Vanetti, com o papel de protagonista para Wanda — falava da coragem dos resistentes durante a guerra e da tortura que muitos deles haviam suportado. *A Prostituta Respeitável,* inspirada no famoso caso Scottsboro em Alabama, em que nove jovens negros foram falsamente acusados de estuprar duas prostitutas brancas, retratava o racismo do sul dos Estados Unidos. O título causou um escândalo (a peça foi obrigada e ficar em cartaz com o título de *A P. Respeitável*), e a peça em si despertou reações de "antiamericanismo". Sartre ficou perplexo com as acusações. "Não sou antiamericano", dizia. "Nem sei o que essa palavra significa (...) Acabo de dedicar dois números de minha revista, *Les Temps Modernes,* aos Estados Unidos. O dever do escritor (...) é denunciar a injustiça em qualquer lugar, ainda mais quando ele ama o país que permite que essa injustiça aconteça."[44]

Em Roma, Sartre e Beauvoir jantavam com amigos italianos, incluindo os escritores Elio Vittorini, Carlo Levi e Ignazio Silone. Marcados pela amarga lembrança do fascismo italiano durante a guerra, os intelectuais italianos eram quase todos simpatizantes do comunismo. Na França, o Partido Comunista, que era ferozmente stalinista, atacava esquerdistas independentes como Sartre. Na Itália, a atmosfera era bem diferente. O Partido Comunista italiano, muito mais inclusivo, via como amigos os colegas viajantes. Isso tornava a vida muito mais agradável para os intelectuais. A vida inteira, Sartre e Beauvoir sempre se sentiram bem na Itália.

Sartre passou três semanas com Wanda, e Beauvoir foi sozinha fazer uma excursão nos Dolomitas, hospedando-se em pousadas e cabanas nas montanhas. Uma vez mais, teve a experiência "do barulho de seixos rolando talude abaixo (...) do esforço ofegante da longa subida, do êxtase de alívio quando se tira a mochila dos ombros (...) das partidas bem cedinho sob um céu pálido".[45] Como sempre, as longas caminhadas exaustivas ajudaram-na a encontrar serenidade interior. Para ela, esta era uma forma de meditação.

Ela e Sartre haviam combinado de se encontrar em Paris na manhã de domingo, 24 de agosto, e planejado passar o dia juntos. Infelizmente, Wanda (preocupada com Olga, que iria ser submetida a um segundo pneumotórax) entendeu outra coisa, explicou Sartre a Beauvoir.

> Por volta de dez horas (talvez só um pouquinho depois), estarei no Deux Magots. Ficarei com você até meio-dia. A catástrofe é que W não entende "até o 24" como nós entendemos. Para ela significa "*incluindo o 24*". O que significa que, para tudo acabar bem, acho que deveríamos lhe conceder isso. Conquistaríamos o bom humor dela por uns tempos — porque ela *está* de bom humor atualmente (a peça, um hotel novo). Encontrarei você dia 25 de manhã e ficaremos juntos até segunda-feira à noite, sem ver vivalma (...) Não fique zangada comigo nem se irrite por eu ter cedido: ela acabou de saber do pneumotórax da irmã, o que foi um golpe, estávamos à beira de uma cena assustadora e eu simplesmente cedi.[46]

No outono, Beauvoir voltou com Sartre para Roma. “Nunca havia estado em Roma na luz suave de outubro”, diz.[47] Eles ficaram no velho Minerva Hotel, no Centro da cidade, e passaram dias tranqüilos escrevendo.

A *Les Temps Modernes* podia parecer sóbria com sua capa branca lisa e suas letras pretas e vermelhas, mas, como seu editor-chefe, jamais era pernóstica. Sartre partiu para acabar com a divisão que havia entre a chamada “literatura séria” e o jornalismo. Ao lado dos artigos sobre política, literatura, sociologia e psicanálise, havia uma coluna humorística de Boris Vian, artigos autobiográficos de gente de todos os níveis (uma prostituta, um ladrão e assim por diante) e artigos sobre as últimas novidades em matéria de jazz, literatura e cinema dos Estados Unidos. Logo, logo, a *Les Temps Modernes* ficou famosa na Europa por ser original e estimulante.

Para Beauvoir, aquele projeto editorial coletivo era “a melhor forma de amizade”.[48] Era uma forma privilegiada de ela e Sartre se comunicarem com seus contemporâneos, de participarem dos debates correntes. “Eu lia um artigo que me irritava e dizia a mim mesma imediatamente: ‘Preciso responder a isso!’”, diz Beauvoir em suas memórias. “Foi assim que nasceram todos os ensaios que escrevi para *Les Temps Modernes.*”[49]

A cada 15 dias, nas tardes de domingo, às cinco e meia, o comitê editorial se apertava no estúdio de Sartre na rue Bonaparte. Discutiam acaloradamente, riam e bebiam muito. Parecia aos demais que Sartre respirava idéias. As reuniões muitas vezes duravam até uma da manhã, quando Sartre e Beauvoir continuavam cheios de gás. Os outros estavam exaustos.

Sartre não se interessava muito pela administração prática da revista. Maurice Merleau-Ponty assumiu a direção cotidiana.[50] O outro membro bastante enérgico da equipe era Simone de Beauvoir. Ela inventava idéias e artigos, lia toda a montanha de manuscritos e manejava a pena do editor com habilidade. Era muito trabalho, além de sua própria escrita, mas ela gostava muito daquilo.

No verão de 1946, Beauvoir se perguntava o que escreveria a seguir. Queria escrever sobre ela mesma, e Sartre a estimulou. Mais uma vez, ele lhe perguntou: O que significa ser mulher?

Ela respondeu, sem muita paciência, que, para ela, não significava muito. Levava o mesmo tipo de vida que seus amigos homens, tinha os mesmos privilégios e nunca se sentira inferior por causa de sua feminilidade. “Assim mesmo”, insistia Sartre, “você não foi criada da mesma maneira que um menino: devia analisar mais isso”.

Beauvoir tinha certeza de que podia se livrar logo da pergunta. Foi à Bibliothèque Nationale e pesquisou o que pôde sobre a condição da mulher e os mitos do feminismo. Passou semanas lá e ficou espantada com suas descobertas. “Foi uma revelação. Este era um mundo masculino, minha infância fora alimentada por mitos forjados por homens, e eu não reagira a eles da mesma forma que talvez tivesse reagido se fosse menino.”[51]

Tal foi seu interesse no assunto que ela deixou de lado o projeto das memórias e embarcou no que imaginou que seria um longo ensaio. Seria um livro grosso, um marco do século XX chamado *O Segundo Sexo.*

Beauvoir invejara muito Sartre e Bost quando eles foram para os Estados Unidos, e ficou elétrica quando Philippe Soupault, um escritor e jornalista francês surrealista que morara nos Estados Unidos durante a guerra, conseguiu arranjar-lhe uma série de palestras em universidades americanas. Ela partiria em janeiro de 1947.

Estava também nervosíssima. Quatro meses era muito tempo para estar fora. Sentia-se como se estivesse deixando sua vida para trás. O fato de Vanetti estar indo para Paris morar com Sartre não ajudava.

Será que seria capaz de mergulhar na vida americana como Sartre e Bost haviam mergulhado, perguntava-se. Diferentemente de Sartre, tinha um bom domínio do inglês, embora seu sotaque fosse carregado. Mas enquanto Sartre teve quem cuidasse dele nos Estados

Unidos, primeiro o Office of War Information, depois Vanetti, Beauvoir estava sozinha.

As últimas semanas passaram num turbilhão. Era uma época tumultuada. A Guerra Fria dividia os intelectuais franceses e rompia amizades. Havia discussões intermináveis sobre o comunismo soviético e o imperialismo americano, o *gulag* soviético e a bomba atômica americana.

As relações entre Sartre e Camus já estavam tensas por causa da política. Então, em outubro de 1946, diz Beauvoir, "um recém-chegado impetuoso entrou para o nosso grupo".[52] O romance de Arthur Koestler *Darkness at Noon*, uma visão arrepiante da Rússia stalinista, foi um *best-seller* na França. Koestler e Camus eram íntimos, e compartilhavam um anticomunismo virulento. Sartre e Beauvoir saíam freqüentemente com eles. Koestler e Camus faziam discursos para Sartre sobre sua simpatia pela União Soviética, dizendo-lhe que ele era um apologista do stalinismo. Os três bebiam muito e suas discussões eram violentas.

Beauvoir cedeu aos estratagemas de sedução agressivos de Koestler e passou uma noite com ele. Escreveria sobre o episódio, com um fino disfarce ficcional, em *Os Mandarins*. No romance, Anne Dubreuilh está prestes a partir para a América, e sente-se nervosa, insegura e solitária. Sua aventura com o condescendente e sádico "Scriassine" é uma evocação viva do sexo alienado.[53]

Uma noite, numa festa, Camus puxou briga com Merleau-Ponty, acusando-o de justificar os julgamentos exibicionistas de Moscou. Sartre defendeu Merleau-Ponty. Camus saiu furioso, batendo a porta. Sartre e Bost saíram correndo atrás dele, mas Camus recusou-se a voltar. Foi o maior desentendimento entre os dois, e não seria o último.

Antes de partir para a América, Beauvoir foi se despedir de Olga, que estava fazendo uma "helioterapia" — exposição ao ar puro e ao sol — no sanatório Leysin, nos Alpes suíços. Sua cama fora levada para a varanda, onde ela passava horas todos os dias, respirando o ar gelado. Alguns meses antes, ela e Bost haviam se casado.[54] Foi um gesto romântico em face da possibilidade da morte, e também prático. Para Bost, era mais fácil visitar Olga nos conservadores sanatórios suíços se eles fossem casados.

Após 24 horas naquele sinistro prédio cheio de morte e desespero, Beauvoir sentiu-se arrasada. Ficou aliviada ao tomar o trem de volta para Paris.

Foi um inverno severo. Tempestades violentas obrigaram alguns vôos a voltar do meio do Atlântico. Na noite de 24 de janeiro de 1947, Beauvoir e Sartre saíram para o aeroporto de Orly. Ela estava tensa. Sartre deu-lhe um beijo e foi embora. Depois anunciaram que, devido ao mau tempo, o vôo seria adiado até a noite seguinte. Beauvoir voltou a Paris e passou a noite com Sartre e Bost, sentindo-se como se estivesse flutuando entre dois mundos.

Vinte e quatro horas depois, finalmente estava sentada num avião cargueiro de quarenta lugares. Abriu o caderno. “Algo está para acontecer”, escreveu. “A gente pode contar os minutos na vida em que acontece algo.”[55]

O vôo foi longo e cansativo, com escalas nos Açores e na Terra Nova. Beauvoir estava apreensiva, e as decolagens e os pousos eram um calvário. Seus ouvidos doíam, e suas têmporas latejavam. Ela escreveu a Sartre do aeroporto de Terra Nova. “Lembra-se deste salão de onde estou lhe escrevendo, com essas paredes azul-claras? (...) Encontro seu rastro em toda parte e esta é outra maneira de sentir quão unidos somos (...) Sinto realmente que não devo me separar de você um instante — nada pode nos separar.”[56]

Na descida para Nova York, Beauvoir ficou assustada e enjoada. O avião pulou. Olhando pela janelinha redonda, ela conseguia divisar casas e ruas. Disse a si mesma que logo estaria andando naquelas ruas. A mulher ao lado dela murmurou que o motor fazia um barulho esquisito. O avião deu a volta, inclinando-se sobre uma asa. Beauvoir pensou: “Não quero morrer. Não agora. Não quero que as luzes se apaguem.” Depois sentiu o impacto das rodas tocando a pista.

Notas

1 Cohen-Solal, *Sartre: A Life*, p. 223.
2 *Adieux*, p. 227.
3 *FC*, p. 25.
4 *Adieux*, p. 236.

5 Sartre, *Situations, III* (Paris: Gallimard, 1947), p. 113-15.
6 Nizan e Jaubert, *Libres Mémoires*, p. 365.
7 Sartre, “Individualisme et Conformisme aux États-Unis”, *Le Figaro,* 29, 30, 31 de março de 1945, reimpresso em *Situations III.*
8 Camus ficou consternado com o fato de Sartre ter dado os melhores ensaios para o conservador *Figaro,* e mandado matérias bastante insípidas para o *Combat.*
9 Dolores Vanetti Ehrenreich entrevistada por Annie Cohen-Solal, 4 de maio de 1983, *Sartre: A Life*, p. 237.
10 Cohen-Solal, *Sartre: A Life,* p. 237.
11 Entrevista de Gerassi com Sartre, 31 de dezembro de 1971.
12 Sartre, “Presidente Roosevelt fala com jornalistas franceses de seu amor por nosso país”, *Le Figaro,* 11 e 12 de março de 1945.
13 Sartre, “Ce que j´ai appris du problème noir”, *Le Figaro,* 16 de junho de 1945 (minha tradução).
14 *Adieux,* p. 306.
15 *FC,* p. 34.
16 *Les Bouches Inutiles* retrata um interessante dilema moral. Uma comunidade está sitiada. Há desabastecimento de comida e, o mais importante, os guerreiros precisam ser alimentados. Qual é a responsabilidade da comunidade em relação às mulheres, às crianças e aos velhos? Será que deveriam ser jogados no fosso?
17 “Ele era um professor muito empolgante”, diz Nadine Chaveau. “Todas as meninas se apaixonavam por ele.” Chaveau seria amante de Maheu até ele morrer, e lhe daria seu segundo filho. “Ele sempre teve casos”, diz ela. “Era como um jogo com ele.” Minha entrevista com Nadine Chaveau, Paris, 5 de outubro de 2003.
18 Arquivos particulares de Jean Maheu. Maheu não contou à namorada, Nadine Chaveau, sobre seu romance com Beauvoir. Beauvoir contou a Sartre sobre Maheu, mas, aparentemente, não mencionou o caso com Vitold. (Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 302.)
19 *FC,* p. 41.
20 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 302.
21 Se confessou isso ou não a Beauvoir e Sartre, Bost contou a Sylvie Le Bon de Beauvoir, mais tarde, que foi para a cama com Dolores Vanetti. Seu caso mais sério, enquanto ele estava em Nova York, foi com a melhor amiga de Vanetti, a artista Jaqueline Breton Lamba, que era deslumbrante. (Minha entrevista com Le Bon de Beauvoir, 12 de novembro de 2003.)
22 Sartre, “Auto-retrato aos setenta”, entrevista com Michel Contat, *Nouvel Observateur,* junho e julho de 1975.
23 *FC,* p. 46.
24 A peça foi um fiasco, muito criticada por suas tediosas lições de moral, e saiu de cartaz após cinqüenta apresentações. Alguns críticos elogiaram o desempenho de Olga, mas, mesmo assim, ela considerou o fracasso da peça um desastre pessoal.
25 Sartre andara planejando uma revista desde que voltara do campo de prisioneiros alemão. Mas fora obrigado a esperar. Durante a guerra, havia censura e escassez de papel. Depois da Libertação, a Gallimard ofereceu apoio financeiro. O comitê editorial foi formado em setembro de 1944.
26 Esta citação e as que se seguem são extraídas de *Existencialismo,* trad. Bernard Frechtman (Nova York: Philosophical Library, 1947).
27 *L’Écume des Jours* (Paris: Gallimard, 1947) foi traduzido também como *The Froth of Passing Days, Foam of the Daze, Froth on the Daydream* e *Mood Indigo.* Boris Vian dedicou o romance à sua mulher, Michelle. Ela seria um dos grandes amores de Sartre.
28 *Adieux,* p. 305.
29 S de B a S, 15 de dezembro de 1945, em *Letters.*, p. 392. As férias na neve nunca

aconteceram, mas não parece haver muita dúvida de que Beauvoir gostaria de ter um caso com Camus.
30 S de B a S, 15 de dezembro de 1945, em *Letters*, p. 391.
31 S. de B a S, 13 de fevereiro de 1946, em *Letters*, p. 403-404. Sartre não escreveu para Beauvoir na Tunísia, mas como ela partiu para Túnis um mês depois do inicialmente previsto, as cartas foram devolvidas para Paris. Ele também estava ligeiramente preocupado. Em Nova York, passou-se um mês antes que recebesse uma carta dela. Concluiu que a Tunísia não era "particularmente favorecida pelo sistema postal" (S a S de B, fevereiro de 1946, em *Quiet Moments*, p. 274).
32 *FC*, p. 68.
33 *FC*, p. 69.
34 Minha entrevista com J.-B. Pontalis, Paris, 14 de janeiro de 2004.
35 Nizan e Jaubert, *Libres Mémoires*, p. 384.
36 S a S de B, 31 de dezembro de 1945, em *Quiet Moments*, p. 269-71.
37 *Time*, 28 de janeiro de 1946.
38 "Talk of the Town", *New Yorker*, 16 de março de 1946.
39 Ela cita o diário em *FC*, p. 88.
40 *FC*, p. 78 (trad. modificada). Sartre dissera em *O Ser e o Nada*: "Quem ficaria satisfeito com um amor dado como pura lealdade a um juramento?"
41 *All Said and Done* [*Tout Compte Fait*] (doravante *ASAD*), trad. Patrick O'Brian (Nova York: Paragon House, 1993), p. 91.
42 *ASAD*, p. 92.
43 Jean Cau, *Croquis de Mémoire* (Paris: Julliard, 1985), p. 229-59. Cau foi secretário de Sartre até 1957. Este livro, publicado após a morte de Sartre, surpreendeu a todos pela discrição. No fim dos anos 1950, Cau virou um arqui-reacionário, e ele e Sartre se indispuseram seriamente.
44 *New York Herald Tribune*, 20 de novembro de 1946 (*The Writings of Jean-Paul Sartre*, vol. I, p. 139).
45 *FC*, p. 113.
46 S a S de B, sexta-feira, agosto de 1946, em *Quiet Moments*, p. 277-78 (trad. modificada).
47 *FC*, p. 114.
48 Ibid., p. 22.
49 Ibid., p. 56.
50 Embora Sartre o tenha pressionado a isso, Merleau-Ponty recusou-se a ter seu nome na capa ao lado do de Sartre.
51 *FC*, p. 103.
52 Ibid., p. 117.
53 Beauvoir não é a única mulher a sugerir que Koestler fosse um sádico. Pelo menos um de seus biógrafos o descreve como um estuprador.
54 Bost e Olga se casaram em 21 de outubro de 1946. Sartre e Beauvoir foram padrinhos.
55 S de B, *America Day by Day* [*L´Amérique au Jour le Jour*] (doravante *ADD*), (1953), trad. Carol Cosman (Berkeley: University of California Press, 1999).
56 S de B a S, 25 de janeiro de 1947, em *Letters*, p. 407-09.

OITO

WABANSIA AVENUE, JAZZ E O GOLDEN ZAZOU

Janeiro de 1947 – Verão de 1950



Uma mulher dos Serviços Culturais Franceses recebeu Beauvoir no aeroporto, e as duas foram comer uma lagosta, depois Beauvoir deixou a mala no hotel em *midtown* e precipitou-se sozinha na noite de Manhattan. Foi pela Broadway até Times Square. As ruas estavam cheias de gente. Mas ela sentia-se como um fantasma. Nada parecia muito real, e ela era invisível naquela multidão. Em suas viagens anteriores — em Roma, Madri, até mesmo na África francófona — ela ainda pensava em Paris como o centro do universo. Agora não pensava mais. Este era outro mundo.

Nos dias seguintes, tudo a espantava: o silêncio do tráfego (“nada de buzinas”), os porteiros uniformizados postados nas portas dos edifícios de apartamentos como se estes fossem palácios, os ascensoristas (“é difícil receber visitas clandestinas”), os saltos altíssimos das mulheres (“tenho vergonha de meus sapatos suíços com aquelas solas crepe de que eu tanto me orgulhava”), a amizade de estranhos completos, a velocidade do serviço dos restaurantes (“Pode-se comer qualquer coisa, em qualquer lugar, muito depressa — gosto disso”). Tentava furar a fachada desta estranha cultura, ao mesmo tempo em que zombava de seus pequenos truques. “Não gosto do gosto de uísque; só gosto daqueles palitos com que a gente

mexe os copos. No entanto, até três da manhã, bebo uísque docilmente porque o uísque é uma das chaves da América. Quero romper a parede de vidro."[1]

Ela conhecia a melhor chave: um amante americano. Sartre arranjara uma com uma facilidade invejável. Por que isso lhe parecia tão difícil?

> Se eu quiser decodificar Nova York, preciso conhecer nova-iorquinos. Há nomes em meu caderno de endereços, mas nenhuma cara para combinar. Terei que falar no telefone, em inglês, com gente que não conheço e que não me conhece. Entrando no *lobby* do hotel, fico mais intimidada do que se fosse prestar um exame oral.[2]

Enquanto passeava sozinha por Manhattan e Brooklyn, sentia prazer em ver as coisas que Sartre vira. "É você que encontro em toda parte em Nova York", disse-lhe, "e é você novamente que eu amo quando amo os arranha-céus".[3]

Vanetti estava prestes a ir ao encontro de Sartre em Paris, e Beauvoir estava determinada a conhecê-la. Vanetti concordou com relutância em ir ao Sherry-Netherland, na Quinta Avenida, onde as duas conversaram até três da manhã. Estavam nervosas, e beberam um uísque atrás do outro. "Gosto muito dela", Beauvoir disse a Sartre, "e fiquei muito feliz porque entendi seus sentimentos — consegui apreciá-los, e respeitei você por tê-los". Um ou dois dias depois, ela foi convidada para um coquetel na casa de Vanetti. "Fiquei muito comovida de entrar naquele apartamento onde você morou tanto tempo (...) Dolores era engraçadinha como um pequeno ídolo anamita e foi um encanto comigo — eu gostaria de saber o que ela estava pensando verdadeiramente." Vanetti sem dúvida era simpática. Até conseguiu que Beauvoir escrevesse alguns artigos para jornais americanos, para ter uma renda extra.

A última vez em que estiveram juntas, Vanetti estava cercada de malas, prestes a partir para o aeroporto, e apavorada com o longo vôo que tinha pela frente. "Acho-a mesmo agradabilíssima e simpática", diz Beauvoir. "Só um pouquinho 'senhorinha', como diz Bost, para meu gosto. Mas se você é homem, e ainda mais levado por uma

paixão imperialista de generosidade, não poderia encontrar ninguém mais adequado."[4]

Beauvoir gostava particularmente de Richard Wright, o escritor americano negro, e sua mulher, Ellen. O apartamento deles na Charles Street, em Greenwich Village, tornou-se sua segunda casa. Julia, sua filha de cinco anos, era uma "verdadeira pequena maravilha". ("Até eu, que não gosto de criança pequena, estou amiga dela.")[5] Os Wrights apresentaram Beauvoir a seu círculo de amigos — intelectuais esquerdistas, quase todos judeus, e anticomunistas ferrenhos, que receberam a escritora em casa. Para surpresa dela, todas essas pessoas possuíam uma máquina de escrever, um toca-discos e uma boa coleção de jazz.

Simone sentiu-se imediatamente atraída pela cara assombrada e pelo espírito generoso de Bernard Wolfe. Ele fora secretário de Trotsky no México, e escrevera um livro sobre a cultura negra da moda, *Really the Blues*, com seu amigo Mezz Mezzrow, um clarinetista branco de jazz criado na cultura negra de Chicago.[6] Beauvoir perguntou a Wolfe onde poderia ouvir bom jazz, e ele a levou a um concerto de Louis Armstrong no Carnegie Hall. Este era um acontecimento raro, e era difícil arranjar ingressos. Beauvoir ficou comovida com o que viu como mais um exemplo da espantosa simpatia americana com os estrangeiros.

Sua visita foi matéria da *New Yorker.* Intimidado pela idéia de conhecer a "equivalente intelectual de Sartre do sexo feminino", seu entrevistador confessou achar que "ia passar uma meia hora dura". "Bem, surpresa! A Srta. B. é a existencialista mais bonita que já se viu; e entusiasmada, gentil, modesta e tão satisfeita como uma pessoa do Meio-oeste com as duas semanas que passou em Nova York."[7]

Em meados de fevereiro, Beauvoir foi fazer uma turnê de palestras. "Estou tão confrangida como se estivesse deixando alguém especial", diz. "Nunca pensei que poderia amar outra cidade tanto quanto Paris."[8]

Estava em Chicago por 36 horas. Era fim de fevereiro, as ruas estavam cobertas de neve e o vento cortava como navalha. Não estava a fim de visitar a cidade sozinha. Amigos em Nova York lhe

deram o endereço de um escritor, Nelson Algren. Ele tinha 38 anos, um a menos que ela. Os amigos a alertaram de que ele era um sujeito mal-humorado e difícil.

Beauvoir tomou coragem e ligou. Atendeu um homem, e ela falou com aquele seu sotaque francês carregado. O homem desligou. Ela tornou a ligar e falou mais alto. “É engano”, disse ele. Após três tentativas, ela estava vermelha de vergonha, e pediu ajuda à telefonista do hotel. “Há uma pessoa aqui que gostaria de falar consigo”, disse a telefonista a Algren. Ele estava acostumado a atender telefonemas de imigrantes poloneses com sotaque carregado que nunca haviam usado um telefone e ligavam para o número errado. Além disso, estava ocupado cozinhando alguma coisa. Dessa vez, prestou mais atenção ao que depois descreveu como “gritos roucos”.[9] Para alívio de Beauvoir, estava com uma voz mais simpática.

Naquela noite, no bar do hotel, ela viu um louro alto de óculos de aro de metal e colete de couro entrar e olhar para ela de alto a baixo, surpreso. Beauvoir lhe disse que estava cansada de hotéis de luxo e restaurantes elegantes. Será que ele lhe mostraria a verdadeira Chicago?

Algren levou-a à Bowery de Chicago — a uma boate de *strip-tease*, um bar de negros e a uma “taberna de gângsteres”, onde a música da *jukebox* tocava aos berros e havia uma variedade de vagabundos, escroques, drogados e prostitutas encostados no bar. Ele sentia-se em casa em lugares como aquele, disse-lhe. Aqueles eram seus amigos.

Entre a fala indistinta do Meio-oeste de Algren e seu forte sotaque francês, os dois não se entendiam muito bem. A princípio, ela o enchia de perguntas, e ele respondia laconicamente. Mas, no fim da noite, já lhe contava sua vida. Nascera em Detroit, disse, e fora criado num bairro pobre de imigrantes do lado sul de Chicago. Sua mãe era judia e seu pai, sueco, mas ele não se sentia nem uma coisa nem outra. Durante a Depressão, após ter-se formado em jornalismo na Universidade de Illinois, viajara pelo sul, pulando de um trem de carga a outro, e cumprira uma pena de quatro meses de detenção numa prisão do Texas por ter roubado uma máquina de escrever. Ao voltar para Chicago, envolveu-se com um grupo de escritores

comunistas. Foi a melhor época de sua vida. Durante a guerra, serviu o exército na França. Não falava francês, mas gostava dos franceses. Na ida para a Europa e na volta, estivera em Nova York. Tirante essas duas ocasiões, quase não saíra de Chicago.

Os dois combinaram de sair na tarde seguinte. Beauvoir tinha que ir a um almoço com o pessoal da Aliança Francesa. Tão logo pudesse, pediria ao cônsul francês para deixá-la na casa de Algren. O cônsul levou-a ao bairro polonês, passando por depósitos, terrenos baldios e fileiras de casas de madeira miseráveis com quintais em estado lastimável. Na avenida Wabansia 1.523 Oeste, ela saltou na neve, deu adeus ao cônsul e bateu à porta. A casa era um pardieiro.

O fogo crepitava no fogareiro na cozinha. O chão de linóleo estava coberto de jornais. “Eu estava tentando fazer uma limpezinha”, disse Algren. Fê-la entrar na outra sala. Havia uma cadeira amarelo vivo, livros, papéis, uma máquina de escrever e um toca-discos. Em cima da cama, havia uma manta mexicana colorida. Beauvoir desejou que pudessem se meter debaixo daquela manta e passar a tarde ali.

Em vez disso, Algren mostrou-lhe o bairro. Ela escorregou no gelo, e ele segurou-a pelo braço. Quando tiveram a sensação de que as orelhas iam cair de tão congeladas, entraram num bar e tomaram uma bebida forte para se aquecer. Beauvoir não conseguira se livrar de um jantar com o cônsul francês, e estava aborrecida com isso. Algren colocou-a num táxi e despediu-se com um beijo. Queria que ela voltasse em breve. “Se não, um dia vou a Paris atrás de você.”[10]

Na manhã seguinte, Beauvoir atravessava o país de trem a caminho de Los Angeles, lembrando-se do sorriso infantil de Algren. Antes de sair do hotel, não vira o pacote que Algren deixara para ela na recepção. Disse-lhe que tinha medo de tornar a vê-lo: a separação não seria muito dolorosa? O pacote continha exemplares de seus livros com dedicatórias, e um bilhete terno, que ele mandaria para Los Angeles. Queria muito tornar a vê-la, dizia, mesmo se a separação fosse muito dolorosa.

Após dois dias e duas noites no trem, Beauvoir chegou a Los Angeles às oito da manhã. Nathalie Sorokine, que estava grávida quando

Beauvoir despediu-se dela em Paris dois anos antes, agora morava com o marido, Ivan Moffat, em Westwood, Los Angeles. Estava na estação (“o cabelo e a cara deslumbrantes, porém mais enorme que nunca”) e levou Beauvoir ao seu apartamento, onde Moffat esperava com o café-da-manhã na mesa. Uma babá tomava conta da menininha.

Moffat, que se revelava um roteirista de sucesso, gostara do romance de Beauvoir *Todos os Homens São Mortais*, e propôs a seu amigo produtor, George Stevens, fazerem juntos um filme baseado no livro. (Nos anos seguintes, os dois produziriam clássicos como *Um Lugar ao Sol*, *A Leste do Éden* e *Assim Caminha a Humanidade*.) Falava-se em Claude Rains e Greta Garbo para os papéis principais. “Isso significaria pelo menos 30 mil dólares para mim”, contou Beauvoir a Sartre. “Isso não o deixa tonto? A gente passaria um ano inteiro na América, você e eu.”[11]

Alguns dias depois, Moffat emprestou às mulheres seu grande Packard vermelho, e elas partiram. Com Beauvoir como navegadora, foram para São Francisco, depois para Lone Pine, na fronteira do deserto de Nevada, onde, uma tarde, Moffat e George Stevens apareceram no carrão de Stevens, um pouco depois da hora combinada, tendo parado no caminho para vários uísques. Usavam chapéus de caubói, camisas xadrez vermelhas e pretas e lenços no pescoço. Beauvoir falaria desse maravilhoso encontro no deserto em *L’Amérique au Jour le Jour.*

O grupo voltou a Los Angeles por uns dias, e então Moffat levou as mulheres para passear por uma Los Angeles deserta envolvida na luz do amanhecer, e deixou-as no terminal da Greyhound. Beauvoir e Sorokine partiram numa excursão de três semanas: de ônibus até Santa Fé, Houston, Natchez e Nova Orleans; de avião para a Flórida; depois de ônibus para Nova York, com Beauvoir dando palestras no caminho. As duas mulheres se deram surpreendentemente bem.

Após deixar Los Angeles, Beauvoir escreveu a Moffat contando quão chegada a ele se sentia e quão triste estava por deixá-lo. “Enquanto você estava aqui, sei que passei a gostar cada vez mais de você e me sentir atraído”, respondeu ele. Ele desejava que pudessem ter passado “uma noite inteira nos braços um do outro”.[12]

Ivan Moffat, dez anos mais moço que Beauvoir, não conseguia deixar de reagir ao “ardor e à vitalidade da cara dela, e àqueles olhos azuis maravilhosos e àquele sorriso e aquele riso encantadores”.[13]

Sua agenda de palestras era exaustiva, mas Beauvoir, incansável, sentia-se grata pela oportunidade de falar a intelectuais americanos. O *Daily Princetonian* noticiou:

> A elegante e atraente Simone de Beauvoir, a embaixatriz do existencialismo nos Estados Unidos, conquistou os lingüistas de Princeton ontem à tarde, enquanto os bombardeava num francês rápido sobre a responsabilidade do escritor. “Na França de hoje”, disse *Mme.* de Beauvoir à sua platéia, “já não se permite que o escritor fique à parte e se isole em sua torre de marfim.”[14]

Beauvoir ressaltou que, depois da guerra, os tribunais franceses haviam sido inclementes com os intelectuais que colaboraram, enquanto outros tipos de colaboracionistas — gente que tirou proveito da guerra, por exemplo — eram tratados, comparativamente, com indulgência. Na França, havia-se entendido que um intelectual tinha uma responsabilidade séria. Como existencialistas, ela e Sartre acreditavam que os escritores precisavam ser “engajados”. Palavras eram ações. Os escritores tinham que tomar partido.

Enquanto viajava, transmitindo sua mensagem a platéias universitárias pelo país afora, Beauvoir conhecia muita gente e fazia muitas perguntas. Em coquetéis e jantares, conversava com membros da faculdade e estudantes da graduação. Quando estava só, ia a restaurantes e bares ou ficava deitada em seu quarto nos hotéis, lendo literatura americana e tomando notas. O livro que escreveria sobre essa viagem *L’Amérique au Jour le Jour*, ilustra bem que tipos de conversas tinha, bem como suas reflexões particulares. Quando foi traduzido para o inglês em 1953, quase todos os críticos americanos (incluindo a francófila Mary McCarthy) ressentiram-se do que viam como generalizações fáceis de Beauvoir e seu senso de superioridade francesa. Recentemente, vários críticos americanos saudaram o livro como “uma gema esquecida”.[15]

Beauvoir também tomava notas para o ensaio que estava escrevendo sobre as mulheres. A experiência de uma cultura diferente se revelava de valor inestimável. Ela observava as coisas com um olhar novo, estrangeiro, e via o relacionamento entre os sexos por uma perspectiva inteiramente nova. Para seu espanto, chegara à conclusão de que as mulheres eram menos livres nos Estados Unidos.

> Eu imaginara que as mulheres aqui me surpreenderiam com sua independência. “Mulher americana” e “mulher livre” pareciam expressões sinônimas. A princípio (...) seu modo de vestir me espantou com sua característica flagrantemente feminina, quase sexual. Nas revistas femininas aqui, mais do que nas francesas, li longos artigos sobre a arte de caçar um marido e pegar um homem. Vi que as universitárias não se preocupam com quase nada, a não ser com homens, e que a mulher que não é casada é muito menos respeitada aqui do que na Europa (...) As relações entre os sexos são uma luta. Uma coisa que ficou imediatamente clara para mim quando cheguei na América é que os homens e as mulheres não se gostam (...) Em parte, isso se deve ao laconismo dos homens americanos, e, apesar de tudo, para haver amizade, é necessário um mínimo de conversa. Mas deve-se também à existência de uma desconfiança mútua, uma falta de generosidade, um rancor que muitas vezes tem origem sexual.”[16]

Em meados de abril, Beauvoir estava de volta a Nova York, hospedada no Brevoort, um velho hotel próximo a Washington Square. Raramente passava uma noite sozinha. Além dos Wrights, saía muito com Bernard Wolfe e divertia-se com noitadas de jazz e discussões ardentes. Wolfe levou-a a uma festa de maconha. Ela fumou vários cigarros, tragou conscienciosamente e nada sentiu. Todavia, às quatro da manhã, viu-se beijando Wolfe apaixonadamente na frente de seu hotel.

Beauvoir estava apreensiva com a volta a Paris. As cartas de Sartre falavam ameaçadoramente pouco sobre seus sentimentos por Vanetti. Beauvoir, que devia partir em 10 de maio, pediu-lhe para “preparar um regresso agradável” para ela. Queria ir para fora com

ele por duas semanas — para qualquer lugar. “Tudo que peço é ter você para mim por 15 dias.”[17]

Na segunda-feira, 28 de abril, ela recebeu uma carta excepcionalmente amorosa. “Meu amorzinho querido”, dizia Sartre. “Só quero que saiba que estou felicíssimo com a idéia de tornar a vê-la.” Reservara-lhe de novo seu quarto cor-de-rosa no Louisiane, e estaria esperando por ela no terminal de ônibus do aeroporto. “Vamos voltar juntos como se tivéssemos nos separado na noite anterior. Fico muito feliz quando estou com você, meu amorzinho.”[18]

“Como estou feliz desde segunda-feira”, escreveu Beauvoir na quarta-feira. “Em dez dias você estará lá, tocarei em você. Falarei com você — estou extasiada. Sabe, mais do que a Libertação, mais do que minha viagem a Nova York, você é sempre minha experiência mais espantosa na vida, e a mais forte e a mais profunda e a mais verdadeira.”

No sábado, 3 de maio, ao voltar ao Brevoort depois de tomar o café-da-manhã, encontrou um telegrama de Sartre à sua espera. A situação com Vanetti estava difícil, dizia. Será que Beauvoir poderia adiar sua volta por uma semana?

Beauvoir só respondeu na quinta-feira, 8 de maio. “Fiquei abaladíssima quando encontrei seu telegrama.” Disse a Sartre que tivera uma “depressão terrível” e chorara o dia inteiro, “uma angústia que eu simplesmente não conseguia dispersar”.

> Achei a idéia de voltar antes do que você queria tão insuportável que, sábado, fiquei doente quando não consegui trocar a passagem. Mas segunda-feira me rebaixei para todo mundo com tanto sucesso que, na terça, estava tudo arrumado. Então estarei na Gare des Invalides mais ou menos às 10h30 *domingo 18* (...) Quero muito me sentir completamente calma e sem problemas em Paris, pelo menos nos primeiros dias. Eu lhe peço, meu amor, organize tudo direito para podermos passar bastante tempo sozinhos, e nada estragar minha felicidade de tornar a estar com você.

Contou a Sartre que ia passar alguns dias em Chicago. “O cara de que gostei anda me implorando há dois meses para voltar.” O que

não contou a Sartre foi que, quando recebeu o telegrama, morreu de vontade de ver-se envolvida por braços amorosos. Primeiro pensou em Bernard Wolfe. Tomou coragem e ligou para ele, sugerindo que talvez pudessem fazer uma pequena viagem para algum lugar. Ele se desculpou, visivelmente com medo de que sua mulher descobrisse. Quando desligou o telefone, Simone estava molhada de suor.

Ficara andando nervosamente de um lado para o outro no quarto, então tornou a pegar o telefone. “Posso passar três ou quatro dias em Chicago esta semana”, disse a Nelson Algren. “O que acha?”[19] Ele pareceu muito feliz. Iria encontrá-la no aeroporto, disse.

Beauvoir chegou a Chicago na manhã de 10 de maio, e não encontrou Algren em lugar nenhum do aeroporto. Esperou. Acabou ficando claro que precisaria dar um daqueles horríveis telefonemas. Começou a procurar o caderno de endereços na bolsa, achando que tinha sido um erro terrível voltar a Chicago, quando surgiu diante dela uma figura alta e cumprimentou-a. Algren estava mortificado por tê-la feito esperar por ele. Ligara para o aeroporto, contou, e disseram-lhe que, em uma hora, não havia nenhum vôo chegando de Nova York. Ele até aparecera quarenta minutos antes. Sentou-se ao lado dela. Como a própria Beauvoir ressaltou, o encontro de Anne Dubreuilh com Lewis Brogan em *Os Mandarins* baseia-se diretamente na vida real.

> Sorri para ele.
> — Não vamos passar a manhã inteira aqui, vamos?
> — Não — respondeu. Pensou um pouco. — Gostaria de ir ao zoológico?
> — Ao zoológico?
> — É aqui perto.
> — E o que vamos fazer lá?
> — Vamos ver os bichos e eles vão nos ver.
> — Não vim aqui para me exibir para seus bichos. — Levantei-me. — Por que não vamos a um lugar sossegado, onde eu possa tomar um café e comer um sanduíche, e a gente possa se ver?
> Ele também se levantou.
> — É uma idéia!

Beauvoir desejava desesperadamente que Algren sugerisse ir para a casa dele. Ele não o fez. No táxi, ficou calado. Beauvoir afligiu-se com a possibilidade de passar quatro dias com um estranho.

"Devíamos ir primeiro ao hotel deixar minhas malas", disse. No telefone de Nova York, sem querer parecer que estava se atirando para cima dele, pedira que Algren lhe reservasse um quarto de hotel. Obviamente esperava que ele ignorasse o pedido.

Algren lhe deu um sorriso constrangido e disse que era difícil encontrar um quarto em Chicago. Levou-a a uma cafeteria feia, em seguida, foram a um jogo de beisebol e depois a um boliche. O dia acabou. Tarde da noite, cansada, com frio e frustrada, Beauvoir insistiu para que Algren telefonasse para fazer uma reserva num hotel. Ele ajudou-a a registrar-se no Hotel Alexandria, na Rush Street, em Chicago Norte. Sem dúvida, pensou ela, ele encontraria um pretexto para subir ao quarto com ela. ("Eu poderia lhe dar vinte.") Mas ele deixou-a no saguão. Beauvoir ficou deitada na cama, tentando ouvir os passos dele no corredor. Não ouviu.

Jantaram naquele dia num restaurantezinho polonês, depois foram a um bar. Algren acabara de se pôr diante da mesa de jogo quando um grupo de seus amigos mendigos, homens e mulheres, apareceu. Falaram animadamente com Algren, e Beauvoir não conseguiu entender uma palavra do que diziam. Estava a ponto de perder as esperanças quando, mais tarde, num táxi a caminho de outro bar de jazz, Algren puxou-a para si e beijou-a.

O corpo de Anne Dubreuilh dá a impressão de que está ressurgindo dos mortos. No bar de jazz, ela bebe seu uísque, sem conseguir concentrar-se na música, sobrecarregada por um "corpo novo em folha", "muito grande, muito ardente". Afinal, está debaixo da manta mexicana com Brogan:

> De repente, ele já não era desajeitado nem recatado. Seu desejo me transformou. Eu, que durante muito tempo não tivera gosto, nem forma, possuía novamente seios, barriga, sexo, carne; era nutritiva como pão, perfumada como a terra. Foi tão milagroso que não pensei em medir meu tempo nem meu prazer: só sabia

que antes de adormecermos eu ouvia os delicados chilreios do amanhecer.

Beauvoir e Algren sempre chamariam o dia 10 de maio de seu "aniversário" de casamento. No dia seguinte, Algren enfiou um anel mexicano barato no dedo de Beauvoir. Ela lhe disse que o usaria até morrer. Ele a chamava de "Simone, *honey*". Ela o chamava de seu "*local youth*" [jovem local]. Algren ria e imitava seu sotaque. "*Local use"* [uso local].

À parte o artigo da *New Yorker*, Algren quase nada sabia sobre Beauvoir, Sartre, ou aquela mania mundial do existencialismo. Para Beauvoir, era intensamente revigorante estar com um homem que a desejava em primeiro lugar como mulher. Anne Dubreuilh reflete: "Eu, que sempre me questiono com desconfiança sobre os sentimentos que inspiro nos outros, nunca me perguntei quem Lewis amava em mim. Estava certa de que era eu mesma. Ele não conhecia meu país, nem minha língua, nem meus amigos, nem minhas preocupações, só minha voz, meus olhos, minha pele."

Beauvoir tinha que regressar a Nova York, mas não queria deixar Algren, então ele foi também. Jamais havia andado de avião, e tinha medo de altura, mas, uma vez a bordo, divertiu-se. Os dois passaram dias e noites apaixonados no Brevoort. Beauvoir mostrou-lhe seus lugares favoritos em Nova York. Era fascinante para ela ver a cidade pelos olhos de um homem de Chicago.

"É engraçado nos darmos tão bem", dizia-lhe Algren. "Nunca consegui me dar bem com ninguém."[20] Houve breves momento em que ele ficava de mau humor ou triste, e Beauvoir entrava em pânico, se perguntando o que fizera de errado. Mas via que o mau humor dele era defensivo. Gostava de pensar que era a única pessoa que o compreendia.

No vôo de regresso à França, abriu o romance de Algren sobre o submundo de Chicago, *Never Come Morning.* E leu a carinhosa dedicatória que ele lhe fizera. Encostou a cabeça na janela, com o mar azul lá embaixo, e chorou. "Chorar era doce porque era amor", escreveu a seu "amado jovem local" do salão azul-claro do aeroporto da Terra Nova. Parecia um sonho, disse, mas não era, então eles nunca precisariam acordar.[21]

Sua volta foi dolorosa. Era primavera, o sol brilhava e lírios do vale e maços de aspargos eram vendidos nas ruas de Paris, mas os carros eram velhos, os arranjos nas vitrines pareciam anêmicos, o Louisiane era pobre e Sartre foi frio.

Vanetti continuava em Paris, e parecia não ter intenções de partir. Sartre ouviu as histórias de Beauvoir sobre a América, mas não falou muito dele, e fugiu de suas perguntas. Parecia que Vanetti o pressionava a casar-se com ela, e ele não tinha nenhuma certeza do que desejava. Estava apaixonado, mas não preparado para abrir mão de sua vida por ela, e Vanetti não estava disposta a aceitar nada menos. “Pobreza. Ansiedade. Não havia dúvida: eu estava em casa.” Anne Dubreuilh pensa consigo mesma em *Os Mandarins.*

Após três dias de choro e dor de cabeça, Beauvoir decidiu que precisava de ar, ar do campo. Tornou a fazer as malas, incluindo uma pilha de livros e cadernos, e tomou o trem para Saint-Lambert, um vilarejo calmo no vale da Chevreuse, a sudoeste de Paris. Instalou-se numa pousada azul e amarela, embaixo da velha igreja de pedra. Na floresta das redondezas havia as ruínas de um antigo convento beneditino, a abadia de Port-Royal-des-Champs. O dramaturgo Jean Racine, que era órfão, recebeu uma educação requintada dessas freiras, e escreveu sobre suas caminhadas solitárias por aquela floresta. A região exalava o espírito de retiro espiritual. Em sua juventude católica, Beauvoir todos os anos fazia um retiro — para orar, rezar o terço, meditar, dar vazão às efusões de sua alma. Trinta anos depois, sabia do que precisava para tentar recuperar a serenidade.

Nas duas semanas que prometera a Beauvoir, Sartre dividiu seu tempo entre Saint-Lambert e Paris. Sempre que ele estava no campo, Vanetti ligava de Paris, chorando e fazendo ameaças. Depois daquelas duas semanas, Sartre voltou para Vanetti. Beauvoir passou os dois meses seguintes no vilarejo, indo regularmente a Paris para reuniões da *Les Temps Modernes* e para ver os amigos.

No campo, cercada pelo canto dos pássaros, o gado e o perfume das rosas, trabalhou em *L’Amerique au Jour le Jour.* Bost e Olga passaram uma temporada com ela. (Olga voltara do sanatório, sentindo-se muito melhor.) Sartre vinha uma vez por semana, e eles

passeavam na floresta, pelas trilhas que Racine usara, e Beauvoir tentava entender o que se passava na cabeça de Sartre.

Amaldiçoou o "pavoroso oceano Atlântico" entre ela e o homem desejado. "Choro porque não choro em seus braços", escreveu a Algren. "Isso não é nada sensato porque se estivesse em seus braços eu não deveria chorar."[22]

Confessou a Algren que chorava bastante, mas raramente mencionava Sartre, e nunca Vanetti. Havia muita coisa que não contava a Algren. Quando falava sobre sua vida, era no mesmo tom insólito e autogozador que o próprio Algren usava. Uma tarde, recebeu a visita de amigos no campo, contou a Algren em seu inglês idiossincrático, e caiu uma bela e dramática tempestade.

> A tempestade me deu nos nervos, e bebi muito (...) Quando os amigos foram embora, eu mesma virei uma tempestade, e deixei o pobre do Sartre muito entediado, pois eu falava sobre a vida e a morte de uma forma bastante louca (...) Está vendo, nunca foi muito fácil para mim viver, embora eu seja sempre bem feliz — talvez por querer muito ser feliz. Gosto muito de viver e odeio a idéia de morrer um dia. E aí sou gulosíssima, quero tudo da vida, quero ser mulher e homem, ter muitos amigos e ter solidão, trabalhar muito e escrever bons livros, viajar e me divertir, ser egoísta e altruísta (...) Está vendo, é difícil ter tudo o que quero. E, depois, quando não tenho sucesso, fico louca de raiva.[23]

Suas tempestades emocionais eram bem mais prolongadas do que disse a Algren. Naquele verão, houve momentos em que a ansiedade de Beauvoir "chegava às raias da aberração mental". Pela primeira vez na vida, ela tomou antidepressivos. Sartre deu-lhe Benzedrine, um estimulante que andava tomando havia algum tempo, e era usado pelos pilotos para se manter despertos enquanto voavam. As pílulas pareciam ajudá-la em seu trabalho, mas ela se perguntava se não a deixavam ainda mais ansiosa.

Em julho, Sartre finalmente levou Vanetti para tomar o navio de volta no Havre. Ela lhe avisara que ou *jamais* voltaria ou voltaria de vez. Sartre passou meses pensativo. Beauvoir lembrou-se dos dias

sombrios em que as lagostas o seguiam. “Eu me perguntava apavorada se havíamos nos tornado estranhos um para o outro.”[24]

Em setembro de 1947, Beauvoir voltou a Chicago para passar duas semanas. Algren levou-a para fazer uma visita guiada, incluindo a prisão estadual, a cadeira elétrica, uma seção de identificação da polícia e um hospital psiquiátrico, e ela fez anotações para seu livro *L’Amérique au Jour le Jour.* Chamava a casa humilde de Algren de o “ninho do bode da Wabansia”. Não havia banheiro. Eles se lavavam na pia da cozinha. Algren tomava um banho de chuveiro duas vezes por semana na academia masculina de boxe local, e organizou para que Beauvoir fosse de vez em quando tomar banho na casa de um amigo.[25]

Queria que ela ficasse em Chicago e se casasse com ele. Ela tentou explicar que sua vida era Paris, que, em Chicago estaria perdida e sem raízes, que nunca poderia lidar com o que chamava de “a solidão dura da América”.[26] Foi difícil para Algren aceitar isso. Beauvoir inquietava-se achando que, se não podia lhe dar sua vida, não merecia seu amor.

Quando Beauvoir voltou a Paris, no fim de setembro, aparecera uma nova mulher na vida de Sartre. Como roteirista de *Les Jeux Sont Faits,* Sartre fora à abertura do festival de cinema de Cannes. Foi fotografado lendo naquele passeio elegante, La Croisette. Um dia, uma jornalista animada de 24 anos foi falar com ele, explicando que parte de seu trabalho era reunir detalhes para futuros obituários. “Eis aí uma oportunidade”, disse-lhe com um sorriso. “Você pode influenciar o que as pessoas dizem a seu respeito *antes* de morrer!” Sartre lhe deu o número de seu telefone da rue Bonaparte.

Beauvoir deve ter ficado aliviadíssima. A obsessão de dois anos e meio de Sartre por Vanetti parecia finalmente ter acabado. Ele já não era fiel a ela. Beauvoir era de novo sua fiel confidente — com quem ele se queixava das exigências de suas mulheres.

A jornalista Sally Swing, que então estava baseada em Paris, viu-se encaixada na agenda de Sartre às quartas-feiras à noite (até as

manhãs das quintas) e das tardes de sábado às de domingo. “Ele tratava as mulheres como uma cômoda”, lembra Swing. “Você está na primeira gaveta. Ela está na última. Eu odiava isso. Me irritava.”

Mas era louca por ele, diz. Quando ele imitava alguém, fazia-a rolar no chão de tanto rir. Queria psicanalisá-la. (“De jeito nenhum!”) Os dois tocavam duetos — ele ao piano e ela ao violino. (“Pare de tocar como o raio de um alemão!”, dizia-lhe.) Eles encenavam papéis. Ela o achou “um amante maravilhoso”.[27] (Décadas mais tarde, Swing leria na correspondência publicada de Sartre para Beauvoir que ele a achava muito exigente sexualmente.) Quando passavam uma noite juntos, dormiam na casa dela na rue de Grenelle, nunca na casa da mãe dele.

Beauvoir dedicou *L´Amérique au Jour le Jour* a Ellen e Richard Wright, e entregou o manuscrito à sua editora em janeiro de 1948. Então mergulhou num ensaio sobre as mulheres, que ela agora via como um livro. Estava motivada para trabalhar mais ainda do que o normal porque ela e Algren planejavam fazer uma viagem de quatro meses, de maio a setembro. Ela lhe escreveu dizendo que, uma vez que ambos gostavam de fazer o planejamento, ela arranjara um sistema. “Dividiremos os dias em duas partes, você planejará as noites (ouvi dizer que você não era ruim nisso), e obedecerei a seus planos de uma forma muito submissa, e eu planejarei os dias, e você me seguirá do mesmo modo. O que acha disso?”[28]

A última peça de Sartre, *Les Mains Sales*, estreou em 2 de abril no Théâtre Antoine. Sartre insistira para que Wanda ficasse com o principal papel feminino, embora o diretor não a julgasse capaz de fazê-lo. As semanas que antecederam a estréia foram de ansiedade. Então, para surpresa geral, Wanda agira como estrela. Os ingressos se esgotaram, e a crítica proclamou *Les Mains Sales* uma das peças mais importantes que a França produzira em muito tempo. Para Wanda, foi um triunfo pessoal. “Isso é bom”, escreveu Beauvoir a Algren, “uma vez que a coisa toda foi feita para ela”.[29]

Enquanto escrevia o terceiro volume de sua trilogia e fazia anotações para livros futuros, Sartre estava profundamente envolvido na política. Tornara-se um dos líderes de um movimento novo

chamado Rassemblement Démocratique Révolutionnaire (RDR). A idéia do RDR era que os europeus não deviam se permitir ser peões na Guerra Fria que era travada entre as duas grandes potências inimigas: os Estados Unidos e a União Soviética. Os europeus desejavam a paz, e precisavam se fazer ouvir.

Naquele verão, quando o bloqueio soviético a Berlim deixou novamente o mundo suspenso à beira de uma guerra, o RDR ganhou um grande impulso popular. “Achamos que o homem é quem faz a história”, disse Sartre, “e que *essa guerra* (...) é absurda e injustificável.”[30]

Sartre e Beauvoir andavam fazendo planos elaborados. De maio a setembro de 1948, Vanetti iria ficar com Sartre em Paris. (Ele avisara a Sally Swing que não poderia vê-la então.) Enquanto isso, Beauvoir ia viajar com Algren — descendo o Missisippi até Nova Orleans, depois para Yucatán, Guatemala e México.

Então, dias antes da data em que as mulheres tornariam a trocar de continente, os planos desandaram. Vanetti escreveu dizendo que resolvera não ver Sartre nessas condições. Sartre, que considerou isso uma rejeição, atirou-se nos braços de sua outra mulher americana, Sally Swing. Beauvoir, diante de uma nova opção — estar com Sartre em vez de com Algren —, começou a ter dúvidas. Quatro meses, afinal de contas, era muito tempo para estar longe de Sartre. Depois de conversar com ele, decidiu cortar dois meses da viagem. Não se atreveu a contar a Algren. Dar-lhe-ia a notícia depois.

Havia outro assunto delicado que ela precisava abordar com Algren, e que a deixava encabulada. “Temo só um pouquinho que você vá rir de mim”, disse-lhe. Em suas visitas anteriores, os dois haviam feito amor sem tomar nenhuma precaução. Ela lhe disse para não se preocupar. (“Se engravidasse, eu iria a um médico e a coisa seria resolvida rapidamente.”) Mas dessa vez eles estariam viajando, e “seria terrível se acontecesse alguma coisa”.[31] O que ele achava que deviam fazer? Os americanos tinham algum método sofisticado de contracepção? Ela não queria diminuir o prazer dele de forma nenhuma. Algren respondeu dizendo que usaria um dos métodos tradicionais — interrupção ou camisinha.

Mas Beauvoir queria que ele fosse “o mais livre possível”, e fez outros planos. A caminho de Chicago, foi a Nova York, onde Stépha Gerassi marcara uma hora num ginecologista, e Beauvoir experimentou um diafragma.

A viagem pelo Mississippi foi maravilhosa. Embalados pela paisagem do rio, ela e Algren faziam amor com freqüência e bebiam uísque no passadiço. Algren tirava fotografias com sua nova câmera (nenhuma das quais saiu), e Beauvoir traduzia um de seus contos para *Les Temps Modernes.*

Na Cidade do México, Beauvoir ficou aliviada ao receber uma carta alegre de Sartre. Não parecia estar com saudades de Vanetti. Estava indignado com os acontecimentos na Palestina (os exércitos árabes pareciam estar ganhando a guerra no Oriente Médio, e Sartre temia que o sonho judeu de uma pátria pudesse ser mais uma vez esmagado) e indignado com o fato de os jornais franceses aparentemente estarem mais interessados na estada da princesa Elizabeth em Paris. Sally Swing fazia parte do grupo de jornalistas que cobriam a visita real britânica. Sartre saía muito com ela — chamava-a de “a pequena” —, mas as exigências sexuais da moça o estavam matando, disse ele a Beauvoir. Fazia exatamente o que lhe mandavam, mas era enfadonho.

> Eis aqui o meu horário: ela chega lá em casa (rue B.) por volta de cinco da tarde, exaurida pela vida de jornalista, toda amarfanhada, canelas arranhadas, pés cheios de bolhas, cara suja; cobriu 8 quilômetros em meio às silvas do Trianon para surpreender Elizabeth almoçando, e, lá chegando, exausta, encontrou cinqüenta jornalistas que haviam chegado pela porta da frente; ou então, tinha brigado com a polícia (...) Desaba na minha cama e adormece com o sono de Sorokine, com o que quero dizer que entro e saio, tusso, acendo o cachimbo uma porção de vezes, e ela só acorda às oito, quando a sacudo. Às vezes, às sete e meia, arranha um violino enquanto toco piano (...) Depois, toma um banho (...) Às oito e meia, partir, chamar um táxi, jantar (...) Ela adora comer. Então, quase às onze, outro táxi, onde ela perde alguma buginganga (anteontem, a bolsa com 30 mil francos, ontem, o chapéu). Então procuramos e agimos, e

> achamos ou não o objeto (achamos o chapéu, a bolsa, não). Aí, invariavelmente, quer eu volte para a casa de minha mãe, ou durma em casa da pequena, subo e me rendo. As manhãs são agradáveis: sol, o Arco do Triunfo ao longe, o verde, os telhados, a varanda dela, e aí uma laranjada americana, um café americano e partida: pego um táxi, volto para casa de minha mãe, tomo um pouco do café americano de Dolores e trabalho.[32]

O tempo passava e Beauvoir ainda não dissera nada a Algren sobre a data de sua volta. Finalmente, numa viagem longa e empoeirada entre a Cidade do México e Morelia, anunciou canhestramente que teria que deixá-lo dois meses antes do planejado. Algren fez algum comentário brincalhão, e Beauvoir, a princípio, não se deu conta de quão traído ele se sentia. Quando se viu explorando as ruas e as praças antigas de Morelia sem ele, ainda não entendia o que estava acontecendo.

Quando entendeu, já era tarde. Durante o resto da viagem, conheceu de perto o famoso mau humor de Algren. Ele lhe dizia que não podia amá-la nos termos dela, e ela chorava. Queria discutir a situação abertamente e com franqueza; ele não tinha paciência com sua mania de falar. Quase no fim da viagem, durante um almoço particularmente desagradável na Tavern on the Green em Nova York, ela lhe disse que iria embora no dia seguinte se ele quisesse. Ele deixou escapar que ela não havia entendido nada. “Estou pronto para casar com você agora mesmo.”[33]

O vôo de volta foi um pesadelo. Beauvoir encheu-se de soníferos e mesmo assim não conseguiu dormir. Não sabia ao certo se tornaria a ver Algren. Será que, por tolice, destruíra a maior paixão que já tivera?

Em 19 de julho, de seu quarto “rosa dentifrício” do Louisiane, Beauvoir escreveu a Algren dizendo que ela e Sartre partiriam em uma semana (no dia 23 de julho) para uma viagem de trabalho de dois meses à África do Norte. Esperava que ele lhe escrevesse. Mais uma vez. Tentou explicar a Algren por que não podia lhe dar toda sua vida.

> Eu não poderia amá-lo mais, querê-lo mais e sentir mais a sua falta do que sinto. Talvez você saiba disso. Mas o que precisa saber também, embora possa parecer vaidade dizer isso, é de que forma Sartre precisa de mim. Na verdade, ele é muito solitário, muito atormentado interiormente, muito inquieto, e sou sua única amiga, a única pessoa que realmente o entende, o ajuda, trabalha com ele, lhe dá um pouco de paz e sossego. Durante quase vinte anos, ele fez tudo por mim; ajudou-me a viver, a me encontrar, sacrificou um monte de coisas por mim (...) Eu não poderia abandoná-lo. Poderia deixá-lo por períodos mais ou menos importantes, mas não prometer minha vida a mais ninguém. Odeio tocar de novo nesse assunto. Sei que corro o risco de perdê-lo; sei o que perdê-lo significaria para mim.

No dia seguinte, 20 de julho, Beauvoir telegrafou a Algren. Os planos haviam mudado. Será que ela poderia voltar para passar um mês em Chicago?

A resposta caiu como uma bomba: “Não, muito trabalho.”[34]

Por que Beauvoir tornara a mudar de planos? Em 20 de julho, Vanetti telefonara a Sartre de Nova York. Soluçava ao telefone. Não suportava mais ficar longe dele, disse. Será que ele concordaria em passar um mês com ela no sul da França? Sartre disse que sim.[35]

Beauvoir encurtara a viagem com Algren para ficar com Sartre, e agora Sartre a deixava plantada. Sartre sentiu-se mal com isso e ofereceu-se para lhe pagar a viagem de volta a Chicago. Mas enquanto Dolores ganhou aquela rodada com Sartre, Beauvoir perdeu com Algren.

Sexta-feira, 23, no dia em que ela e Sartre haviam originalmente planejado ir para Argel, Beauvoir escreveu a Algren contando uma história inventada.

> Espero que não tenha ficado zangado com meu telegrama, querido. Vou lhe contar o que aconteceu. Se tive que voltar a Paris no meio de julho, foi porque Sartre precisava de mim para trabalhar num roteiro de cinema da última peça dele. Eu lhe

> disse que sempre quis ajudá-lo quando ele pedia, e além do mais esta é uma das formas que tenho de ganhar a vida; não dá para eu viver só dos meus livros (...) Mas aí, de repente, terça-feira, os produtores mudaram de idéia; houve brigas e discussões e o roteiro não deverá ser feito agora. Sartre tem que ficar aqui e discutir o negócio antes de começar o trabalho, se algum dia começar, então ficou com remorso por ter me pedido para voltar (...) e propôs que eu voltasse a Chicago, se quisesse, ajudando-me com o dinheiro da viagem.

Não mencionou Vanetti. Nas cartas a Algren, nunca a mencionava. O que *é* surpreendente é que 15 anos depois, em *La Force des Choses,* ela conta a verdade. Quando, juntamente com todos os demais leitores de Beauvoir, Algren leu sobre a mulher que ela chamava de "M" e viu o tamanho da mentira que lhe fora pregada, nunca mais falaria com ela.

Depois de ter passado um mês com Vanetti no sul da França, Sartre e Beauvoir foram passar seis semanas na Argélia. Bost foi ao encontro deles por uma temporada. Eles nadavam no oceano, viajavam pelo campo e trabalhavam na frente de um ventilador ou à sombra das árvores.

De volta a Paris, Beauvoir passava quase todas as manhãs escrevendo no Deux Magots, depois almoçava e fazia um intervalo, e, às 16h00, ia trabalhar na casa de Sartre. Às 20h00, aparecia para uma noite sociável. "O que é realmente bom em Paris é essa vida noturna, nos cafés", contou a Algren. "Quando você passou o dia inteiro trabalhando, basta ir ao Boulevard Saint-Germain e, sem marcar nada, tem certeza que vai encontrar amigos com quem pode passar algum tempo antes de ir dormir."[36]

Beauvoir tinha a vida dos cafés de Paris; Algren tinha a Chicago solitária. Beauvoir tinha Sartre; Algren não tinha ninguém. Escreveu dizendo que precisava ter uma mulher sua. Achava que jamais amaria outra mulher tanto quanto amava Simone, mas "não há braços quentes do outro lado do oceano".[37] Ele esperava tornar a se casar um dia.

A carta dele não a deixava feliz, respondeu Beauvoir, mas ela entendia, e tudo o que ele dizia era justo. “Você seria um bom destino para qualquer mulher, e eu deveria ter escolhido esse destino para mim com entusiasmo se outras coisas não me impossibilitassem de fazê-lo.”[38]

As cartas de Algren voltam a ficar carinhosas. Ele mandava pacotes amorosos para Beauvoir (e até para a mãe dela), com tabaco, livros, chocolate e garrafas de uísque de boa qualidade escondidas num saco de farinha. Os dois acertaram que ele iria a Paris em maio.

Beauvoir morava em hotéis havia 18 anos, e decidiu que já estava farta. Os quartos eram mal aquecidos. O Louisiane era úmido e bolorento, e seu quarto cor-de-rosa precisava de uma mão de tinta. Em outubro de 1948, ela se mudou para um pequeno apartamento de quinto andar na rue de la Bûcherie, uma das ruas antigas e estreitas perto do Sena, no Quartier Latin. Aquele era um bairro árabe pobre na época. À tardinha, Beauvoir ouvia os acordes da música árabe vindos do café no segundo andar do prédio em frente, o Café des Amis. Na rua, eram freqüentes as brigas. Seu prédio era malconservado e havia goteiras em seu apartamento quando chovia. Mas ela adorou ter uma casa sua. De uma de suas janelas, via o Sena, o cais e as torres de Notre-Dame.

Colocou cortinas vermelhas nas janelas e comprou duas poltronas brancas. A sala tinha um aspecto aconchegante, com lâmpadas de bronze desenhadas por Giacometti, a aquarela cubista que Fernand Léger lhe dera, algumas gravuras coloridas de Van Gogh e Picasso, e seus livros. Nas vigas do teto, pendurou os objetos coloridos que trouxera das viagens ao México e à Guatemala. De agora em diante, trabalhava em casa na parte da manhã. À noite, às vezes comia em casa. “Preparo refeições agradáveis, principalmente vegetais pré-cozidos e presunto frio”, contou a Algren. “Mas não sei muito bem como usar o abridor de latas. Já quebrei dois.”[39]

Quando o estúdio de baixo vagou, os Bosts mudaram-se para lá. Os três muitas vezes jantavam no café da praça de calçamento de pedra, de onde se via a Notre-Dame através das árvores. Tudo parecia perfeito até Olga fazer outra radiografia e descobrir que ainda tinha

um buraco no pulmão. Quase louca de medo e frustração, voltou para Laigle para convalescer respirando o ar do campo.

Logo depois que Algren entrou em sua vida, Beauvoir deixou de transar com Bost. A princípio, Bost (a quem namoradas nunca faltaram) ficou magoado — até com ciúmes. Nunca vira Beauvoir tão apaixonada. Mas o relacionamento deles já estava há algum tempo mais terno do que apaixonado. Os dois sempre seriam os melhores amigos.

Beauvoir dedicaria *O Segundo Sexo* a Bost. Disse-lhe que ele era o homem menos machista que conhecia.[40]

"A pessoa não nasce mulher, mas antes torna-se mulher." Esta seria a frase mais famosa de *O Segundo Sexo.* Como existencialista, Beauvoir não acreditava na "natureza humana". Seu argumento era que a "feminilidade" é um construto social. A biologia não tinha resposta para a pergunta: Por que a mulher é o *Outro*?

Sua tese central era que em todas as culturas, mesmo as ditas matriarcais, o homem era considerado o *Sujeito*, e a mulher, o *Outro*.[41] Ela explorava os dados da psicologia, da psicanálise, da história e da teoria marxista e não encontrava um motivo satisfatório para isso. Sua conclusão era que a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhum grupo pode se estabelecer como o Primeiro, sem estabelecer outro grupo como o Outro.

Ela passava muito tempo trabalhando nesse livro, determinada a terminá-lo antes da visita de Algren a Paris em maio de 1949. Sua pesquisa era vasta, e, mesmo assim, escreveu *O Segundo Sexo* em apenas dois anos. Para ela, este livro foi muito mais fácil de escrever do que um romance. A ficção envolvia uma cuidadosa escrita de perspectiva e muita energia emocional. *O Segundo Sexo* exigia pesquisa, lucidez mental e capacidade de organização. Para isso, ela era bem treinada.

Uma vez que sua estrutura era existencialista, seu critério era a liberdade. Sua premissa era que o fim último de qualquer sujeito humano responsável deveria ser a "soberania". Mas isso era complicado. Se uma mulher não era livre, de duas, uma, ou sua falta

de liberdade era infligida, e nesse caso constituía uma opressão; ou era escolhida, e nesse caso representava uma falha moral. Em ambos os casos era um mal absoluto.

Como Sartre, ela afirmava que a liberdade exige coragem moral. É mais fácil a pessoa desistir de sua liberdade e tornar-se uma *coisa.* Como Beauvoir deixou claro, as mulheres podiam obter vantagens bajulando os homens, vivendo através deles, sendo sustentadas por eles. “É um caminho fácil: nele se evita a tensão envolvida em assumir uma autêntica existência.”

Vários capítulos de *O Segundo Sexo* (“A narcisista”, “A mulher apaixonada”, “A mística”) demonstram as diversas formas escolhidas pelas mulheres para evitar sua liberdade. Mas se *O Segundo Sexo* é disparado com ambivalência, é porque Beauvoir mostra que a própria liberdade é cheia de obstáculos intransponíveis para as mulheres. A sociedade ainda não estava pronta para a mulher livre.

Um dos melhores capítulos do livro, sem dúvida é “A mulher independente”, em que Beauvoir fala veladamente de si mesma. Ela resume assim o problema central:

> A vantagem do homem (...) é que sua vocação como ser humano não vai contra seu destino como homem em nenhum aspecto (...) Seus sucessos sociais e espirituais lhe dão um prestígio viril. Ele não é dividido. Ao passo que se exige da mulher que, para realizar sua feminilidade, ela se torne objeto e presa, o que vale dizer que tem que renunciar a suas reivindicações como um sujeito soberano.

Em outras palavras, seja ela um sujeito soberano ou um objeto sem liberdade, a mulher não pode vencer. Como Beauvoir a retrata, a mulher independente sofre de complexo de inferioridade quanto à “feminilidade”. Ela vê que sua inteligência e sua independência intimidam o homem. Sabe que, se conduzir sua vida sexual com muita liberdade, será vista, de forma humilhante, como “fácil”. E está bastante consciente de que, quando se trata de envelhecimento, a sociedade tem dois pesos e duas medidas.

Beauvoir conhecia muitas mulheres que viviam através dos homens, que impunham o fardo de sua existência a um deles. Ela

mesma conhecia a tentação. Também conhecia o preço da independência. De fato, como mostra de forma pungente *O Segundo Sexo,* a mulher independente estava fadada a sentir-se dividida.

Sartre sempre pensara em Michelle Vian como a mulher de seu amigo Boris. Os Vians formavam um belo casal boêmio, jovem e descolado. Mas, no início de 1949, havia rumores de que o casamento estava desmoronando.

Em maio, os Vians deram uma de suas famosas festas. Sartre observava Michelle dançar o *swing* e o *jitterbug* com um vestidinho vermelho e os saltos altíssimos que sempre usava. Ela era miúda, com belas pernas, olhos azuis, sorriso caloroso e longos cabelos louros. Mais tarde naquela noite, Sartre lhe disse: "Você não fica quieta. Pare de dançar um instante e venha falar comigo." Michelle sorriu e sentou-se na beira do sofá, ao lado dele. Usava uma maquiagem exagerada, como uma atriz. "Mas sou chata", disse ela. "Não tenho nada para falar."

Por trás daquela fachada extrovertida, Michelle era de uma insegurança dolorosa. Sua voz era meiga e límpida, mas ela quase não abria a boca, a não ser quando falavam com ela. Desde a guerra, Boris Vian era um romancista e um trompetista de jazz famoso. Era também conhecido por sua coluna humorística na *Les Temps Modernes.* Em contraste, Michelle sentia-se burra. Não era escritora. Nem sequer tinha o bacharelado.

Ela e Boris tinham vinte anos quando se conheceram, em Capbreton, no verão de 1940, o verão em que Paris foi ocupada pelos alemães e o irmão de dez anos de Michelle afogou-se na correnteza. A mãe responsabilizara Michelle, que supostamente deveria estar tomando conta do menino. Foi um trauma que ela nunca superou.

Quando a América entrou na guerra, e o jazz foi proibido na França ocupada, Boris e Michelle aderiram ao movimento "Zazou" — jovens cuja resistência aos alemães traduzia-se na forma provocadora de se vestir, ouvir clandestinamente o jazz americano e dançar o *swing* em festas ilegais. Michelle adorava o inglês e tudo o que tinha a ver com o mundo anglo-saxão — romances policiais ingleses, filmes americanos, jazz americano. Ela ajudava Boris a

traduzir suas músicas preferidas. Como zazous, Boris usava colarinhos altos e gravatinhas inglesas de nó feito e Michelle oxigenava o cabelo e habituou-se a usar os saltos mais altos que conseguia encontrar.

Eles se casaram em julho de 1941. Ambos eram virgens. Boris usou um preservativo, mas este estourou, e Michelle engravidou naquela mesma noite. Boris não estava preparado para ser pai. Quando nasceu seu filho Patrick, em abril de 1942, Boris se afirmava como trompetista de jazz. Depois da Libertação, quando pipocaram os porões em que se dançava em Saint-Germain-des-Prés, ele e Juliette Greco tornaram-se as estrelas da famosa boate Tabou. Um bando de garotas bonitas ficava em volta da porta do palco e se atirava em cima de Boris Vian.

Quando Michelle reclamava dos casos de Boris, ele dizia que ela deveria arranjar um amante e aprender alguma coisa sobre sexo. Ela dizia que não tinha interesse em transar com outras pessoas: amava-o. Numa de suas festas, ele a empurrou para um clarinetista de jazz de 16 anos, André Reweliotty. No verão de 1946, Boris escrevia o segundo romance, e estava ocupado. Convidou Reweliotty para passar as férias com eles. Reweliotty e Michelle fizeram amor nas dunas de areia.[42]

Em abril de 1948, nascia um segundo filho, uma menina, Carole.[43] O casamento deteriorou-se ainda mais. Michelle voltava-se cada vez mais para Reweliotty. Ele era muito jovem para lhe dar a confirmação que ela esperara, mas era um homem carinhoso, e era fiel.

Então, em maio de 1949, depois da festa em que conversaram no sofá, Jean-Paul Sartre, o intelectual mais famoso da França, telefonou para Michelle convidando-a para sair. Em sua primeira noite juntos, os dois passaram três horas conversando no bar do Pont-Royal. Durante um mês inteiro, até ir viajar com Vanetti, Sartre saiu com Michelle Vian quase todos os dias. Não tocava nela. Os dois conversavam. Michelle ficou profundamente comovida. Sartre parecia muito delicado, muito sensível aos sentimentos dela.

Em maio de 1949, Algren foi a Paris. A família nunca vira Beauvoir tão doce e feliz. “Ela estava sempre perguntando a Algren: ‘Você está bem? O que quer?’”, recorda Michelle Vian. “Eles ficavam se olhando nos olhos, de mãos dadas como um casalzinho de namorados.”

Algren estava nervoso com a perspectiva de conhecer Sartre, mas quando o homenzinho pôs o braço nas costas de Algren e guiou-o jovialmente para dentro do primeiro bar, Algren imediatamente sentiu-se à vontade. Simpatizou especialmente com Olga e Michelle, que gostavam de falar inglês com ele. Olga ouvia as histórias dele de olhos arregalados. Michelle fazia conscienciosamente o papel de intérprete dele para o grupo. Algren chamava-a de “a zazou de ouro”.

O primeiro volume de *O Segundo Sexo* saiu em junho de 1949. A reputação escandalosa de Beauvoir estava selada. Até o título do livro chocou as pessoas. Ao falar abertamente sobre o corpo feminino e a sexualidade feminina, Beauvoir quebrara tabus importantes. Estava sendo considerada ainda mais chocante que escritoras que se vestiam de homem, suas precursoras George Sand e Colette.

Beauvoir foi severamente atacada. “Insatisfeita, fria, priápica, ninfomaníaca, lésbica, a mulher que fez mais de cem abortos, eu era tudo”, diz ela, “até mãe descasada”. Ela recebeu centenas de cartas. As pessoas lhe diziam que o problema dela é que não acreditava em Deus. Algumas se ofereciam para curar sua frigidez. Outras ofereciam, nos termos mais grosseiros possíveis, saciar seus apetites labiais. O Vaticano pôs o livro no índex. O escritor católico conservador François Mauriac disse a um membro do conselho editorial da *Les Temps Modernes*: “A vagina de sua empregadora não tem segredos para mim.”[44] Até Camus achou o livro grotesco. (“Camus (...) um homem mediterrâneo, cultivando o orgulho espanhol (...) acusou-me de fazer o homem francês parecer ridículo.”)[45] O fato de Beauvoir ter discutido o aborto foi particularmente chocante. Como ela e Sartre haviam ambos escrito sobre o aborto em sua ficção, as pessoas já chegavam na redação da *Les Temps Modernes* pedindo endereços. A secretária colocara um cartaz: FAZEMOS NO LOCAL, PESSOALMENTE.

Algren chegou no auge disso tudo. Beauvoir e Sartre quase já não iam mais a cafés; as pessoas os atormentavam. Mas com Algren

lá, Beauvoir saía muito. Quando os dois iam a um lugar público, as pessoas apontavam para ela e riam. Ainda bem que Algren não entendia o que diziam, e ela ficou aliviada quando foi fazer uma viagem de dois meses com ele pela Itália, Argélia, Marrocos e Tunísia. Na volta do Norte da África, ficaram uns dias com Bost e Olga, em seu chalé em Cabris, nas montanhas da Provença. Bost e Olga acharam graça nas histórias fantásticas de Algren, que, em sua maioria, demonstravam seu heroísmo. Bost chamava-o de "Algren durão".

Em meados de setembro, Beauvoir levou Algren ao aeroporto de Orly sentindo o coração quase explodindo. Algren lhe disse: "Nunca fui tão feliz; nunca amei tanto."[46] Numa escala da viagem de volta, soube que seu romance *O Homem do Braço de Ouro* ganhara o National Book Award.

Enquanto Beauvoir estava com Algren, Sartre passava três meses viajando pela América Central com Vanetti. Antes de partir, disse a Michelle Vian: "Vou pôr um pouco de ordem em minha vida."[47] Quando voltou, em outubro, começou a cortejar Michelle a sério.

"Eu não falava. Não tinha confiança. Ficava calada, sempre sorrindo, perdida", recorda Michelle Vian. "Sartre ensinou-me a falar. Ensinou-me que minhas idéias eram boas. Ele era da opinião de que as pessoas devem pensar, e falar. Achei-o muito empolgante. Eu não ligava para beleza. Gostava dos lábios dele. Eram do mesmo tipo dos de Brigitte Bardot. Os lábios superior e inferior do mesmo tamanho. Como os de sua mãe (...) Quando o via chegar, ficava com o coração palpitando. Pensava comigo mesma, chegou a alegria, a diversão."[48]

Uma noite no final de dezembro, Sartre beijou-a num táxi quando voltava de uma boate para casa. A essa altura, Michelle estava verdadeiramente apaixonada. Logo depois, uma tarde, Sartre levou-a para sua casa. A mãe não estava e os dois fizeram amor.

Sartre partiu no dia seguinte para passar o *réveillon* em La Pouèze. Bost e Beauvoir trabalhavam frente a frente numa mesa, traduzindo o romance de Algren *Never Come Morning*. Madame Morel, famosa por sua hospitalidade, ficava feliz de deixá-los trabalhar o dia inteiro. Sartre estava mergulhado num ensaio que

escrevia sobre Jean Genet, que ele considerava um herói existencialista, desde o início adverso (ilegitimidade, assistência pública, delinqüência, prisão, pederastia). Optando por escrever, Genet transformara aquilo em que os outros o haviam transformado em algo positivo. Era uma obsessão sartreana: a idéia da auto-invenção em face da humilhação e da estigmatização.

Sartre escrevia com freqüência a Michelle. Não conseguia deixar de pensar naquela tarde. Queria fazê-la feliz e saber que ela nunca mais ficaria sozinha. Nunca sentira essa necessidade em relação a ninguém.

Em fevereiro, Michelle soube que estava grávida. De Sartre, como de Boris, engravidou na primeira vez em que transou com ele. A princípio, Sartre não acreditou. Usara seu método usual de contracepção, o *coitus interruptus*, que considerava infalível. “Claro que não era nada seguro”, diz Michelle Vian. “Sartre tirava, e dez minutos depois, tornava a fazer amor. Não sabíamos disso na época, mas basta uma gota de sêmen (...) Você pode ver o que o ato sexual representava para mim. Perigo.”[49]

Sartre perguntou se ela queria ter o bebê. Michelle sabia que ele não gostava de criança. Ela vira suas gravidezes destruírem seu casamento, e já tinha dois filhos. Era suficiente, disse a Sartre. Isso significava um aborto, Sartre disse que pediria alguns endereços a Beauvoir. Michelle ficou chocada. “Não conte ao Castor”, disse. “Por enquanto.” Disse que pediria ajuda ao irmão que estudava medicina.

Sartre já ia viajar de novo. No início de março, ia passar dois meses na África subsaariana com Beauvoir. Michelle implorou-lhe para adiar a partida por alguns dias. Será que não poderia ficar até depois de seu aborto? Ela estava apavorada, disse. Mas Sartre foi firme. Não poderia decepcionar Beauvoir. Já a desapontara no verão anterior. (Não entrou em detalhes.) “Não posso fazer isso com ela.”

“Fiquei com raiva”, diz Michelle Vian. Sartre partiu, e o irmão dela fez o aborto. Michelle teve uma infecção e passou dias com febre. Da Argélia, Sartre enviou orquídeas. Do interior da África negra, escreveu cartas carinhosas. “Não respondi”, diz Michelle.

“Talvez uma ou duas vezes, no máximo. Tenho fotos de mim nessa época, com uma cara tristíssima. Foi o fim de minha fantasia.”

Não havia muito tempo, ela rompera o caso com André Reweliotty, explicando que estava apaixonada por Sartre. Reweliotty ficara muito perturbado. Agora Michelle voltava para ele. Não lhe contou que transava com Sartre. E não contou a Sartre que transava com Reweliotty. “Era o maior segredo”, conta. “Eu tinha uma vida dupla. Dois mundos diferentes.”[50]

Era Beauvoir quem queria conhecer o Saara, e fora ela quem tratara das reservas. Ela e Sartre passaram quatro dias atravessando o deserto de caminhão, partindo todos os dias por volta de cinco da manhã, quando um sol vermelho vivo despontava nas montanhas. Em Tamanrasset, numa noite de luar, levaram-nos para conhecer o chefe tuaregue em sua tenda no deserto. Os tuaregues eram altos e tinham uma cara altiva, só com os olhos escuros visíveis acima dos véus cor de anil. Em Gao, Mali, Sartre teve uma febre alta. Nos dois dias em que passou acamado, quase inconsciente, Beauvoir esteve trabalhando. Os dois tomaram um avião para Bobo-Dioulasso. Uma violenta tempestade que caía ao meio-dia encharcou suas camas e fez as baratas aparecerem. Naquela noite, Beauvoir e Sartre estavam mortos de cansaço quando voltaram ao quarto. “Sartre não pregou o olho a noite inteira”, conta Beauvoir. “A cama dele continuava molhada, o jazz do outro lado da rua o ensurdecia e, acima de tudo, ele estava apavorado com as baratas que corriam pelo teto. Passou a noite lendo.”[51]

Tão logo chegavam num lugar, corriam à posta-restante. Sartre estava atormentado, pois Michelle não escrevia. Beauvoir estava apavorada com o silêncio de Algren. “Com certeza (...) sua prosa espirituosa se perdeu em algum lugar do Saara”, escreveu-lhe, “ou talvez alguns negros gostem de dar risada com ela enquanto se canibalizam uns aos outros”.[52]

No início de maio, Sartre voltou a Paris de Casablanca. Beauvoir fez uma viagem sentimental a Fez, onde ela e Algren haviam sido tão felizes juntos. “Se eu tivesse recebido alguma carta, poderia ter sido uma doce peregrinação”, escreveu-lhe depois. “Da maneira que foi,

só me cortou o coração. Andei por todas as ruazinhas de que tanto gostamos, onde fomos felizes juntos, e eu queria tanto você que não aproveitei nada, só tive vontade de chorar até morrer.”[53]

Em Paris, para seu alívio, havia duas longas cartas de Algren.

O divórcio de Vanetti saíra (Sartre pagara as custas) e ela estava morando em Cannes, na Côte d’Azur, querendo que Sartre se casasse com ela. Mas Sartre estava apaixonado por Michelle. A Beauvoir, ele se queixara de que Vanetti era muito exigente, sempre querendo mais dele — mais dinheiro, mais tempo. Mas sentia-se culpado, e concordou em passar uns dias com ela em junho e julho. Michelle ficou contrariada. “Pensei que você tivesse rompido com ela ano passado!”

“A gente tem que fazer essas coisas aos poucos”, disse Sartre.[54]

Sartre rompeu com Vanetti no verão de 1950. Beauvoir estava fora, mas Bost estava disponível para presenciar o rompimento. Não houve cenas dramáticas, contou a Beauvoir, e pareceu-lhe que Sartre quase chegou a ficar meio desapontado com isso. Vanetti chorara uma vez, no ombro de Bost. Parecia surpresa com o fato de Sartre não mais amá-la, mas não manifestava amargura. Ficava dizendo que Sartre mudara. Ficara mais fanático com o trabalho. Não parecia interessado em mais nada.

Bost tinha um contrato para escrever um guia, *L’Espagne au Jour le Jour,* da mesma série que o livro de Beauvoir sobre a América.[55] Precisava de um carro, e Vanetti tinha um, e ela precisava de umas férias com uma companhia agradável. Os dois passariam dois meses viajando juntos pela Espanha. Bost esperava que ela não ficasse falando mal de Sartre o tempo todo. “Um beijo carinhoso”, despediu-se de Beauvoir. “Mande lembranças para o Algren Durão!”[56]

Do outro lado do mundo, Beauvoir passava momentos terríveis. Em janeiro, cometera um grande erro. Escrevera a Algren com um

pedido. Tinha medo da resposta dele, disse-lhe, que a deixaria ou muito feliz ou muito triste. Lembrava-o de que, quando estavam na Tunísia, ele lhe dissera que ela precisava voltar a Wabansia avenue, mas não imediatamente. Ela tinha um favor a lhe pedir:

> Tenho que lhe pedir para me deixar ir agora em junho. Não é um capricho, você sabe. Claro que estou impaciente para tornar a me derreter em seus braços, desejo você, mas se quisesse ir logo só por causa do meu desejo, eu não pediria, apenas sugeriria. Não gosto de pedir, e você sabe que tento não pedir muito, amor. Agora, peço. O fato é que Sartre *tem* que passar três meses fora esse verão, a partir de junho, o mais tardar, e me pede, de uma forma muito incisiva, para viajar ao mesmo tempo que ele — sem esperar até ele voltar (...) E obviamente ele não tem direito de lhe pedir nada, mas você entende como é para mim: posto que decidi não romper, nem por amor, a longa amizade que tenho com ele (e de que ele precisa muito, como você pôde sentir), seria burrice e antipático não agir de uma forma realmente amigável (...) *Confie em mim*, Nelson. Se digo que isso é *importante* para ele, passa a ser para mim também.

Algren concordara, o que deixou Beauvoir muito feliz. Mas nos meses seguintes suas cartas foram menos freqüentes. Pouco antes da data marcada para ela partir, estourou a Guerra da Coréia. O mundo inteiro parecia mais uma vez rumar para a guerra. Ela pensou em cancelar a viagem. Sartre persuadiu-a a ir.

Ela chegou a Chicago, e Algren estava distante e estranho. Fazia amor com ela, mas sem ternura. Na segunda noite, Beauvoir perguntou-lhe o que havia. Não, não era que ele amasse outra pessoa, disse, mas algo morrera. Estava cansado de suas aparições só para tornar a partir. Esperara-a com indiferença, e não sentiu muita coisa ao tornar a vê-la. Sua ex-mulher queria-o de volta, e embora estivesse cansado das mulheres, cogitava tornar a casar-se com ela.

Na terceira noite, tentaram fazer amor, e Algren não conseguiu. Beauvoir entrou em pânico. “Foi tão lamentável que fiquei horrorizada”, escreveu a Sartre. “Fiquei remoendo o meu horror boa parte da noite, depois, assim que Algren acordou, tentei conversar

com ele; mas ele odeia explicações — apenas fugiu.”[57] Não tentaram de novo.

O calor na Wabansia avenue era escaldante, e a presença morosa de Algren, sufocante. Beauvoir fugia de casa, mas as ruas de Chicago eram tão quentes que ela achava que derreteria no asfalto. Os jornais estavam cheios de uma virulenta retórica anticomunista. Quando Beauvoir foi a um cabeleireiro do bairro, a moça que lhe lavou a cabeça perguntou em tom de acusação: “Por que vocês na França são todos comunistas?”[58]

No início de agosto, ela e Algren mudaram-se para Miller, no lago Michigan, onde Algren alugara um chalé. Dormiam em quartos separados. Beauvoir lutava para não se desesperar. O que estava fazendo ali? Será que nunca mais tornaria a se apaixonar? Tomava corydrane, uma anfetamina misturada com aspirina, para conseguir trabalhar em seu novo romance, o que depois se chamaria *Os Mandarins.* Alguns meses antes, quando estava em Paris desejando o corpo de Algren, ele (o autor de *Never Come Morning*) lhe perguntara sobre o título de seu livro. “Never Come Woman”, brincou ela.

O verão passou. Eles nadavam no lago. Uma tarde, Beauvoir quase se afogou. Esse incidente dramático reacendeu brevemente a antiga paixão dos dois. À noite, eles passeavam pela praia e se perguntavam se o mundo estaria prestes a terminar numa guerra nuclear. Beauvoir tentava se acalmar pensando em Sartre. “A novidade, o romance e a felicidade de minha vida são com você, meu companheirinho de vinte anos”, escreveu-lhe. Quanto a Vanetti e sua “avareza”, estava contente com o fato de Sartre pela primeira vez ter conseguido ser firme.

Ela contava as horas que faltavam para a volta. “Você verá que bela vida teremos de agora em diante, assim que estivermos juntos de novo”, disse a Sartre. Enquanto escrevia a carta, a lua estava velada por uma aurora laranja. Ela teve certeza de que estavam prestes a começar uma velhice feliz.

Notas

1 Os comentários citados são de *ADD* e da correspondência de Beauvoir com Sartre.

2 *ADD*, p. 10-11.
3 S de B a S, 31 de janeiro de 1947.
4 Ibid. (trad. modificada).
5 S de B a S, 11 de fevereiro de 1947.
6 Bernard Wolfe e Mezz Mezzrow, *Really the Blues* (Nova York): Random House, 1946).
7 "The Talk of the Town", *New Yorker*, 22 de fevereiro de 1947.
8 *ADD*, p. 72
9 H. E. F. Donohue, *Conversations with Nelson Algren* (Nova York: Hill & Wang, 1964), p. 180-81.
10 NA a S de B, 27 de fevereiro de 1947, arquivos particulares de Sylvie le Bon de Beauvoir.
11 S de B a S, 28 de fevereiro de 1947. Infelizmente, dali não saiu nada.
12 Ivan Moffat a S de B, 19 de março de 1947, arquivos particulares de Sylvie le Bon de Beauvoir.
13 Bair, *Simone de Beauvoir*, p. 377-78.
14 *Daily Princetonian*, 22 de abril de 1947, citado em Claude Francis e Fernande Gontier, *Les Ecrits de Simone de Beauvoir, Textes Inédits ou Retrouvés* (Paris: Gallimard, 1979), p. 147.
15 O livro foi retraduzido por Carol Cosman e reimpresso pela University of California Press em 1999, com um prefácio de Douglas Brinkley.
16 *ADD*, p. 330-34.
17 S de B a S, 14 de abril de 1947.
18 S a S de B, sem data [maio] de 1947, em *Quiet Moments*, p. 279.
19 *Os Mandarins*, p. 332-33.
20 Ibid., p. 351.
21 S de B a NA, 17 de maio de 1947, em Sara Holloway, Vanessa Kling, Kate LeBlanc e Ellen Gordon Reeves, *A Transatlantic Love Affair* [doravante *TLA*], notas e traduções de Sylvie Le Bon de Beauvoir (Nova York: New Press, 1997), p. 15.
22 S de B a NA, 4 de junho de 1947.
23 S de B a NA, 3 de julho de 1947.
24 *FC*, p. 142.
25 Quando Beauvoir voltou a Chicago no verão de 1950, o amigo de Algren, Art Shay, o conhecido fotógrafo de Chicago, levou-a para tomar banho em casa de uma amiga. Ela deixou a porta do banheiro entreaberta e Shay não resistiu à tentação de meter sua Leica no vão. Captou-a nua, de costas, parada na frente do espelho do banheiro, prendendo o cabelo. Quando ouviu o clique da máquina, ela riu: "Seu danado", disse. Ele a levou para casa, e como Algren ainda não havia voltado do pôquer, os dois ficaram conversando longamente no carro sobre literatura, amizade e fidelidade. (Gérard Bonal e Malka Ribowska, *Simone de Beauvoir* [Paris: Seuil/Jazz, 2001], p. 86; e revista *B &W*, nº 35, fevereiro de 2005, p. 67.)
26 *FC*, p. 171.
27 Minha entrevista com Sally Swing Shelley, Nova York, 15 de outubro de 2002.
28 S de B a NA, 6 de fevereiro de 1948.
29 S de B a NA, 4 de abril de 1948.
30 "First Call to International Opinion", novembro de 1947, *The Writings of Jean-Paul Sartre*, vol. I, compilado por Michel Contat e Michel Rybalka, trad. Richard C. McCleary (Evanston: Northwestern University Press, 1974), p. 205.
31 S de B a NA, 8 de abril de 1948. Sylvie le Bon omitiu essa carta do volume publicado. Deirdre Bair cita-a em *Simone de Beauvoir*, p. 373.
32 S a S de B, 18 de maio de 1948, em *Quiet Moments*, p. 283.
33 *FC*, p. 170.
34 Ibid., p. 173.
35 Beauvoir conta: "Eles passaram o mês inteiro viajando juntos pelo sul da França, estava

com raiva dela por causa daquele capricho, trocara a culpa por ressentimento; para ela, foi um bom negócio" (*FC*, p. 172).
36 S de B a NA, 26 de julho de 1948.
37 Sylvie Le Bon, na qualidade de editora da coletânea, cita as cartas de Algren em *TLA*, p. 241.
38 S de B a NA, 3 de dezembro de 1948.
39 S de B a NA, 1º de novembro de 1948.
40 Sylvie Le Bon de Beauvoir. "Avant propos", *Correspondance Croisée 1937-1940: Simone de Beauvoir et Jacques-Laurent Bost* (Paris: Gallimard, 2004), p. 12.
41 Beauvoir inspirou-se no livro de Gunnar Myrdal *An American Dilema*, sobre a experiência de ser negro na América. Myrdal discute a mitologia do "branco" e do "negro" de forma semelhante.
42 Minha entrevista com Michelle Vian, Apt, sul da França, 11-12 de julho de 2002. Ela contou a mesma história a Michel Rybalka em julho de 1945.
43 Dizem que Carole se parece muito com André Reweliotty.
44 *FC*, p. 197.
45 Ibid., p. 200-202.
46 S de B a S, julho de 1950.
47 Minha entrevista com Michelle Vian, 12-14 de outubro de 2003.
48 Minha entrevista com Michelle Vian, 11 e 12 de julho de 2002.
49 Entrevista de Michel Rybalka com Michelle Vian, arquivos particulares de Rybalka, 3-7 de julho de 1985.
50 Entrevista de Michel Rybalka com Michelle Vian, arquivos particulares de Michel Rybalka, 3-7 de julho de 1985.
51 *FC*, p. 229.
52 S de B a NA, 3 de maio de 1950.
53 S de B a NA, 3 de maio de 1950.
54 Entrevista de Michel Rybalka com Michelle Vian, 3-7 de julho de 1985.
55 Ambos os livros foram publicados por Paul Morihien. O *L'Amérique au Jour le Jour*, de Beauvoir, foi republicado pela Gallimard em 1954.
56 Bost a S de B, 5 de agosto de 1950, arquivos de Sylvie Le Bon de Beauvoir.
57 S de B a S, julho de 1950.
58 *FC*, p. 237.

NOVE

OLHOS AZUIS CRISTALINOS

Janeiro de 1951 – Dezembro de 1954



Sartre mudara, era verdade. Sempre trabalhara muito, mas agora, com a ajuda do corydrane, transformara-se numa máquina de trabalhar. As noites em que ele e Simone iam ao cinema eram coisa do passado, assim como os passeios que davam por Paris. Ele não tinha tempo.

O corydrane, um estimulante ou "bolinha", era muito usado nos anos 1950. Mas enquanto os jornalistas tomavam meio ou um comprimido para se manter acesos, Sartre tomava quatro. Quase todo mundo os tomava com água. Sartre os mastigava. Tinham um gosto ruim, muito amargo, e quer fosse masoquismo ou não, Sartre gostava de sofrer. Além do corydrane, fumava dois maços de Boyard sem filtro por dia e consumia quantidades industriais de café e chá. À noite, bebia meia garrafa de uísque, depois tomava quatro ou cinco soníferos para apagar.

Cada vez mais, ele achava que escrever era uma busca fútil e complacente num mundo em que havia crianças morrendo de fome e injustiça em toda parte. Já não lia os romances de que Beauvoir gostava: não ligava mais para belas frases. Estava convencido de que a política era importante; a literatura, não.

Tomava corydrane para afastar a ansiedade gerada pela absoluta irrelevância do que fazia. Sob a influência da droga, em vez de escrever na angústia, fazia-o no auge da excitação. Durante quatro horas seguidas, produzia uma página atrás da outra, quase sem

conseguir acompanhar a caneta, levado pela sensação do próprio poder.

Deixara de lado temporariamente um enorme tomo filosófico que chamava de *Ética*. Seu ensaio sobre Genet, que começara como um prefácio, virara um livro grosso, algo entre filosofia e literatura, um retrato monumental que deixaria os leitores admirados e desconfortáveis ("Quem pode engolir uma coisa dessas?", perguntava Cocteau em sua revista, notando a "vontade [de Sartre] de ser o centro das atenções em literatura, e tornar todo o resto insípido".[1]) Ele começara um livro sobre a Itália, um país que amava com paixão. Sua intenção, como sempre, era falar de "tudo" (história, política, problemas sociais, religião, arte, arquitetura e turismo), e estava gostando de escrevê-lo, mas foi vencido pela culpa. A política chamava; o projeto lhe pareceu uma indulgência e foi permanentemente arquivado. Seus escritos sobre suas cidades preferidas — Veneza, Capri, Roma e Nápoles —, publicados postumamente, mostram o auge da veia poética e da sensualidade de Sartre. Ele gastou páginas descrevendo o barulho que as gôndolas faziam.[2]

No início de 1951, ele deixou de lado vários projetos para escrever uma peça. Seu secretário, Jean Cau, observou que Sartre parecia não gostar de escrever peças tanto quanto outros gêneros, e que cada vez que começava uma, isso causava um trauma importante na roda sartreana. Então por que o fazia? Antes escrevera um papel para Olga; agora era para Wanda. "Outros dão jóias, ele dá peças", diz Cau.[3]

Wanda amava o palco, e demonstrava um talento genuíno. Atualmente estava envolvida com um jovem, mas, para Sartre, continuava sendo parte da família, parte da prole de mulheres, incluindo sua mãe, que precisava de apoio e proteção. Via-a regularmente. Quando viajava, escrevia-lhe cartas afetuosas e cheias de humor. Financeiramente, ela dependia totalmente dele.

A escrita de *O Diabo e o Bom Deus* revelou-se um pesadelo. Sartre trabalhava obsessivamente, mas não terminou no prazo e não parava de acrescentar cenas. Começaram os ensaios e Sartre ainda não havia terminado a peça. Simone Berriau, a diretora do Théâtre Antoine, estava furiosa com ele. Queria cortes, não acréscimos.

Sartre recusava-se a obedecer. As lágrimas, os gritos e a raiva eram noticiados na imprensa. Quando a cortina subiu na noite de estréia, 7 de junho de 1951, a peça, que finalmente fora reduzida para quatro horas, já era o assunto da temporada teatral de Paris. Wanda, com o pseudônimo de Marie Olivier, atuava ao lado de Pierre Brasseur e Maria Casarès, dois dos atores mais conhecidos da França. Todos os três foram elogiados. A peça foi um triunfo.

A família tinha que ter tato ao brindar ao sucesso de Wanda. Olga, que em geral era considerada uma atriz muito melhor que a irmã mais jovem, sofrera uma grande humilhação. Após a tuberculose, ficara impaciente para retomar a carreira e fizera pequenos papéis com sucesso. Mas também desejava estar na nova produção de *As Moscas*. Era a primeira Electra, e não queria ver ninguém mais no papel que Sartre escrevera para ela. O médico opôs-se firmemente a que ela aceitasse já um papel tão difícil. Olga insistiu. Pouco antes da noite de estréia, a imprensa noticiou que o diretor, Raymond Hermantier, não achava que Olga estivesse à altura do papel, mas que Sartre ordenara-lhe que a mantivesse.

Na verdade, Olga não se recuperara. Seu antigo fogo não estava ali. Seu fôlego a deixava na mão, e sua voz ainda não estava forte. Os críticos desancaram-na. Olga ficou arrasada. Para tristeza da família, ela jurou nunca mais tornar a pisar num palco. Manteria a palavra, e, pelo resto da vida, sentiu-se um fracasso.

Boris Vian andava dizendo a todo mundo que Sartre lhe roubara a mulher. Boris agora queria o divórcio. Michelle estava apavorada. Não queria ser envolvida num escândalo. E se fosse declarada adúltera, Boris poderia ganhar a guarda dos filhos.

Quando saía com Sartre, Michelle se disfarçava com óculos escuros e chapéu. Quando viajavam, eram obrigados a ficar em quartos separados. “Parecia um romance policial”, recorda Michelle Vian. “Um negócio sujo e sórdido.”[4] Em Capri, ficou alarmada quando um fotógrafo da imprensa pulou na frente deles e começou a fotografar. Em Roma, um detetive particular abordou-os: “Procuramos *Monsieur* Sartre, que está com Madame Vian.” Sartre precisou de um bom maço de notas para suborná-lo.

Sartre disse a Michelle que não se preocupasse; cuidaria dela e dos filhos. “É sensual lhe dar dinheiro”, disse.[5] Contratou um advogado de primeiro time para representá-la. A brincadeira de gato-e-rato continuou até sair o divórcio, em setembro de 1952, com Boris sendo declarado a parte culpada.

Beauvoir sentia-se desolada. Sartre jamais parecera tão distante dela. Ele lia muitíssimo, sobretudo sobre o marxismo, forçando o raciocínio ao máximo, como gostava de fazer. Chamava isso de “quebrar a cabeça”.[6] Com grande entusiasmo, dizia-lhe para ler este ou aquele livro, mas Beauvoir já estava mais do que farta de ler, e não se interessava particularmente por política. Não se iludia achando que poderia mudar o mundo dessa forma.

Estava tendo dificuldades imensas com *Os Mandarins*. Sartre apontara os problemas no primeiro esboço, e ela não tinha nenhuma certeza de ser capaz de saná-los. Às vezes, parecia tão difícil unir os fios que ela se perguntava se deveria desistir e começar algo novo. A atitude desdenhosa de Sartre em relação à ficção não ajudava.

Em setembro de 1951, Simone voltou a Chicago. Ela e Algren haviam decidido estar juntos em outras bases. Passaram um mês tranqüilo no chalé do lago Michigan. Quando se despediram, Beauvoir disse o quanto achara bom o fato de terem conseguido conservar a amizade. “Não é amizade”, retrucou Algren. “Eu nunca poderia lhe dar menos que amor.”[7] Beauvoir chorou de soluçar durante toda a viagem para Nova York, onde escreveu-lhe do hotel: “Sinto-me totalmente em suas mãos, absolutamente sem defesa, e, por uma vez, implorarei: guarde-me no coração ou me expulse, mas não deixe que eu me agarre ao amor e de repente descubra que ele acabou.”[8]

Beauvoir ganhou um bom dinheiro com *O Segundo Sexo*, e se dera de presente um toca-discos, um aparelho enorme que Boris Vian a ajudara a escolher. Ela e Sartre passavam uma ou duas noites por semana na rue de la Bûcherie ouvindo jazz e música clássica contemporânea — Schönberg, Webern e Bartók. (Os discos eram de 78 rotações naquela época, e só duravam cinco minutos.) Em novembro, Beauvoir comprou um carro. “Uma mulher não pode

viver sem alguma paixão", escreveu a Algren. "Como o amor está proibido, decidi dar meu coração sujo a algo não tão sacana quanto um homem: e me dei um belo carro preto."[9]

A idéia de que sua vida amorosa havia acabado lhe parecia intolerável. Sartre estava vivendo com Michelle. Bost (sem o conhecimento de Olga) estava tendo um caso tórrido com a escritora Marguerite Duras. E o único sonho de Beauvoir, deitada em seu "leito virginal", era seu "belo carro reluzente".[10]

Aos 44 anos, estava convencida de que fora "relegada à terra das sombras".[11] Era uma sensação de amputação. Como poderia aceitar a idéia de nunca mais estar nos braços de um homem? Disse a si mesma, por dignidade: "Odeio a idéia de idosas com corpos idosos agarrando-se ao amor."[12]

Em *O Segundo Sexo,* já descrevera a situação difícil das mulheres idosas, em linguagem forte. A tragédia, sob seu ponto de vista, era que as mulheres deixavam de ser sexualmente desejáveis muito antes de perderem o desejo sexual. Nem bem atingiam o pleno desenvolvimento erótico, já observavam os primeiros sinais da idade no espelho. "Muito antes de uma mutilação eventual, a mulher é perseguida pelo pavor de envelhecer."[13]

Em janeiro de 1952, a datilógrafa de Beauvoir, uma mulher de sua idade, morreu de câncer de mama. Pouco depois, Beauvoir notou um caroço num dos seios. Entrou em pânico. Seu médico disse achar que não era nada, mas que ela voltasse dali a seis semanas. A essa altura, em meados de março, o caroço crescera, e ela sentia pontadas no seio direito. O médico apalpou o caroço e disse que ela precisava fazer uma biópsia. Se fosse um tumor maligno, será que concordaria com a ablação do seio?

> Repeti a Sartre, com a voz embargada, o que o médico disse. A maneira como me consolou mostra as nuvens que baixavam em nosso horizonte; se o pior acontecesse, eu poderia ter no mínimo mais 12 anos de vida; em 12 anos, a bomba atômica já teria acabado com todos nós.

Na véspera da operação, uma enfermeira raspou-lhe as axilas. "Para o caso de ser preciso tirar tudo", disse. Quando Beauvoir

acordou, após a cirurgia, uma voz lhe dizia que estava tudo bem. Ela tornou a adormecer, desta vez “embalada por anjos.”[14]

O conflito da Guerra Fria se intensificara. Os americanos bombardeavam a Coréia do Norte e pressionavam o governo francês a prosseguir com a guerra da Indochina. Sartre estava convencido de que os principais agressores do mundo eram os americanos, e que os soviéticos realmente queriam a paz. Além do mais, chegara à conclusão de que, na França, o Partido Comunista era o único grupo que de fato se preocupava com os trabalhadores. Em Roma, em maio de 1952, ele ouviu a notícia de que o governo francês havia reprimido brutalmente uma demonstração comunista em Paris, e prendera o líder Jacques Duclos, com base em acusações falsas. Sartre ficou fora de si. Referia-se a esse episódio como sua “conversão” ao comunismo. “Quando voltei às pressas a Paris, eu precisava escrever, do contrário, morreria sufocado”, disse mais tarde.[15]

Beauvoir nunca vira Sartre demonstrar tanta urgência para escrever. “Em duas semanas, passou cinco noites em claro e, nas outras, só dormiu umas quatro ou cinco horas”, disse numa carta a Poupette.[16] Exatamente quando a maioria dos intelectuais ocidentais se afastava do stalinismo, Sartre escrevia *Os Comunistas e a Paz*, uma viva defesa do Partido Comunista. Nos quatro anos seguintes, tornar-se-ia um “companheiro de viagem” — um simpatizante mas não um membro efetivo do partido. Para ele, os trabalhadores deveriam aderir ao partido para defender seus interesses, mas os intelectuais precisavam conservar a independência.

Na primavera de 1952, Beauvoir percebeu que nunca aguardara com tanta ansiedade as tardes de domingo, quando o pessoal da *Les Temps Modernes* se espremia no estúdio de Sartre na rue Bonaparte. Ansioso para tornar a revista mais política, Sartre convidara alguns jovens marxistas para o conselho editorial — homens que, como ele, eram chegados ao partido sem pertencer a ele. Seu secretário, Jean Cau, sugerira seu amigo Claude Lanzmann. Beauvoir logo simpatizou com Lanzmann, e gostava de suas opiniões nas reuniões.

“Ele dizia as coisas mais extremas com a maior naturalidade”, conta, “e seu raciocínio me lembrava Sartre. Seu humor falsamente simples animava muito as sessões.”[17]

Não foi só a inteligência dele que Beauvoir achou atraente. Lanzmann era um belo homem de 27 anos (a mesma idade de Cau), cabelos escuros e olhos azuis cristalinos. Beauvoir estava nostálgica. Quando Cau confidenciou-lhe que Lanzmann achava-a bonita, ela pensou que fosse brincadeira. Depois disso, reparou nos olhares de Lanzmann para ela nas reuniões.

No fim de julho, Bost e Olga deram uma festa em seu apartamento, embaixo do de Beauvoir, na rue de la Bûcherie. O grupo ia se separar durante o verão. Bost e Jean Cau haviam sido contratados para co-escrever um guia de viagem sobre o Brasil, e já iam viajar para o Rio. Sartre e Beauvoir passariam dois meses na Itália. Claude Lanzmann faria sua primeira viagem a Israel.

Beberam muito uísque naquela noite. Lanzmann olhava com olhos de bêbado para Beauvoir. Pela primeira vez, ela fez questão de falar com ele. Na manhã seguinte, tocou o telefone em seu apartamento. “Posso levá-la ao cinema?” Beauvoir vibrou. “Que filme?”, perguntou. A voz de Lanzmann era doce. “O que você quiser.”[18]

Beauvoir desconversou nervosamente. Tinha muito que fazer antes de viajar. Lanzmann insistiu, e ela concordou em tomar um drinque na tarde seguinte. Para seu espanto, ao desligar o telefone, começou a chorar.

Os dois conversaram a tarde toda e pela noite adentro, e combinaram jantar no dia seguinte. Lanzmann era sedutor. Beauvoir protestou dizendo ser 17 anos mais velha que ele. Lanzmann retrucou que não pensava nela como sendo velha. Na segunda noite, ficou no apartamento dela na rue de la Bûcherie. E na seguinte também. Quando Beauvoir partiu para Milão em sua pequena Simca Aronde, Lanzmann deu-lhe adeus da calçada. Beauvoir, que era famosa na família por suas habilidades como navegadora, perdeu-se na periferia tentando encontrar a route Nationale 7. Estava feliz por ter uma longa viagem pela frente “para recordar e sonhar”.

Dois dias depois, ainda tinha a cabeça nas nuvens quando deu carona para duas garotas inglesas. Chovia e a estrada estava

escorregadia. Ela havia acabado de comentar que precisava ter muito cuidado quando o carro derrapou e saiu da estrada, derrubando um marco de quilometragem. O marco salvou-lhes a vida. Deixou as garotas em seu destino e parou num posto para abastecer; quando partiu, esqueceu a bolsa no teto do carro. Ao perceber que a bolsa não estava no assento ao seu lado, parou o carro e voltou correndo pela estrada, apavorada. Um ciclista vinha ao seu encontro, com a bolsa estendida. “Estou perdendo a cabeça”, pensou Beauvoir consigo mesma.

Sartre fora de trem para Milão, e os dois se encontraram no Café della Scala, na famosa praça. Sartre nunca andara de carro sozinho com ela, e Beauvoir receou que ele ficasse impaciente com sua falta de jeito. Aconteceu o oposto. Nas retas, ele a incitava imprudentemente: “Ultrapasse, ande, ultrapasse.”[19]

Foi um verão excepcionalmente quente. Beauvoir queria visitar museus, galerias de arte e igrejas. Tudo o que Sartre queria era trabalhar. Chegaram a um meio-termo. De manhã, faziam turismo, e depois do almoço, voltavam aos respectivos quartos, onde, àquela altura, fazia um calor sufocante. Enquanto o resto das pessoas fazia a sesta, eles se atiravam ao trabalho. Sartre trabalhava com uma intensidade febril em *Os Comunistas e a Paz.* Beauvoir estava às voltas com *Os Mandarins.*

A intimidade de Sartre com os comunistas preocupou Beauvoir a princípio. Será que não envolveria concessões importantes? Ela e Sartre acreditavam firmemente que era responsabilidade dos intelectuais dizer a verdade, e isso significava permanecer independentes. Lanzmann e os outros membros recentes da *Les Temps Modernes* tinham outra opinião: ficavam satisfeitos quando Sartre falava a favor do partido. Beauvoir conta: “Fui colocada na posição de ter que questionar minhas reações mais espontâneas, em outras palavras, meus preconceitos mais antigos.”[20]

Se Beauvoir finalmente foi persuadida pelas boas relações de Sartre com o Partido Comunista francês (o mais stalinista de todos os partidos comunistas da Europa Ocidental), outros amigos não foram. Merleau-Ponty, que já estivera à esquerda de Sartre, agora acusava-o

de “ultrabolchevismo”. Tiveram uma briga, e Merleau-Ponty, que dava a alma à revista há anos, pediu demissão da *Les Temps Modernes*. Beauvoir defendeu Sartre num ensaio chamado “Merleau-Ponty e o pseudo-sartreanismo”.

O assunto de Paris naquele verão era a altercação pública entre Sartre e Camus. Em seu livro *O Homem Revoltado*, Camus denunciava o totalitarismo stalinista de Sartre e atacava-o veladamente por simpatizar com esta tendência. Para Camus, o “rebelde” possuía uma mente independente, enquanto o “revolucionário” era uma personalidade autoritária que invariavelmente racionalizava o assassinato. Camus afirmava que a violência é sempre injustificável, mesmo como meio para se chegar a um fim.

Em reuniões da *Les Temps Modernes*, havia discussões acaloradas sobre o livro de Camus. Ninguém gostava do livro; quem iria resenhá-lo? Finalmente, Francis Jeanson, um dos jovens marxistas que recentemente se juntara à equipe, escreveu uma resenha que era muito mais violenta do que Sartre teria gostado. Mas ele a publicou sem modificações.

Camus sentiu-se traído. Respondeu numa carta aberta de 17 páginas, endereçada não a Jeanson, mas sim a *Monsieur le Directeur*. Camus estava cansado de ouvir intelectuais de gabinete lhe ensinarem como ele deveria pensar, disse. Para ele, ao aderir ao stalinismo, Sartre inscrevera-se na servidão e na submissão.

Sartre respondera com uma diatribe de vinte páginas. “Meu caro Camus”, começava, “nossa amizade não foi fácil, mas sentirei falta dela.”

> Sua combinação de vaidade e vulnerabilidade enfadonhas sempre fez com que as pessoas não tivessem coragem de lhe dizer verdades nuas e cruas. O resultado é que você se tornou vítima de uma horrível arrogância, que esconde seus problemas íntimos (...) Cedo ou tarde, alguém lhe diria isso. Ainda bem que fui eu.[21]

A carta de Camus fora contida; a de Sartre era brutal. Para Camus, recorda Robert Gallimard, a ruptura com Sartre foi como o

fim de um caso amoroso.[22] Beauvoir deu apoio a Sartre. “Pessoalmente, esse corte nas relações deles não me afetou”, contaria em suas memórias. “O Camus de quem eu gostava já deixara de existir há algum tempo.”[23] Nem Sartre nem Beauvoir tornaram a falar com Camus.

Claude Lanzmann recebeu cinco cartas apaixonadas de Beauvoir na Itália, antes de sentar-se, em meados de agosto, para escrever uma longa resposta. Se ele já não estivesse apaixonado por ela, disse-lhe, então suas cartas fariam com que se apaixonasse. Ele andara trabalhando como um condenado para o *France Dimanche.* Depois, quando ia lhe escrever, seu pai apareceu insistindo para que fossem pescar em algum lugar fora de Paris. Fora bastante enfadonho, e ele não pescara nada.

Era um alívio para ele saber que a idéia de amar um louco não assustava Beauvoir. No outono, quando tornaram a se encontrar, ele lhe explicaria sua “loucura”. Reservara sua passagem de navio e viajaria para Israel no fim de agosto. Uma vez lá, tentaria escrever-lhe todas as noites. Quando disse que queria reler todos os livros dela, ela respondeu que gostaria de agradá-lo do jeito que era. Ele queria que ela soubesse que a amava como ela era. Sempre a amaria, mesmo se de agora em diante ela só escrevesse livros execráveis. Mas o fato era que ele também gostava de seus livros. Em uma de suas cartas, ela lhe prometia que o amaria até sua volta. Isso não era muito generoso de sua parte. Ele faria tudo o que estivesse a seu alcance para estender a temporada.[24]

Beauvoir conta que quando Lanzmann voltou a Paris, duas semanas depois dela, “nossos corpos se reencontraram com alegria”.[25] Lanzmann ficou sem dinheiro depois de suas viagens, e Beauvoir logo sugeriu que ele fosse morar com ela. Eles viveriam juntos pelos sete anos seguintes.

A princípio, a empolgação daquele “garoto novo” debaixo de seu teto fez Beauvoir perder sua famosa concentração. “Passei o mês todo meio tonta”, contou a Algren.[26] Pela manhã, os dois trabalhavam

lado a lado na rue de la Bûcherie; à tarde, Beauvoir trabalhava na casa de Sartre. Lanzmann levou mais de um mês para se adaptar à sua nova situação. “Durante muito tempo, eu brincava de trabalhar”, diz.[27]

Ficara fascinado com Israel, e Beauvoir e Sartre encorajaram-no a escrever um livro que combinasse reportagem e memórias pessoais. O que significara para ele ter sido criado num país ocupado pelos nazistas? O que sentira e observara ao viajar pelo novo Estado de Israel, que lutava para sobreviver? Lanzmann estava empolgado com a idéia.

O apartamento da rue de la Bûcherie era pequeno, e com Lanzmann trabalhando ali também, logo havia pilhas de livros pelo chão. Só dava para eles comerem fora, muitas vezes no café da praça.

Lanzmann insistia em tratar Beauvoir por *tu*. Não poderia ser seu amante e usar com ela o tratamento formal de *vous,* disse. Anos depois, Beauvoir disse a um entrevistador:

> Sempre achei muito difícil tratar as pessoas com familiaridade. Não sei por quê. Eu fazia isso com meus pais e isso deve ter-me permitido a fazer o mesmo com os outros. Minha melhor amiga Zaza sempre usava o tratamento familiar com as amigas, mas, comigo, usava o formal porque era o que eu usava com ela (...) Uso o tratamento formal com quase todo mundo, a não ser com uma ou duas pessoas que me impõem o familiar.[28]

Sartre comentou o fenômeno numa entrevista com John Gerassi:

> Sartre: O Castor (...) não gosta de usar “tu” (...) Então hoje nos tratamos por “vous”. Nunca nos tratamos por “tu”. Nem uma só vez. É engraçado, não?
> John Gerassi: Muito engraçado. É meio esquisito.
> Sartre: Sim, bem, é iniciativa dela, porque, quando penso sobre isso, sempre, com todas as mulheres com quem tive um relacionamento, usei a forma de tratamento familiar “tu”. Talvez não no primeiro dia, mas tratava-as por “tu”. É o normal. Mas

não para ela. Veja bem, não pense que isso crie a mínima distância. Nunca tive mais intimidade com uma mulher do que com o Castor. Mas nunca nos tratamos por “tu”.[29]

Era particularmente engraçado nessas raras ocasiões — como o *réveillon* —, quando o grupo deles se reunia. Sartre tratava Bost, Lanzmann, Beauvoir e Olga por “*vous*”, e Wanda e Michelle por “*tu*”. Beauvoir tratava Lanzmann por “*tu*”, e o resto das pessoas por “*vous*”. Bost e Olga se tratavam por “*vous*”, a não ser que estivessem brigando, quando usavam o “*tu*”. Em suas cartas a Olga, Bost às vezes mudava no meio da frase: “*Je vous aime. Je t’aime.*”[30]

Claude Lanzmann era o protótipo do“jovem zangado”. Beauvoir e Sartre logo se referiam a ele de forma carinhosamente zombeteira como o “Sujeitinho”. Ele era teimoso e obstinado, e ao mesmo tempo propenso a adotar as opiniões das pessoas a quem admirava. Quando estava triste, chorava. Quando estava com raiva, podia ter acessos de vômito. “Sartre, a maioria dos meus amigos e eu éramos todos puritanos; controlávamos nossas reações e externávamos muito pouco nossas emoções”, conta Beauvoir. “A espontaneidade de Lanzmann me era estranha. No entanto, era pelos excessos que ele parecia próximo a mim.”[31]

Lanzmann definia-se antes de tudo como judeu. Nada era mais importante para ele. Orgulhava-se de ser judeu, e escandalizava-se com o anti-semitismo a que as pessoas haviam se sujeitado ao longo dos séculos. “Quero matar, o tempo todo”, dizia a Simone. Às vezes, acordava de um pesadelo gritando: “Vocês são todos *kapos*!”[1]

Apesar do estímulo de Beauvoir, Lanzmann acabou tendo que abandonar seu livro. “Ele não tinha a perspectiva necessária para escrever sobre si mesmo”, diz ela. “Começava muito bem, mas depois topava com obstáculos internos.”[32]

Lanzmann sem dúvida atribuía sua “loucura” a seu passado difícil. Com dois irmãos menores, tinha 12 anos quando seus pais se separaram. Os filhos assistiram a cenas domésticas violentas. Sua mãe, Paulette, fora para Paris, deixando os três filhos com o pai, que então morava em Brioude, uma cidadezinha no Massif Central.

Quando Claude tinha 14 anos, estourou a guerra. Durante a Ocupação, por longos períodos, os filhos não sabiam se a mãe estava viva ou morta.

Como o pai, Claude e Jacques Lanzmann foram ativos na Resistência. Após a Libertação, os irmãos foram para Paris, enquanto Evelyne, a irmã mais moça, ficou com o pai e a madrasta em Brioude. Claude estudou no Lycée Louis-le-Grand, onde se preparou para o exame de admissão à Ecole Normale, e fez amizade com os colegas Jean Cau e Gilles Deleuze. Jacques estudava arte.

Claude Lanzmann diz ter sido em Paris, depois da guerra, que ele descobriu até onde foi a cumplicidade dos franceses com o genocídio judeu. Andava às voltas com fortes emoções. Como poderia ficar na França no meio dessa gente? Quando estava no ensino médio em 1943, ficara empolgadíssimo com *O Ser e o Nada* de Sartre. Em 1946, o livro novo de Sartre, *Portrait de l'Antisemite*, marcou-o mais profundamente ainda. Aquele Sartre, que não era judeu, parecia entender os judeus por dentro. Seu ensaio era também uma análise e uma denúncia brilhantes do anti-semitismo. "Foi por causa desse livro que fiquei na França", diz hoje Lanzmann.[33]

Nos fins de semana, Claude e Jacques passavam muito tempo no apartamento de dois quartos entulhado de móveis antigos, livros raros e arte surrealista, onde sua mãe Paulette morara com o segundo marido, o poeta judeu iugoslavo Monny de Boully. Quando os rapazes entravam em casa, o generoso Boully enchia-os de presentes. Paulette colocava um prato de comida diante deles, trazia uma cadeira para perto deles e fazia-lhes mil perguntas.

Os Boullys passaram a guerra toda escondidos — acampados em porões e sótãos de amigos, e sempre se mudando. Contavam muitas vezes a história de quando estiveram mais perto da morte. Um dia, em junho de 1943, aventuraram-se a sair para almoçar com seu grande amigo Max Jacob, o poeta. Agentes da Gestapo que passavam olharam para Paulette, que tinha um nariz semítico pronunciado, e prenderam os dois. Após um longo interrogatório, dois oficiais levaram Boully para examinar-lhe o pênis. Apavorado, ficou com o pênis do tamanho de um amendoim, oculto na pele. De fato, era circuncidado, mas os oficiais, que não eram médicos, soltaram-no. Os

Boullys salvaram-se milagrosamente. Max Jacob não teve tanta sorte. Morreu um ano depois em Drancy.[34]

Nas tardes de sábado, os Boullys recebiam no apartamento atulhado na rue Alexander-Cabanel. Pintores, escritores e intelectuais, incluindo Cocteau, Aragon e Paul Eluard, iam beber e conversar naquele salão aconchegante e enfumaçado. A comida continuava escassa nos anos do pós-guerra, mas a hospitaleira Paulette sempre conseguia oferecer algo para comer. Claude e Jacques Lanzmann estavam quase sempre lá com seus amigos. "Éramos jovens incrivelmente narcisistas", recorda Olivier Todd. "Achávamos que se conhecia alguém importante, você também era importante."[35]

Paulette, que tinha enormes ambições para os filhos, sobretudo o mais velho, era conhecida por todos como "A Mãe". Tinha uma gagueira acentuada. Segundo Serge Rezvani, um jovem artista amigo de Jacques Lanzmann, isso lhe dava um fascínio que ela sabia como manipular:

> Seus olhos, realçados por um risco preto grosso, captavam seu olhar e não o soltavam. Uma imensa convulsão a sacudia e sua boca muito pintada em forma de coração proferia a eterna primeira sílaba, da qual raramente ela ia além. Monny tentava terminar por ela, mas ela continuava tentando falar e prender sua atenção, punha a mão em seu rosto e você não podia virar a cabeça. Seu intenso desejo de contato era exaustivo. Quantas vezes, após falar com A Mãe, senti as pernas bambas como se tivesse corrido quilômetros![36]

Aos 16 anos, a irmã de Jacques e Claude, Evelyne, foi para Paris e ficou morando no quarto de empregada em cima da casa dos Boullys, no sótão. Claude visitara Brioude com o amigo Gilles Deleuze a reboque. Ele idolatrava Deleuze, que imediatamente virara o novo deus de Evelyne. Ela mudou-se para Paris para estar perto dele. Foram amantes por um breve período. Quando ele a rejeitou, ela parou de comer e começou a definhar. Após alguns meses desse quadro, a mãe e o padrasto deram dinheiro ao jovem e belo Rezvani, implorando-lhe para sair com ela e animá-la.

Na antiga tradição judaica, os Boullys eram alcoviteiros. Como conta Serge Rezvani, ele e Evelyne foram insistentemente pressionados. Embora não estivessem apaixonados, acabaram se casando, Evelyne tinha 18 anos. Rezvani, 19.

Claude Lanzmann e seus amigos estavam sempre inventando maneiras incríveis de ganhar dinheiro. Em suas memórias, Simone de Beauvoir conta com humor que, aos vinte anos, no último ano do Lycée Louis-le-Grand, Claude Lanzmann "alugou uma batina e saiu batendo à porta das pessoas ricas coletando dinheiro".[37] Rezvani conta que Claude pegou o trem para Deauville e postou-se na porta do cassino, esperando tirar algum dinheiro de vencedores embriagados, e que costumava brincar que ia se casar com uma "velha rica".[38] Jacques Lanzmann confessa que todos os três irmãos Lanzmann costumavam roubar dinheiro de Monny de Boully, que já era muito generoso com eles.[39] Jacques lembra-se que Claude escreveu para Cocteau fingindo ter uma doença de pulmão e pediu dinheiro para se tratar. Cocteau respondeu recomendando um médico e ofereceu-se gentilmente para pagar a conta. Dali não saiu nada.[40]

Jean Cau teve a idéia de escrever para escritores famosos oferecendo-se como secretário. Enviou umas 12 cartas. Para espanto dos amigos, recebeu uma resposta. Apenas uma. Na primavera de 1946, quando a mania do novo existencialismo estava no auge e Jean-Paul Sartre era famoso como um astro de cinema, Jean Cau, aos 21 anos, tornou-se seu secretário.

Lanzmann teve que se contentar com o trabalho mais modesto de revisor no tablóide conservador *France Dimanche.* Pagava bem e tinha a virtude de lhe deixar tempo para escrever a sério, mas Lanzmann ficou irritado e impaciente. Achava que só estava marcando passo.

Jean Cau já trabalhava com Sartre havia seis anos quando conseguiu arranjar uma oportunidade para Lanzmann, fazendo com que ele fosse convidado para o conselho editorial da *Les Temps Modernes.* Semanas depois, eufóricos, os dois amigos fizeram uma aposta. Qual deles conseguiria seduzir Simone de Beauvoir?

"Ele ganhou", contou Jean Cau a Olivier Todd. "Sorte minha."[41]

Se o caso com Simone de Beauvoir começou como uma aposta oportunista, quem o conhecia bem acha que Lanzmann logo caiu na própria armadilha. Seu irmão Jacques, e sua futura mulher, Judith Magre, não têm a menor dúvida de que Claude amava Simone de Beauvoir. “Ele podia não estar *apaixonado*”, diz Judith. “Não posso dizer. Mas sei que amava o Castor. Seria sempre uma ligação muito, muito profunda.”[42]

Aos 27 anos, Lanzmann entrara num mundo novo. Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir eram internacionalmente famosos, envolvidos numa aura sensual de escândalo. Sempre que entravam num café ou restaurante, eram reconhecidos. “Imagine o que foi para mim conhecer Sartre depois da guerra, tendo-o descoberto durante a guerra”, diz Lanzmann. “Ele era um foguete, com uma vida e uma inteligência fascinantes (...) Fazia as idéias parecerem fáceis. Nunca era abstrato.”

Lanzmann admite que havia perigos para os jovens acólitos de Sartre. “A palavra de Sartre era como a de um evangelista (...) Ele demolia severamente as pessoas. E isso induzia os outros a uma certa preguiça de julgamento (...) Bastava Sartre dizer: ‘Ele é um filho-da-mãe’ ou ‘Ele é um cachorro’. Não fazíamos o esforço de olhar para além disso.”[43]

Lanzmann não acha que Beauvoir teve o mesmo efeito esmagador. Ao contrário, ela abriu seus horizontes de modo espetacular. Tinha 44 anos, estava na flor da idade e era cheia de vitalidade. Com ela, ele descobriu o prazer de viajar, partir num carro com mapas e guias, e explorar novos lugares. Ficava impressionado com sua alegria de viver. Nunca vira ninguém trabalhar tanto quanto ela, nem conhecera alguém com tamanha capacidade de ser feliz. Quando dizia que faria algo, ela fazia. “Era a pessoa mais confiável que se possa imaginar.”

Beauvoir amava-o profundamente — Lanzmann chama-a de “*une grande amoureuse*” — e no entanto ela não tolhia sua liberdade. Desde o início, Beauvoir insistia para que ele saísse também com outras mulheres, e ele saía. “Você podia lhe contar tudo”, diz ele. “Ela quase nunca fazia julgamentos morais. Bem, não com quem ela amava. Sua primeira reação era forçar-se a compreender, e colocar-se na pele do outro.”

Foi um choque para Lanzmann descobrir a vulnerabilidade de Beauvoir. “Vi-a muitas vezes soluçando”, recorda. “De repente, ela era invadida por uma tempestade de emoção. Quase sufocava de tanto soluçar. Era assustador.” Ele aceita a explicação dela de que não conseguia aceitar a idéia de mortalidade.

Claude Lanzmann estava acostumado a ver a mãe interrogar as pessoas. Todavia, ficou perplexo com a política de “contar tudo” de Beauvoir e Sartre. Beauvoir esperava o mesmo dele, e Lanzmann nem sempre estava disposto. De vez em quando, dizia-lhe secamente: “Não dá!” Ele preferia que as coisas chegassem no devido tempo talvez um pouco depois, após um copo de vinho ou uísque.[44]

Nas férias de Páscoa de 1953, eles foram para Saint-Tropez com Sartre e Michelle. Beauvoir e Lanzmann ficaram no Hôtel de l’Aïoli, com Sartre. Michelle e os dois filhos ficaram numa casa na praça perto do hotel. (Boris Vian arrendara a casa por dez anos e deixava Michelle usá-la com os filhos.) À noite, Michelle não podia deixar as crianças, e os dois homens se alternavam jantando com Beauvoir. Não havia turistas na cidade naquela semana, lembra Lanzmann, e só dois restaurantes estavam abertos, um ao lado do outro no porto:

> Simone de Beauvoir sempre falara alto, e enquanto jantava com Sartre no restaurante X, eu era o único cliente no Y. E ouvia Beauvoir contar tudo a Sartre — porque eles se contavam tudo, era a regra. Eu ouvia Beauvoir contar a Sartre tudo o que havia feito comigo durante o dia, onde havíamos passeado, o que eu dissera, que livro eu estava lendo, que livro ela estava lendo (...) Quando tornava a encontrá-la, depois do jantar, ela me contava tudo o que Sartre dissera, e que eu acabara de ouvir. E quando era minha vez, quando eu jantava com Beauvoir, e Sartre estava sozinho em seu canto, em seu restaurante, lendo um livro ou um jornal, era a mesma coisa.

Depois do jantar, os três se encontravam no Aïoli, para beber junto à lareira. Pouco antes de meia-noite, Sartre sumia para ligar para Michelle e Wanda. Todos os dias, onde se encontrasse, mesmo se estivesse exausto, Sartre ligava para suas mulheres por volta de meia-noite. Lanzmann às vezes ouvia pedaços da conversa. “Era mais

ou menos a mesma conversa para as duas", recorda. "'Minha queridinha', chamava-as. Mas a entonação variava um pouco para cada uma."

As mulheres eram ciumentas, conta Lanzmann, e Sartre as mantinha praticamente sem saber nada uma da outra. "Se a pessoa mente, tem que mentir bem (...) Precisa de cúmplices. Simone de Beauvoir era uma cúmplice. E às vezes eu também acabava sendo."[45]

Beauvoir estava de novo apaixonada. Lanzmann trouxe paixão de volta para a vida dela, com todas as alegrias e ansiedades. Ela não achava que algum homem tornaria a desejá-la. (Disse a Algren que via Lanzmann "antes como uma espécie de filho incestuoso que um amante (...) ele pede mais ternura maternal que outra coisa."[46]) Ela tinha a alegria de uma companheira inteligente, estimulante e enérgica. Os dois iam ao cinema juntos, discutiam livros, liam o trabalho um do outro e estavam sempre se aventurando a ir a novos lugares — em viagens longas, viagens de fim de semana e noitadas. "Quando o tempo era curto, contentávamo-nos em sair para jantar no campo perto de Paris, felizes de sentir cheiro de verde, de ver as luzes florescendo ao longo das estradas, de sentir o hálito da cidade quando voltávamos."[47]

No início, ficou aflita. Algren não conseguira amá-la nos termos dela. Será que Lanzmann conseguiria? Ela logo viu que Sartre era uma atração adicional para Lanzmann. Também se preocupava com sua relação com Sartre. Será que estavam se afastando? Obviamente, sempre seríamos amigos íntimos, mas será que nossos destinos, até então tão entrelaçados, acabariam se separando?"[48]

Juntos, ela e Sartre contornaram a nova situação. Ela não queria abrir mão dos dois meses de férias que tinha todos os anos com ele, mas também não queria deixar Lanzmann por tanto tempo. Sartre aceitou que Lanzmann passaria duas semanas desse tempo com eles. E duarante as cinco semanas em que Sartre viajaria, primeiro com Michelle (três semanas), depois com Wanda (duas semanas), Beauvoir iria para o exterior com Lanzmann.

Em fevereiro de 1953, Jacques Lanzmann, o irmão do meio aventureiro e ruivo de 26 anos, voltou de uma estada de dois anos na América do Sul. Passara esse tempo quase sem nenhum contato com a família.

Do aeroporto, foi para o apartamento da mãe. Foi aí que soube da incrível notícia de que Claude vivia com Simone de Beauvoir, e que Evelyne, que se divorciara de Rezvani, fazia uma turnê pela província, trabalhando numa peça de Tchecov com o nome artístico de Evelyne Rey. “Espere até vê-la”, disse Monny.

Jacques quase não reconheceu a irmã. Nunca vira alguém mudar tão dramaticamente. Evelyn fora uma adolescente magra e ossuda, com uma grossa franja castanho-escura, nariz proeminente (como o da mãe) e olhos azuis cristalinos (como o pai e os irmãos). Quando se casou, aos 18 anos, havia encorpado e era uma bela morena de feições marcantes. Agora, aos 23, transformara-se numa boneca Barbie. Tinha um corpo de modelo, e realçava-o com roupas colantes e saltos altos. Transformara-se em loura platinada, e tinha um narizinho arrebitado. “Era a moda”, diz Jacques Lanzmann. “Era horrível.”[49]

O problema — até mesmo Evelyn parecia ser dessa opinião — era que sua aparência não se encaixava em sua personalidade. Uma mulher inteligentíssima, politicamente engajada, intensa e atormentada, transformara-se num símbolo sexual. Como diz Beauvoir, com tato, “Evelyne era (...) tão bonita que as pessoas ficavam espantadas com a inteligência dela.”[50]

Sartre ouvira falar muito na irmã caçula sensual de Claude Lanzmann. Pedira para conhecê-la. Claude Lanzmann combinou um jantar. Lembra-se de dizer a Beauvoir. “Pronto. Esse jantar sem dúvida vai levar a um caso.”[51]

Era primavera de 1953, e *Entre Quatro Paredes* estava em cartaz no Théâtre de L’Athénée, com Evelyne no papel da sedutora jovem narcisista Estelle. O crítico do *Le Monde* delirou: “Já não podemos mais imaginar outra Estelle senão Evelyne Rey (...) a quintessência da feminilidade eterna.”[52] Depois da peça, os quatro saíram para almoçar. Evelyne estava radiante, e Sartre, encantado.

Beauvoir recorda: “Sartre me perguntou: ‘Acha que eu poderia lhe mandar umas flores? (...) Ele queria ter outro caso. Eu lhe disse que sim, vá em frente, você pode tentar (...) O desejo de ter um caso foi algo que ele nunca perdeu.”[53]

Em suas memórias, *Le Testament Amoureux*, Serge Rezvani afirma que Claude Lanzmann agia como alcoviteiro da irmã. Jacques Lanzmann diz: “Sim, Claude fazia regularmente o papel de uma ‘Madame’ para Evelyne.”[54] Várias pessoas, notadamente Bianca Bienenfeld e Nelson Algren, disseram o mesmo de Beauvoir, significando que ela organizava encontros de Sartre com suas jovens amigas, sabendo exatamente o que aconteceria.

Evelyne era mais uma das jovens frágeis de Sartre. Tinha seis anos quando a mãe abandonou o lar. Quando era adolescente, os irmãos não viviam em casa — estavam na escola em Clermont-Ferrand, depois em Paris — e ela morava sozinha com o pai judeu e a madrasta católica no campo, perto de Brioude. O pai achava que talvez fosse mais seguro se ela se convertesse ao catolicismo. Mas não esperara que ela aderisse a Deus com tanta paixão. Virou quase messiânica por uns tempos, com sonhos de entrar para o convento e converter os negros da África. Sempre seria meio mística. Amor, para ela, era adoração.

O caso com Gilles Deleuze fora desastroso. Ela emagrecera tanto e ficara tão chorosa depois que ele a deixara que a família realmente achava que fosse morrer. O casamento com Serge Rezvani também não a fez feliz.[55] Como os irmãos, Evelyne era movida pela ambição, e, ao mesmo tempo, atormentada por sentimentos de inadequação. Um dia, Rezvani sugerira que ela começasse a fazer teatro. Empolgada com a idéia, matriculou-se no curso do famoso professor de teatro René Simon. Ele lhe disse que com aquele seu nariz semita ela não iria a lugar nenhum. “Arrume-o!”, ordenou-lhe de forma autoritária. Rezvani lembra-se de noite após noite em que Evelyne ficava diante do espelho amaldiçoando sua aparência e chorando.

Para sua consternação, Evelyne começou a se transformar num modelo do *new look*. Adquiriu gestos de mulher fatal, usava luvas

pretas até o cotovelo e fumava com uma longa piteira. Rezvani não podia deixar de pensar que ela não era mas antes representava uma mulher fatal.

O casamento terminou em 1950. Os dois passaram vários meses sem se ver. Quando tornaram a se encontrar, no *Deux Magots*, Rezvani quase não reconheceu a mulher sorridente que vinha em sua direção, de narizinho arrebitado. Ficou horrorizado. Achou que ela "banalizara" sua beleza.

Em junho de 1953, Sartre e Beauvoir, com os respectivos amantes, foram passar uns dias em Veneza. Os casais ficaram em hotéis diferentes. No sábado, 20 de junho, Beauvoir e Lanzmann passaram a manhã passeando na praia do Lido, depois tomaram um *vaporetto* de volta para a Piazza Roma, onde haviam combinado encontrar Sartre e Michelle para almoçar. Quando desembarcaram, viram o jornal com a manchete em letras garrafais: "I ROSENBERG SONO STATI ASSASSINATI". Nem as demonstrações pelo mundo afora nem as nove apelações à Suprema Corte dos Estados Unidos salvaram Ethel e Julius Rosenberg. Na noite anterior, pouco antes do pôr-do-sol (o início do Sabá), os dois, acusados sem provas de transmitir o segredo da bomba atômica aos soviéticos, foram executados na cadeira elétrica.

A cara de Sartre, quando eles o viram, estava rígida. O almoço foi cancelado. Sartre voltou direto para o hotel e telefonou para o jornal parisiense *Libération*, prometendo um artigo até meia-noite.[56] Os quatro se encontraram naquela noite às dez, no Café Florian, na Piazza San Marco. Sartre entregou seu artigo a Beauvoir e Lanzmann. Eles o leram e tiveram a mesma reação. Não estava bom. Na fúria, Sartre usava uma linguagem bombástica, e perdera a força.

Sartre passou a noite em claro reescrevendo o artigo, e transmitiu-o por telefone para Paris na manhã seguinte. A família quase nunca o vira tão zangado e perturbado. "Esqueçam a 'liderança americana do mundo livre'", dizia. "Seu mundo livre não é o nosso."[57]

Beauvoir escreveu a Nelson Algren no dia seguinte, do quarto que dividia com Lanzmann no Hotel Luna. Algren tivera uma participação ativa no comitê Salvem os Rosenbergs, e ela estava certa de que ele sentia a mesma coisa que ela. “Até mesmo gente da direita concorda num aspecto: este é o maior erro que os Estados Unidos cometeram na Guerra Fria”, disse.[58] Ela ficara profundamente comovida com as cartas que Ethel e Julius Rosenberg haviam escrito um para o outro na prisão. A Gallimard as publicara traduzidas, contou a Algren, e os direitos iriam para os dois filhos do casal.

Algren respondeu em julho. Ele estava numa daquelas suas depressões. Os Rosenbergs morreram por uma mentira, disse. A União Soviética não era uma democracia de trabalhadores, e só gente de segunda acreditava que fosse. Ele não se comovera com as cartas dos Rosenbergs na prisão. Nem com a cobertura da imprensa. Continuava vendo aquela “gordinha idiota vestida com um camisolão caminhando para a cadeira elétrica”. Lera os comentários de Sartre num jornal, e achava que Sartre estava errado. Os Estados Unidos ainda não eram um país fascista, embora a execução dos Rosenbergs tenha sido um ato fascista. Ele ainda acreditava que havia mais esperança nos Estados Unidos que na URSS. Sartre não devia repudiar os Estados Unidos tão rapidamente.[59]

Ela estava interessada no que ele tinha a dizer sobre os Rosenbergs, respondeu. Era verdade que, na União Soviética, o antigo líder stalinista Beria acabara de ser preso por espionagem. Um caso estranho. Ela desconfiava que Algren tinha razão: era difícil confiar muito na União Soviética.

Beauvoir era conciliadora com os homens que amava.

De Veneza, Beauvoir e Lanzmann foram para Trieste, onde descobriram, para sua surpresa, que não era difícil arranjar um visto para a Iugoslávia de Tito. “Estamos empolgadíssimos”, escreveu Beauvoir a Sartre.[60] Encheram o carro de provisões e combustível de reserva e se aventuraram a entrar em território comunista. Lanzmann já estivera na Alemanha Oriental, mas aquela era a primeira experiência de Beauvoir da vida atrás da Cortina de Ferro; acharam a

Iugoslávia paupérrima, mas ficaram impressionados com o clima de solidariedade entre as pessoas.

Beauvoir então passou várias semanas em Amsterdã com Sartre e estava ansiosa para encontrar Lanzmann em Basiléia quando recebeu a notícia de que ele sofrera um acidente de carro e estava num hospital em Cahors, no sudoeste da França. Ela partiu imediatamente de carro. Sartre tomou o trem para Paris. Iria ao encontro deles em uma semana.

Alguns dias depois, Beauvoir escreveu a Sartre de Cahors. Lanzmann tinha dores agudas, mas estava melhorando e já se levantara.

> Faz sol e estou na sala de espera de um dentista sem papel, o que explica por que escrevo nessas tiras. Daqui a uma hora, será meio-dia, meu dente será consertado e o carro também e deixaremos Cahors. Vamos passear devagarinho pela região até quarta-feira.
> Cá estou eu de novo. O dente está pronto e já vou embora. Olhe, eu gostaria de lhe mostrar as grutas de Lascaux. Então, em vez de ir até Cahors, salte em Brive. O trem sai às 8h50 e chega às 14h39. Estarei na estação esperando o primeiro e o segundo trens — ou na posta-restante, se instruída para tal. Podíamos também combinar de nos encontrar no hotel Truffe Noire, 21 Bld Anatole-France, e você também pode me telegrafar para cá quarta-feira.

Terminava com instruções cuidadosas. Enquanto Sartre estivesse em Paris, poderia fazer o favor de transferir os direitos autorais italianos para a conta do banco francês, telefonar para a secretária na *Les Temps Modernes* e passar no apartamento da rue de la Bûcherie para pegar a correspondência, uma pasta de trabalho, camisas, meias e cuecas para Lanzmann? “Até quarta-feira, seu pequeno. Um abraço apertado e muitos beijos. Seu encantador Castor.”

Ainda naquela semana, os três passaram uma manhã visitando a catedral gótica em Albi, a nordeste de Toulouse. Depois do almoço, Lanzmann e Beauvoir exploraram a cidade enquanto Sartre passou a

tarde sentado no jardim do hotel, debaixo de um caramanchão, escrevendo uma carta longuíssima a Evelyne Lanzmann. Leu-a para eles naquela noite. “Era uma carta magnífica”, recorda Claude Lanzmann, “uma carta muito *literária.* Um relato de seu dia na catedral vermelha de Albi. Falava de si mesmo e dela. Dizia que gostaria que ela estivesse lá”.[61]

Sartre começara um caso tempestuoso com Evelyne. Uma reprise das confusões entre Beauvoir, Bost e as irmãs Kosakiewicz? O secretário de Sartre, Jean Cau, brincava que se Sartre e Beauvoir tivessem uma filha, Jacques Lanzmann estaria dormindo com *ela.*

Em sua narrativa autobiográfica *As Palavras,* esboçada no ano seguinte, Sartre comenta sua fantasia de incesto:

> Como irmão, eu teria sido incestuoso. Sonhava com isso. Origem? Um disfarce para emoções proibidas? Pode muito bem ser. Eu tinha uma irmã mais velha, minha mãe, e queria uma mais moça (...) Cometi o sério erro de procurar entre as mulheres essa irmã que nunca aparecia (...) Ecos dessa fantasia podem ser encontrados em meus escritos (...) O que me atraía nessa ligação de família era tanto a tentação de amar como a proibição do ato do amor; eu gostava do incesto, com sua mistura de fogo e gelo, gozo e frustração, desde que permanecesse platônico.[62]

Não havia nada de platônico nessa relação. “Evelyne foi uma das mulheres a quem Sartre foi mais ligado”, contaria Beauvoir a John Gerassi em 1973. “Ele era ciumentíssimo (...) Quando não recebia cartas, ficava muito mal-humorado (...) muito soturno.”

“Com Evelyne, eu o via angustiado como um adolescente”, diz Claude Lanzmann sobre Sartre. “Quando passava um dia sem notícias dela, levantava da mesa no mínimo dez vezes para telefonar.”[63]

Evelyne era uma mulher alta, como a mãe de Sartre. Ele confessou a Beauvoir que isso o deixava constrangido em público. “Eu achava que os outros me olhavam como uma figura ridícula,

sendo o amante de uma garota tão alta (...) Mas, sensualmente, eu gostava muito disso."[64]

Evelyne estava ciente de que não era a única mulher na vida de Sartre, mas ele lhe assegurou que já não transava com nenhuma das outras. Insistia, porém, para que Michelle Vian não soubesse do caso deles. Era muito ciumenta e ele não queria magoá-la, disse.

Evelyne gostaria de proclamar ao mundo o amor de Sartre por ela. Era doloroso ela não poder sair com ele em público, sair de férias com ele, ou falar do caso a não ser com amigos íntimos. Com o passar do tempo, acabaria se ressentindo disso.

Por seu lado, Michelle não sabia de Evelyne. É verdade que Sartre estava preocupadíssimo com seu trabalho, mas ainda fazia amor com ela, e suas cartas eram apaixonadas como sempre.

Trinta anos depois, um especialista em Sartre entrevistou Michelle Vian longamente. Quando mencionou sem querer o caso de Sartre com Evelyne, presumindo que ela soubesse a respeito, Michelle não acreditou no que ouvia.[65]

Evelyne, ao lado de Wanda e de Michelle, tornou-se mais uma das amantes de Sartre. Ele a sustentava generosamente. Quando se conheceram, Ela morava num hotel em Montmartre. Sartre instalou-a num apartamento de dois quartos na rue Jacob, a cinco minutos de onde ele morava com a mãe, na rue Bonaparte.

Jacques Lanzmann, que ficou sem dinheiro depois das viagens pela América do Sul, mudou-se para a casa da irmã. "Sempre vivi acima das minhas posses", conta em suas memórias. "Felizmente, Sartre estava ali para dar um jeito nas confusões financeiras de Evelyne. E, felizmente, Evelyne estava ali para dar um jeito nas minhas."[66]

Sartre e Beauvoir davam dinheiro a Jacques por intermédio de Evelyne e Claude. Às vezes a doação era mais direta. Quando a namorada de Jacques foi fazer um aborto na Suíça, foi Sartre quem pagou.

Jacques Lanzmann estava escrevendo um livro sobre suas experiências na América do Sul. Beauvoir reconhecia que ele tinha bastante talento, e ajudou de todas as maneiras ao seu alcance. Dava-

lhe dinheiro regularmente, e publicou um trecho do livro na *Les Temps Modernes.* Quando ele finalmente terminou o livro, foi ela quem editou o manuscrito, com seu cuidado habitual e sua habilidade. *Le Rat d'Amérique,* publicado em 1955, foi nomeado para o Prix Goncourt.

Enquanto isso, Sartre escrevera uma quarta peça para Wanda: *Kean*, adaptada de um melodrama de Alexandre Dumas. Foi um sucesso retumbante.[67] Sartre prometeu a Evelyne escrever uma peça para ela também.

Beauvoir estava seriamente preocupada com Sartre. Ele andara trabalhando demais e estava com pressão alta. Seu médico receitou-lhe um longo repouso no campo, mas Sartre não lhe deu ouvidos e continuou trabalhando naquele seu ritmo frenético. Não fazia exercício nenhum. De vez em quando, fazia uma dieta. "Passei quase a vida inteira tentando emagrecer para dar a impressão de ser um baixinho magro em vez de ser um baixinho gordo", dizia. "Além do mais, a gordura era algo que eu considerava rendição e contingência."[68] Mas Sartre gostava de comer. Sua preferência eram os pratos pesados da cozinha alsaciana que sua mãe fazia quando ele era criança — repolho, carne de porco e todo tipo de lingüiça gorda. Odiava legumes e frutas. Adorava bolos, chocolate e sobremesas cheias de açúcar. E nunca tocava em lagostas, ostras ou qualquer tipo de marisco.

O pior era o corydrane. Começara a tomar vinte comprimidos por dia. Beauvoir e Lanzmann viviam lhe dizendo: "Você é louco. Está se matando." Sartre dizia que não ligava: queria acender o sol em sua mente.[69]

No fim de maio de 1954, foi passar três semanas na URSS. Era sua primeira viagem ao país; fora convidado pela União dos Escritores Soviéticos. Antes de partir, passou várias noites em claro, escrevendo um prefácio para o livro de Cartier-Bresson de fotografias da China. No caminho, parou em Berlim para participar de uma reunião do Movimento da Paz. Escreveu seu discurso no avião.

Na URSS, deu palestras, participou de reuniões, conheceu grupos oficiais e falou no rádio. Foi levado em muitas excursões pelo

país afora. Havia um sem-fim de recepções e banquetes com um consumo estarrecedor de vodca. Sempre o homenzinho durão, Sartre estava determinado a acompanhar seus anfitriões eslavos grandões. No fim de mais um jantar em que ele já bebera muito, o escritor Simonov ofereceu-lhe um recipiente que era um chifre cheio de vinho. “Cheio ou vazio, você deve levá-lo consigo”, ele desafiou Sartre.

“Nenhuma carta sua”, escreveu Beauvoir a Sartre no início de junho. Os jornais franceses estampavam fotos dele na praça Vermelha e às margens do Moskowa. Beauvoir andara lendo livros sobre a URSS, mas teria preferido uma carta. (“L está ávido para receber uma, por causa do selo — prometi lhe dar de presente.”) Evelyne, que andara hospitalizada, recebera flores de Sartre, mas “estava sofrendo profundamente com a falta de cartas”, e Beauvoir se esforçara ao máximo para consolá-la. Também dera dinheiro a Wanda e tomara providências para Michelle receber o seu. “Falei com sua mãe ao telefone hoje de manhã (...) ela parecia em forma. Seu mundinho inteiro vai indo bem na verdade (...) Beijo-lhe de todo coração, meu queridinho adorado.”[70]

Após uma curta visita a Londres, Beauvoir e Lanzmann voltaram à rue de la Bûcherie e encontraram um bilhete urgente de Bost embaixo da porta: “Venham falar comigo imediatamente.” Os dois desceram correndo para o apartamento de Bost e Olga. O secretário de Sartre, Jean Cau, telefonara a Bost para dizer que Sartre estava num hospital de Moscou, com pressão alta. Beauvoir ficou apavorada. O grupo inteiro foi falar com Jean Cau, que lhes assegurou não ser nada sério. Mas Beauvoir ficou nervosa. Eles decidiram ir à Embaixada soviética pedir ao adido cultural para ligar para Moscou.

Na Embaixada, disseram que eles mesmos podiam telefonar para a URSS. Bastava pegar o telefone e pedir Moscou. Beauvoir conta:

> A imagem da Cortina de Ferro ainda estava tão arraigada em nossa mente na época que tivemos certa dificuldade em acreditar

> neles. Voltamos à rue de la Bûcherie. Pedi uma ligação para Moscou, para o hospital, para Sartre. Três minutos depois, fiquei perplexa ao ouvir a voz dele. “Como vai?”, perguntei ansiosa. “Muito bem, obrigado”, respondeu ele num tom educado. “Como pode estar bem se está no hospital?” “Como sabe que estou no hospital?” Ele parecia desconcertado. Expliquei. Ele admitiu ter tido uma crise de pressão alta, mas já passara e ele estava voltando para Paris.[71]

Sartre passou ao todo dez dias no hospital, e voltou a Paris exausto. Depois, passou meses deprimido, sem energia, e à beira de um colapso nervoso.

Anos mais tarde, afirmaria que estava muito doente para pensar com clareza quando insistiu num artigo no *Libération* que havia total liberdade de expressão na URSS. A afirmação era tão palpavelmente falsa que até Ilya Ehrenburg, o escritor soviético que fora responsável pelo convite de Sartre a Moscou, repreendeu-o por sua reportagem cor-de-rosa.

Em *Os Mandarins,* Anne Dubreuilh, refletindo sobre o marido parecido com Sartre, Robert Dubreuilh, vê-se pensando o impensável:

> “Houve uma época em que ele teria falado”, eu disse a mim mesma. Houve uma época em que ele era completamente direto, não deixaria passar nada nem da Rússia nem do Partido Comunista.

Em 1975, Sartre admitiria que mentira após sua primeira visita à URSS:

> Na verdade, “menti” talvez seja uma palavra muito forte: escrevi um artigo que Cau terminou porque eu estava doente — em que eu dizia várias coisas simpáticas sobre a URSS em que não acreditava. Fiz isso em parte por considerar que não é cortês voltar de viagem e logo começar a falar mal de nossos anfitriões, e em parte porque eu realmente não sabia qual era a minha posição em relação à Rússia e às minhas próprias idéias.[72]

Até a invasão soviética da Hungria em 1956, Sartre nunca criticou a URSS em suas declarações públicas.

Sartre foi para Roma, com Michelle, para convalescer. Dormia muito. A Beauvoir, disse numa carta que não parecia capaz de relacionar duas idéias. No fim de agosto, quando fizeram uma viagem à Alemanha e à Áustria, Beauvoir ficou chocada com a apatia dele:

> Na primeira noite, em seu quarto de hotel em Estrasburgo, ele passou um bom tempo sentado na cadeira, mãos nos joelhos, curvado, olhar parado. Jantamos num restaurante no La Petite France. “A literatura é um monte de bosta”, disse-me (...) O cansaço o fazia ver tudo sob o pior dos prismas possíveis; escrever era um esforço tão grande para ele que já não conseguia ver nenhum significado naquilo.[73]

Em Roma, Sartre começara a trabalhar numa autobiografia, o livro que seria *As Palavras.* Se sentia a urgência de olhar para sua infância, era para explorar o que agora via como sua “neurose”. Aplicando a si mesmo o método que chamava de “psicanálise existencial”, demonstrava que usara sua liberdade para se rebelar contra sua família, que quisera confiná-lo ao mundo protegido das ilusões burguesas. Em sua visão, mesmo tendo ele rejeitado a religião, suas raízes “sugavam as raízes dessa crença”, e o que ele fez foi substituir uma cegueira por outra.

Substituiu a religião pela literatura. Durante quase cinqüenta anos, as palavras foram sua realidade. Estava convencido de que escrever lhe traria a salvação e a glória. Bem, mudara. Em *As Palavras*, descrevia-se como um homem que estava “despertando, curado de uma longa loucura doce-amarga, sem conseguir fugir dela, sem conseguir lembrar-se, sem rir, de como ele era antigamente, e sem ter mais a menor idéia de o que fazer da vida”.

Não há dúvida de que o hábito do corydrane estava escondendo uma depressão crônica de Sartre. Isso era algo que nenhum caso amoroso podia curar. Beauvoir era uma das poucas pessoas que entendia quão vulnerável ele era por trás de sua fachada pública.

Sartre vivia questionando a si mesmo e suas razões: preocupava-se com seu lugar na posteridade e angustiava-se com a ineficácia de suas ações.

Com a ajuda de doses enormes de corydrane, Sartre conseguiu em grande parte manter seus delírios de grandeza. Nos anos 1950 e 1960, muitas vezes, partiu para escrever *tudo* sobre um assunto. Em seu livro sobre Genet — e depois sobre Flaubert —, declarou ser capaz de captar uma pessoa em sua *totalidade.* Para Sartre, era tudo ou nada. Se sua escrita não conseguia mudar o mundo, não valia a pena.

Na verdade, ele não se curara de sua loucura doce-amarga, e sabia disso. Ironicamente, fazia um esforço extraordinário com *As Palavras.* A narrativa em que Sartre expressava sua profunda desilusão com a literatura seria sua obra mais bem-elaborada. Foi o livro que lhe conquistou o Prêmio Nobel.

Beauvoir reescrevera totalmente *Os Mandarins.* Nunca trabalhara tanto num livro. Começara-o em 1949 e terminara o primeiro esboço em 1951. Depois de quatro anos sendo escrito e reescrito, o manuscrito datilografado estava enorme: 1.200 páginas. Beauvoir estava exausta quando o entregou, em maio de 1954.

Antes da publicação, em outubro de 1954, Beauvoir passou semanas nervosa. Escrevera sobre Sartre, Camus e Koestler com o mais tênue disfarce ficcional. Retratara querelas políticas conhecidas. O caso de Anne Dubreuilh com o escritor de Chicago Lewis Brogan baseava-se minuciosamente em seu caso com Nelson Algren, e Beauvoir dedicara o livro a ele. Nunca revelara mais sobre sua vida, suas ilusões perdidas, suas vulnerabilidades. Como os leitores entenderiam o livro? Ela tinha certeza de que comunistas e anticomunistas o odiariam com a mesma ferocidade.

Para seu espanto, as resenhas foram, na maioria, muito positivas. A primeira edição de 11 mil exemplares revelou-se insuficiente. Foram vendidos 40 mil exemplares no primeiro mês. Beauvoir soube que o livro era um sério concorrente ao prêmio de ficção mais respeitado na França, o Prix Goncourt.

Dois dias antes do anúncio do resultado, um grupo de jornalistas se posicionara no café da esquina da rua em que ela morava. No domingo, 5 de dezembro, ela e Lanzmann enganaram a todos eles saindo pela porta dos fundos e tomando um táxi para a casa de um amigo. Na manhã seguinte, ouviram nervosamente o rádio. A notícia chegou ao meio-dia. Beauvoir era a ganhadora.

Ela não foi ao almoço do Goncourt agradecer aos juízes. Nem foi ao coquetel da Gallimard deixar-se fotografar pela imprensa. Em vez disso, foi com Lanzmann discretamente almoçar em casa de Michelle Vian para comemorar com Sartre, Olga e Bost. Sartre ofereceu-lhe, cerimonioso, um livro sobre os irmãos Goncourt, os dois literatos que fundaram o prêmio em 1903.

Beauvoir posou para umas duas fotos exclusivamente para a imprensa. Foi fotografada com a mãe, no apartamento de Françoise de Beauvoir, e no patamar da escada, do lado de fora. Ficou feliz pelo fato de sua mãe poder orgulhar-se dela pela primeira vez, sem reservas. Consentiu em dar uma única entrevista, para o jornal comunista *Humanité Dimanche*. Queria dar a entender que o livro não tinha a intenção de ser anticomunista.

Beauvoir já era internacionalmente famosa. Em ambos os lados do Atlântico, era conhecida como a companheira do mal-afamado Jean-Paul Sartre. *O Segundo Sexo* fora publicado nos Estados Unidos alguns anos antes, sendo muito aclamado, sem o chauvinismo amargo com que foi recebido na França. Mas agora Beauvoir mostrara ao mundo que não era meramente uma polemista brilhante. Era também uma escritora de ficção de primeira linha.

Todo mundo elogia a "história de amor americana", escreveu a Nelson Algren.[74] Esperava que um dia desses lhe dessem um passaporte para que ele pudesse ir visitar os amigos em Paris. Eles sentiam sua falta.

Notas

1 Jean Cocteau: *Journal: Le Passé Défini* (Paris: Gallimard, 1984), p. 302. (Annie Cohen-Solal cita isso em *Sartre*, p. 316.)

2 *La Reine Albemarle ou le Dernier Touriste* (Paris: Gallimard, 1991). O livro não foi traduzido para o inglês.

3 Jean Cau, *Croquis de Mémoire* (Paris: Julliard, 1985), p. 237 (minha trad.).

4 Minha entrevista com Michelle Vian, 11 e 12 de julho de 2002.
5 Entrevista de Michel Rybalka com Michelle Vian, 3-7 de julho de 1985.
6 *Adieux*, p. 167.
7 Citado por Sylvie Le Bon de Beauvoir em *TLA*, p. 434.
8 S de B a NA, 30 de outubro de 1951.
9 S de B a NA, 9 de novembro de 1951.
10 S de B a NA, 9 de janeiro de 1952.
11 *FC*, p. 291.
12 S de B a NA, 4 de março de 1952.
13 *O Segundo Sexo* [doravante *SS*], trad. HM Parshley (Nova York: Alfred A. Knopf, 1953), p. 575.
14 *FC*, p. 269 (trad. modificada).
15 Sartre, "Merleau-Ponty Alive", *Situations* (Nova York: George Braziller, 1965). Trad. Benita Eisler e Maria Jolas.
16 *FC*, p. 274.
17 *FC*, p. 264.
18 Ibid., p. 291 (trad. modificada).
19 Ibid., p. 292.
20 Ibid., p. 302.
21 "Resposta a Albert Camus", *Les Temps Modernes*, agosto de 1952, reimpresso em *Situations*, p. 71-72.
22 Ronald Aronson, *Camus e Sartre* (Chicago e Londres: University of Chicago Press, 2004), p. 159.
23 *FC*, p. 272.
24 Claude Lanzmann a S de B, 18 de agosto de 1952. Arquivos de Sylvie Le Bon de Beauvoir.
25 *FC*, p. 294. Jacqes Lanzmann está convencido de que Beauvoir e Claude Lanzmann tiveram uma relação sexual forte. Ele foi com eles à Espanha em 1954, diz, e ouvia os ruidosos embates amorosos no quarto ao lado. "Eu achava Beauvoir uma bela mulher, bela e gelada. Na cama, acho que ela era o oposto." Minha entrevista com Jacques Lanzmann, Paris, 22 de abril de 2004.
26 S de B a NA, 9 de dezembro de 1952.
27 Minha entrevista com Claude Lanzmann, Cap-Ferrat, 20 de julho de 2002.
28 Entrevista de Alice Schwarzer com Sartre e Beauvoir, Roma, verão de 1972. Schwarzer, *After the Second Sex: Conversations with Simone de Beauvoir*, trad. Marianne Howarth (Nova York: Pantheon, 1984), p. 59.
29 Entrevista de Gerassi com Sartre, 12 de março de 1971.
30 A correspondência Bost-Olga encontra-se nos arquivos particulares de Sylvie Le Bon de Beauvoir.
31 *FC*, p. 296.
32 Ibid., p. 295-97.
33 Minha entrevista com Claude Lanzmann, 20 de julho de 2002. Ver também: "Sartre e a geração dos anos 40". Entrevista com Claude Lanzmann por Jacques Sabbath e Reine Silbert, *L'Arche*, 26 de setembro-25 de outubro de 1971.
34 Os detalhes deste parágrafo vêm do prefácio de Paulette de Boully para um livro de escritos de Monny de Boully, publicado postumamente: Monny de Boully, *Au-delà de la Mémoire* (Bucareste, Romênia: Samuel Tastet, 1991).
35 Minha entrevista com Olivier Todd, Paris, 31 de julho de 2002.
36 Serge Rezvani, *Le Testament Amoureux* (Paris: Stock, 1981), p. 100-101. Claude Lanzmann tentou impedir a publicação desse livro. Houve um processo legal. No fim, o editor

suprimiu passagens curtas, deixando espaços em branco onde antes havia texto. Rezvani deixou-me ver o original.
37 *FC*, p. 295.
38 Rezvani, *Le Testament Amoureux*, p. 254-55.
39 Jacques Lanzmann, *Le Voleur de Hasards* (Paris: Jean-Claude Lattès, 1992).
40 Minha entrevista com Jacques Lanzmann, Paris, 22 de abril de 2004.
41 Minha entrevista com Olivier Todd, 31 de julho de 2002. Jacques Lanzmann e Judith Magre também me falaram dessa aposta.
42 Minha entrevista com Judith Magre, Paris, 7 de maio de 2004.
43 "Entretien avec Claude Lanzmann", *Les Temps Modernes*, edição especial sobre Sartre, out.-dez. de 1990.
44 Minha entrevista com Claude Lanzmann, 20 de julho de 2002.
45 "Entretien avec Claude Lanzmann."
46 S de B a NA, 15 de fevereiro de 1954.
47 *FC*, p. 304.
48 Ibid., p. 309.
49 Jacques Lanzmann, *Le Voleur de Hasards*, p. 49.
50 *FC*, p. 334.
51 Minha entrevista com Claude Lanzmann, 20 de julho de 2002.
52 Na verdade, ele disse isso de Evelyne um pouco depois, na primavera de 1956, quando ela trabalhou em outra produção, dirigida por Michel Vitold (*Le Monde*, 31 de março de 1956).
53 Entrevista de John Gerassi com Beauvoir, 30 de janeiro de 1973.
54 Minha entrevista com Jacques Lanzmann, 22 de abril de 2004.
55 Em *Le Testament Amoureux*, Rezvani descreve o casamento e a fragilidade psicológica de Evelyne com palavras pungentes.
56 Era o antigo *Libération*, não o jornal atual com o mesmo nome, fundado por Sartre.
57 *TM*, julho de 1953, editorial de Sartre sobre o caso Rosenberg.
58 S de B a S, junho de 1953.
59 NA a S de B, julho de 1953, sem data, arquivos Sylvie Le Bon de Beauvoir.
60 S de B a S, junho de 1953.
61 Minha entrevista com Claude Lanzmann, 20 de julho de 2002.
62 *Words* [*Les Mots; As Palavras*], trad. Irene Clephane Londres: Hamish Hamilton, 1964), p. 36. Juntei uma nota de rodapé com o texto.
63 Minha entrevista com Claude Lanzmann, 20 de julho de 2002.
64 *Adieux*, p. 309. Sartre não estava falando especificamente de Evelyne nessa conversa de 1974 com Beauvoir, mas como Evelyne foi sua companheira mais alta, é de se presumir que estivesse pensando nela.
65 Foi Michel Rybalka que gravou horas de conversa com Michelle Vian em julho de 1985.
66 Jacques Lanzmann, *Le Voleur de Hasards*, p. 94-105.
67 Através do personagem de Kean, um ator, Sartre medita que a maldição do ator é não saber quem ele realmente é; o ator "se representa" a cada segundo.
68 *Adieux*, p. 317.
69 "Entretien avec Claude Lanzmann."
70 S de B a S, 1º de junho e 8 de junho de 1954.
70 *FC*, p. 318.
72 Sartre acrescentou que não sabia na época que continuavam existindo campos de trabalhos forçados após a morte de Stalin. "Self Portrait at Seventy" [*Autoportrait à 70 Ans"*], *Life/Situations* (Nova York: Random House, 1977) (trad. modificada).
73 *FC*, p. 323.
74 S de B a NA, 9 de janeiro de 1955.

[1] Detentos encarregados de comandar os outros prisioneiros em campo de concentração. (N. da T.)

DEZ

EXILADOS NA PRÓPRIA TERRA

Agosto de 1955–Fevereiro de 1962



Beauvoir e Lanzmann estavam cansados do pequenino estúdio na rue de la Bûcherie que ficava cheio de goteiras quando chovia. A atmosfera na rua mudara desde o início das hostilidades na Argélia no último mês de novembro. Não havia mais brigas de faca. Então, quando olhavam para dentro do Café des Amis em frente, dirigido por árabes, viam homens bem vestidos com casacos de couro sentados diante de copos de leite. Os bairros árabes em Paris eram agora dominados por militantes islâmicos, que proibiam a venda de álcool.

Com o dinheiro do Prêmio Goncourt, Beauvoir comprou um estúdio de artista num prédio creme dos anos 1920, na rue Schoelcher, uma rua estreita que contornava o cemitério. Ficava no coração de Montparnasse, a algumas quadras do Dôme e da Coupole, e a vinte minutos de Sartre na rue Bonaparte, e no entanto era sossegada. “Ninguém do outro lado da rua a não ser os mortos”, contou a Algren.[1] Ela e Lanzmann mudaram-se em meados de agosto de 1955.

O estúdio ficava no térreo e tinha um pé-direito muito alto. Uma escada em caracol no canto levava a um pequeno quarto e ao banheiro. Um janelão, dando para noroeste, enchia o ambiente de sol e céu. Era uma casa pequena e modesta, mas quando Beauvoir instalou sua escrivaninha no canto ao lado da janela, comprou dois

divãs amarelos e duas poltronas roxas, e arrumou seus livros, seus quadros, suas máscaras, suas lembranças de viagem e suas lâmpadas Giacometti, convenceu-se de que tinha uma das casas mais simpáticas de Paris.

Gostava do sentimento de permanência. Enquanto desembalava seus pertences, pensava que estava morando a cinco minutos do apartamento onde nascera, e que sem dúvida era onde seus amigos viriam para separar suas coisas depois de sua morte.

Adorava ver o céu do entardecer tingir-se de cor-de-rosa e dourado em cima do cemitério. E gostava da hora, por volta de cinco da manhã, em que se demorava um pouquinho na janela do andar de cima, inspirando o amanhecer e a promessa de se esquentar, antes de voltar para a cama.

Nem bem teve tempo de comprar uma geladeira, muito menos de abastecê-la com gelo e uísque, e já viajava com Sartre para a China no início de setembro. Como sempre, levou com ela uma grande quantidade de material de leitura sobre o país que iam visitar. Ficaram um mês em Pequim ("uma cidade de camponeses grande e sossegada,"[2] depois viajaram pelo país. Ficaram impressionados com as vitórias que o governo comunista de Mao conquistara sobre a desnutrição, as epidemias e a mortalidade infantil, e profundamente comovidos com a forma como o povo trabalhava com as mãos — não havia máquinas — para construir casas, escolas e represas.

Mas a viagem foi cansativa. Eles nunca haviam se defrontado com uma cultura estrangeira radicalmente diferente. As condições de moradia eram espartanas, e as conversas, muitas vezes esquisitas. Tirante dois ou três especialistas em literatura francesa, ninguém ouvira falar neles.

Na volta, pararam em Moscou e tiveram uma semana movimentada de turismo, palestras e entrevistas. Beauvoir via por que Sartre fora parar no hospital no ano anterior. Quase no fim da estada, foram convidados para participar de um congresso de críticos.

> Simonov convidou Sartre para participar de uma das sessões vespertinas; de antemão, almoçaríamos com ele e uns amigos

> seus da Geórgia. “Excelente! Mas não vou beber”, disse Sartre. Eles concordaram com isso. Assim mesmo, havia quatro garrafas de diferentes espécies de vodca na mesa do restaurante, além de dez garrafas de vinho. “Experimente só as vodcas”, disse Simonov, e, sem se abalar, serviu-nos de quatro doses seguidas (...) Eu estava com a cabeça ardendo, e fiquei admirada quando Sartre conseguiu se levantar e falar com bastante sensatez sobre o papel do crítico.[3]

No último dia em Moscou, Sartre continuava firme. Beauvoir, esgotada, ficou na cama lendo um romance sobre a Revolução Russa, feliz de estar sozinha.

No outono de 1955, a Guerra da Argélia esquentava. Sartre e Beauvoir estavam enojados com a “grande maré de chauvinismo e racismo” que inundara a imprensa francesa desde o início das hostilidades em novembro de 1954.[4] Havia sinais suficientemente claros de que a era colonial chegava ao fim. O Marrocos e a Tunísia estavam prestes a ganhar a independência da França. Era hora de sair da Argélia também. Mas o povo francês, em sua maioria, não via as coisas dessa forma.

A derrota do exército francês em Dien Bien Phu em maio de 1954 finalmente levara a França a retirar-se da Indochina. Mas a humilhação na Indochina deixara o governo francês ainda mais determinado a não desistir da Argélia.

A *Les Temps Modernes* declarou apoio à independência da Argélia, posição que deixou a maioria de seus contemporâneos profundamente ressentidos. Nos sete anos seguintes, enquanto a Guerra da Argélia ficava cada vez mais feia, Sartre e Beauvoir eram regularmente denunciados como “antifranceses”. Em cafés e restaurantes, encolhiam-se ao ouvir a conversa antiárabe nas mesas vizinhas. No cinema, tinham que assistir a notícias que celebravam as operações militares francesas na Argélia. Sentiam-se como exilados em sua própria terra.

Ao voltar da China, Sartre escreveu um roteiro de cinema, *As Bruxas de Salem,* adaptado da peça de Arthur Miller, uma alegoria sobre a caça às bruxas anticomunista nos Estados Unidos. (O filme seria estrelado por Yves Montand e Simone Signoret.) E começou um novo projeto, sobre o qual andava pensando havia quatro anos, sobre Gustave Flaubert. Tinha uma relação de amor e ódio com Flaubert, o homem e o escritor. Na adolescência, Sartre lera e relera *Madame Bovary*, e sabia passagens inteiras de cor. Intrigava-o a forma como Flaubert retratava personagens um tanto negativos, com quem ninguém simpatizava. Durante a guerra, Sartre lera a correspondência de Flaubert com a mesma inquietação e o mesmo fascínio. A concepção de literatura de Flaubert, com sua longa e dolorosa busca por "*le mot juste*" e sua recusa de qualquer tipo de *engagement* político, era diametralmente oposta à de Sartre. Então por que Flaubert? "Você tem que criticar uma inteligência com o que o desafia", dizia Sartre.[5] Ele gostava de mergulhar no mundo de outra pessoa, tornando-o temporariamente seu. Era uma forma de sair de si.

Seu objetivo era usar métodos existencialistas, marxistas e freudianos para explicar o que chamava de "neurose" de Flaubert. Fizera estudos semelhantes de Beaudelaire e Jean Genet, mas, com o tempo, Flaubert viria a ser uma obsessão devoradora para ele. Havia muito material (só sua correspondência perfazia 15 grossos volumes), e Sartre estava convencido de que, se estudasse as provas com bastante cuidado, chegaria a um perfeito entendimento do homem. Discordava do princípio básico da psicanálise de que o inconsciente nos torna, em última análise, incognoscíveis. "O projeto fundamental em meu 'Flaubert' é mostrar que, no fundo (...) cada ser humano é perfeitamente capaz de ser compreendido se forem usados os métodos apropriados e estiverem disponíveis os documentos necessários."[6]

Beauvoir decidira escrever um livro sobre a China. *Os Mandarins* esgotara-a emocional e espiritualmente; ela não queria escrever logo outro romance. Seu livro sobre a China, *La Longue Marche*, envolveria muita pesquisa, mas trabalho nunca a intimidara. Ela via isso como uma chance de aprender mais sobre o país, e ao mesmo tempo questionar os preconceitos anticomunistas de seus leitores ocidentais. Um livro de viagens logo ficava datado; ela

precisava escrevê-lo depressa. Naquele ano, chegou a trabalhar dez horas por dia:

> Eu trabalhava em casa de manhã e na casa de Sartre à tarde; às vezes passava quatro horas seguidas sentada numa dessas minhas duas mesas de trabalho sem levantar a cabeça. Às vezes, também, Sartre se preocupava bastante porque eu ficava com a cara vermelha: eu me sentia à beira de uma congestão, e me atirava em seu sofá por alguns instantes.[7]

Ela não falava chinês, não passara muito tempo no país, e dessa vez não tivera nenhum "jovem local" para explicar as coisas. Estava muito consciente dessas limitações, e teve uma grata surpresa com as boas resenhas que o livro recebeu. Claude Roy, um especialista em China, escreveu no *Libération* ter lido do começo ao fim com o mesmo nível de prazer. "É sempre revigorante e agradável viajar na companhia de um escritor sensível e atento (...) Simone de Beauvoir viu o que todo mundo viu, mas entendeu muitas coisas que ninguém sondou tão bem."[8]

Os Mandarins foi publicado nos Estados Unidos em maio de 1956. A dedicatória a Nelson Algren não deixou dúvidas nos leitores americanos quanto ao modelo na vida real de Lewis Brogan, o escritor retratado no romance. Algren não se importara com o livro de viagem de Beauvoir, *L'Amérique au Jour le Jour,* publicado nos Estados Unidos três anos antes — onde ele facilmente era reconhecível como "NA". De fato ficara bastante lisonjeado com a obra. Mas esse romance mostrava-o, por assim dizer, de pijama.

Não ajudou que, enquanto Beauvoir voava alto com o sucesso, Algren estava numa depressão sem precedentes. Achara que faria fortuna quando Hollywood comprasse os direitos cinematográficos de *O Homem do Braço de Ouro,* mas, no final, não ganhara um centavo com isso, e o filme fora cortado de forma tão drástica pelos zelosos censores anticomunistas de Hollywood que já não tinha força nenhuma. Desesperado, Algren escrevera outro livro, e seus editores o recusaram. Divorciara-se da mulher pela segunda vez e perdera no

jogo o que restava de seu dinheiro. Não havia nada que gostaria mais de ter feito do que fugir para Paris por uns tempos, mas o Departamento de Estado não emitia passaporte para quem já tivesse sido filiado ao Partido Comunista. Quando foi solicitado a jurar nunca ter sido, Algren mentiu. Depois percebeu, tarde demais, que poderia ser indiciado por perjúrio.

Se *Os Mandarins* estava recebendo muita atenção nos Estados Unidos, isso se devia em parte à história de amor americana. Algren ficou sentido com isso. "Uma boa romancista deveria ter bastante assunto para escrever sem escavar seu jardim particular", fulminou para um repórter. "Para mim, era apenas uma relação rotineira, que ela está fazendo ir pelos ares."[9]

Quando saiu o comentário ao lado de sua fotografia na revista *Time*, Algren envergonhou-se de ter falado com tanto azedume. Tentou fazer uma ligação interurbana para Paris a fim de explicar, mas quando Lanzmann atendeu o telefone, Algren desligou e escreveu uma carta para Beauvoir. Não estava bem quando esbravejou com os jornalistas, contava, e falara com desdém para se mostrar. Ficara magoado com a passagem em que Anne Dubreuilh declarava que seu amor por Brogan morrera.

Beauvoir disse que entendia, e a amizade dos dois sobreviveu. Mais uma vez, as cartas de Algren eram cheias de nostalgia do passado. Sentia a falta dela, dizia. Percebia que passara a época mais feliz de sua vida com sua rãzinha francesa. Um dia, voltara para visitar sua antiga rua em Chicago. "Voltou-me à memória que milagre da Wabansia acontecera ali." Pensava sempre em momentos de suas viagens, como a noite em Roma quando foram para casa de charrete debaixo de chuva por uma rua calçada de pedras. Ele passava tempo demais relembrando, dizia.

Todas as manhãs, em julho de 1956, Sartre e Michelle se encontravam com Beauvoir e Lanzmann na Coupole. Estavam para viajar os quatro para a Grécia e a Iugoslávia. "Olhei, com uma alegria incrédula borbulhando dentro de mim, para nossos carros reluzentes estacionados junto ao meio-fio", conta Beauvoir, "e imaginei o

aspecto que teriam em dez dias, entrando em Atenas cobertos de poeira.”[10]

Beauvoir trocara seu Aronde por um Ford Versailles maior. Sartre comprara para Michelle um Peugeot vermelho de duas portas de segunda mão. Michelle tornara-se uma boa motorista. Muitas vezes levava o amigo André Reweliotty e seus músicos de jazz de boate em boate tarde da noite.

Os quatro foram a Belgrado via Veneza. Em geral, os dois casais iam em seus próprios carros. Mas como Sartre não dirigia, Michelle não descansava. A certa altura, quando pararam para abastecer, Lanzmann sugeriu uma troca. “Você deve estar cansada”, disse a Michelle. “Guiarei um pouco para você, se quiser.” Lanzmann instalou-se ao volante, e Sartre embarcou no outro carro com Beauvoir.

Lanzmann gostava de Michelle. Em fevereiro de 1955, haviam ido juntos de Paris a Marselha, revezando-se ao volante, e depois ele enviou-lhe um cartão-postal queixando-se de que “os condenados [*les damnés*] não tinham outras possibilidades senão passar da direita para a esquerda”.[11] Daquela vez, em algum lugar perto de Belgrado, ele saiu da estrada para admirarem a paisagem, então passou o braço em volta de Michelle e tentou beijá-la. Ela sorriu e afastou-o. Nunca conseguiu simpatizar muito com Lanzmann, conta. Achava-o insuportavelmente vaidoso e arrogante. E sabia de sua fama de mulherengo.

Os dois casais em geral passavam o dia separados, mas se encontravam para almoçar ou para jantar juntos. Segundo Michelle, os três “intelectuais” nunca deixavam de ter o que dizer, mas ela falava pouco. Beauvoir era muito simpática com ela e vivia elogiando-a para os outros, mas Michelle sentia que Beauvoir não gostava muito dela.

Michelle chamava-a de “Castor”. Todos o faziam. Todavia, para ela, Beauvoir era como uma sogra — indulgente na superfície, mas distante e intimidante.[12]

Sartre e Beauvoir haviam adquirido um novo hábito, que conservaram pelo resto da vida: setembro e outubro em Roma.

Depois de passar cinco semanas com seus outros companheiros, aquele era o tempo *deles.* Ficavam em quartos contíguos no Centro da cidade, e trabalhavam. Adoravam a cidade antiga, com suas velhas praças e fontes de pedra. Acima de tudo, adoravam a beleza das noites romanas. Evitavam os cafés de intelectuais — como o Rosati, na Piazza del Popolo, onde as pessoas vinham pedir autógrafos, e os jornalistas, entrevistas. Em geral comiam na Piazza Navona, não longe da Escada de Espanha e da fonte de Trevi, e ficavam por lá até meia-noite, conversando e bebendo, com o barulho das fontes ao fundo. Seus amigos italianos — escritores, artistas, gente de cinema e teatro — eram todos simpatizantes comunistas, e estar com eles à noite era parte do prazer de Roma.

Beauvoir batia à porta de Sartre às oito da manhã, os dois se vestiam e desciam para ler os jornais franceses e italianos enquanto tomavam o desjejum. Sartre chegava a pedir três expressos duplos. Às dez horas, voltavam a seus quartos para trabalhar até as 14h00. O almoço era uma refeição leve, sem bebida alcoólica. Gostavam de terminar com um gelato, e dar uma volta. Às 17h00, estavam de volta às suas escrivaninhas para mais três ou quatro horas de trabalho.

Em 24 de outubro de 1956, entraram numa banca de jornal na Piazza Colonna para comprar os jornais matutinos e leram que os tanques soviéticos haviam entrado em Budapeste, matando centenas de húngaros e ferindo milhares. Para Sartre, a notícia foi um golpe físico. Como poderia a URSS desrespeitar sua promessa de não-intervenção? Por que se sujar aos olhos do mundo com esse crime?

Naquela noite, jantaram com amigos comunistas na Via Veneto. Um violonista tocava antigas canções romanas. Sartre e seu amigo artista Renato Guttoso estavam quase chorando dentro de seus copos de uísque enquanto analisavam os acontecimentos, tentando entender o significado daquilo tudo. Guttoso não conseguia suportar a idéia da solidão que enfrentaria se deixasse o partido. E Sartre temia quebrar o vínculo que tão cuidadosamente construíra com os comunistas nos últimos anos. Fizera muitos inimigos defendendo o comunismo, e agora corria o risco de perder seus poucos aliados. O grupo se distraiu um pouco quando sua amiga, a atriz Anna Magnani, sentou-se à mesa e cantou canções melancólicas, acompanhada pelo

violonista. Então desapareceu na noite, e eles retomaram as discussões torturadas.

Sartre tinha uma decisão difícil a tomar. Desde 1952, era o viajante mais famoso da Europa. Em *Les Communistes et la Paix*, afirmara que a política externa soviética era defensiva, enquanto a americana era inteiramente agressiva, e dedicada à destruição da União Soviética. Estava profundamente investido no Movimento da Paz, uma organização cuja sede era em Moscou. Acreditava na paz; acreditava no socialismo; quisera muito acreditar na União Soviética. Ademais, sabia que se a condenasse, os serviços de propaganda americanos teriam um prato cheio.

Ele se manifestou: "Condeno totalmente e sem reservas a agressão russa", disse numa entrevista à revista francesa conservadora *L'Express.* Acrescentou que estava rompendo "com pesar mas completamente com aqueles de seus amigos soviéticos que não quiseram ou não puderam denunciar o massacre na Hungria. Quanto ao Partido Comunista francês, que tentara justificar o sangrento golpe comunista, suas desculpas eram "o resultado de trinta anos de rigidez e mentiras".

Acrescentou que os Estados Unidos também não eram inocentes. "A responsabilidade da América nos presentes acontecimentos é inegável (...) A começar pelo Plano Marshall. Seu objetivo confesso era evitar a construção do socialismo nos 'satélites'."[13]

Beauvoir uniu-se a Sartre nos protestos contra a agressão soviética. Estava satisfeita por Sartre ter tomado uma posição firme. Ninguém sabia melhor que ela o quanto aquilo lhe custava.

Em meio a essas semanas turbulentas, Evelyne Rey rompeu com Sartre. Os dois foram amantes durante três anos. Ela arranjara outro: um advogado baixo, espirituoso e feio, que, todos os seus amigos concordavam, quase poderia ser irmão de Sartre. Pelo menos seu caso com ele não era clandestino. Ela estava cansada de permanecer em segundo plano com Sartre. Beauvoir e Michelle Vian tinham um papel público na vida dele. Por que ela não podia ter?

Sartre disse a Evelyne que jamais iria abandoná-la. Continuaria a cuidar dela financeiramente. Eles se veriam três vezes por semana,

e ele prometia escrever uma peça para ela em breve.

No inverno de 1956, Beauvoir começou o projeto que tivera a idéia de escrever havia dez anos — suas memórias de infância. Em 1946, Sartre sugerira que ela explorasse primeiro o que significava ser mulher, e isso levou a *O Segundo Sexo.* Ela fora aos Estados Unidos, conhecera Algren e escrevera sobre sua viagem, depois passara anos às voltas com *Os Mandarins*. Fora à China e escrevera sobre isso. Nesses dez anos, tornara-se a escritora mais famosa do mundo. Agora, escreveria suas memórias de uma perspectiva diferente. Via sua vida como uma dramática história de sucesso. Acima de tudo, estava muito mais segura em sua relação com Sartre do que estivera em 1946.

Em 1946, a paixão de Sartre por Vanetti deixava Beauvoir temendo estar prestes a ser substituída. Desde então, ela e Sartre haviam mais que nunca seguido cada qual o seu caminho. De fato, eles reinventaram sua parceria. Ela podia olhar retrospectivamente para a vida que tiveram juntos com uma gratificante sensação de realização.

Memórias de uma Moça Bem-comportada consumiria oito meses seus. Beauvoir refletia sobre recordações de amigos. Lia diários antigos e ia à Biblioteca Nacional consultar jornais do período. Releu os livros que a influenciaram quando jovem.

Houve muitas discussões com Sartre. O que ele achava? Será que ela se atrevia a falar abertamente sobre seus pais? As tensões em sua família? Seu pai já morrera, mas sua mãe ficaria magoada. Será que poderia escrever francamente sobre Zaza, seu conflito com a mãe, seu romance com Merleau-Ponty, sua morte? Eles acharam que, em alguns casos, ela deveria usar pseudônimos. Merleau-Ponty virou “Jean Pradelle”. René Maheu virou “André Herbaud”. Mesmo assim os homens se reconheceriam instantaneamente, claro. E todo mundo que os conhecia, também. O projeto estava cheio de dificuldades.

Beauvoir começava a narrativa com seu nascimento em janeiro de 1908, e terminava em 1929, o ano em que conheceu Sartre, o ano em que Zaza morreu, o ano que mudara sua vida.

Pouco depois de ter saído para suas férias de verão de 1956, Sartre recebeu uma carta de uma garota franco-argelina de 19 anos. Arlette Elkaïm era uma estudante de filosofia que esperava entrar na Ecole Normale Supérieure feminina em Sèvres, perto de Versailles. Contava que lera *A Náusea* e *O Ser e o Nada* e se interessava por fenomenologia. Estava escrevendo uma dissertação sobre a injustiça. Será que poderia ir discutir esse assunto com ele?

Sartre pediu uma cópia da dissertação. Depois de se corresponderem por algumas semanas, ficou evidente que o pedido de ajuda ia além dos estudos. Os dois se encontraram em novembro, quando Sartre voltou de Roma.

Elkaïm nascera em Constantine, Argélia. Chegara à França em setembro de 1954, dois meses antes de estourar a Guerra da Argélia. Sua mãe era árabe; seu pai, judeu sefardita, era funcionário do governo francês e identificava-se com os colonizadores franceses. A moça sentia-se argelina e francesa, não sabia como se sentia em relação ao pedido de independência dos árabes argelinos.

Tinha 14 anos quando sua mãe se suicidou. Elkaïm achava que o pai tivera alguma responsabilidade nisso. Era autoritário, contou a Sartre, e tirânico. Ela de fato não sabia o que estava fazendo na França, a não ser que desejava se afastar do pai e da madrasta. Não tinha amigos, e não sabia o que queria da vida.

Sartre encaixou-a em sua programação dos domingos, por duas horas na parte da tarde. “Eu tinha um monte de problemas pessoais na época, e, se não fosse por ele, não sei o que teria acontecido”, recorda Elkaïm. “Aquela reunião era o que me sustentava pelo resto da semana.”[14]

Eles se sentavam frente a frente no estúdio de Sartre, durante duas horas na parte da tarde — ela na poltrona de couro, ele na de espaldar duro (uma herança da família Schweitzer) — e Sartre fazia perguntas perspicazes. Tratava aquele encontro como uma sessão de psicanálise, só que tinha um papel ativo, fazendo comentários e observações. Quando ela ficava calada, ele esperava. Deixava-a chorar quando ela precisava. No fim da sessão, dizia-lhe que gostava muito dela, e que continuariam a sessão na semana seguinte.

“Ele fazia isso com alegria e perseverança, às vezes com um pouco de violência”, diz Elkaïm. “Às vezes, me sacudia, tentava me

fazer olhar para o mundo e até gostar dele. Hoje, vejo que foi ele quem me educou tardiamente, ainda que às vezes eu tenha que me esforçar para não ver o mundo com os olhos dele."[15]

Os dois foram amantes por uns dois ou três meses, mas Sartre encerrou esse aspecto do relacionamento. Com aquele olhar meigo, Elkaïm lembrava-lhe uma corça. Despertava-lhe sentimentos paternais mais do que qualquer outra coisa.

Em julho de 1957, Elkaïm não passou nos exames, e resolveu desistir deles. Sartre achava que ela talvez tivesse jeito para jornalismo e mandou-a falar com um amigo seu no *Nouvel Observateur.* A apresentação não deu em nada. "Eu parecia um camundongo", diz Elkaïm. "Não conseguia me levar a sério, e me desprezava mais ainda porque tinha coisas para dizer, mas não conseguia."[16] Tornou-se financeiramente dependente de Sartre.

Olhando retrospectivamente, depois de ter sido legalmente perfilhada por ele, Elkaïm achava que provavelmente pedia demais a Sartre naquela época. Era irremediavelmente passiva, contou. Sartre estava ocupado com seu trabalho, e sempre com pressa. Era paternal e bondoso, mas não suficientemente paternal para perceber que ela precisava sair de sua órbita. Ela só o via sozinho. Ele nunca a apresentou aos membros da família. Seus encontros eram com hora marcada: não havia espontaneidade nenhuma neles. O que esperava dele? Ela de fato não sabia.

Era impossível para Jean Cau, o secretário de Sartre, não tomar conhecimento das mentiras que Sartre contava a suas mulheres. O filósofo ligava para uma namorada, depois para outra, contando a cada uma delas uma história diferente. Cau recorda uma ocasião em que Sartre desligou o telefone e suspirou:

> — Às vezes é difícil.
> — Claro que é — digo. — Me pergunto como consegue. Situação difícil.
> — É exatamente isso, Cau. Há situações que chamo de *podres*. Por mais que a gente tente resolvê-las, é impossível sair delas externamente intacto.

— Sim, sim. Entendo. Mas e internamente? Como consegue isso?

— Em alguns casos, a gente é obrigado a recorrer a um código moral temporário.

Cau ficou impressionado com essa noção de moralidade temporária. Era como abrir um guarda-chuva numa tempestade, pensou consigo mesmo. O dilema para o sujeito sartreano, refletiu Cau, é que ele não está sozinho no mundo, e não cria *a situação* (um importante conceito sartreano) *podre*. Obviamente, é *livre* para enfrentar isso de uma maneira ou de outra, mas o *Outro* não o deixa e o entrava. O que você faz se for Sartre e se vir perseguido pelo Outro? Recorre a um código moral temporário! Assim, você escapa da situação, e o enorme edifício moral que você construiu permanece intacto.[17]

Cau e Sartre brigaram no verão de 1957, e se separaram. Cau, um "proletário que enriquecera", que fora meio conservador, tornara-se um completo reacionário.

Mas, como secretário, Cau se fizera indispensável. Naquela época, a quantidade de solicitações que faziam a Sartre era avassaladora. Diariamente, ele recebia dezenas de cartas com pedidos de ajuda. Será que daria dinheiro, escreveria um artigo, faria parte de um comitê para ajudar militantes, presos políticos ou refugiados? Será que escreveria um prefácio para o livro de um amigo, assinaria um manifesto, participaria de uma reunião, faria um discurso, leria um manuscrito?

Sartre arranjou outro rapaz para substituir Cau: Claude Faux, um advogado, que era chegado aos comunistas. Em 1961, Faux se casaria com Gisèle Halimi, uma advogada radical, que estava sendo ameaçada de morte por sua defesa de militantes da FLN (Front de Libération Nationale). Ela passou a ser advogada particular de Sartre, representando-o em ações de infração de direitos autorais e pirataria. O próprio Sartre nunca ligou para essas coisas, conta Halimi em suas memórias. *Ela* ficava furiosa com aquilo, que ele, por sua vez, considerava ninharias. Tudo que ele queria era tempo, tempo para continuar trabalhando.[18]

Relembrando, Beauvoir chamou o ano de 1958 de “aquele ano atroz”.[19] Foi um ano de crise, tanto para ela como para Sartre.

Em janeiro, Beauvoir fez 50 anos, o que odiou. Ela e Lanzmann haviam ido passar duas semanas esquiando, mas ele estava ocupado escrevendo um artigo para *Les Temps Modernes,* e raramente se aventurava nas pistas. Ela esquiava sozinha. Impaciente com seu desempenho no esporte, dizia a si mesma que era a idade.

A Guerra da Argélia recrudescera. Paris, cheia de homens circulando de uniforme militar, dava mais uma vez a sensação de cidade ocupada. Era impossível não notar o assédio da polícia aos árabes nas ruas. A *Les Temps Modernes* publicava reportagens de torturas bárbaras perpetradas pelos militares franceses contra combatentes da resistência árabe.

O furor político de Sartre parecia quase enlouquecê-lo. Ele trabalhava com uma espécie de desespero, sustentado por enormes quantidades de corydrane, mal se dando ao trabalho de reler o que havia escrito, e nunca perdendo tempo em cortar ou burilar. No fim do dia, estava tão acelerado que misturava as palavras, e quando bebia, o álcool logo lhe subia à cabeça. Naquelas noites em que estavam juntos na casa de Beauvoir, ela tentava em vão controlá-lo.

> “Já chega”, eu lhe dizia, mas para ele não chegava; a contragosto, eu lhe dava um segundo copo; depois ele pedia um terceiro; dois anos antes, ele precisaria de muito mais; mas, agora, perdia o controle dos movimentos e da fala muito depressa, e eu tornava a dizer: “Já chega.” Duas ou três vezes, tive um ataque. Quebrei um copo no chão da cozinha. Mas eu achava muito exaustivo brigar com ele. E sabia que ele precisava de algo para ajudá-lo a relaxar, em outras palavras, de algo para se destruir um pouco.[20]

No afã de produzir, Sartre vivia deixando uma coisa de lado para trabalhar em outra. Largara o Flaubert, largara sua autobiografia, *As Palavras*, e largara o livro sobre a Itália. Seu longo ensaio *À Procura de um Método* situava o existencialismo em relação ao marxismo. Tão logo terminou esse ensaio, começou outro muito mais longo e densamente complexo, *Crítica da Razão Dialética*. Sartre agora

afirmava que os indivíduos tinham muito pouco poder na sociedade moderna: só podiam recuperar a liberdade mediante uma ação revolucionária em grupo.

Na primavera de 1958, ele pôs de lado a *Crítica* para escrever uma peça. Wanda voltara a trabalhar. Evelyne, desde que ele a conhecera, pedia-lhe que escrevesse um papel para ela. Sartre queria escrever sobre um soldado francês que fora conivente com a tortura quando servira na Argélia, e, ao voltar à terra natal como herói, tem que enfrentar a família e suas perguntas. Como sabia que a censura jamais lhe permitiria escrever sobre a Guerra da Argélia, Sartre decidiu ambientar a peça na Alemanha do pós-guerra e criou um protagonista nazista. Prometeu a Simone Berriau, diretora do Théâtre Antoine, que a peça ficaria pronta a tempo para a temporada de outono de 1958.

A crescente crise na Argélia ameaçava extravasar para a França, que estava à beira de uma guerra civil. O presidente da Quarta República convocou o herói da Resistência na guerra, general De Gaulle, a voltar à ativa para lidar com a crise. De Gaulle foi feito primeiro-ministro em 1º de junho. Ordenou a elaboração de uma nova Constituição, que lhe daria amplos poderes quando se tornasse presidente no ano seguinte. A Constituição seria submetida a um referendo popular em 28 de setembro.

Sartre e Beauvoir foram à Itália em meados de junho, mais cedo do que de hábito, convencidos de que De Gaulle estava prestes a governar a França como ditador. Fazia um calor escaldante em Roma. Sartre desabafou a raiva e a desilusão em sua peça *Os Condenados de Altona*, sobre o uso da tortura pelos militares. Mas sua fúria atrapalhou o drama. Quando Beauvoir leu o esboço, ficou apavorada.

Ela tentava escrever o segundo volume de suas memórias, mas não estava com disposição. Pela primeira vez em seis anos, não passaria o verão com Lanzmann. Ele ia para a China e Coréia do Norte com um grupo de jornalistas. Dava para sentir que ele se afastava dela. Os registros em seu diário durante essas semanas em Roma são cheios de ansiedade. “Sartre trabalha em sua peça, e eu tento me interessar por meu passado (...) Tenho que matar o tempo de alguma forma (...) Não dormi muito (...) Estou tão tensa que ando tomando sarpagan (...) Depois da tensão, a depressão (...) Estou muito

deprimida para escrever (...) Dormi mal e acordei com os nervos tensos (...) Fico sempre em pânico antes de acordar (...) Hoje, mais uma vez, a vida me crava os dentes no coração."[21]

Memórias de uma Moça Bem-comportada seria publicado em outubro, e Beauvoir estava nervosa. "Sinto-me apreensiva, quase com remorso, quando penso em todas as pessoas que coloquei no livro e que ficarão furiosas."[22] O volume que ela escrevia no momento era ainda mais delicado. Quanto ela poderia contar de sua relação com Sartre? Não poderia falar de seu caso de nove anos com Bost, por causa de Olga. Poderia escrever sobre o triângulo com Olga? Não tinha vontade de discutir a relação da época da guerra de Sartre com Wanda. "Por que há algumas coisas que quero tanto dizer", perguntava a si mesma, "e outras que quero sepultar?"[23]

Em meados de agosto, Michelle chegou a Roma para passar um mês com Sartre. Beauvoir voltou a Paris sozinha, para um apartamento vazio.

Sartre passara todo o verão aflito porque Michelle Vian não escrevia. Suas cartas amorosas não obtinham resposta. Ele lhe implorava para pegar o telefone e ligar para ele.

Michelle Vian diz hoje que ela também estava tendo uma crise pessoal naquele verão. Por quase dez anos, dividira sua vida entre dois homens. Nenhum deles sabia que ela dormia com o outro. Isso a deixava dividida, doente. Ela chegou a Roma desesperadamente carente de atenção. Sartre estava obcecado com sua peça. Michelle chorava muito, sabendo que não havia nada que Sartre mais detestasse do que lágrimas. Falou em se matar. Sartre foi frio.

"Eu me sentia sem futuro", diz Michelle, "e responsabilizava André Reweliotty e Sartre. André era muito temperamental, melodramático e russo, sempre gritando com seus colegas músicos e esmurrando a parede. E Sartre era muito indiferente. Eu sabia que ele não queria ficar mais comigo. Sabia que não precisava de mim. Naquele verão todo em Roma, ele disse que não tinha tempo de sair para almoçar. Não queria ir aos museus. Dizia para eu ir sozinha. A única coisa que ele queria era trabalhar".[24]

Sem o conhecimento de Sartre, Michelle escrevia cartas dramáticas a Reweliotti dizendo-lhe estar contemplando o suicídio. Um dia, ela e Sartre estavam no quarto do hotel — Sartre limpava os dentes — quando alguém bateu à porta. Michelle disse: “Entre!” E lá estava André. Vinha de uma turnê em Veneza, onde tocara com o amigo Sidney Bechet, o clarinetista de jazz de Nova Orleans. Ao receber a última carta de Michelle, correu a Roma para vê-la.

Naquela tarde, Sartre descobriu a verdade. Nos últimos nove anos — de fato, desde o início de seu relacionamento — Michelle tinha sido infiel a ele.[25]

Sartre ficou sozinho em Roma, agoniado. Ele nunca fora fiel, mas isso não impedia que se sentisse moralmente furioso com as mentiras de Michelle. Sabia, obviamente, que ela e André eram amantes antes de ele entrar em cena. Sabia também que Michelle passava muito tempo com André em sua casa de campo, e que quando André e sua banda tocavam em cidades da província, Michelle assinava os contratos, organizava os itinerários, reservava os hotéis e dirigia à noite quando os músicos estavam cansados. Mas sempre acreditava em Michelle quando ela dizia que ela e Reweliotty eram apenas amigos. Nunca pensara — não se permitira imaginar a hipótese — que continuavam a ser amantes.

Evelyne sempre lhe dissera para despertar. Mas ela tinha todas as razões para não gostar de Michelle, então Sartre nunca dera muita importância às suas suspeitas. É verdade que até Bost conjeturara que Michelle provavelmente transava com Reweliotty. Mas Sartre não queria ouvir falar disso. Para ele, Michelle era a inocência personificada.

Sartre ficou mais alguns dias em Roma, esforçando-se para escrever um artigo — o segundo de uma série de três — que prometera à *L’Express* sobre De Gaulle e o referendo que se aproximava. Aquele, chamara de “O fingidor”. Este, de “Constituição do desprezo”. Depois, na noite de 14 de setembro, pegou o trem noturno para Paris.

Beauvoir estava na Gare de Lyon na manhã seguinte para recebê-lo. Chovia. Sartre estava emocionalmente exausto, e ela também.

Passaram o dia conversando.

Sartre já ia começar a trabalhar no terceiro artigo para a *L'Express*, mas estava com o fígado inflamado. "Estava tão exausto, tão febril e atordoado no domingo à tarde que parecia que lhe seria impossível escrever o artigo", conta Beauvoir em seu diário. "Ele trabalhou 28 horas seguidas, sem dormir e quase sem intervalo."[26]

Sartre desmoronou, e Beauvoir passou uma noite inteira editando seu artigo. Mal conseguia ler sua letra, e sua ortografia era terrível. Ela precisou reescrever trechos e fez cortes e ligações judiciosos. "Uma tarefa ingrata, e bastante cansativa quando precisa ser feita correndo", observou. Depois acabou achando o artigo "realmente muito bom". Sartre o intitulou "As rãs que queriam um rei".

Lanzmann voltara da Coréia, mas estava mergulhado num artigo sobre a China, e ocupado com a campanha do "não" do próximo referendo.[27] Beauvoir quase não o via. "Não sei se é exaustão ou irritação", anotou no diário, "mas meu estado permanente de tensão, que sinto especialmente na parte de trás do pescoço, nos olhos, nos ouvidos, nas têmporas, dificulta o trabalho".[28]

No referendo de 28 de setembro, o voto foi um retumbante "sim". Beauvoir chorou. "É uma derrota sinistra (...) um repúdio por parte de 80% do povo francês de tudo aquilo em que acreditávamos e que desejávamos para a França (...) É horrível estar contra um país inteiro, o seu próprio país."[29]

Sartre foi visceralmente afetado. Tinha vertigens, tinha dificuldade de caminhar e tropeçava nas palavras. Mas recusava-se a ir ao médico. Tinha uma peça para escrever, dizia. Já passara do prazo. No início de outubro, almoçando com Simone Berriau, a diretora do Théâtre Antoine, onde a peça seria encenada, Sartre pousou cuidadosamente o copo a 2 centímetros da mesa. O copo se espatifou no chão. Simone Berriau ficou chocada. Finalmente conseguiu convencer Sartre a deixá-la marcar uma consulta com um médico. Beauvoir ficou-lhe grata.

O médico disse que o ventrículo esquerdo de Sartre estava cansado, e que ele precisava de um bom descanso. Sartre continuou trabalhando. Sem ele saber, Beauvoir foi consultar o médico, que lhe disse que Sartre esteve perto de ter um ataque cardíaco. "Ele é um

homem muito emotivo. Tem se esgotado intelectualmente, porém mais ainda emocionalmente (...) Deixe-o trabalhar se ele insistir, mas ele não pode tentar correr contra o relógio. Se tentar, não lhe dou seis meses."[30]

Beauvoir então foi falar com Simone Berriau, que concordou em adiar *Os Condenados de Altona* por um ano, até o outono seguinte. Sartre nem sequer tinha energia para se zangar por causa da interferência de Beauvoir. Recebeu a notícia com um sorriso indiferente. Mas daquele dia em diante, diminuiu o ritmo de trabalho.

A princípio, Lanzmann tentou esconder de Beauvoir seu novo caso. Mas ela soube. Uma noite, ele voltou à rue Schoelcher à meia-noite e encontrou-a chorando sentada na cama. "Me conte a verdade", disse ela.

Ele contou. Apaixonara-se. A outra tinha 35 anos, era bonita, rica, aristocrática. Tinha dois filhos, perdera o marido num desastre de avião, e morava num apartamento suntuoso no Quai aux Fleurs, de frente para o Sena.

"O Castor imediatamente foi, como sempre, construtiva e compreensiva", lembra Lanzmann. "Sua idéia era: 'Tudo bem, dividiremos você.' Três dias com uma, três com a outra. Mas não deu certo. A maioria das mulheres não consegue fazer isso. Quer conquistar e destruir."[31]

O caso terminou em seis meses, quando Lanzmann descobriu que seu novo amor lhe mentira a idade. (De fato, tinha 45 anos.) Depois disso, Lanzmann e Beauvoir começaram a reconstruir seu relacionamento, transformando-o em amizade. No verão de 1959, passaram dez dias juntos em Menton, na Côte d'Azur. Ambos estavam aliviados por conseguir conservar uma ligação estreita.

Os Condenados de Altona, a nona peça de Sartre, estreou em 23 de setembro de 1959 — um ano depois do que fora planejado. Houve as cenas dramáticas de praxe durante os ensaios. A peça era mais uma vez muito longa, e, como de hábito, Sartre odiava fazer cortes. Os papéis principais eram difíceis, e o produtor não considerava que

Evelyne e Wanda estivessem à altura, mas Sartre insistiu. Wanda pelo menos já tivera a chance de se provar, mas Evelyne só tinha 29 anos, e este era seu primeiro papel importante. Todo mundo no meio teatral sabia que ela fora amante de Sartre e que lhe devia o papel. A pressão sobre ela era intensa.

O soldado nazista, rígido e intransigente em seu uniforme da SS, foi brilhantemente caracterizado pelo ator italiano de nascimento Serge Reggiani. Foi posto nas alturas pela crítica. Wanda e Evelyne foram condenadas com uma crítica fraca.

Sartre foi criticado pelas passagens tediosas, e alguns críticos optaram por não enxergar as alusões óbvias à Guerra da Argélia. Mas muitos consideraram que esta era sua melhor peça.

Agora que já não saía com Michelle Vian, Sartre passava mais tempo com Arlette Elkaïm. Antes, os dois se encontravam aos domingos, por duas horas na parte da tarde. Agora, ele lhe reservava duas noites por semana. E as três semanas de férias por ano de Michelle com Sartre foram para Elkaïm.

Em setembro de 1959, alguns dias antes da estréia de *Os Condenados de Altona*, Sartre e Elkaïm foram para a Irlanda, onde se hospedaram com o diretor de cinema John Huston em sua grande propriedade perto de Galway. Huston queria discutir o roteiro sobre Freud que Sartre estava escrevendo para ele. Elkaïm falava um pouco de inglês, e serviu de intérprete.

Huston depois escreveu:

> Sartre era um barrilzinho, e não podia ser mais feio. Tinha a cara inchada e marcada, os dentes amarelos e era vesgo (...) Com ele, não se conversava; ele falava sem parar, e não se podia interrompê-lo. Você esperava achando que ele ia tomar fôlego, mas ele não tomava. As palavras jorravam de dentro dele.[32]

Sartre também achou impossível conversar com Huston. Escreveu duas longas cartas a Beauvoir sobre a loucura que encontrou naquele “enorme quartel”, cercado de campos verdejantes, vacas e cavalos.

Na Irlanda, Elkaïm começou a ver pela primeira vez que não estava tudo bem com Sartre. Até então, sua admiração a cegara. “O corydrane era um aspecto muito negativo de nossa relação”, diria a John Gerassi em 1973. “O Castor conhecia-o muito melhor, e diz o que pensa. A única coisa que podem reclamar de mim é ter sido passiva. Depois de algum tempo, comecei afinal a ter idéias próprias (...) Sartre tomava corydrane aos montes. Ficava com a língua preta do remédio. Isso me afastava. Mas eu não me revoltava; tinha medo de fazê-lo.” Em vez disso, entrou em depressão, o que tinha de esconder de Sartre porque ele não sabia lidar com o problema.[33]

Em suas cartas, Sartre tentava, não de forma muito convincente, tranqüilizar Beauvoir dizendo-lhe que estava abstêmio:

> Não estou bebendo (a não ser um pequeno martini seco, às vezes dois. Nada de uísque. A não ser nas duas primeiras noites) (...) Estarei de volta *Quinta-feira* às 11h30 (...) Deixarei Arlette em casa dela e irei logo para a sua. Não contei a mais ninguém a que horas chego (...) Se eu escrever a Evelyne antes disso marcando um encontro, será para o fim da tarde. Diga-lhe que não sabe.
> Tudo de bom, minha querida, mando-lhe um beijo enorme. Só falei de mim, mas foi para diverti-la. Até quinta-feira, Castorzinho.

Naquela época, a tensão nervosa de Sartre era tal que ele não conseguia ficar sentado sem se mexer. Ficava arrastando os pés, a tal ponto que gastou um pedaço do carpete da casa de Beauvoir. Ela pôs um remendo em cima do buraco. Mexia tanto os cotovelos que puía os braços das poltronas. Havia anos que não dormia sem bolas no ouvido e quatro ou cinco soníferos.

No início da noite de 4 de janeiro de 1960, o telefone tocou na casa de Beauvoir. Era Lanzmann contando-lhe que Camus morrera num acidente de carro. Camus tinha 46 anos, seis a menos que ela. Ela ficou horrorizada:

> Desliguei o telefone, a garganta apertada, os lábios trêmulos. “Não vou começar a chorar”, disse a mim mesma, “ele já não representava mais nada para mim”. Fiquei ali parada, encostada na janela, vendo a noite cair sobre Saint-Germain-des-Prés, incapaz de me acalmar ou de admitir estar realmente triste. Sartre também ficou perturbado, e passamos a noite inteira com Bost falando de Camus. Antes de deitar, tomei uns comprimidos de belladénal (...) Eu devia ter dormido; fiquei completamente desperta. Levantei, vesti a primeira roupa que encontrei e saí para caminhar no meio da noite.[34]

Camus editara a *Combat* durante a Resistência; dançara nas *fiestas* da “família”; mandara Sartre e Bost para a América. Camus e Sartre brigaram por causa do stalinismo. Mais recentemente, o clã de Sartre desprezava Camus pelo que via como sua simpatia pelos franceses na Guerra da Argélia.[35] Mas, como pessoa, sentiam falta dele.

Num pungente tributo a Camus, Sartre minimizou o rompimento. “Uma briga não é nada — mesmo que a gente nunca mais vá se ver de novo (...) Isso não impediu de pensar nele.”[36]

Aos setenta anos, Sartre se lembraria de Camus com mais ternura que nunca: “Ele tinha um lado que cheirava ao argelinozinho durão, muito vândalo, muito engraçado (...) Sua linguagem era ousada — a minha também, aliás —, contávamos uma história suja atrás da outra, e a mulher dele e Simone de Beauvoir fingiam se chocar (...) Ele provavelmente foi meu último grande amigo.”[37]

Nelson Algren chegou a Paris em fevereiro de 1960. Beauvoir, que estava passando cinco semanas em Cuba com Sartre, deixara-lhe a chave do apartamento e dera instruções a Olga, Bost e Michelle para que tomassem conta dele.

Algren ficou chocado com o aspecto devastado de Olga, mas gostou de flertar com Michelle. “A Golden Zazou perdera um pouco do brilho”, diria em suas memórias *Who Lost an American?*, “mas ainda era Michelle que se importava com as pessoas.”[38] Michelle fora

readmitida na família depois de ter tentado o suicídio. Ficara desesperada sem Sartre.

Depois que Sartre e Beauvoir voltaram a Paris, Michelle e Algren continuaram saindo algumas noites. “Simone de Beauvoir organizava nossos encontros”, conta Michelle. “Dançávamos ‘Night and Day’, e Algren tentava me apertar mais. Num táxi, quando passávamos pelo Palais de Chaillot, ele pegou minha mão e a colocou entre as pernas.” Quando ela contou isso a Sartre no dia seguinte, Sartre, excitado com a história, fez amor com ela — pela primeira vez em dois anos. Depois disso, sua relação física recomeçou.

Michelle exultou ao ver que Sartre ainda a desejava, mas já não tinha ilusões de que ele daria muito de seu tempo. Os dois se viam uma vez por semana por duas horas. Michelle amava André Reweliotty, mas amava mais Sartre. Tinha 42 anos, e decidiu que, se tivesse um filho com Sartre, isso preencheria um vazio em sua vida. “Ele não se importava”, diz. “Não teria tomado conta da criança, claro, mas gostava de dar filhos como gostava de dar outra coisa qualquer.”[39]

Quis o destino que Michelle, que sempre engravidara tão facilmente quando não queria, já não pudesse conceber. Consultou um obstetra (Dr. Lagroua Weill-Hallé) e descobriu que estava com as trompas entupidas. Submeteu-se a uma cirurgia, mas ainda assim nada aconteceu. No passado, engravidara três vezes de Sartre, e fizera três abortos. Ao que parecia, o último a deixara estéril.[40]

Beauvoir e Sartre voltaram muito entusiasmados de Cuba. Estavam lá para o que Sartre chamava de “a lua-de-mel da Revolução”.[41] Havia uma atmosfera festiva na ilha, o povo dançava nas ruas e os dois escritores foram festejados em todos os lugares aonde foram. Até mesmo passaram três dias viajando pela ilha com Fidel Castro. Os jornais mostraram pelo mundo afora a foto de Sartre e Beauvoir ao lado do jovem e belo Fidel Castro, que era mais alto que ambos; em outra foto, estavam a bordo de uma voadeira, com Castro no motor de popa; numa terceira, estavam sentados conversando com os revolucionários Castro e Che Guevara calçados com pesadas botas, os homens fumando grossos charutos cubanos.

Ao voltar a Paris, Sartre escreveu uma série de artigos sobre Cuba (“Furacão sobre a cana-de-açúcar”), enquanto Beauvoir se dedicava a Algren. Os dois não se viam havia oito anos, e, a princípio, ficaram nervosos, mas logo relaxaram. Algren usava as mesmas calças de veludo cotelê e a mesma jaqueta gasta. “Apesar dos anos de separação e dos verões tempestuosos de 1950 e 1951, sentíamo-nos tão próximos como nos melhores dias de 1949”, conta Beauvoir em suas memórias.[42]

Ela e Algren passaram dias aconchegantes na rue Schoelcher. Algren levantava-se primeiro e fazia suco de laranja para os dois. Instalara sua máquina de escrever elétrica na mesinha usada antes por Lanzmann. Os dois trabalhavam juntos pela manhã e, à tarde, Beauvoir continuava trabalhando na casa de Sartre. Foram a Marselha, Istambul, Grécia, Creta. De vez em quando, ao que parece, faziam amor.

Em agosto, Beauvoir foi ao Brasil com Sartre, deixando Algren mais uma vez em seu apartamento. Ele ficou mais algumas semanas. Do Rio, Beauvoir escrevia cartas carinhosas à “fera subversiva do meu coração, meu amor distante”. Ela o amava “mais do que nunca e para sempre”, disse.[43] Algren escreveu três cartas curtas, e depois se fez silêncio. Quando Beauvoir voltou a Paris em novembro, esperou encontrar uma pilha de cartas dele. Não havia nenhuma. Ele lhe deixara algumas fotos da temporada em Istambul, um livro, algumas revistas, uma barra de chocolate e um poema em sua mesa. Mas fora embora. Ela sentia falta dele.

Beauvoir não gostara da viagem ao Brasil. Ficara perturbada com o silêncio de Algren. Gostaria de ter feito caminhadas sozinha com Sartre. Em vez disso, Sartre dava palestras sobre o colonialismo e a Guerra da Argélia, e havia reuniões sem fim, entrevistas, coletivas e jantares. Aonde quer que fossem, Sartre era saudado como herói, particularmente por jovens. Mas estava com herpes, causado por excesso de trabalho e depressão.

Então Beauvoir ficou doente. Numa cidadezinha abandonada no rio Amazonas, teve uma febre alta. Ela e Sartre ficaram com medo de morrer naquele lugar e tomaram um avião às quatro da manhã para

Recife. Quando chegaram, Beauvoir sentia-se quase morta. Passou uma semana no hospital com suspeita de febre tifóide. Enquanto ela jazia na cama suando, Sartre tentava seduzir Cristina, uma jornalista brasileira de 25 anos, virgem, de cabelos cor de fogo. Tão logo sentiu-se suficientemente forte, Beauvoir (cujo inglês não estava à altura de seu padrão normal) escreveu a Algren, entre divertida e desesperada.

> A moça (...) acredita em Deus, e quando compreendeu que Sartre não devia ter odiado dormir com ela, achou que ele era o Diabo em pessoa. Os dois brigaram. Sartre passou um mau bocado naquela cidadezinha monótona e hostil comigo no hospital e a moça ruiva meio simpática, meio assustada; bebia um pouco demais e, à noite, para dormir, tomava doses cavalares de gardenal. O resultado era que, quando se levantava pela manhã, não conseguia ficar em pé; ia batendo nas paredes e andando em ziguezague. Quando chegava no hospital, parecia tonto — isso me deixava furiosa, mas eu não podia fazer nada. A moça bebia também, quando me recuperei, passamos uma noite louca, ela quebrou copos com as mãos nuas e sangrou muito, dizendo que ia se matar, porque amava e odiava Sartre, e nós íamos embora no dia seguinte. Dormi na cama dela, segurando-lhe o braço para impedi-la de se atirar pela janela (...) Ela virá a Paris e Sartre diz que talvez se case com ela! E a argelina? Bem, o futuro é esse.[44]

Beauvoir não teve notícias de Algren, mas recebeu muitas cartas e telefonemas preocupados de Paris. Antes de partir, Sartre e Beauvoir estiveram entre os 121 intelectuais franceses a assinar o "Manifesto dos 121", exigindo a independência da Argélia e a anistia de todos os soldados franceses que se recusaram a pegar em armas contra o povo argelino. Petição incendiária, defendia a insubordinação. Entre outros nomes conhecidos estavam os de André Breton, Marguerite Duras, Michel Leiris, Alain Robbe-Grillet, Nathalie Sarraute e Simone Signoret. E na *Les Temps Modernes*, Bost, Lanzmann, Pouillon e Pontalis, todos assinaram.

A outra coisa que acontecia enquanto eles estavam fora era o julgamento de Francis Jeanson, um membro militante do comitê da *Les Temps Modernes*, que trabalhara para a Frente de Libertação da Argélia, a FLN. No julgamento, que estava nas manchetes dos jornais, um dos advogados de defesa de Jeanson leu uma carta de Sartre: “Se Jeanson tivesse me pedido para carregar uma mala ou dar guarida a militantes argelinos e pudesse ter feito isso sem colocá-los em perigo, eu o teria feito sem hesitação.”[45] A carta causou um clamor. Muitos acusaram Sartre de traição.

Quase no fim de outubro, quando Beauvoir e Sartre já iam voltar para a França, Lanzmann telefonou para dizer que, em nenhuma circunstância, eles deveriam pousar em Paris. Sartre havia sido ameaçado de morte. Cinco mil veteranos de guerra haviam desfilado nos Champs-Elysées gritando “Matem Sartre!”. Trinta dos 121 signatários já haviam sido acusados. Alguns haviam sido demitidos de seus empregos. E todos estavam ameaçados de cinco anos de prisão. O clima no país estava tão tenso que Sartre corria o risco de ser assassinado ou preso tão logo chegasse de volta. Beauvoir também corria perigo. Os nacionalistas de extrema direita sabiam que podiam chegar a Sartre ameaçando-a. E ela também expusera-se à ira com sua defesa corajosa, publicada no *Le Monde*, de Djamila Boupacha, uma muçulmana membro da FLN que fora violentamente torturada por soldados franceses, que até a estupraram com uma garrafa quebrada.[46]

Por insistência dos amigos, Sartre e Beauvoir mudaram o vôo para Barcelona. Foram recebidos ali por Bost e Pouillon. Lanzmann foi encontrá-los nas proximidades de Paris. Eles entraram na cidade por estradas secundárias.

Os meses seguintes se revelaram muito estranhos. Sartre e Beauvoir moravam juntos e, por causa das ameaças de morte, quase não podiam sair. Alimentavam-se de presunto, salsicha e muitos enlatados. Quando lá ia, Bost preparava-lhes uma refeição decente. A moça brasileira escrevia cartas apaixonadas, mas Sartre decidiu afinal não se casar com ela. O *Na Força da Idade,* de Beauvoir, saíra em novembro, sendo muito aclamado. Os críticos eram unânimes em dizer que os escritos mais empolgantes de Beauvoir eram sobre sua própria vida.

Sartre convocou uma entrevista coletiva na casa de Beauvoir para protestar contra as acusações contra trinta dos signatários do manifesto. “Se esses indivíduos forem considerados culpados, então todos nós somos. Se não forem, que se retirem as acusações.”[47]

E acabaram retirando. O governo não estava preparado para abrir um processo contra Sartre. “Não se prende Voltaire”, dissera De Gaulle, pensando em Sartre. Portanto, os outros também não podiam ser punidos.

O nome de Sartre protegera-o da prisão, mas ele não podia impedir que os amigos perdessem o emprego. Num gesto que lembrava a América macarthista, os que tinham emprego público — professores, gente de rádio e televisão — entraram na lista negra e foram demitidos. Jean Pouillon, que trabalhava na Assembléia Nacional, foi suspenso por seis meses sem vencimentos.

Vislumbrava-se o fim da Guerra da Argélia: De Gaulle falava em independência. A reação da direita francesa foi brutal. Em julho de 1961, o apartamento de Sartre na rue Bonaparte foi atingido por um explosivo plástico. O estrago não foi grande, mas Sartre mudou a mãe para um hotel no Boulevard Raspail, e ele mesmo mudou-se para a casa de Beauvoir. Em outubro, cerca de 30 mil argelinos fizeram uma demonstração contra o toque de recolher das 20h30 imposto aos muçulmanos em Paris. Foi uma marcha pacífica até a polícia francesa cair em cima deles aos gritos com golpes de cassetete e atirá-los no Sena. Pelo menos duzentos argelinos foram mortos. A corrente dominante da imprensa francesa cobriu a atrocidade. A *Les Temps Modernes* contou a verdade sobre este e outros horrores.

Foi num estado de fúria contra o colonialismo e seus crimes que Sartre sentou-se para escrever um prefácio para o livro de Frantz Fanon *Os Condenados da Terra*. Ele e Fanon se conheceram em Roma no verão anterior, e, embora estivesse morrendo de leucemia, Fanon passara três dias e três noites conversando com Sartre com uma urgência febril, mal parando para dormir. Psiquiatra negro natural da Martinica, Fanon estava envolvido com a FLN. Em seu livro, afirmava que a violência era uma “força de limpeza” para o

terceiro Mundo, que restituía o orgulho e o auto-respeito aos nativos que haviam sido colonizados.

Sartre concordava. Os oprimidos tinham que responder à violência com violência, disse no prefácio. Era a única maneira pela qual alcançariam a libertação. O livro de Fanon, com o famoso prefácio de Sartre, tornou-se um “pequeno livro vermelho” para os revolucionários do Terceiro Mundo.

Em janeiro de 1962, um segundo explosivo plástico destruiu o apartamento na rue Bonaparte. Nem Sartre nem sua mãe estavam lá, mas muitos dos papéis de Sartre se perderam. Sua mãe instalou-se definitivamente num hotel. Sartre alugou um estúdio no décimo andar de um prédio moderno no Boulevard Raspail 222, a cinco minutos dali. Quase não tinha móveis, e trabalhava numa mesa de fórmica branca, com livros espalhados pelo chão. Tudo o que salvou do apartamento da mãe foi uma cadeira de madeira que fora de seu bisavô. “Essa cadeira é a única coisa que tem importância para mim”, disse à amiga Liliane Siegel, “além dos meus livros, claro”. Siegel olhou desconfiada para a cadeira. “Gosto que seja desconfortável”, disse Sartre. “Não gosto de cadeiras que corrompam.”[48]

A primeira vez que chegou ali para a consulta semanal das terças-feiras à tarde, Siegel ficou horrorizada com a feiúra do novo ambiente de Sartre. Liliane Siegel era a última bela judia perturbada que Sartre estava salvando com sua psicanálise existencial. (“Ele era particularmente bom em fazer as pessoas falarem”, conta. “Detectava o mais tênue fingimento, a menor mentira, interpretava os silêncios, observava expressões faciais, analisava tudo com um pente-fino. Não fazia concessões, voltava a uma frase, exigia informações mais completas (...) Queria saber tudo ou nada.”[49]) Liliane criara uma grande dependência daqueles encontros. Tinha aptidões práticas, sabia dirigir e gostava de ajudar Sartre sempre que podia. Comprou duas mesas de madeira num mercado de pulgas — uma para Sartre e outra para Beauvoir — e algumas estantes e lâmpadas. Seu filho entregou e instalou os móveis.

Em junho de 1962, quando a Argélia finalmente ganhava a independência, Sartre e Simone foram a Moscou. Estavam totalmente desiludidos com a França e as milhares de mortes que ela provocara aferrando-se ao colonialismo. Estavam irritados com o governo

americano, que implementara um embargo econômico a Cuba. “Parece que o sujo do seu Kennedy vai criar sérios problemas para Castro”, dissera Beauvoir numa carta a Algren na época da crise da baía dos Porcos. “Odeio esse garoto sorridente e sua mulher sorridente.”[50]

Beauvoir e Sartre embarcaram no avião esperando desesperadamente ver novos sinais de liberdade na União Soviética.

Notas

1 S de B a NA, 1º de setembro de 1955.
2 S de B a NA, 3 de novembro de 1955.
3 *FC*, p. 348.
4 Ibid., p. 352.
5 Entrevista de Jacqueline Piatier com Sartre. “Uma loucura longa amarga e doce”, *Encounter*, junho de 1964, p. 61-63.
6 Entrevista de Michel Contat e Michel Rybalka com Sartre, *Le Monde*, 14 de maio de 1971 (*Os Escritos de Jean-Paul Sartre*, vol. I, p. 571).
7 *FC*, p. 358.
8 Claude Roy, *Libération*, 19 de junho de 1957.
9 “People”, *Time*, 2 de julho de 1956, p. 33.
10 *FC*, p. 363.
11 CL a Michelle Vian, fevereiro de 1955, arquivos de Michelle Vian.
12 Minha entrevista com Michelle Vian, Apt, 13 de outubro de 2003.
13 “Après Budapest, Sartre parle”, *L’Express*, 8 de novembro de 1956. O que Sartre disse sobre o Plano Marshall é apoiado por documentos do Departamento de Estado dos Estados Unidos dessa época, e foi até relatado na imprensa americana. Em 9 de maio de 1947, um artigo no *New York Times*, “Administration Now Shifts Its Emphasis on Foreign Aid”, tinha isso a dizer sobre a mudança de retórica do governo americano: “A administração não está feliz com a reação emocional aqui e no estrangeiro aos aspectos militares e ideológicos da Doutrina Truman. Conseqüentemente, está sendo feito um esforço consciente para enfatizar antes os problemas econômicos positivos da reconstrução da Europa do que o programa militar e ideológico de bloquear a expansão russa e o comunismo soviético. O governo ainda tem o mesmo objetivo. Não vacilou em sua sincera crença de que a expansão e a infiltração soviéticas devem ser detidas.”
14 Entrevista de John Gerassi com Arlette Elkaïm Sartre, 5 de março de 1973. Biblioteca Beinecke, Universidade de Yale.
15 Entrevista com Arlette Elkaïm Sartre em *L’Express*, 8-14 de abril de 1983.
16 Entrevista de Gerassi com Arlette Elkaïm Sartre, 5 de março de 1973.
17 Cau, *Croquis de Mémoire*, p. 241-42. Estou parafraseando Cau.
18 Gisèle Halimi, *Milk for the Orange Tree* (Londres: Quartet, 1990).
19 *FC*, p. 466, trad. modificada [“Cette accablante année”].
20 Ibid., p. 398.
21 Beauvoir cita estes trechos de seu diário em *FC*, p. 404-463.
22 *FC*, p. 459.
23 Ibid., p. 443.

24 Minha entrevista com Michelle Vian, 11 e 12 de julho de 2002.
25 Entrevista de Gerassi com Sartre, 27 de outubro de 1972.
26 *FC*, p. 455-56.
27 Atualmente, Claude Lanzmann descreve De Gaulle como “um grande estrategista, um grande estadista e um grande escritor na barganha” e se indaga sobre o “romantismo louco” com que estavam inundados na época. “Estávamos errados”, diz. “Não consigo entender bem como Sartre, em particular, entendeu De Gaulle tão mal.” “Entretien avec Claude Lanzmann”, *Les Temps Modernes*, n. 531-33, out.-dez. 1990.
28 *FC*, p. 456.
29 Ibid., p. 460-61.
30 Ibid., p. 465.
31 Minhas entrevistas com Claude Lanzmann, Cap Ferret, 20 de julho de 2002; e Paris, 27 de janeiro de 2004.
32 John Huston, *An Open Book* (1959) (Nova York: Knopf, 1980), p. 295.
33 Entrevista de Gerassi com Arlette Elkaïm Sartre, 5 de março de 1973.
34 *FC*, p. 496-97. Camus estava voltando do sul com Michel Gallimard e a mulher e a filha de Gallimard. Michel Gallimard, que estava dirigindo, morreu cinco dias depois no hospital. As mulheres, que iam no banco de trás, sobreviveram.
35 Camus, que tivera uma infância pobre na Argélia, via como a única esperança a reconciliação franco-árabe. Condenava a violência de ambos os lados e alertava que a FLN era autoritária e não estava preparada para ceder. Sartre também desconfiava da organização. No entanto, para ele, a única resposta à violência do colonialismo era a violência.
36 “Albert Camus”, *Situations*, p. 109.
37 Sartre, “Auto-retrato aos setenta”.
38 Nelson Algren, *Who Lost an American?* (Nova York: Macmillan, 1963), p. 118.
39 Minha entrevista com Michelle Vian, 11 e 12 de julho de 2002.
40 Só tenho a palavra de Michelle Vian afirmando que Sartre estava preparado para ter um filho com ela. Mas como todas as suas outras declarações parecem estar corretas, e como ela deu o nome dos médicos, não tenho por que não acreditar nela. Mme. Weill-Hallé ficou famosa por ter fundado o planejamento familiar na França. Beauvoir escreveu o prefácio de seu livro de 1960, *La Grand’Peur d’Aimer.* O cirurgião que Michelle diz ter realizado a cirurgia foi o Dr. Pierre Simon, famoso por seus escritos sobre o “parto sem dor”.
41 *FC*, p. 503.
42 Ibid., p. 506.
43 S de B a NA, 26 de agosto de1960 e 23 de setembro de 1960.
44 S de B a NA, 29 de outubro de 1960.
45 Cohen-Solal cita essa declaração em *Sartre*, p. 422.
46 Gisèle Halimi, *Djamilla Boupacha* (Paris: Gallimard, 1962).
47 Cohen-Solal, *Sartre*, p. 429.
48 Liliane Siegel, *In the Shadow of Sartre* (Londres: Collins, 1990), p. 24.
49 Ibid., p. 18.
50 S de B a NA, 14 de abril de 1961.

ONZE

NOITES BRANCAS, VODCA E LÁGRIMAS

Junho de 1962–Novembro de 1966

Após sua veemente denúncia da invasão da Hungria pelos soviéticos, Sartre deve ter ficado surpreso ao receber um convite da União dos Escritores Soviéticos. Mas, sob Nikita Khruschev, a URSS estava passando pelo que chamava de “degelo”.[1] Khruschev condenara os abusos e os expurgos do regime de Stalin. Estava ciente de que a cultura soviética não podia se manter para sempre congelada, e embarcara numa política de “desestalinização”, que envolvia a suavização da censura. O escritor Ilya Ehrenburg (que não pertencia ao partido mas tinha intimidade com a nomenclatura comunista) pressionava Khruschev a abrir o intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente. E, como Ehrenburg teria ressaltado, Jean-Paul Sartre — o intelectual mais proeminente da França, ativo militante da paz mundial, um homem de esquerda mas não do Partido Comunista — era a pessoa certa para se cortejar.

Sartre e Beauvoir voaram para Moscou em 1º de junho de 1962. Lena Zonina, guia e intérprete da União dos Escritores Soviéticos, estava no aeroporto para recebê-los, e à sua inteira disposição durante a estada de três semanas. Zonina era crítica literária e tradutora, e, diferentemente dos outros russos que encontrariam, conhecia bem o trabalho deles. Esperava traduzir alguma coisa.[2]

Sartre e Beauvoir tiveram a impressão de que a União Soviética saía da idade das trevas. Pela primeira vez, os russos ouviam jazz, dançavam rock and roll e liam traduções de escritores como Faulkner, Hemingway, Sartre e Camus. Khruschev até permitira que a revista *Novy Mir* publicasse *One Day in the Life of Ivan Denisovich*, um romance do escritor desconhecido Alexander Soljenitsyn, que quase morrera num campo de trabalhos forçados na Sibéria. Jamais um livro que retratasse a vida no *gulag* fora publicado na União Soviética.

Agora, em vez dos banquetes solenes a que Sartre fora submetido em 1954, ele e Beauvoir eram convidados para ir à casa de pessoas, onde podiam conversar livremente com outros escritores e intelectuais. Aonde quer que fossem, Lena Zonina estava a seu lado. Um ponto alto foi a visita a Leningrado, uma cidade que eles acharam tão encantadora quanto Roma. Caminharam com o povo às margens do rio Neva, e ficaram parados diante do Palácio de Inverno, pensando na revolução violenta que ocorrera naquele cenário magnífico — cenas que foram gravadas em suas mentes por fotografias e filmes antigos. “As ‘Noites Brancas de São Petersburgo’; na Noruega, na Finlândia, eu pensara saber como eram”, contaria Beauvoir, “mas a magia do sol noturno precisa deste cenário fantasmagórico e petrificado do passado para completar seu encanto”.[3]

Apesar do clima de relativa liberdade, era fácil manter-se isolado da vida cotidiana na União Soviética. O Hotel Pequim em Moscou, onde Sartre e Beauvoir estavam hospedados, era um mundo à parte, um palácio para estrangeiros. Eles não gostavam de comer lá, e preferiam que Zonina os levasse a restaurantes locais, o que significava fazer fila com os moscovitas. Algumas noites, ela os levava ao Clube dos Escritores.

Zonina, foi um alívio para eles saber, não era stalinista. Já havia sido. Seu nome verdadeiro, “Lenina”, que refletia o engajamento de seus pais na Revolução, constrangia-a. Ela preferia “Lena”.[4] Até o fim da Segunda Guerra Mundial, sua família manteve uma admiração profunda por Stalin. Então vieram os expurgos de judeus. Em 1949, seu pai, Alexander Zonin, escritor, fora detido como um “cosmopolita sem raízes” (código para intelectual judeu) e enviado

para um campo no Casaquistão. Como filha de um “inimigo do povo”, Zonina não estava autorizada a continuar seus estudos universitários.

Porque escrevia bem o francês, Ilya Ehrenburg empregou-a como sua secretária. Foi um ato corajoso, pelo qual ela sempre lhe foi grata. A própria posição de Ehrenburg era bastante precária. Como ela, ele era judeu, e tendo vivido quase vinte anos em Paris, tinha grande afinidade com os intelectuais ocidentais. Tinha sorte de ter sobrevivido até então, e sabia disso.

Quando seu pai foi libertado do campo em 1955, Zonina voltou para a Universidade de Moscou para prosseguir seus estudos de pós-graduação em francês. Isso levara a seu atual emprego — na Comissão Internacional, a seção mais prestigiosa da União dos Escritores.

Aos 38 anos — casada e divorciada duas vezes —, Zonina morava com a mãe e a filha de dois anos, Macha, num prédio caindo aos pedaços no centro de Moscou. Enquanto Lena trabalhava, sua mãe cuidava da pequena Macha. As duas mulheres dividiam a tarefa das compras domésticas, que envolviam horas intermináveis em filas, depois subir cinco andares de uma escada bamba carregando sacolas.

Zonina vivia lutando contra o cansaço. Pouco antes do nascimento de Macha, desenvolvera diabetes grave. Tinha que seguir uma dieta draconiana e se aplicar três injeções por dia. Alérgica à insulina de porco produzida na União Soviética, contava com amigos da Embaixada francesa para lhe trazer insulina do Ocidente. E embora andasse com pão na bolsa para o caso de uma crise de hipoglicemia, um dia, num restaurante de Moscou, desmaiou diante de Sartre e Beauvoir.

“Lena não tinha nada de morno”, contaria Beauvoir em suas memórias. “Era apaixonada pela verdade e pela justiça. Mas nunca se entregava ao dogmatismo ou ao farisaísmo; era alegre, irônica e, às vezes, muito engraçada (...) Havia uma ligação entre nós que é difícil definir — uma compreensão, uma comunicação instantânea (...) Era um grande prazer caminhar com ela ou ficar no apartamento dela conversando e bebendo vodca.”[5]

Por seu lado, Lena admirava a escrita de Sartre e Beauvoir, seu engajamento político e sua independência como casal. Ficara bastante

intimidada enquanto os esperava no aeroporto, mas logo sentiu-se à vontade em sua companhia e se viu brincando e rindo com eles, e contando-lhes sobre sua vida.

Duas semanas depois de regressar a Paris, Sartre tornou a ir a Moscou, desta vez sozinho. De 10 a 16 de julho, participou do Congresso da Paz Mundial em Moscou. Lena Zonina foi mais uma vez sua intérprete oficial. Porque as sessões começavam muito cedo, ela também foi acomodada no hotel.

Tão logo voltou a Paris, Sartre escreveu-lhe a primeira de muitas cartas apaixonadas. Ainda se lembrava vivamente de cada momento com ela no quarto do hotel. Deixá-la fora terrivelmente penoso para ele. Durante o vôo de três horas e meia para Paris, não conseguiu dormir. Começava a cochilar, então uma lembrança forte o despertava.

"*Ma femme*", chamava-a. Em Moscou, tivera a sensação de ser casado com ela. Iam juntos a todos os lugares, e, nas conferências, sentavam-se juntos.

Ela se ocupava dele de modo tão completo que ele se sentia quase feminino. Para que ele fosse compreendido, ela precisava estar do lado dele. Quando voltou a Paris, Sartre não conseguia se acostumar a falar com as pessoas sem um intermediário.

O deles era um amor proibido, disse-lhe. O acesso que tinham um ao outro dependia da política da Guerra Fria. Passariam seis meses sem se ver, e seria difícil. Será que Zonina decidiria que seis meses era muito tempo? Ela lhe contara que sempre fora quem terminara os relacionamentos com os homens. Isso o deixava aflito. Ele lhe garantira que nunca a magoaria e esperava que pudessem confiar um no outro.

Por causa dos censores soviéticos, Sartre e Zonina não enviavam cartas pelo correio. Tinham que esperar até um confidente viajar entre Paris e Moscou — em geral Ilya Ehrenburg ou um amigo da Embaixada francesa em Moscou. Às vezes, havia intervalos de semanas. Sartre, que gostava de escrever a Zonina todos os dias,

acabava enviando cartas de quarenta páginas ou mais. Colocava a carta num pacote contendo artigos ou um manuscrito, ostensivamente enviados por Beauvoir, que sobrescrevia o envelope.

Sartre sempre se mostrara suscetível ao encanto eslavo. Mas Lena Zonina era muito diferente. Não era russa-branca como as irmãs Kosakiewicz ou Nathalie Sorokine. Sua família não fugira da Revolução de 1917. E ela era judia. Para Sartre, representava muitas coisas: o exotismo eslavo, a revolução comunista, a perseguição anti-semita. As duras provas de sua vida faziam-no sentir-se culpado, dizia-lhe. Pensava nela subindo cinco lances de escada e sentia-se mal cada vez que entrava em seu elevador.

Zonina protestava dizendo que Sartre estava apaixonado por uma fantasia. Não queria simbolizar a Mãe Rússia. Queria ser sua amante, não sua amante *soviética*.

Ela não era fantasia, Sartre lhe assegurava. Era seu refúgio. Ele precisava dela para ser feliz. Precisava dela para sentir-se ele mesmo. Só havia duas pessoas em sua vida de quem ele realmente gostava: o Castor e sua pequena Lentchka.

Seria Lena Zonina uma agente da KGB, designada para aproximar-se de Sartre e passar informações sobre ele? A sugestão corre de tempos em tempos.[6] O próprio Sartre estava ciente do rumor e ria dele.[7] Mas o que significava o fato de Sartre, que sempre tivera tanto cuidado em preservar sua independência política, ter se apaixonado por uma representante oficial do governo soviético?

A União dos Escritores era uma grande organização com cerca de 6 mil membros, fundada pelo Comitê Central do Partido Comunista. Seus representantes mais graduados eram membros do partido, alguns dos quais estavam na KGB. Os intérpretes que trabalhavam na Comissão Internacional gozavam de certos privilégios, como viagens, embora, quando viajassem para o Ocidente, fossem obrigados a deixar para trás membros chegados da família, para o caso de nutrirem idéias de deserção. Sempre que falavam com estranhos, eram solicitados a apresentar relatórios detalhados.

Jean-Paul Sartre não era cientista nuclear; não possuía segredos comerciais de interesse para os russos. Seu valor era um instrumento de propaganda. “A importância de sua visita não pode ser exagerada”, anotou Zonina em seu primeiro relatório. “Sua influência na *intelligentsia* de vanguarda no Ocidente era imensa naquele momento.”[8]

A posição de Lena Zonina teria sido impossível se ela tivesse se apaixonado por um intelectual ocidental que criticasse abertamente a URSS. Mas não fora o caso. Durante os anos em que foram amantes, 1962-1966, Sartre se alinhava quase inteiramente com a propaganda soviética. Em suas visitas à URSS, deixava claro para todos que lá estava porque queria avaliar as coisas *positivas.* Como eles, estava comprometido com a paz mundial, dizia.[9] E ele estava ansioso para promover laços culturais entre o Oriente e o Ocidente. Em seu prefácio à tradução russa de Lena Zonina de *As Palavras*, ele até dizia que para os franceses de sua geração, “o grande acontecimento foi a sua revolução.”[10]

Lena Zonina fazia muito mais críticas ao governo soviético do que Sartre. Permanecia fiel a Ilya Ehrenburg, que assinava petições de protesto, mantinha-se à distância dos *apparatchiks* na União dos Escritores. E atrevia-se a manifestar opiniões positivas sobre dois homens que eram muito vilipendiados em círculos do partido — Pasternak e Soljenitsyn. No círculo freqüentado por Zonina, todos criticavam o governo — pelo menos no recesso de seus lares.

De fato, os intelectuais soviéticos eram, em sua maioria, pensadores liberais, e estavam desapontados com Sartre, que, apesar de sua posição influente, nada dizia em objeção ao governo soviético. “Eles o achavam bastante ingênuo, até meio desonesto”, diz Gilbert Dagron, que era o adido cultural da Embaixada francesa em Moscou na época, e grande amigo de Lena Zonina. “Ele via coisas, mas não falava nelas.” Sartre sempre teve medo de que a imprensa conservadora usasse alguma crítica que ele fizesse à União Soviética como propaganda para o lado americano. Dagron conversou durante uma hora com Sartre no quarto deste no Hotel Pequim. Sartre comentou que certas coisas eram “escandalosas”, e Dagron insistiu para que ele escrevesse sobre elas. “Não posso”, disse Sartre. “O *Figaro* iria me elogiar.”[11]

Será que a KGB sabia do caso de Zonina com Sartre? É inconcebível que não soubesse. Os hóspedes estrangeiros estavam sob constante vigilância. Como diz Beauvoir em suas memórias, sempre havia supervisores nos corredores de seus hotéis.

Estariam as autoridades preocupadas com o caso? Por causa dele, Sartre foi com muito mais freqüência à URSS do que normalmente teria ido, o que dava uma boa imagem à URSS. Se o objetivo das autoridades soviéticas era impressionar Sartre com a liberdade da União Soviética e o calor de sua hospitalidade, não poderiam ter feito melhor. E com Sartre vinha Simone de Beauvoir. Suas memórias eram *best-sellers* no Ocidente, e, na entrevista coletiva em Moscou em junho de 1962, ela prometeu transmitir suas impressões positivas da Rússia no próximo volume.[12]

Zonina e Sartre não se iludiam achando que as autoridades não sabiam de seu caso.[13] Lena sem dúvida foi interrogada a respeito. Teria que agir como se Sartre não soubesse que as autoridades sabiam. O próprio Sartre tinha que agir como se não soubesse que elas sabiam. Para Sartre, que sempre foi fascinado com as máscaras que as pessoas usam e os papéis que representam, este intrincado jogo de espionagem deve ter sido curioso.

Um punhado de relatórios de Zonina à União dos Escritores foi publicado na revista francesa *Commentaire*. São totalmente inócuos. Ela dizia, por exemplo, que a primeira viagem de Sartre fora difícil de organizar, posto que tinha que ser levada em conta sua "extrema impaciência com qualquer sinal do que ele chama de 'propaganda'". Explicava que Sartre e Beauvoir quiseram passar o dia visitando Rostov com o escritor Yefim Dorosh; as autoridades não permitiram, e, furioso, Sartre insistiu em ser levado de volta a Moscou. Para as futuras visitas de Sartre, Zonina tinha este conselho: "Seu programa tem que ser planejado de tal maneira que ele tenha a impressão de só encontrar pessoas que ele quer encontrar (...) Em resumo, precisa ter a impressão de que é ele quem determinou seu programa." Pode-se imaginar Sartre sorrindo ao ditar isso a Zonina.

Sozinha com Sartre e Beauvoir, Lena muitas vezes manifestava impaciência com a visão cor-de-rosa que Sartre tinha do comunismo. Para ela, ele era um intelectual ocidental otimista, cheio de ilusões. "Ele não *quer* entender", dizia aos amigos depois da partida dele.[14]

Sartre e Beauvoir estavam em Roma em meados de agosto de 1962 quando o escritor italiano Carlo Levi, que acabara de voltar de Moscou, entregou a Sartre uma carta de Zonina. Sartre guardou-a no bolso do paletó, onde ficava passando o dedo.

Era tranqüilizador saber que ela o amava nos dias 17 e 19 de julho, respondeu ele, mas poderia ter certeza de que o amava *agora*? Um mês inteiro se passara desde que ela lhe escrevera aquela carta. Ele receava que ela não estivesse sentindo sua falta o bastante, ou que estivesse sentindo excessivamente. Não poderia suportar se ela decidisse que o amor deles era muito difícil.

Ele e Beauvoir estavam hospedados nos arredores de Roma, num bairro moderno, situado numa colina, escreveu. Eles preferiam a Roma antiga, mas queriam evitar o calor e a poluição. Beauvoir quase terminara *A Força das Coisas,* o terceiro volume de suas memórias, que ele lia à noite, achando-o muito bom, melhor ainda que o segundo volume, que, por sua vez, era melhor que o primeiro. O ponto fraco era a política, que entediava Beauvoir tanto quanto a ele. Ela ainda precisava fazer uma revisão. Eles estimavam que levaria mais seis meses. Beauvoir não se incomodava. Adorava escrever suas memórias. À noite, enquanto bebiam, conversavam até tarde. Sartre gostava mais quando falavam de Zonina.

Beauvoir achava que Zonina era a única das mulheres de Sartre que era digna dele, e que se algo acontecesse a *ela*, Beauvoir, ele deveria largar as outras e se colocar nas mãos de Zonina.

Ele mudara na União Soviética, disse Sartre a Zonina. Ela o modificara. Através dela, ele recuperara a ternura. Através dela, recuperara a juventude. Ela lhe devolvera o antigo fogo.

Estaria ela jantando aquela noite no Clube dos Escritores? Estaria fazendo caras para outros homens? Lembra-se, ela lhe prometera lhe contar se algum dia lhe fosse infiel. Ele temia que ela pudesse ter piorado da diabetes e ele nem saber disso. Não via a hora de estar com ela. Amava-a. Escrevia-lhe contando o máximo possível sobre sua existência cotidiana. Queria conseguir retratar as pessoas em sua vida.

Bost também estava em Roma naquele verão, contou Sartre. Eles trabalhavam juntos no cenário de Freud para um filme de John Huston.[15] Olga acabara de juntar-se a Bost, e os dois já estavam discutindo. Eram boas pessoas, mas, na vida a dois, um fazia o outro sofrer. Olga era profundamente infeliz, o que fazia Bost sentir-se culpado. Olga aparentava ser muito mais velha do que era. Sem dúvida, eram os vestígios da tuberculose, bem como a eterna mania de emagrecer. Seus olhos claros já não chamavam atenção em seu rosto. Seu cabelo era ressecado por excesso de lavagem. Desde que ficara tuberculosa, vivia com Bost como se ele fosse seu irmão. Agora, Bost estava apaixonado por outra, uma americana que morava em Paris.[16] Olga imaginava, mas não sabia quem era. Sempre fora ciumentíssima.

Sartre já estava em Paris, escrevendo cartas diárias a Zonina de seu apartamento no décimo andar. Tinha a fotografia dela na parede em frente à sua mesa. Retomara o ensaio sobre Flaubert, que estava há sete anos abandonado. Ficou horrorizado com o que escrevera. Sob o efeito do corydrane, produzira um texto que agora parecia a obra de um louco. Mas queria terminar o livro. Flaubert sempre o fascinara.

Afora o trabalho, estava envolvido com a "ronda médica" de praxe. Era assim que se referia às mulheres de sua vida. Wanda tinha 44 anos e tornara-se reclusa, infeliz e cheia de ódio. Atuara em suas peças sem o mínimo sucesso. Ele não a achava má atriz, nem boa, e fora a única pessoa que já a contratara. Fazia-lhe visitas de duas horas, três vezes por semana. Para passar o tempo, ele a ajudava a entender suas contas, seus impostos e assim por diante. Mas ela não tinha paciência com suas explicações e acabava gritando com ele.

Evelyne também era uma atriz sem trabalho, contou ele a Zonina. Escreveu um papel para ela em *Os Seqüestrados de Altona*, mas ela não se saiu bem, e a crítica disse isso. No fim, Sartre viu que não lhe havia feito um favor. Evelyne era muito inteligente mas não tinha auto-estima, e vivia procurando se afirmar em paixões violentas que nunca duravam, e que acabavam por deixá-la desesperada. Quando foi abandonada pela última vez, tentou o suicídio. Sartre lhe concedia três sessões semanais de uma hora e meia.

Arlette Elkaïm também era inteligente, mas era preguiçosa e vivia doente. Tinha um namorado, André Puig, aspirante a escritor, que saía com outra, e isso a deixava infeliz.[17]

Mas era Michelle Vian que o preocupava mais no momento. Ela sofrera um golpe terrível. Vivera anos com o clarinetista de jazz André Reweliotty. Naquele verão, no fim de julho, os dois sofreram um acidente quando partiam de férias no carro esporte de André, que ia na direção em excesso de velocidade. O carro saiu da estrada, Michelle foi cuspida no acostamento relvado e quase não se machucou. André ficou preso pelo volante. Michelle passou duas horas, até a chegada da ambulância, com a cabeça dele no colo, tentando estancar o sangue que lhe saía da boca. Após dois dias em coma, ele morreu.

Michelle passara o resto do verão sozinha em seu apartamento em Paris. Já tinha insônia quando tudo corria bem; agora temia as noites mais que nunca. Em seus pesadelos, via-se sempre naquela estrada. Ela e André se amaram. Ela fora a empresária de seu grupo de jazz. Sua vida agora seria muito vazia. Sartre tentaria vê-la com mais freqüência nos próximos meses.

Ele garantira a Zonina que já não sentia nada por Michelle. Eram velhos amigos, nada mais.

Zonina respondeu com uma carta triste. Sartre e Beauvoir pareciam ter passado uma temporada muito social em Roma. E aquelas histórias das outras mulheres de Sartre perturbaram-na. Parecia-lhe que ele não demoraria a arranjar outra.

Eles não haviam tido uma temporada particularmente social em Roma, respondeu Sartre. Pensara muito nela. Ela não tinha motivo para ter inveja de nenhuma de suas mulheres. Quanto a uma nova, não haveria nenhuma. Se ele cortejasse outra pessoa, significaria que já não a amava. E isso estava fora de questão.

Em dezembro de 1962, Sartre e Beauvoir foram passar o Natal com Zonina em Moscou. Posto que a relação de Sartre com Lena, oficialmente, era segredo, era a presença de Beauvoir como sua

companheira de viagem que tornava possível ele estar a sós com Lena. Nos quatro anos seguintes, Sartre faria nove viagens à URSS, com Beauvoir como sua acompanhante sempre prestativa.

Agora estavam conhecendo o inverno russo. Antes de deixar Paris, compraram botas e chapéus de pele para uso próprio, e, livros, remédios, lãs, meias, blusas e perfumes para Zonina. Sartre também lhe deu um anel.

Moscou era gelada mas ensolarada. Algumas pessoas circulavam pela cidade de esqui. À noite, as árvores nas praças cintilavam com a iluminação de Natal. Na véspera de Natal, conta Beauvoir, eles foram convidados para uma festa no *foyer* de um teatro perto da praça Maiakóvsky:

> Chegamos junto com umas jovens gordas que correram ao vestiário, tiraram os casacos de pele, as botas e as grossas saias de lã, e reapareceram, esguias e elegantes de vestidos de noite e escarpins (...) Enquanto jantávamos numa mesinha, observávamos os casais dançando; dançavam danças modernas, e muito bem, ao som de ótimas gravações de jazz (...) Achamos um bom sinal elas poderem usar aquelas roupas elegantes e escutar aquela música ocidental.[18]

Eles voltaram a Leningrado. No verão, Beauvoir achara a cidade bastante mágica. Agora, no auge do inverno, achou-a triste. O sol só nascia às dez horas, e iluminava as ruas cinzentas com uma luz fraca antes de se pôr às três da tarde. Ela passava muito tempo sozinha no quarto.

Quando voltou a Paris, Sartre escreveu a Zonina. “Leningrado, você sabe, é a lembrança mais forte e mais bela de minha vida.” Ele adorara as poucas horas de luz entre a aurora e o crepúsculo, e seu quarto, de onde praticamente não saíam. Não era tão feliz desde os vinte anos. Reparou que ela não chorara como ele no carro a caminho do aeroporto. Mas parecia muito triste.

“Tive um sucesso indiscutível na vida: minha relação com Sartre”, disse Beauvoir em *A Força das Coisas.* “Em mais de vinte anos, só uma vez fomos dormir brigados.”

No epílogo do terceiro volume de suas memórias, Beauvoir tentou resumir sua vida. Também quis dissipar alguns “equívocos idiotas”. Sartre não escrevera seus livros, como sugeriam alguns. Não era verdade que todas as suas convicções fossem incutidas por Sartre. Se ela escolhera Sartre — e ela o escolhera —, fora porque ele a conduziu por caminhos que ela quis seguir. Sim, Sartre a ajudara, muito. Ela também o ajudara.

Beauvoir estava ousada quando escreveu o epílogo em março de 1962. Mencionou a amizade com Lena Zonina. Não disse — não podia dizer, por razões óbvias — que enquanto tentava aceitar o celibato que o envelhecimento lhe impunha, Sartre cortejava a bela Lena na sua frente. Mas ela não escondia a pungente sensação de perda que lhe dava quando contemplava o futuro.

> Enquanto pude olhar para minha cara sem desprazer, não pensava nela, ela podia se cuidar sozinha. A roda acaba parando. Odeio minha aparência atual: as sobrancelhas caídas nos olhos, as bolsas embaixo deles, o excesso de gordura nas bochechas e esse ar de tristeza em volta da boca que as rugas sempre trazem (...) Sim, chegou a hora de dizer: Nunca mais! (...) Nunca mais desabarei, bêbada de cansaço, no feno cheiroso. Nunca mas deslizarei nas neves desertas da manhã. Nunca mais um homem...
>
> A única coisa nova e importante que pode acontecer agora é desgraça. Ou assistirei à morte de Sartre, ou morrerei antes dele. É terrível não estar presente para consolar uma pessoa pela dor que você lhe causou ao deixã-la. É terrível ela nos deixar e depois não tornar a falar mais conosco. A não ser que eu seja abençoada com a sorte mais improvável, um desses destinos será o meu. Às vezes, quero acabar com tudo depressa para diminuir o medo da espera.

Encerrava o epílogo com alguns dos mais belos momentos de sua vida. “As dunas de El-Oued, Wabansia avenue, as auroras na Provença (...) Castro falando para 5 mil cubanos (...) as noites brancas de Leningrado, os sinos da Libertação, uma lua laranja sobre o Pireu, um sol vermelho nascendo no deserto. Torcello, Roma, todas

as coisas de que falo, outras que não menciono.” Pensava na menina que um dia foi, que previra seu futuro com um coração palpitante. Enquanto isso, aprendera a verdade sobre a condição humana — a fome, a opressão, a violência e a injustiça. Não muito à sua frente estavam a morte e o abismo. “Todas as promessas foram cumpridas. No entanto, olhando com incredulidade para aquela moça crédula, vejo com assombro o quanto fui enganada.”

O efeito retórico de sua conclusão seria malcompreendido pela maioria das pessoas. Os leitores pareciam sentir-se pessoalmente investidos na felicidade e no sucesso dela. Não viam que ela afirmava isso tanto como uma declaração política como um comentário sobre a angústia inevitável do vazio existencial. Para eles, era uma admissão de fracasso pessoal, algo que não podiam tolerar de uma escritora que, para eles, era o símbolo da mulher realizada e independente.

A conta de Sartre na Gallimard estava no vermelho havia algum tempo. Ele começava e não terminava os livros, e escrevera vários artigos políticos que não davam lucro. Agora precisava publicar um livro depressa. Na primavera de 1963, tirou da gaveta sua narrativa autobiográfica, *As Palavras.* Escrevera-a quase toda em 1954.

Quando olhou para o que escrevera, gostou bastante. Decidiu que não tinha importância não ter ido além dos dez anos de idade. Como uma exploração do motivo pelo qual ele abraçara o mito da santidade da literatura, a narrativa poderia ficar como estava. Durante vários meses, retrabalhou as frases que já eram as mais buriladas que já escrevera. “Eu queria ser literário para mostrar o erro de ser literário”, disse a Beauvoir.[19] Dedicou o livro a Madame Z.

A crítica saudaria *As Palavras* como a volta de Sartre à literatura. Todos achavam que era seu livro mais comovente e bem-escrito. Sartre achou graça na ironia, mas ficou satisfeito — ainda mais, disse a Zonina, porque isso tornava o livro o melhor presente que ele poderia lhe dar.

No verão de 1963, Sartre e Beauvoir passaram seis semanas na União Soviética, viajando com Zonina pela Criméia, a Geórgia e a Armênia.

O campo era magnífico, mas a escassez de comida era pior e as filas para as compras eram mais longas que nunca. O degelo cultural se revelara uma decepção violenta. O governo abrira timidamente as portas da casa soviética para as influências ocidentais, o povo russo aceitara essas influências com muita ansiedade e as portas tornaram a se fechar às pressas. A posição de Khruschev entre os stalinistas que lutavam pelo poder era precária, e ele agora defendia Stalin e atacava a arte abstrata, o jazz e tudo mais que viesse do Ocidente. Já não tolerava críticas à era pós-revolucionária. E num longo discurso que fez naquela primavera, selecionou Ilya Ehrenburg como alvo preferencial.[20]

Foi nessa viagem que Sartre sugeriu a Zonina casar-se com ela. Discutira a idéia com Beauvoir. Com a velocidade com que a liberdade soviética evaporava, ele e Zonina corriam o risco de não poderem mais se ver. Ela teria uma assistência médica muito melhor na França. Ambos sabiam que, se Sartre pedisse permissão para que Zonina e a filha viajassem, o governo soviético com certeza se sentiria obrigado a conceder.

Zonina pediu tempo para pensar. Como ressaltou a Sartre, era uma decisão que a deixava dividida. Se deixasse a União Soviética, nunca mais permitiriam que voltasse. Adorava a cultura francesa, mas desconfiava muito do Ocidente, e desprezava a insensibilidade do capitalismo. Nunca seria autorizada a levar consigo a mãe, e como poderia deixá-la para trás? Não seria fácil encontrar trabalho na França, e jamais aceitaria ser mais uma das dependentes de Sartre. Achava que não poderia fazer isso.

Após a longa estada na União Soviética, Sartre e Beauvoir foram, como sempre, para Roma. Ficaram no Minerva, um hotel decadente localizado numa praça antiga no Centro da cidade.

Sartre escrevia um ensaio sobre os problemas da revolução no Terceiro Mundo. Beauvoir, tendo entregue *A Força das Coisas*, dedicava-se à leitura naquele verão. Às vezes, os dois pegavam o carro e passavam alguns dias fora — em Siena, Veneza ou Florença.

Tão logo voltavam a Roma depois de uma curta ausência, corriam à posta-restante. Sartre esperava receber uma carta de

Zonina. Passara semanas sem uma palavra. Receava que ela estivesse doente, ou que já não o amasse mais. À noite, atormentava-se. Se tivesse que escolher entre as duas explicações, qual seria?

No início de outubro, finalmente chegou carta de Moscou. Sartre leu-a na Piazza della Minerva, defronte ao hotel. “Suas mãos estão trêmulas”, disse-lhe Beauvoir. Era verdade. Suas pernas também tremiam.

“Não depende só de nós”, dizia Zonina a Sartre. “Quanto mais leio as memórias do Castor, mais entendo que eu nunca poderia decidir mudar as coisas. E isso mata algo em mim. Você conhece a amizade que tenho pelo Castor. Respeito-a, admiro a relação que vocês têm (...) Mas você e o Castor criaram uma coisa extraordinária e fascinante que é muito perigosa para quem se aproxima de vocês.”[21]

Ele pensava nas sestas que faziam no mar Negro, respondeu Sartre. Neles dois na cama. Será que Zonina se dava conta de que ele e Beauvoir nunca passavam uma noite quando estavam juntos só os dois sem falar dela?

No fim de outubro, na véspera da data marcada para o retorno de Sartre e Beauvoir a Paris, Bost ligou para contar que a mãe de Beauvoir caíra e quebrara o fêmur.

Novembro de 1963 foi um mês longo e triste. Simone e Poupette se revezaram à cabeceira da mãe. Françoise de Beauvoir tinha 77 anos e já andava há alguns anos debilitada e sofrendo de artrite. Agora o médico descobriu um grande tumor canceroso. Na véspera da operação, Poupette dormiu no hospital e Simone foi para casa passar a noite com Sartre na rue Schoelcher.

> Tocamos Bartók. De repente, às 11, uma crise de choro que quase virou um ataque histérico (...) Desta vez, o desespero fugia do meu controle, outra que não eu chorava dentro de mim. Conversei com Sartre sobre a boca de minha mãe como eu a havia visto naquela manhã, e sobre tudo o que eu interpretara naquilo — negação da ganância, uma humildade quase febril, angústia, solidão —, a solidão de sua morte e de sua vida — que não queria se assumir. E ele me disse que minha própria boca já

não me obedecia. Eu pusera a boca de mamãe na minha cara e, sem querer, copiava seu movimento. Toda a pessoa dela, todo o seu ser, concentrava-se ali, e a compaixão me confrangia.[22]

Naquelas poucas semanas, Beauvoir sentiu-se chegada à mãe como nunca se sentira desde que deixara de ser criança. Françoise era delicada e atenciosa; até pedia desculpas às enfermeiras por lhes tomar seu tempo. De vez em quando, na cara da mãe moribunda, Beauvoir via o sorriso da jovem apaixonada que vira quando tinha cinco anos. Françoise valorizou a vida até a última gota. No fim, quando passava quase o tempo todo dormindo, Françoise lamentou: "Mas estes são dias que eu perco."[23]

Foi Sartre quem sugeriu que Beauvoir escrevesse sobre a trágica aventura que Poupette e ela estavam vivendo com a mãe.

Quando a mãe morreu, no início de dezembro, Beauvoir quase não conseguia pensar em outra coisa. Achou que escrever sobre aquela experiência ajudava-a a lidar com o luto. *Uma Morte Muito Suave* foi o livro mais terno que ela escreveria. Dedicou-o a sua irmã, Poupette.

As Palavras foi publicado em janeiro de 1964, e Sartre, mais uma vez, tinha dinheiro na conta bancária. Estava com 59 anos. Um dia, no bar do Pont-Royal, Robert Gallimard, seu editor, perguntou-lhe sobre seus planos para sua herança literária. Sartre nunca pensara no assunto:

— Quando eu morrer, tudo irá para o Castor.
— Você se casou com Simone de Beauvoir?
— Claro que não. Você sabe.
— Já fez testamento?
— Não.
— Então tudo irá para sua família. Para os Schweitzers.[24]

Não fazia sentido para Sartre nomear Beauvoir sua herdeira e testamenteira literária: os dois tinham quase a mesma idade. Sartre pensou em Arlette Elkaïm. Ela era o membro mais jovem da família.

Sempre fora um ponto positivo para ele o fato de ela não parecer tão interessada em dinheiro quanto suas outras mulheres. Parecia, antes, muito econômica; protestava quando ele gastava dinheiro com ela. Naquela época, ele a via como uma filha. Ela ficou tão enciumada quanto as outras da visita seguinte de Zonina a Paris, mas foi a única que despertou a simpatia de Sartre porque ele via o ressentimento dela como edipiano. Decidiu adotá-la legalmente.

Beauvoir não gostava muito de Elkaïm, que sempre a invejara. E, em particular, desprezava-a por depender financeiramente de Sartre. ("Você teria aceitado ser sustentado, quando tinha vinte anos?", perguntou Beauvoir uma vez a Sartre. "Ninguém jamais culpou Van Gogh por ter sido mais ou menos sustentado pelo irmão. Porque ele pintava, porque realmente tinha razões para aceitar (...) Mas as pessoas que se acomodam naquele tipo de vida (...) Não acha que isso prejudica nossas relações com elas? Dar-lhes dinheiro, a vida toda, sem nenhuma reciprocidade?"[25])

Beauvoir sempre tentava ver as coisas do ponto de vista de Sartre, e acatou sua decisão. Via que ele estava determinado. Mas preocupava-se com as outras mulheres. Elas nunca seriam capazes de aceitar aquilo, disse a Sartre. Esperava que essa decisão dele não as destruísse.

Em meados de outubro de 1964, o *Figaro Littéraire* noticiou que a academia sueca indicava Jean-Paul Sartre como favorito para o Prêmio Nobel de Literatura daquele ano. O jornalista observava com ironia que "o passado político de Sartre não seria levado muito em conta contra ele".

Sartre e Beauvoir discutiram o assunto. O risco era claro. Se aceitasse, Sartre seria visto como tendo capitulado à burguesia, o menino mau que finalmente entrara na linha. O dinheiro era uma pequena fortuna. Sartre podia fazer muita coisa com as 250 mil coroas suecas, tanto por boas causas (ele pensava no comitê anti-*apartheid* em Londres) como por seus dependentes. (Queria comprar um apartamento para Wanda, por exemplo.) Decidiram perguntar a algumas pessoas mais jovens o que achavam.

O comitê da *Les Temps Modernes* exultou com a notícia. Os membros eram unânimes: Sartre devia aceitar. Beauvoir não estava nada convencida. Perguntou a uma amiga de 23 anos que era membro ativo do Partido Socialista, e o veredicto foi bem diferente. A jovem escreveu uma carta apaixonada a Sartre, dizendo-lhe que ela e seus amigos militantes concordavam: Sartre não seria Sartre se recebesse o prêmio. Lembrou-lhe que o Nobel fora concedido a Boris Pasternak a fim de deixar a URSS constrangida.

Essa reação afetou profundamente Sartre e Beauvoir. Era verdade que, em 1958, Pasternak recebera o prêmio por *Doutor Jivago,* um romance que criticava muito a Rússia pós-revolucionária para encontrar quem a editasse na URSS, mas que fora recebida com grande entusiasmo quando publicada no Ocidente. No mundo inteiro, os comunistas reclamaram do que viam como a perversidade da decisão do júri do Nobel.

Sartre enviou uma carta à Academia Sueca. Desculpou-se por ser presunçoso a ponto de lhes escrever antes da votação, e declarava seu profundo respeito pela instituição, mas queria pedir aos membros, por razões pessoais bem como objetivas, para não o incluir entre os candidatos. Pela presente, informava-os de que, caso o prêmio lhe fosse concedido, não o receberia.

A notícia chegou às agências telegráficas segunda-feira, 19 de outubro, por volta de meio-dia. Sartre fora escolhido para o Prêmio Nobel de Literatura. Em Paris, os jornalistas se puseram em marcha como uma matilha de perdigueiros. Um deles finalmente desencavou Sartre no Oriental, um hotel na Denfert Rochereau, onde ele almoçava com Beauvoir. O jovem irrompeu no restaurante e anunciou: “O senhor ganhou o Prêmio Nobel!”

Sartre pousou os talheres. Aguardaria a confirmação, disse, mas se o prêmio lhe fosse concedido, ele o recusaria. Por quê? “Não tenho nada a declarar. Reservo minhas explicações para a imprensa sueca.” Sartre voltou a seu cordeiro com lentilhas. As manchetes da noite anunciavam: “Sartre recusa.”[26]

O mundo literário passou dias em efervescência. Iria a Academia Sueca conceder o prêmio a Sartre assim mesmo? Por que ele o recusava? Seria este mais um exemplo do que Sartre gostava de chamar de sua “oposição estética”? Estaria ele de mau humor porque

Camus fora contemplado com o prêmio cinco anos antes? Estaria temendo que Simone de Beauvoir ficasse com inveja se ele aceitasse? Jornalistas mais sérios ressaltavam que Sartre sempre odiara o elitismo, e que nenhum de seus livros mostrava isso mais claramente que *As Palavras.* A última frase reiterava seu desejo de ser "um homem completo, feito de todos os homens, que vale todos eles, e que qualquer um vale".

O comitê sueco manteve a decisão e, em 24 de outubro de 1964, saiu o anúncio formal de que Sartre era o vencedor. Na noite da véspera, Sartre foi se esconder da imprensa na casa de Beauvoir. Sua mãe, cujo hotel ficava perto do apartamento de Sartre, também no Boulevard Raspail, telefonou para dizer que havia uma multidão de repórteres na frente de seu prédio. Um pequeno grupo de jornalistas tocava tenazmente a campainha de Beauvoir. Às duas da manhã, Sartre finalmente saiu e deu uma breve declaração.

"O escritor não deve se deixar transformar numa instituição", declarou numa explicação publicada no *Le Monde.* Gostaria de ter recebido o prêmio durante a Guerra da Argélia, depois de ter assinado o "Manifesto dos 121", disse, porque a honraria teria enobrecido a liberdade pela qual lutavam. Mas ninguém o ofereceu então. Temia que sua aceitação fosse considerada nos círculos direitistas como um sinal de que havia sido perdoado por seu polêmico passado político.

Em seguida disse que, embora talvez esta não fosse a intenção da Academia Sueca, o Prêmio Nobel *parecia* uma distinção reservada a escritores do Ocidente ou rebeldes do Oriente. Acrescentou: "É lamentável que Pasternak tenha sido contemplado antes de Cholocov, e que a única obra soviética premiada até então seja uma que não foi publicada — aliás é proibida — em seu país."

Achava que Zonina teria aprovado sua decisão, mas agora tinha dúvidas. Em novembro, escreveu-lhe. Não tinha notícias dela.

Zonina foi a Paris em dezembro de 1964. Sartre andara preocupado com a visita dela. Seu apartamento era espartano. Será que ela se sentiria confortável ali? Ele imaginara lhe dar como cama seu estreito divã, e dormir num catre a seu lado. Beauvoir insistiu para que

ficassem em seu apartamento da rue Schoelcher e mudou-se para a casa de Sartre.

Sartre achara que Zonina ficaria impressionada com sua decisão de recusar o Prêmio Nobel. Ela não ficou. Deplorava aqueles gestos complacentes que ele fazia para os stalinistas, disse-lhe.[27] Nas últimas semanas, Khruschev fora forçado a sair do governo, e seriam feitas mais restrições às liberdades na URSS. Era uma época sombria para o povo russo. Os intelectuais soviéticos desejavam ardentemente que Sartre tivesse aproveitado o ensejo para se manifestar, em vez de adular os comunistas como fizera. E por que afirmara que Cholocov merecia mais o prêmio que Pasternak? Não percebia que Cholocov era um lacaio do stalinismo? Na Rússia, os dissidentes amigos dela riam dele.

No fim, Sartre disse que não deviam mais brigar pelo que se falava na URSS. O fato era que ele também se preocupava com as reações no Ocidente.[28]

Houve outras conversas tensas. Sartre teve que contar a Zonina que ia adotar Elkaïm. Apesar de suas reservas, Zonina não podia duvidar do amor de Sartre. Se ele ganhara o Prêmio Nobel, fora por *As Palavras*, o livro que lhe dedicara, que ela traduzira para o russo e que era um *best-seller* na URSS já havia alguns meses. E se ele havia recusado o Prêmio Nobel, Zonina poderia ver que sua decisão era em grande medida uma expressão de solidariedade à sua terra natal, a Rússia, e também, num certo nível, a ela.

Zonina passou três semanas em Paris. Sartre e Beauvoir foram despedir-se dela no aeroporto. Os três se perguntavam como ela haveria de passar pela alfândega soviética com os presentes que estava levando.

Sartre escreveu a Zonina no dia seguinte. Passara a noite no apartamento de Beauvoir na rue Schoelcher, que ainda estava repleto de lembranças de Zonina. Ele e Beauvoir haviam conversado até 1h30. Ele subira para dormir. Beauvoir dormira no sofá da sala, como sempre. Às três, ela acordara e, vendo luz embaixo da porta de Sartre, subira para mandá-lo dormir. Encontrara-o no chão, a cabeça em cima de um romance policial, os óculos ao lado. Aparentemente, murmurara: “Lena querida”, e, sem abrir os olhos, metera-se na cama e voltara a dormir.

Em 18 de março de 1965, Arlette Elkaïm, aos 28 anos, foi legalmente perfilhada por Sartre. Beauvoir e Sylvie Le Bon foram as testemunhas oficiais da cerimônia de assinatura. Estavam sendo concedidos a Arlette direitos legais e morais que Sartre jamais concedera a nenhuma outra mulher. Ela agora chamava-se oficialmente Arlette Elkaïm Sartre. Após a morte de Sartre, tornar-se-ia sua herdeira e administradora de sua herança literária. Juntamente com a Gallimard, herdaria o dinheiro que entrasse dos *royalties*, de licenças de *copyright*, e de traduções de Sartre. Um dia, seria uma mulher muito rica.

A notícia virou manchete do *France Soir*, com uma grande fotografia de Sartre e sua "filha judia argelina". Os leitores ficaram chocados. Sartre *pai*? Não havia declarado em *As Palavras*: "Não há bons pais (...) É o vínculo paternal que é podre e não os homens que têm culpa?"[29] Os amigos e os conhecidos de Sartre, nenhum dos quais fora avisado, ficaram magoados e perplexos. Consideraram-se abandonados, excluídos de um segredo de família. Quanto a Wanda, Michelle e Evelyne, elas estavam fora de si de raiva.

Alguns meses antes, Sartre tocara no assunto pela primeira vez com suas mulheres, uma de cada vez. Prometera não adotar Arlette sem o consentimento daquela mulher específica. Fez a mesma promessa a Liliane Siegel, a quem psicanalisava havia cinco anos. Siegel recorda que Sartre vivia lhe perguntando: "Já mudou de idéia?" Ela não mudara. Nem as outras.

Naquela noite, quando a notícia estourou em Paris, Wanda começou a quebrar os móveis de sua casa. Evelyne chorou. "Você não tinha o direito de fazer isso comigo", disse a Sartre. "Você me disse que nunca faria nada que me magoasse. Bem, você me magoou." Michelle ameaçara se matar se Sartre fosse em frente com a adoção. Ela não cumpriu a promessa, mas sentiu-se profundamente traída.[30] Liliane Siegel, que nunca fora amante de Sartre (embora ele a tivesse pressionado), não conseguiu terminar a aula de ioga que estava dando aquela noite. Foi para casa e chorou. Finalmente, quando conseguiu falar, ligou para Beauvoir:

— Liliane, o que é isso? Fale comigo. Controle-se.

— Ele disse... ele disse, Castor, que nunca faria isso sem o meu consentimento!
— Ah, então você sabe. Ele queria lhe contar pessoalmente...
— Mas ele prometeu, Castor...
— Vamos, calma, você sabe muito bem que isso não vale nada para ele.
— Ele prometeu, Castor. ...
— Você está sozinha?
— Estou.
— Já é tarde, Liliane, tome um remédio para dormir, você pode falar com ele sobre isso amanhã. Está me ouvindo, Liliane?
— Estou.
— Então, faça o que eu disse. Cuide-se, minha querida.[31]

Sartre contou a Beauvoir e a Zonina que a reação das outras mulheres o deixaram frio. Via inveja e um interesse material por trás de suas queixas e seus soluços, disse.

Os intelectuais soviéticos continuavam desejando que Sartre se aproveitasse mais de sua influência, que, desde sua recusa do Prêmio Nobel, era maior que nunca. Quando Sartre e Beauvoir voltaram à União Soviética, em julho de 1965, Zonina e seus amigos estavam indignados com o julgamento Brodsky. Joseph Brodsky, um jovem poeta judeu, fora condenado a cinco anos de trabalhos forçados numa remota fazenda do Estado, acusado de “parasitismo social”. Embora ganhasse a vida como tradutor, não pertencia à União dos Escritores, nem a qualquer outra organização estatal, e isso era “parasitismo”. Por insistência de Ehrenburgh, Sartre, pela primeira vez desde 1962, quando começara a ir regularmente a Rússia, interveio. Escreveu ao presidente do Soviete Supremo, pedindo que Brodsky fosse perdoado. Sua carta era tão gentil que beirava a bajulação. “Sr. Presidente, se tomo a liberdade de me dirigir a Vossa Excelência, é porque sou um grande amigo de seu país (...) Sei perfeitamente bem que o que os inimigos ocidentais da coexistência pacífica já chamam de ‘caso Brodsky’ é uma exceção lamentável.”[32]

Zonina foi mais direta no relatório que fez para a União dos Escritores Soviéticos sobre a visita de Sartre. “Os argumentos dos acusadores [de Brodsky] eram tão absurdos e incríveis que os amigos da URSS, inclusive Sartre, têm problemas para defender nosso país.”[33]

Após um mês com Zonina, Sartre passou três semanas viajando com Arlette, depois duas semanas com Wanda. Beauvoir saiu de férias com uma nova amiga, Sylvie Le Bon.

Na primavera de 1960, Sylvie Le Bon, uma bacharelanda de 17 anos, de Reims, escrevera uma carta cheia de admiração a Beauvoir. Alguns meses depois, Beauvoir levou-a para jantar. A menina era extremamente inteligente e tinha uma cara viva e interessante, mas era tímidíssima, nervosa e agitada. Queria estudar filosofia na Ecole Normale. Beauvoir encorajou-a. Quando se separaram, Beauvoir comprou-lhe jornais e revistas na banca de jornais, dizendo-lhe que era importante entender um pouco de política.

Nos três anos seguintes, as duas se viam esporadicamente. Aproximaram-se mais após a morte de Françoise de Beauvoir, em novembro de 1963. Beauvoir achava Le Bon um grande consolo. Nessa época, a garota morava na Ecole Normale feminina no Boulevard Jourdan (perto da Cité Universitaire, onde Sartre já havia morado), e saía-se brilhantemente nos estudos. Ela e as amigas freqüentemente tinham problemas com as autoridades por causa de seu comportamento indisciplinado, e Beauvoir gostava de saber desses insubordinações. As duas gostavam de discutir livros e filmes. Em 1964, viam-se regularmente.

Le Bon sentia-se lisonjeada por ser procurada pela escritora mais famosa da França. Quanto a Beauvoir, na companhia de Le Bon, com seus 21 anos, ela quase se sentia jovem de novo. As páginas que escreveria sobre Le Bon em *Tout Compte Fait* foram as mais calorosas que já escreveu.

> Quanto mais eu conhecia Sylvie, mais afinidade tinha com ela. Ela também era uma intelectual apaixonada pela vida. E era igual a mim em muitos outros aspectos: com 33 anos de diferença, eu reconhecia minhas qualidades e meus defeitos

> nela. Ela possuía um raro dom, sabia ouvir. Suas observações, seus sorrisos, seus silêncios, faziam a gente ter vontade de falar (...) Falei-lhe sobre o meu passado em detalhes, e, dia após dia, mantinha-a em contato com minha vida (...) Eu adorava seus entusiasmos e sua raiva, sua gravidade, sua alegria, seu horror ao lugar-comum, sua generosidade desinteressada.

Naquele verão, em agosto de 1965, as duas foram à Córsega. Le Bon saíra-se otimamente na *agrégation*, e tinham motivo para comemorar. Le Bon chama essa viagem de sua "lua-de-mel".

Depois das viagens com os outros, Beauvoir e Sartre passaram seis semanas em Roma. Eram assediados por telefonemas desesperados de Paris. Estavam em andamento os ensaios para uma nova produção de *Os Seqüestrados de Altona.* Seis anos após a produção original, Serge Reggiani voltava a fazer o papel de Frantz. Os principais papéis femininos tornaram a ir para Evelyne e Wanda. Sartre insistira nisso.

Segundo os telefonemas, os ensaios iam mal, muito mal. O produtor, François Périer, e Serge Reggiani contaram a Sartre a mesma coisa. Wanda não estava tão bem quanto estivera há seis anos, e agora, depois de todas as drogas que tomara, era um constrangimento para todo o elenco. Ficava o tempo todo no camarim, não decorava as falas direito e não estava com o coração na peça. Sartre foi firme: "Façam a peça com Wanda ou não façam." Houve telefonemas chorosos de Evelyne, que ameaçava sair da peça se Sartre não fizesse algo a respeito de Wanda. Sartre fez um sermão para Evelyne sobre fidelidade à família.

A produção foi um desastre. As duas mulheres, Evelyne e Wanda, foram desancadas pela imprensa. Um crítico atrás do outro reclamou que elas representavam mecanicamente e falavam com uma voz inaudível. Era como se Serge Reggiani estivesse sozinho no palco, diziam. "Nunca vi uma atriz tão completamente desprovida de talento, disse um crítico sobre Wanda. Ele descreve Evelyne Rey como "um magnífico bloco de gelo".[34]

Em 12 de outubro, temendo as cenas domésticas que lhe esperavam, Sartre despediu-se de Beauvoir em Nápoles. Ia tomar o trem noturno para Paris; Beauvoir voltaria sozinha de carro. Combinaram se encontrar na noite do dia 14, às 19h00, em casa dela.

O trem de Sartre chegou a Paris na manhã do dia 13, e ele lançou-se direto no que chamava de suas “obrigações oficiais”, ou seja, ver as mulheres, uma após a outra. Naquela noite, deitou-se cedo, exausto. No dia 14, levantou-se, leu toda sua correspondência e estava com sua mãe a tempo de almoçar.

Ele e a mãe estavam à mesa quando Lanzmann ligou. Fora anunciado no noticiário que Beauvoir sofrera um acidente e estava num hospital em Joigny. Naquela tarde, Lanzmann e Sartre foram a duzentos por hora na estrada. Encontraram Beauvoir num quarto particular, sendo cumulada de atenções pelas enfermeiras, com quatro costelas quebradas, a cara inchada, uma enorme contusão no supercílio esquerdo, onde levara pontos. Ela lhes contou, com a excitação febril de alguém em estado de choque, que entrara em excesso de velocidade numa curva e se viu diante de um enorme caminhão, cujo motorista lhe salvara a vida ao dar uma guinada para a esquerda. A frente de seu robusto Peugeot 404 ficara destruída. A polícia lhe dissera que havia muitos acidentes naquela curva. A princípio, ela não percebera que estava ferida. Quando a ajudaram a sair do carro, ela só pensava em como chegaria a Paris naquela noite às 19h00. Então, chegou a ambulância, os paramédicos a deitaram numa maca, aí ela viu que estava sangrando e sentiu dor.

Lanzmann voltou para Paris, Sartre passou a noite num hotel próximo. No dia seguinte, voltou de ambulância acompanhando Beauvoir até a rue Schoelcher. Ela estava toda dolorida, e não conseguia se vestir sozinha. Sartre ajudou-a a subir e garantiu que ficaria com ela até ela poder voltar a andar. “O que vai adiantar você ficar comigo”, disse, “se com seus protetores de ouvido e seus soníferos preciso sacudi-lo para acordá-lo?” Ele prometeu ceder e não usar bolas no ouvido.

Simone passou três semanas de cama. Sartre, Lanzmann e Le Bon alternavam-se para cuidar dela. Uma enfermeira vinha uma hora por dia para ajudar. O pior era impedir as visitas. O apartamento ficou repleto de flores.

Zonina voltou a Paris em meados de novembro de 1965, para passar três semanas. Não fora fácil conseguir um visto de viagem do governo soviético. Sartre tivera que escrever cartas declarando que Zonina era sua tradutora e fora convidada pela *Les Temps Modernes*. Ela ficou hospedada num hotel no Boulevard Raspail, perto da casa de Sartre. Dessa vez, Sartre não contou às outras mulheres sobre sua visita.

Em dezembro, Sartre e Beauvoir acompanharam Zonina a St. Raphael, uma estância na Riviera, onde Zonina participaria de uma conferência. Sartre contou às mulheres que estava com Beauvoir. O *France Soir* noticiou que Sartre e Beauvoir haviam sido vistos passeando por St. Raphael com sua amiga e intérprete russa, Madame Zonina. Tão logo Sartre chegou de volta a Paris, Michelle estava ao telefone:

— Eu sabia que você estava com sua amiga russa.
— Ah, o artigo do *France Soir.* Está errado.
— Como pode estar?
— Zonina deu uma palestra em St. Raphael, mas foi no ano passado (...) Você sabe como são os jornais.

Quando foi ver Elkaïm na hora costumeira, Sartre encontrou um bilhete na porta: “Não estou em casa. Não adianta tocar a campainha. O cachorro não vai parar de latir.” Sartre rasgou o bilhete, jogou os pedaços no capacho e foi tomar um café. Quando voltou, os papéis já não estavam mais lá, e ele viu que Elkaïm estava em casa. Tocou a campainha, provocando a maior algazarra do cachorro. Finalmente, Elkaïm abriu a porta. Durante um bom tempo, ficou ouvindo friamente enquanto ele dava suas desculpas. Então, foi para o banheiro, e ele a ouviu vomitando.

Sartre lembrou-lhe do acordo que tinham. Ele assumira plenamente seu papel de pai, disse, mas ela não devia confundi-lo com outro papel. Suas únicas exigências dele deviam ser filiais. Elkaïm lhe disse que não gostava que mentissem para ela.

No final, acompanhou-o até o hotel da mãe dele. Tudo indicava, contou Sartre à amiga Liliane Siegel, que estavam mais ou menos reconciliados.

De 2 de maio a 9 de junho, Sartre e Beauvoir estavam de volta à União Soviética. “O que estão fazendo aqui no meio disso tudo?”, perguntou-lhes Ehrenburgh.[35] Ele e Zonina e seus amigos quase não conseguiam falar de outra coisa além do julgamento desastroso e da deportação de dois jovens escritores, Yuli Daniel e Andrei Sinyavsky, que, por terem publicado obras no Ocidente, sob pseudônimos, haviam sido condenados a anos em campos de trabalhos forçados. Por iniciativa de Ehrenburgh, estava circulando uma petição pedindo a libertação imediata dos escritores. Zonina era um dos 62 dentre os 6 mil membros da União dos Escritores Soviéticos que se atreveu a assinar. “Exigia muita coragem”, diz Beauvoir. “Colocar o nome naquele abaixo-assinado significava correr o risco de nunca mais tornar a ser mandado para o estrangeiro, de perder o emprego e nunca ser publicado.”[36]

Era o início do movimento dos dissidentes. Os intelectuais agora faziam circular entre si livros editados por eles e proibidos — *samizdat.* Mas era uma época deprimente e amedrontadora. Zonina estava cansada e nada bem. Sartre e Beauvoir voltaram com ela para Yalta e Odessa, depois tomaram o trem para a Ucrânia. Viviam esbarrando em proibições. Os estrangeiros não podiam ir aqui; os estrangeiros não podiam ir ali. Era um absurdo e uma grande frustração.

Em 1965, um ano após Sartre ter recusado o Prêmio Nobel, a Academia Sueca concedeu-o ao escritor soviético Cholocov. Quando Zonina tentou organizar um encontro entre Sartre e Soljenitsyn no verão de 1966, foi informada de que este não desejava encontrá-lo. Ao que parecia, Soljenitsyn ficara com raiva do comentário de Sartre de que Cholocov merecia mais o Prêmio Nobel do que Pasternak. O comentário, sem dúvida, influenciara a Academia.

Quando voltou a Paris, Sartre escreveu a Zonina que a viagem o deixara muito feliz, apesar dos problemas que encontraram.

Zonina, como sempre, foi mais abrupta. Estava irritada com os acontecimentos na União Soviética, contou a Sartre, e, desgostosa, pedira demissão da União dos Escritores. Estava muito infeliz, e, acima de tudo, cansadíssima. Sartre não compreendia a vida dela. Como poderia compreender, uma vez que não conhecia seus detalhes cotidianos. Ele a desapontara. Ela o amara por sua liberdade, mas

acabara percebendo que ele não era livre. Não dizia aquilo em que acreditava. Não fazia o que queria.

Sartre ficou arrasado, sem conseguir trabalhar durante uma semana. O que ela dissera era duro, mas era verdade, ele admitia. Sentia-se menos livre com a idade, com tantas obrigações para com os outros. Lena era sua única liberdade.

O conto de Beauvoir "Mal-entendido em Moscou", descartado quando ela era viva e publicado postumamente, lança uma luz interessante em seus sentimentos no verão de 1966, quando ela viajou pela União Soviética com Sartre e Zonina.[37] Até as transformações ficcionais são reveladoras. O personagem de Sartre chama-se André; o de Zonina, Macha — o nome da filha de Zonina na vida real. Na história, Macha não é amante de André, mas sim sua filha. No entanto, agem como amantes.

A história se passa na época em que foi escrito, junho de 1966. André e Nicole são um casal francês de sessenta e poucos anos. Ambos estão dolorosamente conscientes de estarem envelhecendo. André é um intelectual conhecido e politicamente engajado, e, em Paris, vive sendo solicitado. Nicole é uma professora do colegial aposentada. Os dois sempre contaram tudo um ao outro, pelo menos em teoria.

Foram a Moscou para ver a filha de André, Macha. Ela foi criada pela mãe, e André pouco a viu enquanto ela crescia, mas, nos últimos cinco anos, se descobriram com alegria.

Macha está à espera deles no aeroporto. "Uma bela jovem", pensa Nicole consigo mesma. Eles esperam um tempo interminável pela bagagem. Nicole se esquecera: nada acontece depressa naquele país. Macha vai guiando devagar (como todo mundo em Moscou) para o Hotel Pequim. André fala de sua empolgação por estar novamente ali. Nicole já está com saudades de Paris.

Eles saltam do carro e sentem o cheiro familiar dos vapores do diesel. O preço do quarto do hotel triplicou nos últimos três anos. Pelo menos o encanamento funciona, pensa Nicole consigo mesma. E pela primeira vez há cortinas nas janelas.

André diz muitas vezes quão feliz está pelo fato de as duas mulheres — “as duas pessoas que mais ama no mundo” — se darem tão bem. Nicole, é verdade, sente uma verdadeira amizade por Macha. Mas, desde o momento em que chegam, sente também uma ponta de outras coisas.

Sente-se velha, para começar, e diz a si mesma que deve ser o contraste com Macha, que é tão jovem e vigorosa. E não consegue evitar, está entediada com Moscou. A cidade está cada vez mais feia. “É uma pena que as mudanças sejam quase sempre para pior”, reflete, “quer nos lugares, quer nas pessoas”.

Sempre que visitam a URSS, Macha lhes serve de guia e intérprete. É ela quem negocia seu itinerário com as autoridades do Intourist. É ela quem conhece aquele país, suas contradições e sua assustadora burocracia. Mas isso significa que estejam nas mãos dela. E, às vezes, Nicole preferiria não ter Macha tomando todas as decisões — até a da praça aonde vão almoçar, a que Macha insiste ter a melhor vista da igreja.

Macha é admiravelmente independente, reflete Nicole. Não se submete a homem nenhum. No entanto aproveita sua feminilidade — muito mais que ela, Nicole, jamais aproveitou. Talvez seja pelo fato de morar num país onde as mulheres não têm complexo de inferioridade.

Nicole deseja estar só com André. Em suas visitas anteriores à União Soviética, Macha também tinha que cuidar dos próprios afazeres. Agora, está o tempo todo com eles. André parece gostar disso. Nicole está sempre se perguntando: será que ele nunca quer ficar sozinho comigo? Eles nunca têm a oportunidade de conversar a sós. Isso a está deixando amargurada.

Às vezes, percebe que esquece que Macha é filha de André. Existe uma cumplicidade entre eles, um frescor e uma ternura. Os dois se tratam por “*tu*”, e tratam Nicole por “*vous*”. Nicole fica magoada ao ver André usar as mesmas palavras e os mesmos sorrisos encantadores que já usou com ela. Está farta das discussões intermináveis entre André e Macha sobre a cultura soviética. E pode sentir a impaciência de Macha com as perguntas e os comentários de André. “Você é muito abstrato”, Macha vive lhe dizendo.

As férias custam a passar. Em menos de uma semana, voltarão a Paris. Nicole aguarda ansiosa o dia da partida. Então André estraga tudo.

Ele sorriu para ela.
— Você queria ir ver uma *dacha*. Bem, está combinado — disse-lhe.
— Ah, Macha *é* boa.
— É a *dacha* de um amigo delas, a uns 30 quilômetros daqui. Yuri nos levará lá, não esse domingo, mas no próximo.
— No próximo? Mas vamos partir quinta-feira.
— Não, Nicole. Você sabe que decidimos prolongar nossa viagem em dez dias.
— Vocês decidiram isso, sem nem me comunicar! — disse Nicole.
De repente, havia uma fumaça vermelha em sua cabeça, uma névoa vermelha na frente de seus olhos, algo vermelho gritava em sua garganta. Ele não se importa a mínima comigo! Não disse uma palavra!

Será que ele acredita realmente que lhe contou?, ela se pergunta. Ele andava bebendo demais, e freqüentemente ficava bêbado. Mas, na verdade, Nicole tem certeza de que ele está mentindo. Não seria a primeira vez. Ele mentia sobre as garrafas vazias, e às vezes mentia que tinha ido ao médico. Quando ela o desmascarava, ele ria. “Explicar demoraria muito, então peguei um atalho.” Mas, dessa vez, ela quase não consegue conter a fúria.

O fato de ele ter mentido não era o pior: mentiu por covardia, como uma criança com medo de ser repreendida. O pior era ele ter decidido isso com Macha sem pensar um minuto nela... Em três semanas, não tentara uma única vez conseguir um *tête-à-tête* com ela; todos os seus sorrisos, toda sua ternura iam para Macha.

Nicole não consegue esconder a raiva. Ameaça voltar antes para Paris. “Se você quiser”, diz André. Na frente de Macha, eles mantêm

uma fachada civilizada o dia inteiro. À noite, André bebe quatro copos de vodca. Há algo de senil em suas tentativas de conversar com Macha em russo, pensa Nicole consigo mesma. Macha estava rindo do sotaque dele; os dois eram unha e carne. Nicole começa a se perguntar se sua vida passada com André fora simplesmente uma miragem. Tantas mulheres mentiam a si mesmas sobre suas vidas. Talvez ela também o fizesse.

Ela bebe muito e vai se deitar sentindo-se triste e perdida. Quando acorda, tem a cabeça pesada. Abre os olhos. Lá está André sentado numa poltrona ao pé de sua cama, observando-a. Seus lábios tremem. Ele está falando com ela, com aquela voz acariciante de que ela tanto gostava. Nunca se pode ter muita certeza a respeito de nossas lembranças, diz ele. Ele se dirige a ela, põe os braços em volta de seus ombros, beija-a na testa e lhe diz que ainda que ele tenha se esquecido de lhe contar, não há por que ficar perturbada. Ela agarra-se a ele, encosta o rosto em seu paletó e chora. Que alívio! É tão cansativo odiar quem se ama.

No corredor, ela pega o braço dele. Os dois se reconciliaram. Foi um mal-entendido.

Três meses depois, em meados de setembro de 1966, Beauvoir e Sartre foram juntos a Tóquio. Dezessete horas de vôo. Um país novo, uma aventura nova.

Sartre tinha mais leitores no Japão do que em qualquer outro país. *O Segundo Sexo,* de Beauvoir, traduzido para o japonês em 1965, era um *best-seller*. Todavia, eles não estavam de modo algum preparados para a recepção que os esperava. Havia mais de cem jornalistas no aeroporto, ofuscando-os com seus *flashes*. Uma grande multidão sobretudo de jovens gritava seus nomes e tentava segurar-lhes as mãos e os braços quando eles passavam. Sua intérprete, Tomiko Asabuki, conduziu-os a uma sala onde eles foram bombardeados com perguntas dos jornalistas.

Durante um mês, eles viajaram pelo país, deram palestras e conheceram intelectuais esquerdistas. Sartre discursou num enorme comício de protesto contra a Guerra do Vietnã. Beauvoir, como sempre, dedicava-se à leitura de uma pequena biblioteca de livros

sobre o Japão. Sartre, como sempre, preferia tentar entender a cultura conhecendo intimamente uma pessoa. Durante sua estada, a pequenina, atenciosa e apaixonada Tomiko Asabuki tornou-se sua amante.[38] "Em quase todas as viagens que fizemos ou que você fez, houve uma mulher que acabava sendo a encarnação do país para você", observou Beauvoir.[39]

Na volta, passaram cinco dias em Moscou para ver Zonina. Era a 11ª viagem de Sartre à União Soviética. Ele não queria saber disso, mas sabia, e Zonina sabia. O caso deles havia terminado.

NOTAS

1 Já houvera momentos de "degelo" — em 1954 e 1959, ambos de vida curta. O termo devia seu nome ao romance de Ehrenburg *The Thaw*, publicado em *Novy Mir* na primavera de 1954.
2 Nos anos seguintes, Zonina traduziria a peça de Sartre *As Moscas* e o romance de Beauvoir *Les Belles Images*, e co-traduziria a autobiografia de Sartre, *As Palavras*, que ele dedicou a ela, "Madame Z". As peças de Sartre *Nebrassov* e *A Prostituta Respeitosa* já haviam sido encenadas em Moscou. Nos anos 1960, ele possuía rublos em quantidade, fruto de traduções russas de suas obras, mas, obviamente, só podia gastá-los na URSS.
3 *FC*, p. 651.
4 Minha entrevista com Macha Zonina, Paris, 16 de julho de 2002.
5 *ASAD*, p. 286.
6 Ver Michel Antoine Burnier, *L'Adieu à Sartre* (Paris: Plon, 2000); e Ewa Bérard-Zarzycka, "Sartre et Beauvoir en URSS", *Commentaire* 14, n. 53 (primavera de 1991). Nenhum dos dois escritores afirma que a própria Zonina era agente da KGB, mas ambos se perguntam até onde ia sua ligação com a KGB.
7 Entrevista de Gerassi com Sartre, 27 de outubro de 1972.
8 Relatório de Zonina após a visita de 1-24 de junho de Sartre está nos arquivos da União de Escritores Soviéticos, nos Arquivos Oficiais de Moscou de Arte e Literatura. Ewa Bérard-Zarzycka cita vários relatórios da intérprete em "Sartre e Beauvoir na URSS", em *Commentaire* (minha trad.).
9 Hoje já se admite que o Movimento da Paz, fundado em Paris em abril de 1949, e dirigido de Moscou, era um importante veículo para a propaganda soviética. Enquanto pregavam a paz no mundo, os soviéticos corriam para construir seu próprio arsenal bélico. Em 1975, Sartre contou a Michel Contat: "Continuo achando que, durante os anos da Guerra Fria, os comunistas tinham razão. A URSS — apesar de todos os erros que sabemos que cometeu — estava sendo perseguida. Ainda não estava numa posição de se agüentar numa guerra contra a América, e desejava paz." (Sartre, "Autoportrait à 70 ans").
10 A tradução de Lena Zonina de *As Palavras* foi publicada em *Novy Mir* no fim de 1964.
11 Minha entrevista com Gilbert e Marie-Chantal Dagron, Paris, 6 de outubro de 2003.
12 Relato de Beauvoir de sua viagem de junho de 1962, em *A Força das Coisas* (1963), foi amplamente positivo. Seu relatório sobre viagens posteriores à URSS em *Tout Compte Fait* (1972) foi muito menos.
13 Quando John Gerassi perguntou a Sartre: "Eles sabiam do caso na URSS?" Sartre respondeu: "Acho que sabiam desde o começo" (entrevista, 27 de outubro de 1972).

14 Minha entrevista com Lucia Cathala, Paris, 24 de julho de 2002.
15 Sartre entregou um roteiro de quase oitocentas páginas. Quando Huston o cortou, Sartre decidiu que fora mutilado, e retirou completamente o nome do filme.
16 Era Barbara Aptekman.
17 André Puig passaria a ser o novo secretário de Sartre em 1963, um acerto que durou até a morte de Sartre em 1980. Puig colaborou na *Les Temps Modernes.* Sartre escreveria um longo prefácio para o romance de Puig *L'Inachevé* (Paris: Gallimard, 1970), que Puig dedicou a Arlette Elkaïm.
18 *ASAD*, p. 287.
19 *Adieux*, p. 214.
20 As memórias de Ehrenburg, que andaram sendo publicadas em forma de seriado na *Novy Mir,* falavam da "conspiração de silêncio" dos anos 1930. Isso foi muito incômodo para Kruschev. Se intelectuais como Ehrenburg admitiam que sabiam dos abusos de Stalin, Kruschev, que era chegado a Stalin, não podia dizer que não sabia.
21 Carta não datada, cortesia de Macha Zonina, citada por Gonzague de Saint-Bris e Vladimir Fedorovski em *Les Egéries Russes* (Paris: Jean Claude Lattès, 1994), p. 282.
22 S de B, *Uma Morte Muito Suave*, p. 31.
23 Ibid., p. 83.
24 Michel-Antoine Burnier, *L'Adieux à Sartre.*
25 *Adieux*, p. 344-45.
26 Reportagem inédita de Curtis Cate, citada por Thomas Molnar em *Yale Literary Magazine 150*, n. I (1981).
27 Minha entrevista com Macha Zonina, Paris, 25 de março de 2004. Macha telefonou para Irina Kreindlina, a melhor amiga de Zonina, em Moscou, para conferir isso com ela.
28 Entrevista de Gerassi com Sartre, 27 de outubro de 1972.
29 *As Palavras*, p. 14.
30 Michelle deplorava o fato de Sartre ter dado seu nome a Arlette. Michelle Vian achava que o nome seria mais apropriado para *ela.* Minha entrevista com Michelle Vian, 13 de outubro de 1972.
31 Siegel, *In the Shadow of Sartre*, p. 66-67.
32 S a A. I. Mikoyan, 17 de agosto de 1965. A carta está copiada no artigo de Ewa Bérard-Zarzycka "Sartre et Beauvoir en URSS", *Commentaire* (primavera de 1991).
33 Relatório de Zonina, 1º de julho-5 de agosto de 1965, em "Sartre et Beauvoir en URSS".
34 Pierre Macabru, "Reggiani fascine et irrite", *Candide,* 20-26 de setembro de 1965.
35 *ASAD*, p. 321.
36 S de B, *ASAD*, p. 320. Segundo sua amiga Lucia Cathala, Lena teve dificuldades, e logo pediu demissão da União dos Escritores. Minha entrevista com Lucia Cathala, Paris, 24 de julho de 2002.
37 S a Zonina, junho de 1966.
38 "Malentendu à Moscou", *Roman 20-50. Revue d'Étude du Roman du XX Siècle 13* (junho 1992).
39 Tomiko Asabuki, que era casada, não menciona isso em seu livro *Sartre et Beauvoir au Japon en 1966* (Paris: L'Asiathèque, 1996). Porém, é um fato sabido nos círculos de Sartre, e confirmado por Sylvie Le Bon de Beauvoir.

DOZE

FINAIS TRÁGICOS, RECOMEÇOS

Novembro de 1966–Maio de 1971



Seu suicídio criou ondas de choque em toda *intelligentsia* francesa da margem esquerda. Evelyne Rey, antes Evelyne Lanzmann, suicidou-se no dia 18 de novembro de 1966. Tinha 36 anos. “Todos os que a conheciam a amavam”, declarava seu obituário no *Nouvel Observateur*, “porque ela transbordava de vida e porque amava todas as coisas.”[1]

A morte de Evelyne nada teve de ambíguo. Ela tomou uma superdose de barbitúricos e certificou-se de que ninguém a achasse enquanto os comprimidos agiam. Deixou várias cartas de despedida na mesa — ao irmão Claude e a Sartre, entre outros — em que tentava escrupulosamente livrá-los do remorso. Não culpava ninguém.

A carreira dramática de Evelyne não fora bem-sucedida. “De certa forma, ela não tinha a profissão de atriz no sangue”, diz seu irmão Claude Lanzmann. “Temia a platéia.”[2] Seu melhor papel foi como Estelle, na peça de Sartre *Entre Quatro Paredes* (um papel que Sartre escrevera originalmente para Wanda), e vibrara quando a ORTF, a Rádio e Televisão francesas, transmitiu uma adaptação da peça em outubro de 1965. Tragicamente, seu único papel realmente importante, o que Sartre escrevera para ela — Johanna, em *Os Condenados de Altona* —, revelara-se muito difícil para ela. O

comentário “magnífico bloco de gelo” machucara. Considerando tudo, o teatro lhe trouxera muito sofrimento e humilhação.

Sua vida amorosa fora igualmente desastrosa. Ela era bonita, e os homens logo eram atraídos por ela, mas os que ela amava, em geral, eram casados, e, de qualquer maneira, não tinham compromisso com ela. Seu caso com Sartre fora clandestino. Obviamente, Sartre fora fiel a ela à sua maneira e continuara passando uma hora e meia com ela três vezes por semana, e a sustentá-la financeiramente. Mas sabia que ele se decepcionara com ela como atriz.

Nos últimos tempos, Sartre e o irmão de Evelyne, Claude, andaram pressionando-a a desistir de ser atriz para ser jornalista, mas ela não queria aceitar a derrota. A última gota foi quando seu corpo lhe falhou. Em março de 1966, ela ia começar uma turnê com *Altona* quando teve pleurisia. Passou semanas no hospital, sofrendo muito. Quando teve alta, só um de seus pulmões funcionava, e o menor exercício a deixava com falta de ar.

Desde então, vivia cansada e deprimida, aflita com a carreira e temendo por sua saúde. No fim do outono, sentindo-se ligeiramente melhor, foi à Tunísia para participar de um documentário sobre as tunisianas. Voltou exausta, mas parecia orgulhosa do trabalho que fizera. Enquanto lá esteve, reatara um namoro antigo com um conhecido produtor de televisão que pretendia que ela fizesse um papel importante em seu próximo programa.[3] Mas ela não estava apaixonada por ele, e cansara-se de ser atriz. Uma manhã de novembro, nas horas frias da madrugada, escolheu morrer.

Sartre reagiu à notícia com violentas cólicas abdominais. Escreveu a Zonina que se sentia culpado. Todos se sentiam. Ela tivera uma vida difícil, e, finalmente, ele não a ajudara. Desde a morte de Evelyne, ele não achava graça em nada, e não queria fazer nada, a não ser continuar trabalhando no Flaubert.

“Para dizer a verdade, de todas as mortes que ocorreram entre as pessoas que conheci nesses últimos anos, só uma me comoveu mesmo muito profundamente, e foi a de Evelyne”, diria Beauvoir em *Tout Compte Fait.* “Mas não tenho vontade de falar nisso.”

Na verdade, Beauvoir gostaria de tocar nesse assunto, mas não podia. Prometera a Sartre não mencionar a paixão dele por Evelyne, por causa de Michelle. Discutiu o problema com Claude Lanzmann. Será que deveria falar sobre Evelyne sem tocar na relação da moça com Sartre? Lanzmann disse que não; isso desvirtuaria completamente a vida de Evelyne. Mas quando *A Força das Coisas* foi publicado, Evelyne ficou muito magoada. Pertencia à família havia anos, e mais uma vez fora excluída da imagem pública. Beauvoir conversara longamente sobre Claude, mas quase não a mencionara. Ela parecia fadada a permanecer oculta nos bastidores.

Quando Evelyne se matou, ela e Sartre já não eram amantes havia dez anos. Todavia, Beauvoir estava certa de que o relacionamento insatisfatório com Sartre influíra no suicídio de Evelyne, como contou a John Gerassi:

> Para entender Evelyne, é preciso entender como era sua relação bastante complicada com Sartre, e talvez esta relação estivesse na raiz de seu suicídio, embora eu não acredite nisso. Já por causa de Michelle, era uma confusão. Sartre lhe dava muito — seu tempo, sua energia, sua presença, sua ternura — muito mesmo (...) Mas a coisa parava numa relação clandestina. Todo mundo sabia a respeito, contudo, não era uma relação pública (...) Evelyne não gostava disso.[4]

Dez dias depois dessa conversa com Gerassi, a biógrafa de Beauvoir, Deirdre Bair, perguntou a ela sobre o suicídio de Evelyne. Beauvoir ficou agitada e falou com uma agonia visível. “Era aquela sua imensa amizade por Sartre que a assustava tremendamente”, disse, falando tão baixo que Bair quase não ouviu. “Eu deveria ter escrito sobre ela (...) Via-a muito e gostava muito dela. Eu lhe devia isso.”[5]

Jacques Lanzmann está convencido de que Evelyne era usada pelos amigos homens. Era conhecida pela beleza e por ser amante de homens famosos, e isso a tornava um pouco um troféu. Depois de Sartre, houve muitos namorados. “Eles podiam se dar as mãos”, diz com amargura. “Fizeram-na pagar caro”.[6]

O ex-marido de Evelyne, Serge Rezvani, diz que embora a morte de Evelyne tenha sido um choque violento para a família e os amigos, ninguém quis ver a tragédia verdadeira por trás disso. “Hoje posso dizer que Evelyne foi a vítima concordante de uma frivolidade misógina que, até 1968, caracterizava a *intelligentsia* da *Rive Gauche.*”[7]

Rezvani foi muito criticado por esta frase. Os críticos da *Rive Gauche* não gostaram nada dela.

No início dos anos 1960, o segundo e o terceiro volumes das memórias de Beauvoir despertaram um novo interesse febril no casal Sartre-Beauvoir. *A Força da Idade* (1960) e *A Força das Coisas* (1963) foram enormes sucessos. Havia fotografias de Beauvoir e Sartre em todas as revistas. A lenda Sartre-Beauvoir estava firmemente estabelecida.

As memórias de Beauvoir, a *história* de sua vida, inevitavelmente repercutiram em sua vida real. Ela recebeu muitas cartas. Alguns leitores estavam agradecidos, outros, furiosos.[8] Uns desejavam que ela tivesse contado mais, muitos, que tivesse contado menos. Havia queixas constantes de distorções e deformações. As outras mulheres de Sartre ficaram irritadas por terem sido relegadas ao segundo plano, como se não tivessem um papel importante na vida dele.

Para quem conhecia o clã sartreano, era evidente que Beauvoir estava assumindo o controle da imagem pública. Estava contando a história do *seu* jeito. Não que ela passasse por cima de todos os episódios angustiantes de seu passado; ela não passava. Quase tudo era escrupulosamente honesto. Mas o ato de escrever lhe dava um poder imenso. Ela estava afirmando em público sua primazia entre as mulheres de Sartre. Podia excluir Wanda da história. Podia inserir aqui e ali um comentário desdenhoso sobre Olga, Dolores ou qualquer pessoa que a tivesse feito sofrer. Acima de tudo, o tom e a perspectiva da narrativa criavam o *efeito* de controle. Ela olhava para seu passado de uma posição triunfal.

“Tudo muda quando se fala sobre a vida”, diz o narrador do romance de Sartre *A Náusea.* “É uma mudança que ninguém nota: a

prova é que se fala de histórias verdadeiras. Como se pudessem existir histórias verdadeiras; as coisas acontecem de um jeito e falamos delas de outro. Parece que começamos do começo: ‘Era um belo outono em 1922...’ E, na verdade, começamos no final.”

Wanda odiou as memórias de Beauvoir. Ficou com ciúmes do alvoroço que as envolveu. Ficou ressentida com aquele retrato idealizado, do seu ponto de vista, da relação Sartre-Beauvoir. Para ela, o livro era cheio de mentiras. Beauvoir quase não mencionava o papel de Wanda na vida de Sartre durante a guerra. Pior, os livros fizeram Wanda se perguntar a respeito de Sartre. Para ela, ele sempre negara sistematicamente sua intimidade com Beauvoir.

Como a irmã, Wanda sempre foi propensa a ataques de raiva, mas, após a morte da mãe, no início de 1960, ficou paranóica. Achava que todo mundo estava mancomunado contra ela, e seu ódio se exacerbou. As drogas também não ajudavam seu estado mental. Na última década, seu consumo de anfetaminas e barbitúricos não ficava atrás do de Sartre. Naquela época, também usava cocaína. Houve brigas sinistras com traficantes de drogas. Uma vez, ela caiu na rua e esqueceu-se de onde morava. A polícia recolheu-a e levou-a para um hospital. Finalmente, entraram em contato com Sartre.

Naquela época. Wanda odiava a irmã, Olga, mas não havia ninguém que ela odiasse mais que Beauvoir. Sempre que via uma fotografia de Beauvoir na imprensa, rabiscava-a furiosamente. Espetava alfinetes numa boneca de vodu, tentando fazer Beauvoir morrer mais cedo. Depois da publicação de *A Força das Coisas*, Wanda conseguiu uma arma — uma “pistola de senhora”, cujo tiro de uma pequena distância podia ser fatal — e disse a Sartre que tinha todas as intenções de cometer um assassinato.

Foi Sylvie Le Bon quem tomou uma atitude. Formou uma pequena “unidade de comando”, conta, com duas amigas da Ecole Normale. Tocaram a campainha de Wanda na rue du Dragon e anunciaram pelo interfone que eram jornalistas da revista *Elle*, esperando conseguir entrevistar a famosa atriz Marie Olivier. Wanda deixou-as entrar. Enquanto as meninas atacavam Wanda e a imobilizavam, Le Bon vasculhou as gavetas à procura da pistola e de cartas de Sartre. (Beauvoir temia que Wanda destruísse as cartas que

recebera de Sartre ao longo dos anos.) Le Bon achou a arma, mas não as cartas.[9] As mulheres deixaram Wanda machucada e apavorada.

Beauvoir censurou Le Bon com veemência. “Eu lhe disse que pretendia tomar a pistola de Wanda. Ela não tentou me deter”, diz hoje Le Bon. “Isso foi em meados dos anos 1960. Era uma época radical. Eu era uma terroristazinha”, ri. “É verdade, éramos bem loucas. Não me orgulho desse episódio.”[10]

Nelson Algren foi o único a desabafar publicamente sua fúria com as memórias de Beauvoir. *L’Amérique au Jour le Jour* e *Os Mandarins* já haviam testado sua tolerância. “Publicar uma relação existente entre duas pessoas é destruí-la”, disse ele a um entrevistador. “A grande coisa do amor sexual é que ele o deixa ser a outra parte e a deixa ser você, mas quem divide uma relação com qualquer um que possa comprar um livro reduz essa relação. Faz com que ela perca o significado. É bom para o mercado editorial, mas com certeza a gente perde o interesse na outra parte.”[11]

Isso foi antes de ter lido *A Força das Coisas.* A tradução para o inglês saiu nos Estados Unidos na primavera de 1965. Como chamariz, antes do lançamento foram publicados trechos nas edições da revista *Harper’s* de novembro e dezembro de 1964. Os dois episódios intitulavam-se “A questão da fidelidade”. Os editores escolheram os trechos que mais interessariam ao leitor americano: nomeadamente, o relato de Beauvoir dos “amores americanos” seus e de Sartre — o de Sartre com Vanetti e o seu com Algren. Dolores Vanetti recebera um levíssimo disfarce como “M”. Algren era chamado pelo próprio nome. Estava exposto, balançando ao vento.

O número de novembro tinha uma capa rosa-bombom com dois olhos azuis. Os de Beauvoir: numa noite de inverno de Chicago, Algren abriu a revista na reportagem de capa. Leu quão empolgado Sartre ficara de ir para a América após a Libertação. Leu sobre o caso de Sartre com “M” em Nova York. Depois leu sobre a viagem de Beauvoir à América:

> Fiquei ligada a Nelson Algren no fim de minha estada. Embora eu tenha contado este caso — com bastante exatidão — em *Os*

Mandarins, volto a ele, não por ter algum fraco pela intriga, mas para examinar mais de perto um problema que em *A Força da Idade,* o segundo volume de minha autobiografia, julguei que seria resolvido com muita facilidade: é possível conciliar fidelidade e liberdade? E se for, a que preço?...

Há muitos casais que fazem mais ou menos o mesmo pacto que Sartre e eu: conservar em todos os desvios da trilha principal uma "certa fidelidade". "Fui fiel a ti, Cynara! à minha moda". Tal compromisso tem seus riscos...

Se os dois aliados permitem-se apenas ligações sexuais passageiras, não há dificuldade, mas isso também significa que a liberdade que se permitem não merece o nome que tem. Sartre e eu fomos mais ambiciosos; foi nosso desejo experimentar "amores contingentes". Mas há uma pergunta que evitamos deliberadamente: como a terceira pessoa se sentiria em relação ao acerto?

O episódio de dezembro, que tinha a legenda "Um encontro americano", dava detalhes a respeito de Algren que nunca lhe haviam sido contados:

"Chegando em Chicago, vá falar com Nelson Algren para mim", disse-me um jovem intelectual quando estive em Nova York em 1947. Fiz um relato fiel de meu primeiro encontro com ele no livro *L'Amérique au Jour le Jour...* mas não mencionei a afinidade que imediatamente nasceu entre nós (...) Telefonei-lhe antes de partir para a estação; tiveram que me arrancar à força o telefone da mão...

As semanas se passaram; Sartre pediu-me numa de suas cartas para adiar minha partida porque M. ficaria mais dez dias em Paris. De repente, isso me deu a nostalgia que fiz Anne sentir em meu romance *Os Mandarins:* eu estava farta de ser turista. Queria passear de braço dado com um homem que fosse meu por uns tempos. Liguei para Algren (...)

As pessoas me falavam dele com freqüência: diziam que era instável, mal-humorado, até mesmo neurótico; eu gostava de ser a única que o compreendia.

Algren resenhou as memórias de Beauvoir na revista *Ramparts*:

> “Chegando em Paris, fale com Simone de Beauvoir”, disse-me uma vez um pseudo-intelectual. As pessoas afirmavam que, para uma boa escritora, ela era surpreendentemente moralista, desprovida de humor e tirânica. Eu gostava de ser o único a saber que ela não era uma boa escritora. Tão logo cheguei no Deux Magots, liguei para a nativa.[12]

Tornou a resenhar o livro na *Harper’s*. Seu artigo intitulava-se “A questão de Simone de Beauvoir”. Os trechos abaixo dão a essência:

> Nenhum cronista de nossas vidas desde Theodore Dreiser combinou uma paixão tão fiel pela justiça humana com uma falta de sensibilidade tão asfixiante quanto Mme. de Beauvoir. Enquanto outros escritores censuram delicadamente o leitor, ela esfrega-lhe o nariz no quadro-negro, bate-lhe com uma régua de 30 centímetros e avisa-lhe que se ele não começar a agir como adulto, ela prenderá a respiração até ele fazê-lo...
> Quando Madame está certa, está *certíssima*. E, quando está errada, é absurda...
> O mundo de Mme. de Beauvoir, que ela relata com uma precisão infinita, é um reflexo; jamais alguém viveu por trás daquele espelho. É por isso que todos os personagens de seus romances, embora tirados diretamente da vida real, não têm vida na página impressa...
> Sem querer pôr em risco a própria liberdade, Mme. de Beauvoir sentiu que podia confiar na infidelidade de Jean-Paul Sartre. Foi uma manobra esperta (...) “Sartre e eu fomos mais ambiciosos; foi nosso desejo experimentar ‘amores contingentes’”...
> Ponha gatos no café e ratos no chá — E receba a Rainha Alice com seu crachá!
> Quem pode experimentar o amor de forma contingente tem uma cabeça que acabou de fundir. Como pode o amor ser *contingente?* Contingente em relação a *quê*? (...) Os alcoviteiros

são mais honestos que os filósofos. Chamam esse gambito *Que-tal-uma-rapidinha-com-um-garoto* de “sacanagem”.
A determinação inicial de Mme. de Beauvoir de “escrever ensaios sacrificiais em que a autora se desnuda sem desculpas”, ela passou a empregar com tanta honestidade e habilidade que praticamente todo mundo já foi sacrificado, exceto ela...
Saigon, dizem, cairá um dia. Com um terrível ímpeto e um tremendo estardalhaço, nação após nação entrará em tumulto, caminhará para a anarquia e mergulhará finalmente numa noite interminável. Praias onde antes as águas encontravam a terra e o céu descia para encontrar ambas encolherão ao sentir o toque irradiado do mar. Então um pálio baixo assombroso cinza-esverdeado envolverá e abraçará terra, floresta, arranha-céu e céu numa órbita sem fim pelo espaço sem fim por um tempo infinito, num silêncio sem fim.
A não ser por uma vozinha rouca borbulhando das profundezas do oceano ancestral — “Nesta questão a sexualidade do homem pode ser modificada. Sartre necessita de paz e sossego. Os mortos estão mais bem-adaptados à terra que os vivos. Bost está na Comissão de Vigilância do cinema. Quero ir esquiar. Merleau-Ponty” —
Será que ela vai parar de falar algum dia?[13]

No verão de 1966, a *Zeitgeist*, uma pequena revista literária do Meio-oeste, publicou um poema de Algren chamado “Goodbye Lilies, Helo Spring” [Adeus lírios, olá primavera]. Dedicou-o a Simone de Beauvoir.[14]

I was like Héloise You were Abélard
On the paperback shelves it’ll sell by the yard —
Avoid, avoid that shadowy plot
And the old fraud below it who can’t shut her mouth —
O wasn’t it magical O wasn’t it tragical
Love like ours will never die out
(Providing I tell it the way it was not) —[1]

A última das três estrofes diz:

Down in some basement below the bin
Where baby-rats drown when water creeps in
Straight down upside-down in the slag and the guck
Stuff the yammering humbug straight down in the muck.
Let her yack on forever way way down there
Then slam the door and jump up the stair —
Open the window and let in some air
Each April should teach us how to swing:
Saying Goodbye Lilies
Hello
Spring.[2]

Em maio de 1981, Nelson Algren tinha 72 anos. Mudara-se para Sag Harbor, Long Island. Acabara de ser eleito para a prestigiosa Academia Americana de Artes e Letras, e um jornalista, W. J. Weatherby, foi a seu chalé entrevistá-lo.

Durante a conversa, Weatherby perguntou a Algren sobre Beauvoir. Algren não se comunicava com ela havia vinte anos, mas não demorou a ficar nervoso. “Já estive em bordéis no mundo inteiro, e a mulher ali sempre fecha a porta, seja na Coréia, seja na Índia”, disse. “Mas essa mulher escancarou a porta e chamou o público e a imprensa (...) Não tenho nada contra ela, mas acho que foi uma coisa horrível de se fazer.”[15] Algren já havia mencionado que fora ao médico por causa de um peso no peito. Weatherby achou melhor mudar de assunto.

Na noite seguinte, Algren daria uma festa em seu chalé para comemorar o novo prêmio. O primeiro convidado a chegar encontrou seu corpo estirado no chão. Ele tivera um infarto fulminante.

Na França, os jornais também noticiaram sua morte. Poupette ligou para Simone para dar os pêsames. Beauvoir foi fria. “Você não está sentida?”, perguntou Poupette. “Não sente nada por ele?”

“Por que deveria sentir?”, respondeu a irmã mais velha. “O que ele sentia por mim para ter sido capaz de escrever aquelas coisas horríveis?”[16]

Mas não tirou o anel de Algren. Seria enterrada com ele.

Sartre estava sob muita pressão, emocional e política, e bebia muito. Em fevereiro de 1967, três meses após o suicídio de Evelyne, ele e Beauvoir fizeram uma viagem ao Oriente Médio — primeiro ao Egito, depois a Israel. A *Les Temps Modernes* fazia uma edição especial sobre o conflito árabe-israelense, com Claude Lanzmann coordenando a seção israelense e Ali el Samman, um jovem jornalista egípcio que estudava em Paris, a árabe. Os quatro viajaram juntos pelo Egito, conhecendo os sítios, visitando campos de refugiados palestinos e conversando com intelectuais de esquerda. Até estiveram com o presidente Nasser.

Na última noite no Cairo, foram homenageados com um lauto jantar de despedida num palácio árabe do século XVI, com um show que incluía dança árabe e um dervixe dançarino. Quando Beauvoir foi se deitar, já passava de meia-noite, e os homens continuavam firmes. Sartre, segundo Claude Lanzmann, a essa altura já "caía de porre".

> Ele bebia porque queria seduzir uma mulher. Estava muito nervoso, tenso e agressivo. Se você perguntasse ao Castor, ela provavelmente diria que tínhamos acabado de voltar de Gaza e ele havia visto os refugiados. É verdade, mas não toda a verdade. Havia uma mulher e ele tinha que deixá-la. Foi na véspera de nossa partida. Estávamos com um egípcio que havia sido o nosso guia — um jornalista muito simpático e engraçado, Ali. E, naquele quarto de hotel, cheio de microfones, Sartre disse: "Você é bicha, Ali, uma bicha suja." O cara não sabia o que tinha dado nele. Primeiro riu, uma risada forçada. Eu disse: "Sartre, pare com isso. Você pirou." Sartre disse: "Vá à merda, Lanzmann." Depois me chamou também de bicha. E finalmente, eu disse a Ali: "Olhe, vamos ter que botá-lo na cama." Tivemos que pegá-lo, despi-lo e assim por diante. Na manhã seguinte, às oito ou nove, houve uma entrevista coletiva, a grande antes de partirmos. Fui acordar o Castor no quarto dela, e lhe disse que Sartre não teria condições de dar a entrevista. Ele tinha os olhos injetados, mas deu. Tem uma saúde de ferro (...) Mas é agressivo e machista. Quando está num bar com uma mulher às três da

manhã e se irrita com algum cara, fala a língua dele, feito um *gângster*. Já o vi intimidar homens durões.[17]

Depois do Egito, Sartre e Beauvoir passaram duas semanas em Israel. Claude Lanzmann voltou para a França três dias depois, e Elkaïm foi para Tel Aviv. Sartre achava importante sua filha adotiva judia conhecer Israel.[18]

A edição sobre a questão árabe-israelense saiu no fim de maio. Em sua introdução, Sartre disse quão divididos ele e seus amigos sentiam-se naquele conflito. Haviam vivido a Segunda Guerra Mundial e se horrorizado com o anti-semitismo na Europa. Durante a Guerra da Argélia, haviam tomado o partido dos árabes que combatiam pela liberdade em sua luta contra o colonialismo. "Estamos vivendo esse conflito como se fosse nossa tragédia pessoal."

Alguns dias depois, em 5 de junho de 1967, Israel bombardeou o Egito. No fim da Guerra dos Seis Dias, como ficou conhecido o conflito, Israel capturara a península do Sinai, Jerusalém Oriental, as colinas de Golan, a Faixa de Gaza e a Margem Ocidental. Os intelectuais franceses ficaram mais uma vez divididos. Israel agira em legítima defesa, como afirmava, ou fora o agressor? Era como no Caso Dreyfus, contou Sartre a Zonina. Todo mundo tinha opiniões firmes, e ele próprio corria o risco de se indispor com seus melhores amigos.

O conflito árabe-israelense foi um dos poucos assuntos sobre os quais Sartre e Beauvoir divergiram ligeiramente. Ambos acreditavam firmemente que os judeus tinham direito a ter uma nação e que os palestinos tinham direito à Palestina. Mas Sartre estava agoniado com a política do governo israelense, que parecia determinado a tornar impossível a negociação com os palestinos. Beauvoir, convencida de que os líderes palestinos só ficariam contentes quando destruíssem Israel, simpatizava mais com esse país. "Eu não concordava inteiramente com nenhum dos meus amigos", diz ela, "e com alguns, estava totalmente em conflito".[19]

A Guerra dos Seis Dias causou uma desconfiança entre Sartre e Claude Lanzmann que nunca desapareceria totalmente. Lanzmann

era apaixonadamente pró-Israel; Sartre criticava severamente o expansionismo israelense. Lanzmann, que já se impressionara muito com o livro de Sartre sobre o anti-semitismo, agora chamava Sartre de “anti-semita”. Sartre disse a Lanzmann que ele era “imperialista”.[20]

Mas Lanzmann não tolerava se indispor com Sartre. Nem Bost. Sartre já expulsara Bost da casa de Beauvoir porque ele tomara o partido de Jean Cau numa discussão. Naquela ocasião, Sartre acabou indo atrás dele, e os dois se reconciliaram em torno de uma bebida.

Quando já estavam velhos, Beauvoir disse a Sartre: “Bost faria qualquer coisa para não ficar mal com você. E há outra pessoa que se esforçou muito para não romper com você quando havia algum desentendimento, e essa pessoa é Lanzmann.”[21]

Após a morte de Sartre, Jean Cau escreveu:

> Sartre não se zanga. Expulsa as pessoas. Não há outra opção (...) Se o Outro se afasta de Sartre, isso só pode levar a um rompimento (...) E o círculo de Sartre aprova energicamente a exclusão. Por servilismo? De modo algum. Seu círculo respira o ar sartreano. O círculo é constituído de planetas girando, como se este fosse o plano da natureza, em torno de seu astro noturno. (Os planetas não são servis.) Não, ao contrário, entre Sartre e seus satélites reina uma atmosfera de cordialidade, cumplicidade, linguagem codificada e humor. A relação não é a de um mestre pontificando para os discípulos (...) mas antes a do professor “gente fina” com alunos que não têm o menor respeito por sua função (o próprio Sartre convida a essa falta de respeito), mas são fanáticos por sua pessoa.[22]

Poucos tiveram o privilégio de observar Sartre de perto, em casa, como Cau observou durante 11 anos. As idéias de Cau vieram de anos de intimidade, seguidos de exclusão.

Sartre e Beauvoir ficaram indignados com o bombardeio americano ao Vietnã do Norte em fevereiro de 1965. Dois anos depois, participaram do Tribunal Russell, fundado por Bertrand Russell (que

tinha 94 anos na época) para acordar a opinião pública contra as atrocidades americanas no Vietnã.

Em maio de 1967, o tribunal se reuniu em Estocolmo. As discussões duraram dez dias. Em novembro, o grupo tornou a se reunir, agora em Copenhague. Houve depoimentos horrorizados de testemunhas, entre elas John Gerassi, filho de Stépha e Fernando, que estivera no Vietnã colhendo provas, e Gisèle Halimi, a advogada amiga de Sartre e Beauvoir.

Os dias eram muito difíceis, mas as noites eram sociáveis. Sartre e Beauvoir encontravam velhos amigos do mundo inteiro. Em algumas reuniões, Claude Lanzmann substituía Sartre. Bost estava fazendo a cobertura para o *Nouvelle Observateur.* Sylvie Le Bon veio passar o fim de semana, e ela e Beauvoir alugaram um carro e exploraram a região. Arlette Elkaïm participou na qualidade de secretária de Sartre.[23] Beauvoir e Sartre gostavam particularmente de Vladimir Dedijer, o intelectual e militante iugoslavo que presidiu algumas reuniões. Elkaïm, sem dúvida influenciada por esta afeição dos dois, teve um caso com Vladimir.

Sylvie Le Bon lecionava filosofia na mesma escola em Rouen — o Lycée Jeanne d'Arc — onde Beauvoir lecionara. Tão logo terminavam as aulas, Le Bon pegava o primeiro trem para Paris. Em Rouen, hospedava-se no Hôtel La Rochefoucauld, perto da estação, onde Beauvoir morara durante dois anos. Tomava café com *croissants* pela manhã no bar freqüentado por Beauvoir, o Métropole. "Tudo isso me dava a sensação de estar reencarnando", diria Beauvoir em *Tout Compte Fait.*[24]

Os amigos ficavam impressionados com a semelhança entre Le Bon e Beauvoir: "O jeito de falar de Sylvie lembrava o do Castor — um jeito natural, abrupto — e parecia ecoar seus pensamentos. Usava o cabelo preso num coque como o Castor e tinha o perfil mais ou menos parecido", conta Gisèle Halimi. "E tinha a mesma simpatia."[25]

Em *Tout Compte Fait*, Beauvoir falaria de sua amizade com Sylvie mais ou menos da forma como descreveu seu relacionamento com Lanzmann:

> Eu estava errada em 1962 quando achei que não me aconteceria mais nada de importante, além de calamidades; mais uma vez agora eu ganhava a sorte grande (...) Ninguém poderia ter apreciado mais que eu o que recebi dela (...) Ela está inteiramente entrelaçada em minha vida como estou na dela... Lemos os mesmos livros, assistimos juntas a shows, e damos grandes passeios de carro. Há um intercâmbio tão grande entre nós que esqueço a idade que tenho: ela me puxa para o futuro dela, e às vezes o presente recupera uma dimensão perdida.

Ambas sempre negaram que houvesse uma relação sexual. A vida inteira, Beauvoir insistiu, em público, que nunca se relacionara sexualmente com uma mulher. Às vezes contornava a pergunta, dizendo achar que todas as mulheres tinham alguma coisa de homosse xual nos gostos, uma vez que eram mais atraentes, meigas, tinham a pele melhor e costumavam ser mais encantadoras que os homens. “Já tive amizades muito importantes com mulheres, claro, algumas relações muito íntimas, às vezes íntimas num sentido físico”, dizia, “mas elas nunca despertaram uma paixão erótica de minha parte”.[26] Suas cartas a Sartre, publicadas postumamente, indicariam o oposto.

Sylvie Le Bon fala deste assunto da mesma forma vaga e ambígua. Diz que era amor, não amizade, o que ela e Beauvoir sentiam uma pela outra. Eram muito “íntimas”. Sua relação era “carnal mas não sexual”. Ela afirma que gostavam basicamente de homens. Ecoando Beauvoir, Le Bon fala como se a relação sexual lésbica simplesmente não fosse uma relação sexual autêntica. Ela empaca na palavra *casal.* Elas não eram um casal, diz, porque, desde o início, Beauvoir encorajou-a a ter relações com outras pessoas, e ela teve.

Olhando para trás, Le Bon acha que era muito jovem para compreender certas coisas, mas que Beauvoir queria que ela fosse independente e não fizesse exigências que Beauvoir não pudesse satisfazer. “O Castor freqüentemente me dizia que fora muito cuidadosa comigo”, conta Le Bon. “Achava que havia cometido erros no passado.”

Quando conheceu Le Bon, Beauvoir estava dolorosamente consciente do envelhecimento de seu corpo. Em 1968, publicou *A Mulher Destruída*, três novelas que exploram o tema da mulher mais velha resignando-se a não mais ser sexualmente desejável. Depois disso, começou a pesquisar para um ensaio exaustivo sobre a velhice.

Le Bon lembra-se de um ponto de virada emocionalmente carregado. As duas viajavam juntas pelo norte da Escócia em 1969, e, uma noite, sentiram-se muito íntimas. Le Bon quis mais. Beauvoir lhe disse delicadamente: "Qualquer homem adoraria ter você na cama. Mas estou, literalmente, igual a um homem impotente." Sylvie se pergunta o que teria acontecido se ela tivesse tomado a iniciativa. Talvez Beauvoir precisasse ter a segurança renovada. Mas ela era jovem na época, conta Le Bon, e tomava tudo o que Beauvoir dizia ao pé da letra.

Depois disso, sentiam-se mais livres juntas, conta Le Bon. O que fora dito estava dito, e elas podiam ter alguns momentos de intimidade, sem nada exigir uma da outra.[27]

Sartre gostava de se descrever como o "enfermeiro do bairro".[28] "Você tem sorte", disse a seu amigo psicanalista Jean-Bertrand Pontalis. "Os doentes vão a seu consultório, e lhe pagam. No meu caso, sou eu quem faz a ronda, e lhes paga."[29]

O horário de Sartre pouco variou com o passar dos anos. Ele se levantava às 8h30. Depois do desjejum num café local, trabalhava de 9h30 até 13h00. Almoçava com Michelle, Arlette ou Beauvoir, em geral na Coupole ou no Palette, no Boulevard du Montparnasse, depois voltava ao trabalho de 16h30 às 20h30, com Beauvoir trabalhando ao seu lado. Segundas e quintas, jantava na casa de Arlette; depois conversavam ou assistiam à televisão, e ele dormia lá — no andar de cima, ela no de baixo. As noites de quinta e sábado eram na casa de Beauvoir, e ele dormia lá. Ficava com Michelle às quartas à noite, depois ia para casa. Às sextas, ficava com Wanda até 23h00, depois ia para casa.

Os fins de semana também eram organizados com rigidez: O café-da-manhã de sábado era com Arlette, a noite de sábado, com Beauvoir, o café-da-manhã de domingo, com Arlette; o almoço de

domingo, com a mãe no hotel dela (assado de porco e purê de batatas), e a noite com Michelle. Depois que Anne-Marie Mancy morreu, em 1969 (aparentemente, ele lidou com a morte dela com uma facilidade surpreendente), Sartre almoçava aos domingos com Beauvoir e Le Bon na Coupole.

Por mais que se queixasse das exigências que lhe eram feitas, Sartre *escolheu* se apoiar nesse horário. Dava-lhe uma sensação de estabilidade. Suas mulheres protegiam-no do mundo. Elas lhe forneciam uma distração do trabalho, faziam-no sentir-se amado e necessário. Sartre precisava de companhia. Uma noite, quando pela primeira vez se viu sozinho — normalmente estaria com Arlette, mas ela estava fora —, foi para o apartamento de Arlette ver televisão. Quando André Puig, o namorado de Arlette, chegou por volta de meia-noite, encontrou Sartre deitado no chão totalmente embriagado. Puig levou meia hora para ajudar Sartre a se levantar.

Beauvoir passou a vida inteira observando quão fácil era para as mulheres acuarem Sartre. “Aquela consciência pesada dele”, dizia.[30] Sartre sentia-se em dívida para com suas mulheres por elas o amarem. Perguntava-se com freqüência até que ponto a infelicidade e a incapacidade de realização delas era culpa sua. Por que Wanda, que já lera Stendhal e Tolstoi com prazer, não conseguia mais ler nem sequer romances policiais? “A loucura sempre deixa a pessoa sentindo-se culpada”, disse a Lena. Sabia que, em algum momento, alguém errara.

Afirmava odiar as cenas de ciúmes a que vivia sendo submetido, mas fazia mais do que a maioria dos homens para provocá-las. Suas mulheres todas moravam a dez minutos de sua casa.[31] Elas raramente se viam, e nenhuma delas sabia a verdade sobre a vida dele. Arlette não tinha idéia de que, depois de passar três semanas de férias todos os anos com *ela,* Sartre fazia uma viagem de duas ou três semanas com Wanda. Wanda não sabia que Sartre ainda saía com Michelle. Quando dormia no apartamento de Beauvoir, contava a Wanda que dormia em casa. Suas cartas a Wanda eram cheias de invenções incríveis. Atrasara-se para voltar a Paris, contou-lhe certa vez. Ficara trancado num castelo na Áustria. Quando saía com outras mulheres, seu álibi, quase sempre, era Beauvoir. “Eu lhe disse desde o início

que precisava passar algum tempo com Simone de Beauvoir", dizia com uma voz impaciente a qualquer mulher que se queixasse.

Em setembro de 1966, Sartre estava no Japão tendo um caso com a intérprete japonesa Tomiko Asabuki. Escreveu a Michelle dizendo que não parava de pensar em fazer amor com ela. A essa altura, Michelle Vian começava a acordar para as invenções de Sartre. "Antes, você mentia bem, mas agora, mente mal", queixou-se. "Eu não quero a verdade inteira. Só não quero perguntar 'Como vai o Castor?' quando você está com outra."[32]

De vez em quando, havia um vazamento. Quando entrevistou Wanda em 1973, John Gerassi observou que Michelle era muito ciumenta. Fez-se um longo silêncio. Finalmente, Wanda disse incrédula, num fio de voz: "Às vezes pergunto a Sartre sobre Michelle. Ele me diz que nunca a vê!" Gerassi, percebendo o erro, apressou-se em dar cobertura a Sartre: "Isso *agora* é verdade. Mas refiro-me a uma época passada. Ele devia sair com ela então."[33]

Nas cartas a Zonina, Sartre contava, achando graça, as mentiras que pregava para suas outras mulheres. Ao mesmo tempo, garantia a Zonina que era fiel a ela e que ela não tinha nenhum motivo para ter ciúmes. Tinha amizade e ternura por Wanda e Michelle, dizia, e sentimentos paternais por Arlette. Na verdade, durante seu caso de cinco anos com Zonina, Sartre continuou tendo um relacionamento sexual com Michelle, e possivelmente com Wanda também.

Embora as coisas entre eles andassem em baixa havia algum tempo, Lena só rompeu definitivamente com Sartre na primavera de 1967. Ficou magoada por ele ter decidido passar três semanas na Espanha naquele verão em vez de ir à URSS como sempre. Sartre explicou que Beauvoir queria passar mais algum tempo com ele aquele ano. Para Beauvoir, era difícil a temporada na URSS, alegava ele, onde ela praticamente não estava com ele a sós. Era simpático da parte dela servir-lhes de acompanhante duas vezes por ano. Ele se sentia em dívida para com ela por isso.

Contou a Michelle a mesma história. Ia passar o mês de julho na Espanha com Beauvoir, disse. Foi mais uma vez o *France Soir* que o entregou. Michelle, leitora ávida das colunas de intriga, viu uma foto dele com Arlette em Barcelona. Quando ele voltou, ela mostrou-lhe a foto.

— Essa não é Arlette — disse Sartre.[34]

"Para mim, o mais impressionante quando penso em Sartre é como esse homem sempre tentava fazer tábua rasa de tudo o que foi — e recomeçar do zero (...) como se ele nada fosse ou fosse um joão-ninguém", diz Claude Lanzmann.[35]

O maio de 1968 marcou uma virada importante na vida de Sartre. Aos 63 anos, ele passou por outra transformação. Mais uma vez, isso envolveu uma recusa radical de seu eu anterior. Pela vida afora, a única identidade que Sartre assumira de coração fora a de intelectual, o intelectual engajado, que se posicionava politicamente em questões importantes. Agora começava a se denegrir como um "intelectual clássico" que se considerava isolado das massas, em oposição a um "novo intelectual" que era parte das massas e engajado em ações de rua. Como primeiro passo para se transformar neste último, passou a se vestir de forma diferente. Parou de usar terno e gravata. Daí em diante, mesmo quando dava palestras, usava camisas e suéteres informais.

Logo depois dos primeiros embates sérios entre os estudantes e a polícia em Paris, Sartre e Beauvoir publicaram uma breve declaração no *Le Monde* apoiando os estudantes.[36] Nas semanas seguintes, Sartre usou sua influência para dar respaldo ao que estava sendo chamado de "revolução dos estudantes". Não dava conselhos; assumiu a visão de que chegara a hora de os jovens falarem, e que ele tinha muito que aprender com eles. De fato, foi ele quem entrevistou o líder estudantil Daniel Cohn-Bendit, no *Nouvel Observateur,* e não o contrário. Enquanto a imprensa dominante rejeitava Cohn-Bendit como um agitador de cabelos de fogo, Sartre lhe dava uma plataforma.

O que Sartre achou estimulante no maio de 1968 foi o fato de os estudantes não estarem pedindo poder, mas sim liberdade. Desejavam um novo tipo de sociedade, uma mudança fundamental nas relações públicas. Seus *slogans* davam livre curso à imaginação. Desconfiavam das estruturas de poder institucionais e desejavam que as universidades fossem menos rígidas e inibidoras. Sartre

concordava plenamente. A única forma de aprender, dizia, era questionar o que se ensinava. Isso incluía questionar os professores. “O homem não é nada se não for um contestador.”[37]

Em agosto de 1968, os tanques soviéticos entraram na Tchecoslováquia. Pela segunda vez em 12 anos, a URSS estava sendo um agressor incontestável. Em Roma, Sartre deu uma entrevista, chamando os soviéticos de “criminosos de guerra”. No fim de novembro, ele e Beauvoir fizeram uma viagem a Praga para mostrar solidariedade aos tchecos.

Sartre escreveu a Zonina dizendo que não voltaria à União Soviética. Ele e Beauvoir estavam rompendo definitivamente com o governo soviético. Isso significava que ele não veria Zonina, a não ser que ela fosse a Paris. Independentemente do que ela sentia, para ele, aquilo era uma perda trágica.

Nos anos seguintes, os amigos russos de Sartre e Beauvoir já não podiam mais viajar; muitos deles perderam o emprego, e lutavam para conseguir ganhar a vida. Nem Sartre nem Beauvoir voltariam a Moscou.

O conselho da *Les Temps Modernes* agora se reunia no apartamento de Beauvoir, a cada 15 dias, às quartas-feiras, às 10h30. Seis jovens haviam entrado para o grupo em 1968, entre eles, várias mulheres, incluindo Sylvie Le Bon. Em geral passavam uma hora jogando conversa fora — sobre filmes, livros e gente —, depois começavam a trabalhar.

Alguns dos antigos membros haviam saído por causa de embates intelectuais com Sartre.[38] Os veteranos remanescentes eram Jacques Laurent Bost e Jean Pouillon — que pertencia ao conselho desde o início —, André Gorz — um cientista político judeu austríaco que se juntara à equipe no final de 1940 — e Claude Lanzmann — que lá estava desde 1952. (Naquela época, estava fazendo *Shoah*, um filme sobre o Holocausto, e freqüentemente estava fora.) Beauvoir ainda lia conscienciosamente os originais apresentados. E ela e suas amigas feministas tinham uma coluna chamada “Sexismo diário”.

Sartre raramente aparecia. Beauvoir repreendia-o: “Sartre, com esta, é a terceira vez que você falta. Agora você precisa ir.”[39] Sob

pressão, ele ia e se posicionava nas questões. Mas já não ligava muito para a revista, que já tinha trinta anos e, para ele, virara uma instituição.

Naquela época, Sartre estava mais empolgado com os jovens revolucionários do movimento maoísta. O jornal maoísta francês, *La Cause du Peuple*, era sistematicamente empastelado pelo governo, sob a alegação de que os artigos eram um estímulo à violência ilegal. Seus editores haviam sido presos, acusados de provocar crimes contra a segurança nacional. Um líder maoísta, Pierre Victor, aproximou-se de Sartre. Estaria ele interessado em assumir temporariamente a editoria do jornal, para impedir que fosse interditado? Sartre sempre tivera uma posição firme em relação à liberdade de imprensa. Também achava que o jornal era um dos poucos órgãos que permitiam aos trabalhadores se expressar. Em abril de 1970, tornou-se o editor-chefe.

Em junho, Sartre e Beauvoir distribuíram exemplares do *La Cause du Peuple* no meio do alvoroço da feira na rue Daguerre, perto da Denfert-Rochereau. Para maior proteção, haviam assinado a maioria dos artigos daquela edição com os próprios nomes. A polícia não os incomodou, mas prendeu dois maoístas que estavam distribuindo o jornal no mesmo dia em outra área. Uma semana depois, Sartre e Beauvoir repetiram o espetáculo. Desta vez, foram presos, com mais 16 pessoas. Tão logo chegaram à delegacia, apenas os dois foram soltos.

"Há dois pesos e duas medidas (...) para os distribuidores de *La Cause du Peuple"*, declarou Sartre. Explicou que distribuíra os jornais não porque desejasse ser preso, mas porque acreditava na imprensa livre e queria mostrar a incoerência e a covardia do chamado sistema judiciário.

O julgamento dos que foram detidos realizou-se em 11 de setembro. "Se eles são culpados, eu sou mais ainda", disse Sartre. Em outubro, ele e Beauvoir tornaram a distribuir o jornal. Ninguém os incomodou, e depois disso, o jornal não foi mais confiscado. Sartre e Beauvoir haviam enfrentado possíveis represálias legais para proteger a liberdade da imprensa de esquerda na França.

Em novembro, Sartre visitou a fábrica da Renault em Paris. Os jornais publicaram uma foto sua em pé em cima de um barril segurando um microfone, conversando com os operários. Até seus amigos na *Les Temps Modernes* consideravam que ele fazia papel de bobo. Essas ações de rua voltavam-se contra ele, diziam. A mídia o banalizava. Sartre não se deteve.

Estava sempre com Pierre Victor e seus amigos militantes maoístas. Insistia em dizer: “Não sou maoísta.” Não tinha tempo para o *Pequeno Livro Vermelho*, e não acreditava na Revolução Cultural Chinesa — nem em qualquer outra revolução, aliás. Mas sentia-se próximo dos maoístas. Gostava de sua rejeição ao elitismo, às hierarquias e aos líderes. Gostava da idéia maoísta de que o intelectual devia ouvir as massas e trabalhar com elas, em vez de tentar conduzi-las. Também achava que a violência do proletariado era simplesmente “contraviolência” — uma reação necessária à violência que era a opressão capitalista.

Parecia a Sartre que jovens como Pierre Victor representavam o “novo intelectual”. Falavam a linguagem das ruas, e tratavam todo mundo por “*tu*”, inclusive Sartre. Eram fisicamente durões e se vestiam como marginais, com jaquetas de couro preto e botas pesadas. Ao mesmo tempo, Sartre julgava ver neles um novo tipo de sensibilidade — uma doçura que antes associava à feminilidade.

Pierre Victor tinha 29 anos, cabelos compridos e era bem-apessoado. “Gosto dele, gosto muito dele”, disse Sartre a Beauvoir. “Sei que ele não agrada a todo mundo, mas acho-o inteligente.”[40] Beauvoir admirou-se de ver Sartre, pela primeira vez em muitos anos, passar muito tempo com um homem. “Acho o homem adulto profundamente repugnante”, confessou-lhe Sartre. “O que gosto mesmo é de um garoto, na medida em que um garoto não é inteiramente diferente de uma garota. Não que eu seja pederasta, mas o fato é que, atualmente, os garotos e as garotas não se vestem, nem falam nem se comportam de modo muito diferente.”[41]

Pierre Victor gostava de desafiar Sartre. Eles discutiam por causa de alguma coisa, e Victor dizia: “Então você não aprendeu nada com o 1968?” Sartre se considerava repreendido.

Victor tentou persuadir Sartre a desistir de sua interminável obra sobre Flaubert. Os dois primeiros volumes seriam publicados em

breve. Por que Sartre não parava ali? O livro fora escrito em linguagem difícil e nada acessível ao leitor comum. Por que Sartre não escrevia um romance para o povo? Ou um tratado revolucionário?

Sartre disse que não podia fazer isso. Flaubert interessava-o. Sartre estava muito velho para mudar sua maneira de ser e colocar seu trabalho intelectual a serviço das massas. O máximo que poderia fazer era colocar-se à disposição para tarefas políticas que considerava importantes.

Os maoístas passaram a ser a nova vida secreta de Sartre. Com Pierre Victor, ele ia à casa dos operários falar sobre suas condições de trabalho. Ia a reuniões de trabalhadores imigrantes. E às vezes juntava-se a Victor e seus amigos para um jantar na comuna de Victor na periferia.

Através de Pierre Victor, Sartre entrou em mais outro mundo. Embarcava em outra aventura, outro início.

Simone de Beauvoir não compartilhava do entusiasmo de Sartre pelos maoístas. Achava-os dogmáticos e não aprovava sua violência e seus ataques à polícia. Michelle Vian foi quem acompanhou Sartre na trilha maoísta. Seu filho, Patrick, estivera muito envolvido nas demonstrações estudantis de 1968. “Estive em todas as demonstrações importantes”, conta Michelle. “Quase na frente. Muitas vezes caminhando ao lado de Sartre.”[42] Em janeiro de 1971, Michelle e um grupinho de esquerdistas protestaram contra as condições da prisão Santé de Paris com uma greve de fome. Ocuparam a capela Saint Bernard na estação ferroviária de Montparnasse, e passaram 21 dias sem comer. Sartre visitava-os com freqüência e os estimulava.

Arlette Elkaïm diz que se aproximou muito mais de Sartre depois de 1968. Sua adoção por ele três anos antes lhe dera uma nova posição, mas foi a revolução estudantil que realmente mudou o relacionamento deles. O respeito de Sartre pela cultura jovem lhe dava uma nova solidez. Ele já não era tão impaciente com seu

raciocínio desestruturado. Os dois começavam a discutir assuntos. Às vezes, gritavam um com o outro. Às vezes, Sartre a chamava de reacionária. Mas ouvia-a mais do que antes.[43]

Durante três anos seguidos, Arlette levou um namorado com ela para as férias anuais que passava com Sartre. Era Vladimir Dedijer, o militante iugoslavo. Como Dedijer era casado, Sartre fornecia uma cobertura para Arlette, assim como Beauvoir fizera para ele com Zonina. Sartre reclamava com Arlette que os triângulos eram um estorvo, mas agüentava a situação.

Pela primeira vez na vida, Sartre e Beauvoir estavam envolvidos em batalhas políticas completamente diferentes. Quando se encontravam para conversar à noite, falavam de mundos diferentes. Sartre estava mergulhado no maoísmo. Beauvoir, no feminismo. Enquanto Sartre estava dolorosamente consciente de sua posição marginal no clima intelectual anti-humanista contemporâneo, Beauvoir tornara-se o principal ícone do movimento internacional das mulheres.

Os primeiros grupos pela libertação da mulher foram fundados na França no verão de 1970. O aborto era ilegal na França católica. Quando duas jovens entraram em contato com Beauvoir e sugeriram uma manifestação onde mulheres conhecidas declarariam já terem feito abortos, ela simplesmente disse: “É uma idéia excelente.”

Nos meses seguintes, um grupo de mulheres ativistas reunia-se em casa de Beauvoir nas tardes de domingo para organizar a campanha. Uma das jovens do grupo, Claudine Monteil, lembra que chegava pouco antes das cinco, e Beauvoir abria a porta dizendo: “Ah, você chegou na hora!” Beauvoir sentava-se no sofá amarelo de frente para o relógio. As outras, em semicírculo, no outro sofá amarelo, ou nas poltronas roxas, ou no tapete.

O jeito de Beauvoir era tão franco que chegava a ser bruto, diz Monteil, mas ela tratava todo mundo de igual para igual, e escutava atentamente. Por volta de 18h45, começava a olhar o relógio e falar mais depressa que o normal. Era sinal de que deviam finalizar a discussão. Às 18h55, em ponto, as mulheres eram postas para fora.[44]

A campanha foi uma vitória. Em grande medida, devido à influência de Simone de Beauvoir, as organizadoras conseguiram

colher 343 assinaturas. O “Manifesto das 343” foi publicado em 5 de abril de 1971, no *Nouvel Observateur.* A declaração era breve: a cada ano, 1 milhão de mulheres na França faziam abortos, e embora o procedimento fosse simples sob supervisão médica, esses abortos eram perigosos por serem clandestinos. Cada uma das mulheres declarava já ter feito aborto. Na verdade, muitas delas, incluindo Beauvoir, nunca haviam feito.[45] As signatárias exigiam o direito à contracepção gratuita e ao aborto legal seguro.

Entre as signatárias conhecidas estavam Colette Audry, Dominique Desanti, Marguerite Duras, Gisèle Halimi, Simone Signoret, Catherine Deneuve e Jeanne Moreau. Entre as mulheres do círculo Sartre-Beauvoir, Olga Kosakiewicz, Arlette Elkaïm, Michelle Vian, Hélène de Beauvoir e Liliane Siegel assinaram.[46]

O manifesto causou um grande escândalo. Pela primeira vez, pronunciava-se aquela palavra tabu, *aborto*, no rádio e na televisão franceses. Os conservadores referiam-se “às 343 vagabundas”. As mulheres estavam satisfeitas. Haviam iniciado o movimento. Na verdade, foi um triunfo. Quatro anos depois, em 1975, o aborto foi legalizado na França.

Todo verão, tão logo Le Bon terminava o ano letivo, ela e Beauvoir faziam uma viagem de cinco semanas. Sartre viajava primeiro com Arlette, depois com Wanda.

A partir de meados de agosto, Beauvoir e Sartre passavam dois meses em Roma. Era o tempo *deles* — a única época do ano em que Beauvoir tinha Sartre mais ou menos para ela. Le Bon não queria passar tanto tempo longe de Beauvoir. Queria ficar em Roma até o reinício das aulas. “Vamos ver como funciona”, dizia Beauvoir.

Nos primeiros anos, Sylvie hospedou-se no Albergo del Sole, na Piazza della Rotonda, a dez minutos de Beauvoir, que dividia com Sartre a suíte refrigerada do último andar do Albergo Nazionale, na Piazza Montecitorio. Le Bon nunca estava com Beauvoir a sós. (“Claro que não. Esse era o tempo de Beauvoir com Sartre!”) Mas era convidada para almoçar ou jantar com Beauvoir e Sartre duas ou três vezes por semana.

No início dos anos 1970, Le Bon já passara no teste. Sartre não se aborrecia em sua companhia. Beauvoir sugeriu que ela se mudasse para o hotel deles. Depois disso, Le Bon fazia uma refeição por dia com eles — almoço ou jantar.

"A noite é que era o momento realmente especial", diz Le Bon. "As noites eram longas, tranqüilas e alegres. Ríamos à beça." Sartre e Beauvoir eram cautelosos em relação às pessoas com quem estavam à noite, diz Le Bon. Já mais velhos, gostavam mais que nunca de passar seu precioso tempo com amigos íntimos.

Beauvoir continuava encorajando Le Bon a levar sua vida, a ter seus próprios amantes. Le Bon não achava isso fácil. Em 1968, houve um romance com Bost, que Le Bon achava extraordinariamente bonito. "A princípio, eu não queria", conta Le Bon. "Simone de Beauvoir disse: 'Por que não? Você deve experimentar de tudo.' Não, ela não era ciumenta. Era feliz por nós duas."[47]

Quando Le Bon estava com um amigo ou um amante em Roma, este tendia a ficar sentido com sua atitude reverente em relação a Sartre e a Beauvoir e a forma como o tempo de todo mundo era medido em doses cuidadosamente preestabelecidas. "Os problemas vinham dos outros", diz Le Bon. "Nunca do Castor."[48]

Durante anos a fio, Sartre e Beauvoir tentavam passar umas férias de Páscoa em Saint-Paul-de-Vence, no sul da França, em quatro. Dera certo no passado, com Claude Lanzmann e Michelle Vian. Certamente poderia dar também com Elkaïm e Le Bon. Sartre e Elkaïm foram de trem; Beauvoir e Le Bon, de carro. Sartre e Elkaïm tinham dois quartos no anexo do hotel. Beauvoir e Le Bon dividiram um chalé no fim do jardim. A combinação do almoço e do jantar era a de praxe. Os quatro faziam uma refeição juntos por dia — almoço ou jantar. Do contrário, comiam em dupla. Nem Le Bon nem Elkaïm gostavam de se encontrar, sozinhas, uma sentada em frente à outra.

Elkaïm era apenas seis anos mais velha que Le Bon, mas, para Le Bon, parecia uma velha. "Ela vivia com frio ou cansada ou doente. Não ligava para boa comida. Não bebia; o álcool lhe fazia mal. Era incrivelmente passiva. Nunca tinha nada a dizer. Meu Deus, ela era uma chata!"

Tolerância não era o forte de Le Bon, e com Beauvoir ela não se continha. Tão logo estavam juntas, ela explodia: “Arlette é impossível!”

Beauvoir tentava acalmá-la. “O ódio pessoal é degradante”, dizia a Le Bon. “E não leva a nada.”[49]

“Após o segundo sexo vem a terceira idade”, brincaram os críticos. Beauvoir começara a trabalhar em *A Idade da Razão,* seu livro sobre a velhice, em junho de 1967. Passou meses levantando-se cedo e tomando um táxi para a Bibliothèque Nationale, para garantir conseguir uma cadeira quando a biblioteca abrisse às nove. (Recusava-se a ter uma cadeira reservada. Por que privilégios especiais para ela?) Assim como fizera para seu ensaio sobre as mulheres vinte anos antes, estudou dados biológicos, etnológicos e históricos sobre a velhice. A segunda metade do ensaio era dedicada à experiência vivida. Visitou lares para os velhos. Leu o que os escritores haviam dito em suas memórias sobre a velhice.

O livro saiu em janeiro de 1970. Passou semanas em primeiro lugar na lista dos mais vendidos. Os resenhistas declararam-no um livro rico e lúcido que era lido como um romance. Ressaltavam que Beauvoir mais uma vez atacara um tabu social. Mais uma vez, ela rompera a conspiração do silêncio.

O livro foi traduzido para o inglês em 1972, e recebeu uma resenha despeitada no *Los Angeles Times.* “Generalizações irrefletidas”, dizia o resenhista. “Já tendo servido, sem querer, como o sociólogo por trás de muitos dos rumores de *L’Amérique au Jour le Jour*, me pergunto quem está alimentando sua chacota desenvolta agora. Espero que não seja Sartre.”[50]

O resenhista era um escritor bastante amargo de Chicago, chamado Nelson Algren.

Sartre já trabalhava no Flaubert havia mais de dez anos. Foi um acontecimento editorial importante quando dois grossos volumes chamados *O Idiota da Família* apareceram nas vitrines das livrarias em maio de 1971. Tirante seus ensaios e entrevistas (publicados ao

longo dos anos em sucessivos volumes chamados *Situations*), havia sete anos não saía um livro novo de Sartre — desde *As Palavras*, em 1963. Seu nome saía sempre nos jornais, e ele vivia aparecendo nos noticiários da televisão, mas era só isso.

Os dois primeiros volumes tinham mais de 2 mil páginas e apenas cobriam os primeiros 36 anos da vida de Flaubert. Aquilo era só o começo, dizia Sartre. Estava revisando o terceiro volume. Depois disso, embarcaria num quarto, que explicaria *Madame Bovary.*

"O livro assombroso de Sartre é sem dúvida a obra mais extraordinária já composta por um escritor sobre outro", diria John Weightman na *New York Times Review of Books*. "Já o estou lendo há um mês em estados de espírito variados de exasperação, humildade, exultação e desespero (...) Até agora, o autor só chegou na base do assunto. Para lidar completamente com o tema, precisará digerir o universo."[51]

Sartre contou a Beauvoir como ficou feliz quando os exemplares de seu livro chegaram da Gallimard. Isso lhe deu tanto prazer, disse, quanto a publicação de seu livro de estréia, *A Náusea*.

NOTAS

1 *Le Nouvel Observateur*, 23 de novembro de 1966.
2 Minha entrevista com Claude Lanzmann, 20 de julho de 2002.
3 É Claude Loursais.
4 Entrevista de John Gerassi com Simone de Beauvoir, 30 de janeiro de 1973.
5 Bair, *Simone de Beauvoir*, p. 462-63.
6 Jacques Lanzmann, *Le Voleur de Hasards*, p. 49. Jacques Lanzmann não consegue explicar exatamente o que quer dizer com isso, embora fale sobre uma certa perversão intelectual. "Admite que, em última análise, Evelyne escolheu pessoalmente sua vida" (minha entrevista com Jacques Lanzmann, Paris, 22 de abril de 2004).
7 Rezvani, *Le Testament Amoureux*.
8 Por exemplo, Judith Magre, a atriz casada com Claude Lanzmann, odiou o retrato de Lanzmann. Achou que Beauvoir deu a impressão de que ele era seu carregador — jovem, insignificante e meramente útil para ela. Magre teve uma grande rixa com Beauvoir por causa disso (minha entrevista com Judith Magre, 7 de maio de 2004).
9 Quando Wanda morreu, em 1989, Le Bon foi ao apartamento dela com Bost, durante a inspeção oficial da polícia. Enquanto Bost conversava com a polícia, desviando-lhes a atenção, Le Bon encontrou os maços de cartas de Sartre, e levou-as. Hoje, elas se encontram na posse de Le Bon.
10 Minha entrevista com Sylvie Le Bon de Beauvoir, Paris, 10 de junho de 2004.
11 H.E.F. Donohue, *Conversations with Nelson Algren*, p. 269.

12 *Ramparts* 4, n. 6 (outubro de 1965).
13 Nelson Algren, “A questão de Simone de Beauvoir”, *Harper´s* maio de 1965.
14 *Zeitgeist* I, n. 4 (verão de 1966).
15 W.J. Weatherby, “The Life and Hard Times of Nelson Algren”, *Sunday Times,* Londres, 17 de maio de 1981.
16 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 502-503.
17 Entrevista de Gerassi com Claude Lanzmann, 5 de junho de 1973.
18 Elkaïm teve um caso com o guia, Ely Ben-Gal. Sartre encorajou-a. Encorajava todas as pessoas de seu círculo a ter casos. Achava que os casos ajudavam a tornar a vida plena.
19 *ASAD,* p. 404 ss. Beauvoir explica em detalhes seu ponto de vista nessas páginas.
20 Havia também outra causa de tensão entre eles. Pouco antes de estourar a Guerra dos Seis Dias, Lanzmann pedira a Sartre e Beauvoir que assinassem uma petição afirmando ser um erro de orientação associar Israel a agressão e imperialismo e a Palestina a paz e a socialismo. Eles assinaram. Por isso, alguns países árabes vetaram os livros de Sartre e Beauvoir. A viúva de Frantz Fanon ficou tão furiosa com Sartre que recusou-se a incluir o prefácio dele a *The Wretched of the Earth* em todas as futuras edições do livro. Sartre ficou agoniado pelo fato de sua posição de neutralidade ter sido minada, e culpou Lanzmann por tê-lo pressionado a assinar uma petição na rua, sem lhe ter dado tempo de refletir sobre o assunto tratado.
21 *Adieux,* p. 276. (Trad. modificada).
22 Cau, *Croquis de Mémoire,* p. 282-83, minha trad.
23 Arlette Elkaïm ajudou a editar a coleção de documentos e provas para publicação em *Tribunal Russell: Le Jugement de Stockholm* (Paris: Gallimard, 1967).
24 *ASAD,* p. 63-64.
25 Halimi, *Milk for the Orange Tree,* p. 315.
26 Entrevista de S de B com Alice Schwarzer, 1972, em *After the Second Sex.*
27 Minha entrevista com Sylvie Le Bon de Beauvoir, Paris, 12 de abril de 2004.
28 Minha entrevista com Michel Contat, Paris, 4 de julho de 2002.
29 Minha entrevista com J.-B. Pontalis, Paris, 14 de janeiro de 2004.
30 Entrevista de S de B com Alice Schwarzer (1982), *After the Second Sex,* p. 110.
31 Sartre comprara apartamentos para Wanda e Arlette. Michelle comprara o dela com dinheiro da herança literária de Boris Vian.
32 Minha entrevista com Michelle Vian, Apt, 11-12 de julho de 2002.
33 Entrevista de John Gerassi com Wanda Kosakiewicz, 23 de março de 1973.
34 Minha entrevista com Michelle Vian, 11 e 12 de julho de 2002.
35 “Entretien avec Claude Lanzmann.”
36 Outros signatários foram Colette Audry, Michel Leiris e Daniel Guérin.
37 S, “Les Bastilles de Raymond Aron”, *Nouvel Observateur,* 19-25 de junho de 1968.
38 S a Zonina, carta não datada [fim de 1968].
39 J-B Pontalis e Bernard Pingaud demitiram-se em 1969 depois que Sartre insistiu em publicar uma transcrição de um diálogo entre um psicanalista e seu paciente, que, na opinião de Sartre, mostrava a psicanálise como uma terapia baseada não na reciprocidade mas sim na violência. Sartre teve uma grande influência no movimento da “antipsiquiatria”, associado a R. D. Laing e David Cooper.
40 Sartre, “Autoportrait à 70 Ans”.
41 *Adieux,* p. 280.
42 Ibid., p. 285.
43 Minha entrevista com Michelle Vian, 13 de outubro de 2003.
44 Entrevista de Gerassi com Arlette Elkaïm Sartre, 5 de março de 1973.
45 Claudine Monteil, *Simone de Beauvoir: Le Mouvement des Femmes, Mémoires d´une Jeune Fille Rebelle* (Quebec: Alain Stanké, 1995).

46 Sylvie Le Bon diz ter plena certeza de que Beauvoir nunca fez aborto algum.
47 Wanda não assinou. Nem Sylvie Le Bon. Seu trabalho estava garantido, diz Le Bon, mas ela tinha alunos e pais de alunos a enfrentar e Beauvoir não queria que ela assinasse.
48 Sempre havia obstáculos demais, diz Le Bon, e o caso não durava muito. Durante quase vinte anos, ela e Bost foram apenas amigos. Após a morte de Beauvoir, em seu pesar mútuo, os dois se voltaram um para o outro. Olga morrera naquela época. Le Bon herdou o apartamento de Beauvoir na rue Schoelcher, e deixou Bost morar ali nos últimos anos da vida dele. Le Bon manteve seu apartamento na avenue du Maine.
49 Minha entrevista com Sylvie Le Bon de Beauvoir. Paris, 10 de junho de 2004.
50 Ibid., 12 de abril de 2004.
51 Resenha de Nelson Algren no *Los Angeles Times*, 25 de junho de 1972.
[1] Eu era igual a Heloísa Você era Abelardo / Nas estantes de edições populares venderá a metro – / Evite, evite aquela trama obscura / E a velha fraude por baixo que não consegue fechar a boca – / Ah não foi mágico Ah não foi trágico / Um amor como o nosso nunca morrerá / contanto que eu o conte de outro jeito) – (N. da T.)
[2] Lá num porão embaixo da lixeira / Onde filhotes de rato se afogam quando alaga / De cabeça para baixo no chiqueiro / Jogue a charlatã tagarela direto no chafurdeiro / Que ela matraqueie sem parar lá embaixo / Depois bata a porta e suba correndo – / Abra a janela e deixe o ar entrar / Cada mês de abril há de nos ensinar a brincar: / Dizendo Adeus Lírios / Olá / Primavera. (N. da T.)

TREZE

A CERIMÔNIA DO ADEUS

Maio de 1971–Abril de 1986



A vida inteira Beauvoir teve acessos de choro repentinos, causados por crises assustadoras e sufocantes de ansiedade e desespero, que atribuía ao medo da morte e do vazio metafísico. “Durante algumas horas, eu era assolada por uma espécie de tornado que me deixava nua”, conta. “Quando o céu tornava a desanuviar, eu nunca sabia se estava acordando de um pesadelo ou recaindo numa longa fantasia azul-celeste, num mundo de sonho permanente.”[1] Preferia não se deter nas ansiedades tão palpáveis sob a superfície de sua escrita: seu medo da solidão, do abandono e da perda do amor.[2] Mas admitia abertamente ser perseguida pela idéia que considerava o pior dos pesadelos: a morte de Sartre.

O único livro que escreveria após a morte de Sartre, o único que escreveu e não foi lido por ele, *A Cerimônia do Adeus*, foi um retrato pungente da decadência física de Sartre. Ele abusara temerariamente de seu corpo, e os efeitos desses abusos logo se fizeram sentir. Em 1954, quando ele foi hospitalizado em Moscou com pressão alta, Beauvoir ficou muito apreensiva. Sartre tinha 49 anos. Quatro anos depois, aos 53, por um triz não enfartara. Com sessenta e poucos anos, tinha sérias crises de tonteira. Aparentemente, a circulação no hemisfério esquerdo de seu cérebro não estava normal. Seus médicos insistiam para que ele fumasse e bebesse menos. Sartre não lhes dava ouvidos.

Terça-feira, 18 de maio de 1971, Sartre chegou na rue Schoelcher com um aspecto terrível. Tinha o braço direito parcialmente paralisado, a boca torta e a fala engrolada. Beauvoir fez um grande esforço para não deixar transparecer seu pânico. Sartre disse que havia se levantado daquele jeito, na casa de Elkaïm. Não havia ido ao médico, e insistiu em tomar os quatro ou cinco copos de uísque de praxe. À meia-noite, não conseguia articular as palavras, e mal conseguiu subir para o quarto. Beauvoir passou a noite em claro revirando-se no sofá da sala.

No dia seguinte, o médico confirmou seus receios. Sartre tivera um pequeno derrame. Foi proibido de caminhar. Le Bon levou-o de volta para a rue Schoelcher e lá ficou um pouco. O cigarro não parava na boca de Sartre. Quando caía, ela o pegava e o entregava a ele, que tornava a colocá-lo na boca e logo o deixava cair de novo. Não dava para conversar. Beauvoir pôs o *Requiem* de Verdi. “É muito adequado”, disse Sartre.

Passou dez dias nesse estado. Não conseguia tocar piano com Elkaïm, nem escrever, e aparentemente não se interessava por nada. Beauvoir sempre achava doloroso separar-se de Sartre quando ele partia no início de julho, primeiro com Elkaïm por três semanas, depois com Wanda, por duas. Naquele verão, achou a separação angustiante:

> Almoçamos juntos na Coupole, onde Sylvie devia vir me buscar às 16h00. Levantei-me às 15h57. Ele me deu um sorriso indefinível e disse: “Então, esta é a cerimônia do adeus!” Toquei em seu ombro sem responder. O sorriso e as palavras ficaram muito tempo em minha cabeça. Dei à palavra adeus o significado final que teria alguns anos depois.[3]

As duas foram de carro para a Itália, de férias. Nos primeiros dias, Beauvoir ficava se perguntando o que fazia lá. Toda noite, durante aquelas cinco semanas, ia dormir chorando. Sartre tinha 66 anos naquele verão, ela, 63. E já temia o pior.

Telegramas lhe garantiam que Sartre estava bem. Só mais tarde ela descobriu que ele tivera uma crise ainda pior que em meados de

julho, em Berna. Elkaïm não a informara. Desde então, ele tornara a melhorar. Em Nápoles, dera passeios bem longos com Wanda.

Nos nove anos seguintes, o padrão seria este. Sartre tinha uma crise, Beauvoir ficava apavorada, então ele se recuperava, e ela voltava a ter esperanças. Era exaustivo.

Em meados de agosto, os dois se instalaram em sua suíte do sexto andar do Hotel Nazionale em Roma. Sartre corrigia o terceiro volume de *L'Idiot de la Famille.* Beauvoir burilava *Tout Compte Fait,* o quarto e último volume de suas memórias. Quando voltaram a Paris, ele leu cuidadosamente o manuscrito dela e fez críticas construtivas, como sempre.

Em fevereiro e março de 1972, Sartre, Beauvoir e a equipe da *Les Temps Modernes* reuniram-se durante dois fins de semana — primeiro em casa de Beauvoir, depois no estúdio de Sartre — e conversaram sobre o passado de Sartre diante das câmeras. Michel Contat e Alexandre Astruc faziam um documentário sobre Sartre.

Entre as sessões, Jean Pouillon contou com tristeza a Contat: "Ele devia ter sido filmado em 1950. Agora só se tem uma pálida noção de quão brilhante ele podia ser."[4] Todavia, quando o filme *Sartre* finalmente foi distribuído, em 1976, após uma série de problemas de orçamento, o público francês ficou cativado. Era como participar de uma reunião de família, diziam as resenhas. Sartre tinha o aspecto do eterno aluno de pós-graduação vestido com seu suéter de gola rulê preto e não perdera o charme considerável.

Um crítico, Gilles Lapouge, conta ter ficado particularmente comovido com Laurent Bost, que falava sobre o antigo professor com uma grande ternura, e com Simone de Beauvoir, "muito bonita, que, às vezes, por uma lembrança boba, provocava estranhas faíscas".[5]

Nos dois anos seguintes, houve outras crises de tonteira. Sartre sofria de incontinência. Tinha dores nas pernas e já não podia caminhar muito. No outono de 1972, arrancou todos os dentes remanescentes e passou a usar dentadura. Sartre bebia muito, mas sempre, em todas as tribulações, continuou trabalhando.

Começara a trabalhar no quarto volume do Flaubert. Escrevia sobre a opressão dos bascos na Espanha de Franco. Defendia os direitos dos trabalhadores imigrantes e dos presos políticos. Denunciava a repressão política em Cuba. Beauvoir foi co-signatária com ele de um abaixo-assinado pedindo que a todos os cidadãos russos, e não só aos judeus, fosse concedida autorização para deixar a URSS, caso desejassem.

Com seus amigos maoístas, Sartre ajudou a fundar um novo diário revolucionário, o *Libération.* Era um projeto ambicioso — uma aventura verdadeiramente democrática, nascida em 1968 — e ele abandonou o *Flaubert* por seis meses para mergulhar nele. Contribuiu financeiramente, escreveu artigos e participou de reuniões. Durante um ano, até ter de desistir por motivo de saúde, era o editor-chefe oficial. Foi devido ao prestígio de Sartre que o jornal teve liberdade política para decolar e tornar-se um dos jornais esquerdistas mais importantes da França. Sartre ficou exultante com o sucesso do jornal.[6]

Tout Compte Fait, dedicado a Sylvie Le Bon, foi publicado em setembro de 1972. Pela primeira vez, Beauvoir não tinha nenhum projeto em mente. O movimento feminista mantinha-a ocupada, e ela achava a distração uma dádiva divina. Tornou-se presidente do Choisir e da Liga dos Direitos das Mulheres, grupos que informavam as mulheres sobre seus direitos, defendiam a contracepção gratuita e a legalização do aborto, e forneciam defesa legal gratuita para as mulheres. Beauvoir escrevia prefácios, concedia entrevistas e reunia-se com feministas do mundo inteiro. Sua principal atividade literária era a redação de seu diário, onde relatava obsessivamente a deterioração de Sartre.

Felizmente, tinha Le Bon. “Minha alegria de viver”, chamava-a Beauvoir.[7] Cinco anos antes, escrevera a Le Bon do Japão: “Minha Sylvie, estou exultante de voltar a Paris, por causa de Paris e porque desejo trabalhar, mas principalmente por que desejo revê-la. É uma

grande felicidade para mim saber que você existe, uma felicidade que me acompanha sempre.”[8]

Le Bon finalmente conseguira um trabalho no magistério em Paris. Estava com 30 anos, e seu pai a persuadira de que era hora de deixar de morar em hotéis e investir numa casa própria. Ela comprou um apartamento sossegado dando para o pátio interno de um prédio na avenue du Maine, a vinte minutos da casa de Beauvoir. Era raro o dia em que as duas não se viam.

Enquanto Sartre via suas mulheres estritamente uma de cada vez, Beauvoir sempre gostara de dividir suas companheiras com Sartre. Os dois passavam as noites de sábado com Le Bon, em geral na casa de Beauvoir. Às vezes, os três iam à ópera, que Le Bon adorava. (O único terno elegante de Sartre ficava guardado na casa de Beauvoir para essas ocasiões.) Aos domingos, almoçavam na Coupole. Todo verão, Le Bon passava uma temporada com eles em Roma. Sartre gostava. Era mais alegre na presença dela.

De vez em quando, havia um leve cheiro dos antigos triângulos. Houvera uma espécie de encontro sexual entre Le Bon e Sartre em Roma, em 1968. Sartre estava com a mão-boba. Le Bon estimulara. “Fingi que estava bêbada. Para mim, Sartre era o grande escritor. Eu ficava assombrada com ele.” Beauvoir não pareceu se incomodar quando Le Bon contou-lhe o ocorrido depois.[9]

Um domingo, Beauvoir e Sartre foram convidados pela amiga Tomiko Asabuki, a antiga intérprete japonesa, para almoçar em sua casa em Versalhes. Le Bon foi também. Comeram pato recheado e beberam vinhos excelentes, e, na volta, no carro, Le Bon “fez declarações ardentes a Sartre”. Ele “exultou”, conta Beauvoir.[10]

Houve cenas tempestuosas, também, que Beauvoir não menciona em *A Cerimônia do Adeus.* Estas ocorriam em geral nas noites de sábado na rue Schoelcher, quando eles já haviam bebido demais. Sartre se queixava de uma ou outra de suas mulheres indefesas. Le Bon retrucava que ele era paternalista e machista, que sofria de um “complexo de Deus”, e que *tornara* aquelas mulheres indefesas. Elas viviam doentes ou cansadas, criticava. De quê? De não fazer nada? Para um homem que nunca quis ter uma família, você tem o pior da vida de família!

Sartre dizia que sabia disso, mas preferia ser bobo a ser safado. Aquelas mulheres dependiam dele. Ele tinha obrigações para com elas. Não respeitava um homem que deixava sua mulher ao deus-dará.

— Mas essa é uma maneira de pensar tão antiquada!

— Bem, sou antiquado. E agora, estou velho demais para mudar.[11]

Era o auge do movimento das mulheres. Le Bon, juntamente com Beauvoir, passava muito tempo discutindo políticas sexuais em vários grupos de mulheres. Em entrevistas, Beauvoir afirmava que a independência econômica era o pré-requisito básico para a independência feminina. E lá estava Sartre apoiando três mulheres que passavam praticamente o tempo todo, parecia a Le Bon, causando-lhe dificuldades.

O assunto com mais probabilidade de fazer Le Bon explodir era Arlette Elkaïm. Ela era a mercadoria mais cara de Sartre. Ele já lhe comprara um estúdio de artista na rue Delambre, a dois minutos do Dôme. Mas Elkaïm era asmática e gostava de fugir da poluição da cidade sempre que possível, então Sartre lhe comprou também uma casa no sul da França. “Fiquei uma fúria”, diz Le Bon. “Arlette nunca teve um emprego. Vivia inteiramente às custas de Sartre. Sempre dizia que não queria o dinheiro dele, e continuava lhe tirando dinheiro. E lá estava Sartre, que no fim do mês não tinha dinheiro nem para comprar um par de sapatos. Aquilo tudo me deixava doida.”

Havia ocasiões em que Le Bon saía de casa furiosa, batendo a porta ao passar. No dia seguinte, pedia desculpas, envergonhada. “Sim, você se portou muito mal”, concordava Beauvoir. E Le Bon era perdoada.

Atualmente, Le Bon se arrepende daquelas explosões. “Eu era violenta.” Dizia exatamente o que pensava, sem concessões. Isso não facilitava a vida do Castor, que estava no meio, doente de preocupação sobre a saúde de Sartre.[12]

Em março de 1973 — aos 68 anos — Sartre teve outro derrame. Já não reconhecia os amigos, não sabia onde estava. O médico disse que

era uma apoplexia cerebral, e tornou a pressioná-lo para largar a bebida e o cigarro. Sartre fez algum esforço, depois retomou os hábitos.

Em julho, passou três semanas com Elkaïm em sua casa no vilarejo de Junas, perto de Nîmes. Ficava horas sentado na varanda, olhando o vazio. Não conseguia divisar o contorno das casas, contou-lhe. No fim do mês, Beauvoir e Le Bon, que andavam viajando pelo sul da França, foram buscá-lo de carro para levá-lo a Veneza, onde (sem que Elkaïm soubesse) ele passaria duas semanas com Wanda. Beauvoir ficou chocada ao vê-lo andar com passinhos curtos e hesitantes.

Beauvoir e Le Bon ficaram alguns dias em Veneza, encontrando-se com Sartre às 9h30 sem Wanda saber, para tomar o café-da-manhã na Piazza San Marco. Beauvoir ficou sossegada ao saber que Wanda lhe dava os remédios conscienciosamente, e o levava para fazer pequenos passeios. “Então, uma manhã, deixei-o”, conta. “Não queria que Sylvie se entediasse com Veneza, que ela começava a conhecer de cor.”[13] As duas lhe deixaram seus endereços, e desejaram-lhe *bon courage* para aturar Wanda. Sartre disse que sentiria a falta delas, e as duas foram para Florença.

Mais tarde, Beauvoir contaria à sua biógrafa, Deirdre Bair, que sentia uma “culpa dividida” naquela época.[14] Tinha que levar em conta Le Bon, bem como Sartre, e receava impor um velho cansado a uma jovem vigorosa. Le Bon gostava de explorar lugares novos. Ela também. Mas se se divertia com Le Bon, sentia-se mal por causa de Sartre.

Em meados de agosto, Beauvoir e Le Bon foram buscar Sartre no aeroporto Fiumicino de Roma. Ele estava quase cego. Em Veneza, o sol lhe ferira os olhos, disse. Ele quase não conseguira ver a cidade que tanto amava. Beauvoir levou-o a um especialista, que disse que Sartre sofrera hemorragias atrás do olho esquerdo (o bom), mas que sua visão com certeza melhoraria com o tempo. Durante meses, Sartre aferrou-se a essa esperança.

Eram um triângulo em Roma naquele ano. Beauvoir lia para Sartre todas as manhãs. Ele dormia à tarde, e Beauvoir e Le Bon saíam para passear ou liam à sombra lado a lado. Os momentos mais dolorosos eram os das refeições. Sartre era pré-diabético e engordara

bastante, e Beauvoir afligia-se ao vê-lo comer quantidades enormes de massa e sorvete. E ainda havia seus modos desagradáveis à mesa. Sartre, que a vida inteira tivera tanto complexo de seu corpo que até odiava pedir informações na rua para não impor aos outros sua feiúra, não tinha idéia do constrangimento que infligia a suas companheiras de mesa. Já não enxergava a comida no prato nem na ponta do garfo, e quase não tinha tato em volta da boca. Com medo de irritá-lo, Beauvoir não podia ficar lhe mandando limpar a cara com o guardanapo.

Olga e Bost foram passar uns dias em Roma e ficaram horrorizados ao ver Sartre parecendo um velho caduco. Ele não suportava que lhe enchessem de cuidados. Detestava que as pessoas o pegassem pelo braço, como se ele fosse um cego. No máximo, deixava os amigos tocarem de leve em seu cotovelo para guiá-lo. Eles tinham que fingir que nada mudara. Era de cortar o coração.

As coisas se inverteram. Já não era mais Sartre que fazia a ronda médica. Agora, eram suas mulheres. Aos 68 anos, Sartre ficara totalmente dependente. Tinha dor nas pernas se andasse um pouquinho. Distinguia luzes e cores, mas já não distinguia os objetos, e certamente não conseguia ler nem escrever. Sua vida como escritor estava completamente destruída.

Ficara decidido que Sartre deveria se mudar para um apartamento de dois quartos, para que Beauvoir e Elkaïm pudessem se revezar para passar a noite com ele. A sempre prática Liliane Siegel encontrou um apartamento numa torre moderna, no Boulevard Edgar Quinet 22, dando para o cemitério de Montparnasse, e em frente à casa de Simone. Sartre foi instalado ali em outubro de 1973. O apartamento era mais uma vez no décimo andar, e tinha uma vista estupenda de Paris. Sartre não enxergava a vista, mas conseguia apreciar vagamente os crepúsculos. Nunca se sentiu em casa ali. “Esse apartamento é a casa onde eu já não trabalho mais”, disse a Beauvoir.[15] Durante a semana, quando era o turno dela, ele preferia dormir na rue Schoelcher. Nos fins de semana, ficava na casa de Elkaïm.

Sartre lutava com a depressão. Sempre olhara para o futuro. O que sobrava para ele agora? O objetivo de sua vida era escrever. "Penso *com os olhos*", dissera numa carta a Beauvoir quando teve problemas de vista na Segunda Guerra Mundial. "Se não conseguir *focalizar* a vista, não consigo focalizar meus pensamentos."[16]

Em grupo, Sartre às vezes ficava horas sentado sem dizer nada. Lena Zonina foi novamente a Paris no fim do ano, e Sartre andava ansioso para tornar a vê-la. Mas, na primeira vez em que almoçaram juntos, com Beauvoir e Le Bon também, o clima foi deprimente. Le Bon esforçou-se muito para animar o ambiente. Sartre quase não falou.

Uma manhã, em Veneza, na Páscoa de 1974, Beauvoir estava lendo para Sartre no quarto do hotel. Lá fora fazia um sol convidativo e os dois decidiram descer para o terraço, à beira d'água. Quando Beauvoir foi pegar o livro que estavam lendo, Sartre disse num tom de queixa: "*Antes,* quando eu era mais inteligente, não líamos, conversávamos."

Beauvoir ficou para morrer com isso, e eles passaram o resto da manhã conversando. Mas, em particular, teve que confessar a si mesma que as conversas com Sartre já não eram as mesmas.

> Sartre (...) de fato conservara a inteligência. Fazia observações sobre o que líamos e discutia os livros. Mas logo deixava a conversa morrer. Não fazia perguntas nem dava idéias novas. Poucas coisas o interessavam em qualquer nível. Mas, em compensação, tornou-se muito metódico, tendo por regra não se desviar de dadas seqüências, substituindo o prazer verdadeiro nas coisas por uma adesão obstinada a um padrão.[17]

Em Roma, naquele verão, os dois conversaram com um gravador ligado, Beauvoir fazendo a Sartre perguntas sobre seu passado. "Atualmente, nada me interessa", disse-lhe Sartre. Beauvoir delicadamente o incitava a responder. Diziam a si mesmos que aquilo poderia ser uma continuação oral de *As Palavras.*[18] À tarde e à noite, davam pequenos passeios. Beauvoir leu para ele dois livros grossos: *O Arquipélago Gulag* de Soljenitsyn, e a biografia de Hitler, de Joachim Fest.

Sartre estava enfrentando o fato de que nunca mais enxergaria. Dizia a si mesmo que ainda podia ouvir e falar. Poria os amigos para ler para ele, e tentaria pensar alto, com um gravador.

Pediu a Pierre Victor — que vivia dizendo que o "novo intelectual" deveria trabalhar em colaboração — para ser seu "secretário". Tinha em mente um tipo de colaborador intelectual, alguém com quem e contra quem pudesse pensar, agora que já não tinha acesso à palavra impressa. Victor hesitou, Liliane Siegel ligou para ele, dizendo-lhe que *precisava aceitar.* Ficou acertado. Sartre conservaria André Puig para fazer o trabalho administrativo diário. Pierre Victor viria por três horas todas as manhãs, exceto no sabá, ler para Sartre e discutir idéias com ele.

Elkaïm ligou para Beauvoir apavorada. Não confiava em Pierre Victor, disse. Ele tinha uma personalidade agressiva e sufocante e ela temia que ele virasse o "Schoenmann de Sartre". Referia-se a Ralph Schoenmann, o autoritário secretário-geral do Tribunal Russell, que virara motivo de chacota nas reuniões de Estocolmo e Copenhague afirmando a toda hora falar por Bertrand Russell, muito velho e muito frágil para lá estar.

Beauvoir também não gostava muito de Pierre Victor. Mas Sartre parecia feliz com a idéia de trabalhar com ele. Ela estava feliz por Sartre e aliviada por ter algum tempo para si. Era cansativo ler em voz alta todas as manhãs. Que problema haveria em pagar a Pierre Victor para ser os olhos de Sartre durante três horas por dia, e trazer de volta um pouco de alegria e estímulo à sua vida? Mais tarde, iria arrepender-se amargamente dessa atitude.

Em novembro de 1974, Sartre assinou um contrato com a televisão nacional francesa para escrever dez programas sobre sua relação com a história da França do século XX. Durante nove meses, Beauvoir e Pierre Victor leram livros e documentos relevantes para Sartre. Então, em agosto de 1975, o contrato foi cancelado, ostensivamente, por razões orçamentárias. Na entrevista coletiva, Sartre, Beauvoir e Victor falaram em "censura indireta".

Tudo o que sobrava para Sartre agora, em termos de trabalho, era o livro que ele e Pierre Victor imaginavam baseado em suas

discussões gravadas. O título provisório era *Poder e Liberdade*. Eles sabiam que não tinham a mesma maneira de pensar. Como muitos de seus contemporâneos, Victor estava mais interessado em Deleuze e Foucault, e na nova moda intelectual conhecida como estruturalismo. O objetivo da colaboração deles, sob o seu ponto de vista, era pensar em oposição um ao outro, pensar dialeticamente.

Victor estava convencido de que o livro seria importante. Até certo ponto, Sartre deixou-se levar pelo entusiasmo do jovem amigo. Mas estava ciente dos problemas. "Você tem idéias que não são minhas e que me farão seguir em certas direções que em geral eu não seguia", disse a Victor. Para ele, este seria "um trabalho isolado" do resto de sua obra, "sem pertencer ao todo".[19]

Beauvoir e os veteranos da *Les Temps Modernes* estavam agradecidos pelo fato de Pierre Victor manter Sartre intelectualmente estimulado. Admiravam o espírito de luta de Sartre. Mas, em particular, recorda Jean Pouillon, encaravam esse novo projeto como "a ilusão de um velho que se recusava a desistir".[20]

Pierre Victor não era seu nome verdadeiro, e ele às vezes se disfarçava com uma barba postiça e óculos escuros. Benny Lévy, aliás Pierre Victor, nasceu no Cairo e pertencia a uma família de judeus sefarditas que deixou o Egito durante a crise do canal de Suez de 1957, quando ele tinha 11 anos. A Guerra da Argélia estava inflamada, e foi difícil para Victor trabalhar sua relação com a França. Aos 15 anos, leu Sartre e ficou maravilhado. "Para mim, a língua francesa era Sartre", disse mais tarde.[21] Ele era inteligente, e, aos 20 anos, estudava na Ecole Normale Supérieure. Mas nunca conseguira tirar os documentos de residência, o que significava que podia ser expulso do país a qualquer momento. Como militante maoísta que estava freqüentemente em contato com a polícia, escondia-se atrás de uma identidade falsa.

Beauvoir estava convencida, mesmo depois do que aconteceu, de que Pierre Victor aceitou o emprego de secretário de Sartre por uma profunda e genuína afeição por ele. Como sempre, Sartre dava mais que recebia. Victor era recompensado por suas três horas por dia com um salário que era generoso até para um trabalho de tempo

integral. Além do mais, Sartre escreveu ao presidente Giscard d'Estaing em nome de Victor, e conseguiu obter para ele a cidadania francesa.

Para Pierre Victor, sua tarefa era manter a pequena chama viva dentro de Sartre.

> Muitas vezes tive vontade de largar o emprego. Eu chegava, tocava a campainha e, às vezes, ele nem me ouvia. Estava ali, sozinho, cochilando na poltrona, e, com a porta fechada, eu ouvia a música da France Musique tocando no rádio que Simone de Beauvoir deixara ligado para que ele não se sentisse muito só ou muito entediado. Era uma luta constante contra a morte. Às vezes, eu tinha a impressão de estar ali para afastar o sono, a falta de interesse ou, mais simplesmente, o torpor (...) O que eu estava fazendo mesmo era numa espécie de ressuscitação.[22]

Sartre e Victor logo abandonaram o quarto volume de Flaubert, e passavam o tempo discutindo história e filosofia. Victor era carismático, ardente e com tendências tirânicas. Elkaïm, rondando em segundo plano, às vezes ficava alarmada. "Ele vinha com uma pergunta muito crucial e complexa na hora em que Sartre estava prestes a ceder ao cansaço", lembra. "Outras vezes, Victor começava a ler em voz muito alta para ele, com uma paixão e um entusiasmo incríveis, como se num estado de exaltação. Era bem assustador."[23]

Quando se sentia forte o suficiente, Sartre se divertia. Em outros momentos, o tom declamativo de Victor simplesmente o cansava. "Pierre gostava bastante de me absorver", disse a Liliane Siegel. "Alguns dias, ele me atormenta, temos uma briga, às vezes ele me diverte e eu o enfrento, mas, outras, ele me aborrece tanto que eu cedo."[24]

Para comemorar os setenta anos de Sartre, em junho de 1975, *Le Nouvel Observateur* publicou uma entrevista com ele. Michel Contat lhe fez perguntas sobre política, livros, sua relação com a música, os amigos, e o dinheiro. Sartre concordou que fizera muito dinheiro na vida, e ainda recebia muito de *royalties*, contratos estrangeiros,

entrevistas e sua pensão de professor, mas sempre gastava mais depressa do que ganhava. “Há pessoas que dependem financeiramente de mim”, explicou. (Não disse que pagava salário a Puig e Victor, dava mesada a Wanda, Michelle e Arlette, sustentava uma amiga nova, Hélène, pagava a faxineira e ajudava o mendigo da rua.) “No momento, não sobra nada, e, pela primeira vez, me pergunto como vou fazer.”[25]

“Há várias mulheres em minha vida”, disse. “Embora, num sentido, Simone de Beauvoir seja a única, realmente há várias.” Todavia, só mencionou os nomes de Arlette Elkaïm e Michelle Vian, referindo-se a Elkaïm como “minha filha adotiva” e a Michelle como “a mulher de Boris Vian”.

Deixou claro que sua relação intelectual com Simone de Beauvoir significara tudo para ele:

> Consegui formular idéias para Simone de Beauvoir antes de elas estarem efetivamente corretas (...) Apresentei todas as minhas idéias a ela quando elas ainda estavam em formação.
> *Por que ela possuía o m’esmo nível de conhecimento filosófico que o senhor?*
> Não só isso, mas também porque ela era a única do meu nível de conhecimento de mim mesmo, do que eu queria fazer. Por isso, era a interlocutora perfeita, do tipo que raramente se tem. É minha única sorte...
> *Mesmo assim, o senhor já teve oportunidade de se defender de críticas de Simone de Beauvoir, não?*
> Ah, muitas vezes! Na verdade já até nos insultamos (...) Mas eu sabia que ela é que estaria certa, no fim. Não quer dizer que eu aceitasse todas as suas críticas, mas aceitava a maioria delas.
> *O senhor é tão duro com ela quanto ela é com o senhor?*
> Claro. Tão duro quanto possível. Não há por que não criticar muito severamente quando se tem a sorte de amar a pessoa que se critica.

A entrevista foi a recapitulação de uma vida. Havia coisas que Sartre queria dizer, e ele sabia que aquela poderia ser sua última chance de dizê-las. Dedicara livros a outras mulheres. Fora

fotografado com elas na imprensa. Mas, aos setenta anos, estava fazendo em público uma declaração de amor e gratidão a Simone de Beauvoir.

As mulheres de Sartre já estavam na meia-idade. Em 1975, o ano em que Sartre fez setenta anos, Wanda tinha 58, Michelle Vian, 55, e Arlette Elkaïm, quase quarenta. Sem que elas soubessem, ele embarcara numa última ligação romântica com uma jovem. Hélène Lassithiotakis, uma grega de cabelos pretos de vinte e poucos anos, tocara sua campainha em 1972. “Lembra-se de mim? Conhecemo-nos em Atenas numa de suas palestras.”

Sartre deu-lhe dinheiro para vir passar um ano em Paris estudando filosofia. Via-a muito. “Quando estou com ela, sinto-me como se tivesse 35 anos”, contou a Beauvoir.[26] Quase no fim daquele ano, Hélène teve um surto psicótico na rua. Le Bon levou-a para o hospital psiquiátrico Sant Anne. “O Castor e eu brincávamos com Sartre sobre todas as suas mulheres loucas”, conta Le Bon. “Dizíamos a ele: ‘É você que as enlouquece!’”[27]

Sartre já estava cego, mas isso não o impediu de fazer várias viagens a Atenas, com Beauvoir e Pierre Victor. E Hélène fez viagens a Paris. “Por causa dos remédios que tomava, engordara dez quilos”, conta Beauvoir. “Além do mais, era tão calada agora quanto era tagarela antes da doença. Mas ainda era bonita e Sartre gostava de estar com ela.”[28]

O caso durou cinco anos. Em 1977, Sartre terminou-o, dizendo a Beauvoir que Hélène era muito egoísta. Mas, assim como fazia com suas outras mulheres, continuava saindo com ela como amiga.

Em março de 1977, Sartre fez o impensável. Estava com dores enormes na perna direita. O médico disse que, se ele não parasse de fumar, teria que amputar primeiro os dedos do pé, depois o pé, depois as pernas. Sartre disse que iria pensar no assunto. Dois dias depois, resolveu parar. Entregou os cigarros e os isqueiros a Le Bon. (Beauvoir quase não fumava mais.) Ele nunca mais voltou a fumar e

não parecia achar a abstinência pesada. Até encorajava os amigos a fumarem na sua frente.

Mas não pararia de beber, e isso virou um aspecto da luta de poder entre as mulheres. Ele dizia a Beauvoir que se restringia a um copo de uísque à noite. Enquanto isso, Michelle trazia clandestinamente garrafas de uísque, que Sartre escondia atrás da estante. Fazia uma voz macia, conta Michelle Vian, como um menino travesso desafiando a mãe: "Sabe, eu não conto tudo para o Castor."

Quando Beauvoir o via de ressaca, havia cenas. "Beauvoir ficava furiosa", conta Michelle Vian. "Ela era a mãezinha dele, Era a única autorizada a lhe dar sua mamadeira."[29]

Durante algum tempo, Michelle dormia aos sábados na casa de Sartre. Quando o médico foi ver Sartre em casa e viu sua pressão novamente muito alta, chamou Liliane Siegel de lado — era a vez dela com Sartre — e perguntou-lhe se ele andara bebendo. Siegel lhe disse que Sartre bebia regularmente meia garrafa de uísque nas noites de sábado com Michelle. A notícia chegou aos ouvidos de Beauvoir. "Liguei para Michelle", conta ela, "dizendo-lhe por que ela não devia mais ir aos sábados à casa de Sartre".[30]

Houve outro incidente, que Beauvoir não menciona em *A Cerimônia do Adeus.* A faxineira de Liliane Siegel trabalhava na casa de Sartre uma vez por semana. Não era um trabalho agradável. Sartre nunca fizera muita questão de limpeza, e, agora, não enxergava. Um dia, a jovem, que era portuguesa e católica devota, anunciou que lá não punha mais os pés. Quando interrogada, descobriu-se que ouvira uma mulher tendo um orgasmo na cama de Sartre. Ficou constrangidíssima, e foi embora correndo.

Siegel sabia do horário de Sartre. Ligou para Beauvoir e contou-lhe. Beauvoir ligou de novo para Michelle. A conversa, Michelle recorda, foi esquisita:

— Michelle, nós somos amigas, não?

— Somos.

— Você sabe que Sartre está muito cansado. Ele não deve beber. Não deve fumar. Não deve se excitar. Não deve ter relações. Não faz bem para ele. Entende o que quero dizer?

Quando tornaram a se ver, Sartre explicou a Michelle. “Não faz muito mal... Minha próstata não está boa. Se eu quiser...” Acrescentou: “Eu não conto tudo para o Castor, sabe.”[31] Segundo Michelle Vian, eles continuavam fazendo amor (sem penetração) até quase o fim da vida de Sartre.

Sartre ficou furioso com Siegel. “Você me faz mal. É uma fingida nojenta”, gritou. “Não apareça nunca mais na minha frente.”[32]

Oliver Todd uma vez perguntou a Sartre como ele lidava com todas as suas mulheres, algumas das quais eram notoriamente ciumentas.

— Minto para elas, disse Sartre. — É mais fácil, e mais decente.
— Mente para todas elas?
— Ele sorri.
— Para todas elas.
— Até para o Castor?
— *Especialmente* para o Castor.[33]

Sartre deve ter dito isso de brincadeira, mas foi mais uma traição. Quando o livro de Todd foi publicado, um ano após a morte de Sartre, Beauvoir ficou magoada e irritada — com Todd, não com Sartre.[34] Em *A Cerimônia do Adeus*, publicado alguns meses depois, ela retaliou. “Sartre (...) não gostava nada [de Todd] e só se dava superficialmente com ele, o que é o oposto do que Todd tenta insinuar no livro.”[35]

Arlette Elkaïm não gostava de Beauvoir, mas principalmente tinha ressentimento contra Michelle. “O Castor não perturba nada — embora eu tenha certeza que ela ficaria perturbada se eu atrapalhasse as férias dela com Sartre —, mas Michelle atrapalha”, reclamou Elkaïm para John Gerassi em 1973.

Elkaïm admitiu que ela era “bastante exclusiva”, e que já tivera “muitíssimo ciúme de Sartre” algumas vezes. O que era estranho, dizia, era que tinha a distinta impressão de que ele *gostava* de seu ciúme. (“Ele é meio sádico. Acha graça nisso.”) Mas Sartre escondia muitas coisas, disse Elkaïm, e é impossível saber o que ele sentia. Ela

achava que ele devia estar aflito com a morte, mas sempre que ela o repreendia pelo excesso de bebida, ele bebia mais, para mostrar que não ligava a mínima. Sartre não gostava que lhe dissessem o que fazer.[36]

Elkaïm passava quase todas as manhãs na casa de Sartre, com o secretário deste, André Puig, e Pierre Victor. Sartre e Victor trabalhavam, e Elkaïm às vezes interrompia com chá ou remédios. Ela já não desconfiava mais de Pierre Victor. Os dois tinham muito em comum: eram do Norte da África, eram judeus e gostavam muito de Sartre. Ela e Victor estavam até aprendendo hebraico juntos.

Pierre Victor descobrira a teologia judaica. Aparecia de manhã louco para discutir Emanuel Levinas e messianismo. “O que mais? Talvez ele decida ser rabino!”, brincava Sartre com Elkaïm.[37]

Em fevereiro de 1978, Sartre foi passar quatro dias em Jerusalém com Victor e Elkaïm. (Era a primeira vez que Victor ia lá.) Beauvoir ficou preocupada com a viagem de Sartre, mas depois soube que ele fora levado até o avião de cadeira de rodas, o grupo ficara hospedado num hotel de luxo e era levado para todos os lugares de carro pelo amigo Eli Ben Gal. Sartre divertiu-se.

Mas, quando voltaram, houve um episódio desagradável, um prenúncio do que estava por vir. Pierre Victor escreveu um artigo apressado sobre o movimento de paz em Israel, e pediu a Sartre para co-assiná-lo. Victor enviou o artigo ao *Nouvel Observateur.* Pouco depois, Beauvoir recebeu um telefonema urgente de Bost: “O artigo é péssimo. Aqui no jornal, está todo mundo horrorizado. Convença Sartre a retirá-lo.” Beauvoir leu o artigo, achou-o muito fraco e conseguiu persuadir Sartre a abandoná-lo. Aparentemente, ele não investira muito naquilo.

Sartre não mencionou o incidente a Victor, que só descobriu que o artigo havia sido retirado na reunião seguinte da *Les Temps Modernes.* Victor começara a freqüentar algumas reuniões, em geral no lugar de Sartre. Beauvoir, presumindo que ele soubesse, tocou no assunto. Victor ficou furioso, esbravejando contra a censura, e chamando os colegas mais velhos de “cadáveres putrefatos”.[38] Foi a última vez que o viram na *Les Temps Modernes.*

Victor declarara guerra aberta a quem ele se referia como “os sartreanos”. Elkaïm ficou do lado dele. A vida inteira, fossem quais fossem as dificuldades, Beauvoir sempre fizera um grande esforço para se dar bem com as pessoas a quem Sartre amava. Ficou arrasada com o novo rumo que as coisas tomavam. Só se perguntava a que Sartre era fiel. O que ele dizia aos jovens amigos sobre *ela*? Defendia-a para eles? Ou alimentava suas queixas, e até as encorajava?

Em março de 1979, Pierre Victor organizou uma conferência palestino-israelita em Paris, sob a égide da *Les Temps Modernes.* Sartre aceitou a idéia. Desde o início, os “sartreanos” ficaram céticos.

O participante mais proeminente era Edward Said, o intelectual e ativista palestino que foi de Nova York para o evento. Para Said, Sartre era “um dos grandes heróis intelectuais do século XX”. Said aceitara com alegria o convite, e aguardava com ansiedade o encontro das inteligências.

Anos depois, Said escreveria sobre aqueles poucos dias extraordinários. Ficou chocado ao constatar que Sartre mal sabia o que se passava, e estava completamente dependente do pequeno círculo que se alvoroçava em volta dele:

> A presença de Sartre, o que restava dela, era estranhamente passiva, fraca, vacilante. Ele passou horas a fio sem dizer palavra. No almoço, sentou-se na minha frente, com uma cara desconsolada, e ficou totalmente ensimesmado, com os ovos e a maionese a lhe escorrer da boca.

A discussão foi dominada por Pierre Victor, que, na opinião de Said, era “um judeu profundamente religioso” e “em parte um pensador, em parte um cavador”.

> Logo senti que ele não ligava para as leis e só fazia o que queria, sem dúvida, graças à sua relação privilegiada com Sartre (com quem às vezes trocava algumas palavras baixinho) e ao que parecia ser uma autoconfiança sublime.

Após um segundo dia de discussões “túrgidas e inúteis”, Said interrompeu, dizendo ter vindo de Nova York para ouvir Sartre. Victor pareceu irritado. Houve um zunzunzum. Finalmente, Victor anunciou: “Sartre falará amanhã.”

No dia seguinte, o grupo entregara duas páginas de texto que teriam sido escritas por Sartre, cheias de “platitudes banais” e totalmente acríticas das políticas de Israel em relação aos palestinos. Said sabia que as páginas só podiam ter sido escritas por Victor.

Edward Said voltou aos Estados Unidos perplexo e desiludido. “Fiquei abalado quando descobri que aquele herói intelectual sucumbira no fim da vida a um mentor tão reacionário.”[39]

Quando Sartre fez 74 anos, no dia 21 de junho de 1979, a romancista Françoise Sagan enviou-lhe uma carta de amor, pedindo-lhe que a autorizasse a publicá-la. Ela o admirava como escritor e como homem, dizia na carta. Ele escrevera os melhores livros de sua geração; defendera os fracos e os oprimidos; era a alma da generosidade. “Fazendo e oferecendo amor, um sedutor sempre pronto para ser seduzido, você ultrapassou todos os seus amigos com sua vitalidade, inteligência e brilho.”[40] Sartre ficou satisfeito, claro, e, depois disso, ele e Sagan se viam regularmente. Ele a levava a bons restaurantes, e ela lhe cortava a carne e lhe dava a mão. Tornou-se outra a lhe levar uísque clandestinamente, outra profundamente ressentida com Beauvoir.[41] Sartre chamava Sagan de “Lili travessa”.

“Você se dá conta, menina, que sem contar com o Castor e Sylvie, há nove mulheres em minha vida no momento?”, gabava-se Sartre para a amiga Liliane Siegel.[42] Percebendo sua necessidade sem fim de atenção feminina, Siegel apresentava-o a outras. Ele lhe perguntava se elas eram bonitas, depois levava-as para almoçar e apalpava-as escandalosamente. Siegel uma vez também foi convidada para uma dessas ocasiões. Ficou chocada quando a outra mulher começou a “bolinar” Sartre e a lhe contar “detalhes obscenos” de sua vida sexual, numa linguagem que Siegel achou pornográfica.[43] Sartre, ela precisava confessar, estava se divertindo.

“Os últimos cinco anos da vida de Sartre foram horríveis para Beauvoir”, diz Sylvie Le Bon. “Ela não tolerava a cegueira de Sartre. Podia ser estóica com ela mesma, mas não com ele. *Fazia-se* de estóica na frente dele.” Os piores momentos eram quando Sartre estava de férias com Arlette ou Wanda. Beauvoir viajava com Le Bon, que tinha que ver Beauvoir tomar doses de Valium extravagantes e beber uísque demais. À noite, ela muitas vezes desmontava e chorava. De vez em quando, suas pernas fraquejavam e ela caía.[44]

Le Bon vigiava Beauvoir, tentando sub-repticiamente diluir seu uísque. Tornara-se uma enfermeira dedicada. Depois das aulas, levava Beauvoir e Sartre aos médicos e quebrava galhos.

Claude Lanzmann morava a cinco minutos de Beauvoir, na rue Boulard. Quando estava em Paris, via-a duas vezes por semana, mas quase sempre estava fora, trabalhando em seu documentário de nove horas e meia, *Shoah*. Beauvoir emprestara-lhe uma soma considerável para ajudá-lo a fazer o projeto decolar. (O filme seria lançado em 1985. Beauvoir fez um prefácio comovente para o texto publicado.)

Bost e Olga moravam no Boulevard Edgar Quinet, em frente a Sartre, mas Olga passava a maior parte do tempo em Laigle. Em entrevistas separadas, Sartre e Beauvoir contaram a John Gerassi que Bost ficara um chato e que, quando passavam a noite com ele, Bost em geral se embebedava. Estava deprimido, diziam, e dolorosamente consciente de que não se mostrara à altura de seu talento. (Todo mundo nos círculos intelectuais de Paris pensava isso de Bost, e presumia que ele fora esmagado por Sartre.) Beauvoir acrescentou que Bost achava o declínio de Sartre difícil de suportar e temia a idéia da morte de Sartre.

No início de março de 1980, Beauvoir soube que trechos das discussões de Pierre Victor estavam para ser publicadas no *Nouvel Observateur,* em três números sucessivos. Era um momento importante para Sartre. Após anos de silêncio, ele estaria de volta à cena pública.

Beauvoir já havia pedido algumas vezes ao longo dos anos para ver a transcrição desse diálogo (um total de umas oitocentas páginas), mas Sartre e Elkaïm foram evasivos. Agora Sartre deixava Beauvoir ler os trechos que seriam publicados. Ela os leu na casa de Sartre, enquanto ele olhava para o vazio, sentado em sua poltrona. Ficou apavorada.

Pela primeira vez na imprensa, Pierre Victor usava seu nome verdadeiro. O "Benny Lévy" que Beauvoir encontrou nessas discussões era agressivo, sarcástico, mais interrogador que entrevistador. Era como se ele deliberadamente tivesse partido para fazer Sartre tropeçar. Interrompia-o, corrigia-o, revelava coisas que Sartre lhe contara em particular, fazia perguntas dirigidas e zombava dele. Às vezes Sartre parecia concordar, simplesmente porque Lévy não lhe dava tempo para explicar:

> BL: Você uma vez me disse: "Já falei sobre o desespero, mas isso é bobagem. Falei porque outras pessoas falavam, porque era moda. Todo mundo lia Kierkegaard na época."
> J-P S: É isso mesmo.

Lévy, que agora considerava seu passado militante uma "estupidez militante", parecia determinado a fazer Sartre ver sua vida de engajamento político da mesma maneira. Em suas discussões, Lévy usava sempre a palavra *fracasso.* Será que Sartre agora via sua decisão de escrever como um fracasso? E as viagens do amigo com os comunistas? Será que Sartre, olhando para trás, via-se como um "patife sinistro, um cretino, um bobo, ou como uma pessoa fundamentalmente boa?"

> J-P S: Eu diria, como alguém que não é mau (...) Quando cedeu às exigências do Partido, virou um cretino ou um bobo. Mas também foi capaz de não ceder, e aí não foi tão mau. Foi só o Partido que tornou tudo insuportável.
> BL: Vamos falar claramente. Essa pessoa foi um fracasso, fez parte do grupo de fracassos que minou o pensamento da esquerda nos últimos quarenta anos?
> J-P S: Acho que sim.

BL: O que acha hoje desse aspecto de suas atividades?
J-P S: Fui professor viajante por um período muito curto (...) Por volta de 1954, fui à URSS, e quase imediatamente depois, por causa da revolta húngara, rompi com o Partido. Esta é toda minha experiência como professor viajante. Quatro anos. Além do mais, para mim isso era secundário, posto que eu fazia outra coisa na época.
BL: Será que detecto um vestígio de má-fé aqui? (...) Vamos falar da necessidade do intelectual de se prender a alguma coisa. Como essa necessidade finalmente o levou e a muitos outros a se prender à rocha stalinista?
J-P S: Eu não era stalinista. O stalinismo morreu com Stalin. O termo "stalinismo" hoje não significa nada.
BL: Por que alguns intelectuais precisavam de algo em que se agarrar — precisavam encontrar um apoio, uma base, naquele lixo?
J-P S: Porque era uma questão de encontrar um futuro para a sociedade (...) Eu não achava que podia mudar o mundo sozinho (...) mas discernia forças sociais que tentavam avançar, e acreditava em meu lugar entre eles.

No fim das três entrevistas, Benny Lévy arrastou Sartre na lama por declarar em *Retrato do Anti-semita* que não existia uma história judaica. Conseguiu de alguma forma que Sartre, amigo da vida inteira de judeus seculares, aceitasse sua premissa de que o "verdadeiro judeu" era um judeu religioso. Seguiu-se uma longa discussão sobre messianismo.

Considerando tudo, Sartre defendeu-se melhor do que Beauvoir parecia pensar. Para ele, Lévy manipulara um velho cansado. Banalizara todo o pensamento de Sartre, todo o seu passado. Beauvoir leu o texto chorando, e quando terminou, jogou-o longe. Implorou a Sartre para impedir a publicação das entrevistas.

Sartre ficou admirado. Esperara algumas críticas, mas não essa. Estava cego; dependia de Benny Lévy, cujo temperamento inflamado conhecia. Estava entre duas forças poderosas, e ia trair uma delas. "Sabe, Castor, continuo vivo e pensando", disse a ela. "Você precisa me deixar continuar assim."[45]

Para Beauvoir, foi uma dupla traição — a Sartre e de Sartre. “Ela chorou”, recorda Denise Pouillon. “Não conseguia parar de chorar. Uma torrente de lágrimas. Chorávamos por dentro. O sofrimento dela era terrível.”[46]

Claude Lanzmann e Bost ligaram para Jean Daniel, o editor do *Nouvel Observateur*, tentando persuadi-lo a impedir a publicação das entrevistas de Lévy. Jean Daniel hesitou. Mas aí recebeu um telefonema do próprio Sartre. Falava com uma voz alta e clara. Queria que a entrevista fosse publicada na íntegra, disse. Se Jean Daniel não fosse em frente e a publicasse, ele iria mandá-la a outro periódico. Sabia que seus amigos haviam ligado para Daniel, mas foi errado da parte deles ter feito isso. “O itinerário de meu pensamento escapa a todos eles”, disse, “incluindo Simone de Beauvoir”.[47] (Na verdade, havia uma exceção entre os sartreanos: André Gorz não era contra a publicação, e acreditava que representava uma autêntica evolução do pensamento de Sartre.)

As entrevistas foram publicadas durante três semanas, em 10, 17 e 24 de março de 1980. O público não conseguia entendê-las. Seria realmente Jean-Paul Sartre falando de messianismo? Estaria ele em plena posse de suas faculdades? E quem era aquele jovem autoritário, Benny Lévy?

O segundo dos três números saíra, e as relações entre Sartre e Beauvoir continuavam tensas. Quarta-feira, 19 de março, Bost esteve com eles à noite, no apartamento de Sartre. Simone continuou lá, depois que o amigo foi embora, e acabou dormindo no segundo quarto. Na manhã seguinte, quando foi acordar Sartre às nove, encontrou-o sentado na beira da cama arfando. Estava ali desde as cinco, sem conseguir sequer falar, quanto mais gritar. Beauvoir ligou imediatamente para o médico. O telefone estava mudo. Puig não pagara a conta. Não havia dinheiro em caixa. O serviço fora cortado.

Beauvoir vestiu uma roupa às pressas e desceu correndo para o apartamento do porteiro no térreo para telefonar. O médico chegou logo, deu uma olhada em Sartre, desceu e chamou uma ambulância. A ambulância chegou, e Beauvoir ficou ali enquanto Sartre recebia um tratamento de emergência que durou quase uma hora. Então,

segurando uma máscara de oxigênio sobre sua cabeça, levaram-no de maca pelo elevador e o colocaram na ambulância.

Beauvoir voltou ao apartamento, tomou uma chuveirada, vestiu-se e foi almoçar, como combinado, com Jean e Denise Pouillon. Mal sabia que nunca mais tornaria a entrar no apartamento de Sartre.

Depois do almoço, pediu a Jean Pouillon para acompanhá-la ao hospital. “Estou bastante assustada”, disse-lhe. Sartre fora levado ao Hospital Broussais, ali perto. Ela o encontrou na UTI. Ele já respirava normalmente, e disse-lhe que se sentia bem.

Depois de alguns dias, parecia haver um raio de esperança. Sartre foi transferido para a seção de cardiologia. Os médicos disseram que ele tinha um edema pulmonar, causado por hipertensão ou insuficiência cardíaca.

O grupo entrou numa nova rotina. Elkaïm passava as manhãs e as tardes no hospital; Beauvoir ia na parte da tarde. Os outros combinavam as visitas de acordo com este arranjo. Bost e Claude Lanzmann visitavam Sartre à tarde, no turno de Beauvoir. Michelle Vian, Wanda e Benny Lévy iam enquanto Elkaïm lá estava. As mulheres de Sartre revezavam-se lendo para ele. Romances policiais.

Sartre estava cansado e quase não falava. Tinha escaras feias. Seus rins já não funcionavam. Mas ele continuava lúcido. Uma tarde, perguntou aflito a Beauvoir: “Quem vai arcar com as despesas do funeral?”[48]

Ele logo voltou para a UTI. Em 13 de abril, quando Beauvoir rondava perto de sua cama, Sartre pegou-a pelo braço. Tinha os olhos fechados. “Amo-a muito, meu querido Castor”, disse. No dia seguinte, ainda de olhos fechados, franziu os lábios e ofereceu a boca para ser beijado. Beauvoir beijou-o na boca e no rosto. Sartre não costumava dizer aquilo, nem fazer aquele gesto. Ela entendeu.

Quinta-feira, 15 de abril, Beauvoir telefonou para o hospital às dez da manhã, como sempre. A voz da enfermeira era hesitante. Beauvoir correu para lá. Sartre estava em coma, mas respirava bastante bem. Ela passou o dia à cabeceira dele. Às 18h00, Elkaïm assumiu. Três horas depois, o telefone tocou na rue Schoelcher. “Acabou”, disse Elkaïm.

Beauvoir voltou ao hospital com Le Bon. Encontrou Sartre mais ou menos com a mesma cara, só que já não respirava. Da cabeceira

dele, ligou para Bost, Claude Lanzmann, Jean Pouillon e André Gorz. Eles chegaram imediatamente. As autoridades disseram que eles podiam ficar várias horas com o corpo — até cinco da manhã, se fizessem silêncio e não perturbassem os outros pacientes.

Beauvoir, já sedada com uma dose maciça de Valium, pediu a Sylvie para ir comprar uísque. Pouillon não quis que a moça deixasse Beauvoir e foi no lugar dela. Elkaïm foi para casa. O grupo passou as horas seguintes bebendo, recordando e chorando. Sartre não deixara instruções. Eles sabiam que ele desejava ser cremado, e uma vez estipulara que não desejava ser enterrado ao lado da mãe e do padrasto, no cemitério Père Lachaise. Era óbvio para os amigos que o lugar do repouso final de Sartre tinha que ser o cemitério de Montparnasse. Ele morara quase a vida inteira nas proximidades daquele espaço.

De madrugada, Beauvoir quis ficar sozinha com Sartre, e os outros foram embora. Ela puxou o lençol e foi se deitar ao lado dele. "Não faça isso!", gritou-lhe um servente. Uma enfermeira explicou: "É a gangrena, madame." Beauvoir não se dera conta de que as escaras de Sartre eram gangrenosas. A enfermeira deixou Beauvoir deitar em cima do lençol, ao lado de Sartre. Ela estava tão drogada que até dormiu um pouco. Às cinco da manhã, os serventes foram levar Sartre.

A morte de Sartre foi manchete dos jornais do mundo inteiro. Os tributos lamentavam o passamento de um grande homem. "Sartre habitou o seu século como Voltaire e Hugo habitaram o deles", disse o *Libération*. "O mundo hoje é um lugar mais pobre do que ontem", disse o *Figaro.* "O que guardaremos é o exemplo de um incansável combate pela dignidade do homem, pela liberdade, pela justiça e pela paz", disse *Le Matin de Paris.* Beauvoir foi inundada de cartas e telegramas.

Passou os dias seguintes recolhida no apartamento de Le Bon. No seu, não conseguia enfrentar o telefone, que não parava de tocar. Deixou as providências para o funeral a cargo de Claude Lanzmann, Bost e Le Bon.

O presidente Giscard d'Estaing foi pessoalmente ao hospital e passou uma hora ao lado do caixão de Sartre. Entendia que Sartre, um homem que sempre rejeitara honras oficiais, não quisesse um

enterro nacional, disse aos amigos do filósofo, mas o governo gostaria de pagar os custos de seu funeral. Os sartreanos agradeceram, mas recusaram.

O céu de Paris estava plúmbeo no domingo, 19 de abril de 1980. Parecia que iria chover. No fim da manhã, Beauvoir foi para o hospital com Le Bon e Poupette, para ver Sartre pela última vez. Seu caixão no necrotério do hospital ainda se encontrava aberto. Ele estava vestido de terno e gravata. Eram as únicas roupas dele que Beauvoir guardava em seu apartamento, para as ocasiões em que iam com Le Bon à ópera. À multidão enlutada que desfilava ao lado do caixão, Beauvoir dizia baixinho: “Ele não sofreu.” Pediu a Bernard Pingaud, da *Les Temps Modernes,* para tirar algumas fotos. Pouco antes das 14h00, os agentes funerários fecharam o caixão. Beauvoir despediu-se de Sartre com um beijo nos lábios.

Uma multidão imensa se reunira em frente ao hospital. Às 14h15, os pesados portões se abriram. As pessoas se espichavam à frente. O primeiro veículo a passar foi um microônibus — coberto por uma montanha de rosas, copos-de-leite e coroas, transportando aqueles amigos que não conseguiam fazer a pé o percurso de 3 quilômetros. Depois veio o carro fúnebre, com o caixão atrás, envolto em crepe. Claude Lanzmann ia ao lado do motorista. Simone de Beauvoir, Poupette, Le Bon e Elkaïm iam atrás.

As ruas de Montparnasse e Saint-Germain estavam apinhadas de gente. A multidão, estimada em 50 mil pessoas, compunha-se principalmente de jovens. Muitos levavam flores — um cravo, junquilhos, um galho de lilás —, que acenavam à passagem do carro fúnebre. Jornalistas batiam nas janelas do carro, com suas lentes coladas ao vidro. “Esta é a última das demonstrações de 1968”, disse Claude Lanzmann.

Beauvoir tinha comprimidos de Valium na bolsa, e mastigava-os como se fossem pastilhas para a garganta. Quase não se dava conta do que se passava em volta. Disse a si mesma que aquele era exatamente o funeral que Sartre desejara, e ele nunca saberia como tinha sido.

O cortejo chegou à Denfert-Rochereau. As pessoas haviam subido na famosa estátua do leão. Havia um jovem sentado na cabeça do leão. O carro fúnebre desceu o Boulevard Raspail, passou pela rue Schoelcher à esquerda, pelo antigo apartamento de Sartre no número 222, pelo Dôme, a Coupole e a Rotunda no cruzamento com a Vavin. Subiu a rue du Départ, depois entrou à esquerda no Boulevard Edgar Quinet, passando pelo número 29, onde Sartre passara os últimos anos. Seguia extremamente devagar, por causa do povo. Às 16h30, entrou pelo portão principal do cemitério.

Uma vez do lado de dentro, os carros quase não conseguiam andar. Havia gente por todo lado. Os amigos de Sartre haviam recusado a presença da polícia — Sartre não teria querido —, mas isso significava que ninguém segurava a multidão.

O carro fúnebre parou ao lado do túmulo. Os homens carregaram o caixão pelo meio do povo e baixaram-no, sem cerimônia, na cova. Quando uma figurinha franzina de calças pretas, capa de chuva e um turbante cor de crepúsculo saltou do banco traseiro, irromperam aplausos. As pessoas empurravam. Lanzmann e Bost foram na frente, abrindo caminho no meio do povo. Le Bon e Poupette ampararam Beauvoir até a beira do túmulo.

O empurra-empurra era tal que um jovem filósofo belga caiu na cova, em cima do caixão.[49] Um dos funcionários da funerária teve que entrar para ajudá-lo a sair. Alguns jovens tentavam conter a multidão para proteger Beauvoir. Roupas eram rasgadas. Gente chorava. Beauvoir parecia que ia desmaiar. Alguém correu para pegar algo onde ela pudesse sentar-se. O guarda no portão forneceu uma cadeira de escritório. Beauvoir passou dez minutos — pareceu uma eternidade — sentada à beira do túmulo olhando para o caixão — indiferente à chuva fina, ao clamor, ao clique das câmeras — apertando uma rosa, chorando a mais não poder. Foi uma cena inesquecível para quem viu. Saiu no noticiário da noite.

Um dos coveiros fez um sinal, e começou um alvoroço. A multidão muito compacta não permitia o acesso de ninguém até o túmulo, então, as flores eram passadas de mão em mão pelo alto, e quem estava perto as jogava no caixão.

Os homens pegaram as pás. Beauvoir foi amparada para se levantar. Era só isso, a separação final, depois de 51 anos. Ela deixou

cair a rosa sobre o caixão e caminhou trôpega para a saída, amparada por amigos. No caminho, desabou em cima de uma lápide. Mal se lembraria da curta viagem de carro até a casa de Lanzmann. Mal se lembraria do mês seguinte de sua vida.

O túmulo oficial de Sartre não estava pronto, e ele foi enterrado numa sepultura temporária. Cinco dias depois, seus restos mortais foram exumados e trasladados para o cemitério Père Lachaise para serem cremados. Depois as cinzas foram devolvidas ao cemitério de Montparnasse. O local de repouso permanente de Sartre foi embaixo de uma lápide simples cor de areia, separada por um muro alto coberto de hera do Boulevard Edgar Quinet, onde residia quando morreu.

Um pequeno grupo de amigos assistiu à cremação. Beauvoir estava muito fraca. Estava em casa de Le Bon, e, naquela manhã, não conseguira levantar-se da cama. Quando Lanzmann e Le Bon voltaram após a cerimônia, encontraram-na sentada no chão ao lado da cama, delirando. Levaram-na às pressas para o Hospital Cochin. Ela passou uma semana, na maior parte do tempo, inconsciente. Pela segunda vez na vida, reagira a uma crise desenvolvendo uma pneumonia. Era como se seus pulmões não conseguissem funcionar sem a presença de Sartre. Ela já não conseguia respirar.

Seu estado era tão ruim que os médicos previram que ela nunca se recuperaria totalmente. Quando teve alta, um mês depois, ainda não conseguia andar.

"'A corça' (...) transformou-se num abutre", diria o amigo de Sartre Georges Michel, repugnado.[50] No dia seguinte à cremação de Sartre, Elkaïm, ajudada por Benny Lévy, esvaziou o apartamento de Sartre. Levaram seus documentos, livros e poucas posses para a casa de Elkaïm. Quanto à mobília de Sartre, Benny Lévy levou-a para sua casa comunal na periferia de Paris.

Elkaïm acabaria pagando uma multa ao departamento de tributação por ter retirado os objetos pessoais de Sartre sem esperar

pela avaliação oficial, mas, como filha adotiva de Sartre, tinha todos os direitos legais. Beauvoir não tinha nenhum.

"Todo mundo sabia por que ela fez isso", disse Beauvoir a Deirdre Bair depois. "Eu era a única pessoa, além dela, que tinha a chave, e ela temia minha reivindicação legítima de muita coisa ali."[51] Sartre não fizera testamento. Para Beauvoir, Le Bon e Lanzmann pediram certas lembranças a Elkaïm, a cadeira Schweitzer que Sartre adorava, um desenho de Picasso, um quadro de Riberolle, que ela considerava um presente oferecido em conjunto a ela e Sartre. "Que ela me peça essas coisas se as deseja tanto", disse-lhes Elkaïm. Beauvoir preferiu desistir de tudo.

Beauvoir já sugerira a Le Bon adotá-la legalmente. Le Bon resistira à idéia. Não queria de forma alguma ser comparada a Elkaïm. Sabia também que o público diria que ela e Beauvoir estavam simplesmente imitando Sartre. Mas Beauvoir agora insistia com mais urgência. A situação era difícil. A herdeira legal de Beauvoir era sua irmã, Poupette. A lei francesa era rígida, e, por lei, os médicos de Beauvoir só tinham autorização para discutir o estado de Beauvoir com sua família — em outras palavras, com Poupette. Poupette e seu marido, Lionel de Roulet, moravam em Goxwiller, na Alsácia, e Beauvoir ficou apavorada com a possibilidade de os médicos a obrigarem a ir morar com eles. Beauvoir nunca gostara muito de Roulet, um diplomata de carreira e um político moderado. E Beauvoir sempre criticou a irmã pelas costas — o que via como sua falta de talento e suas ilusões a esse respeito.[52] De qualquer maneira, Poupette tinha apenas dois anos menos que ela. Beauvoir precisava de uma herdeira e executora literária mais moça.

Le Bon via que a adoção daria paz de espírito a Beauvoir e concordou. Tornou-se Sylvie Le Bon de Beauvoir, mas só começou a usar o nome depois da morte de Beauvoir.

"Depois que Sartre morreu, Sylvie passou a ser tudo para Beauvoir", diz Liliane Siegel. "Se Sylvie não existisse, sei que Beauvoir não teria vivido muito tempo."[53]

Quando se recuperou, Beauvoir pôs-se a escrever *A Cerimônia do Adeus.* Começava dirigindo-se a Sartre: "Este é meu primeiro livro — o único, sem dúvida — que você não terá lido antes de ir para o prelo."

Beauvoir sempre administrara os estados de confusão mental e desgosto escrevendo sobre eles. Aquele livro, baseado em seus diários dos últimos dez anos, retratava seu prolongado adeus ao homem a quem amara. Não recorria ao sentimentalismo. Retratava a deterioração física de Sartre com a preocupação habitual de contar a verdade, por mais brutal que fosse. Muitos leitores, incluindo Arlette Elkaïm, Michelle Vian e Lena Zonina, consideraram o livro de mau gosto. Outros ficaram comovidos com o amor, a angústia e a tristeza que transpareciam sob a superfície da narrativa, o esforço de Beauvoir para não mencionar o sentimento de ter sido traída.[54]

Seu único comentário realmente negativo foi ao falar sobre a aliança formada por Elkaïm e Victor.

> Victor mudou muito desde que Sartre o conheceu. Como muitos outros antigos maoístas, ele se voltara para Deus — o Deus de Israel, posto que era judeu. Passara a ter uma visão de mundo espiritualista e até religiosa (...) Victor era apoiado por Arlette, que desconhecia totalmente as obras filosóficas de Sartre e simpatizava com as novas tendências de Victor — estudavam hebraico juntos. Sartre foi confrontado com esta aliança, e faltou-lhe a perspectiva que só uma leitura conscienciosa e solitária lhe poderia ter dado; então, capitulou.[55]

Em meio aos protestos gerais da crítica após a publicação do livro em 1981, o *Libération* publicou uma carta aberta a Simone de Beauvoir de Arlette Elkaïm Sartre.

> Sartre então está bem morto e enterrado, a seus olhos, parece, uma vez que se aproveita disso com tanta crueza e pisoteia de forma tão decidida a cara das pessoas que ele amava, com o objetivo de desacreditar as entrevistas que fez, no ano em que morreu, com Benny Lévy...
> Antes de morrer, Sartre estava bem vivo: praticamente já não enxergava mais, seu organismo se deteriorava, mas ele ouvia e compreendia, e você o tratava como um homem morto que, de forma bastante inconveniente, aparecia em público — essa última comparação não é minha, mas sim dele.[56]

Beauvoir não respondeu. Dois anos depois, publicou as cartas que Sartre lhe escrevera pela vida afora. “Quem ler as cartas dele para mim saberá o que eu representava para ele”, disse a amigos.[57] Para proteger uns poucos, censurou alguns dos comentários duros que Sartre fizera sobre outros, mas, no interesse da verdade, depositou os originais na Bibliothèque Nationale.

Robert Gallimard sabia que as cartas criariam um escândalo, e criaram — particularmente as passagens em que Sartre descrevia clinicamente o defloramento de uma namorada. O choque seria ainda maior quando as cartas de Beauvoir a Sartre foram publicadas em 1990, após sua morte, sem qualquer censura da parte de Sylvie Le Bon. Os comentários cáusticos sobre terceiros (incluindo a irmã de Beauvoir, Poupette) foram mantidos intactos, assim como os detalhes de suas relações lésbicas. A cada nova publicação, os leitores balançavam a cabeça espantados. Seria isso o famoso pacto sartreano de transparência? Esse *voyeurismo* e esse exibicionismo, essa mentira? Muitos observaram que a cumplicidade entre Sartre e Beauvoir parecia as maquinações do visconde de Valmont e da marquesa de Merteuil em *As Ligações Perigosas.*

Ao mesmo tempo, havia algo de revigorante no *close-up* desse casal. Ali estavam Sartre e Beauvoir divertindo-se no papel com o puro prazer voluptuoso de contar um ao outro cada detalhe de suas vidas. Lá estava Sartre, um baixinho feio que possuía poucas roupas, um cachimbo e uma caneta-tinteiro, e que parecia só gostar de pensar, escrever e amar. Lá estava Beauvoir, que ousou viver de forma tão livre quanto Sartre, cuja inteligência era tão brilhante quanto a dele, e cuja paixão pela vida era inesgotável.

Beauvoir morreu em 14 de abril de 1986, seis anos quase exatos após a morte de Sartre. Como ele, morreu de edema pulmonar. Mais de 5 mil pessoas acompanharam seu féretro pelas ruas de Montparnasse. Suas cinzas foram sepultadas ao lado das de Sartre.

Sempre há ramos de flores frescas em seu túmulo no cemitério de Montparnasse. Seus livros foram traduzidos para dezenas de línguas. Uma vasta indústria cresceu em torno deles, com prateleiras de biografias, monografias e memórias, bem como inúmeros artigos, conferências e cursos universitários sobre sua obra e sua vida. Os turistas freqüentam os cafés — agora os bares mais famosos da Rive

Gauche — onde o casal costumava escrever durante a guerra, ansiosos para trabalhar num ambiente quente, cercado pelo alvoroço da vida.

O Hôtel Mistral, na rue de Cels, tem uma grande placa na fachada, declarando que Sartre e Beauvoir moraram lá em diversas ocasiões durante a guerra. Embaixo do nome de Sartre, há uma citação de uma carta que ele escreveu a Beauvoir: “Uma coisa não mudou e não pode mudar: não importa o que aconteça e o que eu venha a ser, virei a ser o que eu for com você.” Embaixo do nome de Beauvoir, há uma passagem de suas memórias. “Eu estava querendo iludir quando dizia que éramos uma pessoa só. Entre dois indivíduos, a harmonia nunca é um dado: precisa ser conquistada constantemente.”

A Place Saint-Germain, a praça calçada no coração de Saint-Germain-des-Prés, com o Deux Magots numa esquina e o antigo apartamento de Sartre na rue Bonaparte 42 na outra, foi rebatizada de Place Sartre-Beauvoir.

Notas

1 *PL*, p. 75
2 Toril Moi faz uma análise perspicaz da angústia e das estratégias de deslocamento de Beauvoir no capítulo oito (“The Scandal of Loneliness and Separation: The Writing of Depression”) de seu livro, *Simone de Beauvoir: The Making of an Intellectual Woman.*
3 *Adieux*, p. 20.
4 Michel Contat, “Sartre by Himself: An Account, an Explanation, a Defense”, *Sartre Alive* (Detroit, Mich.: Wayne State University Press, 1991), p. 353.
5 Gilles Lapouge, *Quinzaine Littéraire*, 16-30 de novembro de 1976.
6 O primeiro número do jornal chamado *Libération* saiu em maio de 1973, quando a saúde de Sartre já estava abalada. Ele pediu demissão do cargo de editor-chefe em maio de 1974.
7 S de B a Sylvie Le Bon, carta sem data da URSS, 1967, arquivos de Sylvie Le Bon de Beauvoir.
8 S de B a Sylvie Le Bon, Hotel Okura, Japão, 17 de outubro de 1966, arquivos Sylvie Le Bon de Beauvoir.
9 Minha entrevista com Sylvie Le Bon de Beauvoir, 16 de setembro de 2003.
10 *Adieux*, p. 102.
11 Minha entrevista com Sylvie Le Bon de Beauvoir, 3 de fevereiro de 2004.
12 Ibid., 12 de abril de 2004.
13 *Adieux*, p. 53.
14 Bair, *Simone de Beauvoir*, p. 676, nota 13.
15 *Adieux*, p. 64.
16 S a S de B, 18 de novembro de 1939, em *Witness*, p. 352.

17 *Adieux,* p. 69.
18 Beauvoir publicaria essas conversas na segunda metade de *Adieux.*
19 Diálogo entre Sartre e Lévy sobre sua colaboração, em *Libération,* 6 de janeiro de 1977. Beauvoir cita-o em *Adieux,* p. 99.
20 Cohen-Solal, *Sartre,* p. 497.
21 Programa sobre Benny Lévy na *France Culture,* 25 de outubro de 2003, após sua morte.
22 Cohen-Solal, *Sartre,* p. 497.
23 Cohen-Solal, *Sartre,* p. 500.
24 Siegel, *In the Shadow of Sartre,* p. 137.
25 Nos últimos anos de sua vida, Sartre estava novamente em débito com a Gallimard, o que o preocupava muito. Antes de morrer, transferiu metade de seus direitos para seus editores. A Gallimard ganhou uma fortuna com as vendas póstumas de sua obra.
26 *Adieux,* p. 103.
27 Minha entrevista com Sylvie Le Bon de Beauvoir, 17 de julho de 2002.
28 *Adieux,* p. 85.
29 Minha entrevista com Michelle Vian, 12-14 de outubro de 2003.
30 *Adieux,* p. 100.
31 Minha entrevista com Michelle Vian, 11 e 12 de julho de 2002.
32 Minha entrevista com Liliane Siegel, Paris, 14 de julho de 2002. Em seu livro *À Sombra de Sartre* (p. 161), Siegel não dá a verdadeira razão para a fúria de Sartre.
33 Oliver Todd, *Un Fils Rebelle* (Paris: Grasset, 1981), p. 116.
34 Claude Lanzmann contou a Todd que essas linhas afetaram muito Beauvoir. Minha entrevista com Olivier Todd, 31 de julho de 2002.
35 *Adieux,* p. 30.
36 Entrevista de Gerassi com Arlette Elkaïm Sartre, 5 de março de 1973.
37 Cohen-Solal, *Sartre,* p. 510.
38 *Adieux,* p. 110-11.
39 Edward Said, "Meu encontro com Sartre", *London Review of Books,* 1º de junho de 2000.
40 Françoise Sagan, *Avec mon Meilleur Souvenir* (Paris: Gallimard, 1984), p. 147-58.
41 Em seu livro *Avec mon Meilleur Souvenir,* Sagan criticava veladamente Beauvoir pelos detalhes em *A Cerimônia do Adeus*: "Nunca fiquei horrorizada nem chocada com os modos dele à mesa. Claro, nem sempre ele acertava (...) Não gosto nada de quem se aflige com essas refeições (...) Fico naturalmente irritada com as histórias vergonhosas que as pessoas chegadas a Sartre contam sobre ele."
42 Siegel, *In the Shadow of Sartre,* p. 157.
43 Ibid., p. 159.
44 Minha entrevista com Sylvie Le Bon de Beauvoir, 17 de julho de 2002.
45 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 583.
46 Minha entrevista com Denise Pouillon, Paris, 2 de julho de 2002.
47 Cohen-Solal, *Sartre,* p. 514.
48 *Adieux,* p. 123.
49 Foi Pierre Verstraeten, que entrevistara Sartre em mais de uma ocasião.
50 Georges Michel, *Mes Années Sartre* (Paris: Hachette, 1981), p. 201.
51 Bair, *Simone de Beauvoir,* p. 589.
52 A publicação das cartas de Beauvoir a Sartre, que Sylvie Le Bon não censurou de forma alguma, foi um golpe arrasador para Poupette. Ela passara a vida achando que ela e Simone eram muito apegadas uma à outra. Agora lia os comentários muito cruéis que Simone fazia com Sartre a seu respeito. Amigos chegados disseram que Poupette nunca se recuperou do choque. (Poupette possuía mais de oitenta cartas amorosas de Beauvoir, as quais desejava

publicar, para mostrar ao público o outro lado da moeda. Sylvie Le Bon, a executora literária legal de Beauvoir, que detinha os direitos autorais, não daria permissão.)
53 Minha entrevista com Liliane Siegel, Paris, 8 de junho de 2004.
54 Toril Moi diz de *A Cerimônia do Adeus:* "A prosa monótona e sem vitalidade de Beauvoir passa não só sua incapacidade de sair da tristeza, mas também sua firme determinação de não mencionar seus conflitos com Sartre. Pois não é só a morte de Sartre que a faz sofrer, é também a falta de lealdade a ela nos anos finais, e a falta de consideração por seus sentimentos em seu relacionamento com outras mulheres. O preço que ela paga é um bloqueio quase completo ao afeto em sua linguagem: nas páginas de *A Cerimônia do Adeus*, sua prosa é seca como pó. O contraste com *Uma Morte Muito Suave* não poderia ser maior: quando finalmente se força a confrontar seus sentimentos pela mãe há muito sepultados, Beauvoir produz a prosa mais vibrante, enérgica e comovente que já escreveu"(*Simone de Beauvoir*, p. 251).
55 *Adieux,* p. 119-120.
56 Arlette Elkaïm Sartre, *Libération*, 3 de dezembro de 1980, p. 26.
57 Bair, *Simone de Beauvoir*, p. 599.



Jean-Paul e sua mãe, Anne-Marie Sartre (de solteira Schweitzer). *Éditions Gallimard*



Hélène e Simone de Beauvoir com a mãe, Françoise, em Meyrignac. *Sandro Agénor*



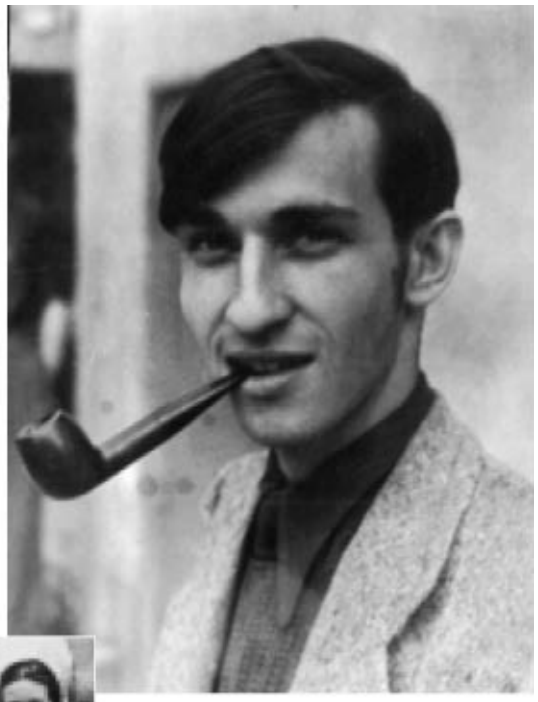
René Maheu aos 18 anos, em Toulouse. *Jean e Isabelle Maheu*



Jean-Paul Sartre em 1939, pouco antes de a guerra estourar.
Gisèle Freund, Nina Beskow Agency



Olga Kosakiewicz, em 1942 ou 43, ensaiando para *As Moscas*.
(Studio Harcourt photo.) *Sylvie Le Bon de Beauvoir*



Jacques-Laurent Bost, por volta de 1938. *Sylvie Le Bon de Beauvoir*



Beauvoir e Bianca Bienenfeld no Lycée Molière, em 1938. *Bianca Bienenfeld Lamblin*



Sartre com Nathalie Sorokine, em 1941 ou 42. *Éditions Gallimard*



Simone de Beauvoir em seu quarto no Hotel Louisiane, em 1946.
Les films de l'équinoxe; fonds photographique Denise Bellon



Marie Olivier (Wanda) e Michel Vitold, ensaiando para a peça *Mortos sem Sepultura*, de Sartre, em 1946. *Roger-Viollet*



No bar de Pont-Royal, perto da Gallimard, em 1947. Da esquerda para direita: Dolores Vanetti, Jacques-Laurent Bost, Jean Cau, Jean Genet e Sartre. *Jacques de Poitier, Scoop, Paris Match*



Sartre, Boris Vian, Michelle Vian e Beauvoir no Café Procope, por volta de 1948. *Yves Mancier/Rapho*



Simone de Beauvoir, em Chicago, em 1950. Um amigo de Nelson Algren, o fotógrafo Art Shay, levou Beauvoir à casa de um amigo que tinha uma banheira. Ele escreve: "Ela havia tomado seu banho. Depois, enquanto ela se arrumava na pia, tive um súbito impulso.
Ela sabia que eu a havia fotografado, porque ouviu o clique de minha confiável



Algren no pátio de manobras dos trens de Chicago em um dia chuvoso de 1950.
Art Shay



Sartre em seu escritório, rue Bonaparte, 42, com vista para a Place Saint-Germain, por volta de 1950. *Gérard Géry, Scoop, Paris Match*



Beauvoir e Claude Lanzmann em Paris, no inverno de 1952-53. *Coleção Particular/Jazz Editions*



Sartre, Evelyne Rey e Serge Reggiani no Théatre de la Renaissance, após uma apresentação de *Os Condenados de Altona*, em maio de 1960. *Agence Bernand*



Sartre e Arlette Elkaïm do lado de fora do restaurante La Coupole, em Montparnasse, em 20 de março de 1965, dois dias depois de sua adoção legal por Sartre. *France Soir*



Sartre, Beauvoir e Lena Zonina chegando ao aeroporto de Vilnius,



Celebrando o 70º aniversário de Sartre na casa de Sylvie Le Bon, em junho de 1975. *Sylvie Le Bon de Beauvoir*



Beauvoir, Sartre e Sylvie Le Bon na casa de Tomiko Asabuki, em Versailles, em 1977. *Sylvie Le Bon de Beauvoir*



Beauvoir em sua pequena mesa de trabalho, rue Schoelcher, em 1978.
Janine Niepce/Rapho

UMA NOTA SOBRE AS FONTES



Uma fonte importante para este livro foi a correspondência de Sartre e Beauvoir — tanto a publicada quanto a inédita. As cartas de Sartre a Beauvoir (e a algumas outras namoradas) foram compiladas por Beauvoir, após a morte de Sartre. A edição em dois volumes de *Lettres au Castor et à Quelques Autres* saiu em francês em 1983. Para não constranger terceiros, Beauvoir omitiu algumas passagens e mudou alguns nomes. No entanto, depositou as cartas originais na Bibliothèque Nationale, onde podem ser consultadas em microfilme na sala dos manuscritos da antiga biblioteca da rue de Richelieu.

Após a morte de Beauvoir, Sylvie Le Bon de Beauvoir iniciou a intimidante tarefa de decifrar a letra de Beauvoir para publicações futuras. Em 1990, publicou as cartas de Beauvoir a Sartre, sem qualquer omissão ou modificação. As cartas de Beauvoir a Nelson Algren, escritas em inglês, foram publicadas em 1997. (A agente literária de Algren, Candida Donadio, que deteve os direitos autorais de Algren após a morte deste, não deixaria Le Bon publicar o lado de Algren da correspondência.) *Correspondence Croisée,* o início da correspondência entre Beauvoir e Jacques-Laurent Bost, saiu em 2004.

Quanto a fontes inéditas, os primeiros diários de Beauvoir estão na Bibliothèque Nationale. Estes cobrem os anos de 1926-1930, e incluem registros interessantes a respeito da corte que lhe faziam Maheu e Sartre. E Sylvie Le Bon de Beauvoir doou dezenas de caixas de correspondência (cartas *a* Beauvoir) à Bibliothèque Nationale.

Sylvie conservou a correspondência e os diários mais íntimos de Beauvoir em seu arquivo pessoal, e deixou-me examinar um material importante a que nenhum estudioso tivera acesso: cartas a Beauvoir

de Nelson Algren, Olga Kosakiewicz, Nathalie Sorokine, Maurice Merleau-Ponty, Ivan Moffat e Claude Lanzmann, cartas de Beauvoir a Olga, de Bost a Olga; algumas cartas de Bost a Beauvoir; e um trecho de diário que Beauvoir escreveu sobre a morte de Jean-Pierre Bourla.

Sylvie Le Bon de Beauvoir diz que ainda não começou a decifrar o diário que Beauvoir manteve em 1958, nem o que manteve de 1972 em diante, em que se baseia *A Cerimônia do Adeus.* Segundo Le Bon, são tão ilegíveis como se tivessem sido escritos em código.

As cartas de Beauvoir a Claude Lanzmann estão na posse de Lanzmann, que me diz não ter planos para publicá-las. Entrevistei-o duas vezes, mas não vi as cartas.

Sartre deu centenas de entrevistas, e participou do documentário *Sartre* de 1977, mas foi discreto em relação à sua vida pessoal. Ou seja, estava preparado para falar de si mesmo mas não gostava de falar dos outros. Tirante o diário que escreveu durante a guerra, não tinha a mesma propensão de Beauvoir para escrever material autobiográfico.

Como Beauvoir, Sartre era um missivista prolífico. Dizia que ficaria muito satisfeito de ver essas cartas publicadas. Contudo, só uma pequena parte de sua correspondência foi editada. As coletâneas publicadas de suas cartas a Beauvoir, que saíram em inglês com os títulos de *Witness to My Life: The Letters of Jean-Paul Sartre to Simone de Beauvoir, 1926-1939,* e *Quiet Moments in a War: The Letters of Jean-Paul Sartre a Simone de Beauvoir, 1940-1963,* também contêm um punhado de cartas a Simone Jollivet, Olga Kosakiewicz e Bianca Bienenfeld (a quem Beauvoir deu o pseudônimo de Louise Védrine). Uma seleção de cartas de Sartre a Wanda Kosakiewicz da Grécia em 1937 foi publicada em edição especial da *Les Temps Modernes,* números 531-33, out.-dez. de 1990.

No presente momento, quase toda a correspondência de Sartre permanece nas mãos de particulares. Escrevi diversas vezes à executora literária de Sartre, Arlette Elkaïm Sartre, mas ela nunca respondeu. Outros pesquisadores também encontraram esse muro de silêncio de sua parte. É uma pena, porque além de estar sentada em cima de uma grande coleção de documentos e cartas de Sartre,

Arlette Elkaïm Sartre também detém os direitos autorais dos escritos inéditos dele.

Fui informada de que Dolores Vanetti Ehrenreich tem guardadas as cartas que Sartre lhe escreveu, e, se Arlette Elkaïm autorizar, elas podem vir a ser publicadas. Vanetti, que mora em Nova York, frágil e já nonagenária, foi amável comigo mas não me recebeu. Tirante uma breve entrevista com Annie Cohen-Solal nos anos 1980, Vanetti sistematicamente recusou-se a falar sobre sua relação com Sartre.

No fim, consegui ler centenas de cartas de Sartre a outras namoradas, mas, infelizmente, delas só posso citar trechos mínimos, de acordo com o que é considerado "uso justo" pela lei do *copyright*. Michelle Vian guarda os grossos maços de cartas que Sartre lhe escreveu de 1949 em diante, e deixou-me passar os olhos nelas rapidamente. As cartas de Sartre a Wanda Kosakiewicz estão na posse de Sylvie Le Bon de Beauvoir. Ela permitiu que eu lesse várias dezenas — aquelas que pedi para ver, de períodos sobre os quais eu desejava saber mais.

O que mais me ajudou a apreender a natureza de Sartre vem das cartas que ele escreveu para a namorada russa, Lena Zonina, entre 1962 e 1967. A filha de Lena, Macha Zonina, deixou-me ler à vontade toda a correspondência — mais de seiscentas páginas escritas com a boa letra de Sartre. Nessas cartas, ele escreve muito sobre as outras mulheres de sua vida.

Os originais, na Bibliothèque Nationale, foram colocados sob um embargo de quarenta anos: ninguém tem acesso a eles. No início dos anos 1980, Lena Zonina quis publicar essas cartas, mas Arlette Elkaïm Sartre não a autorizou. Após a morte de Lena, em fevereiro de 1985, Macha Zonina, ansiosa para manter as cartas na França e sabendo que sua mãe quisera publicá-las, vendeu as cartas à Bibliothèque Nationale. Considerando os comentários depreciativos que elas contêm sobre as outras mulheres de Sartre, incluindo ela mesma, Arlette Elkaïm Sartre tornou-as inacessíveis a estudiosos por quase um século.

A Biblioteca Beinecke, em Yale, é mais simpática com o estudioso de Sartre. A coleção Sartre inclui 31 cartas e postais que Sartre escreveu a Liliane Siegel e, mais importante, mais de duzentas horas de entrevistas gravadas que o biógrafo de Sartre, John Gerassi,

conduziu entre novembro de 1970 e novembro de 1973 com Sartre e membros de sua roda, incluindo Beauvoir, Olga e Wanda Kosakiewicz, Michelle Vian, Arlette Elkaïm Sartre, René Maheu, J.-B. Pontalis, André Gorz, Claude Lanzmann e Jean Pouillon. É maravilhoso poder ouvir a voz dessas pessoas e tentar decifrar suas hesitações, seus silêncios e insinuações. O interessante é que Olga, Wanda e Arlette dão a impressão de não achar que podem dizer tudo o que querem dizer. Todas falam de Sartre com alguma ambivalência. O fato é que Sartre ainda estava vivo; elas não queriam ser pegas falando dele pelas costas com seu biógrafo, acima de tudo, sentiam-se em dívida para com ele.

Em julho de 1985, Michel Rybalka gravou mais de vinte horas de entrevistas com Michelle Vian. Seu principal objetivo era descobrir mais a respeito das trajetórias intelectuais de Sartre e Boris Vian, mas Michelle também fez comentários interessantes sobre o caráter de Sartre e sobre seu relacionamento com ele. Rybalka deixou-me ouvir essas entrevistas, que completaram e reforçaram minhas conversas com Michelle Vian.

O tempo todo, trabalhei com as fontes originais francesas. Onde existem traduções para o inglês, uso-as nas citações, porém, se não as achasse acuradas o bastante, modificava-as, acusando a modificação nas notas de fim. Do contrário, as traduções do francês são minhas.

AGRADECIMENTOS



Agradeço principalmente a Simone de Beauvoir, que me inspirou, durante toda a minha vida adulta, a alargar meus horizontes, a ousar e a viver plenamente cada gota de vida. Li-a pela primeira vez quando estudava francês na Universidade de Adelaide. Estimulada pelas palestras apaixonadas de Peter Hambly sobre Sartre, Beauvoir e a noção de "literatura engajada", mergulhei numa tese de doutorado sobre o existencialismo. Em novembro de 1976, tive o privilégio de entrevistar Beauvoir. Olhando para trás, embora eu só o tenha começado um quarto de século depois, este livro tem sua origem naquela época.

Foi um prazer escrever *Tête-à-tête*, em parte porque minhas fontes principais tinham uma conversa estimulante e foram extremamente generosas na ajuda que me deram, sendo ao mesmo tempo divertidas e encorajadoras — na melhor tradição Sartre/Beauvoir. Minha maior dívida é para com Sylvie Le Bon, a executora literária de Beauvoir, que compartilhou seu conhecimento, suas memórias e o material de arquivo com muita boa vontade, e me autorizou a fazer citações extraídas dos escritos inéditos de Beauvoir. Acima de tudo, para me encorajar e celebrar o meu avanço, apresentou-me a alguns dos restaurantes preferidos de Beauvoir e seus em Montparnasse. Nunca me pediu para ler meu manuscrito, e respeitou em todos os aspectos minha liberdade de escrever o livro tal como eu julgasse adequado.

Sou grata aos conhecidos estudiosos de Sartre Michel Rybalka e Michel Contat, que, desde o início, me encorajaram e me ajudaram. Guardarei para sempre no coração a lembrança carinhosa da simpática e generosa hospitalidade de Michel e Maya Rybalka em

sua casa no País Basco, enquanto Michel me deixava trabalhar com todos os seus livros, arquivos e entrevistas gravadas sobre Sartre. Michel Contat sempre tinha sugestões, referências e boas histórias úteis, e era capaz de me entregar um CD de jazz quando eu estivesse saindo de sua casa.

Sou muito grata a Michelle Vian, que, apesar da fragilidade física, abriu mão de cinco tardes para mim, e respondeu às minhas perguntas com honestidade e consideração, e uma vitalidade espantosa. Agradeço profundamente a prestimosidade, a generosidade, o carinho e a admirável integridade de Macha Zonina. Liliane Siegel foi encorajadora e perspicaz.

Agradeço de coração a todas aquelas pessoas na França e nos Estados Unidos que me concederam entrevistas: Barbara Aptekman, Sylvie Le Bon de Beauvoir, Lucia Cathala, Nadine Chauveau, Michel Contat, Gilbert Dagron, Marie-Chantal Dagron, Dominique Desanti, Boris Frezinsky, Robert Gallimard, John Gerassi, Geneviève Idt, Bianca Bienenfeld Lamblin, Claude Lanzmann, Jacques Lanzmann, Judith Magre, Jean Maheu, Robert Misrahi, Grégory Mouloudji, Patrick Nizan, Nikis Papatakis, J.-B. Pontalis, Serge Rezvani, Joshua Rubenstein, Michel Rybalka, Sally Swing Shelley, Liliane Siegel, Oliver Todd, Alexandre e Anahit Toptchian, Michelle Vian, Patrick Vian, Nicole Zand e Macha Zonina.

Gostaria de agradecer a madame Mauricette Berne na Bibliothèque Nationale; Stephen Jones na Beinecke Library, Universidade de Yale; Elvira Griffith, na Universidade do Estado de Ohio; madame Lili Phan, que administra os arquivos da Gallimard; Laura Schmidt, na Bentley Historical Library, Universidade de Michigan; Pascale-Charles Lavauzelle, na Prefeitura de Uzerche, Limousin; e à prestativa equipe dos Arquivos de Marselha.

Sou profundamente grata a Denise Shannon, minha agente literária, cujo entusiasmo e a prestimosidade me deram confiança em todos os aspectos. Sinto-me privilegiada de ter Terry Karten como meu editor na HarperCollins, cujo conhecimento, interesse apaixonado e estímulo me levantaram o moral o tempo todo. Agradeço também a Danny Mulligan, Jenna Dolan e Kyran Cassidy.

Outros para com quem tenho uma dívida pelo apoio, estímulo, amizade e ajuda são John Baxter, Eliane Benisti, Elaine Bernard,

Brian Boyd, Lynn Buchanan, Patrick Cazals, Frédéric Chaubin, James Cohen, Kathy Coit, Margaret Collins Weitz, Sandrine Dauphin, Linda Dittmar, Madhu Dubey, Gerald Early, Emory Elliott, Louise Fuller, Inez Hedges, Odile Hellier, Ann Timoney Jenkin, Rosemary Jones, Sonia Kruks, Béatrice Lévy, Rosemary e Paul Lloyd, Herbert Lottman, Hilary Masters, Alex Miller, Edward e Claire Margolies, Toril Moi, Richard Munday, Sabina Murray, Douglas e Deborah Paterson, Yolanda Patterson, Louis Phillips, Dorothy Porter, Dan Simon, Margaret Simons, Kathleen Spivack, Richard e Pamela Stanley, Ursula Tidd, Irene Tomaszewski, Beverly Tucker, David Walker, Victor Wallis, Constance Webb, Asa Zatz, Howard e Roslyn Zinn.

Christine Levecq estava comigo quando concebi o tema em Chicago; Christina Thompson sugeriu o título enquanto tomávamos expressos com leite na Harvard Square. Discuti idéias com Pam Painter, e, em diversos assuntos, recorri aos conselhos dela. Não sei onde estaria sem sua inteligência e sua generosidade. Em Paris e nas florestas dos arredores, tive discussões estimulantes com Emily Blake e Dominique Ridou, as quais leram o manuscrito cuidadosamente com uma minúcia espantosa. Dominique ajudou-me de diversas formas, e enriqueceu muito minha estada na França. Jeanette Ambrose fez com que eu me sentisse em casa na França quase instantaneamente; que entusiasmo e que vitalidade! Lincoln Siliakus e Frank Campbell foram conselheiros e editores de valor inestimável. Julie Wark sempre me dá apoio, em Barcelona. Nos estágios finais deste livro, conheci aquele “danadinho”, o fotógrafo de Chicago Art Shay, que parece não se deter diante de nada para ajudar àqueles de quem gosta. A esses amigos maravilhosos do mundo inteiro, meus profundos agradecimentos.

Meu pai estava muito doente na Austrália enquanto este livro foi escrito, o que tornou o processo de escrever uma experiência particularmente emocional. Fiquei grata à minha mãe por sua força e sua coragem durante todo este tempo. Contei muito com minha irmã Della, que simplesmente é a melhor irmã que eu poderia imaginar ter. Meu irmão, Martin, e minha prima Monica foram maravilhosos — fortes e cheios de ternura. De alguma forma, apesar da grande tristeza, senti-me abençoada. Abençoada de estar em Paris,

abençoada pelas muitas pessoas que me ajudaram em minha pesquisa e minha escrita, abençoada por ter um estúdio aconchegante dando para os telhados de Paris e abençoada pelo apoio amoroso dos amigos e dos familiares. Sinto-me uma mulher de muita sorte.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA



Esta bibliografia inclui apenas os livros, artigos e entrevistas mencionados no texto.

Simone de Beauvoir

She Came to Stay (Paris, 1943) [A Convidada]. Traduzido por Yvonne Moyse e Roger Senhouse (Nova York: Norton, 1954).

The Blood of Others (Paris, 1945) [Le Sang des Autres]. Traduzido por Yvonne Moyse e Roger Senhouse (Nova York: Knopf, 1948).

The Second Sex, 2 vols. (Paris, 1949) [O Segundo Sexo]. Traduzido por H. M. Parshley (Nova York: Knopf, 1953).

America Day by Day (Paris, 1948) [L'Amérique au Jour le Jour]. Traduzido por Patrick Dudley (Nova York: Grove Press, 1953); trad. Carol Cosman (Berkeley, Los Angeles & Londres: University of California Press, 1999).

The Mandarins (Paris, 1954) [Os Mandarins]. Traduzido por Leonard M. Friedman (Cleveland: World Publishing, 1956).

Privilèges. Paris: Gallimard, 1955.

The Long March (Paris, 1957) [La Longue Marche]. Traduzido por Austryn Wainhouse (Cleveland: World Publishing, 1958).

Memoirs of a Dutiful Daughter (Paris, 1958) [Memórias de uma Moça Bem-comportada]. Traduzido por James Kirkup (Cleveland e Nova York: World Publishing, 1959).

The Prime of Life (Paris, 1960) [A Força da Idade]. Traduzido por Peter Green (Cleveland e Nova York: World Publishing, 1962).

Djamila Boupacha (com Gisèle Halimi) (Paris, 1962). Traduzido por Peter Green (Nova York: MacMillan, 1962).

Force of Circumstance (Paris, 1963). Traduzido por Richard Howard (Nova York: Putnam, 1964).

A Very Easy Death (Paris, 1964) [Uma Morte Muito Suave]. Traduzido por Patrick O'Brian (Nova York: Putnam, 1966).

Woman Destroyed (Paris, 1967) [A Mulher Desiludida]. Traduzido por Patrick O'Brian (Nova York: Putnam, 1969).

The Coming of Age (Paris, 1970) [A Velhice]. Traduzido por Patrick O'Brian (Nova York: Putnam, 1974).

All Said and Done (Paris, 1972) [Tout Compte Fait]. Traduzido por Patrick O'Brian (Nova York: Putnam, 1974).

When Things of the Spirit Come First (Paris, 1979) [Quand Prime le Spirituel]. Traduzido por Patrick O'Brian (Nova York: Pantheon, 1982).

Adieux: A Farewell to Sartre (Paris, 1981) [A Cerimônia do Adeus]. Traduzido por Patrick O'Brian (Nova York: Putnam, 1984).

Journal de Guerre: Septembre 1939-janvier 1941. Editado por Sylvie Le Bon de Beauvoir (Paris: Gallimard, 1990).

Letters to Sartre 1940-1963 (Paris, 1990) [Lettres à Sartre]. Traduzido por Quintin Hoare (Nova York: Arcade Publishing, 1991).

A Transatlantic Love Affair: Letters to Nelson Algren (Paris, 1997) [Cartas a Nelson Algren: Um Amor Transatlântico]. (Nova York: New Press, 1998).

Correspondance croisée: Simone de Beauvoir et Jacques-Laurent Bost, 1937-1940 (Paris: Gallimard, 2004).

Artigos e entrevistas de/com Beauvoir

Malentendu à Moscou, *Roman 20-50, Revue d'étude du roman du XX siècle* 13 (junho 1992).

Jean-Paul Sartre: Strictly Personal. Traduzido por Malcolm Cowley. *Harper's Bazaar,* janeiro de 1946.

The Talk of the Town, artigo/entrevista. *The New Yorker,* fevereiro 22, 1947.

Merleau-Ponty and Pseudo-Sartreanism, (*TM,* Junho-julho de 1955). Coligido em *Privilèges* (Paris: Gallimard, 1955).

Le Manifeste des 343. Notre ventre nous appartient. *Le Nouvel Observateur,* abril 5-11, 1971.

Jean-Paul Sartre

Nausea (Paris, 1938) [A Náusea]. Traduzido por Lloyd Alexander (Nova York: New Directions, 1949).

The Wall (Paris, 1939) [O Muro]. Traduzido por Lloyd Alexander (Nova York: New Directions, 1948).

Being and Nothingness (Paris, 1943) [O Ser e o Nada]. Traduzido por Hazel E. Barnes (Nova York: Philosophical Library, 1956).

The Flies (Paris, 1943) [As Moscas]. Traduzido por Stuart Gilbert (Nova York: Knopf, 1947).

No Exit (Paris, 1944) [Entre Quatro Paredes]. Traduzido por Lionel Abel (Nova York: Vintage, 1955).

Portrait of the Anti-Semite (Paris, 1945) [Portrait de L'antisémite]. Traduzido por George J. Becker (Nova York: Schocken, 1948).

The Age of Reason (Paris, 1945) [A Idade da Razão]. Traduzido por Eric Sutton (Nova York: Knopf, 1947).

Existentialism (Paris, 1946) [L'existencialisme]. Traduzido por Bernard Frechtman (Nova York: Philosophical Library, 1947).

The Devil and the Good Lord (Paris, 1951) [O Diabo e o Bom Deus]. Traduzido por Kitty Black (Nova York: Knopf, 1960).

Kean (Paris, 1954). Traduzido por Kitty Black (Londres: Hamish Hamilton, 1954).

Saint Genet (Paris, 1952). Traduzido por Bernard Frechtman (Nova York: George Braziller, 1963).

Search for a Method (Paris, 1957) [Question de Méthode]. Traduzido por Hazel E. Barnes (Nova York: Knopf, 1963).

The Condemned of Altona (Paris, 1959) [Os Condenados de Altona]. Traduzido por Sylvia e George Leeson (Nova York: Knopf, 1961).

Critique of Dialectical Reason (Paris, 1960) [Critique de la Raison Dialétique]. Traduzido por Alan Sheridan (Londres: New Left Books, 1976).

Words (Paris, 1964) [Les Mots]. Traduzido por Irene Clephane (Londres: Hamish Hamilton, 1964).

The Family Idiot, Gustave Flaubert, 1821-1857. vols. 1-2 (Paris, 1971) [L'Idiot de la Famille], Gustave Flaubert, 1821-1857. Traduzido por Carol Cosman (Chicago: University of Chicago Press, 1981 e 1987).

Situations (translation of *Situations IV,* Paris, 1964). Traduzido por Benita Eisler and Maria Jolas (Nova York: George Braziller, 1965).

Life/Situations: Essays Written and Spoken by Jean-Paul Sartre (translation of *Situations X*, Paris, 1975). Traduzido por Paul Auster e Lydia Davis (Nova York: Random House, 1977).

Sartre. Texte intégral du film réalisé par Alexandre Astruc et Michel Contat (Paris, Gallimard, 1977).

Witness to My Life: The Letters of Jean-Paul Sartre to Simone de Beauvoir, 1926-1939 (Paris, 1983) [Lettres au Castor et à Quelques Autres — tome 1]. Traduzido por Lee Fahnestock and Norman MacAfee (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1992).

Quiet Moments in a War: The Letters of Jean-Paul Sartre to Simone de Beauvoir, 1940-1963 (Paris, 1983) [Lettres au Castor et à Quelques Autres — tome 2]. Traduzido por Lee Fahnestock and Norman MacAfee (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1993).

The War Diaries: November 1939-March 1940 (Paris, 1983) [Les Carnets de la Drôle de Guerre]. Traduzido por Quintin Hoare (Nova York: Pantheon Books, 1984).

Carnets de la drôle de guerre, sept. 1939-mars 1940 (Paris: Gallimard, 1995) [Diário de uma Guerra Estranha]. (Contains the first notebook, Sept.-Oct. 1939, which is not included in the earlier English edition.)

La Reine Albemarle ou le dernier touriste (Paris: Gallimard, 1991).

Hope Now: The 1980 Interviews, Jean-Paul Sartre e Benny Lévy (Paris, 1991) [L'Espoir Maintenant: les Entretiens de 1980]. Traduzido por Adrian van den Hoven (Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1996).

Artigos e entrevistas de/com Sartre

Individualisme et Conformisme aux Etats-Unis (1945). *Situations III.*

Paris sous l'Occupation (1945). *Situations III.*

Reply to Albert Camus (*TM,* August 1952). *Life/Situations.*

Après Budapest, Sartre parle. *L'Express*, 9 de novembro de 1956. Jacqueline Piatier com Sartre, "A Long, Bitter, Sweet Madness." *Encounter,* June 1964.

Jean-Paul Sartre: A Candid Conversation with the Charismatic Fountainhead of Existentialism and Rejecter of the Nobel Prize. Entrevista com Madeleine Gobeil. *Playboy* (Chicago), May 1965.

Sartre, Les Bastilles de Raymond Aron. *Nouvel Observateur,* 19-25 de junho de 1968.

Sartre et les Femmes. Entrevista com Catherine Chaîne. *Le Nouvel Observateur,* 31 de janeiro de 1977 e 7 de fevereiro de 1977.

Self Portrait at Seventy. Entrevista com Michel Contat. *Nouvel Observateur,* junho e julho de 1975, reimpressa em *Life/Situations.*

Lettres à Wanda, *Les Temps Modernes,* out.-dez. 1990, nos. 531-33, pp. 1292-1429.

Fontes secundárias

Algren, Nelson. *Who Lost an American?* (Nova York: MacMillan, 1960).

———. The Question of Simone de Beauvoir. *Harper's,* maio 1965.

Aron, Raymond. *Mémoires* (Paris: Julliard, 1983).

Aronson, Ronald. *Camus and Sartre* (Chicago: University of Chicago Press, 2004).

Asabuki, Tomiko. *Sartre et Beauvoir au Japon en 1966* (Paris: L'Asiathèque, 1996).

Audry, Colette. Portrait de l'Écrivain Jeune Femme. *Biblio,* novembro 1962.

Bair, Deirdre. *Simone de Beauvoir: A Biography* (Nova York: Simon and Schuster, 1990).

Beauvoir, Hélène de. *Souvenirs.* Recueillis par Marcelle Routier (Paris: Séguier, 1987).

Bérard-Zarzycka, Ewa. Sartre et Beauvoir en U.R.S.S. *Commentaire* 14, n. 53 (primavera de 1991).

Bonal, Gérard e Malka Ribowska. *Simone de Beauvoir* (Paris: Seuil/Jazz, 2001).

Boully, Monny de. *Au-delà de la mémoire* (Paris: Samuel Tastet, 1991).

Burnier, Michel Antoine. *L'Adieu à Sartre* (Paris: Plon, 2000).

Cau, Jean. *Croquis de mémoire* (Paris: Julliard, 1985).

Cocteau, Jean. *Journal: Le Passé défini* (Paris: Gallimard, 1984).

Cohen-Solal, Annie. *Sartre: A Life* (Paris, 1985; Londres: Random House, 1987).

Contat, Michel e Michel Rybalka. *The Writings of Jean-Paul Sartre* (Paris, 1970), vol. 1: *A Bibliographical Life,* traduzido por Richard C. McCleary (Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1974).

———. Sartre by Himself: An Account, an Explanation, a Defense. In *Sartre Alive* (Detroit: Wayne State University Press, 1991).

———. Sartre/Beauvoir, légende et réalité d'un couple. In *Literature and Its Cults.* Edited by Péter Dávidházi e Judit Karafiáth (Budapeste: Argumentum, 1994).

Dayan, Josée, et Malka Ribowska. *Simone de Beauvoir.* Texte intégral de la bande sonore du film. *Simone de Beauvoir* (Paris: Gallimard, 1979).

Donohue, H. E. F. *Conversations with Nelson Algren* (Nova York: Hill and Wang, 1964).

Fanon, Frantz. *The Wretched of the Earth* (Paris, 1961). Traduzido por Constance Farrington (Nova York: Grove Press, 1965), com prefácio de Jean-Paul Sartre.

Francis, Claude e Fernande Gontier. *Les Ecrits de Simone de Beauvoir* (Paris: Gallimard, 1979).

Galster, Ingrid. Cinquante ans après *Le Deuxième Sexe:* Beauvoir en débats. *Lendemains* 94 (1999).

———. *La Naissance du Phénomène Sartre: Raisons d'un succès (1938-1945)* (Paris: Seuil, 2001).

———. *Sartre, Vichy et les intellectuels* (Paris: Harmattan, 2001).

———. Juin 43: Beauvoir est exclue de l'université retour sur une affaire classée. *Contemporary French Civilization* (inverno/primavera 2001).

Halimi, Gisèle. *Milk for the Orange Tree* (Paris, 1988; Londres: Quartet, 1990).

Huston, John. *An Open Book* (Nova York: Knopf, 1980).

Joseph, Gibert. *Une Si Douce Occupation: Simone de Beauvoir et Jean-Paul Sartre, 1940-1944* (Paris: Albin Michel, 1991).

Koestler, Arthur e Cynthia Koestler. *Stranger on the Square* (Londres: Hutchinson, 1984).

Lamblin, Bianca. *A Disgraceful Affair: Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, and Bianca Lamblin* [*Mémoires d´une jeune fille dérangée*] (Paris, 1993). Traduzido por Julie Plovnick (Boston: Northeastern University Press, 1996).

Lanzmann, Claude. Entretien avec Claude Lanzmann. *Les Temps Modernes.* Número especial sobre Sartre, out.-dez. 1990.

Lanzmann, Jacques. *Le Têtard* (Paris: Robert Laffont, 1976).

———. *Le Voleur de Hasards* (Paris: Jean-Claude Lattès, 1992).

Leiris, Michel. *Journal, 1922-1989* (Paris: Gallimard, 1992).

Lévy, Bernard-Henri. *Sartre: The Philosopher of the Twentieth Century* (Paris, 2000; Londres: Polity Press, 2003).

Mabille, Elisabeth. *Zaza: Correspondance et Carnets d'Elisabeth Lacoin (1914-1929)* (Paris: Seuil, 1991).

Michel, Georges. *Mes Années Sartre* (Paris: Hachette, 1981).

Moi, Toril. *Simone de Beauvoir: The Making of an Intellectual Woman* (Londres e Cambridge, Mass.: Blackwell, 1994).

Monteil, Claudine. *Simone de Beauvoir, Le Mouvement des Femmes, Mémoires d'une jeune fille rebelle* (Quebec: Alain Stanké, 1995).

Mouloudji, Marcel. *Le Petit Invité* (Paris: Balland, 1989).

———. *La Fleur de l'Âge* (Paris: Grasset, 1991).

Nizan, Henriette e Marie-José Jaubert. *Libres Mémoires* (Paris: Robert Laffont, 1989).

Nizan, Paul. *Aden Arabie* (1931; Maspero, 1960), com prefácio (1960) de Sartre.

Papatakis, Niko. *Tous les Désespoirs Sont Permis* (Paris: Fayard, 2003).

Queneau, Raymond. *Journaux, 1914-1965* (Paris: Gallimard, 1996).

Rezvani, Serge. *Le Testament Amoureux* (Paris: Stock, 1981).

Sabbath, Jacques e Reine Silbert. Sartre et la génération des années 40. Entrevista com Claude Lanzmann. *L'Arche,* set.-out. 1971.

Schwartzer, Alice. *After the Second Sex: Conversations with Simone de Beauvoir.* Traduzido por Marianne Howarth (Nova York: Pantheon, 1984).

Sagan, Françoise. *Avec mon meilleur souvenir* (Paris: Gallimard, 1984).

Said, Edward. My Encounter with Sartre. *London Review of Books*, junho 1, 2000.

Saint-Bris, Gonzague e Vladimir Fedorovski. In *Les Egéries russes* (Paris: Jean-Claude Lattès, 1994).

Siegel, Liliane. In *the Shadow of Sartre* (Paris, 1988; Glasgow: William Collins, 1990).

Simons, Margaret A. Lesbian Connections: Simone de Beauvoir and Feminism. *Signs*, 18, no. 1 (outono 1992).

———. *Beauvoir and the Second Sex: Feminism, Race, and the Origins of Existentialism* (Oxford e Maryland: Rowman and Littlefield, 1999).

Todd, Olivier. *Un Fils rebelle* (Paris: Grasset, 1981).

Weatherby, W. J. The Life and Hard Times of Nelson Algren. *Sunday Times* (Londres), 17 de maio de 1981.

PERMISSÕES

Os meus agradecimentos a Éditions Gallimard por permitir que fossem feitas citações extraídas dos seguintes livros:

Simone de Beauvoir: *Mémoires d'une jeune fille rangée, La Force de l'âge, La Force des choses, Tout compte fait, Le Sang des autres, Journal de guerre, Une mort très douce* e *La Cérémonie des adieux.*

Jean-Paul Sartre: *Carnets de la drôle de guerre* e *Situations I* (1948), *Situations III* (1949), *Situations IV* (1964).

Simone de Beauvoir e Jacques-Laurent Bost: *Correspondance croisée* (*1937-1940*). Claude Francis e Fernande Gontier: *Les Écrits de Simone de Beauvoir.* Michel Leiris: *Journal* (*1922-1989*). Raymond Queneau: *Journaux* (*1914-1965*) e *Journal* (*1939-1940*). Françoise Sagan: *Avec mon meilleur souvenir.*

Os meus agradecimentos também às pessoas a seguir, por permitirem a reimpressão de material previamente publicado:

Nelson Algren. Trechos de *Ramparts, Zeitgeist* e *Harper's Magazine.* Reimpressos com permissão do Espólio de Estate of Nelson Algren.

Jacques-Pierre Arnette. Trecho de "Simone de Beauvoir: Ces letters qui ébranlent un mythe" em *Le Point.* Reimpresso com permissão.

Deirdre Blair. Trechos de Simone de Beauvoir. Copyright © 1990 Deirdre Blair. Reimpresso nos Estados Unidos com permissão de Simon & Schuster Adult Publishing Group. Reimpresso no Reino Unido com permissão de The Random House Group Ltd.

Simone de Beauvoir. Trechos de primeiros diários inéditos, correspondência inédita, e o conto "Malentendu à Moscou". Reimpressos com permissão de Sylvie Le Bon de Beauvoir. Trechos de *Adieux: A Farewell to Sartre,* traduzido por Patrick O'Brian. Copyright © da tradução 1984 de Patrick O'Brian. Reimpressos nos Estados Unidos com permissão de Pantheon Books, uma divisão da Random House, Inc. Reimpressos no Reino Unido com permissão de Weidenfeld & Nicolson, uma divisão de The Orion Publishing Group Ltd. Trechos de *America Day By Day,* traduzido por Carol Cosman. Copyright © 1954 Éditions Gallimard, copyright © 1998 by Membros do Conselho da Universidade da Califórnia. Reimpressos com permissão de Membros do Conselho da Universidade da Califórnia e University of California Press. Trecho de *The Blood of Others.* Copyright © 1945 Éditions Gallimard. Reimpresso com permissão da Alfred A. Knopf, uma divisão da Random House, Inc. Trechos de *Letters to Sartre.* Copyright © 1990 Éditions Gallimard. Copyright da tradução

© 1991 Quintin Hoare. Reimpresso com a permissão de Little, Brown e Co., Inc. Trechos de *The Mandarins*, traduzido por Leonard M. Friedman. Copyright © 1954 by Éditions Gallimard. Reimpressos com permissão de W.W. Norton & Company, Inc. Trechos de *Memoirs of a Dutiful Daughter.* Copyright © 1958 by Librairie Gallimard. Copyright da tradução © 1959 by The World Publishing Company. Reimpressos nos Estados Unidos com permissão de HarperCollins Publishers Inc. Reimpressos no Reino Unido com permissão de the Penguin Group Ltd. Trechos de *The Second Sex*. Copyright © 1949 Éditions Gallimard. Reimpressos com permissão de Alfred A. Knopf, uma divisão da Random House, Inc. Trechos de *She Came to Stay*, traduzido por Leonard M. Friedman. Copyright © 1954 by the World Publishing Company. Reimpressos com permissão de W.W. Norton & Company, Inc. Trechos de *Transatlantic Love Affair.* Reimpressos com permissão de The New Press. Trechos de *A Very Easy Death.* Reimpressos com permissão de Rosica Colin Ltd.

Ewa Bérard-Zarzycka. Trechos de “Sartre et Beauvoir en U.R.S.S.” em *Commentaire*. Reimpressos com permissão.

Michel-Antoine Burnier. Trecho de *L’Adieu à Sartre.* Copyright © 2000 Éditions Plon. Reimpresso com permissão.

Jean Cau. Trechos de *Croquis de Mémoire.* Copyright © 1985 Éditions Julliard. Reimpressos com permissão.

Catherine Chaîne. Trechos de “Sartre et les femmes.” Copyright © 1977 *Le Nouvel Observateur.* Reimpressos com permissão.

Annie Cohen-Solal. Trechos de *Sartre: A Life*, traduzido por Anna Cancogni. Copyright © 1985, 1989 Anniel Cohen-Solal. Reimpressos com permissão de Georges Borchardt, Inc. em nome da autora.

Michel Contat. Trecho de “Sartre/Beauvoir, légende et réalité d’un couple.” Reimpresso com permissão do autor.

H.E.F. Donohue. Trecho de *Conversations with Nelson Algren.* Copyright © 1964 H.E.F. Donohue. Copyright renovado em 1992 by Robert Joffe. Reimpresso com permissão de Hill e Wang, uma divisão da Farrar, Straus e Giroux, LLC.

L’Express. Trecho de entrevista com Arlette Elkaïm Sartre. Copyright © 1983. Reimpresso com permissão.

Ingrid Galster. Trechos de *La Naissance du “Phénomène Sartre,” Raisons d’un succès* (*1938-1945*). Copyright © 2001 Éditions du Seuil.

John Gerassi. Trechos de entrevistas com Simone de Beauvoir, Sartre, Arlette Elkaïm Sartre, Claude Lanzmann, Olga Kosakiewicz, Wanda Kosakiewitz. Reimpressos com

permissão de John Gerassi.

Gisèle Halimi. Trechos de *Milk for the Orange Tree.* Reimpressos com permissão de Quartet Books Ltd.

John Huston. Trecho de *An Open Book.* Reimpresso com permissão de Alfred A. Knopf, uma divisão da Random House, Inc.

Arthur e Cynthia Koestler. Trecho de *Stranger on the Square.* Reimpresso com permissão de PFD em nome do Espólio de Arthur Koestler.

Bianca Lamblin. *A Disgraceful Affair.* Copyright © 1993 Bianca Lamblin. Copyright da tradução © 1996 Julie Plovnik. Reimpresso com permissão de Northeastern University Press e University Press of New England.

Jacques Lanzmann. Trecho de *Le Voleur de Hasards.* Reimpresso com permissão de Éditions Jean-Claude Lattès.

A.J. Liebling. Trecho de "Talk of the Town." Copyright © 1946 A.J. Liebling, renovado em 1974 by A.J. Liebling. Conto publicado pela primeira vez em *The New Yorker,* 16 de março de 1946. Reimpresso com permissão de Russell & Volkening, Inc. como agentes do autor.

The New Yorker. Trecho de "Talk of the Town," Fevereiro 22, 1947. Reimpresso com permissão de *The New Yorker*/The Condé Nast Publications, Inc.

Henriette Nizan. Trechos de *Libres Mémoires.* Copyright © 1989 Éditions Robert Laffont. Reimpresso com permissão.

Le Nouvel Observateur. Trecho do obituário de Evelyne Rey. Copyright © 1966. Reimpresso com permissão.

Edward Said. Trechos de "My Encounter with Sartre." Copyright © 2000 Edward Said. Reimpresso com permissão de The Wylie Agency, Inc.

Gonzague Saint Bris e Vladimir Fedorovski. Trechos de *Les Egéries Russes.* Reimpressos com permissão de Jean-Claude Lattès.

Jean-Paul Sartre. Trechos de *The Age of Reason.* Reimpressos com permissão de Alfred A. Knopf, uma divisão Random House, Inc. Trechos de *Life/Situations,* traduzido por Paul Auster e Lydia Davis. Copyright © 1977 de Random House, Inc. Reimpressos com permissão de Pantheon Books, uma divisão da Random House, Inc. Trechos de *Situations* de Jean-Paul Sartre. Copyright © 1964 Éditions Gallimard. Copyright © da tradução em inglês de 1965 por George Braziller, Inc. Reimpressos com permissão de Georges Borchardt, Inc., em nome de Éditions Gallimard. Trechos de *The War Diaries of Jean-Paul Sartre.* Copyright © 1983 Éditions Gallimard. Copyright da tradução em inglês © 1984 de Verso Editions. Reimpressos

com permissão de Georges Borchardt, Inc., para Éditions Gallimard. Trechos de *Words*, traduzido por Irene Clephane. Copyright © 1964 Éditions Gallimard. Copyright da tradução © 1964 Hamish Hamilton Ltd. Reimpressos nos Estados Unidos com permissão da Vintage, uma divisão da Random House, Inc. Reimpressos no Reino Unido com permissão de Penguin Group Ltd. Trechos de *The Writings of Jean-Paul Sartre: Vol 1. A Bibliographical Life.* Copyright © 1970 Éditions Gallimard. Copyright © da tradução em inglês 1974 de Northwestern University Press. Reimpressos com permissão de Georges Borchardt, Inc., por Éditions Gallimard.

Jean-Paul Sartre e Benny Lévy. Trechos de *Hope Now: The 1980 Interviews.* Reimpressos com permissão de The University of Chicago Press.

Alice Schwarzer. Trechos de After the Second Sex: Conversations with Simone de Beauvoir, traduzido por Marianne Howarth. Publicado originalmente como Simone de Beauvoir: Rebellin und Wegbereiterin. *Reimpressos com permissão de Alice Schwarzer.*

Liliane Siegel. Trechos de *Em the Shadow of Sartre*. Copyright © 1990 Liliane Siegel. Reimpressos com permissão de HarperCollins Publishers Ltd.

Margaret A. Simons. Trechos de “The Search for Beauvoir’s Early Philosophy.” Reimpressos com permissão de *Simone de Beauvoir Studies*. Trechos de “Lesbian Connections: Simone de Beauvoir Margaret A. Simons.” Reimpressos com permissão de The University of Chicago Press.

Olivier Todd. Trecho de *Un Fils Rebelle*. Reimpresso com permissão de Éditions Bernard Grasset.

John Weightman. Trecho de “Battle of the Century-Sartre vs. Flaubert.” Copyright © 1972 NYREV, Inc. Reimpresso com permissão de *The New York Review of Books*.